

A BÍBLIA ENVENENADA

BARBARA KINGSOLVER



ER

Editora Revan



A Bíblia envenenada

Barbara Kingsolver

Tradução
Paulo Cezar Castanheira



Editora Revan

Título original: *The Poisonwood Bible* Editado nos Estados Unidos pela Harper Collins Publishers
Copyright © 1998 by Barbara Kingsolver Todos os direitos reservados no Brasil pela Editora Revan Ltda.
Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via
cópia xerográfica, sem a autorização prévia da editora.

Revisão

Sérgio Mansur

Maria Helena de Aguiar Roberto Teixeira

Capa

Velso Ribas

CIP-Brasil. Catalogação na Fonte Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

K64b Kingsolver, Barbara

A Bíblia envenenada / Barbara Kingsolver; tradução Paulo Cezar
Castanheira. — Rio de Janeiro: Revan, 2000.

448p.

Tradução de: *The Poisonwood Bible* Inclui bibliografia

ISBN 85-7106-200-5

00-0513. CDD 813

CDU 820 (73)-3

Para Frances

Nota da autora

Este é um trabalho de ficção. Até onde sei, os personagens principais são invenções sem qualquer relação com coisa alguma na Terra. Mas o Congo, onde os coloquei, é legítimo. As figuras e acontecimentos históricos aqui relatados são tão reais quanto me foi possível apresentá-los com a ajuda de registros históricos, em toda a sua fascinante variação.

Como não tive autorização para entrar no Zaire durante o tempo em que pesquisava e escrevia esta história, baseei-me na memória, em viagens a outras partes da África e nos muitos relatos alheios da história natural, cultural e social do Congo/Zaire. Enorme é a diversidade e valor dessas fontes — tanto para mim quanto para qualquer pessoa que deseje conhecer os fatos por trás da ficção. Da maior importância foi a descrição de Jonathan Kwitny da história pós-colonial do Zaire em seu excelente livro *Endless Enemies* (Inimigos sem Fim) que deu forma à minha paixão de escrever uma novela sobre o mesmo assunto. Voltei constantemente a essa fonte em busca do quadro geral e de incontáveis pequenas ideias. Reuni aos poucos muitos conhecimentos do texto clássico de Janheinz Jahn *Muntu*; do romance de Chinua Achebe *Things Fall Apart* (Tudo se desmancha); do livro de Alan P. Merriam *Congo: Background of Conflict* (Cenário de conflito); e de *Lumumba: the Last fifty days* (Os cinquenta últimos dias) de G. Heinz e H. Donnay. Não poderia ter escrito este livro sem duas fontes notáveis de inspiração literária, do mesmo tamanho aproximado: *O Dictionnaire Kikongo-Français* e *a Bíblia do Rei Jaime*.

Também me vali da ajuda de uma comunidade viva de amigos, alguns dos quais podem ter imaginado iriam morrer antes que eu parasse de lhes trazer versões novas de um manuscrito enorme. Steven Hopp, Emma Hardesty, Frances Goldin, Terry Karten, Sydelle Kramer e Lillian Lent leram e fizeram comentários valiosos sobre muitos rascunhos. Emma Hardesty operou milagres de tato entre colegas, amizade e eficiência que me permitiram dedicar os dias a escrever. Anne Mairs e Eric Peterson ajudaram a separar detalhes da gramática e da vida congolezas. Jim Malusa e Sonya Norman ofereceram ideias para o manuscrito final. Kate Turkington me encorajou, da África do Sul. Na prisão, Mumia Abu-Jamal leu e comentou meu manuscrito; agradeço-lhe sua coragem e inteligência.

Agradeço a Virginia e Wendell Kingsolver, especialmente por serem tão diferentes dos pais que criei para as narradoras desta história. Fui a filha feliz de dois trabalhadores em saúde pública, cuja caridade e curiosidade os levou ao Congo. Levaram-me para um lugar maravilhoso, ensinaram-me a ficar atenta e me colocaram desde cedo no rumo da exploração do caminho tortuoso que existe entre a religiosidade hipócrita e a autenticidade.

Esperei durante quase trinta anos para atingir a maturidade e o saber necessários para escrever este livro. O fato de tê-lo escrito não é prova de qualquer das duas coisas, mas do incentivo infindo, da fé incondicional, das conversas insones e da pilha de livros que sempre eram trazidos a tempo e a hora por meu marido extraordinário. Obrigada Steven, por me ensinar que é inútil esperar pelas coisas que só se veem à distância, e por acreditar que geralmente basta o espírito de aventura.

Livro um

Genesis

*Deus os abençoou dizendo:
“Sede fecundos e multiplicai-vos,
enchei a Terra e submetei-a;
dominai sobre os peixes do mar,
as aves do céu e todos os animais que rastejam sobre a Terra”.*

Genesis 1:28

Orleanna Price

ILHA DE SANDERLING, GEORGIA

Imagine uma ruína tão estranha que pareça nunca ter existido.

Primeiro, imagine a floresta. Quero que você seja sua consciência, os olhos das árvores. As árvores são colunas de cortiça lisa e escura, como animais musculosos que cresceram além de qualquer limite. Todo o espaço está cheio de vida: sapos venenosos, delicados e pintados como esqueletos, secretando os ovos preciosos nas folhas molhadas. Cipós que sufocam a própria espécie na eterna luta por um raio de sol. A respiração dos macacos. A barriga da cobra deslizando pelo galho. Um exército de formigas em fila única, cortando uma árvore enorme em grãos uniformes que carregam para a rainha voraz que se esconde no escuro. E em resposta, um coro de plantas brotando ergue-se de um tronco apodrecido, sugando vida da morte. A floresta come a si mesma e vive eternamente.

Lá em baixo, seguindo pela trilha em fila única, vem uma mulher com quatro meninas, todas com vestidos abotoados na frente. Vistas assim do alto, são pálidas, flores em botão condenadas que certamente não de atrair simpatia. Tenha cuidado. Mais tarde você terá de decidir que tipo de simpatia elas merecem. Especialmente a mãe — observe como ela avança, os olhos claros, decidida. O cabelo preto está amarrado num lenço de renda rasgado, e a mandíbula curva adornada com brincos grandes de pérolas falsas, como se esses faróis de outro mundo lhe mostrassem o caminho. As filhas marcham atrás dela, quatro meninas comprimidas em corpos tensos como a corda de um arco, cada uma pronta a atirar o coração de mulher numa direção diferente, que conduz à glória ou à danação. Mesmo agora elas resistem à afinidade, como gatas num saco: duas louras — uma pequena e intensa, a outra alta e imperiosa — flanqueadas por duas morenas iguais como suportes de livros, a gêmea à frente avançando avidamente, enquanto a última, mancando, varre o chão em passos ritmados. Mas saltam brincando sobre os troncos apodrecidos que caíram atravessados na trilha. A mãe move as mãos graciosamente à frente, abrindo cortinas e cortinas de teias de aranha. Parece reger uma sinfonia. Atrás delas as cortinas vão se fechando. As aranhas voltam à matança habitual.

À beira do riacho ela prepara o piquenique melancólico, composto apenas de um pão compacto que se desmancha em migalhas, com creme de amendoim, e fatias de banana amarga. Depois de meses de uma fome modesta, as meninas já não reclamam da comida. Engolem silenciosamente, sacodem as cascas do pão, e entram no rio para nadar em águas mais agitadas. A mãe fica sozinha na gruta

formada pelas árvores enormes à beira da água tranquila. O lugar é tão familiar quanto a sala de visitas da casa de uma vida que ela não pediu. Descansa em silêncio, sem conforto, observando as formigas que fervem sobre as crostas de pão do que parecia uma refeição impossivelmente pobre. Há sempre alguém mais faminto do que suas filhas. Ela prende o vestido sob as pernas e examina os pobres pés descamados que repousam num ninho de grama à beira d'água — dois pássaros gêmeos incapazes de voar dali, de fugir da tragédia que ela sabe ser iminente. Ela poderia perder tudo: a si própria, ou pior, suas filhas. Pior de tudo: *você*, seu único segredo. A favorita. Como pode uma mãe viver para se culpar?

Ela está desumanamente só, mas então, de repente, já não está. Um belo animal a espreita do outro lado da água. Mulher e animal erguem os olhos, olham-se assustados por se encontrarem no mesmo lugar. Ele para, examinando-a com as orelhas de pontas pretas. O lombo é de um marrom meio púrpura à luz fraca, descendo da curva suave do ombro. As sombras da floresta caem em linhas atravessadas nos flancos de listras brancas. As pernas retas se abrem para os lados como estacas, pois foi surpreendido no ato de se abaixar para beber. Sem tirar os olhos dela, ele sacode um pouco a pele nos joelhos, depois no ombro para se livrar de uma mosca irritante. Finalmente cede, desvia o olhar e bebe. Ela sente o toque da longa língua curva na superfície da água, como se ele estivesse bebendo da sua mão. A cabeça oscila suavemente, em movimentos curtos, os chifres brancos, aveludados, iluminados de trás como folhas novas.

Só durou um instante, o que quer que isto signifique. Uma pausa na respiração? A tarde de uma formiga? Foi breve, isto eu posso afirmar, pois apesar de se terem passado muitos anos desde o tempo em que minhas filhas governavam a minha vida, uma mãe se lembra da medida dos silêncios. Nunca tive mais de cinco minutos ininterruptos de paz. Era eu aquela mulher à beira d'água. Orleanna Price, batista do Sul pelo casamento, mãe de filhas vivas e mortas. Aquela vez, e nenhuma outra, o ocapí veio à beira d'água e eu fui a única a vê-lo.

Não sabia o nome do que tinha acabado de ver, até dar com ele, muitos anos mais tarde, em Atlanta, durante um período curto em que tentei me consagrar à biblioteca pública, na esperança de que cada vazio na minha alma pudesse ser preenchido com um livro. Li que o ocapí macho é menor e mais retraído do que a fêmea, e que nada mais se conhece sobre eles. Durante séculos as pessoas no Vale do Congo falavam deste animal belo e estranho. Ao ouvirem falar dele, os exploradores europeus decidiram que era uma lenda: o unicórnio. Outra história fabulosa do reino escuro das setas envenenadas e dos lábios perfurados de osso. Então, durante a década de 20, quando a humanidade fez uma pausa nas guerras

para aperfeiçoar o avião e o automóvel, finalmente um homem branco viu um ocapí. Posso vê-lo olhando pelos binóculos, erguendo o rifle de mira telescópica, tomando-o para si. Hoje uma família deles reside no Museu de História Natural de Nova York, bichos mortos e empalhados, os olhos de vidro sem vida. E assim o ocapí é hoje, conforme relatado cientificamente, um animal real. Apenas real, não uma lenda. Uma espécie de animal, uma gazela com algo de cavalo, um parente da girafa.

É, mas hoje eu entendo, e você também. Esses olhares vítreos nos museus nada sabem de *você*, minha filha favorita, livre, tão selvagem quanto o dia é longo. Seus olhos brilhantes me oprimem sem cessar, em nome dos vivos e dos mortos. Tome seu lugar. Veja o que aconteceu de todos os lados e considere todas as outras formas de como poderia ter acontecido. Considere até uma África absolutamente inconquistada. Imagine os primeiros aventureiros portugueses aproximando-se da praia, olhando a floresta através de suas lunetas de latão. Imagine que, por algum milagre de medo ou reverência, tivessem baixado as lunetas, içado as velas e partido. Imagine todos os que vieram depois fazendo a mesma coisa. O que seria hoje aquela África? Só consigo pensar naquele outro ocapí, em que eles acreditavam. Um unicórnio que me encarava, olho no olho.

No ano 1960 de Nosso Senhor, um macaco atravessou o espaço num foguete americano; um filho de Kennedy puxou a cadeira de um general de ar paternal chamado Ike^[1]; e todo o mundo girou em torno de um eixo chamado Congo. O macaco viajava lá em cima, e num plano mais terreno, homens em salas fechadas negociavam o tesouro do Congo. Mas eu estava lá, na cabeça daquele alfinete.

Tinha dado à praia levada pela maré da confiança de meu marido e puxada pela contramaré das necessidades de minhas filhas. Esta é a minha desculpa, mas nenhum deles precisava tanto assim de mim. A primogênita e a caçula tentaram se soltar de mim como a palha da espiga, e as duas gêmeas tinham uma ótima visão interior, com que viam, sem me ver, tudo o que havia de mais interessante. E meu marido, meu Deus, o céu não conhece a fúria de um pastor batista. Casei-me com um homem que provavelmente nunca iria me amar. Seria um pecado contra a sua devoção à humanidade. Continuei mulher dele porque era algo que eu conseguia ser, todo dia. Minhas filhas me diriam: Mamãe, o caso é que você não tinha vida própria.

Elas não entenderam. Vida própria é a *única* coisa que se tem.

Vi coisas de que elas nunca saberão. Vi uma família de pássaros trabalhar junto, durante meses, para construir um ninho, que se tornou tamanha

monstruosidade de galhos, filhotes e insensatez que finalmente toda a árvore ruiu com um estrondo. Não contei isto para meu marido nem para minhas filhas, nunca. É isso. Tenho a minha história, que me oprime cada vez mais. Agora, quando cada mudança do tempo anuncia uma dor nos meus ossos, toda vez que me viro na cama as lembranças esvoaçam sobre mim como uma nuvem de moscas na carniça. Desejo ardentemente me livrar delas, mas me percebo cuidadosa, escolhendo as que podem sair para a luz. Quero que você reconheça minha inocência. Por mais que tenha desejado seu corpinho perdido, quero agora que você deixe de acariciar o interior de meus braços com os dedos à noite. Pare de sussurrar. Vou viver ou morrer na força de seu julgamento, mas deixe-me primeiro dizer quem sou. Deixe-me dizer que a África e eu estivemos juntas por algum tempo e depois nos separamos, como se as duas fôssemos partes de relações fracassadas. Ou dizer que estive atacada pela África como por um acesso de doença rara, da qual ainda não consegui me curar completamente. Talvez eu até confesse a verdade, que cavaleguei com os cavaleiros e vi o Apocalipse, mas ainda insisto em que fui apenas uma testemunha cativa. O que é a mulher do conquistador, senão ela própria uma conquista? E falando disso, o que é *ele*? Quando avança para conquistar as tribos intocadas, você não acredita que elas se desmancham de desejo diante daqueles olhos cor do céu? E não anseiam por uma oportunidade com aqueles cavalos e aquelas armas? É o que gritamos em resposta para a história, sempre, sempre. Não fui só eu; houve muitos crimes, de todas as formas, e eu tinha minhas próprias bocas para alimentar. Eu não sabia. Eu não tinha vida própria.

E você há de dizer que eu tinha. Há de dizer que eu andei sem algemas pela África, e agora sou mais uma alma que anda livre, na minha pele branca, usando um cordão de coisas roubadas: algodão ou diamantes, no mínimo liberdade, prosperidade. Alguns de nós sabemos a origem de nossa fortuna, outros não, mas mesmo assim nós todos a usamos. Agora, só há uma pergunta que merece ser feita: como havemos de viver com ela?

Sei como são as pessoas, seus hábitos mentais. A maioria viaja do berço ao túmulo com a consciência limpa como a neve. É fácil denunciar outros homens, convenientemente mortos, a começar dos que primeiro retiraram a lama das margens dos rios em busca do cheiro da fonte. O Dr. Livingstone^[2], presumo, como era inescrupuloso! Ele e todos os aproveitadores que desde então abandonaram a África, como o marido abandona a esposa, com o corpo nu contorcido diante da mina esgotada de seu ventre. A maioria não tem a menor noção do preço de uma consciência branca como a neve.

Eu seria igual a todos se não tivesse pago em sangue minha pequena quota. Pisei na África sem um pensamento, passando com a nossa família diretamente

de um início com inspiração divina até o nosso terrível fim. No intervalo, no meio de todas aquelas noites quentes e dias sombrios com cheiro de terra, creio que ficou um fio de instrução honesta. Às vezes eu quase consigo dizer o que era. Acho que, se pudesse, eu o lançaria sobre os outros para reduzir-lhes o conforto. Tiraria esta terrível história de meus ombros, e a simplificaria, desenharia nossos crimes como um plano de batalha fracassado, para sacudi-la na cara de meus vizinhos, que já têm medo de mim. Mas a África se altera sob minhas mãos, recusa-se a ser parte de uma relação fracassada. Recusa-se a ficar em qualquer lugar ou a ser outra coisa que não ela própria: o reino animal gozando o reino da glória. Pois é isso, sente-se. Não deixe nada com que um morcego fantasma possa perturbar a paz. Nada, exceto a vida dela.

Nada queríamos além do domínio sobre toda criatura que se move sobre a terra. E aconteceu de chegarmos a um lugar que imaginávamos ainda não formado, onde apenas a escuridão se movesse sobre a superfície das águas. Hoje você ri, dia e noite enquanto masca meus ossos. Mas o que poderíamos pensar? Só que tudo começava e terminava em *nós*. O que sabemos hoje? Pergunte às meninas. Veja em que se transformaram. Só podemos falar das coisas que levamos e das que trouxemos.

As coisas que levamos

KILANGA, 1959

Leah Price

Vimos de Bethlehem, Georgia, e trouxemos para a selva muitas caixas de mistura para bolo *Betty Crocker*. Minhas irmãs e eu esperávamos uma festa de aniversário para cada uma durante os 12 meses da nossa missão. Mamãe tinha dito: “E Deus sabe que no Congo não vamos achar *Betty Crocker*”.

Meu pai corrigiu: “Aonde vamos, não haverá vendedores nem compradores”, e seu tom de voz insinuava que Mamãe ainda não tinha entendido nossa missão, e que a preocupação com *Betty Crocker* fazia dela um dos mercadores que tanto irritaram Jesus, até ele os expulsar do templo num acesso de raiva. “Aonde estamos indo não há nada, nem mesmo um Piggly Wiggly”^[3]. É claro que, para Papai, isso era um ponto a favor do Congo. Senti um calafrio, só de tentar imaginar.

Ela não discutiu, claro. Mas quando entendeu que não havia outro jeito, começou a guardar no quarto de hóspedes todas as coisas deste mundo que considerava essenciais para garantir condições mínimas de sobrevivência no Congo. “É o mínimo, para minhas filhas”, resmungava o dia todo. Além das caixas de mistura para bolo, empilhou uma dúzia de latas de presunto temperado *Underwood*; o espelho de mão de Rachel, de plástico e marfim, que tinha atrás uma dama de peruca empoada; um dedal de aço inoxidável; um bom par de tesouras; uma dúzia de lápis nº 2; um mundo de *Band-Aids*, *Anacin*, *Absorbine Jr.* e um termômetro.

E agora estávamos aqui, com todos esses tesouros coloridos que trouxemos guardados para casos de necessidade. Nossas coisas ainda estavam intactas, a não ser pelos comprimidos de *Anacin*, que Mamãe tinha tomado, e o dedal, que Ruth May tinha perdido no buraco da latrina. Mas elas já parecem representar um mundo perdido: destacam-se na nossa casa congoleza como brindes coloridos de festa num mundo cheio de coisas cor de barro. Quando os vejo, com a luz da estação chuvosa nos meus olhos e a poeira do Congo entre os dentes, não consigo me lembrar do lugar onde essas coisas eram comuns, só um lápis amarelo, nada além de um frasco verde de aspirinas, apenas um entre tantos frascos verdes na última prateleira.

Mamãe tentou pensar em tudo, inclusive fome e doença. (E Papai em geral aprova contingências, pois foi Deus quem deu só ao homem a capacidade de previsão.) Ela recolheu uma boa provisão de antibióticos com nosso avô, o Dr.

Bud Wharton, que tem demência senil e adora andar nu pela rua, mas ainda faz perfeitamente duas coisas: ganhar no jogo de damas e dar receitas. Também trouxemos uma frigideira de ferro, cinco pacotes de fermento de pão, tesouras de picotar, uma machadinha sem cabo, uma pá militar dobrável para cavar latrinas, e muito mais. Isto dá uma medida do conjunto dos males da civilização que nos sentimos forçados a trazer conosco.

Chegar aqui com o mínimo necessário foi um tormento. Quando achamos que estávamos prontas e já preparando a partida, veja só, a Pan American nos informou que só poderíamos atravessar o oceano com 20 quilos. Vinte quilos de bagagem por pessoa, nem mais um grama. Esta notícia nos deixou desoladas! Quem iria pensar em limites nos aviões modernos da era do jato? Quando somamos todos os nossos 20 quilos, inclusive os de Ruth May — por sorte ela também contava como uma pessoa, apesar de pequena —, estávamos com 28 quilos de excesso. Papai olhou nosso desespero, como se já esperasse por aquilo desde o início, e deixou por conta da mulher e das filhas a tarefa de separar o que fosse dispensável, sugerindo apenas que devíamos lembrar dos lírios do campo, que não precisam de espelhos de mão nem de comprimidos de aspirina.

“Os lírios do campo precisam é de uma Bíblia, e da porcaria da pá de latrina que ele trouxe”, Rachel murmurou baixinho, enquanto seus apetrechos de toalete eram retirados da mala, um por um. Rachel nunca entendeu muito bem as escrituras.

Mas, lembrando sempre dos lírios do campo, o material separado não chegou nem perto dos 28 quilos, mesmo considerando os cosméticos de Rachel. Estávamos entrando num beco sem saída. E então, aleluia! Fomos salvas na última hora. Por esquecimento (ou mais provavelmente por polidez), eles não pesam os passageiros. A Liga de Missões da Igreja Batista do Sul nos ofereceu esta dica sem o dizer explicitamente, para passarmos por cima da lei dos 20 quilos, mas a partir daí fizemos nosso plano. Viemos para a África carregando toda a nossa bagagem no corpo, sob as roupas. Por baixo das roupas, mais roupas. Minhas irmãs e eu saímos de casa vestindo seis pares de calcinhas, duas anáguas e combinações; vários vestidos, um sobre o outro, com calças três quartos por baixo; e por cima disto tudo uma capa de chuva. (A enciclopédia tinha nos aconselhado a estar preparadas para a chuva.) As outras coisas, ferramentas, caixas de mistura para bolos etc., foram escondidas nos bolsos e debaixo do cóis das saias, envolvendo-nos numa armadura barulhenta.

Por fora, vestíamos nossos melhores vestidos para dar boa impressão. Rachel usava muito orgulhosa o vestido de linho verde da Páscoa, com o longo cabelo louro quase branco puxado para trás por uma faixa elástica cor-de-rosa. Rachel tem 15 anos — ou como ela diz, já tem quase 16 — e não se importa

com nada além da aparência. Seu nome completo é Rachel Rebeccah, e portanto ela prefere ser Rebeca, a virgem no poço, que no Gênese é chamada de “a virgem mais bela”, que de repente recebeu brincos de ouro de presente quando um servo de Abraão a viu recolhendo água no poço. (Como é minha irmã mais velha, ela diz nada ter com a Rachel pobre da Bíblia, a irmã mais jovem de Lia, que teve de esperar todos aqueles anos para se casar.) Sentada ao meu lado no avião, ela ficava piscando os cílios de coelho e ajustando a faixa cor-de-rosa no cabelo, querendo que eu notasse que, secretamente, ela tinha pintado as unhas de cor-de-rosa igual à da goma de mascar. Olhei para Papai, que estava no assento oposto de nossa fileira de Prices. O sol era uma bola rubra brilhando através da janela, inflamando seus olhos enquanto ele espiava o horizonte procurando a África. Para Rachel foi uma sorte que a cabeça dele estivesse ocupada com tantas outras preocupações. Mesmo na sua idade, ela teria recebido uma surra de cinto por causa do esmalte. Mas Rachel era assim, sem tirar nem pôr, capaz de inventar mais um último pecado antes de sair da civilização. Na minha opinião ela é cansativa e se acha sofisticada, portanto olhei pela janela, que a vista era melhor. Papai acha que esmalte e maquiagem são sinais de prostituição, a mesma coisa que furar as orelhas.

E ele também tinha razão sobre os lírios do campo. Lá pelo meio da travessia do Atlântico, os seis pares de roupas de baixo e misturas para bolo começaram todos a ser uma cruz. Cada vez que Rachel se curvava para pegar alguma coisa na bolsa, ela punha a mão no peito do seu casaco de linho até ouvir um ruído metálico. Não me lembro de qual arma doméstica estava escondida ali. Eu a estava ignorando, e assim ela conversava principalmente com Adah — que também a estava ignorando, mas como Adah nunca fala com ninguém, era mais difícil notar.

Rachel adora fazer graça com tudo o que existe na Criação, mas principalmente a nossa família. “Ei Ade! E se a gente aparecesse assim na *Festa de Art Linkletter?*”

Mesmo sem querer, eu ri. O Sr. Linkletter gosta de preparar surpresas para as senhoras, toma a bolsa de uma delas e abre na frente de todo mundo na televisão. A plateia acha muito engraçado quando ele descobre um abridor de latas ou uma foto de Herbert Hoover. Imagine se ele nos sacudisse e caíssem uma tesoura de picotar e uma machadinha. Só de pensar, fiquei nervosa. Também estava sentindo calor e claustrofobia.

Finalmente, finalmente saímos do avião parecendo gado e descemos pela rampa-escada até o forno que era Leopoldville, e foi então que nossa irmã caçula, Ruth May, balançou os cachos louros e desmaiou no colo de Mamãe.

Mas ela logo acordou no aeroporto, que tinha cheiro de urina. Eu estava

excitada e precisava ir ao banheiro, mas não conseguia imaginar onde iria uma menina num lugar como aquele. As folhas das palmeiras balançavam lá fora sob a luz forte. Multidões passavam para lá e depois para cá. A polícia do aeroporto usava uniforme cáqui cheio de botões de metal e, pode acreditar, armas. Por todo lado havia aquelas velhinhas negras carregando cestas cheias de verduras já meio passadas. E também frangos. Pequenos regimentos de crianças se escondiam pelas portas, aparentemente esperando só para abordar missionários estrangeiros. Logo que viram nossa pele branca, correram para nós pedindo em francês: “cadeau, cadeau?” Levantei as duas mãos para mostrar a falta completa e total de presentes para as crianças africanas. Então eu pensei: essa gente deve se esconder atrás das árvores por aí e se agachar, talvez seja esta a causa do mau cheiro.

Neste momento um casal de batistas com óculos escuros de tartaruga surgiu da multidão e nos apertou as mãos. Tinham o nome peculiar de Underdown^[4] — reverendo e senhora Underdown. Tinham vindo para nos fazer passar pela alfândega e falar francês com os oficiais. Papai deixou claro que éramos capazes de resolver tudo sozinhos, mas mesmo assim agradecia a gentileza. Foi tão educado que o casal nem notou que ele estava irritado. Continuaram a fazer muito barulho, como se fôssemos velhos amigos e nos deram de presente um tela contra mosquitos, quilômetros de filó, que se arrastava, cada vez mais comprida, como aquele buquê embaraçoso dado pelo namorado da escola que gosta muito da gente. Enquanto esperávamos lá, segurando aquele véu e suando através de todo o nosso guarda-roupa, eles nos regalavam com informações sobre o nosso futuro lar, Kilanga. Ah, tinham tanto para contar, pois já tinham morado lá com os filhos, eles mesmos tinham fundado aquilo tudo, a escola, a igreja e o resto. Em certa época, Kilanga tinha sido uma missão razoável, com quatro famílias americanas e um médico que vinha uma vez por semana. Agora tudo tinha acabado, diziam eles. Não havia mais médico, e eles próprios tiveram de se mudar para Leopoldville para dar uma educação decente para os meninos — caso se pudesse chamar aquilo de educação razoável, como disse a Sra. Underdown. Há muito os outros missionários tinham partido, no fim de seu período de serviço. Assim, estava tudo por conta da família Price, e da ajuda que conseguíssemos reunir. Eles nos avisaram para não esperar muito. Meu coração bateu acelerado, pois eu esperava tudo. Flores da selva, feras selvagens. O Reino de Deus na sua glória luminosa e pura.

Então, quando Papai estava no meio de alguma explicação para o casal Underdown, eles de repente nos empurraram para dentro de um aviãozinho e nos abandonaram. Era só a nossa família e o piloto, que estava ocupado ajustando os fones de ouvido debaixo do chapéu e nos ignorou completamente, como se

fôssemos apenas carga. Ficamos lá sentadas, vestidas como damas de honra, com metros e metros de véus, insensíveis por causa do barulho horrível do avião, que quase tocava a copa das árvores. Estávamos mortas de cansadas, como Mamãe dizia. Simplesmente mortas, dizia ela. Querida, cuidado, não vá tropeçar, você está exausta, qualquer um nota. A Sra. Underdown fez piada e riu do nosso encantador sotaque sulista. Balindo como uma ovelha, ela tinha tentado imitar a forma como falávamos baai-bai. Ela me deixou embaraçada por causa das nossas expressões simples e vogais longas, pois eu nunca pensei que tivesse sotaque, apesar de saber que falamos diferente dos ianques do rádio e da TV. Tinha muito para pensar no avião, e, lembrei-me de que ainda tinha de fazer xixi. Mas naquele momento todos nós já estávamos tontos e calados, acostumados, cada um, a só ocupar o próprio espaço no banco.

Finalmente, descemos aos trancos num campo de pouso coberto por um capim amarelo alto. Pulamos imediatamente dos nossos lugares, mas Papai, por causa de sua altura imponente, não conseguiu ficar completamente de pé, teve de se curvar dentro do avião. Pronunciou uma bênção apressada: “Pai do Céu, fazei de mim um instrumento poderoso de Vossa vontade perfeita aqui no Congo Belga, Amém.”

“Amém!” Respondemos, e, pela porta oval ele nos levou para a luz, fora do avião.

Paramos piscando por um momento, olhando através da poeira para uns cem homens da aldeia, magros e silenciosos, oscilando de leve, como árvores. Tínhamos saído da Georgia em pleno verão, quando florescem os pessegueiros, e agora estávamos no meio de uma bruma vermelha e seca que não se parecia com nenhuma estação conhecida. Com tantas camadas de roupas, devíamos estar parecendo uma família de esquimós abandonada na floresta.

Mas esta era a nossa cruz, porque tivemos de trazer tanta coisa necessária para cá. Cada uma de nós vinha com uma responsabilidade extra beliscando sob as roupas: um martelo, um hinário batista, cada coisa de valor substituindo o peso liberado por alguma coisa frívola que tínhamos tido a coragem de deixar para trás. Nossa viagem deveria ser uma grande obra na balança. Meu pai, é claro, trazia a Palavra de Deus, que felizmente não pesa nada.

Ruth May Price

Deus diz que os africanos são as tribos de Cam. Cam foi o pior dos três filhos de Noé: Sem, Cam e Jafé. A família de todo mundo vem destes três, porque Deus fez uma grande inundação e afogou os pecadores. Mas Sem, Cam e Jafé entraram no barco, assim eles ficaram numa boa.

Cam era o caçula, como eu, e era mau. Às vezes eu também sou má. Aconteceu depois que saíram da arca e soltaram os animais. Cam encontrou seu pai Noé caído, bêbado e nu como um porco e ele achou engraçado demais. Os outros dois irmãos cobriram Noé com um cobertor, mas Cam arrebentou de tanto rir. Quando Noé acordou ele ouviu a história toda que os irmãos contaram. Assim Noé amaldiçoou para sempre como escravos todos os filhos de Cam. É por isso que eles são pretos.

Lá na Georgia, minha terra, eles têm a sua própria escola, assim eles não vão para a escola de Rachel e Leah e Adah. Leah e Adah são bem-dotadas, mas mesmo assim elas estudam na mesma escola de todo mundo. Mas não os meninos de cor. O homem na igreja disse que eles são diferentes da gente e sabiam qual era o lugar deles. Foi Jimmy Crow que disse, e é ele quem faz as leis. Eles também não entram no restaurante, aonde a Mamãe leva a gente para tomar *Coca-Cola*, nem no Zoo. O dia deles no Zoo é quinta-feira. Está na Bíblia.

Nossa vila vai ter esses brancos: eu, Rachel, Leah e Adah. Mamãe. Papai. São seis pessoas. Rachel é a mais velha, eu sou a caçula. Leah e Adah são as do meio e são gêmeas, e portanto elas duas podem ser só uma, mas eu acho que são duas, porque Leah corre por toda parte e sobe nas árvores, mas não Adah, um lado todo dela não é bom e ela não fala porque tem um problema no cérebro e ela odeia todas nós. Ela lê livros de cabeça para baixo. A gente tem de amar todo mundo, e só pode odiar o diabo.

Meu nome é Ruth May e eu odeio o diabo. Passei muito tempo pensando que meu nome era Querida. Mamãe sempre me chama assim. *Querida, vem aqui. Querida, não faça isso.*

Na Escola Dominical o Rex Minton disse que a gente não devia vir para o Congo porque os canibais vão cozinhar a gente no caldeirão e comer. E ele disse: eu falo igual a um nativo, ouça: ugga bugga bugga lugga. Isso quer dizer eu quero a coxa daquela lourinha pequenininha de cabelo encaracolado. A professora da Escola Dominical mandou ele calar. Mas não disse se eles

cozinham e comem a gente. Então eu não sei.

Esses são os outros brancos da África, até agora: o Sr. Axelroot, que pilota o avião. O chapéu dele é o mais sujo que eu já vi. Quando ele está aqui, ele mora lá em baixo, perto do campo de pouso, numa cabana só dele, e a Mamãe acha que isso já é perto demais para *ele*. O reverendo Underdown e a mulher dele, que começaram a ensinar aos meninos africanos a ir à igreja há muitos anos. Eles falam francês um com o outro mas são brancos. Não sei por quê. Eles têm dois filhos, os meninos Underdown, que são grandes e vão para a escola em Leopoldville. Tiveram pena de nós e mandaram revistas em quadrinhos para ler no avião. Peguei a maioria para mim quando a Leah e a Adah e todo mundo foram dormir no avião. *Pato Donald*, *Zorro*. E os de fada, *Cinderela* e *A rosa com espinhos*. Eu escondi num lugar. Aí eu comecei a passar mal e vomitei no avião e caiu tudo em cima da mochila e do *Pato Donald*. Esse eu coloquei debaixo do assento, e assim ele já não está mais conosco.

Olha quem vai morar na nossa aldeia: a família Price, o *Zorro*, a *Cinderela*, *A rosa com espinho* e as tribos de Cam.

Rachel Price

Puxa vida, agora vai ser uma parada torta para nós, foi o que eu pensei sobre o Congo, desde que pusemos os pés aqui. A gente é quem devia dar as ordens aqui, mas acho que não mandamos em nada, nem mesmo na gente. Papai tinha planejado um grande encontro de oração como a nossa cerimônia de chegada, para provar que Deus tinha vindo conosco e que iria ficar. Mas quando descemos do avião e saímos pelo campo tropeçando nas malas, os congoleses nos cercaram — *minha nossa!* — numa cantoria barulhenta. Encantados, com certeza. Fomos fumigados com o cheiro de corpos suados. O que eu devia ter enfiado na minha bolsa era aqueles desodorantes de cinco dias.

Procurei minhas irmãs para perguntar: “Ei, Ade, Leah, vocês não estão contentes por estar usando *Dial*? E não gostariam que todo mundo usasse?” Não achei as duas gêmeas, mas percebi Ruth May preparando para interpretar o seu segundo desmaio do dia. Os olhos revirados, quase só o branco aparecendo. O que quer que lhe estivesse fazendo mal, sei que ela estava lutando contra com todas as forças. Ruth May é uma menina surpreendentemente teimosa para quem tem só cinco anos, e não gosta de perder nada do que acontece.

Mamãe pegou a mão dela e a minha, o que eu não teria tolerado em Bethlehem. Mas aqui, com toda essa confusão, a gente teria se perdido uma da outra, porque estava sendo levada por um grande rio negro de gente. Jesus! E a sujeira! Tudo estava sujo de terra, parecendo pó de giz vermelho, tanto eu como meu vestido de linho verde do lado de fora. Eu podia sentir o pó entranhando no meu cabelo, tão louro e tão fácil de sujar. Puxa vida, que lugar! Já estava ficando com saudade do banheiro com descarga e das roupas lavadas na máquina, e das outras coisas simples que eu sempre achei que eram eternas.

Aquela gente estava nos levando para um pátio aberto, com chão de terra batida, que iria ser a igreja do Papai. Que sorte! Uma igreja feita de terra. Mas eu sabia que não ia ter culto no programa daquela noite. Acabamos no meio da multidão, debaixo do telhado de palha, e eu quase gritei quando percebi que a mão que eu estava segurando não era a da minha mãe, mas uma garra grossa e preta, um estranho. Quem eu confiava tinha sumido. Eu me soltei e senti a terra rodando debaixo de mim. Meus olhos rodaram como os de Black Beauty preso entre as chamas. Finalmente vi a blusa branca da Mamãe, parecendo uma bandeira que quer dizer “Nós nos rendemos!”, ao lado de Papai. Então fui

achando, uma por uma, as formas-pastel de minhas irmãs, como balões de festa, mas na festa errada. Soube ali e então que tinha embarcado no barco do desespero. Papai, por outro lado, provavelmente estava todo feliz, completamente feliz. Louvando Jesus pela ocasião, e nós tínhamos de estar à altura.

Precisávamos desesperadamente trocar de roupa — a roupa de baixo e os vestidos extra estavam nos oprimindo — mas não havia a menor chance. Nenhuma. Fomos empurrados para o meio daquele pandemônio pagão. Não tenho ideia de onde foram parar nossas malas e mochilas. Meus arcos de bordar e a tesoura de picotar dentro duma bainha de oleado estavam pendurados no meu pescoço, ameaçando a mim e aos outros no empurra-empurra. Finalmente nos deixaram sentar, tão apertados quanto humanamente possível, numa mesa, sobre um único banco oleoso feito de madeira bruta. Primeiro dia no Congo, e o meu vestido de linho verde-veneno, com botões quadrados de madrepérola, já estava querendo entregar os pontos. Sentamos tão perto das outras pessoas que não havia espaço para respirar, isso se, apesar de tudo, você quisesse correr o risco de pegar todo tipo de micróbio. Outra coisa que devíamos ter trazido: *Listerine*. Quarenta e cinco por cento menos resfriados. Um barulho ensurdecedor de vozes de gente e de pássaros estranhos bombardeou meus ouvidos e me encheu a cabeça até a tampa. Sou sensível a qualquer tipo de barulho — barulho e sol forte me provocam dor de cabeça de tensão, mas pelo menos o sol já tinha descido. Senão eu tinha seguido o exemplo de Ruth May e desmaiado ou vomitado, suas duas realizações do dia. Senti um beliscão na nuca e meu coração bateu igual a um tambor. Fizeram um fogo horrível na ponta da igreja. A fumaça oleosa ficava por cima de nós como uma rede, pendurada no teto de palha. O cheiro era tão forte que dava para sufocar qualquer bicho imaginável. No meio do anel brilhante de fogo eu via uma coisa escura girando e sendo perfurada, as quatro pernas duras implorando ajuda. Minha intuição feminina me disse que eu estava condenada a morrer aqui e agora, sem a mão de minha mãe para sentir o suor da minha testa. Pensei nas poucas ocasiões em que tentei — confesso — ter febre para não ir à escola ou à igreja. Agora o calor batia nas minhas têmporas, e as febres que eu tinha pedido me pegaram todas de uma vez.

De repente entendi que o beliscão na minha nuca foi da Mamãe. Todas as quatro estávamos ao alcance de seus braços longos: Ruth May, eu, e minhas irmãs Leah e Adah — Ruth May era pequena, claro, mas Leah e Adah eram duas gêmeas grandes, apesar de Adah ser um pouco menor por causa do seu problema. Não entendo como a Mamãe conseguiu abraçar as quatro. E o meu coração batendo não era o meu coração, acabei descobrindo que eram os tambores. Os homens estavam batendo em grandes tambores de madeira, e as

mulheres estavam cantando com voz trêmula e esganiçada, parecendo pássaros enlouquecidos à luz do luar. Cantavam e respondiam, na sua língua, entre uma líder e o resto do grupo. Eram tão estranhas que demorei a perceber que eram as músicas de hinos cristãos, como “Para a frente, soldados de Cristo”, e “Que amigo tenho em Jesus”, que me arrepiaram a pele. Acho que elas têm o direito de cantar, mas acontece que diante de nossos olhos, algumas mulheres ficavam lá, à luz do fogo, com os seios nus como ovos de gaio. Algumas dançavam e as outras corriam de lá para cá cozinhando, como se a nudez não tivesse nada de mais. Elas passavam para lá e para cá com as panelas, todas com os seios nus, e sem a menor vergonha. Estavam muito ocupadas vigiando o animal na fogueira, que era cortado em pedaços e misturado com alguma coisa fervendo num caldeirão. Quando elas se abaixavam os seios balançavam como balões cheios d’água. Tirei os olhos delas e das crianças nuas agarradas na barra de suas saias longas enroladas no corpo. Fiquei olhando para Papai, imaginando, será que eu sou a única chocada aqui? Ele estava com aqueles olhos apertados, o queixo contraído como se estivesse começando a acumular pressão, que a gente sabe quando começa, mas nunca sabe até onde exatamente chega. Geralmente a qualquer lugar onde a gente *não* gostaria de estar.

Depois de toda a cantoria daquelas coisas que pareciam hinos gritados e respondidos, a oferenda queimada já tinha, por assim dizer, saído do fogo para cair na frigideira, toda misturada numa sopa quente e meio cinzenta. Começaram a jogar aquilo numas tigelas e pratos de metal. Deram para nós umas colheres enormes, que eu sabia que não cabiam na minha boca. Minha boca é tão pequena que meus dentes de siso estão nascendo tortos. Olhei em volta procurando alguém com quem trocar de colher, mas percebi que só a nossa família tinha colheres. O que todos os outros pretendiam fazer com a comida eu nem imagino. A maioria ainda estava esperando para ser servida, como passarinhos no campo. Seguravam os pratos, calotas ou o que quer que fosse e batiam alegremente como se fossem tambores. Parecia uma orquestra de ferro velho, porque todos os pratos eram diferentes. Ruth May tinha só uma caneca pequena, e eu tinha certeza que ela não estava gostando, porque isso fazia ela parecer ainda mais criança.

Em toda aquela confusão, alguém estava falando inglês. Percebi de repente. Era quase impossível entender o que estava acontecendo, porque o povo em volta da gente estava cantando, dançando e batendo os pratos e balançando os braços como árvores num furacão. Mas perto do fogo onde estavam cozinhando, um homem da cor do carvão, com uma camisa amarela com as mangas enroladas, fazia gestos para nós e gritava tão alto quanto podia: “Bem-vindos! Vocês são bem-vindos!”

Havia outro homem atrás dele, vestido como se fosse do outro mundo, com cartola e óculos, e um pano enrolado no corpo e sacudindo a cauda de algum bicho para frente e para trás. Ele gritou alguma coisa lá na língua deles e todo mundo foi calando a boca e fazendo silêncio.

O homem mais jovem de camisa amarela gritou: “reverendo e senhora Price e crianças! Sejam bem-vindos à nossa festa. Hoje matamos um bode para comemorar sua chegada. Logo a sua barriga vai estar cheia do nosso *fufu pili*”.

Nesse momento, as mulheres seminuas atrás dele começaram a bater palmas e gritar, como se um bode morto fosse bastante para o entusiasmo delas.

E o homem disse: “reverendo Price, por favor agradeça a Deus por este banquete”. Chamou Papai para a frente com um gesto, mas parece que Papai não precisava de convite. Já estava de pé na cadeira, e parecia ter três metros de altura. Estava só de camisa, o que não era incomum, pois ele era um daqueles homens que dominam bem o corpo, e no calor do sermão é capaz de jogar fora o paletó. Sua calça preta vincada estava apertada na cintura mas o peito e os ombros pareciam enormes. Eu tinha quase esquecido das armas mortais que ele ainda carregava debaixo daquela camisa branca.

Lentamente, Papai levantou o braço acima da cabeça, como aqueles deuses da Roma antiga, quando se preparavam para lançar raios e trovões. Todos olharam para ele sorrindo, batendo palmas, balançando os braços sobre a cabeça, os seios nus e tudo o mais. Então ele começou a falar. Parecia mais uma tempestade do que a fala de um homem.

Ameaçador e falando baixo, ele disse:

— O Senhor se move sobre uma nuvem rápida, e o Senhor vai entrar no Egito.

Hurra! Todos gritaram, mas senti um nó no estômago. Minha nossa, ele estava com aquele olhar, aquele olhar de Moisés descendo do Monte dos Sinais com dez maneiras novas de bagunçar a vida da gente.

Com a sua voz cantante de pregador, que sobe e desce, depois sobe mais alto e desce mais fundo, como uma serra cortando uma árvore, ele gritou:

— *No Egito, e em toda a parte da terra onde a Sua luz* — e Papai fez uma pausa, olhou em volta com os olhos em fogo — *onde a Sua luz ainda não chegou.*

Fez uma pausa e recomeçou, balançando muito de leve, enquanto entoava:

— O Senhor vem na pessoa de Seus *anjos de misericórdia*. Seus emissários que trazem a *salvação* para as cidades da planície, onde *Lot* morou entre *pecadores*!

Os gritos diminuíram. Agora todas as atenções estavam nele.

— E Lot disse aos pecadores que se juntaram diante da sua porta, eu vos rogo, *irmãos*, não façais o *mal*! Pois os pecadores de *Sodoma* forçavam a porta da *casa* com intenções cruéis.

Tive um calafrio. Naturalmente eu conhecia o capítulo 19 do Gênese, que ele nos tinha feito copiar muitas vezes. Detesto a parte em que Lot oferece suas filhas virgens à multidão, para fazer com elas o que quisessem, e esquecer e deixar em paz os anjos de Deus que estavam visitando a casa. Que combinação é essa? E a pobre da mulher dele, então, transformada numa coluna de sal.

Mas Papai pulou tudo aquilo e foi direto às consequências terríveis:

— Os *emissários* do Senhor *castigaram* os pecadores que, insensatos, tinham vindo diante do Senhor, *insensatos na sua nudez*.

Então ele parou, perfeitamente imóvel. Com uma de suas mãos enormes cobriu a congregação e a chamou para junto de si. Com a outra apontou para uma mulher diante do fogo. Seus seios grandes caíam chatos sobre o peito como se tivessem sido passados a ferro, mas ela parecia não ter consciência deles. Tinha um menino escanchado na anca, e com a mão livre coçava o cabelo curto. Ela olhou em volta, nervosa, pois todos os olhos acompanharam o olhar acusador de Papai à sua nudez. Com um golpe dos joelhos, acomodou o menino na anca. A cabeça do menino balançou. Ele tinha um cabelo preso em tufo avermelhados e estava aturdido. Durante uma eternidade silenciosa, lá ficou a mãe, no centro das luzes e olhares, encolhendo a cabeça com medo e incompreensão. Finalmente ela se virou, pegou uma colher de pau e começou a mexer na sopa dentro do caldeirão.

— *Nudez, e escuridão da alma*! Pois havemos de *destruir* este lugar onde o *clamor* dos pecadores se agiganta diante do Senhor.

Ninguém mais cantava nem gritava. Tivessem ou não entendido o significado do “clamor”, não tinham mais coragem de continuar clamando. Parecia que nem estavam mais respirando. Papai explica muita coisa apenas com o seu tom de voz, pode acreditar! A mulher com a criança na anca continuou de costas, mexendo na comida.

— E Lot saiu e falou para os que eram dignos.

Agora Papai usava um tom mais suave, falava mais calmo.

— E Lot falou-lhes, Abandonai esse antro de escuridão! Levantai-vos e vinde para uma terra mais iluminada!

E, voltando subitamente à terra, concluiu:

— Senhor, oremos. Senhor, fazei com que os dignos dentre nós se levantem acima da maldade e da escuridão, até a luz maravilhosa de nosso Pai Sagrado. Amém.

Todos ainda olhavam meu pai, como se fossem plantas escuras e brilhantes

e ele, com sua cabeça ruiva, o sol. Mas as expressões passaram em câmera lenta da alegria para a confusão e daí para o medo. E quando o encanto quebrou, as pessoas começaram a murmurar e a se mexer. Algumas mulheres puxaram o pano de suas saias e amarraram de forma a esconder os seios. Outras reuniam os filhos nus e saíram para a escuridão. Acho que iam para a cama sem a ceia.

O ar acima de nossas cabeças ficou absolutamente silencioso. Não se ouvia um pio, além dos ruídos da escuridão da noite lá fora.

Agora só faltava atacar a ceia. Com todos os olhos fixos em nós, minhas irmãs e eu pegamos as colheres grandes de metal. O alimento à nossa frente era uma sopa que não tinha gosto de nada, só pedaços molhados que eu ia ter de mastigar até transformar numa goma. Mas o primeiro pedaço na minha boca se foi transformando devagar num fogo terrível na minha língua. Queimou os meus ouvidos por dentro. As lágrimas desceram dos meus olhos e eu não consegui engolir. Senti que ali se iniciava um longo período de sofrimento para uma garota que só desejava uma festa de aniversário pelos 16 anos e um conjunto de mohair cor-de-rosa.

Ruth May engasgou barulhenta e fez uma cara horrível. Mamãe se inclinou para lhe dar um tapa nas costas, mas em vez disso, ela sussurrou para nós numa horrível voz sibilante:

— Meninas, sejam educadas, entenderam? Lamento muito, mas se vocês cuspirem eu vou bater em vocês até matar.

Essa era a *Mamãe*, que nunca tinha levantado a mão para nenhuma de nós! Pois é. Naquela noite, nossa primeira noite na África, tudo ficou claro para mim. Sentei, respirando pelo nariz, segurando na boca o gosto puro e horrível de fogo, e os pelos do couro do bode morto. Fechei os olhos com força, mas mesmo assim as lágrimas continuaram a descer pelo meu rosto. Chorei pelos pecados de todos que trouxeram a nossa família a essa praia escura e aterrorizante.

Adah Price

Luz solar tantalizar, olhos maus hipnotizar: eis a manhã, rosa congo. Toda manhã, cada manhã. Um ar florido cor-de-rosa carregado dos cantos de pássaros e com o gosto azedo das fogueiras do café da manhã. Uma larga placa de terra — também chamada de estrada — abre-se à nossa frente, contínua, em teoria, daqui até algum lugar distante. Mas como eu a vejo através de meus olhos de Adah, é uma placa chata, cortada em pedaços, retângulos e trapezoides, pelas linhas finas dos longos troncos de palmeira. Através dos olhos de Adah, ah, o mundo é uma confusão de cores e formas competindo pela atenção da metade do cérebro. A parada nunca termina. Galos da mata saltam cacarejando para a confusão de pedaços de estrada. Encolhem o pé com a arrogância do galo que ainda não ouviu falar das feras de duas pernas que vão transformar suas esposas em escravas.

O Congo se espalha bem no meio do mundo. O sol se levanta, o sol se põe, exatamente às seis horas. Tudo o que acontece de manhã se desmancha antes da noite: os galos voltam para a floresta, as fogueiras se apagam, os pássaros cu-cu-cu, o sol se põe, o céu sangra, morre, escurece, nada existe. Das cinzas para as cinzas.

A aldeia de Kilanga se estende ao lado do Rio Kwilu, um longa fila de casinhas de barro colocadas depois-uma-da-outra, ladeando a solitária cobra vermelha, a estrada de terra. Em volta crescem árvores e bambus. Quando pequenas, Mamãe e eu tínhamos uma corrente comprida com contas diferentes para usar nos dias de festa, que se quebrava quando brigávamos para ficar com ela, e a corrente voava serpenteando contas na terra. Kilanga é assim, vista do avião. Cada casa de barro vermelho fica no meio do quintal de terra batida, pois a terra limpa fica tão careca quanto um tijolo. Para melhor avistar e matar nossas amigas, as cobras, quando vêm nos visitar, foi o que nos disseram. Assim, Kilanga é uma clareira comprida e baixa igual a uma cobra. Na estrada comprida as cabanas de barro estavam todas voltadas para o leste, como se rezando pelo colapso adiado — não exatamente para Meca, mas para o leste, na direção do rio e da única rua da aldeia e, atrás disso tudo, o sol nascente surpreendente.

O prédio da igreja, cena do banquete recente, está numa ponta da aldeia. Na outra ponta, a nossa casa. Assim, quando vai para a igreja, a família Price vai vendo pelo caminho como são por dentro todas as cabanas da aldeia. Toda casa

tem uma sala quadrada e um teto de palha, sob o qual poderia morar outro Robinson Crusoe. Mas aqui ninguém permanece debaixo de um teto. É no quintal da frente — o mundo todo é um palco de terra dura e vermelha sob pés descalços — que as mulheres magras cansadas, usando todo tipo imaginável de roupa rasgada, atizam as fogueiras pequenas e cozinham. Um rio de meninos corre atirando pedras em cabritos assustados, que se espalham pela estrada e voltam, nas pontas dos pés, para serem novamente expulsos. Os homens sentam-se sobre baldes e olham para tudo o que passa. Geralmente quem passa é uma mulher descendo lentamente a estrada, com coisas e mais coisas equilibradas na cabeça. São pilares de assombro que desafiam a lei da gravidade com um ar de perfeito tédio. Elas andam, param, sentam-se, conversam, brandem uma vara contra um bêbado, voltam-se para pegar uma criança presa às costas e amamentá-la, tudo isso sem deixar cair as trouxas empilhadas. São como bailarinas completamente inconscientes de estarem no palco. Não consigo tirar os olhos delas.

Quando uma mulher sai de seu quintal aberto para o mundo, para trabalhar na horta ou para fazer alguma coisa fora, primeiro ela tem de se pôr decente. Para isto, apesar de já estar usando um pano enrolado na cintura, ela pega em casa outro quadrado grande de pano, que enrola em volta da primeira saia — cobrindo as pernas até a parte interna dos pés — num sarongue estreito e comprido amarrado logo abaixo dos seios nus. São tecidos de cores berrantes que não combinam e que me deixam surda: listrado cor-de-rosa com xadrez laranja, por exemplo. Os movimentos graciosos, as cores brilhantes podem ser belos ou impressionantes, mas tornam as mulheres mais festivas e menos cansadas.

O pano de fundo do espetáculo que é Kilanga, erguendo-se acima e atrás das casas, é uma parede alta de capim elefante que tudo esconde da vista, exceto a distância. O sol suspenso acima dela é um ponto redondo e cor-de-rosa na brama branca e distante, que se pode olhar diretamente sem ficar cego. A terra real, onde brilha um sol real, parece muito longínqua. E a leste, atrás do rio, ondulando umas sobre as outras como uma toalha de mesa amarrotada, montanhas verde-escuro que se transformam em azul pálido. “Enormes como o Julgamento”, como diz Mamãe, quando faz uma pausa para limpar a testa úmida com as costas da mão.

Minha irmã gêmea adora responder, “parece que acabou de sair de um livro de histórias”, enquanto arregala os olhos e prende o cabelo curto atrás das orelhas, como se quisesse tudo ver e ouvir muito melhor. “E mesmo assim somos nós, a família Price, quem está aqui!”

A observação de minha irmã Ruth May vem em seguida. “Ninguém aqui

tem muitos dentes.”

Finalmente, minha irmã Rachel, “me acordem quando tudo terminar.” É assim que a família Price faz seus julgamentos. Todos menos Adah. Adah não faz julgamentos. Sou a que não fala.

Na minha opinião, Pai Nosso fala por todas nós. E agora ele não está falando muito. Seu martelo foi um desperdício de mais de um quilo, pois parece não haver pregos na aldeia de lama e palha que é Kilanga. A estrutura aberta que abriga igreja e escola foi construída de pilares de concreto que sustentam um teto de palha e nuvens grossas de buganvília vermelha. Agora tudo parece soldado na própria decomposição. Nossa casa também é de barro, palha, cimento e trepadeiras floridas. Com seu jeito sério, Leah ajudou-o a procurar algum projeto, mas que pena, nada achou que precisasse martelar. Foi um grande desapontamento para Pai Nosso, que gosta de consertar coisas nos intervalos entre os domingos.

Mesmo assim, viemos para ficar. O aviãozinho que nos trouxe voltou imediatamente, e ninguém mais chega nem vai enquanto o mesmo avião não voltar. Perguntamos sobre a estrada de terra que atravessa a aldeia e nos disseram que ela vai até Leopoldville. Duvido! Pouco depois de sair da aldeia nas duas direções, a estrada termina num frenesi de sulcos de terra endurecida, parecendo ondas do mar solidificadas no meio da tempestade. Pai Nosso afirma que mais além deve haver pântanos onde até um encouraçado desaparece, quanto mais um simples automóvel. Existem vestígios de automóveis na aldeia, mas parecem aqueles sinais de vida que se encontram quando alguém que gosta disso começa a cavar um cemitério. Ou seja: peças mortas e enferrujadas, espalhadas e inviáveis para uso em transporte, só servem para qualquer outro fim. Durante um passeio com Pai Nosso ele mostrou, para edificação de sua filha, uma tampa do filtro de ar do carburador usada para esquentar comida, e o silencioso de um jipe que seis meninos usavam como tambor.

O Rio Kwilu é a única estrada aqui: Kwilu, uma palavra sem rima. É quase, sem chegar a ser, um prelúdio. Kwilu. Essa duvidosa rota de fuga me perturba. Continua indecifrada, como um pedaço de uma frase musical nos meus ouvidos.

Pai Nosso afirma que o Kwilu é navegável rio abaixo até onde deságua no Rio Congo; rio acima, pode-se ir apenas até as altas cataratas panorâmicas que ribombam logo ao sul de nós. Em outras palavras, chegamos praticamente ao fim do mundo. Às vezes vemos um barco ou outro passar, mas carregam apenas pessoas de outras vilas próximas, exatamente iguais a esta. Para recebermos correspondência, notícias ou tudo o que se refere ao que Rachel chama de A Fronteira Branca de Que Estamos Muito Longe, temos de esperar o avião sempre pronto do Sr. Eeben Axelroot. À sua moda, ele é muito confiável: se

dizem que ele vem segunda-feira, pode-se ter certeza de que ele chega na quinta, na sexta, ou não vem.

Assim como a estrada e o rio, aqui nada continua até o fim. O Congo é apenas um caminho longo que leva de um lugar desconhecido a outro. As palmeiras se erguem ao lado dele e nos observam chocadas, como mulheres muito altas e assustadas, com os cabelos eriçados. Entretanto, estou determinada a percorrer este caminho, apesar de não andar depressa nem bem. Meu lado direito se arrasta, nasci com metade de meu cérebro seco como uma ameixa, privado de sangue por um infeliz acidente fetal. Minha irmã gêmea Leah e eu somos teoricamente idênticas, assim como fomos todos teoricamente criados à imagem e semelhança de Deus. Começamos, Leah e Adah, como imagens perfeitamente idênticas. Temos os mesmos olhos, cabelos castanho escuros. Mas eu sou um caos que manca e ela é perfeita.

Ah! Posso imaginar esse acidente fetal: estávamos as duas no útero, e de repente Leah voltou-se e declarou, Adah, você é muito lerda. Vou pegar todo o alimento e deixar você para trás. Ela ficou forte e eu fraca. (É verdade! Jesus me ama!) E assim aconteceu que, no Éden do ventre de nossa mãe, eu fui canibalizada por minha irmã.

Oficialmente minha condição é conhecida como hemiplegia. *Hemi* significa meio, hemisfério, ensimesmada, em cicuta, em silêncio. *Plegia* é a cessação do movimento. Depois do nascimento difícil, os médicos em Atlanta deram muitos diagnósticos sobre meu cérebro assimétrico, inclusive as afasias de Wernicke e de Broca, e mandaram meus pais para casa na noite de Natal, com um par de gêmeas quase perfeitas e a previsão de que eu talvez aprendesse a ler, mas seguramente nunca falaria. Meus pais aceitaram bem. Tenho certeza de que o reverendo explicou à esposa exausta que essa era a vontade de Deus, que percebia claramente que — com duas filhas seguindo-se tão cedo à primeira — nossa casa já tinha mulheres em quantidade suficiente para se encher de vozes. E eles ainda nem tinham Ruth May, mas tinham uma cadela que uivava, como Pai Nosso ainda gosta de dizer, como um soprano sobrando na igreja. Ele a chamava também de A Cadela que Derrubou o Camelo. Provavelmente, Pai Nosso interpretou a afasia de Broca como um presente de Natal de Deus a um de seus servidores mais merecedores.

Prefiro confirmar a profecia dos médicos e guardar para mim meus pensamentos. O silêncio tem muitas vantagens. Quando não falamos, os outros nos imaginam surda ou retardada e demonstram prontamente suas próprias limitações. Raramente sou forçada a sair do meu silêncio: gritar ou me esconder na confusão. Mas geralmente eu me escondo na confusão. Escrevo e desenho no meu caderno e leio tudo o que quero.

É verdade que não falo tão bem como penso. Mas, até onde sei, isso vale para a maioria das pessoas.

Leah

No início, minhas irmãs se assanhavam dentro de casa, fazendo o papel de auxiliares de Mamãe com mais entusiasmo do que em qualquer outra época de suas vidas. Por uma única razão: estavam com medo de pôr os pés fora de casa. Ruth May tinha a ideia bizarra de que nossos vizinhos queriam comê-la. Rachel, que via cobras imaginárias à menor provocação, dizia “Minha nossa!” e anunciava seu plano de passar os próximos 12 meses na cama. Se houvesse prêmios para os mais doentes, Rachel teria ganho esta duvidosa medalha de ouro. Mas ela logo se entediava e se levantava para ver o que estava acontecendo. Ela, Adah e Ruth May ajudaram a desempacotar e a arrumar a casa. A primeira tarefa foi desdobrar as telas contra mosquitos e prendê-las em tendas sobre as camas para proteger nossas quatro camas idênticas e a maior, de meus pais. Malária é o inimigo número um. Todo domingo engolimos comprimidos de quinino, tão amargos que a língua parece se transformar numa lesma com sal. Mas a Sra. Underdown nos avisou de que, com ou sem as pílulas, um número excessivo de picadas poderia vencer o quinino no sangue e decretar o nosso fim.

Pessoalmente, afastei-me da guerra aos parasitas do sangue. Preferia ajudar meu pai a trabalhar na horta. Sempre preferi as tarefas lá de fora às de casa, queimar o lixo ou arrancar as ervas daninhas, por exemplo, enquanto minhas irmãs mexiam com os pratos e o resto. Nos Estados Unidos, os nossos jardins sempre foram os mais gloriosos todos os verões, e assim é natural que meu pai tenha pensado em trazer sementes: feijão do Kentucky, abobrinha, moranga e tomate. Seu plano era fazer uma horta-demonstração de onde retiráramos alimento para nossa mesa, além de sementes e alimentos para o povo da aldeia. Este seria o nosso primeiro milagre africano: uma cadeia infinita de bondade, saindo de dentro destes pequenos envelopes de sementes, estendendo-se até o círculo de outros jardins, fluindo por todo o Congo, como as ondas formadas por uma pedra que cai na água. A graça de nossas boas intenções fez-me sentir sábia, abençoada e protegida contra as cobras.

Mas não havia tempo a perder. Logo após termos terminado de nos ajoelhar e agradecer à entrada, ocupado nossa casa humilde, e nos livrado das coisas de cozinha e de todas as nossas roupas, até o mínimo exigido pela decência, Papai começou a limpar um pedaço de terra junto à floresta e a demarcar as fileiras.

Ele dava grandes passos de ganso — passos gigantescos seria o nome que lhes teríamos dado, se ele também brincasse de “Posso, Mamãe?” Mas ele não pede permissão a ninguém além de nosso Salvador, que evidentemente gosta de transformar a selva indomada num jardim.

Cortou um quadrado de capim alto e flores selvagens cor-de-rosa, sem nem mesmo um olhar para mim. Depois se abaixou e começou a arrancar o capim, com puxões fortes como se estivesse arrancando os cabelos do mundo. Estava com uma calça larga de cáqui e camisa branca de mangas curtas, e estava trabalhando no meio de uma nuvem de terra vermelha, como um gênio de cabelos escovinha que tivesse acabado de aparecer naquele lugar. Os pelos de seus braços estavam cobertos de poeira vermelha e o suor escorria das têmporas. O tendão do queixo estava contraído, portanto eu sabia que ele estava preparando uma revelação. A edificação das almas de sua família nunca sai dos pensamentos de meu pai. Com frequência ele diz que se vê na condição de capitão de um caos de mentes femininas que naufraga. Tenho certeza de que ele me acha cansativa, ainda assim prefiro passar o tempo com ele a fazer qualquer outra coisa.

Finalmente ele me perguntou:

— Leah, por que você acha que o Senhor nos deu as sementes para plantar, em vez de fazer o nosso jantar sair diretamente da terra como um punhado de pedras do campo?

Esta era uma imagem interessante. Enquanto eu pensava, ele pegou uma enxada que tinha cruzado o Atlântico na bolsa de nossa mãe e a prendeu na ponta de um cabo já preparado. *Por que* o Senhor nos tinha dado as sementes? Bem, na verdade era mais fácil trazê-las no bolso do que os legumes inteiros, mas não acho que Deus se interessasse pelas dificuldades de viagem. Eu tinha exatamente 14 anos e meio, e ainda estava me acostumando com o incômodo das visitas mensais. Acredito em Deus com todas as minhas forças, mas acho que esses detalhes estão muito abaixo de Sua dignidade.

Confessei que não sabia a resposta.

Ele testou o peso e a força de sua enxada e me observou. Ele é imponente, meu pai, com ombros largos e mãos enormes. É aquele tipo bonito, de cabelos cor-de-areia que as pessoas associam ao escocês enérgico, apesar de seu temperamento feroz.

— Porque, Leah, o Senhor ajuda a quem se ajuda.

— Oh! — gritei, e meu coração subiu à garganta, pois é claro que eu sabia *essa* resposta. Ai, se eu pudesse me lembrar sempre de tudo o que sei com rapidez suficiente para agradar a Papai.

Deus criou um mundo de trabalhos e recompensas, nos pratos de uma

grande balança.

Tirou o lenço do bolso para secar cuidadosamente o suor de um olho, e depois do outro. Ele tem uma cicatriz na têmpora e visão deficiente no olho esquerdo, resultantes de ferimentos de guerra de que ele jamais fala, pois não é homem de se vangloriar. Dobrou o lenço e o repôs no bolso. Depois me entregou a enxada e estendeu as duas mãos com as palmas para cima, para ilustrar a paisagem celestial.

— Pequenas obras de bondade ali — deixou cair um pouquinho a mão esquerda — pequenas recompensas aqui — e a mão direita caiu um mínimo, com o peso de uma recompensa insignificante.

— Grandes sacrifícios, grandes recompensas! — disse ele, deixando cair pesadamente as duas mãos, e desejei, com toda minha alma, o peso delicioso de toda a bondade que estava nas suas mãos.

Então ele esfregou as mãos, terminando a lição e me dispensou.

— Deus só espera que ofereçamos a nossa quota de suor para merecer o prêmio da vida, Leah.

Retomou a enxada e continuou a roubar da floresta um pequeno domínio quadrado, atacando a tarefa com tamanho vigor muscular, que certamente, e em pouco tempo, teríamos feijão e tomates até as orelhas. Eu sabia que a balança de Deus era muito grande e precisa: eu a imaginava como uma versão maior da balança do açougue do Piggly Wiggly. Jurei trabalhar duro para agradá-lo, superando todos os outros na devoção por revolver a terra para maior glória de Deus. Talvez algum dia eu ensine a toda a África como plantar cereais! Sem me queixar, fui buscar baldes e mais baldes de água da tina galvanizada na varanda de casa, para ele molhar a terra, um pouquinho de cada vez, à frente da enxada, para reter a poeira horrível. A lama vermelha colava-se na calça de Papai como o sangue de algum animal que ele tivesse matado. Estava caminhando atrás dele e descobri as flores cortadas de muitas orquídeas selvagens, pequenas e brilhantes. Olhei uma bem de perto. Era delicada e extraordinária, com uma língua amarela bulbosa e a garganta cheia de manchas marrons. Ninguém tinha plantado essas flores, tenho certeza, nem colhido; eram trabalhos que o Senhor tinha feito sozinho. Acho que ele não acreditou na capacidade de perseverança da humanidade no dia em que criou as flores.

Mama Bekwa Tataba parou para nos observar — uma mulher baixinha, preta retinta. Ela estava com os cotovelos espetados para fora, como se fossem asas, e um enorme balde esmaltado sobre a cabeça, maravilhosamente firme, apesar de sua cabeça balançar da esquerda para a direita. Para nós, Mama Tataba foi uma surpresa, seu trabalho era viver conosco e ganhar um pequeno salário em troca dos mesmos serviços que já tinha prestado para nosso antecessor na

missão de Kilanga, o irmão Fowles. Na verdade, ele nos tinha deixado dois hóspedes: Mama Tataba e um papagaio chamado Matusalém. Os dois tinham aprendido a língua inglesa, e aparentemente muito mais, pois o irmão Fowles havia partido deixando um mistério atrás de si. Do que ouvi de meus pais, entendi que ele criou algumas alianças pouco convencionais com as pessoas do lugar, além de ser um ianque. Eu os ouvi dizendo que ele era um irlandês de Nova York, o que pode representar muito, pois é sabido que eles são católicos papistas. Papai nos explicou que ele tinha ficado completamente louco por ter-se ligado à população local.

Foi por isso que a Liga das Missões finalmente nos permitiu vir. Inicialmente a liga insultou meu pai ao se recusar, mesmo depois da oferta de dízimos especiais durante um ano inteiro pela congregação de Bethlehem, a pagar o nosso voo até aqui para espalhar o nome de Jesus. Mas ninguém se ofereceu para o posto de Kilanga, e o casal Underdown tinha pedido para mandarem alguém estável e com família. Pois nós éramos uma família, e meu pai é firme como uma rocha. Ainda assim, o pastor Underdown tinha insistido em que nossa missão não durasse mais de um ano — imagino que por não ser tempo suficiente para nos deixar completamente loucos, só parcialmente, mesmo que as coisas não corressem bem.

O irmão Fowles ficou em Kilanga durante seis anos, tempo suficiente para cair em todos os pecados imagináveis. Não consigo imaginar como ele possa ter influenciado Mama Tataba. Mas nós precisávamos dela. Era ela quem trazia do rio toda a nossa água, limpava e acendia as lamparinas de querosene, rachava lenha e acendia o fogão e jogava baldes de cinzas no buraco da latrina. Ainda encontrava tempo para matar algumas cobras, mais ou menos como uma distração, nos intervalos entre os trabalhos mais pesados. Minhas irmãs e eu estávamos impressionadas com Mama Tataba, mas ainda não tínhamos nos acostumado a ela. Tinha um olho cego. Parecia uma gema quebrada de ovo, que tivesse sido misturada só uma vez. Quando ela parou no nosso jardim, eu olhei para seu olho ruim, enquanto ela fixava seu olho bom em meu pai.

— O que você procurar? Minhocas? — perguntou.

Ela virava ligeiramente a cabeça de um lado para o outro, avaliando o trabalho de meu pai com o que ele chamava de “seu monóculo preciso”. O balde galvanizado continuava perfeitamente firme na sua cabeça, uma grande coroa levitante.

— Estamos cultivando a terra, irmã — ele respondeu.

— Esse morde, irmão.

Ela estava apontando os dedos nodosos para uma arvorezinha com que ele estava lutando para arrancar de sua horta. Uma resina branca escorria do tronco

cortado. Meu pai enxugou as mãos na calça.

— Venenosa — ela completou finalmente, acentuando a terceira sílaba, como se estivesse igualmente cansada de todas as quatro.

Meu pai tornou a enxugar a testa e contou a parábola da semente de mostarda que cai na terra boa e da que cai na terra estéril. Pensei nos frascos da mostarda que passávamos nas salsichas nas ceias da paróquia — um mundo completamente à parte de qualquer coisa que Mama Tataba já tivesse visto. Para Papai, trazer a Palavra a um local como este era a obra de sua vida. Tive ímpetos de me lançar no seu pescoço e alisar o cabelo emaranhado.

Mama Tataba não parecia estar ouvindo. Ela apontou mais uma vez para a terra vermelha.

— Ter de fazer morros.

Ele defendeu sua horta, alto como Golias, puro de coração como Davi. Uma película de pó vermelho no seu cabelo e sobrancelhas e na ponta do seu queixo forte lhe dava um ar diabólico que não fazia justiça à sua natureza. Ele passou a mão sardenta nas têmporas, onde o cabelo era curto, e depois sobre o cabelo desgrenhado no alto da cabeça, onde Mamãe deixa crescer. Durante todo este tempo ele esteve observando Mama Tataba com tolerância cristã, parando para elaborar a mensagem.

— Mama Tataba, tenho cuidado da terra desde quando comecei a acompanhar meu pai — disse por fim.

Qualquer coisa que ele diga, mesmo sobre um carro ou sobre um serviço do eletricitista, sempre sai assim — em termos que parecem sacros.

Mama Tataba chutou a terra com a sola plana do pé e olhou com uma cara ruim.

— Não crescer. Ter de fazer morro.

Voltou-se em seguida e foi ajudar minha mãe a lavar o chão da casa com *Clorox* para matar micróbios.

Fiquei chocada. Na Georgia eu tinha visto gente com raiva de meu pai, ou intimidada por ele, mas nunca alguém que o tratasse com desprezo. Nunca.

— O que quer dizer, fazer morros? E por que ela acha que aquela planta vai morder o senhor?

Ele não mostrou a menor preocupação, e seu cabelo brilhava como se tivesse sido incendiado pelo sol poente.

— Leah, nosso mundo é cheio de mistérios — respondeu confiante.

Entre todos os mistérios da África, aqui estavam dois que se revelaram imediatamente. No dia seguinte, meu pai acordou com uma ferida enorme nas

mãos e nos braços, presumivelmente atacado pela planta que morde. Seu olho bom, o direito, estava fechado de tão inchado, pois ele tinha passado a mão na sobrelanceira. Um pus amarelo escorria como resina de sua pele riscada. Gritou quando Mamãe tentou lhe aplicar uma pomada. “Me diga, como fui merecer isso?” ouvimos ele gritar através da porta fechada do quarto do casal. “Ai! Deus Todo Poderoso, Orleanna. Como esta maldição caiu sobre mim, se a vontade de Deus é que cultivemos o solo!” A porta se abriu com um estrondo e Papai saiu como uma bala. Mamãe correu atrás dele com ataduras, mas ele a espantou com raiva e saiu para a varanda. Mas no final ele teve de voltar e deixá-la cuidar dele. Ela teve de improvisar curativos com panos limpos nas suas mãos para ele poder pegar no garfo ou na Bíblia.

Logo depois das orações saí para ver o progresso da nossa horta e entendi o que Mama Tataba queria dizer quando falou de morros: para mim pareciam sepulturas, com a largura e comprimento de uma pessoa normal. Durante a noite ela tinha dado ao nosso jardim a forma de oito sepulturas de terra. Fui buscar meu pai, que veio depressa, como se eu tivesse descoberto uma cobra que ele tivesse de matar. Ele estava num paroxismo de exasperação. Apertou os olhos para avaliar a situação real da nossa horta. Então nós dois, sem trocar uma palavra, nivelamos a terra como a Grande Planície Americana. Eu mesma manejei a enxada, para poupar suas mãos feridas. Fiz com o dedo riscos longos e retos, e enterramos dentro deles mais sementes preciosas. Na ponta de cada risco fincamos um pauzinho com um envelope colorido de semente — abóbora, feijão e moranga — para nos lembrar do que esperar.

Alguns dias depois, quando Papai já tinha recuperado a compostura e os dois olhos, ele me assegurou que Mama Tataba não tinha tido a intenção de estragar a nossa horta de demonstração. Segundo ele, ela estava seguindo costumes nativos. Nós iríamos precisar da paciência de Jó. “À sua maneira, ela só está querendo ajudar”, disse.

É isso que eu mais admiro em Papai: não importa o quanto tudo vai mal, ele acaba encontrando uma forma de se recompor. Alguns o acham muito severo e assustador, mas isso é apenas porque ele é dotado de acuidade de julgamento e pureza de coração. Ele foi escolhido para uma vida de sofrimento, tal como Jesus. Por ser o primeiro a perceber defeitos e pecados, cabe a Papai a tarefa de dar penitência. Ainda assim ele está sempre pronto a reconhecer a salvação potencial que mora no coração do pecador. Tenho certeza de que um dia, quando eu tiver crescido no Espírito Santo, terei sua aprovação sem reservas.

Nem todo mundo percebe, mas o coração de meu pai é tão grande quanto suas mãos. E é grande o seu saber. Ele não é um daqueles ministros atrasados que insistem em pegar cobras venenosas, em jogar bebês para o alto ou mesmo

em gritar sílabas sem sentido. Meu pai prefere o esclarecimento. Quando criança, ele aprendeu sozinho a ler partes da Bíblia em hebraico, e antes de irmos para a África, ele nos fez estudar francês para maior sucesso de nossa missão. Ele já esteve em muitos lugares, inclusive em outra selva estrangeira, nas Filipinas, onde foi herói, ferido durante a Segunda Guerra Mundial. Portanto, ele já viu praticamente de tudo.

Rachel

No Domingo de Páscoa no Congo, é claro que as meninas da família Price não iam ter roupas novas para vestir. Fomos para a igreja com os mesmos sapatos e vestidos que usamos em todos os outros domingos africanos. Sem luvas brancas, nem é preciso dizer. E sem podermos nos arrumar, pois o único espelho da casa é o meu espelho de marfim de imitação, que temos todas de dividir. Mamãe o colocou na mesa da sala de estar, apoiado na parede, e cada vez que Mama Tataba passa na frente, ela grita como se tivesse sido mordida por uma cobra. Assim, Domingo de Páscoa de sandálias manchadas de terra, maravilhosas, com certeza. Mas tenho de reconhecer que minhas irmãs não ligam. Ruth May é o tipo de gente capaz de ir de jeans *Blue Bell* ao próprio velório. E as duas gêmeas também nunca deram a mínima para a aparência. Antes de nascerem, elas passaram tanto tempo olhando uma para a cara da outra que agora poderiam passar a vida inteira sem ao menos olhar para um espelho.

E já que estamos nesse assunto, vocês deveriam ver o que vestem os congoleses. As crianças vestem farrapos vindos da caridade batista ou não vestem nada. Combinação de cores não é um de seus pontos fortes. Homens e mulheres adultos parecem achar que um xadrez vermelho combina com um floral cor-de-rosa. As mulheres usam um sarongue feito de tecido, com um quadrado grande de outro tecido diferente enrolado por cima. Nunca usam jeans nem calças — jamais. Os seios podem gozar a brisa, mas as pernas ficam completamente escondidas. Quando Mamãe põe o pé fora de casa com sua calça *Capri*^[5] preta, minha nossa, eles abrem a boca e ficam olhando. Outro dia um homem deu de cara numa árvore em frente à nossa casa e acabou perdendo um dente, graças à calça justa de Mamãe. As mulheres só usam um tipo de roupa e nenhum outro. Mas os homens são outra história. Eles se vestem de forma completamente diferente de qualquer lugar no mundo: alguns usam camisas compridas, feitas do mesmo tecido florido que as mulheres usam. Ou então eles enrolam o tecido num dos ombros, como Hércules. Outros usam camisas americanas com botões e shorts de cores desbotadas. Alguns dos homens menores passeiam com camisetas decoradas com desenhos de criança e ninguém parece entender a piada. O que perdeu o dente tem uma roupa roxa com botões de aço que parece um uniforme velho de faxineiro. Quanto aos acessórios, nem sei por onde começar. As sandálias feitas de pneu são populares. Também os

sapatos antigos de ponta recurvada para cima, galochas pretas e abertas de borracha, sandálias havaianas de plástico cor-de-rosa e os pés descalços — qualquer um desses vai bem com qualquer das roupas que eu já falei. Da mesma forma, óculos de sol, óculos comuns, chapéus, ou sem chapéu. Talvez até mesmo um capuz de tricô de lã com um pompom no alto ou uma boina amarela de mulher — já vi todas essas maravilhas e muitas outras. A atitude deles com relação à roupa parece ser: se tem, use. Alguns homens andam sempre preparados para uma nevasca tropical inesperada, enquanto outros vestem escandalosamente muito pouco — só um calção. Quando a gente vê, parece que cada homem se preparou para um festa diferente e de repente acabaram todos jogados aqui.

Foi este o aspecto do Domingo de Páscoa na nossa igreja. Bem, de qualquer forma, aquela não era a igreja para anáguas e couro legítimo. As paredes são todas abertas. Os passarinhos podiam entrar voando e fazer um ninho no cabelo da gente. Papai tinha feito um altar de folhas de palmeira que era até bastante apresentável, de um jeito meio rústico, mas a gente ainda via o carvão e as manchas pretas da fogueira que eles fizeram no dia da nossa chegada, para o banquete de boas-vindas. Era uma lembrança desagradável de Sodoma e Gomorra e tudo o mais. Eu ainda ia ter náuseas da carne de bode se conseguisse pensar nela. Não consegui engolir. Fiquei com aquele pedaço na boca durante a noite toda e cuspi ao lado da casinha quando chegamos em casa.

Está certo, sem vestido novo. Mas nem pude me queixar *disso*, porque, adivinhe! Nem era um Domingo de Páscoa de verdade. Nós chegamos exatamente no meio do verão, longe de qualquer dia santo. Papai ficou desapontado, até fazer a descoberta chocante de que dias e meses não significam nada para as pessoas desta aldeia. Eles não fazem a menor diferença entre o domingo e a terça ou a sexta ou o dia 12 de qualquer mês! Eles contam até cinco, chega o dia do mercado, e começa tudo de novo. Um dos homens da congregação confessou a Papai que eles ficavam confusos com relação aos cristãos por causa dessa história de ter de ir à igreja todo dia, como parecia a eles, em vez de somente no dia do mercado. Para nós foi um espanto! Portanto, Papai descobriu que não tinha nada a perder se anunciasse o seu próprio calendário e celebrasse a Páscoa no dia 4 de Julho. Por que não? Ele disse que só precisava de um acontecimento para animar a igreja.

O grande acontecimento da Páscoa de mentira foi a procissão, organizada por Papai e quem mais pudesse aumentar a animação. Até então a frequência à igreja em Kilanga tinha sido marcada por uma ausência quase absoluta. Assim Papai imaginou essa procissão como uma indicação espetacular de que as coisas estavam melhorando. Quatro homens, inclusive o que usava uniforme de

faxineiro e outro com uma perna só, representaram o papel dos soldados e usavam lanças de verdade. (Como os serviços não previam mulheres, nenhuma deveria ser morta durante a representação.) De início os homens queriam que alguém fizesse o papel de Jesus e se levantasse de entre os mortos, mas Papai se opôs por princípio. Assim eles apenas se vestiram como guardas romanos e ficaram rindo em volta do túmulo com alegria pagã por terem matado Deus, e depois, no segundo ato, demonstraram muito desapontamento ao encontrar o túmulo aberto.

Não gostei de ficar olhando aqueles homens na procissão. Não estamos acostumados com a raça africana, já que na nossa terra eles ficam nas suas partes da cidade. Aqui não, é claro, pois a cidade inteira é a sua parte da cidade. Além disso, esses homens na procissão estavam sendo muito reais. Não vi qualquer necessidade deles terem de ser tão *africanos* em tudo. Estavam usando braceletes de aço nos braços negros e tecidos soltos mais ou menos presos na cintura. (Até o pernetá!) Entraram correndo e saltando na igreja, com as mesmas lanças pesadas que usam para matar animais. A gente sabia que eles caçavam. As mulheres vinham à nossa porta trazendo pernas de alguma coisa pingando sangue, mortas há menos de dez minutos. Acho que Papai espera que, antes do fim desta aventura, suas filhas estejam comendo rinocerontes. Nosso alimento de todo o dia é antílope. Elas começaram a trazer já na primeira semana. Até mesmo, certa vez, um macaco.

Mama Tataba ficava discutindo com as mulheres na porta, e então virava para nós com os braços levantados como um campeão de boxe, mostrando o nosso jantar. Ai, meu Deus, me diga que tudo já acabou! Então ela saía para a cabana onde está a cozinha e fazia um fogo enorme, que a gente pensava que ela era o Cabo Carnaveral lançando um foguete. Ela cozinha qualquer coisa viva ou morta, mas, graças a Deus, Mamãe recusou o macaco e seu sorriso morto. Disse a Mama Tataba que nós preferíamos coisas menos parecidas com nossos parentes.

Assim, quando os homens entraram pelo corredor da igreja brandindo lanças manchadas de sangue, já foi um progresso, mas não foi exatamente o que Papai esperava. Ele tinha imaginado um batismo. Todo o projeto da Páscoa em julho deveria ter sido um chamado ao altar, seguido de uma procissão alegre até o rio, onde as crianças vestidas todas de branco seriam salvas. Papai ia ficar no rio, com a água pela cintura e um braço erguido, igual a São João Batista, e os mergulharia, um por um. O rio ia ficar cheio de almas purificadas.

Há um riacho que passa pela aldeia, com pequenas lagoas onde as pessoas lavam as roupas e pegam água para beber, mas não era bastante fundo nem largo para dar o efeito batismal esperado. Para Papai teria de ser o grande Rio Kwilu

ou nada. Eu sabia exatamente como ele imaginava a cerimônia, e na verdade podia ter sido uma coisa bonita de se ver.

Mas os homens disseram que não, não era possível. As mulheres se opuseram de tal forma à ideia de serem mergulhadas no rio, que seguraram os filhos bem longe da igreja naquele dia. Assim os pontos mais importantes da procissão de Papai não aconteceram em Kilanga. Como nós, Mamãe e Mama Tataba éramos as únicas mulheres na plateia, e como todos os homens aptos estavam na peça, a maior parte da plateia ou estava sonhando acordada ou estava examinando o conteúdo das narinas.

Mais tarde, em vez de batismo, Papai atraiu as pessoas para a beira do rio, usando o velho truque da ceia da igreja. Fizemos um piquenique às margens do Kwilu, que tem um delicioso perfume de lama e peixe morto. Famílias que nunca atravessaram a porta da igreja, que aliás não tem porta, se juntaram a nós no piquenique. O que é natural, já que nós trouxemos a maior parte da comida. Eles parecem pensar que nós somos uma espécie de Papai Noel, pela forma como as crianças nos cercam todo santo dia, pedindo comida e coisas — logo nós, pobres como ratos de igreja! Uma mulher que tentou nos vender suas cestas feitas à mão olhou para dentro de casa e viu nossa tesoura e pediu na hora para ficar com ela! Imagine a audácia.

Assim, todos eles vieram ao piquenique: as mulheres com turbantes coloridos como se a cabeça fosse um presente de aniversário. As crianças, com as poucas roupas que tinham — mesmo assim apenas em atenção a nós, depois da explosão de Papai com relação ao pequeno problema do código de roupas. De certa forma eles sempre pareciam nus. Algumas das mulheres carregavam recém-nascidos, coisinhas pequeninas de cara franzida, que as mulheres arrumam como grandes embrulhos de panos e cobertores e até toucas de lã, e nesse calor! Acho que só para mostrar como são importantes. Com toda essa poeira e sujeira, e como não acontece quase nada de novo e bonito, uma criança é realmente um grande acontecimento.

É claro, todo mundo ficou olhando para *mim*, como sempre acontece aqui. Sou a loura mais clara que se pode imaginar. Tenho olhos azul-safira, com cílios e cabelos platinados que descem até a cintura. É tão fino que tenho de usar o shampoo *Breck* Fórmula Especial, e não consigo nem pensar no que vai ser quando acabar o único frasco que Papai me deixou trazer: vou ter de bater meu cabelo na pedra como Mama Tataba faz com as nossas roupas, lindo! Por sua própria conta os congolesees parecem incapazes de produzir qualquer coisa para o cabelo — a metade é careca como um besouro, até as meninas. É desconcertante ver uma menina grande com um vestido franzido e nem um cabelo na cabeça. Por isso elas têm tanta inveja do meu, que geralmente se aproximam e dão um

puxão. O que é impressionante é que meus pais não se importam com essa situação. Em algumas coisas eles são tão severos que era melhor ter pais comunistas, mas quando se trata de alguma coisa importante de verdade, aí, bem! A falta de firmeza passa a ser a regra.

O piquenique de Páscoa do dia 4 de Julho foi uma eternidade monótona numa tarde congoleza. Apesar da margem do rio parecer atraente à distância, quando a gente chega lá não tem nada de bonito: uma lama escorregadia e malcheirosa, cercada por uma massa de arbustos entrelaçados de lindas flores amarelas, tão grandes que, se a gente tentar prender uma atrás da orelha, como a Dorothy Lamour, vai ficar parecendo uma tigela de sopa *Melmac*. O Rio Kwilu não é como o Jordão, frio e largo. É um rio preguiçoso, de águas quentes como a água do banho, onde se diz que os crocodilos rolam como troncos na água. Do outro lado também não há mel e leite, só mais mata espinhenta que se perde na bruma, tão distante quanto as lembranças dos piqueniques da Georgia. Fechei os olhos e sonhei com refrigerantes de verdade em latinhas. Nós todos comemos o frango frito que Mamãe matou, arrancou a cabeça e preparou à moda do Sul.

Foram os mesmos frangos que Ruth May tinha perseguido em casa naquela mesma manhã antes do culto. Minhas irmãs estavam meio apáticas, mas eu fiquei mordendo feliz o ossinho da coxa! Considerando a minha situação, não ia me deixar aborrecer com o espectro da morte no nosso piquenique. Estava feliz pelo gosto de alguma coisa que ligava este calor horroroso com um verão de verdade.

As galinhas foram outra surpresa para nós, como Mama Tataba. Era um bando enorme de galinhas de um xadrez preto e branco, à nossa espera quando chegamos. Já não cabiam no galinheiro e estavam se empoleirando por todo lado, onde quer que achassem um lugar, pois desde a partida do irmão Fowles, naquele período de bagunça entre duas missões, elas tinham começado a esconder os ovos. O povo da aldeia tinha tentado ajudar, comendo algumas antes da nossa chegada, mas acho que Mama Tataba os tinha afastado com um porrete. Foi Mamãe que decidiu oferecer a maior parte do bando no piquenique, como uma oferta de paz. Na manhã do piquenique, ao raiar do dia ela começou a matar e fritar todas aquelas galinhas. Durante o piquenique ela passeava no meio da multidão oferecendo coxas para as crianças, que pareciam felizes como raposas no galinheiro, lambendo os dedos e cantando hinos. Ainda assim, apesar de todo o trabalho diante de um fogão quente, Papai nem percebeu como ela tinha conquistado o povo. Ele estava com o pensamento longe. Só olhava para o rio, onde ninguém ia mergulhar naquele dia. Apenas grandes tapetes de vegetação passavam boiando com grandes aves pernalongas passeando em cima, cada uma delas certamente imaginando que ele era o rei do mundo.

Fiquei com raiva de Papai por ter-nos forçado a ir lá. Mas era evidente que ele também estava com raiva, uma coisa feroz. Quando ele põe alguma coisa na cabeça é melhor se preparar, porque ele acaba realizando. O piquenique foi uma festa, mas não foi o que ele queria. Não significou nada em termos de redenção.

Ruth May

Se uma pessoa está com fome, por que fica com a barriga estufada? Eu não sei.

Aqui as crianças são chamadas de Tumba, Bangwa, Mazuzi, Nsimba e outras coisas. Um deles sempre vem ao nosso quintal e não sei seu nome. Ele é quase do tamanho das minhas irmãs, mas não veste nada além de uma camisa cinzenta sem botões e cueca cinzenta larga. Tem uma barriga enorme e redonda, e o umbigo estufado como se fosse uma bola preta. Sei quando é ele por causa da camisa e da calça, não por causa do umbigo. Todos têm o umbigo assim. Eu pensei que fossem todos gordos, mas Papai disse que não. Eles têm muita fome e não tomam vitaminas. E Deus ainda faz eles parecerem gordos. Acho que é por serem da tribo de Cam.

Uma delas é uma menina, por causa do vestido. É um vestido plissado roxo com a blusa toda rasgada, e assim aparece um dos seus peitos, mas ela continua usando como se nem ela nem ninguém mais notasse. Ela também tem sapatos. Já foram brancos, mas agora são da cor de terra. Qualquer coisa que tenha sido branca não é branca aqui. Não é uma cor que a gente já tenha visto. Até uma flor branca abrindo num arbusto parece condenada para este mundo.

Eu só trouxe dois brinquedos: limpadores de cachimbo e um macaco de pano. O macaco de pano já sumiu. Deixei na varanda e no dia seguinte ele sumiu. Um daqueles meninos roubou, e isso é um pecado grave. Papai diz que a gente tem de perdoar porque eles não sabem o que fazem. Mamãe diz que isso não pode ser chamado de pecado, porque eles têm tanta falta de tanta coisa! Aí eu não sei se é pecado ou não é. Mas eu fiquei com raiva, dei um chique e fiz xixi na calça. Meu macaco de pano se chamava São Mateus.

Todos os homens adultos no Congo têm o nome de Tata Qualquer Coisa. Um que se chama Tata Undo^[6], esse é o chefe. Ele usa uma roupa completa, com peles de gato e tudo mais e um chapéu. Papai teve de fazer uma visita a Tata Undo para dar ao diabo o que é do diabo. E as mulheres são todas Mama Qualquer Coisa, mesmo quando não têm filho. Como a Mama Tataba, nossa cozinheira. Rachel lhe deu o apelido de Mama Batata, mas ela não cozinha batatas. Que bom, se ela cozinhasse!

A mulher que mora na casa perto da nossa é a Mama Mwanza. Uma vez o teto pegou fogo e caiu em cima dela e queimou as pernas, mas não o resto dela. Isso aconteceu há muito tempo. Mama Tataba contou isso para Mamãe na

cozinha e eu ouvi. Elas não falam de coisas ruins na frente de minhas irmãs, mas eu ouço o quanto quiser quando vou à cozinha pegar uma banana e descascar para comer. Mama Tataba guarda o cacho de bananas inteiro num canto e assim as tarântulas que moram no cacho podem sair quando têm vontade. Eu sentei quietinha no chão e descasquei uma banana, como o São Mateus, se ele fosse um macaco de verdade e não tivesse sumido, e ouvi as duas falando sobre a mulher que foi queimada. Os tetos queimam porque são feitos de paus e palhas como nos *Três Porquinhos*. O lobo soprou, bufou e jogou a casa no chão. Até mesmo a nossa. Ela é melhor do que as outras, mas não é de tijolo. As pernas de Mama Mwanza não sumiram, mas parece que ela tem um travesseiro lá embaixo para se sentar, embrulhado num saco de pano. Ela tem de se arrastar usando as mãos. A palma de suas mãos parece a planta dos pés dos outros, só que com dedos. Eu fui na sua casa e dei uma boa olhada nas mãos e nas filhas dela, todos sem roupa. Ela foi simpática e me deu uma laranja para chupar. Mamãe não sabe.

Mama Mwanza quase morreu queimada quando tudo isso aconteceu, mas depois ela ficou melhor. Mamãe falou que foi azar dela, porque agora ela tem de continuar cuidando do marido e dos sete ou oito filhos. Eles não ligam para ela não ter as pernas. Para eles, ela é só a mamãe e cadê o almoço? Para todas as outras pessoas do Congo também. Eles nem ligam, como se ela fosse uma pessoa normal. Ninguém pisca nem um olho quando ela passa arrastando o corpo com as mãos e vai para a beira do rio para lavar as roupas junto com todas as outras mulheres todo dia. Ela carrega tudo numa cesta em cima da cabeça. É tão grande quanto a cesta de roupa branca da Mamãe lá na nossa terra, e parece que ela tem mil coisas guardadas lá dentro. Quando ela se arrasta pela estrada não cai nada. Todas as outras mulheres também carregam a roupa na cabeça e ninguém presta atenção na Mama Mwanza.

Mas eles ficam olhando para *a gente*. Olham mais para a Rachel. Primeiro Papai e Mamãe pensaram que ia ser bom alguém baixar um pouco o topete dela. Papai disse para Mamãe: “Uma menina não pode ficar pensando que é melhor que as outras só porque é loura como um coelho branco”. Eu contei para Leah e ela riu muito. Eu também sou loura, mas não sou tão branca como um coelho. Uma loura do tipo morango, Mamãe diz que eu sou. Por isso eu espero que ninguém tenha de baixar o meu topete, como o da Rachel. Gosto mais de morangos do que de qualquer outra coisa. A gente pode ter um coelho como bicho de estimação ou comer. Pobre Rachel! Toda vez que ela sai, bandos de crianças congolesas saem correndo atrás dela puxando o cabelo para ver se sai. Às vezes até os adultos também. Leah me disse que é porque eles acham que não é cabelo dela, e que ela usa alguma coisa diferente presa na cabeça.

Também são de Rachel as piores queimaduras de sol. Eu não fico queimada

como ela. A cor favorita de Rachel é cor-de-rosa, e isso é bom pois essa é a cor dela. Papai diz que esse é o preço que as moças pagam para aprender a humildade, e que Deus marca para todas o caminho que elas têm de escolher.

Mamãe diz: “Mas por que eles têm de olhar para a gente como se a gente fosse uma aberração da natureza?”

Rachel já foi a nossa Miss, agora ela é uma aberração da natureza. Antes era só a Adah que tinha algo errado com ela. Mas aqui ninguém fica olhando para a Adah, só um pouquinho, porque ela é branca. Ninguém liga por ela ter um lado todo ruim, pois aqui todo mundo tem filho aleijado ou a mãe sem pernas ou sem um olho. Quando a gente olha para a rua tem alguém passando que perdeu alguma coisa e não tem a menor vergonha. Eles balançam o toco de braço, se têm um, e saúdam alegres.

Primeiro Mamãe zangava com a gente porque a gente olhava e apontava para os outros. “Será que eu tenho que ficar repetindo a toda hora para vocês não ficarem olhando?” Mas agora Mamãe também olha. Às vezes ela fala para a gente ou para ela mesma, “aquele que não tem os dedos é o Tata Zinsana, não é mesmo?” Ou então: “Aquele papo debaixo do queixo, parecendo um ovo de gansa, é assim que eu lembro a Mama Nguza”.

Papai disse:

— Eles vivem na escuridão. Quebrados de corpo e alma, nem sabem que podem ser salvos.

Mamãe respondeu:

— Talvez eles tenham uma percepção diferente de seus corpos.

Papai diz que o corpo é um templo, mas Mamãe às vezes fala o contrário. Ela não responde brigando, mas quase. Uma vez ela estava costurando umas cortinas com pano de fazer roupa, para que eles não ficassem olhando o tempo todo para nós, e estava com a boca cheia de alfinetes.

Ela tirou os alfinetes da boca e falou para ele:

— Aqui na África, todo dia esse templo tem muito trabalho a fazer. Preste atenção, Nathan, aqui eles usam o corpo como nós usamos *coisas* na nossa terra, como roupas ou ferramentas de jardim. Enquanto você gasta os joelhos das suas calças, eles têm de gastar o próprio joelho.

Papai olhou duro porque Mamãe estava respondendo. Mas ela continuou.

— Pois, meu senhor, é assim que eu vejo, é isto que eu observo. Parece-me que seus corpos ficam gastos como ficam gastas as nossas coisas do mundo.

Mamãe não estava sendo malcriada. Ela o chama de *senhor*, como chama a gente de *querida*, quando quer agradar. Mas se fosse eu que estivesse falando daquele jeito, ele ia dizer: “Cuidado com o que você diz, menina.” Acho que ele estava preparando uma resposta assim para ela. Ele ficou parado em frente à

porta da frente, com o sol brilhando em volta dele. Ele é tão grande que quase enche toda a porta, a cabeça quase encostava lá em cima. E Mamãe estava sentada perto da mesa e continuou a costurar.

Ele disse:

— Orleanna, o corpo humano é mais precioso do que uma calça cáqui da Sears & Roebuck. Espero que você entenda a diferença.

Então ele olhou para ela com um olho mau e disse:

— Logo você!

Ela ficou vermelha, respirou fundo e disse:

— Até mesmo uma coisa preciosa se gasta com o tempo. Considerando o que eles têm de enfrentar aqui, acho que para eles essa atitude não é tão errada.

Aí a Mamãe colocou os alfinetes de volta na boca e acabou a conversa.

Ele não disse nada, nem sim nem não, virou e saiu. Ele não gosta de respostas. Se fosse eu, minha nossa! A correia de afiar navalha queima, e depois, quando a gente vai dormir fica sentindo a perna listrada como uma zebra.

Mas tem uma coisa que Papai gastou: a cadeira verde de balanço que ele tem na sala da nossa casa lá em Bethlehem, Georgia. A gente vê os fios brancos com a forma do assento do Papai. Não parece muito educado, e só ele podia ter gasto. Ele senta nela de noite e lê e lê. De vez em quando ele lê alto para nós, quando nós temos de aprender as histórias das escrituras. Às vezes eu começo a arrancar cascas de ferida ou a pensar nos desenhos animados em vez de pensar em Jesus e ele percebe. Mas Jesus me ama e eu sei que ninguém senta naquela cadeira, a não ser o Papai.

Mamãe falou que tem um homem com mulher, duas filhas e um bebê morando na nossa casa em Bethlehem, Georgia. Enquanto estamos viajando, o homem é o pastor. Espero que saiba como é a cadeira do Papai, porque se ele sentar, vai ser um Deus nos acuda!

Adah

NÃO FOI DIABÓLICO NEM DIVINO; apenas abriu as portas da prisão do meu temperamento; e tal como os cativos de Philippi, o que estava preso saiu à luz. É como eu me sinto. Viver no Congo abre as portas da prisão do meu temperamento e deixa sair todas as Adahs do mal.

Na hora do estudo, para diversão da minha Adah depravada, escrevi de memória aquela citação num pedacinho triangular de papel, e passei para Leah com a pergunta: *DE QUAL LIVRO DA BÍBLIA?* A Leah se imagina a melhor aluna de Pai Nosso em assuntos bíblicos. *Melhor aluna: anula rohlem.* A lunática leu a citação, balançando a cabeça solenemente, e escreveu em baixo, *Livro de Lucas. Não sei o versículo.*

Rá! Dou gargalhadas sem mostrar nem mesmo um sorriso. A citação é de *O Estranho caso de Dr. Jekyll and Mr. Hyde*, que já li muitas vezes. Tenho muita simpatia pelos desejos escusos do Dr. Jekyll e pelo corpo deformado de Mr. Hyde.

Antes de deixarmos Bethlehem e suas tristes bibliotecas, já tinha lido *O progresso do peregrino* e *Paraíso perdido*, que têm enredos mais fracos do que o de Dr. Jekyll, além de muitos outros livros de que Pai Nosso nada sabe, inclusive os poemas de Emily Dickinson e *Os contos do grotesco e do arabesco* do Sr. Edgar Allan Poe. Sou fã do Sr. Poe e de seu corvo revelador.

É Mamãe que percebe e nada diz. Foi ela quem começou tudo, ao ler os Salmos e vários clássicos da família para Leah e eu. Mamãe aprecia a Bíblia como um pagão, adora frases como “purificai-me com Hissopo” e “touro forte de Bashan me cercaram” e “tiraste-me o luto e me envolveste em alegria”. Acho que ela gostaria de sair pelos campos vestida de preto, colhendo hissopos entre touros selvagens, não fossem as obrigações maiores da Maternidade. Ela se sente particularmente atacada pelo status, de Leah e meu, de crianças excepcionais. Quando entramos para o primeiro grau, fomos examinadas pela diretora solteira da Escola Elementar de Bethlehem, Miss Leep, que anunciou que éramos bem-dotadas: Leah pelas notas brilhantes em leitura e compreensão e eu por associação, uma vez que se acredita que tenhamos cérebros iguais, pelo menos as partes não afetadas. Isso foi um choque para Mamãe, que até então não nos tinha oferecido qualquer educação além de ensinar os nomes das flores nativas que cresciam ao lado das estradas por onde andávamos descalças (isso quando o

olhar causticante de Papai não estava sobre nós: O sol amarelava-nos, sona valer amá-lo só!) indo da paróquia até o mercado da esquina. Minhas primeiras lembranças de Mamãe estão na grama, de olhos azuis, rindo, ela própria uma criança rolando de um lado para o outro, enfeitada de joias de trevo púrpura feitas por Rachel e Leah. Como Leah e eu passamos a ser bem-dotadas, então tudo mudou. A notícia transmitida por nossos professores tornou Mamãe mais compenetrada, como se tivesse recebido um castigo especial de Deus. Tornou-se reticente e eficiente. Restringiu nossos passeios pela natureza e passou a usar seu cartão da biblioteca.

No que se refere a Pai Nosso, o segredo que ela desejava não era absolutamente necessário. Ao ouvir pela primeira vez as novas trazidas por Miss Leep, ele fez a cara que teria feito se lhe contassem que os dois cachorros do quintal estavam assobiando “Dixie”. Avisou Mamãe para não se orgulhar da Vontade de Deus e não esperar demais para nós duas. Como gosta de dizer até hoje, ele acha que, “mandar uma menina para a universidade é como jogar água no pé. É difícil dizer o que é pior: se é ver a água se perder, ou não se perder mas estragar os sapatos”.

Assim sendo, meu sapato nunca será estragado numa universidade, mas tenho uma dívida de gratidão para com Miss Leep por me ter tirado do monturo da escola elementar. Uma diretora menos observadora teria colocado Leah na turma dos bem-dotados e Adah na turma de Educação Especial, com os mongoloides e os seis irmãos Crawley, que passam o tempo todo chupando o polegar e puxando as orelhas, e lá eu iria ficar, para aprender a puxar a orelha. Mongoloide, nula, retardada. Até hoje eu aprecio essa palavra que tem o gosto suave de amêndoas.

Ah! Mas as matronas de Bethlehem ficaram chocadas ao ver aquela coitadinha elevada a uma turma mais adiantada que a de seus filhos, e se tornar ali um milagre matemático. Na terceira série, comecei a somar de cabeça a conta da mercearia, escrever e apresentar o resultado antes de Delma Royce na caixa registradora. Isto acabou ficando conhecido e sempre atraiu multidões. Não tenho ideia da razão. Eu só me sentia atraída por aqueles números soltos que precisavam ser ordenados. Ninguém parecia entender que somar exige apenas uma inteligência elementar básica e boa concentração. Poesia é muito mais difícil. E também os palíndromos, com seu gosto perfeito: palíndromo! Ainda assim, são as somas da mercearia que impressionam.

Minha distração é ignorar os prêmios e ser excelente no que me interessa. Leio e falo francês, que é falado por qualquer um em Kilanga que tenha frequentado a escola Underdown. Minhas irmãs não pararam o tempo suficiente para aprender francês. Falar, assim como o resto das acrobacias da vida, sob

certos aspectos, pode ser encarado como uma distração.

Quando termino de ler um livro do início para o fim, eu o leio do fim para o início. É diferente o livro quando lido do fim para o começo, e podem-se aprender assim coisas novas. Novas coisas assim aprender podem-se e, começo o para fim do lido quando o livro diferente é?

Pode-se concordar ou não. Esta é uma forma nova de ler, embora eu tenha sido informada de que um cérebro normal não consegue dominá-la. Savon sasioc missa rednerpa es-medop e, oçemoc o arap mif od odil odnauq etnerefid é orvil o. Conforme me disseram, a pessoa normal só vê as palavras como eu vejo se forem adequadamente poéticas: Ada ama siri, Iris ama Ada.

Acostumei-me a pensar que meu nome é Ecirp Nelle Hada. Às vezes escrevo assim, sem pensar, e as pessoas se espantam. Para elas eu sou apenas Adah, ou para minhas irmãs, um monossílabo triste Ade, como *Band-Aid*, *Gatorade*, Cleide.

Prefiro Ada, porque é igual nos dois sentidos, como eu. Sou um palíndromo perfeito. Saudável Ada leva duas. Escrevi na capa de meu caderno, como um aviso para os outros:

ELAPSED OR ESTEEMED, ALL ADE MEETS ERODES PALE!^[7]

Prefiro escrever o nome de minha irmã gêmea como *Lee*, pois assim, vista de trás como eu geralmente a vejo, ela parece ser aquele músculo escorregadio que realmente é.^[8]

O Congo é um lugar excelente para aprender a ler o mesmo livro muitas vezes. Especialmente quando a chuva cai, temos muitas horas de cativo, em que minhas irmãs se entediam deliberadamente. Mas existem os livros, os livros existem! Palavras vivas que convidam meus olhos para dançar na página com elas. Todos terminam com a primeira passada, e Ada ainda faz descobertas, antes e depois.

Quando a estação chuvosa se abateu sobre nós em Kilanga, parecia uma praga. Já nos tinham alertado para as chuvas de outubro, mas já no final de julho — o que não surpreendeu a ninguém em Kilanga, a não ser a nós — os céus serenos começaram a despejar baldes. Sedlab rajepsed! Choveu a cântaros, como diz Mamãe. Choveu cães e gatos, patos e ratos e então choveu cobras e lagartos. Uma epidemia de chuva como nenhuma que já tivéssemos visto ou imaginado na Georgia.

Sob a pingadeira da varanda, nosso hóspede Matusalém gritava como se afogado na sua gaiola. Matusalém é um papagaio cinzento da África, sua cabeça tem um aspecto escamoso, olhos agudos e céticos igual ao de Miss Leep, e uma

cauda vermelha. Sua residência é uma gaiola de bambu, da altura de Ruth May. O poleiro é um pedaço de um antigo metro de madeira, de seção triangular. Há muito tempo alguém quebrou o intervalo entre as polegadas 19 e 36, dando este pedaço a Matusalém para que ele pudesse melhor conduzir seus negócios.

Sabe-se que os papagaios são longevos, e entre todos os pássaros, os africanos cinzentos são os que melhor imitam a voz humana. Matusalém pode ou não ter ouvido falar disso, pois ele resmunga muito. Ele fica resmungando para si próprio, como Vô Wharton. A maior parte do tempo ele fala coisas incompreensíveis em kikongo, mas também fala, como o corvo do Sr. Poe, num inglês desconexo. No primeiro dia de chuva ele levantou a cabeça e gritou em meio ao estrondo da tempestade suas duas melhores frases em inglês, a primeira na voz aguda de Mama Tataba, “Acorda, irmão Fowles! Acorda irmão Fowles!”

Depois num rosnado grave, “Vai pro inferno, Matusalém!”

De sua mesa junto à janela, o reverendo Price levantou a cabeça e anotou a palavra “inferno”. O espectro moralmente suspeito do irmão Fowles pairava sobre nós.

— Eis um papagaio católico — observou o reverendo.

Mamãe ergueu os olhos de sua costura. Minhas irmãs e eu nos mexemos na cadeira, esperando Papai dar a Matusalém o castigo do Verso.

O Verso temido era nosso castigo doméstico. Outras crianças de mais sorte apenas apanham para pagar seus pecados, mas nós, as filhas do reverendo Price, somos castigadas com a Bíblia Sagrada. O reverendo fixa o olhar e declara “Um versículo para você”. E então, lentamente, enquanto nos debatemos no seu anzol, ele escreve num pedaço de papel, por exemplo: Jeremias 48:18. A partir de então você pode dizer adeus para o sol, pois você pobre pecadora terá de trabalhar, por toda a tarde, com o lápis na mão esquerda válida e copiar Jeremias 48:18, “Desce de teu trono de glória e senta-te na lama, filha habitante de Dibon”, e depois disso, os 99 versículos que se seguem. Cem versículos copiados integralmente, porque é o último que revela o seu crime. Neste caso é o versículo 50:31 de Jeremias: “Eis que eu sou contra ti, ó soberba, diz o oráculo do Senhor, Deus dos exércitos; pois teu dia é chegado, o dia de tua punição.” Somente ao chegar àquele centésimo versículo é que você descobre que está sendo punida pelo crime de soberba. Embora isto já pudesse ter sido previsto.

Às vezes ele nos faz copiar da velha Bíblia do Rei Jaime, mas prefere usar a tradução americana que inclui sua amada Apócrifa. Este é um dos projetos preferidos do reverendo, fazer com que outros batistas engulam a Apócrifa.

Muitas vezes parei para pensar: Será que Pai Nosso tem a Bíblia tão completamente na memória para poder selecionar o verso instrutivo e depois calcular de trás para diante o centésimo anterior? Ou será que ele passa as noites

a procurar versículos para toda infração potencial, e guarda esta munição pronta para suas filhas? De qualquer forma, é tão impressionante quanto as minhas somas no Piggly Wiggly. Todas nós, especialmente Rachel, vivemos sob o terror do verso maldito.

Mas no caso do papagaio de boca suja naquele longo primeiro dia de chuva, Matusalém não podia ser forçado a copiar a Bíblia. Matusalém estava livre das regras do reverendo, assim como Pai Nosso estava descobrindo que os congoleses estavam além de seu poder. Matusalém era um representante da própria África, que vivia abertamente na nossa casa. Com maior direito, já que tinha chegado primeiro.

Ouvíamos a fala do papagaio sentadas confinadas, desconfortavelmente próximas de Pai Nosso. Durante cinco horas de tempestade observamos pequenos sapos vermelhos com dedos enormes, como os de desenho animado, que se chegavam às janelas e subiam em saltos pela parede. Nossas capas para qualquer tempo estavam dependuradas em seis ganchos; possivelmente elas serviam para qualquer tempo, menos este.

Nossa casa é feita de paredes de barro batido e tetos de folha de palmeira, mas é diferente de outras casas em Kilanga. Em primeiro lugar ela é maior, com uma ampla sala na frente e dois quartos de dormir no fundo, um dos quais se parece com uma cena de hospital do tempo de Florence Nightingale, pois está cheio de catres com telas triangulares de filó para proteger dos mosquitos o excesso de filhas da família. A cozinha é uma cabana separada, atrás da casa principal. Na clareira que se estende além, está a nossa latrina, sem-vergonha, apesar dos impropérios que Rachel lhe lança diariamente. Também no fundo está o galinheiro. Ao contrário das outras casas da aldeia, as nossas janelas são painéis quadrados de vidro, e o chão e os alicerces são feitos de cimento. Todas as outras casas têm chão de terra. Bater, varrer, cansar. Constantemente vemos mulheres da aldeia varrendo as suas cabanas e a clareira em frente com vassouras feitas de folhas de palmeira, e Rachel com sua sagacidade habitual observa que se pode varrer aquele chão sem parar até chegar à China e ele nunca vai ficar limpo. Pela graça de Deus e do cimento, nossa família foi poupada desta frustração.

Na sala da frente, nossa mesa de jantar parece ter vindo de um navio naufragado, e há uma escrivaninha imensa, de tampa de correr (possivelmente do mesmo navio) que Pai Nosso usa para escrever seus sermões. Ela tem pernas de madeira e pés de galinha de ferro fundido, cada um segurando uma enorme bola de vidro, apesar de três bolas já estarem quebradas e uma já ter sumido, substituída por um caco de casca de coco no interesse do equilíbrio da superfície em que se escreve. No quarto de nossos pais, mais mobília: uma penteadeira e

um suporte de fonógrafo sem o mecanismo. Tudo isto trazido por outros batistas valentes antes de nós, apesar de ser difícil imaginar como, a menos que imaginemos um tempo em que existissem outros meios de transporte, que permitissem mais de 20 quilos. Temos também uma mesa de jantar e um armário feito à mão, que guarda nosso estoque sortido de pratos de vidro e plástico, um a menos de cada coisa, de forma que nós, irmãs, temos que negociar as facas e garfos durante as refeições. Também dentro deste armário está guardado um velho prato rachado comemorativo da Feira Mundial de St. Louis, Missouri, e uma xícara de plástico com o nariz e as orelhas de um camundongo. E no meio de toda esta confusão, serena como a Virgem Mãe no estábulo com os pastores e animais sarnentos, encontra-se uma coisa maravilhosa: um prato grande e oval de porcelana chinesa, pintado de miosótis azuis delicados, tão fino que a luz passa através dele. Não se imagina a origem. Se não soubéssemos quem somos, poderíamos até adorá-lo.

Do lado de fora há uma varanda comprida, sombreada, que nossa mãe chama, com seu sotaque do Mississippi, de “verandah”. Minhas irmãs e eu gostamos de ficar ali, estiradas nas redes, e até mesmo no dia da primeira chuva fomos procurar refúgio ali. Mas a tempestade caía de lado, chegando às paredes e ao pobre do Matusalém. Quando seus gritos ficaram patéticos demais para se aguentar, nossa mãe, com uma expressão de desgosto, trouxe a gaiola para dentro e a colocou ao lado da janela, onde ele continuou seus comentários barulhentos. O reverendo provavelmente crê que, além de ser papista, esse bicho barulhento tenha uma feminilidade latente.

O dilúvio terminou finalmente pouco antes do pôr do sol. O mundo parecia ter sido pisoteado e encharcado, mas minhas irmãs saíram correndo e gritando como os primeiros porquinhos que saíram da arca, ansiosas para ver o que a enchente nos tinha deixado. Havia uma nuvem baixa no ar, formada por milhões de formigas voadoras. Elas pairavam logo acima do chão e faziam um zumbido que se estendia ao fim do mundo. Seus corpos estalavam quando batíamos nelas para afastá-las. Hesitamos na beira do quintal, onde a clareira lamacenta se transforma num declive gramado, então corremos para o gramado até que nossa passagem ficasse obstruída pelos milhares de galhos cruzados do limite da floresta: abacateiros, palmeiras, moitas de cana-de-açúcar. Esta floresta tapa nossa vista do rio, e de qualquer outra coisa à distância. A única estrada de terra da aldeia contorna nossa casa levando da aldeia para o sul; para o norte, ela desaparece na floresta. Apesar de ver Mama Tataba sumir naquela direção e voltar intacta com o balde cheio d’água, nossa mãe ainda não ganhou a confiança necessária para deixar a estrada engolir e devolver suas filhas. Assim voltamos correndo morro acima até os dois hibiscos arredondados que

flanqueiam os degraus da nossa varanda.

Que grupo nós formávamos, andando por ali, vestidas de modo idêntico, com sapatos iguais, de duas cores, camisas longas e calças de algodão pastel, mas como éramos diferentes. Leah sempre andava na frente, Deusa da Caça, seus cabelos da cor da doninha balançando com energia, os músculos trabalhando em conjunto como as peças de um relógio. Depois vinha o resto de nós: Ruth May, com suas marias-chiquinhas voando atrás da cabeça, correndo muito porque ela é a caçula, e acredita que os últimos têm de ser os primeiros. Em seguida vem Rachel, a nossa Rainha de Sabá, piscando os cílios brancos, balançando os cabelos brancos, como se fosse o cavalo palomino que ela já quis ter. A Rainha Rachel ficava vários passos atrás, olhando para os lados. Ela tinha quase 16 anos e, acima de tudo, não queria que achássemos alguma coisa boa na ausência dela. Finalmente vinha Adah, o monstro, Quasímodo arrastando atrás do esquerdo o seu lado direito, no ritmo permanente de seu corpo: esquerda... canhestra, esquerda... canhestra.

Esta é a ordem permanente: Leah, Ruth May, Rachel, Adah. Não é uma ordem cronológica nem alfabética, mas raramente muda, a não ser quando Ruth May se distrai e sai da ordem.

Ao pé do hibisco descobrimos um ninho caído com filhotes de passarinho afogados. Minhas irmãs ficaram emocionadas ao ver os corpinhos com asas, desplumados como os grifos dos livros de histórias e com o fato horrível de que estavam mortos. Então encontramos a horta. Rachel gritou em triunfo, porque ela estava arruinada de uma vez por todas. Leah caiu de joelhos, numa demonstração de tristeza, em nome de Pai Nosso. A enxurrada tinha alagado o canteiro baixo e as sementes correram como barcos desgovernados. Encontramos sementes por toda parte, escondidas no meio do capim alto que contornava a horta. A maioria já tinha germinado durante as semanas anteriores, mas as raízes ainda estavam muito pequenas para firmá-las na terra plana como o Kansas que o reverendo tinha preparado para elas. Leah, de joelhos, ia recolhendo os brotos na camisa, como provavelmente imaginava que Sacajawea^[9] teria feito na mesma situação.

Mais tarde Pai Nosso veio avaliar os estragos e Leah ajudou-o a separar as sementes por tipo. Ele declarou que faria com que crescessem, em nome de Deus, ou ele tornaria a plantá-las (o reverendo, como qualquer profeta merecedor de respeito, tinha guardado algumas sementes de reserva) tão logo o sol saísse e secasse aquela lama amaldiçoada.

Mesmo depois de escurecer, os dois não entraram para o jantar. Mama Tataba curvou-se sobre a mesa com o grande avental branco de nossa mãe, que lhe dava um ar falso e engraçado, como se estivesse representando o papel de

empregada numa peça. Ela o observou pela janela, sorrindo o seu característico sorriso voltado para baixo e fez uns sons satisfeitos com a língua e os dentes. Nós começamos a comer o que ela tinha cozinhado, banana frita e o luxo de um pouco de carne enlatada.

Finalmente ele mandou Leah entrar, mas muito depois do jantar ainda ouvíamos o reverendo lá fora batendo a terra com a enxada, revolvendo a terra. Ninguém pode acusá-lo de não aprender sua lição, embora por vezes seja necessário um dilúvio, e apesar de ele nunca admitir que a ideia não tenha sido dele. Entretanto, Pai Nosso tinha sido influenciado pela África. Lá estava ele, amontoando a terra em canteiros altos, à prova de enchentes, exatamente do comprimento e largura de túmulos.

Leah

Bastam cinco dias de tempo quente para que um feijão do Kentucky reúna sua força vegetal e germine. Achemos que fosse bastante. Quando passaram as chuvas, o jardim de meu pai cresceu como um louco no calor. Ele dizia que adorava ficar lá fora vendo as coisas crescerem, e era verdade. Os pés de feijão se enrolavam em torno dos estaleiros de madeira feitos para eles, e continuaram a subir cada vez mais alto, como as vozes femininas do coro, cada uma querendo chegar mais alto. Eles chegaram à altura dos ramos mais baixos das árvores e se enrolaram nas copas.

As abóboras também assumiram a personalidade das plantas da floresta. As folhas ficaram tão grandes que Ruth May podia se sentar debaixo delas e ganhar no jogo de “esconde-esconde”, muito tempo depois de todo mundo ter parado de procurar. Quando nos agachávamos, víamos os olhos azuis de Ruth May, ao lado de flores amarelas de pepinos e abóboras, que nos olhavam de dentro da escuridão verde.

Meu pai acompanhava o desenvolvimento de cada folha nova e de cada nova flor. Eu caminhava atrás dele, tomando cuidado para não pisar nas plantas. Ajudei-o a construir uma cerca forte de madeira em volta da horta para evitar que os animais da floresta e os cabritos da aldeia viessem comer os nossos legumes tenros quando brotassem. Mamãe diz que tenho modos de animal selvagem, que sou uma tomba-homem, mas tenho o maior respeito pela horta de meu pai. Sua dedicação à horta, assim como sua devoção à igreja, foi a força que me guiou durante o último verão. Eu sabia que para meu pai, o gosto daqueles feijões do Kentucky seria igual ao gosto do céu para uma alma pura.

O aniversário de Rachel chegou no fim de agosto, mas a mistura para bolo *Betty Crocker* foi um fracasso. Descobrimos ser impossível produzir um bolo normal.

Para começar, nosso fogão é um mostrengo de ferro, com um forno tão grande que uma pessoa pode entrar, se tiver vontade. Mamãe puxou violentamente Ruth May pelo braço no dia em que a encontrou lá dentro; ela tem medo de que Mama Tataba, num de seus acessos de energia, acabe acendendo o forno com a menina dentro. É uma preocupação razoável. Ruth May é tão preocupada em ganhar no “esconde-esconde”, na verdade em qualquer jogo, que com certeza ela se queimaria toda antes de gritar e ser descoberta.

Mamãe descobriu como fazer pão, de uma forma ou de outra, como ela gosta de falar, mas o fogão não tem um forno bom. Na verdade ele se parece menos com um fogão do que com uma máquina qualquer montada a marteladas com peças de outra máquina. Rachel diz que ele é parte de uma locomotiva, mas ela é famosa por inventar e dizer coisas com ar de conhecedora.

Mas o fogão não foi o pior dos problema do bolo. Na umidade excessiva, a mistura em pó se transformou, da mesma forma que a mulher de Lot que olhou para ver Gomorra e se transformou numa coluna de sal. Na manhã do aniversário de Rachel, encontrei Mamãe na cozinha, com o rosto nas mãos, chorando. Pegou um pacote e bateu com força no fogão de ferro. Fez o barulho de um martelo batendo num sino. Seu jeito de contar uma parábola é diferente do de meu pai.

Ela fixou os olhos em mim, e disse com a voz firme:

— Se eu tivesse a menor ideia, a mais pálida ideia. Tudo o que trouxemos estava errado.

A primeira vez que meu pai ouviu Matusalém dizer “Que diabo!” seu corpo se moveu de forma estranha, como se tivesse recebido o espírito ou a pontada de uma azia forte. Mamãe pediu licença e entrou em casa.

Rachel, Adah e eu ficamos na varanda e ele olhou para cada uma de nós. Ele se havia controlado quando Matusalém tinha gritado inferno, pois era claro que fora por culpa do irmão Fowles. O cisco no olho do irmão, não o pecado da própria casa. Matusalém nunca tinha dito diabo antes, portanto era alguma coisa nova, dita numa voz feminina.

— Qual de vocês ensinou aquela palavra a Matusalém?

Senti um enjoo no estômago. Nenhuma de nós falou. É claro que isto é normal para Adah, e por isso muitas vezes ela é a acusada quando as outras não nos denunciemos. E, para falar a verdade, se há alguém com a disposição de usar essas palavras, seria Adah, que não dá a mínima para pecado ou salvação. Uma das principais razões para eu pedir a Mamãe para cortar meu cabelo curtinho, enquanto o de Adah continuava comprido, é para que ninguém nos confundisse. Eu nunca iria dizer palavrões, nem perto nem longe de Matusalém, nem em sonhos, porque desejo o Céu e também quero ser a favorita de meu pai. Nem Rachel — às vezes, quando pode, ela fala que droga, mas quando alguém está ouvindo ela é uma perfeita dama. E Ruth May é muito pequena.

Papai, que entende tudo, falou:

— Não consigo entender por que vocês querem que esta pobre criatura nos condene a todos ao sofrimento eterno.

Mas o Matusalém não é bobo. Ele imita não somente as palavras, mas a voz

das pessoas que as falaram. Com Matusalém, ficamos conhecendo a voz de irlandês-ianque do irmão Fowles, que imaginamos parecido com aquele padre Flanagan, que toma conta da Cidade dos Meninos^[10]. Também reconhecemos Mama Tataba e a nós próprias. Além disso, Matusalém não imita as palavras, ele as conhece. Pois uma coisa é gritar “Irmã, Deus é grande! Feche a porta!” movido pelo espírito, e outra é ele também gritar “banana” ou “amendoim”, claro como o dia, quando vê essas coisas na nossa mão e quer um pouco. Geralmente ele nos observa, copia nossos movimentos e parece saber quais palavras nos fazem rir ou nos fazem responder ou nos chocam. Já tínhamos entendido o que meu pai estava percebendo: Matusalém traía os nossos segredos.

Não disse isso, é claro. Jamais contradisse meu pai com relação a qualquer assunto.

Finalmente Rachel disse, “Papai, desculpe”.

Adah e eu fingimos estar fascinadas com nossos livros. Trouxemos os nossos livros de escola para estudar sempre que Mamãe começa a dizer que vamos ficar atrasadas e usar o chapéu de burro quando voltarmos para casa, o que nunca há de acontecer, só com Rachel, que é a única mentalidade medíocre na nossa família. Acho que nossa mãe tem mesmo medo de que a gente acabe esquecendo coisas comuns, como George Washington cruzando o Delaware, as folhas de outono ou um trem correndo a 100 km por hora na direção de St. Louis.

Levantei os olhos do livro. Ai, meu Deus. Ele estava olhando para mim. Meu coração palpitou com força.

Falando baixo, desgostoso, com o tom de voz que me deixa mais infeliz do que qualquer outro, ele disse:

— O senhor vai perdoá-las se vocês o pedirem. Nosso Senhor é bom. Mas aquele pobre pássaro africano não pode ser aliviado do que vocês lhe ensinaram. É uma ave inocente que só repete o que ouve. O mal está feito.

Começou a se afastar. Prendemos a respiração quando ele parou na escada e olhou para trás, diretamente nos meus olhos. Queimei de vergonha.

— Se há algo a ser aprendido de tudo isto, é o mau cheiro e a mancha do pecado original. Espero que vocês pensem melhor nisto tudo enquanto estiverem fazendo o Verso.

Nosso coração caiu.

— Todas as três. Livro dos Números, 29:34.

Papai se afastou abruptamente, deixando-nos como órfãs na varanda.

A perspectiva de passar toda a tarde copiando o tedioso Livro dos Números me entristeceu profundamente, enquanto via meu pai se afastar. Ele se dirigiu ao rio. Ia lá quase todo dia, derrubando com sua bengala as enormes orelhas de

capim elefante que escondem a margem. Estava procurando locais para batismo.

Eu já conhecia Números 29:34, pois já tivera este castigo antes. O centésimo versículo é 32:32, que diz que sempre que pecamos contra o Senhor somos descobertas, e para tomarmos cuidado com o que sai da boca.

Não estava considerando nem mesmo a perda da inocência de Matusalém, o que mostra como ainda tenho muito a aprender. Mas admito que rezei muito naquela tarde, pedindo que Papai tomasse o pedido de desculpas de Rachel como uma confissão, e nem pensasse que o pecado tivesse sido meu. Era duro ter de silenciar e aceitar suas acusações. Nós todas sabíamos perfeitamente quem tinha gritado aquela palavra diabo! Ela tinha falado e repetido muitas vezes enquanto chorava sobre as caixas inúteis de mistura para bolo. Mas nenhuma de nós iria denunciar aquele segredo horrível. Nem mesmo eu — e sou a que mais pode virar-lhe as costas.

De vez em quando a gente tem de protegê-la. Quando nós ainda éramos meninas, lembro-me de correr para abraçar as pernas de Mamãe quando ele a homenageava, com palavras e coisas piores, por causa de uma cortina deixada aberta ou de uma anágua aparecendo, pecados de mulher. Desde pequenas aprendemos que os adultos não são todos igualmente imunes ao pecado. Meu pai carrega sua fé como a couraça de bronze de um soldado de Deus, enquanto a de Mamãe é mais como um bom casaco de segunda mão. Durante todo o tempo em que Papai estava nos interrogando na varanda, eu a via derrotada na cozinha, batendo com frustração mortal naquela locomotiva que é o nosso fogão. Na mão uma caixa da mistura para bolo *Angel Dream*, dura como uma pedra; no coração, a perfeição divina do bolo com glacê cor-de-rosa, as velas todas acesas, levado com orgulho para a mesa naquele prato de porcelana chinesa com flores azuis. Era o seu segredo, mas Mamãe ainda iria tentar dar uma festa de aniversário para Rachel.

Mas *Angel Dream* estava arruinado, completamente. Tinha vindo no cóis da minha saia, portanto parecia que parte da culpa era minha.

Adah

“Pai Sagrado, abençoei-nos e guardai-nos sob vosso olhar”, disse o reverendo. Olhar vosso abençoado pai santo. E todas nós, com os olhos fechados, sentimos o perfume dos botões de jasmim nos grandes retângulos da parede aberta, flores tão doces que podem lembrar o céu ou o inferno, dependendo de seu destino. O reverendo se elevou acima do altar precário, o feroz cabelo escovinha espetado como um penacho de pica-pau. Quando o espírito o atravessou, ele gemeu, entrando de corpo e alma na sua purificação semanal. O que eu chamo “Amen enema”. Meu palíndromo para o reverendo.

O corpo de Mama Tataba, sentada ao meu lado no banco, era uma coisa morta. Sua rigidez me fez lembrar todos os peixes curvos e duros nas margens do rio, brilhando ao sol como um barra velha de sabão. Tudo por causa do novo estilo de pesca inventado por Pai Nosso. A orgulhosa demonstração de força do reverendo. Ele mandou os homens saírem de canoa e jogar dinamite no rio, entorpecendo tudo que estivesse ao alcance do ouvido. E estourando o ouvido. E onde ele conseguiu a dinamite? Com certeza nós não a trouxemos sob as roupas. Então acho que foi de Eeben Axelroot, e muito caro. Nossa família recebe um auxílio de US\$50 por mês para ser missionária. Este não é o valor normal do auxílio batista; Pai Nosso é um renegado que veio sem a bênção total da Liga das Missões, e teve que lutar e enganar para conseguir esse auxílio reduzido. Mesmo assim é uma montanha de francos congolese e seria uma fortuna congolese, mas não é. O dinheiro vem de avião num envelope, trazido por Eeben Axelroot, e a maior parte dele volta para Eeben Axelroot. Do pó ao pó.

No final do verão, Pai Nosso tinha prometido aos famintos de Kilanga a generosidade do Senhor, mais peixe do que jamais eles tinham visto em toda a vida. “A palavra de Cristo é amor”, grita ele, de pé na canoa instável. “Tata Jesus é bängala!” Ele está absolutamente determinado a atraí-los, puxá-los ou arrastá-los para o Caminho da Cruz. Primeiro alimentar a barriga, anunciou uma noite ao jantar, encantado com seu brilhante plano. Alimente a barriga que a alma vem. (Ele não tinha notado, pois uma esposa está abaixo do nível de reconhecimento, que foi exatamente isso o que nossa mãe tinha feito ao matar todas aquelas galinhas.) Mas depois daquele trovão subaquático, surgiram os peixes e não as almas. Eles subiam rolando à superfície, com as bocas abertas pelo choque daquele bum. Os olhos eram bolhas estufadas. Toda a aldeia se

banqueteou durante o dia inteiro, comeu, comeu até botar os olhos para fora. O reverendo Price realizou uma forma invertida do milagre dos pães e peixes, ao tentar empurrar dez mil peixes através de 50 bocas. Andando para cima e para baixo, com o rio pelos joelhos, a Bíblia numa mão e na outra um espeto cheio de peixes enegrecidos pelo fogo, ele brandia seu amor de forma ameaçadora. Milhares de peixes se debatiam nas margens e começaram a se decompor ao sol. Nossa aldeia foi abençoada com o perfume de peixe podre. Em vez de abundância, aquele foi um feriado de desperdício. Não havia gelo. Pai Nosso se esqueceu de que para pescar no estilo moderno dos caipiras da Georgia é preciso ter gelo.

Apostamos que ele não mencionaria os pães e peixes no sermão de hoje. Ele iria somente distribuir a comunhão com as esperadas alusões perturbadoras a comer carne e beber sangue. Talvez isso tenha aumentado o interesse da congregação, mas as irmãs Price ouviram com meia atenção. E Adah com meio cérebro. Hah! O serviço agora demora o dobro do tempo, pois o reverendo fala em inglês e o professor, Tata Anatole, repete tudo em kikongo. Finalmente Pai Nosso percebeu que ninguém entendia suas tentativas horrorosas de falar francês ou kikongo.

— O desrespeito à lei veio da Babilônia! *Desobedecer à lei!*

O reverendo anunciou, voltando o braço na direção da Babilônia, como se aquele lugar turbulento estivesse logo atrás da latrina da escola. Um raio de sol atravessava o forro apodrecido e caía no seu ombro direito. Ele andava, parava e falava, e andava atrás de seu altar de palmeiras, dando a impressão de que estava inventando ali mesmo as suas parábolas bíblicas. Nesta manhã ele estava contando a história de Suzana, a esposa formosa e honesta de um homem rico, Joaquim. Anazus ho! Quando se banhava no jardim, ela foi vista por dois conselheiros de Joaquim, que saltaram do mato e exigiram que ela se deitasse com eles. Pobre Suzana. Se ela se recusasse os dois dariam falso testemunho contra ela, dizendo tê-la visto no jardim com um homem. Naturalmente a honesta Suzana recusou, apesar de saber que desta forma ela seria condenada a ser lapidada por adultério. Lapidar lamentar desfrutar desossar. Não podíamos imaginar que tipo de marido era esse Joaquim, que preferia matar sua bela esposa a ouvir o seu lado da história. É claro que os babilônios já estavam juntando as suas pedras preferidas.

O reverendo fez uma pausa, apoiando a mão aberta no altar. O resto do corpo balançava levemente dentro da camisa branca, marcando o tempo, mantendo o ritmo. Examinou os rostos sem expressão de seus paroquianos, em busca de sinais de que estivessem atentos. Havia agora dez ou 12 caras novas, uma multidão a caminho da glória. Um menino perto de mim, com a boca

aberta, fechou um olho, depois o outro, balançou para frente e para trás. Esperamos todos que Tata Anatole, o professor-tradutor, traduzisse.

— Mas Deus não iria deixar que aquilo acontecesse.

O reverendo rosnou como um cachorro acordado por um passante. Depois, subindo uma oitava, como o Hino dos Estados Unidos:

— Deus agitou o espírito de um homem santo chamado Daniel!

Hurra! Daniel veio em seu socorro. Pai Nosso ama Daniel, o primeiro detetive particular. Tata Daniel (ele o chamava assim para fazê-lo parecer um dos rapazes da aldeia) apareceu e exigiu um interrogatório em separado de cada um dos dois conselheiros. Tata Daniel perguntou a um deles em baixo de qual árvore Suzana encontrou o homem no jardim. Um almecegueiro, disse o primeiro, um carvalho, o outro. Eles eram tão estúpidos que não combinaram a mesma história. Todos os pecadores da Bíblia são de uma estupidez exemplar. Observei Tata Anatole, para ver se ele ao menos gaguejava para dizer almecegueiro ou carvalho, para os quais não havia palavras em kikongo. Não fez nem uma pausa. Kufwema, kuzikisa, kugambula, as palavras saíram suavemente, e eu percebi que este professor cheio de truques era capaz de inventar qualquer coisa sob o sol. Pai Nosso nunca saberia. Assim eles apedrejaram ela e casaram com mais duas mulheres cada um e viveram felizes para sempre. Bocejei, perdendo mais uma vez o interesse na bela Suzana. É pouco provável que eu tenha os problemas que a afligiam.

Eu gosto de inventar sómeushinos, como os chamo, meus próprios hinos perversos, que podem ser cantados igualmente para frente ou para trás: *O mal é pecador roda ce pela mó*. Também aproveitei esta rara oportunidade para observar Mama Tataba de perto. Normalmente ela se movia muito depressa. Eu a considerava minha aliada porque, tal como eu, ela era imperfeita. Era difícil dizer o que ela pensava das bênçãos de Pai Nosso, na igreja ou fora dela, portanto eu ficava imaginando mistérios mais interessantes, por exemplo, o seu olho. Como ela o tinha perdido? Ela não teria conseguido se casar por causa dele, como eu imaginava que seria o meu caso? Não fazia ideia de sua idade, nem de suas esperanças. Sabia que muitas mulheres em Kilanga eram desfiguradas com mais gravidade, e que, apesar disso, tinham marido. Sem nada! Maridos. Aqui a desfiguração física é mais ou menos considerada uma consequência da vida, e não uma desgraça. No que se refere ao corpo e ao julgamento de outras pessoas eu gozo aqui de uma aceitação tranquila que nunca mereci em Bethlehem, Georgia.

Terminamos a história de Suzana cantando o “Graça Maravilhosa” como se fosse um hino fúnebre. A congregação variada contribuía com todo tipo de palavra ou melodia. A Primeira Igreja Batista de Kilanga era uma bela Torre de

Babel, portanto ninguém percebeu que eu cantava minhas próprias palavras com a música.

*O mal é pecador roda ce pela mo.
Deus é Tata... mau uama... tate Sued
Amada nossa... asso... na dama.*

Quando terminou o culto, Mama Tataba nos levou para casa, enquanto o reverendo e sua esposa ficaram para os sorrisos e cumprimentos e para gozar a santidade geral. Mama Tataba marchou pela estrada à frente de minhas irmãs e de mim. Correndo atrás, eu me esforcei para ultrapassar a lânguida Rachel, que caminhava com as mãos um pouco afastadas do corpo como se tivesse sido mais uma vez coroada Miss América. “Mantenha as mãos como se tivesse deixado cair uma bolinha de vidro”, costuma ensinar enquanto desfila pela nossa casa. Apesar de sua dignidade, não consegui alcançá-la, e fiquei observando uma borboleta alaranjada e branca que voava sobre sua cabeça, e acabou por pousar naquela cabeça branca. A borboleta baixou a probóscide em busca de alimento, e depois tornou a voar insatisfeita. Mama Tataba não viu nenhum desses eventos. Estava de mau humor e gritava confiante para nós, “Mió esquecê reverendo!” O que a preocupava, comer carne e sangue? O sermão vagara desde Suzana até Rahab, a prostituta de Jericó. Os nomes da Bíblia parecem tão invertidos, como Rahab, que às vezes eu fico pensando se toda ela não foi escrita por uma anomalia mental como eu. Mas no final, como sempre, ele acabou por insistir na importância do batismo. É provável que fosse isto o que estava irritando Mama Tataba. Pai Nosso não parecia aceitar o que parecia claro até para uma criança: quando aspergia a ideia de batismo — *batiza* — sobre as pessoas aqui, ele as afastava como quem joga água numa bruxa.

Apesar disso, mais tarde, à mesa do jantar, ele ainda estava animado, como é normal aos domingos. Depois de subir ao púlpito, ele não gosta de sair da ribalta. Sentado, ereto e com a cabeça clara, parecendo uma vela, ele perguntou:

— Vocês sabem que no ano passado alguns homens vieram de Leopoldville num caminhão sem a correia do ventilador? Era um caminhão Mercedes.

Pobre de mim! Ele estava num de seus estados socráticos, o que não era perigoso, pois ele raramente nos castigava à mesa, mas visava mostrar que éramos todas umas fêmeas retardadas e bovinas. Sempre terminava esses interrogatórios aos brados, numa conversa particular com Deus a respeito de como éramos irrecuperáveis.

Para todos os efeitos, Matusalém era definitivamente uma fêmea. Criou o hábito de berrar em altos brados durante o nosso jantar. Como muitos seres

humanos, ele tomava qualquer sinal de conversa como uma deixa para fazer barulho. Às vezes nossa mãe irritada jogava uma toalha de mesa em cima de sua gaiola. “Mbote! Mbote!” ele gritava, o que, em kikongo quer dizer tanto olá quanto adeus. Acho muito interessante esta simetria. Muitas palavras em kikongo parecem palavras inglesas invertidas e têm significados antitéticos: Syebo é uma chuva destruidora que faz exatamente o contrário da sua inversa.^[u]

Ouvimos sem interesse a história do caminhão Mercedes. Nossos únicos bens materiais vindos do mundo exterior eram as revistas em quadrinhos, que minhas irmãs amavam como as especiarias chinesas de Marco Polo, além de ovos em pó e leite em pó, trazidos por Eeben Axelroot e que não nos interessavam. Quanto à história do caminhão sem correia do ventilador, o reverendo gostava de falar por parábolas, entendemos logo que uma estava a caminho.

— Aquela estrada? Não consigo nem imaginar — nossa mãe comentou, impressionada, apontando com mão preguiçosa para fora da janela. Balançou a cabeça, como se descrendo. Será que ela se permite descrever dele? Nunca vi.

— Foi no final da estação seca, Orleanna, quando o calor é tanto que seca até as lagoas — não precisou completar: sua ignorante.

— Mas como eles conseguiram andar sem a correia do ventilador? — perguntou nossa mãe.

Ela percebeu, pela irritação do reverendo, que devia voltar ao tópico em discussão. Inclinou-se para lhe oferecer biscoitos do prato de porcelana chinesa, que às vezes ela embalava como uma criança, depois de lavar e secar. Hoje ela lhe fez uma carícia nas suas bordas antes de recolher as mãos, submissa à vontade de Papai. Ela estava usando um vestido colorido, branco com bandeiras semafóricas vermelhas e azuis. Tinha sido o seu vestido mais externo durante a nossa viagem. Suas bandeirinhas frenéticas pareciam agora sinalizar angústia, por causa da forma enérgica como era lavado no rio por Mama Tataba.

Ele se inclinou para a frente para tirar o máximo efeito de suas sobranceiras vermelhas e do queixo proeminente. “Capim elefante”, pronunciou triunfante.

Ficamos estáticas, sem mastigar a comida na boca.

— Doze meninos foram na carroceria tecendo correias de *capim*.

Leah falou abruptamente:

— Então um simples capim criada por Deus pode ser tão forte quanto a borracha e sei mais o quê!

Sentou-se ereta como se estivesse na televisão, preparando-se para a pergunta de 64 dólares.

— Não. Cada uma só durava quatro ou cinco quilômetros — respondeu ele. Leah ficou espantada. As outras idiotas não fizeram qualquer comentário.

— Mas tão logo uma rebentava, já havia outra pronta para ser usada — explicou ele.

— Bacana — disse Rachel, sem convencer.

Ela é o nosso membro mais dramático e ao mesmo tempo a pior atriz, o que, em nossa família, é uma habilidade crucial. Estávamos todas prestando a maior atenção ao purê de batatas. Estávamos a ponto de atingir um novo nível de conhecimento sobre a correia de capim que ilustra a vastidão da grandeza de Deus; nenhuma de nós queria ser notada.

Finalmente, ele disse:

— Um caminhão Mercedes! O máximo da inventividade alemã continuou em operação graças a doze meninos africanos e ao capim elefante.

Matusalém gritou “Irmã, feche a porta! Wenda mbote!” e logo depois “ko ko ko!” que é o que as pessoas em Kilanga gritam na porta de alguém quando vêm visitar, já que geralmente não há porta onde bater. Isso era comum na nossa casa, mas era sempre Matusalém, já que nossa casa tem porta, e em geral ninguém vem nos visitar. Se alguém aparece, quase sempre é na esperança de nos vender comida, e não bate à porta, fica pelo quintal até que alguém note sua presença.

— Espero que haja meninos e capim suficientes para manter as coisas funcionando — disse nossa mãe, que não parecia satisfeita.

— É verdade, basta adaptabilidade.

“Diabo! diabo! diabo!” observou Matusalém.

Mamãe lançou ao papagaio um olhar preocupado.

— Se esse bicho sobreviver a 900 missões batistas, ele vai ter muita coisa para contar.

Então ela se levantou e começou a empilhar os pratos. Sua Força Vital há muito tinha sido declarada morta e parecia estar acomodada a uma faixa ínfima de sua vida. Ela pediu licença e foi ferver a água para lavar os pratos.

Incapaz de transformar a água de lavar pratos ou a memória de Matusalém num final digno de sua parábola, Pai Nosso simplesmente olhou para nós e deu um suspiro fundo de macho incompreendido. Oh, que suspiro! Foi tão profundo, que poderia ter tirado água de um poço debaixo de nossa casa idiota. O suspiro sugeria que ele estava tentando nos levar para a luz, contra a medula de nossos pobres ossos femininos.

Baixamos a cabeça, empurramos as cadeiras e saímos para acender o fogo na cozinha. Cozinhar aqui toma a metade do dia, e lavar os pratos a outra metade. Temos de ferver a água por causa dos parasitas que se multiplicam na água do córrego. A África tem parasitas tão diversificados e particulares que ocupam todos os nichos do corpo: os intestinos, delgado e grosso, a pele, a

bexiga, os condutos sexuais masculinos e femininos, os fluidos intersticiais e até mesmo a córnea. Num livro sobre a saúde pública na África, que vi na biblioteca pouco antes de partirmos, encontrei o desenho de um verme fino como um cabelo que serpenteava sobre o olho espantado de um homem. Fui atingida pela minha estranha reverência característica: louvado seja o senhor de todas as pragas e sofrimentos! Se Deus se divertiu inventando os lírios do campo, com certeza Ele se esmerou na criação dos parasitas africanos.

Lá fora eu vi Mama Tataba, a caminho da cozinha, enfiar a mão no balde e beber daquela água. Cruzei os dedos pelo seu olho bom. Estremeci ao pensar naquela dose de Criação de Deus, engolida para comê-la por dentro.

Leah

Todo dia meu pai ia sozinho à horta, para sentar e pensar. Ele estava preocupado porque as plantas estavam se desenvolvendo, enchendo a cerca da horta de flores, parecendo uma sala de velórios, mas não davam frutos. Sei que ele estava orando por isto. Às vezes eu ia me sentar com ele, apesar de Mamãe não gostar, dizendo que ele estava precisando ficar só.

Às vezes ele achava que as árvores faziam muita sombra. Pensei muito sobre esta explicação, pois estou sempre interessada em expandir meus conhecimentos de horticultura. Era verdade, as árvores estavam invadindo a nossa pequena clareira. Tínhamos sempre de quebrar e afastar galhos para recuperar nosso terreno. Pois alguns dos pés de feijão foram se enrolando até o alto das árvores, em busca de luz.

Uma vez, enquanto estávamos sentados olhando para as abóboras, ele me perguntou de repente:

— Leah, sabe o que foi mais discutido na última convenção bíblica em Atlanta?

Como eu não tinha a obrigação de saber, esperei. Estava emocionada pelo simples fato de que ele estava falando comigo desta forma gentil e pessoal. É claro que ele não estava olhando para mim, pois, como sempre, havia muita coisa na sua cabeça. Tínhamos trabalhado tanto para merecer o favor de Deus, e mesmo assim parecia que Deus ainda esperava mais trabalho duro de nossa parte, e cabia a meu pai descobrir que trabalho seria. Com o olho bom ele examinou cuidadosamente uma flor de abóbora, procurando a causa daquela doença. As flores se abriam e fechavam, e então os frutos verdes que vinham depois se encolhiam e secavam. Não houve uma única exceção. Em troca do suor honesto, tínhamos recebido até agora folhas e flores, mas nada que pudéssemos levar para a mesa do jantar.

— O tamanho do Céu — disse ele finalmente.

— Como?

Meu coração palpitou. Aqui estava eu tentando adivinhar o que andava pela cabeça de Papai, pensando o problema da horta. Ele está sempre dois passos à minha frente.

— Discutiram o tamanho do Céu durante a convenção bíblica. Quantos furlongs^[12] ele tem. Quantos de comprimento, quantos de largura; colocaram

homens com máquinas de calcular para tentar descobrir o tamanho. O capítulo 21 de Revelações dá esta medida em varas^[13], mas outros livros dão esta medida em côvados^[14], e elas não se ajustam.

Inexplicavelmente ele parecia embaraçado com os homens que tinham trazido suas máquinas de calcular à convenção bíblica, e talvez com a própria Bíblia. Senti um desconforto enorme.

— Espero que tenha lugar para todo mundo — eu disse.

Esta era uma preocupação absolutamente nova para mim. De repente comecei a pensar em todas as pessoas que já estavam lá em cima, na maioria velhos e provavelmente fora de forma. Imaginei-os abrindo espaço com os cotovelos, como acontece nas feiras da igreja.

— Sempre haverá lugar para os justos.

— Amém — respirei aliviada, já em terreno seguro.

— Muitas são as tribulações do justo, e o Senhor o alivia de todas. Mas, sabe, Leah, às vezes ele não nos liberta de nossos trabalhos, mas por meio deles.

— Livrai-nos Pai Celestial — disse eu.

Mas eu não gostava deste novo ângulo. Papai já tinha dobrado sua vontade à África e feito os canteiros altos, como são feitos aqui. Era um sinal seguro de sua humildade e disposição de servir, e era justo esperar uma recompensa. Então que história era esta de libertar por meio dos trabalhos? Será que Papai queria sugerir que Deus não tinha obrigação de nos mandar feijão nem abóboras, apesar de todo o trabalho feito em Seu nome? Que Ele iria ficar sentado lá no alto e nos mandar sofrimentos, um atrás do outro? É evidente que eu não tenho o direito de discutir o grande plano de Deus, mas, e a balança da justiça?

Papai nada disse para aliviar minhas preocupações. Apanhou outra flor de feijão e a colocou contra a luz do céu, examinando-a à luz africana como um médico com uma chapa de raios-X, à procura do que estava errado.

Seu primeiro sermão em agosto demorou-se longamente no tema do batismo. Mais tarde, em casa, quando Mamãe pediu a Mama Tataba para pôr a sopa no fogão, ela se virou e saiu pela porta da frente entre as palavras “sopa” e “fogão”. Saiu e falou duramente com meu pai, sacudindo o dedo na cara dele através de uma fileira de tomateiros sem tomates. O que quer que ele tivesse feito de errado, na opinião dela era a última gota. Ouvíamos a sua voz cada vez mais alta.

Naturalmente, ficamos mortalmente chocadas ao ouvir alguém gritando com Papai daquela maneira. E mais chocadas quando o vimos, com o rosto vermelho, tentando dizer uma palavra. Nós quatro em linha na janela, com a boca aberta, devíamos estar parecendo as Lennon Sisters no programa de

Lawrence Welk. Mamãe nos mandou sair da janela e pegar nossos livros para estudar. Não era a hora de estudar, nem era dia de aula, mas agora fazíamos exatamente o que ela mandava. Já tínhamos visto Mamãe atirar uma caixa de flocos de batata através da sala.

Depois de uma eternidade silenciosa igual à Guerra de Troia, Mama Tataba entrou e jogou seu avental numa cadeira. Fechamos os livros.

— Eu não fica aqui. Precisa ajuda, manda menina buscar eu em Banga. Eu ensinar ocês cozinhar enguia. Pegou enguia grande rio ontem. Peixe bom meninas.

Foi seu último conselho para nossa salvação.

Eu a segui quando saiu pela porta e desceu a estrada, as solas brancas de seus pés a piscar para mim. Então fui procurar meu pai, que tinha se afastado da horta e estava sentado num tronco de árvore. Tinha nas mãos algo que se parecia com uma vespa ainda viva. Era grande como a minha mão e tinha um oito amarelo pintado em cada asa, como se um aluno cuidadoso ou Deus o tivesse pintado ali.

Parecia que meu pai tinha acabado de ver a Rua Principal do Céu. Disseme:

— Não há polinizadores.

— O quê?

— Não há insetos para polinizar o jardim.

— Mas como! Aqui tem um mundo de bichinhos!

Uma observação desnecessária, pois os dois examinávamos o inseto que se debatia na sua mão.

— São insetos africanos, Leah. Criados por Deus para atender às plantas africanas. Olhe só este aqui. Como ele vai saber o que fazer com um feijão do Kentucky?

Não sei se ele estava certo ou errado. Sei muito pouco a respeito de polinização. Sei que as abelhas industriais fazem a maior parte desse trabalho. Pensei alto: “Acho que nós também devíamos ter trazido umas abelhas no bolso.”

Meu pai olhou para mim como se eu fosse sua filha recém-nascida e ele me amasse muito, mas tivesse medo de que o mundo nunca seria o que nós gostaríamos que fosse. E disse:

— Leah, não se pode trazer abelhas. Poderíamos ter trazido o mundo todo para cá, e não iria adiantar.

— Eu sei — engoli.

Ficamos sentados juntos, olhando através da cerca de madeira a enorme variedade de flores no jardim de meu pai. Naquele momento senti tantas coisas diferentes: alegria pela estranha expressão de ternura de meu pai, e desespero

por sua derrota. Tínhamos trabalhado tanto, e para quê? Senti confusão e medo. Senti que o sol se punha sobre muitas coisas em que acreditava.

De sua gaiola na varanda, Matusalém gritou para nós em kikongo. “Mbote!” e eu pensei, olá ou adeus?

— Por que Mama Tataba estava com tanta raiva agora há pouco? — perguntei baixinho — nós ouvimos seus gritos.

— Uma menina.

— Filha dela?

— Não. Uma menina da aldeia que foi morta no ano passado.

Senti o pulso acelerar.

— O que a matou?

Ele não olhou para mim, olhou para a distância.

— Foi morta e devorada por um crocodilo. Eles não deixam os filhos porem os pés na água, nunca. Nem mesmo para serem lavados no Sangue do Cordeiro.

— Oh!

Meu próprio batismo, e todos a que eu tinha assistido até então, aconteceu no que poderia ser uma banheira grande ou uma piscina pequena na igreja batista. O pior que poderia acontecer a alguém é escorregar na escada. Rezei para que houvesse um lugar no céu para aquela menina, qualquer que fosse a sua condição ao chegar lá.

— Não entendo por que eles levaram seis meses para me informar de um fato tão simples.

O antigo fogo estava voltando àquela estranha couraça triste de meu pai. Fiquei alegre.

Matusalém gritou: “Ko ko ko!”

— Vamos entrar! — respondeu meu pai cada vez mais impaciente.

— Acorda, irmão Fowles!

— Vá para o inferno! — respondeu meu pai.

Senti o coração parar.

Ele se levantou depressa, marchou até a varanda e abriu a porta da gaiola de Matusalém, que encolheu os ombros e se afastou da porta. Seus olhos inchados piscavam para cima e para baixo, tentando entender o espectro deste enorme homem branco.

— Você está livre. Pode ir embora — disse meu pai, esperando.

Mas o papagaio não saiu, então ele enfiou a mão e o pegou.

Nas mãos de meu pai, Matusalém parecia apenas um brinquedo emplumado. Quando foi lançado para o alto das árvores, ele não voou de imediato, planou pela clareira como uma peteca de cauda vermelha. Pensei que o aperto de meu pai tinha assustado aquela criatura e que ela com certeza iria cair.

Mas não. Numa explosão de luz, Matusalém abriu as asas e voou como a própria liberdade, subindo até o alto de nossos pés de feijão do Kentucky e os galhos mais altos da floresta, que, com certeza, há de recuperar tudo quando nos tivermos ido.

Livro dois

A revelação

E vi surgir do mar uma besta...
Se alguém tem ouvidos, ouça

Apocalipse 13:1, 9

Orleanna Price

ILHA DE SANDERLING, GEORGIA

Até hoje, de raro em raro, ainda sinto o cheiro da África. Então, tenho vontade de gemer, cantar, bater palmas como um trovão, deitar-me ao pé de uma árvore e deixar os vermes aproveitarem o que ainda resta de mim.

É insuportável.

Frutas maduras, suor azedo, urina, flores, temperos escuros e outras coisas que nunca vira — não sei o que entra na sua composição, nem por que esse odor surge para me enfrentar quando viro apressada e tranquila uma esquina. Encontrou-me nesta ilha, na nossa cidadezinha, num beco onde garotos tranquilos fumam numa escada no meio do lixo ainda por recolher. Há alguns anos, achou-me na Costa do Golfo, no Mississippi, aonde eu tinha ido para um enterro na família: a África se levantou para me dominar quando passei num molhe junto a um grupo de velhos pescadores de cabeça de tartaruga, os baldes de iscas espalhados entre eles como um banquete. Outra vez, ao sair de uma biblioteca em Atlanta, lá estava o cheiro a me agredir sem qualquer razão que eu conheça. Quando a sensação surge de dentro de mim, sei que você ainda está aqui, firme no controle. Alguma coisa você fez para que a divisão das células de meu corpo nunca se liberte das partículas de África que consumiu. África, onde uma de minhas filhas continua enterrada na terra vermelha e úmida. O cheiro é uma acusação. Parece que só me conheço porque você está constantemente presente na minha alma.

Você diria que eu poderia ter sido uma mãe diferente, ter-me levantado e visto o que se aproximava, pois sua presença já era sensível no ar pesado. Era o cheiro do dia de mercado em Kilanga. A cada cinco dias era dia de mercado — não eram sete nem treze dias, nada a que se pudesse dar um nome, como “sábado”, ou o “primeiro dia do mês, mas a cada polegar, se os dias são contados pelos dedos da mão. Não tem sentido, ou tem todo o sentido do mundo, desde que se entenda que no Congo usam-se as mãos exatamente para segurar ou contar coisas. De todos os lados, a cada cinco dias vinham pessoas das aldeias próximas, com as mãos cheias ou vazias, para passear e barganhar para baixo e para cima entre as filas onde as mulheres haviam depositado seus produtos em esteiras no chão. As vendedoras se agachavam de cara fechada, o queixo apoiado sobre os braços cruzados, atrás de pilhas de sementes de cola^[15], feixes de varinhas perfumadas, pilhas de carvão, garrafas e latas recuperadas, ou partes secas de animais. Resmungavam continuamente enquanto construía

demoliam com mãos decididas pirâmides de laranjas manchadas e mangas, e diques curvos de bananas verdes. Com um suspiro profundo, eu me dizia que qualquer mulher entende outra mulher no mercado. Ainda assim meus olhos não conseguiam decifrar essas vendedoras: usavam tecidos brilhantes na cabeça, alegres como se numa festa, mas olhavam o mundo de cara permanentemente fechada. Jogavam a cabeça para trás, num tédio de olhos semicerrados, enquanto penteavam os cabelos umas das outras em montinhos assustados. Mesmo que eu fingisse ser uma vizinha, elas sabiam quem eu era. Como um peixe, eu era pálida e tinha os olhos redondos. Um peixe na poeira do mercado, tentando nadar enquanto todas as outras mulheres respiravam calmamente aquela atmosfera de frutas passadas, carne seca, suor e temperos, infundindo em suas vidas os poderes que eu temia.

Lembro-me de um dia em particular. Estava tentando acompanhar minhas filhas, mas só via Leah. Ela usava um vestido azul claro com uma faixa na cintura amarrada nas costas. Com exceção de Rachel, todas as outras geralmente usavam andrajos, portanto aquele dia devia ser um domingo, uma coincidência do nosso grande dia com o do povo da aldeia. Leah estava carregando uma cesta para mim, e portanto perdera seu lugar preferido à frente do grupo. As outras haviam desaparecido. Eu sabia que Nathan estaria impaciente à nossa espera, e assim fiz um sinal para Leah. Ela teve que atravessar uma barragem de produtos para chegar até mim. Sendo a gêmea cujas pernas jamais falhavam, deslocou a cesta para o quadril esquerdo e deu um passo gigantesco sobre uma pirâmide de laranjas. Estendi a mão para ela. Entretanto, naquele instante, ela não conseguiu completar a passada sobre as laranjas, incapaz de trazer o outro pé à frente. *Fffff!* A mulher agachada ao lado das laranjas pulou bufando, movendo as mãos como se fossem tesouras, contra nós, queimando-me com um olhar tão quente que a íris cor de chocolate se fundia com o branco. Uma fileira de homens sentados num banco ergueu os olhos de suas cuias de cerveja e eles nos olharam com os mesmos olhos enevoados, fazendo sinais para que eu tirasse minha filha: *fantasma estúpida! Não-pessoa!* Montada na riqueza de uma mulher no dia do mercado. Não consigo evitar o embaraço que me traz essa lembrança, a Leah, com os genitais — expostos à vista de todos — suspensos sobre as laranjas da mulher. Uma mãe estrangeira e sua filha que se acreditavam no controle pleno da situação, de repente reduzidas ao nada que todos viram que éramos.

Até aquele momento eu pensava poder ser uma delas e ao mesmo tempo a mulher de meu marido. Que pretensão! Dele eu era apenas instrumento, seu animal, e nada mais. Como nós, mães e esposas, morremos nas mãos de nosso senso de justiça. Eu era apenas mais uma daquelas mulheres que fecham a boca e agitam a bandeira quando sua nação se lança à conquista de outra em mais uma

guerra. Culpadas ou inocentes, elas têm tudo a perder. Elas são o que se tem a perder. Uma esposa é a própria terra, passando de mão em mão, marcada por cicatrizes.

Deveríamos ter fugido da África por um caminho diferente. Agora, algumas de nós estão sob a terra, outras sobre ela, mas somos todas mulheres, feitas da mesma terra ferida. Hoje fico observando minhas filhas crescidas, à procura de sinais de que repousam em paz. Como conseguiram, quando eu continuo perseguida por um julgamento? Os olhos nas árvores se abrem nos meus sonhos. Durante o dia observam minhas mãos sofridas que cavam a terra úmida de meu jardimzinho. O que você quer de mim? Quando ergo os olhos loucos e falo sozinha, o que você quer que eu diga?

Oh! Minha pequena fera, pequena favorita. Não vê que eu também morri?

Às vezes rezo para me lembrar, outras para esquecer. Não faz diferença. Como vou andar livre pelo mundo, depois daquelas mãos batendo no mercado, que estavam simplesmente me mandando embora? Tive sinais de alerta. Como suportar o cheiro do que me persegue?

Houve tão pouco tempo para avaliar o que era certo ou errado, quando eu mal sabia onde estava. Naqueles primeiros meses, eu geralmente acordava assustada, pensando estar de volta a Pearl, Mississippi. Antes do casamento, antes da religião, antes de tudo. As manhãs no Congo eram tão úmidas que só se via uma nuvem baixa sobre a terra, e portanto podia-se estar em qualquer lugar. Mama Tataba aparecia na porta do quarto vestindo cardigans verde-oliva abotoados até a metade, com buracos nos cotovelos, uma touca de lã afundada até os olhos, as mãos de pele grossa como couro; poderia ter sido uma mulher parada na entrada lateral da Lutton's no Ano de Nosso Senhor e de minha infância de 1939.

Então ela dizia:

— Mama Prize, mangusto entrar farinha branca.

Eu tinha de me segurar na cama, pois a paisagem começava a girar como água escorrendo pelo ralo e a me puxar para o meio. Aqui. Agora. Como uma pessoa acaba num lugar como aquele em que eu me encontrava?

Tudo mudou no dia em que os perdi, Mama Tataba e o maldito papagaio, libertados, os dois, por Nathan. Que dia foi *aquela*. Para os habitantes nativos de nossa casa, foi o Dia da Independência. O pássaro continuou por ali, lançando olhares irritados do alto das árvores, ainda à espera de ser alimentado. A outra, de quem dependia a nossa vida, sumiu da aldeia. E a chuva caía e eu pensava: será que estamos perdidos sem saber? Já tinha acontecido tantas vezes na minha vida (vem à lembrança o dia do meu casamento) eu pensar estar saindo da mata,

sem perceber que tinha apenas feito uma pausa à beira de mais um precipício no meio de uma queda muito, muito alta.

Ainda sei recitar a ladainha dos esforços feitos a cada dia para manter marido e filhas vivos e bem alimentados no Congo. A jornada sempre começava quando eu me levantava de manhã, com o galo cantando, abria a tela contra mosquitos e enfiava os sapatos — pois havia vermes no chão à espera, para penetrar nos nossos pés descalços. Portanto, sapatos, e eu a deslizar pelo chão para saudar o novo dia. Sonhando com café. Acho que nunca senti tanta falta da presença física de meu marido, nas suas ausências, quanto sentia do café. Saía pela porta do fundo, para o choque de calor úmido, tentando ver o rio: resistindo à vontade de fugir.

Oh, aquele rio de desejos, o sonho escorregadio como um crocodilo, como ele poderia ter levado meu corpo através de bancos de areia até o mar! O trabalho mais pesado de cada dia era decidir, mais uma vez, ficar com minha família. Nunca souberam. Quando eu abria a tranca que protegia nossa cozinha contra a invasão de bichos e crianças, quase tinha de voltar a fechá-la atrás de mim, para evitar a tentação de fugir. A tristeza, a umidade, o hálito permanentemente azedo da estação chuvosa, tudo isso me oprimia como um amante incômodo. O cheiro de fezes recentes que vinha do mato. E de nossa própria latrina, muito próxima.

De pé ao lado da mesa eu me deixava levar por meus pensamentos e me observava assassinando laranjas com nossa única faca cega, cortando-lhes a barriga e espremendo o sangue vermelho. Mas não, primeiro era preciso lavar a fruta; essas frutas estranhas, chamadas laranja-sangue, eram recolhidas na floresta. Ao comprá-las de Mama Mokala, eu sabia que tinham passado pelas mãos de seus filhos, que tinham todos crostas brancas nos olhos e no pênis. Lavá-las então com uma gota do precioso *Clorox*, medida como se fosse o próprio Sangue do Cordeiro. É cômico, eu sei, mas durante toda aquela época não me saía da cabeça a imagem de uma campanha publicitária em que se viam grupos de crianças muito sujas sob o cartaz: **PRECISA-SE DE CLOROX**.

Muito bem, o suco foi extraído da casca desinfetada, então o líquido grosso tinha de ser diluído em água, ou as laranjas iriam durar muito pouco tempo. É difícil dizer o que era mais caro: *Clorox*, laranjas ou água. *Clorox* e as laranjas tinham de ser barganhadas, ou melhor, no caso do *Clorox*, imploradas àquele homem horroroso, Eben Axelroot, que trazia nossos suprimentos. A intervalos de algumas semanas ele aparecia sem aviso, surgindo de repente com suas botas rotas e seu chapéu de caubói manchado de suor, fumando cigarrilhas à minha porta, exigindo dinheiro pelo que já era nosso, doação da Liga das Missões. Ele nos vendia até a nossa correspondência! Nada era gratuito para nós. Nem mesmo

a água. Tinha de ser trazida de uma distância de mais de dois quilômetros e fervida. “Fervida”, essa palavrinha significava 20 minutos de panela em cima do fogo, num fogão que parecia a sucata enferrujada de um *Oldsmobile*. “Fogo” representava a busca de lenha e gravetos numa aldeia onde se vinha recolhendo lenha desde quando Deus era criança, e o solo foi limpo de combustíveis com a mesma eficiência com que um animal se livra dos piolhos. Assim, “fogo” significava excursões cada vez mais longas dentro da floresta para catar galhos caídos no chão, sob o olhar duro das cobras, para se conseguir um único balde de água potável. Qualquer esforço mínimo de higiene pessoal era ampliado por horas de esforço para obter os elementos mais simples: água, calor, e qualquer coisa que pudesse servir de desinfetante.

E a comida era outra história. Encontrá-la, aprender o nome, cortar e bater até transformá-la em alguma coisa aceitável para a minha família. Durante muito tempo não consegui entender como as outras famílias se alimentavam. Não se via o que comer, nem mesmo no dia do mercado, quando todo mundo se reunia para juntar suas posses em pilhas tão altas quanto possível. Não havia alimento suficiente para as duas dúzias de famílias de nossa aldeia. É, havia carvão para cozinhá-la, e pimenta *pili-pili* vermelha e seca para temperá-la e cuias para servi-la, mas onde estava a comida? Por Deus, o que eles comiam?

Depois de algum tempo eu descobri a resposta: uma pasta viscosa chamada *fufu*. Vem de um tubérculo maravilhoso, que as mulheres cultivam e arrancam do solo, encharcam no rio, deixam secar ao sol e socam em pilões escavados em troncos até que se transforme num pó branco, e depois cozinham. Chama-se mandioca, como Janna Underdown me informou. Tem o valor nutricional de um saco de papel, com o bônus adicional de traços de cianeto. Ainda assim enche o estômago. Cozida, transforma-se numa massa sem gosto, que pode ser aceita por uma criança americana, mas só depois de muita luta, de muitos puxões de nariz e de muitas negaças. Mas para o povo de Kilanga, além do tempo, *fufu* era a única coisa da vida que parecia garantida. Sempre haverá a mandioca. É o centro da vida. Quando as mulheres altas e magras em seus sarongues voltavam calmamente dos campos, elas traziam a mandioca na cabeça, num equilíbrio impossível, um feixe de raízes do tamanho de um cavalo. Depois de encharcadas e descascadas, as longas raízes brancas eram colocadas de pé em tinas esmaltadas e levadas em fila única pela aldeia como imensos lírios equilibrados sobre talos finos e compridos. Essas mulheres passavam dias no trabalho de plantar, colher e bater mandioca, embora o ar distante com que executassem aquelas tarefas parecesse absolutamente dissociado da elaboração de qualquer produto final. Elas me lembravam os grupos de negros chamados *gandy dancers* no Sul dos Estados Unidos, que vinham pela ferrovia cantando, dançando para

frente e para trás em sincronia, batendo um batuque ritmado com barras de ferro, encantando as crianças ao passarem, e só depois é que se via que eles tinham consertado os trilhos. Essas mulheres preparavam assim a mandioca, e era assim que as crianças a consumiam: sem a menor preocupação quanto aos principais objetivos da produção e do consumo. *Fufu* era apenas outra palavra para alimento. Qualquer outra coisa que se pudesse comer — uma banana, um ovo, o feijão chamado *mangwansi*, um pedaço de carne de antílope crestada no fogo — era exatamente o oposto, e comê-la era visto como uma ocasião muito importante e geralmente inesperada.

Minha família exigia ocasiões especiais três vezes ao dia. Não podiam entender que o tipo de alimento que esperavam, resultado de trinta minutos de trabalho na terra da General Electric, representava aqui uma vida de trabalho. Qualquer família poderia ficar sentada à mesa, esperando que Mamãe e as empregadas trouxessem três ceias de natal por dia, e Mama Tataba era capaz de fazer as três, queixando-se o tempo todo. Ela resmungava enquanto trabalhava, sem parar, interrompendo-se às vezes apenas para puxar a saia enrolada e prendê-la sob o suéter de lã. Revirava os olhos resignada, toda vez que tinha de desfazer algum dos meus erros: as latas que eu tinha esquecido de lavar e guardar, as muitas ocasiões em que eu me esquecia de procurar tarântulas entre as bananas, a vez que eu enchi o fogão com *bāngala*, a madeira venenosa! Ela me tomou os fósforos no momento em que eu me preparava para acender os talos verdes e puxou a lenha com um pano, talo por talo, enquanto explicava rapidamente que só a fumaça nos teria matado a todos.

No início eu não sabia nada de kikongo além das coisas práticas que ela me ensinou, e assim fui poupada de entender as pragas que ela rogava sobre nossas almas imortais com a mesma facilidade com que alimentava nossos corpos. Mimava as meninas e ao mesmo tempo tinha raiva de todos nós. Mergulhava as mãos numa sacola mofada e tirava uma punhado de farinha milagrosamente branca para fazer biscoitos. Transformava a gordura de bode numa coisa parecida com manteiga, e com um instrumento que me parecia o resto de uma hélice de barco, triturava a carne de antílope na forma de hambúrgueres. Com um pedra plana e força de vontade transformava sementes numa pasta de amendoim bem razoável. E, ao final de todo esse trabalho, lá estava Rachel ao pé da mesa, puxando o cabelo para trás e anunciando o seu grande desejo: uma pasta “fina, macia, *não* encaroçada”.

Mama Tataba nos chamava de *fufu nsala*. Pensei que se tratasse de alguma coisa relacionada a comida, pois ainda não sabia que o kikongo é uma língua cantada, mais que falada. A mesma palavra em tom mais alto ou mais baixo poderia significar muitas coisas diferentes. Quando Mama Tataba cantava esse

hino para nós, em voz baixa, ela não estava nos chamando de comedores de *fufu*, ou de chatos para *fufu*, ou de qualquer coisa que eu pudesse ter imaginado. *Fufu nsala* é um rato de cabeça vermelha que vive na floresta e foge da luz.

Pensava que eu era corajosa. A primeira vez que entrei no barracão da cozinha, uma cobra fugiu, deslizando pelo degrau e uma tarântula ficou me olhando da parede, mexendo as pernas como um jogador de futebol americano na linha de ataque. Assim, como a melhor defesa é o ataque, eu disse a Mama Tataba que sabia cozinhar, mas nunca tinha sido domadora de circo. Deus sabe o que ela deve ter pensado daquele rato pálido acovardado que era sua patroa. Ela não tinha a menor ideia do que era um fogão elétrico, ou de uma terra onde as mulheres se preocupavam apenas com *acumulação de cera amarela*. Por mais que tenha me desprezado, nunca teve a menor ideia do tamanho do meu desamparo. Prefiro acreditar que, se tivesse, ela não nos teria abandonado. Da maneira como foi, ela levantou uma onda em que eu tive certeza de que me afogaria.

É estranho, mas foi a espantosa autoconfiança de Nathan que a expulsou. Assim como eu, ele achava que devíamos estar preparados. Mas não há nada que nos prepare para um víbora descansando na escada, ou para os tambores na floresta, clamando pelo fim de um século de sofrimentos. Com o fim do verão e a chegada das chuvas intermináveis, ficou claro que haveria problemas. Eu não conseguia parar de pensar na morte de minhas filhas. Sonhava que elas estavam se afogando, perdidas, ou eram engolidas vivas. Sonhava e acordava gelada de medo. Quando o sono se recusava a voltar, eu acendia uma lamparina de querosene e ficava até a manhã à grande mesa da sala, olhando para as palavras dos salmos para ver se tornava minha mente insensível: *Senhor, amei haver morado na tua casa e no lugar onde está a tua honra. Que minha alma não se junte aos pecadores, nem minha vida aos homens sanguinários.*

Redime-me.

Quando amanhecia, eu às vezes saía para passear. Para evitar o rio, tomava o caminho da floresta. Muitas vezes espantava famílias de elefantes que descansavam na clareira. Os elefantes da floresta são diferentes de seus primos que andam pelas pradarias: são menores e mais delicados, e varrem o solo coberto de folhas com a tromba rosada. Às vezes à luz do nascente eu via também famílias de pigmeus andando pelas sombras, vestindo apenas colares de penas e dentes de animais, ou, em dias de chuva, chapéus de folhas. Eram tão pequenos — menos da metade do meu tamanho — e tão enfeitados que durante muito tempo pensei que fossem crianças. Ficava maravilhada com aqueles grupos de meninos e meninas sozinhos na floresta, com facas e lanças, levando os bebês amarrados nas costas.

Pode ter sido a leitura da Bíblia que deixou minha mente tão aberta, pronta a aceitar qualquer possibilidade, por mais estranha que fosse. Isto e a falta de sono. Precisava de amarrações que me dessem firmeza, mas não tinha com quem conversar. Tentei estudar as notícias dos Estados Unidos que nos eram enviadas por Janna Underdown, mas elas só me pareciam perturbadoras. O presidente Eisenhower falava que tudo estava sob controle; o menino Kennedy dizia que Tio Ike estava acabado e que era preciso ver além do Congo — *Congo!* — uma prova da fraqueza da liderança americana, do atraso em foguetes e mais uma prova da ameaça comunista. Gente como Eleanor Roosevelt dizia que devíamos oferecer ajuda para trazer aquelas crianças para o século XX. E ainda assim o senhor George F. Kennan, diplomata aposentado, achava que não tínhamos a menor responsabilidade pela África. Não é problema nosso. Que sejam comunistas, se quiserem.

Eu não tinha condições de avaliar essas questões, quando a entrada de minha casa escondia cobras que poderiam cuspir veneno nos olhos de minhas filhas e matá-las.

Mas Nathan não tomava conhecimento de minhas aflições. Para ele a vida era simples, bastava pagar à vista e enfiar o recibo no bolso: tínhamos a proteção do Senhor porque viemos para a África para servi-lo. Ainda assim, cantávamos na igreja “*Tata Nzolo!*”, o que tanto pode significar *Pai do Céu* quanto *Pai das Iscas de Pesca*, dependendo da forma como era cantado, e isso resumia bem a minha perplexidade. Nunca soube se deveríamos ver a religião como um seguro de vida ou como prisão perpétua. Entendo um Deus furioso, pronto a nos deixar pendentes de um gancho. E entendo um Jesus terno e sem preconceitos. Mas não conseguia ver os dois juntos na mesma casa. A gente termina pisando em ovos, sem saber qual *Tata Nzolo* está em casa no momento. Sob aquele teto incerto, que lugar cabia a minhas filhas? Não é de espantar que a maior parte do tempo elas pareciam não me amar — eu não conseguia me interpor entre elas e a luz ofuscante de meu marido. Elas olhavam diretamente para ele e ficavam cegas.

Enquanto isso, Nathan se envolvia completamente na salvação de Kilanga. Quando rapaz, Nathan tinha jogado futebol com muito sucesso no time da escola em Killdeer, Mississippi, e acreditava que o tempo de vitórias continuaria para sempre. Nunca se conformou com derrotas nem com recuos. Acho que ele já se inclinava muito para a teimosia e para o desprezo pelos derrotados muito antes da convocação para a guerra e das circunstâncias estranhas que envolveram seu desligamento. A partir de então, atormentado pelo que tinha acontecido nas Filipinas e pelos milhares de homens que lá ficaram, seu desprezo pela covardia transformou-se em obsessão. É difícil imaginar um homem menos disposto a mudar de curso do que Nathan Price. Ele não tinha ideia do quanto aquela

fixação no batismo o afastava de seu objetivo. O chefe da aldeia, Tata Ndu, recomendava a todos, em altos brados, que se afastassem da igreja porque Nathan queria atirar os filhos deles aos crocodilos. Até mesmo Nathan teve de reconhecer que esta circunstância pedia uma reconciliação.

Mas reconciliação com Tata Ndu era uma cruz muito pesada. Quando nos atendeu em audiência, estava sentado numa cadeira na frente da casa olhando um ponto além de nós. Ajustou o chapéu feito de fibras de sisal. Tirou e examinou os óculos de armação preta (sem lentes), afetando desinteresse, enquanto Nathan falava. Espantava as moscas com o cetro oficial de seu cargo — um tipo de rabo endurecido de algum animal corado de pelos brancos sedosos. Durante a segunda entrevista, Nathan retirou o batismo como programa específico, e sugeriu que se organizasse alguma forma de aspersão de água.

Mais tarde recebemos uma resposta formal por meio do filho mais velho de Ndu, dizendo que tudo bem com a aspersão, mas que anteriormente o irmão Fowles tinha perturbado muito o chefe com ideias estranhas sobre se ter somente uma mulher de cada vez. Imagine, dizia o Tata Ndu, a vergonha de um chefe que só tem riqueza para manter uma única esposa! Antes de ele apoiar nossa igreja, o chefe esperava que desistíssemos desse absurdo.

Em casa, meu inabalável marido arrancou os cabelos. Sem a bênção do chefe não haveria congregação. Nathan queimava de indignação. Não há outra forma de dizê-lo. *Muitas são as aflições do justo: mas o Senhor o protege de todas*, ele clamava aos céus, enfrentando Deus e exigindo justiça. Naquela noite eu o abracei e vi que partes de sua alma se transformavam em cinza. Depois eu o vi renascer, tendo uma pedra no lugar do coração. Ele não iria mais aceitar transigências. Disse que Deus o estava testando, como fizera com Jó, e o problema daquela parábola específica é que Jó não tinha cometido qualquer pecado. Nathan sentiu que tinha sido um erro subordinar sua vontade à da África. Refazer os canteiros altos; submeter-se aos desejos de Tata Ndu ou às queixas de Mama Tataba. Tudo tinha sido um teste da força de Nathan e Deus estava contrariado com o resultado. Ele não voltaria a falhar.

Ele via as meninas cada vez menos. Quase já não era um pai, no sentido vocacional, como um ceramista que tem barro para moldar. Ele já não reconhecia o riso nem a angústia de cada uma. Ele não viu Adah escolher seu próprio exílio; não viu a falta que Rachel sentia das visitas das amigas e dos seus discos. E Leah, coitada, que o seguia como uma garçonne à espera da gorjeta. Era de cortar o coração. Fiz o possível para afastá-la dele com todo tipo de pretexto, mas não deu resultado.

Enquanto as intenções de meu marido se cristalizavam como sal gema, e enquanto eu me preocupava com nossa própria sobrevivência, o Congo respirava

atrás da cortina da floresta, preparando-se para passar sobre nós como um rio. Minha alma tinha se juntado aos pecadores e sanguinários, e minha única preocupação era trazer Mama Tataba de volta, ou pensar no que deveríamos ter trazido da Georgia. Fiquei cega de tanto olhar para trás — a mulher de Lot — e só conseguia ver as nuvens se acumulando.

As coisas que aprendemos

KILANGA, 30 DE JUNHO DE 1960

Leah Price

No início, estávamos na mesma situação de Adão e Eva. Tínhamos de aprender os nomes de todas as coisas. *Nkoko*, *mongo*, *zulu* — rio, montanha, céu — cada coisa precisa ser tirada do nada pela palavra que usamos para chamá-la. Todas as criaturas de Deus têm nomes, sejam as que deslizam pelo nosso caminho ou as que se oferecem à venda diante de nossa porta: antílope, mangusto, tarântula, cobra, o macaco preto e vermelho chamado *ngonndo*, lagartixas que correm parede acima. Peixe perca do Nilo e *nkyende* e enguia elétrica tirada do rio. *Akala*, *nkento*, *a-ana*: homem, mulher e criança. E tudo o que cresce: jasmineiros, jacarandá, feijão *mangwansi*, cana-de-açúcar, fruta-pão, ave do paraíso. *Nguba* é uma espécie de amendoim; *malala* são as laranjas de caldo vermelho-sangue; *mankondo* são bananas. *Nanasi* é o abacaxi, e *nanasi mputu* significa “abacaxi de pobre”: mamão. Todas essas coisas são silvestres! Nosso quintal se parece com o Jardim do Éden. Estou copiando na minha caderneta da escola todos esses nomes que aprendo, e juro que vou lembrar sempre, quando for adulta e tiver meu próprio quintal. Vou ensinar para o mundo inteiro as lições que aprendi na África.

Aprendemos nos livros que o irmão Fowles deixou para trás, guias de campo sobre mamíferos e aves e os lepidópteros, que são as borboletas. E aprendemos com qualquer um (principalmente crianças) que fale com a gente e mostre do que está falando. Tivemos até uma ou duas surpresas com nossa mãe, que cresceu numa região mais Dixie^[16] do que a nossa. Quando as árvores começam a florescer, ela ergue as sobrelanceiras longas acima dos grandes olhos azuis e declara: buganvília, hibisco, olhem, uma árvore do céu! Quem iria imaginar que Mamãe conhecesse suas árvores? E as frutas — manga, goiaba, abacate — que nós só tínhamos visto de relance no grande Supermercado Kroger em Atlanta — e agora as árvores se curvam para entregar esses prêmios exóticos nas nossas mãos! Mais uma coisa para eu lembrar de contar a respeito do Congo, quando for adulta: as mangas ficam penduradas na árvore por talos longos como cordas. Acho que Deus ficou com pena dos africanos, e depois de colocar os cocos tão alto, deixou a manga mais perto da mão.

Observo tudo e pisco os olhos, como se eles fossem uma câmera Brownie tirando retratos para levar para casa. Também olho para as pessoas, que têm nomes que precisam ser aprendidos. Aprendemos aos poucos a gritar para

chamar os vizinhos. A mais próxima é Mama Mwanza, uma pobre inválida que se arrasta pela estrada usando as mãos. E Mama Nguza, que anda com a cabeça muito alta por causa do papo, que parece um ovo de gansa debaixo do queixo. Tata Boanda, um velho pescador, sai todo dia com seu barco, usando a calça mais vermelha que eu já vi. As pessoas usam sempre a mesma roupa, entra dia, sai dia, e geralmente é assim que a gente as reconhece. (Mamãe diz que, se quisessem nos enganar, bastaria que eles um dia trocassem de roupa.) Nas manhãs frias Tata Boanda também usa um suéter verde-claro com gola branca — ele fica engraçado, com o peito musculoso, tão másculo e usando um suéter feminino! Mas como ele iria saber que aquilo é um suéter feminino? E como é que *eu* sei? Pelo estilo, embora não tenha nada específico que se possa descrever claramente. Portanto, será que é mesmo um suéter feminino aqui no Congo? Não sei.

Tenho de confessar outra coisa a respeito de Tata Boanda: ele vive em pecado. Bem diante dos olhos de Deus ele tem duas mulheres, uma moça e outra velha. Mesmo assim todos eles vão à igreja! Papai diz que temos de orar pelos três, mas quando a gente pensa mais um pouco, é difícil dizer o que pedir nas nossas orações. Acho que ele devia deixar uma das mulheres, mas aí ele ia largar a mais velha, e ela já é tão triste. A mais moça é a mãe de todos os filhos, e não se pode pedir que um pai abandone de repente todos os filhos, ou pode? Sempre achei que qualquer pecado poderia ser perdoado se a gente deixasse Jesus Cristo entrar no coração, mas aqui tudo fica mais complicado.

Mama Boanda número dois não parece achar a situação ruim. Na verdade parece que ela está estourando de satisfação. Ela e suas filhas prendem o cabelo numa porção de mechas que saem da cabeça, e ficam com o jeito de uma almofada de alfinetes. (Rachel chama de penteado arame). E Mama Boanda sempre usa o seu *pagne* da mesma forma, com uma enorme estrela cor-de-rosa irradiando-se do seu traseiro. As saias das mulheres são muito alegres estampadas com tantas coisas estranhas: um mar de sombrinhas amarelas ou um gato pintado junto com um cachorro listado ou uma imagem do papa católico de cabeça para baixo podem passar de repente na frente de nossa casa.

No fim do outono, descobrimos de repente que os arbustos verdes que contornam todas as casas e margeiam todos os caminhos eram poinsettias. Elas floresceram viçosas, e o Natal apareceu no calor úmido, de forma tão surpreendente quanto ouvir no rádio um hino de Natal em pleno mês de julho. Ah, o Congo é o paraíso na terra e às vezes eu gostaria de viver aqui para sempre. Eu queria subir nas árvores, como os meninos, para pegar goiabas e comer tantas até o suco escorrer e manchar a minha blusa, para sempre. Só que agora eu já tenho quinze anos. Nosso aniversário em dezembro me pegou

desprevenida. Adah e eu ficamos atrasadas em termos das coisas ruins, como os seios e os incômodos mensais. Na Georgia, quando minhas colegas começaram a aparecer de sutiã, como se fosse uma epidemia, eu prendi o meu cabelo num rabo de cavalo e jurei que ia continuar sendo uma tomba-homem. Como Adah e eu já estávamos estudando a álgebra da universidade e lendo os livros mais grossos que havia, enquanto as outras continuavam a fazer cada coisa no devido tempo, achamos que poderíamos ter a idade que quiséssemos. Mas acabou. Agora já tenho quinze anos e tenho de pensar em amadurecer e virar uma senhora cristã.

Para dizer a verdade, aqui não é exatamente o paraíso. Talvez a gente tenha comido as frutas erradas do Jardim, porque nossa família sempre parece saber demais e não saber o suficiente. Sempre que acontece alguma coisa grande, somos pegos de surpresa, mas ninguém mais dá a menor importância. Ninguém liga para uma estação chuvosa que chegou e se foi, quando não se esperava nenhuma, nem para os arbustos que de repente se transformam em poinsettias. Nem para as borboletas com asas claras como pedras preciosas; nem para as cobras verdes, compridas ou curtas, que atravessam nosso caminho. Aqui até as crianças parecem saber mais do que nós, com a mesma facilidade com que falam sua própria língua.

Tenho de admitir, aquilo me desencorajou no início: ouvir as crianças falando kikongo. Como é possível que crianças menores que Ruth May falem tão perfeitamente uma língua tão diferente? Parece com a Adah, que de vez em quando aparece sabendo umas coisas difíceis, como falar francês ou qual a raiz quadrada de π , e eu tinha certeza que sabia tudo o que ela sabia. Depois que chegamos, todo dia a meninada vinha para a frente de nossa casa e nós ficamos sem entender. Pensamos que talvez alguma coisa diferente estivesse no nosso telhado, um macaco, por exemplo. Depois percebemos que *nós* éramos a coisa estranha. Elas vinham para a nossa casa pela mesma razão por que as pessoas param para ver um incêndio numa casa ou um acidente na rua. Para essa gente, nós éramos fascinantes simplesmente pela forma de andar pela casa, falar, usar calças compridas ou ferver a água.

Do meu ponto de vista, nossa vida era muito menos fascinante. Com toda aquela confusão da mudança, Mamãe nos deu umas semanas de férias, mas então, em setembro, ela bateu palmas e declarou: “Com Congo ou sem Congo, está na hora da escola”. Ela está decidida a nos transformar em intelectuais — e não só as duas bem-dotadas. De acordo com seus planos, estávamos todas presas no mesmo barco. Toda manhã depois do café e das orações ela nos punha à mesa e ia batendo o indicador atrás da nossa cabeça, forçando-nos a ler os livros (Ruth May tinha o livro de colorir), acho que nos preparando para o purgatório. Ainda

assim eu só conseguia me concentrar no barulho dos meninos lá fora, no som estranho das suas palavras. Parecia que não tinham sentido, mas também pareciam ter um propósito secreto. Uma frase misteriosa gritada por um dos meninos maiores fazia o grupo inteiro explodir em gritos e gargalhadas.

Depois do almoço, ela nos dava algumas horas de folga. No momento em que saíamos, os meninos gritavam aterrorizados e disparavam, como se fôssemos venenosas. Então, depois de um minuto ou dois eles voltavam a se aproximar, nus e assustados, maravilhados pelos nossos costumes. Pouco tempo depois eles já se tinham reunido num semicírculo em volta do nosso quintal, mastigando cana-de-açúcar e olhando. Um mais corajoso dava um passo à frente, estendia a mão e gritava, “*Cadeau!*” e fugia correndo dando gritos horrorizados. Isso foi o máximo de amizade que conseguimos até então — o pedido gritado de um presente! E o que nós tínhamos para dar? Quando planejamos a viagem, ninguém pensou que *eles* pudessem querer alguma coisa. Só compramos coisas para nós. Portanto, eu tentei ignorar tudo aquilo e fiquei na rede lendo um livro que já tinha lido três vezes. Fingi que não me importava se eles me olhavam como um bicho no zoológico ou uma fonte potencial de riquezas. Eles me apontavam e falavam entre si, deixando-me arrogantemente fora de seu mundo.

Minha mãe dizia, “Mas querida, isso é uma via de duas mãos. Você fala inglês e eles não.”

Eu sabia que ela tinha razão, mas isso não me consolava. Falar inglês não era nada. Não exigia o esforço necessário para ser capaz de dar os nomes de todas as capitais e principais produtos da América do Sul, de recitar as Escrituras, ou andar no alto da cerca. Não me lembrava de qualquer dificuldade para aprender minha língua nativa. Durante algum tempo me esforcei para aprender francês, mas aí a Adah ganhou o prêmio e eu desisti. Por mim, ela podia saber francês suficiente para nós duas. Apesar de eu achar que esse parece ser um talento estranho para alguém que não gosta de falar. Na Georgia, a ideia de aprender francês era como um jogo de salão. Depois que chegamos aqui, continuou parecendo. Aqueles meninos não precisam de nenhum *je suis, vous êtes*. Eles falam uma língua que brota e chove de suas bocas como água de um cano. E desde o primeiro dia eu ansiei por ela. Queria me levantar da rede e gritar alguma coisa que os espantasse como um bando de patos assustados. Tentei inventar uma frase bem sonora. Me imaginei gritando: “Bukabuka!” Ou “We like Ike!” Ou, como num filme de aventuras no espaço que eu tinha visto: “Klatu barada nikto!”

Eu queria que eles brincassem comigo.

Suponho que todo mundo na nossa família quisesse a mesma coisa, de uma

forma ou de outra. Brincar, barganhar razoavelmente, oferecer a Palavra, estender a mão através do espaço vazio que se acumulava em torno de nós.

Ruth May foi a primeira a conseguir.

Não devia ser surpresa, pois Ruth May parece ter a força de vontade necessária para superar qualquer obstáculo, não importa a altura, pela pura força da vontade. Mas quem iria pensar que uma menina de cinco anos pudesse estabelecer comunicação com os congoleses? Pois ela nem podia sair do nosso quintal! Era minha tarefa não deixar que ela saísse dali, nem caísse de uma árvore e quebrasse a cabeça. E ela era capaz de fazer exatamente isso para chamar atenção. Ela queria porque queria sair e às vezes eu tinha de ameaçá-la com alguma catástrofe apenas para ela ficar quieta. Eu dizia coisas terríveis. Que uma cobra podia picá-la, ou que um daqueles caras que estavam passando e balançando a machadinha iriam abrir-lhe a barriga. Mais tarde eu me arrependi e recitei o Salmo do arrependimento: “Tende piedade de mim, oh Senhor, conforme a enormidade de tua bondade.” Mas, de verdade, com tanta bondade, Ele tem de entender que às vezes é preciso assustar uma pessoa para protegê-la. Com Ruth May é tudo ou nada.

Quando via que ela estava convencida e aterrorizada, eu fugia. Ia procurar pigmeus, que moram ali na floresta, debaixo de nosso nariz, ou macacos (mais fáceis de achar). Ou ia picar frutas para Matusalém, que ainda está por aqui implorando comida, ou pegar grilos para Leon, um camaleão que temos preso numa caixa. Mamãe nos deixa ficar com ele, desde que ele nunca entre em casa. O que é engraçado, pois eu o *achei* dentro de casa. Seus olhos estufados giram para qualquer lado que ele queira, e é muito divertido quando ele vira um olho para baixo e outro para cima. Ele pega os grilos que jogamos para ele com um movimento rápido da língua, como um estilingue.

Às vezes também tento convencer Papai a me deixar ir com *ele*. Sempre há uma possibilidade. Papai passa os dias andando pela aldeia, tentando conversar com os velhos que não têm o que fazer, ou indo às aldeias vizinhas para examinar seu estado de graça. Existe uma porção de aldeias à distância de um dia de caminhada, mas é uma pena que todas estejam sob a jurisdição do chefe Tata Ndu, aquele homem sem Deus.

Papai nunca me deixa ir tão longe, mas assim mesmo eu sempre peço. Prefiro evitar a chateação das tarefas de casa, que fazem mais o gênero da Rachel, *quando* ela se digna a oferecer alguma ajuda. Para mim, a casa é um lugar onde é sempre melhor ficar do lado de fora. Por isso eu fico andando nos limites da aldeia, esperando a volta de Papai. Lá, onde a estrada de terra é um corte fundo entre paredes altas de capim, nunca se sabe o que pode aparecer caminhando sobre pés poeirentos. Geralmente é uma mulher, carregando o

mundo na cabeça: um garrafão de vidro revestido de vime e cheio de óleo de palmeira, com uma cuia por cima, parecendo um chapéu invertido; ou um feixe de lenha amarrado com capim elefante, ou uma bandeja esmaltada cheia de verduras. O senso de equilíbrio das congolezas é espetacular.

A maioria das meninas da minha idade, e até mais novas, já tem bebês. Parecem muito novas para já estarem casadas, até a gente olhar nos olhos delas. Aí a gente vê. São olhos alegres e tristes ao mesmo tempo, que não se impressionam com nada, que passam de um lado para o outro como se já tivessem visto de tudo. Olhos *casados*. E as mais novas — ainda muito moças para casar e muito velhas para se agarrar nas costas de alguém (o que não é um intervalo muito grande) — essas vêm pela estrada com cestas nos ombros, fazem uma cara de impaciência, como se quisessem dizer, sai da minha frente, não vê que eu estou ocupada! Elas são só meninas que andam atrás das mães, mas pode crer, para elas tudo é trabalho. As meninas são quase carecas, como os meninos. (Mamãe diz que é por falta de proteínas.) Mas a gente identifica as meninas por causa dos vestidos estampados, vindos de alguma terra distante. Durante meses eu achei estranho que elas se parecessem tanto com meninos de vestido amarrotado. Mulheres e meninas *nunca* usam calças. Nós somos as diferentes aqui. Parece que eles acham que somos meninos, menos a Rachel provavelmente, e não conseguem nos distinguir umas das outras. Eles nos chamam de *Beelezi* que significa belgas! Quer dizer, eles nos chamam assim normalmente. É como eles cumprimentam a gente: “*Mbote, beelezi!*” As mulheres sorriem e cobrem a boca, encabuladas. Os bebês olham para nós e disparam a chorar. Dá até complexo. Mas eu não me importo. Estou fascinada demais para ficar em casa, ou no nosso quintal. Sei que a curiosidade matou o gato, mas procuro cair nas quatro patas.

Bem no meio da aldeia tem uma paineira enorme, onde todos se reúnem e onde funciona o mercado a cada cinco dias. Ah, vale a pena ver! Todas as mulheres vêm para vender e discutir. Trazem banana verde, banana cor-de-rosa, montes de arroz ou de outras coisas brancas empilhadas em papel, cebolas ou cenouras ou até amendoim, se for nosso dia de sorte, ou cuias cheias de tomates vermelhos pequenos, umas coisas deformadas mas muito apreciadas. Às vezes a gente até vê garrafas de refrigerante que alguém trouxe nas costas lá de Leopoldville, e ainda vai ter de carregar muito tempo antes de vender tudo. E há uma mulher que vende um sabão da cor de caramelo, que parece muito gostoso. (Ruth May deu uma mordida e começou a chorar, acho que não foi por causa do gosto, mas de puro desapontamento. Aqui tem tão pouco doce.) Às vezes também aparece algum feiticeiro com aspirinas, pílulas cor-de-rosa, pílulas amarelas e pedaços de bicho, tudo arrumadinho em filas num pouco de veludo

preto. Ele ouve as suas dores e diz se o melhor para você é uma pílula, um amuleto ou ir para casa e esquecer delas. Isso é o dia do mercado. Até hoje a gente só comprou nas partes mais externas da feira; ainda não tivemos coragem de entrar tranquilas no meio daquela confusão para fazer compras. Mas é fascinante olhar ao longo das fileiras e ver aquelas mulheres de pernas compridas, nos seus *pagnes* coloridos, dobradas ao meio para examinar as coisas espalhadas no chão. E mulheres que puxam os lábios até o nariz quando estendem a mão para receber o seu dinheiro. A gente vê todo aquele barulho e agitação e depois olha para as colinas no fundo, onde os antílopes pastam tranquilamente sob as árvores de copa horizontal, e as coisas não se ajustam. Parece que a gente está vendo dois filmes diferentes que passam ao mesmo tempo.

Nos outros dias, em que não há mercado, as pessoas se reúnem na praça principal para uma coisa ou outra: arrumar os cabelos, consertar sapatos, conversar na sombra. Um alfaiate instala a sua máquina de costura de pedal e recebe roupas para consertar, e pronto, basta isso. Penteados são outra coisa, surpreendentemente complicados, já que as mulheres não têm tanto cabelo assim. Eles são divididos em filas, as linhas de separação formando desenhos incrivelmente intrincados, e assim a cabeça acaba ficando com um aspecto de bola de lã escura formada de muitos pedaços, costurados entre si de uma maneira caprichosa. Se elas têm uns cinco centímetros de cabelo para trabalhar, eles são amarrados em pequenas mechas com fio preto, e tomam a forma de montinhos, como os de Mama Boanda Número Dois. O salão da cabeleireira sempre atrai uma plateia. O lema parece ser: se você não tem, observe o dos outros. Os mais velhos, homens e mulheres, ficam olhando e mastigando as gengivas, vestindo roupas que ficaram da mesma cor que a de própria pele, depois de tantos anos de água e uso. À distância parece que eles não vestem nada, só se vê um toque leve de branco salpicado na cabeça. Parecem velhos como o mundo. Qualquer coisa colorida que eles peguem, como um balde, se destaca de forma estranha. Sua aparência não se ajusta ao mundo moderno.

Mama Lo é a cabeleireira. Ela trabalha também com óleo de palma, que os filhos extraem dos cocos vermelhos da palmeira numa prensa que ela tem em casa e vende ao povo da aldeia, um pouquinho de cada vez, para fritar as verduras e o resto. Mama Lo não tem marido, apesar de ser tão trabalhadora quanto o dia é comprido. Com os costumes daqui, seria de esperar que alguém pudesse tomá-la como um patrimônio bem valioso para a família. Ela não é bonita, é verdade, com os olhinhos tristes, a boca enrugada sempre fechada o dia inteiro, enquanto penteia o cabelo de todo mundo. A condição do seu próprio cabelo é um mistério, pois ela usa sempre um turbante estampado de penas de

pavão. As penas alegres não se ajustam bem à sua personalidade, mas, assim como Tata Boanda com seu suéter feminino, ela não liga para roupa.

Descobri que se eu me sentar num toco no fim da aldeia, mais cedo ou mais tarde eles me esquecem. Gosto de sentar lá e observar uma mulher com uma sacola branca e grande, uma sacola que Mamie Eisenhower poderia usar nas compras, que ela carrega orgulhosa na cabeça. E gosto de ver os meninos subindo no coqueiro para apanhar os coquinhos. É bonito ver os meninos lá no alto, com o sol vermelho escuro batendo no tronco da palmeira e nas pernas finas. Parecem tocados pela graça de Deus. De qualquer maneira, eles não caem nunca. As folhas da palmeira balançam em volta das cabeças deles como penas de avestruz.

Já vi duas vezes o homem do mel sair da floresta trazendo nas mãos nuas um bloco de favos pingando mel — às vezes até com as abelhas! Na boca, um rolo de folhas soltando fumaça, parecendo um charuto muito grande. Ele canta mansamente para as abelhas enquanto passa pela aldeia, as crianças correndo atrás dele, encantadas com a perspectiva do mel, vibram e zumbem como as abelhas, tal a ansiedade por um doce qualquer.

Nos raros dias em que Eeben Axelroot fica na sua cabana no fim da pista de pouso, eu gosto de ir lá para espioná-lo. Às vezes a Adah vem comigo, mas geralmente ela prefere a própria companhia à de qualquer outra pessoa. Mas o Sr. Axelroot é uma tentação grave por ser uma curiosidade tão abominável. Nós nos escondemos entre as bananeiras que cresceram em volta da latrina, apesar do nojo de saber que toda aquela exuberância vegetal é fertilizada pela sujeira daquele homem. As folhas das bananeiras crescem junto à janela de trás da latrina, deixando frestas estreitas, perfeitas para quem quer espionar. É chato ficar observando o próprio Sr. Axelroot; num dia normal ele dorme até o meio-dia, e depois tira uma sesta. É claro que ele está longe da salvação. Mas suas coisas são fascinantes: armas, ferramentas, uniformes do exército, e até um rádio estranho, que ele guarda num armário militar. Dá para ouvir a estática que sai do armário e as vozes estranhas e distantes que falam inglês ou francês. Meus pais nos disseram que não existe rádio num raio de cem milhas daqui (eles tentaram conseguir um por medida de segurança, mas até hoje não o recebemos, nem da Liga das Missões, nem de Deus). Portanto eles não sabem do rádio do Sr. Axelroot, e, como eu fiquei sabendo dele por espionagem, não lhes posso contar.

Meus pais o evitam o quanto podem. Nossa mãe tem tanta certeza de que nenhuma de nós ia ter interesse em chegar perto da casa dele, que nem se lembrou de proibir. Para mim isso é bom. Como ninguém afirmou que espionar o Sr. Axelroot é pecado, tecnicamente Deus não pode me acusar disso. É possível espionar por uma boa causa, e eu sempre achei que esse era o meu caso.

Estávamos no meio de setembro quando Ruth May começou a estabelecer contatos. Uma tarde, eu estava voltando de uma de minhas expedições de espionagem e a encontrei brincando de “Pode Mamãe?” com a metade das crianças da aldeia. Fiquei atônita. Lá estava a minha irmã caçula no meio do nosso quintal, o centro de um arco de crianças pretinhas que se estendia daqui até ali, e que chupavam cana em silêncio, sem nem mesmo piscar. Os rostos concentrados em Ruth May, da mesma forma que a luz do sol é concentrada por uma lente. Cheguei a pensar que ela ia pegar fogo.

— Você — Ruth May apontou e ergueu quatro dedos — Quatro passos de tesoura.

O menino escolhido abriu a boca e cantou a canção de quatro notas:

— Ma-maén, eu pós-sô?

— Pode — Ruth May respondeu benevolente.

O menino cruzou as pernas à altura dos joelhos, inclinou-se para trás e deu dois passinhos para frente, e depois mais dois, parecendo um siri que soubesse contar.

Observei durante muito tempo, admirada por ver o que Ruth May tinha conseguido fazer na minha ausência. Cada um daqueles meninos dava passos largos, passos de bebê, passos de tesoura e outras locomoções absurdas que ela inventava. De má vontade ela nos deixou entrar na brincadeira, e nós entramos de má vontade. Durante muitas tardes, sob as nuvens que se acumulavam, todas nós — inclusive Rachel, que se julgava superior — brincamos de “Pode Mamãe?” Tentei me ver no papel de missionária, reunindo as crianças em torno de mim, pois achava embaraçoso brincar aquele jogo de criança, com meninos que nem chegavam à minha cintura. Mas já estávamos tão cansadas umas das outras, que a companhia era irresistível.

Apesar disso, logo perdemos o interesse, pois não havia suspense: os meninos congolese sempre venciam. No esforço de percorrer a maior distância possível com passo de tesoura, às vezes a gente esquecia de perguntar “Pode Mamãe?” E as outras crianças nunca esqueciam. Para eles, gritar “Pode Mamãe?” era um passo numa rotina decorada, e não uma cortesia a ser ou não usada, como nós usamos por favor ou sim senhora. A compreensão que as crianças congolese tinham do jogo não tinha nada a ver com cortesia ou falta de educação, da mesma forma que as imprecações de Matusalém nada tinham a ver com o inferno e a danação. Ficamos meio desapontadas ao perceber que quem entendia as regras, mas não aprendia a lição, era quem ganhava o jogo.

Mas foi o “Pode Mamãe?” que quebrou o gelo. Quando as outras crianças se cansaram dos modos autoritários de Ruth May e foram embora, um menino ficou. Chamava-se Pascal ou algo parecido, e nos cativou com uma frenética

linguagem de sinais. Ele foi o meu *nkundi*: meu primeiro amigo de verdade no Congo. Tinha um pouco mais da metade da minha altura, mas era muito mais forte e, felizmente para os dois, ele usava uma calça cáqui. Dois buracos esgarçados atrás davam uma visão generosa das suas nádegas, mas ele era legal. Raramente eu tinha de ficar atrás dele, só quando a gente subia nas árvores. Para mim o efeito era menos embaraçoso do que a nudez total. Acho que não conseguiria ser amiga de um menino completamente nu.

“*Beto nki tutasala?*” era a saudação dele: “O que vamos fazer?” Era uma pergunta pertinente. Nossa amizade consistia principalmente de Pascal me dizer os nomes de tudo o que a gente via e de algumas coisas que a gente não via. *Bāngala*, por exemplo, uma planta venenosa que quase nos matara. Finalmente aprendi a reconhecer e evitar aquelas folhas macias e brilhantes. E ele me falou a respeito de *Ngondi*, os tipos diferentes de clima: *mawalala* é a chuva distante que nunca chega. Uma chuva forte com trovões que dobra o capim é *nuni ndolo*, e a chuva mais suave é *nkazi ndolo*. Essas duas chuvas também podiam ser chamadas de chuva macho e chuva fêmea, o que ele mostrou apontando para suas partes e para as minhas, sem dar o menor sinal de que houvesse qualquer coisa errada com elas. Outras coisas também podiam ser macho e fêmea, por exemplo, direita e esquerda: a mão masculina e a feminina. Essas discussões aconteceram várias semanas depois de ficarmos amigos, depois que Pascal descobriu que eu não era um menino, mas uma outra coisa desconhecida: uma menina de calça. Para ele foi uma surpresa, e não gosto de lembrar como ele descobriu. Foi numa ocasião que tive de fazer xixi no mato. Mas Pascal logo me perdoou, o que foi bom, pois não havia em Kilanga outros amigos de meu próprio gênero e idade, pois as meninas em Kilanga estavam sempre muito ocupadas recolhendo lenha, água ou os bebês. Cheguei a me perguntar por que Pascal tinha tanta liberdade para brincar e suas irmãs não tinham. Enquanto os garotos corriam, fingindo atirar uns nos outros e cair mortos na estrada, parecia que as meninas governavam o país.

Mas Pascal era um ótimo companheiro. Às vezes ficávamos agachados um diante do outro, e eu estudava os seus olhos bem separados, enquanto tentava ensinar inglês a ele — palmeira, casa, correr, andar, lagarto e cobra. Pascal repetia essas palavras mas era claro que ele não estava interessado em guardá-las. Só tinha interesse em coisas que nunca tivesse visto, como o relógio *Timex* de Rachel com ponteiro de segundos. Ele também quis saber o nome do cabelo de Rachel. *Rerr*, *Rerr*^[17], repetiu vezes sem conta, como se fosse o nome de alguma comida que ele nunca quisesse provar, nem por engano. Só mais tarde eu descobri que lhe deveria ter ensinado “loura”.

Quando ficamos amigos, Pascal pegou uma machadinha e cortou cana para

eu mascar. Com golpes fortes, ele cortou a cana em pedaços do tamanho de pirulitos, antes de recolocar a machadinha perto da rede do pai. O hábito de chupar cana certamente tinha algo a ver com os tocos pretos de dentes de quase todo mundo que sorria para nós, e Mamãe nunca perdeu uma oportunidade de comentar essa ligação. Mas Pascal tinha ótimos dentes, brancos e fortes, e eu resolvi arriscar.

Convidei Pascal para vir à nossa cozinha quando Mamãe não estava lá. Andamos pela escuridão que cheirava a banana, examinando a parede onde Mamãe prega as figuras que recorta de revistas. São as suas companhias, acho, essas donas de casa com os filhos, os homens elegantes dos anúncios de cigarros, que meu pai desaprovava, se o caminho do Senhor passasse pela cozinha, o que era pouco provável. Mamãe tem até uma fotografia do presidente Eisenhower. A cabeça branca e lisa brilha como uma lâmpada na escuridão da cozinha. É a nossa imitação da eletricidade! Mas Pascal prefere mexer nos sacos de farinha e às vezes come punhados de leite em pó. Acho aquele leite uma coisa horrível, mas ele come como se fosse doce.

Como agradecimento pela prova do leite em pó, Pascal me mostrou uma árvore, onde subimos e achamos um ninho de passarinho. Depois de examinarmos os filhotinhos de pele cor-de-rosa, ele enfiou um deles na boca como se fosse uma bala. Parecia que ele gostava muito. Ele me ofereceu outro filhote, mostrando por sinais que eu devia experimentar. Entendi, mas recusei. Ele não ficou triste por ter de comer sozinho toda a ninhada.

Noutra tarde, Pascal me mostrou como construir uma casinha de 15 centímetros de altura. Agachado debaixo da goiabeira, ele fincou dois paus na terra. Depois, transformou os paus numa parede trançando casca desfiada de árvore em volta deles. Cuspiu na terra vermelha para fazer barro, que bateu nas paredes até cobri-las completamente. Depois cortou com os dentes folhas de palmeira para fazer o teto. Depois, tornou a se agachar e examinou o trabalho feito, de cara séria. A casinha de Pascal era idêntica, em projeto e material, à casa em que ele morava. Só o tamanho era diferente.

Fiquei chocada com o abismo que havia entre as nossas brincadeiras — “Pode Mamãe?” ou esconde-esconde — e as dele: buscar comida, reconhecer árvores venenosas, construir uma casa. E era um menino de uns oito ou nove anos. Tinha uma irmã menor que carregava o bebê da família por todo lado e que ajudava a mãe a arrancar ervas daninhas da plantação de mandioca. Vi que toda essa ideia de infância não era algo natural. Na verdade me parecia alguma coisa inventada pelo homem branco para ser costurada na camisa como renda num vestido. Pela primeira vez eu senti raiva de meu pai, por me ter transformado na filha de um pastor branco da Georgia. Não era minha culpa. Mordi o lábio e

comecei a trabalhar na minha própria casa, debaixo da goiabeira, mas, comparadas ao talento perfeito de Pascal, minhas mãos eram tão jeitosas quanto as nadadeiras de uma foca, fora de seu elemento. Minha vergonha, oculta pelas roupas, foi profunda e vermelha.

Ruth May Price

Todo dia Mamãe dizia, você ainda vai quebrar a cabeça, mas não. Eu quebrei foi o braço.

Isso foi porque eu estava espionando os Escoteiros Africanos Comunistas. Lá do alto da árvore eu via, mas eles não me viam. A árvore tinha uns abacates verdes que não têm gosto de nada. Ninguém lá em casa gosta, só Mama, porque ela lembra do gosto dos abacates do Piggly Wiggly com sal e maionese *Hellman's*. Um dia eu perguntei para ela: Que cor era o vidro de maionese? Ela não chorou. Às vezes ela chora quando eu não lembro das coisas da Georgia.

Pareciam escoteiros congolese comuns, marchando, só que não usavam sapatos. Os soldados do exército belga todos usam sapatos e armas e passam por aqui marchando a caminho de um outro lugar. Papai disse que eles estão mostrando para todo mundo no Congo, como Tata Undo, que ainda são os belgas que mandam. Mas o outro exército é formado pelos rapazes que moram aqui por perto. Dá para ver a diferença. Nenhum branco dando ordens, e as roupas não são iguais. Eles só têm shorts, ou o que conseguem, e só andam descalços. Um tem um chapéu francês vermelho. Puxa vida, como eu gosto daquele chapéu! Os outros usam lenços vermelhos no pescoço. Mama diz que eles *não* são escoteiros, eles são do Jeune Mou-Pro. Ela diz, “Ruth May, querida, você não tem nada a ver com o Jeune Mou-Pro, portanto, quando eles aparecerem, você vem correndo para casa”. Mamãe deixa a gente brincar com os meninos, mesmo que eles estejam quase nus, mas não com os meninos de lenço vermelho. *Mbote ve!* Significa coisa ruim. É por isso que eu subo no abacateiro quando eles aparecem. Durante muito tempo pensei que fossem Jimmy Crow^[18], um nome que ouvi na minha terra.

De manhã não dá para espionar. Minhas irmãs têm de estudar e eu tenho de colorir e aprender as letras. Não gosto de estudar. Papai diz que as meninas não têm de ir para a escola porque elas molham os sapatos. Se eu fico caladinha, às vezes brinco com meus bichinhos de estimação, em vez de colorir. Meus bichinhos de estimação são Leon e um mangusto. E tem também o papagaio. Meu pai soltou o papagaio porque, sem querer, nós ensinamos palavras feias para ele, mas ele não foi embora. Ele vai e depois volta porque suas asas não servem mais para voar; ficou muito manso e esqueceu como voar. Eu dou para ele limas azedas da árvore *dima* para ele espirrar e limpar o bico, primeiro um

lado, depois o outro. *Mbote ve! Dima, dimba, dimbama*. Eu gosto de falar todas essas palavras porque elas saem da boca e riem. Minhas irmãs têm pena do papagaio, mas eu não. Se pudesse, eu também tinha uma cobra, porque eu não tenho medo de cobra.

Ninguém me deu o mangusto. Ele entrou no quintal e olhou para mim. Cada dia ele vinha mais perto. Um dia ele entrou na casa e então ele começou a vir todo dia. Ele gosta mais de mim. Não tolera ninguém mais. Leah diz que ele devia chamar Ricky Ticky Tabby, mas ele é meu e o nome dele é Stuart Little. É o nome de um ratinho num livro. Não tenho cobra porque o mangusto mata cobra. Stuart Little matou uma perto da cozinha, e agora mamãe deixa ele ficar na casa. *Dimba* significa *ouça!* Escuta aqui, cara! A cobra perto da cozinha era uma daquelas que cospem veneno. A gente fica cega e aí ela pode vir e morder na hora que quiser.

Nós descobrimos o camaleão sozinhas. Leah encontrou ele na cama. A maioria dos animais tem a cor que Deus deu e fica com ela, mas Leon é da cor que quiser. Nós trazemos ele para casa quando Mamãe e Papai estão na igreja, e uma vez nós pusemos Leon em cima do vestido de Mamãe para fazer uma experiência, e ele ficou todo florido. Se ele consegue sair e fugir para dentro da casa, puxa vida, aí ninguém mais encontra. *Wenda mbote* — até logo, adeus e amém! Por isso ele fica fora de casa na caixa que trouxe as revistas. Quando a gente cutuca ele fica preto com estrelinhas e faz um barulho. A gente só faz isso para mostrar quem é que manda.

Eu quebrei o braço no dia que o Sr. Axelroot devia chegar. Papai disse que, pela graça de Deus, ele estava chegando bem na hora. Mas quando o Sr. Axelroot descobriu que a gente tinha de ir a Stanleyville, deu a volta e partiu rio acima, ninguém sabe para onde, e disse que voltava amanhã. Mamãe disse: “Que homem!” Papai disse: “O que você estava fazendo no alto da árvore, Ruth May?” Eu disse que a Leah devia estar me vigiando, então não era minha culpa. Eu disse que estava me escondendo de Jimmy Crow.

Mama disse: “Pelo amor de Deus. O que você estava fazendo lá em cima, se eu lhe disse para você correr para casa quando eles estivessem chegando?” Ela não queria contar para o Papai porque ele ia me bater, com ou sem braço quebrado. Ela falou para ele que eu era uma ovelhinha de Deus e que tinha sido um acidente, e assim ele não me bateu. *Ainda* não. Talvez quando eu estiver curada ele ainda vai me bater.

O braço doeu. Eu não chorei, mas segurei ele firme no peito. Mama fez uma tipoia com o mesmo pano que ela trouxe para fazer lençóis e túnicas de

batizado para as meninas africanas. Ainda não batizamos nenhuma. Eles não deixam a gente levar elas para o rio. Crocodilos.

O Sr. Axelroot voltou no dia seguinte ao meio dia, e estava com cheiro de fruta estragada. Mama disse que a gente podia esperar mais um dia, se quisesse chegar lá inteira. “Por sorte foi só um osso quebrado e não uma picada de cobra.”

Enquanto nós estávamos esperando o Sr. Axelroot sentar no avião e ficar melhor, umas mulheres congolosas chegaram com grandes sacolas de mandioca na cabeça e ele deu dinheiro para elas. Elas gritaram e berraram quando ele deu o dinheiro. Papai disse que é porque ele estava dando dois centavos por dólar, mas elas nem têm dólares aqui, elas usam aquele dinheiro cor-de-rosa. Algumas mulheres gritaram muito com o Sr. Axelroot e foram embora com a mandioca. Então nós entramos no avião e voamos até Stanleyville: o Sr. Axelroot, Papai e meu braço quebrado. Fui a primeira das irmãs a quebrar um osso que não fosse um dedinho do pé. Mama queria ir no lugar dele porque eu era uma perda do tempo de Papai. Se ela tivesse ido eu ia no colo dela, eu também falei para ele que ele ia perder tempo. Mas não, ele decidiu que queria andar numa rua de cidade em Stanleyville, e assim ele foi e Mama ficou. O fundo do avião estava tão cheio de sacolas que eu tive de sentar em cima delas. Umas sacolas grandes e ásperas cheias de mandioca e banana e outras pequenas, de pano, cheias de alguma coisa dura. Olhei dentro: pedras. Umas brilhantes e outras pedras sujas. O Sr. Axelroot disse que comida valia ouro em Stanleyville, mas não era ouro nos saquinhos. Não senhor, eram diamantes. Descobri e não posso contar. Nem Papai sabe que nós viajamos num avião com diamantes. O Sr. Axelroot disse que se eu falasse Deus ia fazer Mama adoecer e morrer. Então eu não posso contar.

Depois eu dormi e acordei de novo no avião. O Sr. Axelroot mostrou tudo que dava para ver do avião: hipopótamos no rio. Elefantes correndo pela floresta, uma porção deles. Um leão comendo alguma coisa na beira da água. A cabeça balançava para cima e para baixo, igual à do nosso gatinho em Atlanta. Ele disse que também tem uns pigmeus pequeninhos lá em baixo, mas nós nunca vimos. Talvez pequenos demais.

Eu perguntei para ele: “E onde ficam as cobras mamba verdes?”

Eu sei que elas ficam no alto das árvores para cair em cima de quem passa embaixo e matar, e eu queria ver uma. O Sr. Axelroot disse, “Não tem nada no mundo para esconder melhor que uma cobra mamba. Elas ficam da cor do lugar onde estão e não mexem nem um músculo. A gente pode estar encostado numa e nem ver.”

Aterrissamos sem pular muito na grama. No céu o avião sacudiu muito mais. Uma casa grande ali perto era o hospital, e estava cheio de gente branca e

outras pessoas de roupa branca. Era tanta gente branca que eu perdi a conta. Há muito tempo que, branco, eu só via nós mesmos.

O médico perguntou:

— E o que uma filha de pastor tão bonitinha estava fazendo no alto da árvore? — Ele tinha cabelo amarelo no braço e tinha sotaque estrangeiro. Mas não deu injeção, e eu gostei dele.

Papai disse que era isso que ele e a minha mãe queriam saber.

Eu disse que fui esconder porque não queria que ninguém me pegasse e jogasse num caldeirão grande para me comer. O médico sorriu. Então eu contei para ele de verdade, que estava escondendo de Jimmy Crow, e o médico não sorriu, só olhou para Papai. Então ele disse:

— Subir nas árvores é coisa de macaco e menino.

— Não tem menino na nossa família — eu disse a ele.

Ele riu e disse, “Nem macaco, imagino!”

Ele e Papai conversaram coisas de homem. O médico estava surpreso por causa dos escoteiros negros na nossa aldeia. Ele não falava um inglês simples como a gente; ele dizia *I can not* em vez de *I can't* e outras coisas assim. Então ele perguntou a Papai:

— Então até em Kilanga eles já ouviram falar de nosso Patrice Lumumba?

Papai respondeu:

— Geralmente nós não os vemos. Às vezes ouvimos os tiros do treinamento deles.

— Deus nos guarde — disse o médico.

— Deus há de nos valer! Receberemos Sua bondade divina, como servos que vieram trazer ajuda.

O médico fechou a cara. Pediu desculpas, mas não concordava. Chamou meu pai de *reverendo*. Disse:

— Reverendo, o trabalho missionário é ótimo para a Bélgica, mas é um meio ruim como o diabo de prover assistência social.

Ele falou diabo! Segurei a respiração e prestei atenção.

Papai disse:

— Doutor, não sou um funcionário público. Alguns de nós têm uma carreira a seguir e outros são chamados. Meu trabalho é trazer a salvação para onde existe escuridão.

— Salvação coisa nenhuma! — foi o que o médico respondeu. Do jeito que respondia ao meu pai, acho que aquele homem era um pecador. Ficamos olhando enquanto ele misturava o gesso e estendia as faixas. Pedi a Deus que eles não brigassem. Ou que, se brigassem, eu pudesse ver. Uma vez eu vi Papai bater num homem que não louvou o Senhor.

Sem levantar os olhos de meu braço o médico falou:

— Nós, os belgas, os transformamos em escravos e lhes cortamos as mãos nas plantações de borracha. Agora são vocês, americanos, que os usam por um salário de escravo nas minas e deixam que eles cortem as próprias mãos. E ao senhor cabe gritar amém, meu amigo.

Enquanto falava aquilo tudo sobre cortar mãos, ele estava enrolando meu braço. Continuou a enrolar as tiras brancas e frias até terminar e meu braço ficou parecendo um cachorro quente, uma salsicha dentro do pãozinho branco. Fiquei feliz porque ninguém queria cortar *minha* mão. Como Jesus me fez branca, acho que eles não queriam.

Ele me disse:

— Isso vai incomodar, mas nós vamos tirar daqui a seis semanas.

— Está bem — falei olhando para a manga branca. Estava manchada de sangue, mas não era meu.

Mas Papai ainda não tinha terminado. Pulava de um pé para o outro e gritava:

— Cabe a *mim* gritar amém? Não é preciso dizer amém. Os belgas e americanos trouxeram a civilização para o Congo! A ajuda americana vai salvar o Congo. Você vai ver!

O médico segurou com as duas mãos o braço quebrado, examinando como os meus dedos mexiam. Levantou as sobancelhas louras olhou para Papai e perguntou:

— Reverendo, e de que consiste essa ajuda?

— Ora, estradas, ferrovias...

— Ah, sei. — Aí ele se curvou, e sem olhar para meu pai, perguntou:

— O seu pai trouxe você aqui de automóvel? Ou de trem?

Ele só estava querendo fazer gracinha, e nem Papai nem eu respondemos. Ninguém tem carro no Congo, e ele sabia.

Depois ele levantou e bateu as mãos para tirar o pó, e eu vi que ele já tinha terminado, mesmo que Papai quisesse continuar discutindo até ficar azul. O médico abriu a porta para nós.

— *Reverendo*.

— Pois não — respondeu meu pai.

— Não gosto de discutir, mas em setenta e cinco anos, as únicas estradas que os belgas construíram foram as que servem para transportar diamante ou borracha. Cá entre nós, reverendo, não acho que o povo queira a salvação que o senhor oferece. Acho que eles preferem Patrice Lumumba, a nova alma da África.

— A África tem um milhão de almas — Papai respondeu e ele sabia do que

estava falando, porque era ele quem tinha de salvar todas elas.

— É verdade — disse o médico.

Ele olhou o corredor e fechou a porta sem a gente sair, e disse numa voz baixa:

— E metade delas estava aqui na semana passada para aplaudir o Tata Lumumba.

— Tata Lumumba, que pelo que sei é um funcionário descalço do correio que nem frequentou a universidade.

— É verdade, reverendo, mas o homem tem tal poder sobre a multidão que não precisa de sapatos. Na semana passada ele falou durante uma hora sobre o caminho não violento para a independência. A multidão gostou tanto que se revoltou e matou doze pessoas.

O médico se afastou. Lavou as mãos numa bacia com água e depois enxugou, igual a minha mãe depois de lavar os pratos. Então ele voltou e examinou meu braço por um minuto e depois olhou para Papai. Contou para Papai que só oito congoleses tinham ido para a universidade. Nenhum deles era médico ou oficial do exército, pois os belgas não deixam eles estudar. E disse:

— Reverendo, se o senhor pensa em procurar os novos líderes do Congo nas escolas, pode desistir. É melhor procurar nas prisões, o próprio Sr. Lumumba acabou lá depois da agitação da semana passada. Quando sair tenho certeza de que vai ter mais seguidores do que Jesus.

Puxa vida! Meu pai não gostou nem um pouco do médico depois daquilo. Dizer que qualquer coisa é melhor que Jesus é um pecado sério. Papai olhou para o teto e depois para a janela fazendo força para não bater em nada até o médico abrir a porta e a gente sair. A luz no teto era um globo de vidro cheio pela metade de uma coisa escura, parecendo café, mas eram insetos mortos. Eu sei como. Os insetos gostam de chegar perto da luz, porque ela é tão bonita, como alguma coisa que eles querem muito, e aí eles ficam presos lá dentro.

Eu já conheço a sensação de encostar neles. É como pôr os dedos nos cílios de alguém.

Quando voltamos para casa, minhas irmãs tiveram de cortar a comida para mim e de me ajudar a vestir. Foi ótimo. Mostrei a Leah onde a gente tinha de subir no abacateiro e ela me ajudou a subir. Eu ainda conseguia subir sem a menor dificuldade, usando só um braço. Tenho de brincar mais com a Leah, porque as outras irmãs, uma não bate bem, e a outra já está muito grande para ficar brincando.

Tivemos de esperar lá em cima da árvore. Eu contei para ela:

— O Sr. Axelroot bebe whisky vermelho, que fica escondido debaixo do assento dele no avião. Eu puxei com o pé e depois tornei a pôr no lugar.

Eu era a mais nova, mas já tinha o que contar.

A gente nunca tem de esperar para o exército belga aparecer. Eles sempre aparecem na mesma hora. Logo depois do almoço, quando não está chovendo, e as mulheres já foram para o rio ou para as plantações e os homens estão dormindo em casa. Tudo está em silêncio. Então aparecem os rapazes do exército marchando e cantando alguma coisa em francês. O que é branco é quem manda, e todos os outros têm de responder gritando, porque são todos da tribo de Cam. Mas a verdade é que todos têm sapatos. Eles andam pisando duro na estrada e param tão de repente que a poeira acaba caindo toda de novo nos sapatos.

Os escoteiros são mais difíceis de ver. Como não gostam do exército belga eles ficam escondidos. Eles aparecem de vez em quando, e fazem uma reunião atrás do nosso galinheiro. Eles agacham para ouvir quando o mais importante fala, e as pernas e braços são tão finos que a gente vê a forma do osso. E não usam sapatos. Só uma poeira branca fina no peito do pé, e todos têm aquelas feridas e cicatrizes escuras. Todas as cicatrizes aparecem bem direitinho. Mama diz que a pele deles mostra as cicatrizes diferente da nossa, porque a pele é um mapa de todas as tristezas da vida deles. Nós estávamos esperando para espionar quando eles chegaram. Leah me disse que Mama disse que Dona Janna Underdown disse que a gente não pode nem olhar para eles. Eles querem tomar o país todo e mandar os brancos embora.

Eu disse que queria ter um chapéu vermelho como aquele.

— Psssiu! Cala a boca! — Leah respondeu.

Depois disse:

— Eu também queria. É um chapéu bonito. — Ela falou porque achou que eu tinha ficado zangada porque ela me mandou calar a boca.

Os meninos gritaram: “Patrice Lumumba!”

Eu disse a Leah que isso quer dizer a nova alma da África, que ele está na cadeia e que Jesus está com muita raiva dele. Eu contei tudo isso. Eu era a mais nova, mas eu sabia. Estava quieta, tão encostada no tronco que parecia que eu era a árvore. Eu era igual a uma cobra mamba. Veneno. Eu estou perto de você e você nem percebe.

Rachel

MUITO BEM, ALELUIA e passem a munição. Temos visita para o jantar! E um solteiro disponível, ainda por cima, sem duas ou três mulheres, nem mesmo uma segundo me informaram. Anatole, o mestre-escola, tem 24 anos, tem todos os dedos nas mãos, os dois olhos e os dois pés, e é o que o povo local considera um excelente partido. Bem, naturalmente ele não está na minha categoria de cor, mas mesmo se eu fosse uma congoleza, acho que eu ia agradecer e recusar a atenção de Anatole. Ele tem cicatrizes por todo o rosto. Não são cicatrizes de acidentes, mas linhas finas, do tipo que alguns por aqui mandam desenhar no rosto, como se fosse uma tatuagem. Tentei não ficar olhando, mas a gente acaba pensando, como é que alguém consegue fazer cortes traçados de forma tão perfeita? O que será que eles usam, um cortador de pizza? Eram linhas finas como cabelo e perfeitamente retas, um milhão delas, que vão do meio do nariz até os lados da face, como uma saia de veludo cotelê preto enviesada, com a costura bem no meio. Não é uma coisa comum por aqui, mas Anatole não é desta aldeia. Ele é congolês, mas tem uns olhos diferentes, meio enviesados como os dos siameses, só que mais intelectuais. Todas nós tivemos de fazer força para não ficar olhando. Lá estava ele, à nossa mesa do jantar, com o cabelo bem cortado, uma camisa amarela de abotoar na frente, e os olhos castanhos inteligentes piscando normalmente enquanto ele nos ouvia, mas com todas aquelas cicatrizes enervantes. Isso dava a ele um ar misterioso, como representante da lei. Passei o jantar lançando-lhe olhares de esguelha por cima do prato de carne de antílope e purê de batatas sem gosto, o que deve mostrar até que ponto fiquei desacostumada da presença da espécie masculina na nossa casa.

Anatole fala francês e inglês, e toma conta da escola sozinho. Seis dias por semana, bandos de meninos barulhentos da nossa aldeia e de outra próxima chegam desordenados para ter aulas. Só os meninos, e não são todos, pois muitos pais geralmente não aprovam o aprendizado de francês ou qualquer outra coisa estrangeira. Mas quando aqueles poucos afortunados aparecem a cada manhã, Anatole os coloca em fila, do menor para o maior. Se acontecer de alguém estar passeando pela nossa aldeia ao amanhecer, como eu tento geralmente não estar, pode ver os meninos nesse exercício. Cada um deles estende a mão até o ombro do menino mais alto à sua frente, criando uma grande linha inclinada de braços. Leah fez um desenho, mas minha irmã é mentalmente perturbada e deu o título

de “O plano inclinado dos machos”.

Feita a fila, Anatole faz os meninos entrar marchando na igreja, e lutar com os números e as conjunções francesas e sei mais o quê. Mas é só até esse ponto. Se não perderam o interesse antes, a educação termina quando eles chegam aos 12 anos. É como se houvesse uma lei. Imagine: ninguém pode frequentar a escola depois dos 12 anos. (Eu até gosto dessa lei!) Dona Janna Underdown disse que os belgas sempre adotaram uma política de não aprimorar a educação dos Congolese. Isso vale também para as meninas. Acho que nem era preciso dizer, já que as meninas aqui começam a ter filhos quando estão com dez anos e continuam tendo filhos até que os seios caem e ficam chatos como panquecas. Ninguém aqui sonha com esse tal de diploma a que o povo dá tanta importância. Ainda assim aqui está Anatole, que fala francês, inglês e kikongo, além de sua língua natal, qualquer que ela seja, e além de saber o suficiente para ser o professor de todas as matérias da escola. Seus dias de estudante devem ter sido tão atarefados quanto os de um castor.

Anatole nasceu nalgum lugar perto de Stanleyville, mas ainda menino, quando a mãe morreu, foi mandado para trabalhar nas plantações de borracha de Coquilhatville, onde tem mais oportunidades, tanto boas quanto más — foi assim que ele disse quando nos contou a sua autobiografia pessoal durante o jantar. Passou também algum tempo nas minas de Diamante no sul, em Katanga, de onde, segundo ele, vem a quarta parte de todos os diamantes do mundo. Quando ele falou de diamantes, naturalmente eu lembrei de Marilyn Monroe, de luvas longas e os lábios como num beijo, sussurrando “Diamonds are a girl’s best friends”. Minha melhor amiga, Dee Dee Baker e eu fomos assistir M.M. e Brigitte Bardot na matinê (se soubesse, Papai me matava sem piscar), portanto eu já sabia uma ou duas coisas a respeito de diamantes. Mas quando olhei para as mãos enrugadas e de palmas rosadas de Anatole, imaginei mãos como aquelas arrancando os diamantes da terra e fiquei pensando: Imagine, será que Marilyn Monroe tinha ideia de onde eles vinham? Só de pensar nela com o vestido negro de cetim e um operário congolês no mesmo ambiente, já senti uma coisa ruim. Portanto, imediatamente tirei isso da cabeça.

Em vez disso, resolvi examinar as cicatrizes do rosto de Anatole. Evidentemente, em alguma das regiões onde ele nasceu ou morou isso é considerado bonito. Por aqui as pessoas se contentam com as cicatrizes que a própria vida oferece. Isso e os penteados espetaculares das mulheres, que não me impressionam nem um pouco.

Mas, como Anatole não é daqui, está explicado por que ele não mora com pai, mãe e mais mil e quatrocentos primos, como todo o resto do povo aqui. Já tínhamos ouvido uma parte da história, que ele era órfão. Janna e Frank

Underdown o recolheram porque sua família foi toda morta de uma forma horrível, que eles sugerem mas nunca contam exatamente como foi. Quando ainda moravam aqui, eles ouviram falar de Anatole por outros missionários, e o tiraram das famosas minas de diamantes e lhe ensinaram a amar Jesus e a ler e escrever. Então eles o instalaram como professor. Papai diz que Anatole é “o nosso único aliado em tudo isso”, o que me pareceu claro como lama, mas aparentemente, essa opinião de Papai era razão suficiente para um convite para jantar. Pelo menos, esperamos ansiosas a oportunidade de comer alguma coisa além desses maravilhosos bichos mortos que a gente come normalmente. E foi uma oportunidade para Mamãe ficar toda agitada. Ela disse que não estava conseguindo inventar uma refeição apresentável. Ela cozinhou um pouco de carne de antílope e tentou preparar bananas fritas, que acabaram como uma cola preta de casco de cavalo na frigideira. Tentou compensar a pobreza da comida usando a toalha branca e servindo aquelas tristes bananas pretas na porcelana chinesa com miosótis pintados que era o seu orgulho — a única coisa bonita nessa confusão onde temos de viver. E tentou ser a mais gentil das anfitriãs. De qualquer forma Anatole elogiou muito o jantar, o que mostra que, ou ele é um rapaz muito educado, ou é um débil mental.

Os elogios e a conversa continuaram por muito tempo, e eu já estava a ponto de morrer. Minhas irmãs estavam fascinadas por aquele estranho, e prestavam toda atenção a cada sílaba dele em inglês. Mas para mim tudo estava exatamente igual aos jantares afetados de Papai com os grupos de estudo da Bíblia lá na Georgia, só que aqui a comida era mais repulsiva.

Então, de repente aconteceu a confusão.

Anatole se inclinou e anunciou:

— Nosso chefe, Tata Ndu está preocupado com a decadência moral da nossa aldeia.

— E devia estar, porque tão pouca gente vai à igreja.

— Não, reverendo. É porque muita gente está indo à igreja.

Bem, isso nos deixou todos estupefatos por um momento. Mas Papai se inclinou para a frente, pronto a aceitar o desafio. Sempre que percebe que vai ter uma discussão, ele fica todo agitado.

— Irmão Anatole, não consigo ver como a igreja possa significar qualquer coisa que não a alegria para os poucos aqui que escolheram o Cristianis-mo em lugar da *ignorância* e da *escuridão*!

Anatole suspirou:

— Entendo sua dificuldade, reverendo. Tata Ndu me pediu para que lhe explicasse. A preocupação dele é com os importantes deuses e ancestrais de nossa aldeia, que sempre foram honrados de uma forma sagrada. Tata Ndu está

preocupado que as pessoas passem a ir à igreja e a negligenciar seus deveres.

— Negligenciar os deveres para com a falsa idolatria, você quer dizer.

Anatole tornou a suspirar.

— Isso pode ser difícil para o senhor entender. As pessoas da sua congregação são em sua maioria o que chamamos em kikongo de *lenzuka*. Pessoas que passaram vergonha ou que tiveram uma sorte muito ruim ou coisa semelhante. Tata Boanda, por exemplo. Teve uma sorte terrível com suas mulheres. A primeira não lhe dá filhos, e a segunda tem um filho que vive morrendo antes de nascer e voltando para a barriga dela. Ninguém mais pode ajudar esta família. A família Boanda sempre teve o cuidado de fazer os sacrifícios adequados de comida e de fazer tudo como deve ser feito. Mas ainda assim eles acham que, por qualquer razão, foram abandonados por seus deuses. É o que estão sentindo. A sorte deles não pode ficar pior, entende? É por isso que eles querem tentar fazer sacrifícios para o seu Jesus.

Parecia que Papai estava se engasgando com um osso. Pensei: será que tem um médico em casa? Mas Anatole continuou alegre, aparentemente sem notar que estava a ponto de matar Papai de um ataque do coração.

— Tata Ndu está satisfeito porque o senhor atrai essas pessoas de má sorte. Assim os protetores espirituais da aldeia deixam de prestar tanta atenção nelas. Mas ele está preocupado porque o senhor está tentando atrair muita gente entre os outros para os costumes corruptos. Ele teme que haja uma catástrofe se irritarmos os deuses.

— *Corruptos*, você diz. — Papai mais afirmou do que perguntou, depois de encontrar a língua que o gato tinha escondido.

— É isso, reverendo Price.

— *Costumes* corruptos. Tata Ndu acha que trazer a palavra de Cristo para essas pessoas é atraí-las para *costumes* corruptos.

— Esta é a melhor forma que eu achei para traduzir o recado. Na verdade ele disse que o senhor está levando o povo da aldeia para um buraco onde não se vê a boa luz e onde eles vão ficar presos como vermes na carniça.

Aquilo foi a gota d'água! Parecia que Papai ia desmoronar. Chamem uma ambulância. E ainda assim, ali estava Anatole olhando para Papai com as sobrancelhas muito altas como se estivesse dizendo “será que o senhor entende inglês claro?” Sem falar nas minhas irmãs mais novas, que olhavam para Anatole como se ele fosse o bezerro de duas cabeças do *Acredite se quiser* do Ripley.

— Tata Ndu mandou o senhor me dizer tudo isso?

— Sim senhor.

— E o senhor concorda que eu esteja levando o povo da aldeia a participar

de um banquete com a carne decomposta de um cadáver?

Anatole fez uma pausa. A gente percebia que ele estava procurando palavras diferentes. Finalmente ele disse:

— Reverendo Price, não sou eu quem fica ao seu lado na igreja todos os domingos, traduzindo as palavras da Bíblia e os seus sermões?

Meu pai não disse nem que sim nem que não, apesar de ser claramente a verdade. Mas esse era o Papai, sem tirar nem pôr. Em geral ele não responde diretamente a uma pergunta. Sempre espera que tenha algum tipo de armadilha e ele não quer ser enganado. Em vez de responder, ele perguntou:

— E Anatole, você não está aqui, à minha mesa, traduzindo as palavras da Bíblia da falsa idolatria de Tata Ndu e seu sermão destinado a mim particularmente?

— Sim senhor, é o que estou fazendo.

Papai cruzou o garfo e a faca no prato, e deu um suspiro profundo, satisfeito de estar ganhando aquela parada.

— Irmão Anatole, todos os dias eu rezo pedindo a Deus compreensão e paciência para trazer Tata Ndu para a nossa igreja. Talvez eu tenha de rezar também pelo senhor.

Eles estavam falando do Grande Chefe Ndu, o senhor Undo, de acordo com Ruth May. E eu acho que ele é uma peça. É difícil ter respeito por um chefe que usa óculos sem lentes (ele parece pensar que os óculos aumentam o seu quociente de inteligência), e a pele de um bichinho em volta do pescoço, uma marca que ele tem em comum com as velhas senhoras que frequentam a igreja na Georgia.

— Se o senhor está fazendo a relação de seus inimigos, por favor não me inclua entre eles. E se o senhor teme por algum rival de sua igreja, o senhor deve saber que aqui existe outro *nganga*, outro ministro, em quem as pessoas têm grande fé.

Meu pai afrouxou o colarinho e a gravata de sua camisa de domingo.

— Em primeiro lugar, meu jovem, eu não tenho medo de homem algum em Kilanga. Sou o mensageiro da boa nova de Deus para toda a humanidade, e Ele me deu uma força muito maior do que a do touro selvagem, ou do mais forte entre os pecadores.

Anatole piscou calmamente. Acho que ele estava decidindo se era um touro selvagem ou um pecador forte, na opinião de Papai.

— Em segundo lugar, vou dizer, o que o senhor já deve saber com toda clareza, que o irmão Ndu não é nenhum ministro. Sua obrigação é o governo das relações entre os homens, e não as questões do espírito. Mas o senhor tem razão, existe outro pregador, além de mim, que guia minha própria mão. O *Senhor* é o

nosso *pastor*.

Naturalmente que Papai tinha de dar a impressão de que sabia do que, ou de quem Anatole estava falando, apesar de não saber. Afinal ele era o Papai sabe tudo.

— Claro, claro, o Senhor é nosso pastor. — Anatole disse rapidamente, como se não acreditasse naquilo, mas quisesse passar a outro assunto. — Mas estou falando do *nganga* Tata Kuvudundu.

Todos nós olhamos para o meio da mesa, como se tivesse aparecido algum bicho morto. Todos nós conhecíamos Tata Kuvudundu. Já tínhamos visto quando ele passava pela estrada resmungando, de olhos revirados, tão inclinado para a frente que a gente pensava que ele ia cair. Ele tem seis dedos num dos pés, e isso não é nem metade da história. Alguns dias ele vende aspirinas no mercado, todo cheio de pose, como se fosse o Dr. Kildare^[9], e noutros dias ele aparece com o corpo pintado de branco de cima até embaixo (e quando eu digo embaixo é embaixo mesmo). Nós também já vimos vários outros velhos agachados junto com ele no seu terreiro, todos caindo de bêbados de vinho de palmeira. Papai diz que Tata Kuvudundu é culpado do pecado da falsa profecia. Parece que ele e seus filhos já grandes leem a sorte jogando ossos de galinha numa cabaça.

Mamãe perguntou.

— Anatole, como Tata Kuvudundu pode ser um pregador? Nós pensávamos que ele fosse o bêbado da aldeia.

— Não, Mama Price, não é. Ele é um *nganga* respeitado, um sacerdote das nossas tradições. Ele é conselheiro de Tata Ndu.

— Conselheiro coisa nenhuma. — disse Papai, já se levantando da cadeira e usando a sua voz de batista. Suas sobrancelhas vermelhas faiscavam acima dos olhos apertados, seu olho ruim já meio entortado por toda aquela agitação.

— Ele é um louco. Um louco muito especial que sempre sabe onde está escondido o que há de melhor. No lugar de onde eu venho, meu senhor, gente como ele é chamada de *charlatão*.

Anatole pegou um dos guardanapos de pano de Mamãe e enxugou o rosto. Gotas de suor escorriam pelas suas cicatrizes no nariz. Minhas irmãs olhavam para ele com toda atenção, o que era natural. Nunca mais tivemos uma visita desde o dia que Mamãe expulsou o senhor Axelroot da nossa mesa, durante o verão — só porque ele xingou e cuspiu; a gente ainda nem sabia que ele era um criminoso que vendia para nós o que era nosso. Desde então não tínhamos ouvido uma palavra de inglês que não tivesse sido pronunciada por um Price. Seis meses é tempo demais para uma família se tolerar sem qualquer outra distração.

Parecia que a calça de Anatole estava ficando cheia de formigas, mas ele

continuava decidido a continuar a discussão com Papai. Apesar dos sete avisos de “você vai se arrepender” escritos por toda a cara de Papai. Anatole disse:

— Tata Kuvudundu trata de muitos problemas práticos aqui. Os homens, principalmente, o procuram quando suas mulheres não têm filhos ou quando são adúlteras.

Olhou para mim, como se eu, em particular, fosse muito nova para saber o que aquilo significava. É o fim!

De repente Mamãe acordou.

— Meninas venham me ajudar. A água já está fervendo no fogão. Esqueci completamente. Tirem a mesa e comecem a lavar os pratos. Cuidado para ninguém se queimar.

Para minha surpresa minhas irmãs praticamente saíram correndo da mesa. Elas estavam curiosas, tenho certeza, mas a principal consideração agora tinha de ser o Papai. Ele já estava frustrado e parecia que estava a ponto de explodir. Mas eu fiquei. Ajudei a tirar os pratos e tornei a sentar. Se alguém achava que eu era muito nova para aquela conversa sobre adúlteros e a respeito de não ter filho, podia ficar pronto para uma surpresa. Além do mais, esta era a coisa mais excitante desde que Ruth May tinha caído da árvore, o que mostra como a nossa vida aqui é fascinante. Se Papai ia explodir por causa de um charlatão, esta gatinha aqui não ia perder nada.

Anatole disse a Papai que ele não devia considerar Tata Kuvudundu como um concorrente. Disse que esterilidade e adultério eram coisas sérias, que provavelmente deviam ficar longe de Tata Jesus. Mas ele nos assegurou de que muita gente ainda se lembrava dos tempos da missão do irmão Fowles, quando ele fez quase toda a aldeia rezar para Jesus, e todo mundo se lembrava de que os deuses não tinham ficado irritados, pois não aconteceu nada de ruim além do normal em Kilanga.

Aquilo foi a gota d’água. *Lembravam* dos tempos da missão? Até para mim foi um choque ouvir que a aldeia pensava no cristianismo como um filme velho e fora de moda. Se fosse assim, Papai ia ficar igual ao Carlitos, andando com aqueles pés de pato, rodando a bengalinha, e mudo.

Mamãe e eu olhamos para ele, esperando a explosão atômica. Papai chegou a abrir e fechar a boca, uma versão silenciosa de “o quê!”, e o pescoço ficou vermelho. Então ele ficou muito quieto. Dava para ouvir o mangusto de Ruth May procurando restos de comida debaixo da mesa. Então o rosto de Papai mudou, e eu percebi que ele ia usar aquele jeito especial de falar que ele geralmente perpreta com a família, com o cachorro que fez xixi na casa ou com os retardados, quando ele fala umas coisas agradáveis mas o tom de voz diz outra coisa desagradável. Ele disse a Anatole que tinha dado grande valor à

ajuda oferecida (querendo dizer: já estou cheio da sua cara) mas que estava muito desapontado com as interpretações infantis do plano de Deus feitas pelo povo da aldeia (querendo dizer: você é tão idiota quanto eles). Disse que ia fazer um sermão para esclarecer todo o mal-entendido. Então, anunciou que a conversa tinha terminado, e que Anatole estava convidado a deixar nossa mesa e nossa casa. O que Anatole fez sem demora.

Mamãe perguntou, durante o silêncio muito calado que ficou.

— Muito bem, isso torna as coisas completamente diferentes, não?

Fiquei de cabeça baixa e acabei de tirar a mesa, menos o prato de flores azuis no meio da mesa, que eu não podia pegar sem cruzar a zona de perigo atômico de Papai.

— Gostaria de saber o que a senhora imagina que esteja diferente — falou para Mamãe com aquele mesmo tom especial de falar com cachorros e retardados.

Ela tirou o cabelo do rosto e sorriu para ele, inclinando-se para pegar o prato de porcelana.

— Bem, em primeiro lugar, é melhor o senhor e Deus esperarem que não caia nenhum raio nesta aldeia nos próximos seis meses.

— Orleanna, *cale a boca!*

Ele gritou, agarrando o braço dela e lhe arrancando o prato das mãos. Levantou o prato por cima da cabeça e bateu com ele na mesa, com toda a força, e quebrou ele em dois pedaços. O pedaço menor caiu de cabeça para baixo e ficou lá pingando calda de banana na toalha. Mamãe ficou com as mãos estendidas para o prato como se quisesse fazer alguma coisa para aliviar o sofrimento dele.

— Você já estava gostando demais daquele prato, acha que eu não notei?

Ela não respondeu.

— Eu tive a esperança de que você fosse capaz de entender, e não fosse desperdiçar sua devoção com as coisas deste mundo, mas aparentemente eu estava errado. Tenho vergonha de você.

Ela respondeu baixinho.

— Você tem razão. Eu *gostava* demais daquele prato.

Ele a estudou. Papai não era homem de ficar satisfeito com um pedido de desculpas. Perguntou com um sorriso malvado:

— E para quem você estava se mostrando esta noite, com sua toalha de mesa e o prato elegante? — Disse as palavras de uma maneira azeda, como se fossem pecados muito conhecidos.

Mamãe só ficou lá, na frente dele, o rosto completamente sem vida.

— E aquela refeição de dar dó, Orleanna? O caminho para o coração de um

negro passa pelo seu *estômago*, era isso o que você estava esperando?

Os olhos azuis de Mamãe ficaram sem cor, como água em prato raso. Não dava para perceber o que ela estava pensando. Eu sempre fico olhando para as mãos de Papai, para ver onde ele vai bater. Mas os olhos de água rasa de Mamãe continuaram fixos no rosto dele, sem olhar.

Finalmente ele se afastou dela e de mim, com a repugnância habitual. Foi sentar na sua escrivaninha, deixando um silêncio ainda maior do que antes. Acho que ele foi trabalhar no famoso sermão que tinha prometido para esclarecer todo o mal-entendido. E, como Anatole é o encarregado de traduzir o sermão para a língua deles, tenho certeza de que Papai imaginou que ele ia ser o primeiro dos retardados infantis daquela congregação idiota a ser tocado pela luz pura de Deus.

Adah Price

Andar para aprender. Eu e o caminho. Longo é o Congo.

O Congo é um caminho longo e eu aprendo a andar.

É esse o nome da minha história, para a frente e para trás. *Manene* é a palavra que quer dizer caminho: *Manene enenam, amém*. No longo *manene* Adah aprende a andar. Amém. Um dia ela quase não voltou. Como Daniel, ela entrou na caverna dos leões, mas sem a alma pura e imaculada de Daniel, Ada é temperada com os sabores do vício, uma refeição muito mais gostosa. Almas puras e imaculadas devem ter pouco sabor e deixar um gosto amargo na boca.

Tata Ndu veio trazer a notícia de minha morte. Tata Ndu é o chefe de Kilanga e de tudo em torno dela em várias direções. Por trás de seus óculos e de sua indumentária impressionante, ele tem uma testa ampla e um tórax enorme e triangular, como um valentão de história em quadrinhos. Como ele ficou sabendo da existência de uma pessoa como eu, a garotinha branca aleijada, como me chamavam? Não sei como, mas mesmo assim ele ficou. No dia em que ele veio visitar minha família, eu tinha saído sozinha, e voltei do rio pelo caminho da floresta. Foi um acontecimento surpreendente, a visita dele à nossa casa. Ele nunca tivera interesse em visitar meu pai, evitava-o, apesar de às vezes enviar mensagens por Anatole, pelos filhos ou outros embaixadores menores. Aquele dia foi diferente. Ele veio por ter sabido que eu tinha sido devorada por um leão.

Naquela tarde, haviam mandado Leah e eu buscar água. Mandadas juntas, a gêmea e a *aemeg*, acorrentadas sempre, na vida como na pré-vida. Não havia escolha, pois Rachel pairava acima de qualquer trabalho manual, e Ruth May, por assim dizer, abaixo. Portanto, Leah e eu éramos consideradas por nossa mãe, por exclusão, as escolhidas para essas tarefas. É sempre a gêmea e a *aemeg* que ela manda ao *marché* no dia do mercado, para andar no meio de todas aquelas mulheres assustadoras para trazer frutas, uma chaleira ou o que for necessário. Ela até nos manda às vezes buscar carne no *marché* de carnes, um lugar onde Rachel não põe os pés por causa das tripas e cabeças cuidadosamente arramadas. Uma concentração de abutres sobre a árvore do mercado é o sinal de que o *marché* de carnes está aberto. É verdade. A esses abutres damos os nome de painel congolês.

Mas todo dia ela nos mandava buscar água. Para mim era muito difícil carregar o balde com minha única mão boa, e eu andava muito devagar. Ragaved

otium avadna ue. Criei o hábito de recitar sentenças para frente e para trás, pois a concentração melhorava minha caminhada. Ajudava-me a esquecer o tédio de me mover de uma única forma pelo mundo, a forma do corpo lento, lento. Portanto, Leah carregava toda a água e ia na minha frente. Como sempre.

Sob nossos pés, o caminho da floresta era uma coisa viva, que avançava um pouco mais a cada dia. Pelo menos para mim. De início, ele tinha o mesmo comprimento do nosso quintal: um ponto onde nossa mãe podia nos ver e que ela considerava seguro. Inicialmente ouvíamos histórias sobre coisas que aconteciam lá para o norte, depois que a floresta se fechava sobre ele: um regato, uma cachoeira, um poço de água clara, bom para nadar. Chegava até uma ponte de troncos. Chegava a outra aldeia. Chegava a Leopoldville. Chegava ao Cairo. Algumas dessas histórias seriam verdadeiras, outras não; para descobrir a separação entre elas, eu resolvi andar. Decidi conhecer mais alguns passos a cada dia. Se ficássemos o tempo suficiente, eu iria andando até Joanesburgo e o Egito. Minhas irmãs queriam voar, ou, no caso de Rachel, ascender ao céu diretamente por meio de uma mente superior, mas eu queria andar, lenta e seguramente. O que me falta é *kakakaka*, a palavra kikongo para pressa. Mas descobri que, mesmo sem *kakakaka* eu chego longe. Já tinha chegado, ao norte, até os poços e a ponte de troncos. E ao sul, até as clareiras onde as mulheres, com os filhos amarrados ao corpo, se curvam, e furam buracos no chão, e cantam canções (não hinos) e plantam mandioca. Todo mundo conhece esses lugares. Mas, sem *kakakaka*, eu descubro coisas que só eu sei: a forma como as mulheres que cultivam a terra se levantam, uma depois da outra, soltam o *pagne* de tecido colorido amarrado sob os seios, abrem-no bem e voltam a amarrá-lo. Parecem bandos de borboletas abrindo e fechando as asas.

Já vi os pequenos elefantes da floresta, que andam em bandos silenciosos, roçando as árvores com as trombas. Também já vi grupos de pigmeus. Quando sorriem, eles mostram dentes limados em ponta, mas mesmo assim são simpáticos e incrivelmente pequenos. Só se acredita que sejam homens e mulheres por causa da barba e dos seios, e por causa da maneira adulta com que se movem para proteger os filhos. Eles sempre me veem primeiro e ficam quietos como árvores.

Descobri o *bidila dipapfumu*, o cemitério dos feiticeiros.

Descobri um pássaro de cabeça preta e cauda cor de mogno curva e comprida como meu braço. No *Guia de campo dos pássaros africanos*, deixado por aquele estudioso das aves que é o irmão Fowles, o nome de meu passarinho era *mosqueiro do paraíso*. Na caderneta que guardo na fronha do meu travesseiro, onde desenho figuras de todas as coisas que aprendo, eu pus um sorriso na cara do *mosqueiro do paraíso* e escrevi embaixo, no meu código de

trás para frente para guardar o segredo:

UEC ON SACSOM AH EUQ ED AVORP.

OSIARAP OD ORIEUQSOM

Também me acostumei a seguir o Matusalém quando ele voava em volta de nossa casa em espirais inseguras. Ele se abriga na nossa latrina, que fica perto de onde o reverendo jogou a gaiola dele no mato. Ela está apodrecendo ali, como um navio naufragado. Matusalém, como eu, é um aleijado: a Ruína da África Selvagem. Durante todo esse tempo, desde a vinda de Cristo, ele viveu em quarenta centímetros de um metro de loja. Agora ele tem um mundo. De que lhe serve o mundo? Já perdeu a força das asas. Ficaram atrofiadas, provavelmente sem mais possibilidade de recuperação. No lugar em que deveriam estar seus músculos peitorais, ele tem um peito carregado de palavras dos seres humanos: em palavras enterrado, livre-como-um-pássaro insensato, desusado! Às vezes ele bate as asas, como se quase a se lembrar do que é voar, como fez no primeiro e jubiloso terror da libertação. Mas sua independência se congelou naquele momento. Agora, depois de abrir as asas, ele as recolhe novamente, empina a cabeça, e anda, passando com ar entediado de um galho para outro. Agora Matusalém surge do espaço entre os caibros do telhado da nossa latrina, levanta a cabeça e lança olhares nervosos para o alto, com se estivesse rezando: *Senhor das penas, protege-me dos carnívoros que querem arrancar do meu peito o ossinho da sorte!* É dali que marco o seu caminho. Deixo pequenas oferendas de goiaba e abacate que catei e abri, para que ele veja que aquilo é comida. Acho que ele não seria capaz de reconhecer essas frutas se estiverem totalmente escondidas na casca. Depois, haverá outro passo para que ele descubra que uma fruta não é uma coisa oferecida pela humanidade, mas que cresce em árvores. *A árvore oferece fruta. A traição cresce na humanidade.*

Ao seguir o Matusalém nas suas lentas excursões pela floresta, descobri homens e rapazes praticando exercícios. Não era o exército belga, protetor oficial dos brancos, mas um grupo de jovens que se reuniam secretamente na mata atrás de nossa casa. Fiquei sabendo que Anatole é mais do que um professor e tradutor de sermões. *Ah Anotole, alotan aha!* Na clareira onde os vi, Anatole não tinha arma, mas falava para homens armados que o ouviam. Uma vez ele leu em voz alta uma carta a respeito de os belgas estarem estabelecendo o cronograma da independência. Anatole disse 1964. *“Mil neif cent soixante quatre!”* Os homens desataram a rir ferozmente. Gritaram como se a pele lhes tivesse sido arrancada.

Eu não tinha medo e me acostumei a andar sozinha. Nossa mãe achava que não me tinha dado permissão para fazer isso, principalmente perto do anoitecer. Era o meu segredo. Ela nunca percebeu que sempre que me mandava a qualquer lugar com Leah, como ir buscar água no córrego naquele dia, eu voltava sozinha.

Já era bem tarde e passei por manchas de luz e clareiras iluminadas, com o capim tão alto que se fechava no alto como um túnel, e depois continuava novamente passando sob as árvores. Leah tinha ido muito à frente com a água. Mas havia alguém ou alguma coisa atrás de mim. Entendi perfeitamente que estava sendo seguida. Não ouvi nada, mas sabia. Queria pensar: é Matusalém brincando comigo. Ou os pigmeus. Mas não consegui me enganar. Senti os cabelos se eriçando na nuca. Não fiquei com medo porque no meu caso não adianta. Não conseguia correr, apesar do estímulo da adrenalina, mas sentia no fundo da garganta o gosto do medo e seu peso desesperador nas minhas pernas fracas. Já me contaram que algumas pessoas têm essa sensação de desesperança quando dormem. Para mim é a vida. Na minha vida de Adah, tenho de me bater com o Predador.

Parei, voltei-me lentamente e olhei para trás. O movimento que me seguia também parou: um ruído ligeiro no capim alto, como uma cortina de veludo que cai. Cada vez que eu parava acontecia de novo. Então eu parava e esperava na escuridão crescente, até não poder mais esperar e tornar a caminhar.

É isso que significa ser lenta: cada história que se quer contar acaba antes de se abrir a boca. Quando cheguei em casa, já era a noite de outra vida.

O pôr do sol às seis horas significa que a vida continua depois do escurecer: ler à luz da lamparina na varanda, eis o acontecimento da nossa família. Leah chegou com os baldes, Mamãe ferveu a água e a deixou esfriar enquanto preparava o jantar, Rachel tinha molhado um pano, que colocou na testa enquanto examinava a pele com o espelho de mão deitada na rede. Ruth May já havia tentado convencer toda a família, um membro de cada vez, de que tinha força para levantar um balde cheio d'água com o braço que não tinha quebrado. Nesse burburinho familiar, todos pensavam que eu estivesse há várias horas tratando de minha vida. Quando finalmente cheguei em casa, foi como se eu tivesse, como sempre, chegado atrasada para minha própria vida: assim preferi esgueirar-me para uma rede na extremidade da varanda, e fiquei descansando sob as buganvílias.

Pouco depois Tata Ndu surgiu da escuridão. Subiu os degraus para explicar no seu francês formal que alguém tinha descoberto as pegadas de um leão grande, um caçador solitário, no caminho do rio. O filho mais velho de Tata Ndu tinha acabado de voltar e trouxe essa informação. Ele tinha visto os rastros de uma menina que puxa a perna direita, e as pegadas frescas do leão cobrindo as dela. Descobriu os sinais de parada, do salto e a mancha de sangue fresco que se estendia para dentro do mato. E foi assim que eles descobriram que a menina aleijada, a menina sem *kakakaka* tinha sido devorada. *La petite blanche tordue a été mangée*. Esta era a notícia triste que Tata Ndu tinha de trazer. Mesmo assim,

ele estava alegre. Como favor para meus pais ele tinha mandado um grupo de jovens, inclusive seus filhos, para procurar o corpo, ou o que restasse dele.

Eu não conseguia respirar, olhando para o rosto dele enquanto contava a história, e o para rosto dos outros enquanto recebiam a notícia. Minhas irmãs não entendiam uma palavra da salada de francês e kikongo usada por Tata Ndu, e estavam simplesmente deslumbradas com a presença de uma celebridade na nossa varanda. Seria a última coisa a lhes passar pela cabeça, inclusive pela de Leah. Leah, que me tinha abandonado na cova do leão em questão. Mas minha mãe: Sim. Não! Ela entendeu. Do barracão da cozinha ela correu para a varanda e ainda tinha na mão uma enorme colher de pau, que pingava água quente no chão. Parte do cabelo caía pelo seu rosto. Todo o resto dela parecia não estar vivo, como um molde em cera de minha mãe: a mulher que não combatia fogo com fogo, nem para salvar as filhas. Vi tal aflição no seu rosto que por um momento me acreditei morta. Imaginei os olhos do leão sobre mim, como os olhos de um homem mau, e senti minha carne ser comida. Tornei-me nada.

Pai Nosso se levantou e disse com voz de comando:

— Vamos todos orar ao Senhor pedindo piedade e compreensão.

Tata Ndu não baixou a cabeça, mas levantou-a orgulhoso, mas sem parecer feliz. Então entendi que ele tinha vencido, e que meu pai tinha perdido. Tata Ndu veio pessoalmente para dizer que os deuses de sua aldeia não gostaram daquele ministro de corrupção. Como pequeno sinal de desagrado, comeram viva a sua filha.

Era quase impossível eu me forçar a levantar e aparecer. Mas foi o que fiz. Pai Nosso parou imediatamente de rezar. Tata Ndu recuou, apertando os olhos. Talvez não fosse tanto o fato de ele querer que eu tivesse sido comida, mas o fato de que não gostava de estar errado. Só disse *mbote* — adeus. E girou dignamente sobre os calcanhares e nos deixou sozinhos. Só muito mais tarde voltaria à nossa casa, depois que muita coisa mudasse.

No dia seguinte ficamos sabendo que o grupo de busca tinha descoberto a vítima do leão: um filhote de antílope. Fico pensando no seu tamanho e delicadeza, se o leão ficou muito desapontado e se o antílope amava a vida. Acho que a vida ou a morte da religião dependem da força de uma brisa. Há uma mudança de cheiro, que faz o predador errar o salto. Um deus aspira o ar da vida e se levanta; outro deus expira.

Leah

Algumas pessoas, depois de um jantar mandam uma mensagem de agradecimento. Anatole mandou um menino. Ele bateu na nossa porta com um bilhete que dizia que seu nome era Lekuyu, mas nos pedia, por favor, que ele fosse chamado de Nelson. Ele esperava receber refeições, o privilégio de dormir no nosso galinheiro (para onde uma porção de galinhas tinha voltado depois de desaparecerem por algum tempo depois da matança do piquenique), e uma cesta de ovos para ele vender, economizar e, no devido tempo, comprar uma esposa. Em troca, Nelson devia cortar lenha, cozinhar a mandioca, e nos trazer frutas, legumes e poções feitas de cascas de árvore colhidas na floresta. Ele sabia fazer um remédio para dor de cabeça em que Mamãe confiava. Ele também identificou nossas cobras de acordo com o tipo de morte que ofereciam, e que ele representou em dramas cheios de ação na nossa varanda. Por sua própria conta, ele assumiu outras tarefas da nossa casa. Por exemplo, um dia fez uma armação de bambu a fim de prender o espelho de mão de Rachel na parede da sala para ficar melhor de olhar. Desse dia em diante, ele passou a começar todo dia examinando o rosto a dez centímetros do espelho, e a pentear o cabelo na sala, com um sorriso tão largo que parecia que os molares iam saltar. Outras pessoas também passaram a vir à nossa casa para usar o espelho da mesma forma. Era evidente que tínhamos pendurado na parede o único espelho de Kilanga.

Fico observando Nelson enquanto ele examina seu reflexo: os cotovelos escurecidos pelo uso, a pele de muitos tons de marrom, como uma mobília antiga de mogno. Devido ao hábito de chupar cana, os dentes da frente já tinham ido para o além. Quando ele sorri, seus caninos têm um brilho perturbador, meio simiesco. Mesmo assim, quando ele sorri, a gente sente que é de verdade. É alegre e asseado, veio para nossa casa sem nenhuma posse visível, a não ser um *calção* marrom, enorme e sem furos, uma camiseta vermelha que ele usa todo dia, um cinto de couro, um pente de plástico cor-de-rosa e uma machadinha. Ele não carrega muita bagagem. O cabelo está sempre cortado rente e ele tem uma cicatriz cor-de-rosa na nuca. Anatole escolheu Nelson para nos ajudar porque, assim como Anatole, ele é órfão. Há alguns anos toda a família de Nelson, inclusive os pais, os irmãos mais velhos, que eram muitos e uma irmã ainda bebê, se afogou durante uma viagem em que o barco virou. As pirogas

congolezas são feitas de madeira muito pesada que afunda como ferro na primeira oportunidade. Como a maioria dos congolezes não sabe nadar, a gente imagina que eles considerassem perigosa uma viagem por rio, mas é evidente que não. Viajam alegremente rio acima e rio abaixo, sem se preocupar com a possibilidade de o barco virar. Nelson diz que ficou em casa naquele dia fatídico por acaso. Sua mãe estava tão feliz de mostrar a caçulinha para os parentes rio acima, que ele ficou com ciúme e se escondeu, e ela se esqueceu completamente dele. Por isso, Nelson acredita muito em sinais e superstições. E agora ele estava completamente só, sem família e, como já tinha 12 anos, não podia mais ir à escola.

Anatole escreveu no bilhete que ele era seu melhor aluno, e que a gente ia perceber logo por quê. E percebemos. No dia em que chegou ele só falava “como vai, obrigado e por favor” em inglês, mas depois de poucas semanas já falava o necessário sem misturar tudo na cabeça, como Mama Tatafa fazia. Eu diria que Nelson era bem-dotado. Mas no Congo, ser bem-dotado não vale o feijão que se comeu, e mesmo um menino inteligente como o Nelson tem tanta chance de chegar à universidade quanto as filhas do reverendo Price. De acordo com Janna e Frank Underdown, os belgas preferem evitar o surgimento de pensamento independente na terra nativa.

Se isso for verdade, fico pensando em Anatole — como os belgas deixaram que Janna e Frank fizessem dele um professor. De vez em quando rodam cenas na minha mente em que lhe pergunto isso. Quando minhas irmãs e eu ficamos deitadas depois do almoço e a minha cabeça vagueia livre, eu vejo essas cenas. Anatole e eu estamos andando pela estrada do rio. Sempre existe uma boa razão para ele me acompanhar, ou ele me ajuda a carregar alguma coisa para casa, ou ele quer discutir algum ponto obscuro das Escrituras que não está perfeitamente claro para ele. E assim, ali estamos caminhando e conversando. Na minha cena imaginária, Papai perdoou Anatole e o incentiva a ser amigo de nossa família. Anatole tem um sorriso muito compreensivo, com uma falha entre os incisivos perfeitos, e seu sorriso é tão estimulante que às vezes quero criar a coragem de perguntar sobre o seu rosto: como conseguiram fazer as cicatrizes tão certinhas? Se doeu muito. E ele me conta sobre as plantações de borracha. Como eram? Li num livro que eles costumavam cortar as mãos dos empregados que não conseguissem trazer a cota estipulada no final do dia. O capataz belga trazia cestas cheias de mãos marrons para o patrão, amontoadas como peixes. Será que isso seria a verdade a respeito de cristãos brancos?

Na minha imaginação Anatole e eu falamos em inglês, embora na vida real ele fale principalmente em kikongo com seus alunos na escola. Ele tem um sotaque diferente do de todo mundo — até eu percebo. Mexe a boca com muito

cuidado em volta dos dentes, como se tivesse medo de não ser entendido. Acho que Anatole ajuda a nossa família porque, como nós, ele também é um estrangeiro e entende nossas dificuldades. E meu pai parece agradecido por ele ter continuado a traduzir os sermões, mesmo depois da briga. Anatole poderia ser amigo de meu pai, bastava entender um pouco mais as Escrituras.

Não entendemos por que ele teve a gentileza de nos mandar Nelson. A primeira vez em que Nelson trouxe e ferveu a água, Mamãe ficou tão feliz que sentou numa cadeira e chorou. Um melhor aluno é um grande presente. Minha ideia é que isso aconteceu por causa de duas coisas que Anatole viu na nossa casa: primeira, muitos livros para um menino inteligente ler, mesmo que já não possa ir à escola. Segunda, nossa necessidade de ajuda era tão grande quanto os filhos de Moisés. Perto do dia de Ação de Graças, Mamãe começou a rezar em voz alta, na frente de meu pai, pedindo ao Senhor para nos tirar daqui a todos e inteiros. Ele não gostou daquela demonstração de perda de fé, e deixou isso claro. É verdade que Ruth May quebrou o braço, mas ele lembrou a Mamãe que uma criança pode quebrar o braço na Georgia ou em Kansas City ou em qualquer lugar. E, para falar a verdade, se alguma de nós ia quebrar o braço, tinha de ser Ruth May. Ela passa pela vida como se quisesse experimentar de tudo antes de chegar aos 20 anos.

E detesto ter de dizer isso, mas Adah também é muito difícil no seu jeito lento de ser. Ninguém falou para ela sumir na floresta sozinha. Ela devia ter ficado comigo. O Senhor é nosso pastor, e quero crer que o mínimo que espera de nós, ovelhas, é fazer força para ficar junto do rebanho. Principalmente agora que, pelo que dizem os outros, já estamos crescidas. A gente vê crianças gêmeas com a mesma roupa, mas nunca se vê duas mulheres adultas de mãos dadas por aí vestindo roupas idênticas. Será que Adah e eu vamos continuar gêmeas para sempre?

Mas nós duas tivemos de copiar o Versículo, Gênese, 4, a respeito de Caim e Abel, depois do quase encontro com o leão, e depois daquilo e do braço quebrado, todo o medo de Mamãe voltou com vigor redobrado. As chuvas da estação ficaram mais fortes e toda a aldeia estava pegando a *kakakaka*. Nós pensávamos que isso significava somente “depressa”. Quando Mama Mwanza nos disse que os filhos estavam com *kakakaka*, nós pensamos que finalmente eles estavam sendo forçados a trabalhar. Mas Nelson explicou:

— Não, não Mama Price, *kakakaka*!

Evidentemente era um doença que faz a gente ir ao banheiro mil vezes por dia. (Ele representou uma pantomima que fez Ruth May rir às gargalhadas.)

Ele disse que a gente vai lá tantas vezes, que não fica nada no corpo. E então às vezes as crianças morrem. Nelson costuma falar muitas coisas. Por

exemplo, se a gente passa por dois gravetos cruzados em X na estrada, a gente tem de voltar pulando sobre ele com o pé esquerdo. Assim, nós ficamos sem saber se valia a pena acreditar naquela doença. Mas, logo depois, apareceu na casinha que fica logo abaixo da nossa na estrada um arco fúnebre feito de folhas de palmeira trançadas e com gente muito, muito triste no quintal. Não tinha sido uma criança, mas a mãe deles todos, que ficaram ainda mais magros e tristes, como se a vida tivesse ido embora daquela família com a morte da mãe. Ficamos pensando na causa da morte e se era contagiosa.

Aquilo mudou a cabeça de Mamãe. Contágio é pior do que as cobras, porque a gente não vê! Ela inventava mil e uma desculpas para nos prender em casa, mesmo quando não estava chovendo. Inventou a hora de repouso, um período de interminável inatividade depois da escola e do almoço, em que nós tínhamos de ficar na cama debaixo do mosquiteiro. Mamãe chamou esse período de *siesta*, que inicialmente eu ouvi *fiesta* e fiquei sem entender, pois não tinha nada de festivo. Ruth May geralmente dormia de boca aberta, o cabelo colado na testa suada, como a menina do cartaz da campanha contra a febre. As outras três ficávamos suando, deitadas lado a lado nas camas de metal, separadas pelas paredes de filó, xingando umas às outras de pura raiva e querendo levantar. Eu não tinha nada para ler, só *Os gêmeos Bobbsey na terra dos esquimós*, um livro infantil demais, completamente sem interesse. Eu ficava com inveja daqueles Bobbseys idiotas, por terem mais aventuras do que nós naquela terra gelada, onde ninguém tinha de aguentar uma *fiesta* imposta.

Eu precisava de liberdade. Havia tanta coisa que eu tinha de vigiar na aldeia! E a principal delas, Eeben Axelroot. Ele estava preparando alguma coisa. Da última vez em que Adah e eu fomos espionar, ouvimos o rádio berrando, e pela primeira vez nós o vimos responder. Ele se levantou do catre e falou umas palavras que poderiam me mandar para o inferno só por ter ouvido. Ajoelhou-se na frente do armário barulhento e pôs uma coisa cheia de fios sobre os ouvidos. Disse “entendido”, muitas vezes e depois “se fizerem isso, o senhor pode considerá-lo morto”. Meu Deus, eu tinha de sumir dali.

E agora não havia meio de descobrir quem ou o que estava praticamente morto, pois nós íamos ficar eternamente na cama, enquanto a chuva caía. Pelo menos nessas horas, a Rachel é útil. Nas horas difíceis, ela nos faz rir com seu talento para comerciais de rádio, falados numa voz lânguida de atriz: “Testado por médicos, *Odo-ro-no*, acaba, na fonte, com o suor e a umidade das axilas!” Nesse ponto ela levantava a cabeça e abria os braços, expondo as axilas manchadas. Ela também anunciava vários produtos para o cabelo, enrolando como esterco de boi o cabelo louro no alto da cabeça. “Para aquele ar de luxo, dos nossos dias!” E adorava nos lembrar do leite em pó desnatado instantâneo

Carnation (“Os cristais mágicos que se dissolvem instantaneamente!”), que era o nosso principal alimento, e não se dissolvia instantaneamente, mas empelotava todo no copo. A gente estava tão cheia daquelas pelotas cristalizadas que às vezes até se engasgava em sonhos.

Mas logo ela esgotava seu estoque de comerciais, como um brinquedo que vai perdendo a corda. Então tudo ficava de novo em silêncio e voltávamos para nossos livros. Nosso material de leitura era inadequado e aleatório, enviado de Leopoldville em caixas de papelão sem rótulos. Suspeitávamos de que o Sr. Axelroot estava destinando as caixas melhores para outras crianças, de melhor sorte par aí. Lá em Bethlehem, nós mesmas tínhamos organizado campanhas de doação de livros para os pobres, e agora eu ficava com pena daquelas crianças que recebiam de nós livros sujos, de histórias sem graça e os manuais de carpintaria doméstica fora de moda, e que ainda tinham de ficar agradecidas. Quando voltarmos, juro que vou doar os meus melhores livros para os pobres, logo que tiver acabado de lê-los.

Da mesma caixa que nos trouxe os Bobbseys eu tirei um dos livros da coleção *Nancy Drew*, por puro tédio, sentindo-me culpada e com raiva por estar reduzida àquela situação, eu, uma jovem que já menstrua e que lê livros da universidade. Mas tenho de confessar que alguns daqueles livros me prenderam a atenção. Um deles tinha um enredo estranho, com um porão secreto, que me distraiu na cama, enquanto eu tentava cair no sono, sonhando fantasias que pareciam pecaminosas. Acho que talvez seja verdade que uma mente vazia é a oficina do diabo. Naquelas horas, cheguei a pensar no diabo. Imaginei Nancy descendo uma longa escadaria de ferro até o inferno, onde um homem a esperava. Às vezes ele era uma sombra sem rosto e de chapéu. Às vezes o sorriso tinha uma falha entre os dentes e o rosto elegante era coberto de cicatrizes. Outras vezes ele era o diabo vermelho que vem nas latas do presunto *Underwood*, feliz e corrupto, de gravata borboleta, bigodinho e cauda com ponta de flecha. A primeira vez em que sonhei este enredo, não sei dizer se estava acordada ou se tinha caído num sono agitado e colorido. Tudo o que sei é que de repente acordei, envolvida no cheiro forte de meu próprio suor, com uma sensação de formigamento e de estar intensamente acordada abaixo da cintura. Eu sabia que essa sensação era errada. Mesmo assim eu tive outros sonhos como esse, e tenho certeza de que algumas vezes eu ainda estava acordada quando eles começaram.

Depois de algum tempo, minhas febres ficaram mais intensas e minha mãe percebeu que, como sou grande e ativa para minha idade, a dose de quinino que eu estava tomando era insuficiente. Aquelas sensações abaixo da cintura eram um efeito colateral da malária.

No Natal, Mamãe nos deu, de presente, coisas de bordar. Sabíamos que, de qualquer forma, não íamos ganhar muita coisa, o sermão de Natal de Papai foi todo sobre encher o coração de graça, e livrá-lo do gosto pelas coisas materiais. Assim mesmo. Nossa árvore de Natal foi a copa de uma palmeira, fincada num balde de pedras. Nós nos reunimos em volta dela esperando a hora de abrir nossos presentes magros e construtivos e eu olhei aquelas folhas decoradas com anjinhos de massa, que já estavam escurecendo nas bordas, e decidi que teria sido melhor ignorar tudo. Mesmo quando a gente já fez 15 anos, sem bolo de aniversário, é difícil ser tão maduro com relação ao Natal.

Mamãe anunciou que agora nós podíamos usar o tempo livre para fazer nosso enxoval. Já tinha ouvido falar disso, mas nunca dera a menor importância. Já havia visto anúncios na última capa das revistas em quadrinhos que prometiam coisas embaraçosas, e pensei que fazer um enxoval tinha algo a ver com exercícios para aumentar o busto^[20]. Mas não era nada disso. Mamãe estava falando de enxoval, guardado num baú onde a moça guarda tudo o que espera usar quando se casar. Foi por isso que ela insistiu em trazer linha de bordar e tesouras de picotar e o resto que trouxemos através do Atlântico.

Agora tínhamos, de ficar entusiasmadas com esses planos de casamento a longo prazo, deitadas na cama e vendo os sapatos se mofarem. Rachel e Adah receberam muitos projetos de enxoval, mas a arena doméstica nunca foi o meu espaço, portanto eu devia me concentrar num único projeto: uma toalha de mesa em ponto de cruz. São só milhares de Xs pequeninhos, de cores diferentes, bordados na toalha. O desenho impresso em tinta lavável na toalha parece uma figura de pintar por números. Até um macaco consegue fazer, desde que suficientemente entediado. É claro que não é preciso talento para fazer o ponto de cruz. Acho que a parte interessante é que, quando a gente termina, acha um rapaz que quer casar com a gente.

Pessoalmente não acho provável. Em primeiro lugar, tenho o peito chato, sou magra demais. Quando Adah e eu fomos promovidas duas séries, tudo ficou ainda pior. Éramos as filhas do pastor, e passamos a ser também as cebolas num jardim de petúnias, ali no meio daquelas moças do nono ano, cheias de flertes e rebocadas de maquiagem de base e os seios aparecendo debaixo dos suéteres de mohair. Nenhum rapaz me procurava, a não ser quando precisava de ajuda para o dever de casa. E para falar a verdade, eu não me importava. Beijar tem muito a ver com a higiene bucal do outro. Se a gente quer ver estrelas — que é o que acontece, segundo Rachel — é melhor subir numa árvore à noite. Quando penso no futuro, não consigo me ver como outra coisa que não uma missionária, ou professora, ou fazendeira, ensinando aos outros como o Senhor ajuda a quem se ajuda. Apenas uma espécie de vida de piedade (uma garantia de que Adah não

vai estar num raio de pelo menos 200 quilômetros); e quero viver ao ar livre, glorificando a criação de Deus e sempre vestindo calças compridas, evidentemente.

Às vezes eu me vejo com meus filhos, pois é para eles que eu estou anotando no meu caderno tudo o que aprendi na minha infância na África. Apesar disso, não se pode falar em filhos sem antes achar um marido. Este parece um obstáculo assustador.

Meu pai diz que uma mulher que não se casa está se desviando do plano de Deus — é por isso, além do desperdício de dinheiro, que ele é contra a universidade para mim e Adah — e tenho certeza de que é verdade. Mas sem a universidade, como vou aprender coisas importantes para ensinar aos outros? E que rapaz vai dar atenção a uma professora de geografia com feridas nos joelhos, se pode achar uma garota de suéter? Acho que vou ter de esperar e ver. Deus conhece a Sua aritmética. Ele deve ter planejado, com muito cuidado, dar um marido a cada mulher para quem tenha planejado um casamento. Se Deus não tiver um namorado escolhido para mim, então é problema d’Ele.

Rachel nunca teve qualquer dúvida neste departamento. Depois que se recuperou do choque de nunca mais ter o disco novo dos Platters, de não ter ganho o conjunto de mohair, e de não ter onde vesti-lo, ela ficou entusiasmada com a ideia do enxoval, ou pelo menos fingiu estar. Pois ela caía de bruços na cama, os joelhos dobrados e os pés para cima, e as mãos a 15 centímetros dos olhos, examinando seriamente seus projetos de enxoval. Parecia que ela queria terminar tudo dentro de uma semana. Ela bordou monogramas nas toalhas de hóspedes, fez golas de crochê para seu enxoval, e nem sei mais o quê. Foi a única vez que ela parou de ficar virando os olhos e mexendo no cabelo para se dedicar a um trabalho sério.

Adah e eu levávamos os nossos projetos para a varanda, para ver algum evento interessante que acontecesse no mundo. Surgira alguma coisa nova e mim entre Adah e eu, desde o dia em que disseram que ela tinha sido seguida por um leão, o que ainda era o assunto de toda a aldeia. Quando nos viam, eles adoravam apontar Adah e imitar o urro do leão, e isso não nos ajudava a esquecer o assunto. Por outro lado, aquele acontecimento deu um grande alento para a igreja de Papai. As pessoas começaram a pensar que, se Jesus não deixava um leão devorar uma menina aleijada, Ele devia estar atento aos cristãos. E isto, exatamente quando todos achavam que os deuses africanos estavam com raiva de nós e nos dando uma lição. Eles encaram o que aconteceu como uma luta de deuses, e Jesus e Adah foram vencedores. Papai diz que tudo é superstição, e simplificação do problema. Mas a sorte dele é que ele tinha feito um sermão sobre a parábola de Daniel na cova dos leões alguns dias antes, e assim,

naturalmente, eles estão se atropelando para chegar à igreja no domingo. E Adah é a causa. Papai está feliz com Adah, não interessa o que ele diga — pôs o braço em volta do ombro dela, em público! E isso não é inteiramente justo.

Mas continuamos sendo a principal companhia uma da outra. Acorrentadas na varanda pelas instruções de Mamãe, como ursos em cativeiro, ficávamos observando com inveja Nelson executando suas tarefas, livre para ir e voltar da aldeia e contrair a *kakakaka* se tivesse vontade. Quando se afastava, víamos a sua cicatriz cor-de-rosa através da folhagem, parecendo um olho sorridente. Também olhávamos Matusalém, que depois de quatro meses de liberdade ainda estava perto da casa, resmungando. Era estranho ouvir as vozes de nossa família saindo dos galhos das árvores, como se nos tivéssemos transformado em espíritos de um tipo que se interessa apenas por amendoins, bananas e frases comuns de saudação. Às vezes ele nos assustava à noite, quando a gente esquecia de que ele passava as noites na latrina. Acredite, é uma sensação esquisita, a gente se sentar para fazer xixi e ouvir uma voz declarar, “Irmã, Deus é grande!” Mas a gente tinha pena dele e deixava lá alguns pedaços de fruta para ele. Tínhamos o cuidado de deixar a porta da latrina fechada e trancada à noite por causa do perigo de um gato ou mangusto descobri-lo lá e acabar com ele.

No início, eu queria que Matusalém voltasse para viver na sua gaiola, até que Papai me explicou que a gaiola estava errada. Deixamos Matusalém sair porque seu cativeiro era uma vergonha para nós. Transformava o papagaio numa criatura menos nobre do que Deus a tinha criado. Por isso, eu torço para Matusalém aprender a viver em liberdade. Não sei para o que Adah estava torcendo enquanto estávamos lá, com nossos bordados, observando-o andar para cima e para baixo nos galhos. Acho que ela realmente não liga e só queria ver o que ia acontecer. Adah é assim. Não sente nenhuma obrigação de ter bons pensamentos para protegê-la na vida eterna, nem mesmo aqui e agora. Ela só observa a vida, sem se importar.

É claro que ela não estava se preocupando com a sua futura condição de mulher adulta. Adah fazia coisas estranhas e mórbidas para o seu enxoval, como barras negras nos guardanapos e outras coisas parecidas, que deixavam nossa mãe exausta. E Ruth May não precisava de fazer enxoval, e podia deitar na rede conosco e brincar de cama de gato com sobras de linha, desde que promettesse que não ia sair correndo por aí e quebrar alguma coisa.

Eu me deitava de costas e trabalhava sem interesse na minha toalha, para preservar a fantasia de Mamãe de que um dia eu ia me casar, mas, depois de algum tempo a toalha começou a me absorver. Fazer o ponto de cruz era tedioso, mas as perspectivas eram muito boas. Mamãe sabia que eu gosto do verde e de coisas que crescem, e teve a ideia de me dar uma toalha com motivos botânicos.

Ramalhetes de amores perfeitos e rosas deveriam florir em cada um dos quatro cantos da toalha, ligados todos por uma moldura de vinhas enroladas. E, da mesma forma que, há muito tempo, o espírito se manifestou no Corpo de Cristo, a primeira rosa começou a se materializar na minha toalha. A partir dela pude imaginar todo o jardim.

Ainda assim, o projeto parecia enorme. Rachel fez um jogo completo de jantar no tempo que gastei para bordar uma rosa. A umidade era tanta que pingava de nossos cílios, e nessa atmosfera úmida o primeiro buquê me tomou tanto tempo que meu arco metálico de bordar enferrujou no pano.

O enxoval não durou muito como nosso principal interesse. Rachel esperava muito e logo esgotou o material, enquanto nós duas esperávamos muito pouco e logo esgotamos o entusiasmo. De vez em quando eu ainda pego minha toalha e tento recaptar aquela inspiração. Até já rezei a Deus para fazer de mim uma boa esposa. Mas os arcos enferrujados deixaram uma marca laranja no tecido que talvez tenha destruído completamente a perspectiva de conseguir isto.

Ruth May

Tentei ver Nelson nu. Não sei por que eu queria. Quando ele levanta de manhã, primeiro ele lava o rosto numa gamela que tem no galinheiro, e então veste a cueca e a camisa. Lava a nuca, que tem um buraco cor-de-rosa, até a pele ficar brilhante e a água acabar. Depois ele olha muito para as roupas e canta um feitiço antes de vestir. Calça marrom e camiseta vermelha. Isso é toda a roupa que ele tem. Todo mundo aqui só tem uma roupa. Meus amigos são o menino que usa camisa de pijama azul, o que usa calça xadrez com as pernas enroladas, o que usa calção com grandes bolsos brancos atrás, e o que usa camisa cor-de-rosa até os joelhos e sem cueca. As meninas nunca, nunca usam calças. E os bebês nunca usam nada, e podem agachar e fazer xixi sempre que têm vontade.

O galinheiro é feito de paus. A parede tem uns buraquinhos quadrados, e eu só queria ver o Nelson. Eu fui má. Às vezes eu rezava para o menino Jesus me fazer ficar boazinha, mas ele não fez.

As galinhas estavam chocando os ovos. A gente dizia: mães boazinhas, estão preparando mais galinhas. O galinheiro era só uma choça. Elas tentavam esconder os ninhos no mato, mas Nelson e eu achamos. Ele disse que essas eram galinhas más que estavam tentando roubar os filhos da gente. Eu quis zangar com elas, mas galinhas não entendem inglês. Ele me ensinou a cantar para elas: *Kuyiba diaki, kuyiba diaki, mbote ve! Mbote ve!* Então nós recolhemos todos os ovos. Mama deixou eu ir ajudar Nelson de manhã, quando Rachel e as outras estão estudando, porque eu prometi nem chegar perto de outros meninos. Eles estão todos doentes. E vão ao banheiro número dois no mato, e a gente pode pegar a doença deles.

Nós levamos os ovos para Mama e ela colocou eles num balde cheio d'água. Alguns afundaram outros flutuaram, igual às maçãs que a gente tem de pegar com os dentes. Os que afundam são bons, os que flutuam estão podres. Quando a gente diz "O último é um ovo podre" acho que quer dizer que o último é o que vai flutuar. Nelson pediu esses ovos, e Mama ficou com medo dele ficar doente, mas acabou falando, "Ora, pode levar", e ele levou. Mas ele não queria comer os ovos. Ele escondeu eles. Disse que o feiticeiro, Tata Kuvudundu precisava dos ovos para os mortos que não descansam. *Nganga* significa feiticeiro. Tata Kuvudundu é feiticeiro porque tem seis dedos no pé. Nelson disse que Nganga Kuvudundu era capaz de fazer morrer os vivos e de reviver os

mortos. Nelson acha que Tata Kuvudundu é tão importante que ele podia chefiar o exército, mas ele já é muito velho. Nelson sabe quem é Patrice Lumumba, eu também. Ele me disse que eles estão dizendo que se a gente enterrar pedras no quintal hoje, e quando os brancos estiverem todos mortos, a gente cava e as pedras viraram ouro. Nelson disse que não acredita nisso. Ninguém acredita de verdade, só quem quer acreditar. Eu perguntei: E por que todos os brancos vão morrer? Nelson disse que não sabia.

Agora tem muito mais gente indo na igreja. Nelson me disse que é porque um leão quis devorar Adah, mas Jesus virou ela num antílope no último minuto. Como na Bíblia. E quando o leão mordeu a Adah que virou antílope, a Adah de verdade desapareceu e tornou a aparecer na nossa varanda.

Nelson me disse que todo mundo aqui tem seu próprio Deus protetor, deuses africanos especiais que vivem nas coisinhas pequeninhas que eles usam no pescoço, chamadas de *gri-gri*. Às vezes eu fico pensando nesses deuses andando presos no pescoço das pessoas e gritando: Socorro! Me tira daqui! Como o gênio da lâmpada de Aladim. A gente esfrega e diz: Olha aqui deus, é melhor você cuidar bem de mim ou o leão vai te comer junto comigo!

Todos esses deuses pequeninos estão loucos de raiva de Jesus, e queriam machucar um de nós, se pudessem. Se Jesus não prestar atenção. Eu disse para o Nelson que Jesus é grande demais para caber num *gri-gri*. Ele é grande como um homem, com cabelos castanhos compridos e sandálias 44. Nelson me disse que todo mundo já percebeu. Ele é grande. Muitos começaram a ir na igreja ouvir Papai falar de Jesus para entender o que é o quê. Mas Nelson me disse que eles estão com um pé dentro da igreja e outro fora. Se acontecer alguma coisa ruim, eles vão embora.

Depois de encontrar e pegar os ovos no mato, o Menino Jesus fez as galinhas ficarem boazinhas e botar os ovos num ninho grande que nós fizemos num canto do galinheiro. Mama pegou um lápis e marcou 13 ovos com um X. Guardamos esses no ninho e, quando as galinhas puseram outros ovos, nós pegamos esses para comer, ovos mexidos ou ovos cozidos. A gente não come os ovos marcados com o X pois esses vão virar pintinhos. Depois de crescer, alguns deles viram galinhas poedeiras. Os outros crescem e viram frango frito! Os azarados. A Mama corta a cabeça deles e eles ficam pulando e esguichando sangue, ah, ah, ah, coitadinhos. Acho que os frangos deviam arranjar uns *gri-gris* só para eles usarem no pescoço.

Todo dia eu ia ver se os pintinhos tinham nascido, e fui a primeira que descobriu. Eles todos nasceram, menos um que foi quebrado. Ele estava espremido na parede atrás do ninho, parecendo um quadro na parede. Nelson ficou morando lá com o retrato de um pintinho morto na parede. Fiquei com dó e

não quis mais ver o pintinho dele.

Se está escuro lá fora e a gente ver uma cobra, ou se a gente só quer falar de uma, não pode falar *cobra*. Tem de falar *corda*. A gente diz: Lembra daquele dia que a gente viu uma cordinha preta quando estava voltando do piquenique? Se for de noite, é assim que a gente tem de falar. Nelson ficou com muita raiva quando eu falei *cobra* e já estava escuro, porque ele disse que depois do pôr do sol uma cobra pode te escutar e vir correndo. Outros animais também. Eles escutam muito bem no escuro, é melhor tomar cuidado.

Nelson ficou com muita raiva de Leah por causa da coruja de estimação. Era um filhote de coruja que não sabia voar quando nós encontramos, e Leah fez uma gaiola para ele e deu bichinhos e carne para ela comer. Ela tem pelo branco arrepiado. Leah deu um nome na língua que eles falam aqui, *Mvufu*. Quer dizer *coruja*. Mas o Pascal, amigo da Leah, detesta a coruja, e Nelson detesta mais ainda. Mama Mwanza também detesta, toda vez que ela vem, arrastando nas mãos, trocar laranjas por ovos. Mama Boanda também. É ela que usa uma saia preta com uma estrela enorme atrás e um penteado que também parece uma porção de estrelas apontando para todo lado. Quem penteia os cabelos aqui é a velha Mama Lo, que só tem dois dentes, um em cima e outro em baixo, e assim ela mastiga de lado. Ela detesta a nossa coruja mais que todo mundo, e gritou conosco porque a gente tem coruja em casa! Porque a irmã dela tinha morrido um pouco antes. Todo mundo que vê nossa coruja logo detesta. Nelson disse que se não tirar ela de casa, ele não entra mais, e acabou. Mama mandou Leah levar a coruja para fora, não adiantou ela gritar que era só um filhote. E é verdade. As penas estavam aparecendo, mas ela ainda tinha o pelo de filhote e era mansa.

Nelson foi e buscou o Anatole, puxando pela mão, como se ele fosse uma carta de casa. Anatole disse que o povo do Congo não gosta de corujas porque a coruja voa de noite e come as almas dos mortos. Agora muitos meninos estavam doentes. Meninos demais para as pessoas tolerarem uma coruja por perto, olhando para eles com os olhos de fome. Mesmo que fosse só um filhote. E se ela quisesse ter outros amigos filhotes?

Papai disse que tudo isso era superstição. Então Leah foi lá fora e trouxe a coruja e passeou pela casa com ela no ombro, e disse que Papai estava do lado dela. Uh-oh. Ele deu um tapa nela por causa do pecado do orgulho, e deu o castigo do Verso. Ela ficou lá com a mão no pescoço enquanto escrevia. Quando ela baixou a mão deu para ver a marca, parecia a mão do Papai na frente da lamparina de querosene e fazendo sombra no pescoço dela. Mas não era, ele estava na outra sala lendo a Bíblia.

Quando terminou o Verso, ela saiu e foi para a floresta para soltar a coruja e nós achamos que ela nunca ia voltar. Todo mundo estava morrendo de medo e

ficamos esperando ela voltar, menos Papai. Tudo estava tão calado que a gente ouvia o ponteiro de segundos do *Timex* da Rachel, *sit-sit-sit*. O fogo da lamparina subia e descia e as sombras balançavam cada vez que a gente piscava o olho. Já estava muito escuro. E assim a gente não podia falar o nome do que a gente achava que tinha pego Leah lá fora, cobra ou leopardo. A gente tinha de dizer corda ou pano estampado. Então eu disse: “Espero que uma corda não mordeu Leah!”

Papai já tinha ido para o quarto há muito tempo. Depois ele gritou para Mama pôr a gente na cama e para ela também ir para a cama. Ele disse que nossa irmã ia voltar e que tudo estava normal, porque ela só estava querendo chamar atenção. A gente não tinha que dar atenção ou ia ter de tomar o mesmo remédio. Então ele disse: “Se uma coruja pode comer uma alma diretamente, então ela está melhor que o diabo, que tem de comprar primeiro, e eu acho que o diabo tem feito muitas compras aqui em casa.” Papai estava com raiva e queria esquecer da Leah, porque foi ele que mandou ela sair.

Nós não falamos nada, nem fomos para cama. Ficamos lá. Mama ficou olhando pela porta sem piscar, esperando Leah voltar. Mosquitos e mariposas brancas entravam pela porta e saíam pela janela. Alguns resolveram tirar o casaco e ficar por ali, e voaram para a lamparina de querosene e foram queimados. É isso o que acontece com a gente se a gente é mau e não vai para o céu, a gente vai e é queimado no outro lugar. Então aquela noite na nossa casa foi um tempo ruim para os insetos congolese. Ha-ha.

Papai quer ensinar todo mundo a amar Jesus, mas sempre tem uma coisa ou outra e eles não aprendem. Alguns deles têm medo de Jesus, outros não, mas acho que ninguém ama Jesus. Até os que vão na igreja ainda adoram ídolos falsos e ainda casam muitas vezes. Papai fica irritado com isso.

Eu também tenho medo de Jesus.

Quando ela voltou da floresta nós gritamos e corremos para perto dela na varanda e ficamos pulando e puxando ela para dentro pela blusa. Mas Papai estava na porta do quarto escuro olhando. A gente só via os olhos dele. Nós não queríamos o mesmo remédio, portanto nós só olhamos para Leah com aquele olhar de *estamos com pena de você*, tentando fazer ela entender. Depois que a gente foi para a cama, eu estendi a mão no meio dos mosquiteiros e segurei a mão dela.

Mama não dormiu no quarto dela.

Mama diz que os pássaros ainda vão ser a morte dela. Eu acho que são as cobras. Mas acho que se um pássaro vai comer as almas dos meninos mortos, nós temos mais uma preocupação. Mais uma coisa para escutar de noite. Mais uma coisa que a gente não pode falar de noite.

Rachel

Em janeiro Janna e Frank Underdown chegaram completamente de surpresa de Leopoldville. Vieram no avião do Sr. Axelroot, quando a gente só estava esperando batata em pó e presunto em lata. Aqui não gostam de alguém chegar na hora do trabalho, e daí, pode acreditar, foi um espetáculo. Ficaram com cara de quem está com dor de cabeça de tensão. Mamãe ficou chateada por ter sido encontrada com as mãos vermelhas, trabalhando com sua calça *Capri* já muito gasta, com buracos nos joelhos, e logo por eles, que são os nossos chefes na Liga das Missões. Ela estava um espetáculo, ajoelhada esfregando o chão, com o cabelo desgrenhado e manchas escuras em volta dos olhos, de tanta preocupação com as doenças kamikase que a gente pode pegar. Ainda por cima, aquela porção de lagartos e mangustos, entrando e saindo à vontade da casa, acho que era muito pior do que ser pega de surpresa e mal arrumada. Mas pelo menos aquela coruja horrível tinha sumido graças a Deus, mesmo que Papai tenha sido severo demais com Leah. Foi uma cena muito feia. Depois dela a gente passou a andar pisando em ovos, mais ainda do que é normal. Mas a coruja fedia a carne podre, e que descanse em paz.

Mas por que a nossa casa tinha de ficar igual ao Ritz para receber Frank e Janna Underdown? Eles nem são batistas. Ouvi Papai dizer que eles só supervisionam os assuntos financeiros da Liga das Missões, pois muita gente saiu. Mas eles são episcopotâmios e seu nome, na verdade é uma coisa estrangeira como E-dre-don. A gente diz Underdown porque é mais fácil. Para falar a verdade, os dois são muito simples, com os cabelos cortados em casa e as calças cáqui. O que é engraçado em Frank e Janna é que eles são idênticos, a não ser pelos acessórios: ele tem bigode e ela usa brincos de cruz e óculos presos numa corrente. Senhor e senhora Cabeça de Batata.

Eles sentaram na mesa e ficaram suando, enquanto Mamãe preparava e servia uma laranjada. Até os copos estavam suando. Lá fora o céu estava preparando a tempestade de toda tarde: o vento batia nas folhas de palmeira, fantasmas de poeira vermelha se levantavam da estrada, as crianças corriam para se esconder. Mamãe estava muito nervosa para sentar com as visitas e ficou encostada na janela atrás da cadeira de Papai, esperando ele acabar de ler o jornal que eles tinham trazido. Todos olharam o jornal, menos o Sr. Axelroot, o piloto, que só deve usar jornal para limpar o você sabe o quê. É, ele também

estava lá. Ficou encostado na porta do fundo, cuspidando tanto que eu queria morrer. Ele ficou olhando para mim, me despindo mentalmente. Eu já disse que meus pais desconhecem completamente algumas coisas. Fiz cara de quem não estava gostando e ele finalmente foi embora.

Enquanto Papai estava lendo as últimas notícias, Janna Underdown tentou fazer amizade com Mamãe, comentando sobre o empregado em Leopoldville.

— Honestamente, Orleanna, ele rouba tudo, menos os meninos, e roubaria também os meninos, se achasse que podia vender. Se eu tento trancar as coisas, ele bate a mão no peito como se eu o estivesse acusando de assassinato. Outro dia eu o peguei com quatro lenços de Frank mais um quilo de açúcar dentro da camisa, mas ele jurou que não sabia como eles tinham ido parar lá.

— Santo Deus! — Mamãe não mostrava o menor interesse.

A Sra. Underdown olhou para Mamãe com um olhar esquisito.

— Que Tadeu? — ela implica com o nosso sotaque e mostra isso repetindo nossas palavras e expressões como se fossem engraçadas. Como ela é estrangeira, é como o roto falando do esfarrapado.

Pela primeira vez, minhas irmãs e eu fomos dispensadas de passar toda a manhã brincando de escola com a Mamãe. Mas a visita do casal despertou nossa curiosidade, e nós não queríamos realmente sair dali. Sentíamos tanta falta de companhia, de verdade! Fiquei andando pela sala, examinando o meu penteado no espelho, e arrumando a escrivadinha, e afinal saí para a varanda com minhas irmãs, sempre perto da porta para não perder nada. Olhamos para os copos de laranja, com raiva porque Mamãe não teve a consideração de fazer bastante também para nós, e ficamos ouvindo e tentando entender a razão da viagem deles até aqui. Mesmo sabendo que, no fim daquela conversa, eu já ia estar morta de tédeo.

Depois de passar o jornal por todos, pararam de falar do seu empregado criminoso e passaram ao assunto mais chato debaixo do céu: mais lençóis, pílulas contra malária, mais Bíblias para a escola. Aquela chateação!

Entrei e peguei o jornal que Papai tinha jogado no chão depois de ler. E por que não? Estava escrito em inglês claro, de Nova York, Estados Unidos da América. Li a página que eles estavam lendo: “Plano Soviético avança no Congo”. Dizia que Khrushchov queria dominar o Congo Belga, e roubar dos pobres selvagens a chance de ter uma sociedade livre, como parte de seu plano de dominar o mundo. Puxa vida, na minha opinião, se o Khrushchov quer o Congo, deixa ele levar. De qualquer jeito, o jornal era de dezembro passado. Se o plano dele estivesse indo tão bem, acho que a gente já tinha visto o rabo dos russos. O artigo contava como os belgas são os heróis desconhecidos, e quando chegam em alguma aldeia geralmente interrompem uma cerimônia de sacrifício

humano dos canibais nativos. Ah, se naquele dia eles tivessem chegado na nossa aldeia, teriam interrompido Mamãe, que estava esfregando o chão, e uma dúzia de meninos nus que estavam fazendo um concurso de quem fazia xixi mais longe. Dei o jornal para Adah e Leah leu por cima do ombro dela. Elas viraram algumas páginas e me mostraram uma charge: um Nikita Khrushchov, grande gordo e careca, estava dançando e apertando as mãos de um canibal nativo muito magro de lábios grossos e com um osso no cabelo. Khrushchov cantava: “Bingo, Bango, Bongo, Ninguém me tira do Congo!”

Olhei para fora, pensando em quem, tendo meia chance, não iria querer sair do Congo antes de alguém dizer Jack Robinson. Janna e Mamãe estavam acabando de discutir o assunto fascinante que são as pílulas de quinino, e depois todos ficaram calados, num silêncio desconfortável. Frank Underdown fez “An-ham, ah-ham”, eles cruzaram as pernas e passaram ao que parecia ser a grande novidade: o Congo vai ter eleições em maio, e vai declarar a independência em junho. Para mim, isso é um assunto tão tedeoso quanto as Bíblias e as pílulas de malária, mas Mamãe fez uma cara tão esquisita quanto a de Claire Bloom em *A Bela e a fera* quando vê o marido que escolheram para ela. Fiquei esperando Mamãe voltar à sua atitude normal de Está Tudo Ótimo, mas ela continuou sem expressão e parece que parou de respirar. Ela pôs as mãos na garganta, como se tivesse engolido um copo de água sanitária, e sua expressão me assustou. Comecei a prestar atenção.

— *Este* junho? — ela perguntou.

— A Bélgica certamente não há de aceitar o resultado de uma eleição — disse Papai.

É claro que ele já sabia de tudo. Não importa o que acontece nesta terra de Deus, Papai age como se fosse um filme que ele já tivesse visto, e que nós somos umas idiotas por não saber o final. Leah, é claro, estava quase caindo da rede, presa em cada palavra de Papai. Desde que ganhou aquele tapa por causa da coruja, ela está fazendo o dobro do esforço para reconquistar Papai.

— Certamente a Bélgica vai aceitar, Nathan. Este é o novo plano oficial. O rei Balduíno convidou oitenta líderes congolese a Bruxelas para traçar o programa da independência — falou o senhor Cara de Batata, que não tem a menor elocução na voz. Tenho certeza que ele é estrangeiro, pelo menos já foi.

— Quando? — perguntou mamãe.

— Duas semanas atrás.

— E podemos perguntar o que aconteceu com o *antigo* plano oficial? — disse Papai. Ele sempre tem de dizer “E podemos perguntar?” em vez de simplesmente perguntar.

— Se você ainda não sabe, Leopoldville e Stanleyville foram fechadas por

saques e greves. O plano antigo não funcionou.

— E o perigo de uma ocupação soviética? — Mamãe queria saber.

— Francamente, acho que a Bélgica está mais preocupada com a ameaça africana — disse ele.

O reverendo Underdown se chama Frank e fala francamente a toda hora e não percebe a graça.

— Os russos são uma ameaça teórica, enquanto os congoleses são reais e parecem estar decididos. Existe um ditado em francês, se seu irmão vai roubar sua galinha, defenda sua honra e dê a galinha antes.

Mamãe se inclinou sobre a cabeça de Papai. Ela parecia ser o anjo da guarda de Papai, anêmico e cansado.

— Então eles vão simplesmente dar a independência aos congoleses? Frank, quem são esses líderes, convidados a ir a Bruxelas? Quem nesta terra pode ser indicado para isso?

— Chefes tribais, líderes sindicais, e outros do mesmo tipo. Dizem que foi uma assembleia muito heterogênea. Joseph Kasavubu estava indeciso entre dominar o espetáculo ou boicotá-lo. Lumumba saiu da cadeia na hora de comparecer. Decidiram por um sistema parlamentarista de governo. As eleições vão ser em maio. A independência no dia 30 de junho.

Matusalém tinha pousado numa buganvília atrás de nós, murmurando, “Lubalubaluba”. Juro que era como se ele também estivesse ouvindo a conversa.

— A Bélgica nunca aceitou discutir a independência antes — disse Papai.

Com as duas mãos, Mamãe puxava o cabelo da testa, como um coelho esfolado, abanando a nuca. Não era nada elegante.

— É verdade Frank. Nós discutimos isso com o pessoal da missão em Atlanta antes de decidir vir. Eles disseram que conselheiros belgas tinham apresentado um plano que previa a independência em, quanto tempo, Nathan, trinta anos? É, trinta anos.

Mamãe tinha levantado a voz, e o Sr. Cabeça de Batata ficou embaraçado.

— Lamento ter de lembrar que vocês foram aconselhados a não vir — disse finalmente.

— Isso não é verdade — disse Mamãe.

Ela olhou para Papai e a senhora Cabeça de Batata olhou para Papai. Papai olhou para o Sr. Cabeça de Batata, que não teve coragem de olhar para ele. Tudo aquilo era extraordinário.

Finalmente o Sr. Cabeça de Batata teve coragem de falar.

— Sem querer ofender, o seu trabalho aqui certamente tem as bênçãos da Ligas das Missões, Orleanna.

Pode ser que ele não quisesse ofender, mas pronunciou o nome de Mamãe

como se fosse um palavrão.

— E eu também diria que ele conta com a admiração de muitas pessoas que não têm a... coragem de sua família.

Ele olhou para o botão na manga, provavelmente tinha sido costurado de cabeça para baixo pelo empregado ladrão. Depois ele ficou rodando o copo vazio no anel molhado na mesa.

Todo mundo estava esperando pelo que Frank Underdown queria dizer sem ofender. Finalmente ele disse:

— Mas você sabe que sua missão aqui não foi autorizada.

Ele olhou para Mamãe e depois para seu copo giratório.

— Bem, e o que isto significa?

— Acho que você sabe. Vocês não receberam aulas da língua falada aqui e nenhum dos outros treinamentos. Acho que a Liga considera o seu subsídio como um ato de bondade da parte deles. Não me surpreenderia se ele fosse suspenso.

Mamãe bateu a mão na mesa!

— E você acha que minha família está vivendo neste canto mofado do inferno por causa de cinquenta dólares por mês!

Ela estava quase gritando. Meu Deus! Ah, se a varanda se abrisse e nos engolissem a todas.

— Orleanna — Papai falou. (Voz para o cachorro que fez xixi no tapete.)

— Nathan, pelo amor de Deus. Você não vê que está sendo insultado?

Geralmente Papai não tem de olhar duas vezes para ver que está sendo insultado. Geralmente ele vê até insultos do tamanho de um espinho escondidos debaixo de um rochedo no país vizinho. Todas cruzamos os dedos.

— Por favor, vamos ficar calmos — o Sr. Cabeça de Batata tentou um arremedo de riso amigável.

— Ninguém está sendo insultado. Não temos qualquer controle sobre as decisões da Liga das Missões, e você sabe disso. Somos apenas humildes administradores a serviço da LMBS e de muitas outras organizações, e todas estão dando o mesmo conselho hoje. Viemos aqui para falar com vocês pessoalmente, porque estamos profundamente preocupados com seu testemunho de Cristo e com suas preciosas filhas.

Mamãe, que tinha acabado de falar a palavra inferno, estava agora a um milhão de milhas de um testemunho de Cristo. Eu diria que agora ela estava a ponto de agredir alguém com um taco de beisebol. Ela deu as costas para as visitas.

— Pelo amor de Deus, como eles nos deixaram vir se era tão perigoso? — perguntou para algum pássaro lá fora.

Papai ainda não tinha falado. Minha ideia é que ele não sabia a quem atacar primeiro, se os visitantes insultantes ou sua mulher de boca suja, portanto ele ficou lá fervendo que nem uma chaleira. Só que a gente sabe o que sai de uma chaleira.

O Sr. Cabeça de Batata falou baixinho:

— Por favor Orleanna, não é culpa da Liga das Missões. Ninguém poderia prever que o movimento pela independência iria crescer tão rápido.

Ela se virou para ele.

— Será que ninguém tinha a obrigação de prever?

— E como alguém poderia prever? No ano passado, quando De Gaulle deu a independência a todas as colônias francesas, os belgas continuaram insistindo que aquilo não tinha nada a ver conosco! Ninguém teve interesse em tomar o *ferry boat* para assistir à cerimônia da independência em Brazzaville. Os belgas continuaram falando do domínio com mão paternal.

Ela balançou a cabeça de um lado para o outro.

— E você chama isso de *mão paternal*! Usaram esse povo como escravos nas plantações de borracha e nas minas de diamantes e sei mais o quê. Já nos contaram o que está acontecendo, Frank, você acha que somos idiotas? Há homens nessa aldeia com histórias de arrepiar o cabelo. Um velho teve a mão decepada em Coquilhatville, e fugiu ainda esguichando sangue!

Papai lhe lançou um olhar.

— É verdade, Nathan. Eu converso com as mulheres deles.

Olhou para a Sra. Cabeça de Batata, que não tinha nada a falar sobre o assunto. Mamãe então falou lentamente como se tivesse entendido todo o problema.

— Não fazíamos a menor ideia. O seu rei Balduíno vive da gordura desta terra, é o que ele faz, e agora vai deixar aos médicos das missões e a homens desprendidos como meu marido a tarefa de cuidar das necessidades mais simples deste povo. É isso o que faz um pai? Para o inferno! E ele acha que não vai haver problemas?

Ela ficou olhando para o senhor Frank e para Papai, como uma criança nervosa que não sabe qual dos dois homens vai lhe dar castigo.

Frank olhou para Mamãe como se não tivesse a menor ideia de onde ela tinha surgido — igual ao empregado ladrão que não sabia de onde tinha surgido o açúcar debaixo da camisa. Todos os adultos na sala, inclusive minha mãe, a mulher blasfema, e Janna, que ficava esfregando o pescoço e forçando o queixo para o lado como se fosse uma paciente psiquiátrica mental. A não ser Papai, e é claro que *ele* é o mental de verdade.

O reverendo Underdown levantou o punho, e Mamãe se esquivou. Mas ele

não estava dando um soco. Ele só queria que todos admirassem a sua mão.

— Esta é a relação da Bélgica com o Congo. Veja! Uma mão forte e fechada. Ninguém tinha condição de prever um levante como esse.

Mamãe saiu da sala, passou pela porta indo para a cozinha. Ninguém notou a ausência dela. Voltou num minuto, pois acabara de lembrar que não havia como pular num ônibus da Greyhound para voltar a Atlanta.

Perguntou a Janna Underdown.

— O que ele está dizendo? Que não vai haver transição? Nenhum período de transição para — não sei, treinamento de um governo provisório? De repente os belgas se vão e os congoleses têm de tomar conta de tudo sozinhos?

Ninguém respondeu e eu tive medo de Mamãe começar a blasfemar de novo contra o rei ou chorar. Como era embaraçoso! Mas ela não fez nem uma coisa nem outra. Puxou o cabelo durante um tempo e tentou sua voz de Vamos Resolver Tudo Agora.

— Frank, Janna. Nem uma alma no meio desse povo frequentou uma universidade ou viajou para o exterior para aprender como governar. É o que Anatole nos diz. E agora você está dizendo que da noite para o dia eles vão administrar todas as escolas, todos os serviços, todas as repartições do governo? E o exército? E o *exército*, Frank?

Frank sacudiu a cabeça.

— Não sei lhe dizer como, Orleanna. Só posso contar o que sei.

Para casa, para casa, para casa, para casa, rezei. Se o problema fosse muito sério a gente tinha de voltar para casa. Tomamos o avião amanhã e saímos para sempre daqui, basta *ele* dizer.

Papai se levantou e veio até a porta, olhando para fora. Estremeci com esperança e com medo de que ele lesse minha mente. Mas ele não estava olhando para nós. Ele estava olhando para além de nós, fazendo questão de dar as costas para as visitas e para Mamãe. Tornei a deitar na rede e fiquei examinando as cutículas enquanto meu pai falava para o espaço aberto.

— Nenhum aparelho de televisão em todo este país abençoado — anunciou para as palmeiras.

— Rádios, talvez *um* por cem *mil* residentes. Não há telefones. Jornais são tão raros quanto dentes de galinha, e a taxa de alfabetização é mínima. Aqui eles recebem as notícias da noite pelos tambores da vizinhança.

Tudo isso era verdade. Quase toda noite a gente ouvia os tambores das aldeias próximas, que Nelson chamava de tambores falantes. Mas o que alguém pode contar a outra pessoa só com um tambor? É mais difícil que o codimorse que eles usam no exército.

E Papai disse.

— Uma eleição, Frank. Tremendo nas bases por causa de um conto de fadas, você me deixa embaraçado. Abra os olhos, homem. Essas pessoas não sabem nem mesmo ler um slogan: Vote em mim! Abaixo o Shapoopie! Uma *eleição*! Quem, nesta aldeia, iria saber que ela aconteceu?

Ninguém respondeu. Nós, as filhas, não demos um pio, igual às palmeiras, porque sabíamos que ele estava falando para Mamãe e para as visitas. E eu sabia o que eles estavam sentindo ao escutarem uma das charadas de Papai.

— *Duzentas* línguas diferentes, faladas dentro das fronteiras desse país que os belgas inventaram num bar. É a mesma coisa que cercar carneiros, lobos e galinhas e lhes dizer para agirem como irmãos.

Olhou em volta, parecendo de repente um pregador.

— Frank, isto não é uma *nação*, é a *Torre de Babel* e aqui não *pode* haver uma eleição. Se essas pessoas tiverem de se unir, eles vão se unir como cordeiros de Deus, no amor simples de Cristo. Nada mais os fará progredir. Nem a política nem o desejo de liberdade — eles não têm inclinação nem inteligência para essas coisas. Sei que você quer nos contar o que ouviu, mas creia-me Frank, eu *sei* o que estou *vendo*.

A Sra. Cabeça de Batata falou pela primeira vez desde que o assunto deixou de ser pílulas contra malária.

— Orleanna, na verdade nós viemos aqui para lhes dizer para fazer planos para ir embora. Sei que vocês iam ficar até quinze de junho, mas nós temos de mandar vocês de volta para casa.

Viva! Ouvindo aquilo, meu coração dançou um cha-cha-cha. Para casa!

Bem. Se existe uma coisa que meu pai não gosta, é alguém dizer o que ele deve fazer.

— Meu contrato expira em junho — anunciou a todos os interessados. — Vamos ficar também durante o mês de julho para ajudar a recepcionar o reverendo e a senhora Minor quando chegarem. Tenho certeza de que receberemos caridade cristã da América, apesar de todos os problemas que os belgas venham a ter com sua *mão paternal*.

Frank começou a dizer.

— Nathan, o reverendo Minor...

Mas Papai não deixou ele continuar.

— Já fiz alguns milagres aqui, posso lhe dizer, e os fiz sozinho. Não estou interessado na ajuda de fora. Não posso me arriscar a perder um terreno precioso, fugindo como um *covarde*, antes de fazer uma transição adequada.

Transição *quando*, era o que eu queria saber. Mais uma semana? Um mês? Julho ainda ia demorar praticamente meio ano!

Minha mãe começou a falar, com uma voz que mostrava medo.

— Frank, Janna, de minha parte — ela começou e hesitou — pelas meninas eu queria...

— Você queria o *quê*, Orleanna.

Papai ainda estava na porta, e assim a gente podia ver seu rosto. Ele parecia um menino mau pronto para esmagar cachorrinhos com um tijolo.

— De sua parte, o que você gostaria de dizer?

A Sra. Underdown lançava olhares preocupados para o marido, como se dizendo: “Meu Deus, e agora?”

— Nathan, talvez não haja transição — Frank Underdown falou nervoso, dizendo o nome de Papai como se falasse o nome de um cachorro bravo para acalmá-lo.

— Seguindo nosso conselho, o reverendo e a senhora Minor desistiram do contrato. Podem se passar anos antes que esta missão seja reaberta.

Papai olhou para as árvores, sem dar qualquer indicação de que tinha ouvido a esposa assustada ou qualquer das outras notícias. Papai preferia nos ver morrer, uma por uma, a ter de ouvir qualquer conselho que não o seu próprio. *Anos antes de alguém vir para esta missão, pensei. Anos! Por favor, Deus, faça uma árvore cair e esmagar a cabeça dele! Vamos embora agora!*

Janna Underdown contou, solícita:

— Nós mesmos estamos em preparativos para partir.

— É verdade. Certamente. Estamos nos preparando para partir. Você sabe que o Congo foi nosso lar por muitos anos, mas a situação é desesperadora. Nathan, talvez você não entenda o quanto isto é sério. Com toda certeza a embaixada em Leopoldville vai ser evacuada.

— Acho que entendo perfeitamente.

Papai virou de repente para olhá-los de frente. Com a calça cáqui e a camisa branca de mangas enroladas ele parecia um operário, mas ergueu a mão sobre a cabeça, como faz na igreja para proferir a bênção.

— Só Deus sabe quando vai chegar meu substituto. Mas Ele sabe. E vamos continuar a Seu serviço.

Adah

Tanta coisa depende de um carrinho vermelho, brilhante da água da chuva ao lado de pintinhos brancos. Isto é um poema inteiro escrito por um médico chamado William C. Williams. Brancos pintinhos de lado ao chuva da água da brilhante vermelho carrinho. Depende de coisa tanta!

Gosto particularmente do nome William C. Williams. Ele escreveu este poema enquanto assistia uma criança que agonizava. Penso que eu gostaria de ser um médico poeta, se chegar a sobreviver até a idade adulta. Nunca me imaginei transformada em mulher, e, de qualquer forma, isso seria um desperdício de imaginação. Mas se eu *fosse* um médico poeta, passaria todo o tempo com pessoas que não poderiam me deixar para trás, e depois iria para casa escrever o que quisesse sobre como elas são por dentro.

Agora estamos todos esperando para ver o que vai acontecer em seguida. Aqui em Kilanga assistir a uma morte não é ocasião para escrever um poema: o tempo é pouco. Quase a cada dia, mais um funeral. Pascal já não aparece para brincar, pois seu irmão mais velho morreu e precisam dele em casa. Mama Mwanza, sem pernas para sustentá-la, perdeu os dois mais novos. Nós ficávamos impressionados que todos aqui tivessem tantos filhos: seis, ou oito ou nove. Mas agora, de repente parece que ninguém tem o que baste. Eles enrolam o corpinho em camadas de tecido, parecendo queijo de cabra, e o colocam diante da casa, sob um arco funeral tecido de folhas de palmeira e o perfume triste de flores de jasmim. Todas as mães chegam caminhando sobre os joelhos. Gritam e gemem uma canção muito longa e alta, a voz vibrando pela boca macia, como bebês morrendo de fome. As lágrimas escorrem e elas estendem as mãos na direção da criança morta, mas nunca a tocam. Quando terminam, os homens levam o corpo numa rede presa entre dois paus. Descendo a estrada diante de nossa casa, vão para a mata. Pai Nosso nos proíbe de olhar. Ele parece menos preocupado com os corpos do que com as almas que não foram salvas. No grande registro do Além, cada uma representa um ponto negativo para ele.

De acordo com as professoras da escola dominical da minha igreja batista, uma criança não pode entrar no céu se tiver nascido no Congo e não, digamos, no norte da Georgia, onde se pode frequentar regularmente a igreja. Era este o problema da minha caminhada manca para a salvação: a entrada no céu dependia da sorte. Aos cinco anos, ergui o braço esquerdo bom na escola dominical e

gastei toda a minha quota mensal de palavras para mostrar este problema para Dona Betty Nagy. Nascer perto de um pastor, raciocinei, depende da sorte. Será que Nosso Senhor era um Salvador do tipo que salva por tentativa e erro? Será que Ele iria realmente condenar algumas crianças ao sofrimento eterno pelo acidente de ter nascido num país pagão, e premiar outras por um privilégio que não conquistaram? Esperei que Leah e os outros alunos agarrassem esta questão tão óbvia, e saltassem na arena com uma enorme braçada de palavras. Para minha decepção, ninguém fez nada. Nem mesmo a minha gêmea, que tinha experiência própria do que é um privilégio não conquistado. Tudo isso aconteceu antes de Leah e eu nos tornarmos bem-dotadas. Eu ainda era a Adah abobada. Retardada. Envenenada, uma piada. Adah, sujeita a frequentes pancadas de dedal na cabeça. Dona Betty me mandou para o canto para o resto da aula, para rezar pela minha alma, ajoelhada sobre grãos crus de arroz. Quando afinal me levantei, com grãos de arroz fincados nos joelhos, descobri surpresa que já não acreditava em Deus. Aparentemente, as outras crianças ainda acreditavam. Quando voltei mancando para o meu lugar, todos desviaram os olhos de meus joelhos marcados de pecadora. Como eles nem mesmo questionaram o seu estado de graça? Infelizmente eu não tinha a mesma confiança que eles. Já tinha passado muito mais tempo pensando nos acidentes infelizes de nascimento do que uma criança comum.

A partir daquele dia parei de papaguear as palavras *Oh Deus! Amor de Deus!* E comecei a cantar na minha língua invertida: Sued ed Roma! Sued ho!

Agora descobri uma língua ainda mais cínica do que a minha: em Kilanga a palavra *nzolo* é usada em três casos. Significa “amado mais querido”. Ou é uma larva amarela gorda muito cotada como isca para peixe. Ou é um tipo de batata pequena que aparece de vez em quando no mercado, que sai das raízes como noz numa corda. Assim, cantamos a toda voz na igreja: “*Tata Nzolo!*” A quem estamos invocando?

Acho que pode ser o deus das batatinhas. O outro Bem Amado que reside no Norte da Georgia parece não ligar muito para as crianças aqui de Kilanga. Estão todas morrendo. Morrendo de *kakakaka*, a doença que transforma as crianças em jarras, e depois vira a jarra e despeja todo o líquido que estava dentro. As chuvas fortes trouxeram a doença pelos córregos e rios. Todo mundo nesta aldeia sabe muito mais sobre higiene do que nós, acabamos de descobrir. Continuamos a nadar e tomar banho em qualquer ponto do córrego, sem saber que havia regras: lavar roupas lá em baixo, onde o córrego está quase chegando no grande rio de crocodilos. Banhos são no meio. Água para beber é recolhida bem acima da aldeia. Em Kilanga essas são questões de observância religiosa, são o batismo e a comunhão. Até a defecação é regulada pelos deuses africanos,

que determinam que só usemos os matinhos santificados para isso por Tata Kuvudundu — e é difícil de acreditar, mas ele sempre escolhe lugares bem longe da água de beber. Nossa latrina talvez seja um território neutro, mas foi nas questões de banhos e de lavação que vivemos por mais tempo na escuridão. Ofendemos antigas divindades de todas as formas concebíveis. “*Tata Nzolo*” cantamos, e imagino quantos pecados novos e tristes nós cometemos a cada dia, orgulhosos na santa ignorância, enquanto nossos vizinhos ofegam, da mão para a boca.

Nelson diz que foram nossos pecados que trouxeram esta estação chuvosa. Oh, chove, e chove mais, até Noé ficaria desanimado. Esta estação chuvosa rasgou todas as regras. Como começou cedo e durou tanto e choveu com tanta força, as plantações de mandioca se dissolveram e os tubérculos se soltaram podres dos galhos, e finalmente a chuva trouxe a *kakakaka*. Afinal, mesmo quando todo mundo defeca corretamente, há aldeias rio acima. E rio abaixo está alguém que nos vê rio acima. Os últimos serão os primeiros.

Agora acabaram as tempestades. Os funerais estão acabando, como as poças de lama. Matusalém ainda se empoleira encolhido no abacateiro, com os olhos piscando, despreparado para uma nova estação de assustadora liberdade. *Beto nki tutasala?* Murmura na voz fantasmagórica de Mama Tataba: O que vamos fazer? É uma pergunta que qualquer um pode fazer. No silêncio estranho, nossa família não sabe o que fazer.

Todos os outros parecem estar, ao mesmo tempo, desanimados e muito ocupados como os insetos depois da tempestade. As mulheres batem os tapetes de sisal e replantam os campos enquanto choram os filhos perdidos. Anatole anda pela aldeia, visitando nossos vizinhos, um por um, oferecendo condolências pelos alunos perdidos. E também os está preparando para a eleição e a Independência. Vai ser uma eleição de cozinha: como ninguém sabe ler, cada candidato é representado por um símbolo. Com muita sabedoria, esses homens se fizeram representar por coisas úteis — faca, garrafa, fósforos e panela. Anatole colocou na frente da escola uma coleção de tigelas de barro, e junto a cada uma a faca, a garrafa, os fósforos. No dia da eleição, todo homem em Kilanga tem de depositar a sua pedra. As mulheres sempre recomendam aos gritos: a faca! A garrafa! Não esqueça do que eu estou falando! Os homens, que têm o privilégio de votar, parecem ser os menos interessados. Os mais velhos dizem que Independência é para os jovens, o que talvez seja verdade. As crianças são as mais excitadas: ficam jogando pedras nas tigelas do outro lado do quintal. Anatole esvazia as tigelas todo dia. Suspira ao ver as pedras caindo na terra como novas constelações. Os votos das crianças. No final do dia da eleição os filhos de Tata Ndu vão colocar as pedrinhas em sacos junto com o símbolo

adequado de cada candidato — faca, garrafa ou fósforos — e vão levá-los de canoa rio acima até Banningville. Pedrinhas de todo o Congo hão de viajar pelos rios naquele dia. Na verdade, a terra vai se mover. E uma canoa escavada num tronco parece um pássaro muito frágil para levar todo aquele peso.

Toorlexa Nebbee, Eeben Axelroot, também está viajando. Não perde tempo. Nestes dias ele anda fazendo tantas viagens quantas pode, subindo o Rio Kwilu, para não sei onde no sul. Seu rádio fala em Katanga e Kasai. É onde estão as minas. Ele para aqui o tempo suficiente para pagar às mulheres aquele nada pela mandioca e banana, elas ficam chorando como carpideiras no enterro. Os belgas e os americanos, que exploram as plantações de borracha e as minas de cobre, usam sacos maiores.

O médico poeta na nossa aldeia é o *nganga* Kuvudundu, acho. Pai Nosso o chama de uma castanha rara, uma coisa, uma semente a ser quebrada. É o roto falando do esfarrapado. O *nganga* Kuvudundu está escrevendo poemas só para nós. Muita coisa depende de ossinhos brancos de galinha, deixados numa cuia esquecida numa poça de chuva diante de nossa porta.

Eu o vi deixando-a aqui. Estava olhando pela janela e ele se voltou por um segundo, e olhou diretamente nos meus olhos. Vi bondade naqueles olhos, e acho que ele está realmente tentando nos proteger. Quer nos mandar embora para proteger-nos dos deuses irados e de nossa própria estupidez.

Bongo Bango Bingo. Esta é a história do Congo que estão contando nos Estados Unidos: uma história de canibais. Conheço este tipo de história — o solitário que despreza o esfomeado, o esfomeado despreza o faminto. Os culpados jogam a culpa nos prejudicados. Os duvidosamente justos falam de canibais, dos inegavelmente depravados, dos pecadores, dos condenados. Todo mundo se sente melhor assim. Então, estão dizendo que Khrushchov está aqui, dançando com nativos comedores de gente, ensinando-os a odiar os americanos e os belgas. Deve ser verdade, de outra forma como os congoleses teriam aprendido a odiar americanos e belgas? Afinal, temos uma pele tão branca. Comemos a comida deles dentro de nossa casa enorme e jogamos fora os ossos. Ossos jogados ao léu na grama, ossos que contam o nosso destino. Por que os congoleses se interessariam em ler o nosso destino? Afinal nós queríamos dar seus filhos aos crocodilos para que eles conhecessem o Reino e o Poder e a Glória. Todos os olhos dos Estados Unidos conhecem a cara dos congoleses. Pele e ossos dançando, lábios grandes como ostras, um ninguém com um fêmur no cabelo.

O *nganga* Kuvudundu, vestido de branco, sem osso no cabelo, está parado junto ao nosso quintal. Ele, que tem 11 dedos nos pés. Repete várias vezes o final de seu nome: a palavra *dundu*. *Dundu* é uma espécie de antílope. Ou uma

plantinha do gênero *Veronia*. Ou uma colina. Ou o preço a ser pago. Tanta coisa depende do tom de voz. Uma dessas coisas é o que espera nossa família. Nossos ouvidos batistas da Georgia nunca hão de entender a diferença.

Rachel

Papai voou com Eeben Axelroot até Stanleyville, acho que pela mesma razão que o urso subiu a montanha. E tudo o que ele viu foi o outro lado do Congo. A outra razão principal de sua viagem foi buscar pílulas de quinino, que estão quase acabando, que tristeza. Pílulas de quinino têm um gosto horrível de cair os cabelos. Sei que Ruth May nem engole as dela: uma vez vi quando ela escondeu a pílula atrás dos dentes de lado e abriu a boca para mostrar a Mamãe que ela já tinha descido. Depois ela cuspiu na mão e enfiou na parede atrás do seu catre. Eu prefiro engolir. Só faltava agora eu voltar para casa com alguma doença esquisita. Dezesseis anos e nunca ser beijada já é ruim demais, mas além disso, ainda ser a Maria Tiroide? Deus me livre!

Papai está louco de raiva com Frank e Janna. Geralmente eles mandam todo mês as necessidades básicas que acham que vamos precisar (o que não é muito, pode crer), mas desta vez só mandaram uma carta: “Preparem-se para a partida. Estamos enviando um avião especial da missão para evacuá-los no próximo dia 28 de junho. Estamos saindo de Leopoldville na semana que vem e já providenciamos para que sua família nos acompanhe até a Bélgica.”

Fim? E a família Price viveu feliz para sempre? Pode apostar que não. Acho que Papai está louco para ficar aqui para sempre. O dia inteiro Mamãe tenta explicar para ele que ele está colocando em risco a vida das filhas, mas ele não escuta nem a mulher, quanto mais uma simples filha mais velha. Eu gritei e chutei a mobília até arrancar uma perna da mesa, e dei um chilique que foi ouvido até no Egito. Uma moça tem mais é que tentar. Ficar aqui? Quando todo mundo está dando um jeito de ir para casa, para dançar charleston e beber coca-cola? É uma completa ignorância da justiça.

Papai voltou de Stanleyville com o cabelo em pé, cheio de últimas notícias. Acho que fizeram a eleição, e o vencedor foi um homem chamado *Patrice*, vê se dá para acreditar. Patrice Lumumba. Papai disse que o partido de Lumumba ganhou trinta e cinco lugares do novo parlamento, de um total de cento e qualquer coisa, principalmente por causa do seu natural magnetismo animal. E também porque a população da terra dele é maior. Parece com as eleições do conselho de estudantes do Colégio de Bethlehem, onde ganha quem tem a maior claque. E a filha do pastor não tem a menor chance, nem de longe. Não adianta. A gente pode flertar ou andar igual uma gata, ou o enrolar o cós da saia, que eles

continuam achando que a gente é L-7, ou seja, uma quadrada. Não tem jeito de arrumar um namorado nessas condições: pode acreditar, suas chances são nulas.

E assim o Sr. *Patrice* vai ser o Primeiro Ministro do Congo, e não vai mais ser Congo Belga, vai ser a República do Congo. E você imagina que o povo bacana desta aldeia vai perceber alguma mudança? É claro que vão. Eles vão ter que mudar as carteiras de motorista. Lá pelo ano dois milhões, quando alguém fizer uma estrada até aqui e alguém tiver um carro.

Mamãe perguntou:

— Não é aquele que dizem que é comunista?

— Nem dá para notar — Papai respondeu.

Esta é a única expressão do Mississippi que ele aprendeu com Mamãe. A gente pergunta alguma coisa para ela, como “Já passou o meu vestido de linho como eu pedi?” E ela responde: “Nem dá para notar.” Na nossa terra, de vez em quando ela dava suas respostas, e como! Quer dizer, só quando o Papai não estava por perto.

Papai disse que ouviu o futuro Primeiro Ministro falando no rádio de uma barbearia de Stanleyville a respeito de uma política externa neutra, da Unidade Africana, e todas aquelas coisas. Ele disse que Patrice Lumumba e os outros congoleses eleitos estão negociando para formar um governo que todo mundo no parlamento apoie. Mas o problema é que todos eles ainda preferem cada um a sua tribo e os seus chefes. Já estou até imaginando a sala do parlamento: uns cento e poucos Tata Ndu, de chapéu pontudo e óculos sem lentes, todos espantando moscas com varinhas mágicas com pelo de animal, naquele calor sufocante, fingindo ignorar uns aos outros. Eles devem levar uns cem anos só para escolher onde cada um vai sentar. Para mim chega. Tudo o que eu quero é ir para casa, e começar a esfregar a minha pele para lavar esta impureza do Congo entranhada nela.

Ruth May

Mama está precisando de *Quick Energy*. Depois que Papai foi com Leah no avião, ela foi e deitou na cama e não quer mais levantar.

Não foi o avião do Sr. Axelroot. Ele vem e vai quando tem vontade. Era outro avião pequenininho, só que desta vez era amarelo. O piloto usava uma camisa branca e dava para sentir o cheiro de loção *Vitalis* no cabelo. Ele tinha cheiro de limpeza. Ele tinha chicletes de *Experimint* e me deu um pedaço. Era um homem branco que falava francês. Às vezes alguns falam francês e não sei por quê. Todas nós calçamos os sapatos e fomos ver o avião aterrissar. Eu tenho de usar sapatos brancos de bebê mas eu não sou bebê. Quando eu virar uma mulher adulta minha mãe ainda vai guardar os meus sapatos. Ela disse que vai pintar de marrom metálico brilhante e vai pôr na mesa na Georgia junto com meu retrato de bebê. Ela fez a mesma coisa para todas as outras, até a Adah, que tem um pé que não conta; ele enrola e gasta engraçado. Até aquele sapato gasto de lado a Mama transformou em metal e guardou, logo ela vai guardar os meus.

Mama disse que o avião era um avião especial fretado pelo Underdown para a gente pegar tudo que for levar e sair daqui. Mas Papai não deixou. Só ele e Leah entraram, e não levaram nada porque vão voltar. Rachel brigou e tentou entrar no avião com as suas coisas! Ele empurrou ela para fora. Então ela jogou as coisas no chão e falou ótimo eu vou me afogar no rio, mas a gente sabia que ela não ia. Rachel não ia querer ficar tão feia.

Adah também não estava lá; ela ficou em casa. Só eu e Mama ficamos no campo para ver o avião partir. Mas Mama nem pulou nem acenou as mãos. Ela ficou lá e a cara dela foi ficando cada vez menor, e quando não dava mais para ver o avião ela entrou em casa e deitou na cama. Era de manhã, não era de noite. Nem era hora da sesta.

Falei para Rachel e Adah que era preciso um *7Up* para a Mama. Rachel imita os anúncios de rádio lá da nossa terra e esse é um deles: “Cansado? Desanimado? Precisa de íons? *7Up* é a maior descoberta para recuperar rapidamente a energia. Depois de dois a seis minutos você vai se sentir outra pessoa.”

Mas o dia passou e ficou escuro e Mama ainda não se sente outra Mama. Rachel não quer conversar comigo sobre o *7Up*. Fica sentada na varanda olhando o buraco no céu por onde o avião sumiu. E Adah não fala de qualquer

jeito, por causa do jeito que ela é. Nelson trouxe o jantar para nós, mas ele fica fugindo da casa, como quem não quer entrar numa briga. Está tudo muito quieto. Eu tentei brincar, mas não estava com vontade. Fui lá e peguei a mão da Mama, mas ela tornou a cair. Então eu pulei na cama com ela e agora são duas que não querem levantar nunca mais.

Leah

Meu pai e eu já estamos de bem novamente. Ele me deixou acompanhá-lo a Leopoldville, onde vimos a história acontecendo. Assistimos às cerimônias da Independência de uma chata enferrujada presa nas margens do Rio Congo, que estava cheia de gente se empurrando e se acotovelando. Janna disse que provavelmente nós iríamos afundar como o Titanic. Era um evento tão importante que o próprio rei Balduíno da Bélgica ia estar ali. Sei que era infantilidade, mas fiquei toda excitada quando ela me disse isso. Acho que imaginei alguém de coroa e capa de arminho, como nas histórias. Mas os homens brancos sentados no palco se vestiam todos da mesma forma, uniformes brancos com cintos e espadas, e ombreiras e quepes militares. Não se via nenhuma coroa. Enquanto esperavam a vez de falar, surgiram manchas grossas de suor nos seus uniformes, debaixo do braço. E quando todos terminaram eu nem tinha descoberto quem era o rei.

Os brancos falaram principalmente dos dias gloriosos do rei anterior da Bélgica, o rei Leopoldo, o primeiro a transformar o Congo no que é hoje. Foi Janna quem me explicou isso em jatos de tradução, enquanto apertava minha mão, pois tudo era falado principalmente em francês. Não gostei de ela estar segurando a minha mão, pois sou quase tão alta quanto ela e muito menos medrosa. Mas a gente poderia se perder no meio de toda aquela gente. E Papai não teria segurado minha mão por nada neste mundo — ele não é desse tipo. Janna me chamou de pobre ovelhinha perdida. Ela não acreditou quando Papai e eu aparecemos sem o resto da família. O queixo dela caiu até o umbigo. Mais tarde, quando estávamos sozinhas, ela me disse que, na opinião dela, Papai estava louco e deveria ter pensado nas filhas. Eu lhe disse que Papai sabia o que era melhor diante de Deus e que para nós servir era um privilégio. Puxa, isso a deixou tonta. Ela é uma mulher dócil e não posso dizer que a respeite. Eles estão partindo amanhã, e nós vamos voltar para Kilanga, para manter o forte até que possa vir outra família. Esse é o plano de Papai. O reverendo Underdown está fingindo que não está com raiva de nós.

Depois que o rei e os outros brancos falaram, eles empossaram Patrice Lumumba como o novo Primeiro Ministro. Eu sabia exatamente quem era ele. Era um homem magro e muito distinto que usava óculos e tinha barba pontuda e curta. Quando se levantou para falar, todo mundo se calou. No silêncio repentino

dava para ouvir a água do grande Rio Congo batendo nas margens. Até os pássaros pareciam se calar. Patrice Lumumba levantou a mão esquerda e pareceu crescer até três metros de altura, ali, naquele instante. Seus olhos brilhavam, brancos com os centros muito escuros. Seu sorriso era como um triângulo curvo para cima e que em baixo terminava num ponto, como sua barba. Dava para ver claramente seu rosto, apesar de estarmos longe.

— Senhoras e senhores do Congo, que lutaram pela independência que hoje recebemos, eu os saúdo.

A multidão silenciosa prorrompeu em aplausos e vivas. “*Je vous salue! Je vous salue encore!*”

Patrice Lumumba nos pediu para guardar para sempre no coração esta data, 30 de junho de 1960, para contar para nossos filhos qual o seu significado. Eu vi que todo mundo na barcaça e nas margens apinhadas prometeu fazer o que ele tinha mandado. Até eu, se eu tiver filhos. Toda vez que ele fazia uma pausa para respirar, o povo gritava e acenava os braços.

Primeiro ele falou da Bélgica, nossa parceira igual. Depois falou de outras coisas que deixaram Janna nervosa. “Nossa parte são oitenta anos de dominação colonial”, ela traduziu, e depois parou. Largou minha mão, enxugou na calça e segurou de novo.

— O que ele está dizendo? — perguntei.

Não queria perder nem uma palavra de Patrice Lumumba. Quando falava, seus olhos pareciam em fogo. Já vi pregadores falando em encontros de renovação espiritual, as vozes sobem de tal forma que céu e raiva se misturam. O povo gritava mais e mais.

— Ele está dizendo que nós saqueamos esta terra e usamos os negros como escravos enquanto isso foi possível.

— Nós fizemos isso?

— Bem. Os belgas em geral. Ele está com muita raiva das coisas bonitas que eles disseram sobre o rei Leopoldo. Que não era boa bisca, tenho de admitir.

Apertei os olhos para focalizar Patrice Lumumba e tentei entender as palavras dele. Estava com inveja de Adah, para quem aprender línguas era mais fácil do que amarrar os sapatos. Eu queria ter estudado mais.

— Conhecemos *les maisons magnifiques* dos brancos nas cidades, e os barracos que se desmancham onde moram os negros.

Ah, isso eu entendi. E ele tinha razão, eu mesma tinha visto quando estávamos indo para a casa de Janna. Leopoldville é uma cidadezinha agradável, de casas bonitas com varandas e jardins floridos em ruas bem pavimentadas, tendo em volta, por muitos quilômetros, nada além de barracos mal-acabados para os congolese, que fazem suas casas de paus e latas e qualquer outra coisa

que encontrem. Papai disse que isso era por culpa dos belgas e que os americanos nunca aceitariam esse tratamento desigual. Disse que depois da Independência os Estados Unidos vão enviar recursos para ajudá-los a fazer casas melhores. A casa de Janna tem muitos tapetes persas macios, cadeiras com pufes combinados, e até um rádio. Ela tinha um jogo de porcelana chinesa de verdade colocado num aparador de madeira negra. De noite eu vi quando ela estava embalando as xícaras frágeis e lamentando ter de deixar tanta coisa, quem iria aproveitar? No jantar o empregado ficou trazendo uma coisa atrás da outra, até eu achar que ia explodir: carne de verdade, queijos alaranjados revestidos de cera vermelha, aspargos amarelos enlatados. Depois de centenas de refeições de *fufu*, pão, batata em pó e leite *Carnation*, era muito gosto e muita cor para mim. Mastiguei e engoli devagar, já me sentindo mal. Depois do jantar, chocolates da França! Os dois filhos de Janna e Frank, dois rapazes grandes de cabelo escovinha já com físico de adultos, agarraram punhados de doces com as mão grandes e saíram da mesa. Só peguei um, que não conseguia comer apesar de querer demais. O empregado magrinho suava no avental branco bem passado e corria para trazer mais coisas. Pensei no quilo de açúcar que ele tinha tentado enfiar na camisa. Com tanta coisa na casa, por que Janna simplesmente não lhe deu o açúcar? Será que ela queria levar todo o açúcar de volta para a Bélgica?

Amanhã ela vai embora e eu vou continuar aqui, pensei enquanto estávamos na nossa barcaça presa à margem do Rio Congo, vendo a história acontecer. Um rato correu sob os pés descalços de algumas pessoas perto de nós, mas ninguém prestou atenção. Todo mundo só gritava. Patrice Lumumba tinha parado de falar por um momento para tirar os óculos e enxugar a testa com um lenço branco. O suor não aparecia no seu terno escuro, como tinha manchado os uniformes brancos dos brancos, mas seu rosto brilhava.

Pedi a Janna.

— Diga-me o que ele está falando. Só cheguei até o pretérito-mais-que-perfeito no meu livro de francês.

Depois de algum tempo, Janna teve pena e me traduziu algumas frases. O resto, em grande parte, parecia chegar até mim em grandes explosões de compreensão, como se Patrice Lumumba estivesse falando em outras línguas e meus ouvidos tivessem sido abençoados pelo mesmo milagre.

— Irmãos, *mes frères*, sofremos a opressão colonial no corpo e no coração e agora dizemos, tudo isso acabou. Juntos vamos construir um lugar de justiça e paz, prosperidade e grandeza. Vamos mostrar ao mundo o que o *homme noir* pode fazer quando trabalha pela liberdade. Vamos fazer do Congo, para toda a África, o coração da luz.

Pensei que ia ficar surda com os aplausos.

Adah

AHLEMREV AMULP AMU. Tanta coisa depende de uma única pena vermelha que vi quando saí da latrina.

Agora, já de manhã cedinho, o céu róseo da cor do galo. Longas sombras que cortam a estrada daqui para qualquer lugar. Dia da Independência, 30 de junho.

Alguém aqui sabe da nova liberdade? Essas mulheres agachadas, os joelhos separados envoltos nas saias longas, jogando punhados de pimenta e batatinhas em painéis sibilantes sobre o fogo? Essas crianças que defecam no mato, com ou sem força, conforme seu destino? Uma pena vermelha para celebrar. Ninguém ainda viu, só eu.

Quando Emily Dickinson diz, “A esperança é uma coisa que tem penas”, sempre penso em algo redondo — a bola de um dos jogos que nunca vou jogar — com penas fincadas em toda a volta, parecendo um sachê de cor cravo-alaranjado com penas vermelhas. Muitas vezes eu já imaginei — *Esperança!* — pensando em como agarrar uma coisa com uma mão, se viesse, flutuando, do céu até mim. Agora descubro que ela caiu, e um pedaço dela está aqui, ao lado da latrina. Como em celebração, abaixei-me para recolhê-la.

Pouco mais abaixo na relva úmida, vi o bico vermelho de outra e fui pegá-la. Seguindo a trilha, encontrei primeiro as vermelhas e depois as cinzentas: montes de longas penas da asa ainda presas a cartilagens e pele, abertas como dedos. Massas de penas macias do peito. Matusalém.

Finalmente chegou o dia da Independência para Matusalém e o Congo. *Oh Senhor das penas, dai-me este dia.* Depois de toda uma vida preso, isolado do voo e da verdade, chega a liberdade. Depois de longas estações de preparação para uma morte inocente, finalmente são donos do mundo. *Dos carnívoros que queriam me dilacerar, arrancar-me do peito o osso de aposta.*

Caçado pelo gato do mato, o espião, o olho, a fome de uma necessidade superior, Matusalém está finalmente livre de sua prisão. Tudo o que deixa para o mundo: penas cinzentas e vermelhas espalhadas na grama úmida. Foi isso apenas e nada mais, o coração revelador, a história do carnívoro. Nada do que lhe foi ensinado na casa de seu senhor. Somente as penas, sem a esperança. Penas, finalmente, finalmente, e nenhuma palavra mais.

Livro três

Juízes

*E não fareis aliança com os habitantes desta terra;
Destruireis seus altares...*

*Serão como espinhos na vossa carne,
E seu ouro será uma armadilha para vós.*

Juízes 2:2-3

Orleanna Price

ILHA DE SANDERLING, GEORGIA

Ouçá, minha ferinha. Julgue-me se quiser, mas antes me ouça. Sou sua mãe. O que se passou conosco poderia ter ocorrido em qualquer lugar, com qualquer mãe. Não sou a primeira mãe do mundo a ver as filhas possuídas. Desde a eternidade existiram pais como Nathan, que não conseguem entender outra forma de ter uma filha que não a de possuí-la como um pedaço de terra. Trabalhá-la, ará-la, fazer chover sobre ela um veneno terrível. Milagrosamente, isso faz crescer essas meninas. Como os girassóis com suas flores pesadas, elas se alongam nos talos finos do desejo. Pode-se tentar protegê-las com o corpo e a alma, tentar absorver a chuva horrível, mas mesmo assim elas se voltam para ele. Sem cessar, elas se voltam para a luz que emana dele.

Oh, uma mulher pode lançar silenciosamente sobre tal homem todas as pragas conhecidas. Mas não pode atirar pedras. Uma pedra há de passar através dele para atingir a criança criada à imagem dele, e cortar um olho, ou língua ou a mão estendida. Não adianta. Não existem armas para esta luta. São tantas as leis dos homens e da natureza, e nenhuma nos favorece. Os braços se enfraquecem e o coração se esvazia. E passamos a entender que a coisa que mais amamos neste mundo cresceu de uma semente do diabo. E que ele a plantou com a nossa permissão.

Finalmente chega o dia em que, se tiver sorte, uma filha se afasta desse homem. A ferocidade dele se transfere para ela, que se endurece para nunca mais falar com ele. Ao contrário, ela começa a falar comigo, a mãe, reclamando com enorme indignação: *Como você pôde deixar ele fazer isso comigo? E por quê?*

Há tantas respostas, todas perfeitas, e todas incompletas.

O que eu tinha? Com certeza não tinha dinheiro. Nem influência, nem amigos naquele lugar, a quem recorrer, nenhum meio de derrotar as potências que governavam nossas vidas. É uma história antiga: eu era uma força inferior.

E ainda há outras coisas, dolorosas de admitir. Passei a acreditar que Deus estava do lado dele. Isso me faz parecer louca? Mas eu acreditei; tinha de acreditar. Eu o temia mais do que seria possível temer a qualquer homem. Eu O temia, amava-O, servia-O, tapava os ouvidos para não ouvir Suas palavras, que ressoavam dentro da minha cabeça, mesmo quando Ele estava ausente ou dormindo. Do fundo de noites insones, eu me voltava para a Bíblia em busca de conforto e encontrava mais uma homenagem. *À mulher Deus disse: vou multiplicar tua dor e tua concepção, na dor parirás teus filhos; desejarás teu*

marido e ele vai te dominar.

Misericórdia. Se lida num momento de fraqueza, a Bíblia do Rei Jaime pode nos levar decididamente a nos envenenarmos.

Minha queda não foi prevista. Não cresci esperando ser feliz nem ser protegida. Tive uma infância feliz, mesmo vivendo num período infeliz. Minha mãe morreu quando eu ainda era muito jovem, e se uma moça criada sem a mãe é carente de muitas coisas, na minha opinião, ela goza de uma liberdade que outras filhas desconhecem. Para cada fato da vida feminina que deixam de lhe contar, o horizonte lhe oferece uma constelação de possibilidades.

Jackson, Mississippi, durante a Grande Depressão, não era muito diferente do Congo trinta anos depois, exceto que em Jackson nós sabíamos quais os poucos que tinham muito, e acho que, às vezes, isso era inquietante. Em Kilanga, as pessoas nada sabiam sobre o que não tinham — uma *Frigidaire*, um conjunto de lavadora e secadora? Seria mais fácil imaginar uma árvore que se soltasse das próprias raízes e fosse fazer pão. Não lhes ocorria ter pena de si próprias. Só quando morriam os filhos, então eles choravam e gritavam. Qualquer um entende essa injustiça. Mas em geral eles se contentavam com sua sorte.

Para mim, como filha da Depressão, foi a mesma inocência prática. Enquanto só conhecia o que me cercava, aquilo era tudo o que a vida tinha a me oferecer e eu aceitava. Fui uma criança muito bonita, e depois uma moça linda. Minha vida era modesta. Meu pai, Bud Wharton, era oculista. Vivíamos nos subúrbios de Jackson, num lugar miserável chamado Pearl. Papai recebia os pacientes numa sala nos fundos da casa, com móveis de metal para guardar as lentes, que tilintavam como sinos de vidro tangidos pelo vento quando as gavetas eram abertas. Na frente da casa, tínhamos um armazém. Era necessário, pois em tempos difíceis todos os olhos ficam bons, ou pelo menos não ficam tão mal. No armazém, vendíamos produtos frescos da horta de meus primos, produtos secos e alguma munição. Conseguíamos ir sobrevivendo. Morávamos no andar de cima. Houve época em que éramos 11 morando ali, primos do condado de Noxubee, tios que iam e vinham ao sabor das colheitas, e a minha velha tia Tess. Quando precisei, ela foi uma mãe para mim. Tia Tess gostava de dizer: “Meu bem, não é um desfile, mas de uma forma ou de outra você vai ter de descer à rua, portanto é melhor levantar os ombros e aprender a andar.” E era nisso, mais ou menos, que nós todos acreditávamos.

Acho que meu pai nunca me perdoou por eu ter me tornado Batista do Livre Arbítrio. Nunca entendeu a necessidade de testemunho maior ou mais ruidoso do Plano de Deus do que o encontrado naquele mundo marcado de finas veias que é o olho. Isso, e o frango do almoço do domingo. Papai bebia e blasfemava, mas de forma inofensiva. Ele me ensinou a cozinhar, mas me deixava livre para sair

com minhas primas. Fora de Pearl havia um terreno abandonado. Descobrimos ali plantas carnívoras num terreno lamacento, onde gostávamos de levantar os vestidos e afundar até os joelhos na lama preta, de olhar os lábios das pétalas carnívoras e de lhes oferecer aranhas para o almoço. Era o que eu adorava quando criança: os milagres de uma natureza apaixonada. Mais tarde, descobrimos rapazes e beijos. Depois as tendas das igrejas de renovação da fé.

Foi uma combinação de tudo isso que me levou ao encontro de Nathan Price. Eu tinha 17 anos e estava estourando de felicidade. Braços nos braços, minhas amigas e eu caminhávamos com vestidos finos de algodão, atraindo para nós todos os olhares. Balançando os cabelos, íamos pela passagem central, entre cadeiras de dobrar emprestadas pela funerária, até a frente da multidão dentro da tenda para esperar o chamado do Senhor. Nós nos atirávamos a Jesus com o peito ofegante ainda pagão. Já havíamos experimentado todos os rapazes de Pearl, e estávamos em busca de alguém que nos merecesse mais. Bem, por que não Jesus? Sabíamos que seria por pouco tempo — que, como os outros, no fim da semana Ele também iria embora.

Mas, em vez disso, quando recolheram a lona, descobri que Nathan Price fazia parte de minha vida, um jovem pregador, bonito, de cabelos ruivos, que se lançou sobre minha alma ainda sem dono tal qual um cão sobre um osso. Era mais confiante do que qualquer jovem de sua idade, mas resisti a ele. Sua seriedade me desanimou. Brincava com as velhinhas vestidas de crepe da china, dava-lhes tapinhas nos ombros curvados, mas comigo seu único tema era o céu, só esquecido quando ele resolvia expor suas ideias sobre o inferno.

Sem que eu percebesse, aquele namoro foi lentamente tomando conta de mim, principalmente porque eu não sabia do que se tratava. Acreditava que ele estava apenas determinado a me salvar. Ele se plantava nos degraus empoeirados de nossa varanda, dobrava cuidadosamente o paletó e o deixava no corrimão, enrolava as mangas e lia para mim passagens dos Salmos e do Deuteronômio, enquanto eu descascava o feijão. *Como dizes a minha alma, Voa como um pássaro até tua montanha?* As palavras eram misteriosas e belas, então deixei-o ficar. Minha experiência anterior com os rapazes era ouvi-los reclamar: “Santo Deus, que merda!”, quando meu vestido tinha botões demais. Agora, aqui estava um de cuja boca eu ouvia: *As palavras do Senhor são palavras puras, como prata derretida em fornos de barro, purificada sete vezes; e Ele me faz deitar em prados verdejantes.* Ah, eu desejava aqueles prados verdejantes. Sentia o gosto da doçura verde da folha de trigo, arrancada e chupada entre os dentes. Eu queria me deitar com aquelas palavras e me levantar falando outra língua, por isso deixei-o ficar.

Pregador evangélico ambicioso, ele deveria se dividir igualmente por um

circuito formado pelos condados de Rankin, Simpson e Copiah, mas, para dizer a verdade, durante aquele verão, salvaram-se mais almas em Pearl do que o Senhor teria condições de receber. Dificilmente Nathan perdia a galinha dos nossos almoços de domingo. Finalmente, Tia Tess perguntou: “De qualquer forma, meu bem, você o está alimentando, por que não casar logo, já que é isso que ele está querendo.”

Acho que nunca vou saber se era realmente isso o que ele queria. Mas quando lhe disse que Tia Tess queria uma resposta antes de investir mais galinhas naquele projeto, a ideia de casamento lhe pareceu tão boa que ele a adotou como se tivesse sido sua. Mal tive tempo para pensar na minha própria resposta — todo mundo já sabia qual seria. E mesmo que estivessem esperado a minha resposta, eu não teria sabido como expressá-la. Nunca tinha conhecido intimamente alguém casado. O que eu imaginava ser o matrimônio? Do meu ponto de vista, parecia um mundo de atenções e, mais que isso, a oportunidade de sair do condado.

Nós nos casamos em setembro e passamos a lua de mel colhendo algodão para o esforço de guerra. Em 39 e 40 falava-se muito de guerra, que os homens seriam convocados, acho que para demonstrar que estávamos prontos para o que desse e viesse. Mas Nathan nunca tinha sido convocado por ser considerado um trabalhador indispensável — não para o Senhor, mas para o Rei Algodão. Nos intervalos entre as semanas de renovação da fé, ele trabalhava nas fazendas, e no outono de 41, nossa primeira atividade de recém-casados foi a de trabalhar juntos no campo poeirento. Quando acabamos de encher os fardos de algodão, com as mãos escalavradas e o cabelo coberto de branco, acreditávamos ter feito a nossa parte. Nunca nos ocorreu que, pouco depois, iriam cair bombas sobre uma enseada distante^[21], cujo nome provocou calafrios na nossa pequena Pearl, tão longe do mar.

No fim daquela semana de infâmia, metade dos homens deste mundo estavam engajados numa única guerra, Nathan entre eles. Ele foi convocado. Em Fort Sill, o capitão anotou sua religião e lhe prometeu que ele iria servir num hospital, como capelão ou funcionário administrativo, a uma distância decente das linhas inimigas. Suspirei: agora poderia dizer que realmente amava a Deus! Mas então, sem explicações, Nathan se viu em Paris, Texas, em treinamento para a infantaria. Permitiram-me passar duas semanas com ele naquela planície batida de vento, geralmente à espera dele no estranho vazio de um apartamento frio, tentando compor frases cordiais para dizer às outras esposas. Éramos restos de naufrágio à deriva, mulheres de todos os sotaques e condições abandonadas ali, preparando macarrão ou fubá, qualquer coisa que pudesse representar conforto, unidas pelo esforço comum de não pensar que as mãos de nossos maridos

estavam aprendendo os segredos das armas. À noite ele deitava a cabeça no meu colo e eu lia para ele as Escrituras: *O Senhor é minha rocha e minha fortaleza... As trompas que saúdam a minha salvação... e assim serei salvo de meus inimigos*. Quando ele foi embora, voltei para Pearl.

Ainda não se tinham passado três meses de sua partida. Levaram-no de caminhão, puseram-no num navio, depois ele vagueou para lá e para cá com a Frota Asiática e finalmente foi deixado num acampamento sob as palmeiras das praias filipinas, para colaborar na defesa montada pelo general MacArthur. Sua companhia avançou na direção de Luzon, enfrentando, de início, apenas insetos e a floresta, mas no segundo dia foram atacados no meio do sono pela artilharia. Nathan foi atingido na cabeça por um estilhaço. Tonto, buscou proteção, e passou a noite numa pocilga de bambu. Ele havia sofrido uma concussão, mas recuperou gradualmente a consciência durante a madrugada e andou meio cego em campo aberto, tão desorientado quanto um inseto atraído para o fogo. Por sorte, pouco antes do anoitecer, foi recolhido por uma lancha PT. Do hospital, num *bunker* na ilha de Corregidor, escreveu-me uma carta alegre, contando como tinha sido salvo pela Graça de Deus e de um criador de porcos japoneses. Evidentemente não me poderia informar sua localização, mas disse que milagrosamente estava quase intacto, e me prometeu que logo estaria em casa!

Foi a última coisa que ouvi do homem com quem tinha me casado — um homem que ria (até mesmo de ter dormido numa manjedoura), que me chamava de “ovelhinha querida” e que confiava no milagre da sorte. Ainda imagino o jovem soldado que escreveu aquela carta, recostado na cama, sorrindo sob o curativo no olho, e mostrando às enfermeiras uma foto da bela noiva com o algodão do Delta do Mississippi entranhado nos cabelos. Na verdade, ele estava vivendo as últimas horas felizes de sua vida. Ainda não sabia o que tinha acontecido à sua companhia. Depois de alguns dias as notícias começaram a chegar a Corregidor. Pelos túneis daquela ilha fortificada circulavam insinuações de um horror grande demais para ser mencionado — uma ladainha sussurrada, de cujo teor o mundo, especialmente eu, só seria informado anos depois. Que iria transformar o coração de um soldado num pedaço duro de couro.

Quando começou a artilharia naquela noite, Nathan foi ferido e se arrastou às cegas pela noite até chegar à pocilga, a companhia recebeu ordens de avançar até a Península de Bataan, onde poderia se esconder na floresta, reagrupar-se e marchar de volta para retomar Manila. Foi um erro do excesso de confiança de um comandante, pequeno na história, mas grande nas vidas daqueles homens. Foram cercados na península, famintos e aterrorizados, e finalmente vencidos e forçados, a ponta de baioneta, a marchar para o norte por campos de arroz sob um calor abrasador, a marchar até a exaustão e doença e, mais tarde, quando isso

ficou impossível, a caminhar sobre as mãos e joelhos, alucinados, emaciados pela sede e assolados pela malária, até um campo de prisioneiros, onde poucos chegaram, e ainda menos sobreviveram. Toda a companhia de Nathan, até o último homem, morreu na Marcha da Morte de Bataan.

O soldado Price foi retirado de Corregidor poucas semanas antes de o próprio MacArthur abandonar aquele posto com sua famosa promessa de voltar. Mas não voltaria, no que se refere àqueles soldados de Bataan, nem ele, nem o soldado com quem eu havia me casado. Este voltou para casa com uma cicatriz em forma de crescente na têmpora, a visão do olho esquerdo muito comprometida e a quase certeza da própria covardia, que ele nunca mais iria superar. Suas primeiras palavras para mim foram sobre a intensidade do olhar de Deus sobre ele. Evitou meu beijo e meu toque carinhoso dizendo: “Mas você não entende que Deus está nos observando?”

Ainda tentei lhe dizer que tínhamos sorte. Acreditei que a guerra tivesse provocado alterações mínimas nos nossos planos. Era evidente que Nathan estava mudado, mas parecia apenas mais fervoroso, não se poderia prever que isso se transformaria numa tragédia. Finalmente, como sempre havia sonhado, eu iria cruzar a fronteira estadual como a esposa do pastor.

E Deus seja louvado, isso foi o que me aconteceu — Mississippi, Alabama, Georgia. Cruzamos linhas marcadas na areia sob as palmeiras, atravessamos as linhas traçadas no meio da estrada, filas de sopa, linhas de preocupação, filas de almas que esperavam as línguas de fogo da salvação. Nathan queria abrir um caminho tão largo quanto o de Sherman^[22]. Sem dinheiro e sem tempo para nos fixarmos, a cada verão mudávamos de um cortiço para outro, até que minha gravidez da Rachel ficou tão evidente que nossa condição de nômades passou a parecer vergonhosa. Uma noite escolhemos no mapa Bethlehem, Georgia. Com ajuda da sorte ou da Providência, nosso carro nos levou até lá, e Bethlehem se revelou um mercado aberto para batistas evangélicos. Tentei rir da situação, pois ali estávamos: um homem e sua esposa na hora de dar à luz, e não havia lugar na estalagem.

Nathan não riu daquela comparação esperançosa. Na verdade ali, pela primeira vez, ele ergueu a mão contra mim. Lembro-me de que eu estava sentada na ponta de uma cadeira na cozinha ainda empacotada, abraçando meu corpo enorme com os dois braços, enquanto ouvíamos o rádio. Um homem estava lendo uma longa história de guerra, como era comum naquela época: um relato em primeira mão sobre um campo de prisioneiros, e sobre uma marcha horrorosa em que homens exaustos lutavam desesperadamente, caíam e eram mortos a tiros de pistola que brilhavam na escuridão. Eu estava ouvindo sem prestar atenção, até que Nathan me chamou a atenção.

— Nenhum desses homens há de ver um filho para carregar seu nome. E você se vangloria diante do próprio Cristo por essa bênção imerecida.

Até aquela noite eu não tivera a menor ideia dos detalhes de onde Nathan estivera nem da medida daquilo que ainda o perseguia. Ele ficava profundamente embaraçado cada vez que eu engravidava. Para ele, eram bênçãos imerecidas, e além disso, cada uma delas chamava a atenção de Deus para o fato de eu ter uma vagina e ele um pênis, e para o fato de que nós os deixamos tão próximos que uma criança foi concebida. Mas Deus sabe que isso nunca era tão casual assim. O sexo deixava Nathan enlouquecido, e depois trêmulo, orando em altos brados e me acusando de lascívia. Se seu sentimento de culpa o transformava num tirano perante os homens, diante de Deus ele se tornava uma criança. Não uma criança desamparada, mas petulante, o tipo do garoto arrogante que foi muito pouco amado e é rápido ao jogar nos outros a culpa pelos próprios erros. O tipo de rapaz que cresce determinado a mostrar a todos do que é capaz. Seu sonho era salvar pessoalmente mais almas do que os que morreram no caminho de Bataan, e em todos os caminhos percorridos pela humanidade sofredora.

E onde estava eu, a moça ou mulher chamada Orleanna, enquanto percorríamos todas aquelas estradas e cruzávamos todas aquelas fronteiras? Absorvida de corpo e alma pela missão de Nathan. Era como se eu fosse um território ocupado por uma potência estrangeira. Externamente eu parecia ainda ser eu mesma, assim como ele parecia ser ainda o mesmo rapaz que tinha partido para a guerra. Mas agora todas as minhas células estavam casadas com o plano de Nathan. Sua *vontade* grandiosa. É assim que acontece uma conquista: cada plano é maior que o anterior. Tentei muito fazer o que achava ser a obrigação de uma esposa, por exemplo, lavar separadamente as camisas brancas e as meias pretas nos tanques das pensões e preparar para ele pratos de polenta frita. Não havia mais homens jovens nas cidades onde pregávamos, pois a guerra continuava, e isso alimentava o fogo da tortura de Nathan. Quando olhava aquelas congregações sem soldados, ele devia estar vendo longas filas de fantasmas marchando para o norte. Quanto a mim, só ficava observando o peito arfante daquelas jovens sem homem diante de meu marido, o soldado do Senhor. (Queria gritar: ele é todo seu meninas, podem usá-lo, estou cansada demais!) Ou então ficava em casa à espera dele, tomando quatro copos d'água antes que ele chegasse para poder vê-lo comer o que houvesse sem que meu estômago embrulhasse. Durante a gravidez das gêmeas, tive desejos tão fortes que às vezes saía à noite e ficava ajoelhada escondida comendo terra no jardim. Tive três filhas em menos de dois anos de solidão, não consigo acreditar que outra mulher tenha feito tantos filhos com tão poucos coitos.

Três filhas era demais, e senti isso no meu corpo. Ao nascer, a terceira delas

não conseguia virar a cabeça para o lado e nem mamar. Era a Adah. Havia chorado muitos dias quando soube que estava grávida de gêmeos, e agora passava as noites acordada, pensando se meu desespero não a teria envenenado. A obsessão de Nathan com a culpa e com a punição de Deus estava me contagiando. Deus me tinha mandado Adah, como punição ou recompensa. O mundo tem sua opinião e eu tenho a minha. Os médicos nos deram poucas esperanças, mas uma das enfermeiras era boa. Ela me disse que o melhor naquele caso seria o leite em pó, um milagre moderno, mas não tínhamos como comprar para as duas, e assim amamenteei Leah no peito e dei o leite caro para Adah, as duas ao mesmo tempo; quando a gente tem gêmeas aprende a fazer tudo com uma mão atrás. E não eram só as gêmeas, ainda havia Rachel, uma loirinha que estava começando a andar, cuja pele parecia fina demais, pois o menor desconforto era o suficiente para ela chorar. Gritava toda vez que molhava a fralda, e as outras duas acompanhavam, como dois despertadores. Também sofreu muito quando os dentes apontaram. Adah berrava de frustração e Leah por causa dos pesadelos. Durante seis anos, dos 19 aos 25, não consegui dormir uma única noite inteira. É isso. E você me pergunta por que não reagi contra Nathan? Porque para mim, era uma sorte conseguir me calçar sem trocar os pés dos sapatos. Eu seguia em frente, pensando a cada manhã que o pior já tinha passado.

Nathan acreditava numa coisa acima de todas as outras: que o Senhor observa os justos e os recompensa. Meu marido não teria aceito outra possibilidade. Assim, o fato de estarmos sofrendo na nossa casinha no meio de plantações de amendoim da planície de Bethlehem era prova de que um de nós tinha vacilado na virtude. E provavelmente era eu. Nathan me culpava por ser atraente, como se eu tivesse escolhido ser magra e ter olhos azuis para atrair atenção sobre mim. Os olhos de Deus vigiavam, ele me informou. Se eu parava um instante para sentir a grama úmida fazendo cócegas nos meus pés, Seus olhos viam minha preguiça. Deus sempre ouvia quando eu deixava escapar um dos impropérios de meu pai, e me vigiava durante o banho, desafiando-me a sentir o prazer da água morna sobre meu corpo. Mal conseguia assoar o nariz sem me sentir vigiada. Como se para compensar toda esta atenção, Nathan geralmente me desconhecia. Se me queixava da vida difícil, ele mastigava o jantar olhando para o outro lado, como se faz quando se quer ignorar deliberadamente a criança que quebrou a boneca e depois chora por não ter com que brincar. Para não ficar louca, aprendi a contornar as dificuldades com chinelos macios e procurando nelas os pontos positivos.

Se ainda existia em mim um pouco daquela menina pagã, uma moça que era atraída pela admiração como uma mariposa pela luz, e se o coração dela

ainda batia nas noites quentes da Georgia, quando os sapos coaxavam nos brejos junto das estradas, ela estava muito atordoada para poder falar. Uma ou duas vezes, quando Nathan tinha viajado para uma cerimônia de renovação da fé, eu devo ter fechado as portas e respirado na minha própria boca refletida no espelho, e passado batom vermelho para fazer o serviço de casa. Mas isso era muito raro. Cada vez menos eu me conciliava com meu próprio espírito. Quando Ruth May nasceu, nós já tínhamos mudado para a casa da paróquia na rua Hale, e Nathan já dominava completamente aquele país antes conhecido como Orleanna Wharton. Finalmente aceitei o Senhor como meu salvador pessoal, pois Ele me deu uma máquina de lavar *Maytag*. Gostei daquela paz e lhe dei o nome de felicidade. Porque naquele tempo, era esse o nome que se dava a uma vida igual à minha.

Levei um tempo enorme para entender o preço terrível que havia pago, e que até mesmo Deus tem de entender o valor da liberdade. *Como dizes a minha alma, Voa como um pássaro para a montanha?* Naquela época, eu estava escondida no coração das trevas, tão conformada com o casamento que já não conseguia ver minha outra forma de ser. Tal como Matusalém, eu me encolhi ao lado de minha gaiola, e apesar de minha alma ainda sonhar com a montanha, descobri, como Matusalém, que já não tinha asas.

É por isso, minha ferinha. Eu havia perdido as asas. Não me pergunte como eu as recuperei — a história é insuportável. Confiei durante muito tempo em promessas falsas e, como fazemos todas, acreditei quando os homens falaram do interesse nacional como se também fosse o nosso. No final minha sorte foi lançada no Congo. Pobre Congo, noiva descalça de homens que lhe roubaram as joias e lhe prometeram o Céu.

As coisas que não sabíamos

KILANGA, SETEMBRO DE 1960

Leah

Pela segunda vez, voando sobre a floresta, voltamos de Leopoldville até aquela clareira chamada Kilanga. Desta vez só Papai e eu estávamos no avião, junto com o Sr. Axelroot, e dez quilos de materiais não perecíveis e ameixas secas enlatadas que Frank e Janna não conseguiram levar quando fugiram do Congo. Mas esta segunda aterrissagem não teve o mesmo impacto que a primeira. Não fiquei excitada, tremi de medo. Não havia vivalma à nossa espera na beira do campo — nem as pessoas da aldeia, nem Mamãe nem minhas irmãs. Em compensação, ninguém estava batendo tambores nem preparando sopa de bode para nós. Enquanto Papai e eu cruzávamos o campo abandonado a caminho de casa, eu pensava na outra noite, no grande banquete de boas-vindas, e em todos os sabores e sons que o acompanharam. Na hora ele me pareceu estranho e frugal, mas relembro agora, que abundância de boa proteína tinha sido sacrificada em nossa honra! Uma abundância realmente vergonhosa. Meu estômago reclamou. Prometi em silêncio ao Senhor que iria expressar enorme gratidão por um banquete como aquele, se banquete igual voltasse a acontecer. Mesmo sem considerar a aversão de Rachel à carne de bode, todos nós estávamos precisando de um bom banquete, pois o que iríamos comer a partir de agora? Não se vai muito longe com uma dieta de ameixas secas enlatadas.

Por causa da Independência, eu agora estava pensando mais em dinheiro do que em qualquer outra época de minha vida, com exceção dos problemas de matemática da sexta série. Cinquenta dólares por mês em francos belgas podem não parecer muito, mas em Kilanga nós éramos mais ricos do que qualquer outra pessoa. Agora vamos ter de viver com não mais que zero dólares por mês em francos belgas, e não é difícil entender este problema de matemática.

É claro, algumas semanas depois da nossa volta de mãos vazias, as mulheres entenderam que não tínhamos mais dinheiro, e pararam de chegar à nossa porta para vender a carne ou o peixe que os maridos tinham matado. De início elas ficaram confusas com nossa condição empobrecida. Esclarecemos nossa situação da melhor maneira possível: *fyata*, não temos dinheiro! Era a verdade. Todos os francos que tínhamos economizado tinham acabado no bolso de Eben Axelroot, porque Papai teve de suborná-lo para nos trazer de volta de Leopoldville. Ainda assim, nossas vizinhas em Kilanga não conseguiam entender: não era possível, um branco *fyata*? Elas ficavam na nossa porta

durante muito tempo, só olhando para nós, de cima a baixo, com as cestas cheias sobre a cabeça. Acho que imaginaram que nossa riqueza era infinita. Nelson teve de explicar muitas vezes, enquanto Rachel, Adah e eu olhávamos sobre seus ombros, que a Independência tinha chegado, e nós não recebíamos mais nada por sermos cristãos e brancos. Bem, as mulheres disseram muitas coisas simpáticas ao ouvir *aquilo*. Sungavam os filhos nas ancas e diziam, *Á bu*, bem, *ayi*, a Independência. Mas mesmos assim, elas ainda desconfiavam. Será que já tínhamos olhado em todos os lugares? Perguntavam. Talvez ainda houvesse um pouquinho de dinheiro escondido debaixo daquelas estranhas camas altas ou talvez nos armários? E os meninos ainda nos atacavam como bandidos simpáticos toda vez que saíamos — *cadeau, cadeau!* — pedindo leite em pó, ou uma calça velha, e insistindo em que ainda tínhamos uma porção dessas coisas escondidas em casa.

Mama Mwanza, nossa vizinha, foi a única que sentiu pena de nós. Andando sobre as palmas das mãos, ela veio até nossa casa para nos oferecer laranjas, Independência ou não. Nós lhe dissemos que não tínhamos como pagar, e ela só nos fez um sinal com as mãos. *Á bu*, não importa! Os filhos dela achavam muitas laranjas, e ela ainda tinha um *bákala mpandi* em casa — um homem bom e forte. Quando pusesse as armadilhas e a pesca fosse boa, ele não ia ligar se ela nos trouxesse um pouco. Sempre que a gente tem muito, a gente tem de repartir com os *fyata*. (E Mama Mwanza nem é cristã!) A gente sabe que as coisas vão mal quando uma mulher sem pernas, que há pouco tempo perdeu dois filhos, sente pena da gente.

Para Mamãe a vida estava difícil. Da última vez, quando Papai e eu decolamos para Leopoldville, ela ainda estava tentando se erguer; mas no curto período em que ficamos fora, ela acabou de se entregar. Agora ficava andando meio tonta pela casa, com a roupa de dormir, os chinelos gastos, sem meias e com a blusa desabotoada, passando os dias e as noites mal vestida para as duas ocasiões. Passava a maior parte do tempo encolhida na cama, junto com Ruth May, que não queria comer e dizia que não conseguia se levantar porque estava suando muito. A verdade é que nenhuma das duas estava interessada na própria saúde.

Nelson me disse confidencialmente que Mamãe e Ruth May tinham *kibáazu*, que significa que alguém tinha feito um despacho contra elas. Além disso, ele sabia quem era, e que mais cedo ou mais tarde o *kibáazu* passaria para todas as mulheres da casa. Pensei nos ossos de frango que Tata Kuvudundu tinha deixado na nossa porta algumas semanas antes e tremi. Expliquei a Nelson que essa história de feitiçaria era bobagem. Nós não acreditamos em deuses maus que podem ser convencidos a fazer o mal a outra pessoa.

— Não? E o seu deus não amaldiçoou Tata Chobé?

Isso aconteceu numa tarde muito quente, enquanto Nelson e eu estávamos cortando lenha para a cozinha. Alimentar aquele forno de ferro fundido só para ferver a água já era um trabalho infundo, e ainda tínhamos de cozinhar.

— Tata Chobé? — Eu já sabia dessa conversa, mas estava curiosa para saber o quanto ele tinha aprendido dos ensinamentos da Bíblia. Pelos buracos nas costas da camiseta vermelha eu via seus músculos retesados quando ele levantou a machadinha para rachar o cerne escuro de um pedaço de lenha. Nelson usava sua machadinha para tudo, desde rachar lenha até para fazer a barba (não que isso fosse necessário para um garoto de treze anos) e até limpar o fogão. Ela estava sempre muito afiada e limpa.

Ele parou para recuperar o fôlego. Colocou cuidadosamente a machadinha no chão e girou os braços em largos círculos para relaxar os músculos.

— O seu deus fez um *Kibáazu* contra Tata Chobé. Mandou varíola e sarna, e matou seus sete filhos debaixo do mesmo teto.

— Oh! Jó. Mas aquilo não era uma maldição, Nelson. Deus estava testando a fé de Jó.

— *Á bu*. Muito bem.

Depois de retomar a machadinha e rachar ao meio mais três ou quatro pedaços de lenha, ele disse:

— Alguém está testando a fé de sua mãe e de sua irmãzinha. A próxima a ser testada é a cupim.

Mvúla — uma térmita pálida que surge depois das chuvas — é assim que as pessoas aqui chamam Rachel, por ela ser tão clara. Acham que ela ficou assim por ter passado muito tempo dentro de casa, e por ter tanto medo da vida em geral. Não é preciso dizer que Rachel detesta os cupins, e insiste que a palavra deve ter outro significado, mais importante. Eles me chamam de *Leba*, uma palavra muito mais simpática que significa *figueira*. De início achamos que eles não conseguiam pronunciar Leah, mas a verdade é que eles conseguem perfeitamente, mas não usavam porque *Léa*, em kikongo, significa *sem importância*.

Repeti para Nelson que, não importa como ele interprete a parábola de Jó, nossa família não acredita em feiticeiros, *ngangas* e feitiços, nem nos *nkisis* e *gri-gris* que as pessoas usam em volta do pescoço para afastar os maus espíritos.

— Sinto muito Nelson, mas nós não adoramos esses deuses.

Para deixar clara a nossa posição, completei — *Baka veh* — que significa: nós não pagamos, e é a forma de dizer que a gente não acredita.

— *Á bu* — Nelson colocou gentilmente a lenha nos meus braços estendidos. Tive de olhar bem dentro dos seus olhos enquanto ele ajeitava a

lenha nos meus braços desajeitados, tal era a nossa proximidade nesse trabalho. Vi que ele estava triste de verdade por nossa causa. Estalou a língua, como fazia Mama Tataba, e me disse:

— Leba, os deuses a quem a gente não paga são os que perseguem melhor a gente.

Adah

Somebas oãn.

As coisas que não sabemos, individualmente ou como família em conjunto, poderiam encher duas cestas separadas, cada uma com um buraco no fundo.

Muntu é a palavra congoleza que significa *homem*. Ou *pessoas*. Mas significa mais que isso. Tenho o prazer de anunciar que aqui no Congo não existe diferença especial entre o homem vivo, o homem morto, crianças ainda não nascidas e os deuses, todos eles são *muntu*. É o que Nelson diz. Todas as outras coisas são *kintu*: animais, pedras, garrafas. Um lugar ou tempo é *hantu*, e a qualidade do ser é *kuntu*: bonito, horroroso ou aleijado, por exemplo. Todas essas coisas têm em comum a raiz *ntu*. Nelson diz, levantando o ombro, como se não fosse difícil de entender: “Tudo o que está sendo aqui, *ntu*.” E seria simples, só que “sendo aqui” não é a mesma coisa que “existente”. Ele explica assim a diferença: os princípios do *ntu* ficam adormecidos até que são tocados por *nommo*. *Nommo* é a força que faz com que as coisas vivam como aquilo que são: homem, árvore ou animal. *Nommo* significa *palavra*. O coelho tem a sua vida — não a vida do rato nem a do mangusto — porque ele tem o nome de *coelho*, *mvundla*. Uma criança não estará viva enquanto não receber um nome. Eu lhe disse que isso ajudou a resolver o que sempre foi um grande mistério para mim. Minha irmã e eu somos gêmeas idênticas, então como é possível que, partindo da mesma semente, tenhamos vidas tão diferentes? Agora eu sei. Porque eu me chamo *Adah* e ela se chama *Leah*.

Nommo, escrevi no caderno de notas que tinha aberto para nós na mesa grande. *Nommo ommon noMmo*, escrevi, querendo aprender esta palavra para frente e para trás. Teoricamente, eu estava mostrando a Nelson, a seu pedido, como escrever uma carta (sem levar em conta o fato de que não haveria meio de postá-la). Ele gosta da minha forma silenciosa de ensinar, e sempre me pede. Mas Nelson, como aluno, transforma-se em professor à menor provocação. Parece que ele acha que sua fala melhora nossa conversa, já que eu só escrevo as coisas no papel.

— *NOMMO MVULA É MINHA IRMÃ RACHEL?* — perguntei.

Ele concordou.

Então Ruth May é *Nommo Bandu*, e Leah é *Nommo Leba*. E de onde vem *Nommo*?

Ele apontou a própria boca. *Nommo* vem da boca, assim como o vapor d'água, disse: uma canção, um poema, um grito, uma oração, um nome, tudo isso é *nommo*. A própria água é *nommo*, do tipo mais importante. Água é a palavra dos ancestrais, que nos é passada ou não, conforme nós os tratemos. A palavra dos ancestrais é sugada pelas árvores e homens, e isso permite que eles sejam e vivam como *muntu*.

— UMA ÁRVORE TAMBÉM É *MUNTU*? — escrevi. Para esclarecer, desenhei rapidamente um traço homem e um traço árvore lado a lado. Nossas conversas geralmente são feitas de figuras e gestos. “Uma árvore é uma espécie de pessoa?”

— É claro. Basta olhar para eles. Os dois têm raízes e cabeça.

Nelson estava intrigado pela minha incapacidade de entender uma coisa tão simples. Então ele perguntou:

— Você e sua irmã Leba, o que quer dizer isso, que vocês vieram da mesma semente?

— *Gêmeas* — escrevi. Ele não reconheceu a palavra. Desenhei duas meninas idênticas lado a lado, o que ele achou ainda mais estranho, já que Leah e eu, a bela e a fera, éramos as duas gêmeas em consideração. Portanto, como ninguém estava vendo, e como Nelson é incapaz de se embarçar, executei uma pantomima desinibida de uma mãe dando um filho à luz, e, logo em seguida, o segundo. *Gêmeos*.

Ele arregalou os olhos. “*Báza!*”

Concordei, pensando que ele não era o primeiro a se espantar com esta característica comum a Leah e a mim. Mas deve ter sido mais que isso, porque ele saltou para longe de mim, com tanta pressa que derrubou a cadeira.

— *Báza?* — repetiu apontando para mim. Tocou delicadamente a minha testa e retirou rapidamente o dedo, como se minha pele pudesse queimar.

— Você nunca viu *gêmeas*? — rabisquei meio na defensiva.

Sacudiu a cabeça convicto.

— Qualquer mulher que tem *báza*, logo depois do nascimento, tem de levar os dois filhos até a floresta e deixar lá. Tem de ser imediatamente. Isto é *muito* necessário.

— Por quê?

Ele gaguejou.

— Os ancestrais e os deuses. *Todos* os deuses. Que deus não ficaria furioso com a mãe que guardasse filhos assim? Acho que a aldeia inteira ia ser inundada ou quase todo mundo ia morrer, se uma mãe guardasse seus *báza*.

Olhei em volta da sala e não vi evidência imediata de alguma catástrofe. Virei a página da aula sobre correspondência comercial, e comecei a fazer um

desenho detalhado da Arca de Noé. Depois de algum tempo, Nelson aproximou a cadeira e sentou-se a um metro de mim, e inclinou-se de longe para tentar ver o meu desenho.

Escrevi no alto da folha: ISTO NADA TEM A VER COM GÊMEOS. Quem sabe, pensei, talvez tenha. Todos aqueles coelhos e elefantes aos pares.

— O que aconteceu na sua aldeia quando sua mãe não largou você na floresta?

Pensei no ano de meu nascimento, e escrevi: GANHAMOS A GUERRA. Então comecei a traçar o esboço de uma girafa muito elegante. Mas Nelson ainda estava nervoso, esperando a prova de que meu nascimento não tinha provocado uma maldição sobre nossa casa. NEM INUNDAÇÃO, NEM EPIDEMIA, escrevi. TUDO VAI BEM NOS ESTADOS UNIDOS, ONDE TODO DIA AS MÃES GUARDAM SEUS BÁZA.

Nelson me olhou com ceticismo tão puro e tão irritado, que fiquei tentada a duvidar de mim mesma. Não teria havido, digamos, uma explosão de furacões nos meses que se seguiram ao nosso nascimento? Uma gripe durante um inverno rigoroso? Quem sabe. Dei de ombros e desenhei uma segunda girafa com um defeito em forma de Z no pescoço. A girafa *benduka*.

Mas Nelson não ia me esquecer por tão pouco. Era evidente que o fato de eu ser gêmea era um perigo para a sociedade.

— E o que diz Tata Jesus?

— GERALMENTE MUITA COISA.

— O que ele manda fazer quando uma mulher tem... — ele hesitou, sem nem mesmo querer pronunciar a palavra em inglês.

Dei de ombros, mas Nelson continuou insistindo nesta questão. Ele não acreditava que a Bíblia de Jesus, com sua abundância prodigiosa de palavras, não tivesse instruções específicas para as mães de gêmeos recém-nascidos. Finalmente escrevi: ACHO QUE JESUS MANDA CRIAR.

Nelson agitou-se novamente.

— Pois é isso, as duas mulheres de Tata Boanda vão à Igreja de Jesus! E Mama Lakanga! Todas essas mulheres, seus amigos e maridos! Eles acham que vão ter gêmeos outra vez, e Tata Jesus não vai obrigá-las a largar os bebês na floresta.

Isto era uma novidade fascinante, e pedi detalhes. De acordo com Nelson, quase a metade da congregação de meu pai era formada de parentes de gêmeos mortos. É um preceito interessante para fundar uma igreja: Primeira Igreja Batista Dos Que Têm Gêmeos. Nelson também me disse que todo domingo estávamos recebendo sete leprosos e dois homens que fizeram o que jamais é perdoado pelos deuses locais, ou seja, mataram acidentalmente um membro do

clã ou uma criança. Parece que somos a Igreja das Causas Perdidas, o que talvez não seja muito diferente da igreja que o próprio Jesus operava no seu tempo.

Não deveria ter sido uma surpresa tão grande. Anatole já tinha tentado nos explicar a função social da nossa igreja, durante aquele jantar fatídico que terminou com o prato estilhaçado. Mas o reverendo acha que está fazendo um trabalho maravilhoso de esclarecimento das sutilezas das Escrituras para os pagãos, e assim não percebe que está apenas ajudando a limpar as ruas. Afastar os elementos problemáticos da vida cerimonial de Kilanga. O reverendo não percebeu que as famílias cujos filhos mais sofreram com a *kakakaka* afastaram-se silenciosamente e voltaram para o culto ancestral, enquanto algumas das famílias pagãs que foram atingidas se aproximaram silenciosamente, para experimentar o cristianismo. Embora me pareça evidente, esta visão pragmática escapa completamente ao reverendo. A cada vez que um novo convertido entra pela porta numa manhã de domingo, ele se vangloria na mesa do jantar de que “agora estou trazendo todos de volta à casa. Finalmente estou atraindo a atenção dos chefões deste lugar.”

E assim, ele continua a pregar para os leprosos e os rejeitados. Por puro erro, suas ações são às vezes mais puras que suas intenções. Mas geralmente é o contrário. Geralmente ele grita “Louvado seja!” e agride a gente com as costas da mão.

Como surgiu este *nommo* Nathan Price? Fico pensando. No início foi o verbo, a guerra, a carne. A mãe, o Pai, o filho que não veio, as filhas que foram muitas. As gêmeas que destruíram a casa. No princípio era o verbo, o rebanho, a mancha, o excremento, a dívida assumida, o teatro do absurdo. Pai Nosso tem uma briga com o mundo, uma briga dura. Uma briga cuja arma é a Palavra. O castigo dele é a Palavra, e suas deficiências são erros de palavras — como quando ele se impacienta com a tradução e passa a falar ele próprio, a contar as parábolas no seu kikongo mal digerido. É muito perigoso, agora eu sei, cometer erros com o *nommo* no Congo. Se a gente dá nomes errados às coisas, acaba fazendo uma galinha falar como homem. Fazendo uma machadinha se levantar e dançar.

Nós, suas filhas e esposa, também não somos inocentes. Somos as atrizes do seu teatro. Somos vistas como bem-intencionadas de uma forma peculiar, mas incapazes. Sei disso. Nelson nunca teria a iniciativa de me dizer isso. Mas me contou as palavras que entendemos errado. O resto é fácil de entender. É um tipo especial de pessoa, a que, semana após semana, reúne uma congregação, levanta-se orgulhosa diante dela e, em voz clara fala palavras erradas.

Bandika, por exemplo: matar alguém. Se a gente pronuncia muito depressa, como faz o reverendo, significa podar uma planta ou deflorar uma virgem.

Imagine a surpresa dos congoleses quando sabem que o valente Davi, que queria matar o poderoso Golias, na verdade estava podando plantas, ou coisa pior.

E existe *batiza*, a paixão fixa de Pai Nosso. *Batiza*, pronunciada com a língua enrolada, significa “batismo”. Pronunciada de outra forma, significa aterrorizar. Nelson passou boa parte de uma tarde, enquanto estávamos catando esterco no ninho das galinhas, tentando demonstrar essa sutil diferença linguística. Ninguém tinha explicado isto ao reverendo. Ele não é do tipo que sabe receber certas notícias. Acho que ele deveria passar algum tempo limpando galinheiros.

Ruth May

Às vezes a gente tem vontade de deitar e ficar vendo o mundo de lado. Eu e Mama gostamos. Quando deito a cabeça no colo dela, o mundo deitado se mexe para baixo e para cima. Ela faz: *hhh-huh, hhh-huh*. Ela tem a barriga e o peito macios. Quando Papai e Leah viajaram no avião, nós fomos deitar um pouco.

Às vezes eu falo para ela: Mami Mami. Só falo isso. Papai não está ouvindo, então eu posso falar. O nome dela de verdade é Mamãe ou Dona Price, mas para mim o nome secreto é Mami Mami. Ele foi embora no avião e eu disse: “Mama, eu quero que ele nunca mais volte.” Aí nós choramos.

Mas eu estava triste e queria a Leah de volta, porque ela me carrega nas costas, de cavalinho, quando não está gritando comigo que eu sou uma peste. Todo mundo é bom de vez em quando, e o Menino Jesus manda amar todo mundo, não importa o que a gente sente de verdade. O Menino Jesus ouviu o que eu disse do Papai não voltar mais, e Papai é o pregador. Logo Deus e os outros gostam muito dele.

Eu sonhei que tinha subido até o alto do abacateiro e estava olhando lá em baixo para eles todos, os menininhos de pernas tortas de *cowboys* e os olhos grandes olhando para cima, e outros ainda menores, de mãos e caras brancas, que vão ficar pretas quando eles crescerem, pois é preciso uma mágica para Deus saber que eles são da tribo de Cam. E as casas de barro, fincadas na terra da mesma cor. Mama falou que não existe nada na aldeia que não desmanche numa chuva forte. E eu estava vendo Mami Mami, o alto dela. Eu via tudo que ela estava pensando, igual a Jesus. Ela estava pensando em bichos.

Às vezes, quando a gente acorda não sabe se foi sonho ou verdade.

Adah

Como todo mundo sabe, os desígnios de Deus são misteriosos. Tudo o que tem nome, uma vez ou outra Ele faz. É! Ele manda tanta chuva, que seu povo acaba tendo de beber a água dos esgotos uns dos outros e morre de *kakakaka*. Depois ele manda uma seca que mata os campos de mandioca e de inhame, e assim, quem não morreu de febre, dobra-se de fome. O que virá em seguida? É, lógico, um mistério!

Depois que a Independência cortou nossos estipêndios e todos os contatos com o mundo exterior, parece que o plano de Deus pedia que Mamãe e Ruth May adoecessem a ponto de quase morrerem. Elas ficaram vermelhas, cobertas de pintas, a língua grossa, e tão moles que pareciam próximas do limite inferior que marca o estado que se conhece como o de um corpo humano vivo.

Nada disso parecia preocupar o reverendo. Continuou seu trabalho missionário, saindo durante dias sem conta para visitar os que ainda não tinham sido salvos, ou indo encontrar-se com Anatole para discutir a imposição de aulas sobre a Bíblia aos meninos ainda jovens, deixando a cargo das três filhas mais velhas o cuidado da casa. É, aquela Bíblia, em que até um asno com queixada tem seu dia! (Evidentemente, Anatole não estava entusiasmado com o plano.) Geralmente o reverendo simplesmente saía andando sozinho ao longo do rio durante horas, ensaiando os seus sermões para os lírios do campo — que entendem tanto o que ele fala quanto a congregação, e na verdade são ouvintes mais atentos. Em resumo, como era o único enviado de Deus a Kilanga, Pai Nosso vivia muito ocupado. Se o atormentávamos com preocupações sobre o estado de Mamãe, ele respondia que logo ela atenderia ao chamado de Deus e se levantaria. À noite ouvíamos discussões abafadas em que Mamãe falava numa voz lenta e baixa, como um disco tocado na velocidade errada, mostrando todas as possibilidades de destruição de nossa família. Na fração de tempo que ela gastava para formular um apelo, Pai Nosso, irritado, respondia que o Senhor age por meios misteriosos. Como se ela não soubesse.

Meios fadigosos, deliriosos, imperiosos, sérios e deletérios.

Nossos vizinhos pareciam indiferentes à nossa situação de pobreza, pois estavam ocupados com a sua própria. Pascal, o amigo de Leah, era o único que, de quando em vez, ainda vinha chamá-la para procurar aventuras com ele. Enquanto trabalhávamos, mudando as camas ou lavando pratos, ele esperava lá

fora, chamando nossa atenção com um punhado de frases americanas que Leah lhe tinha ensinado: “*Man-oh-man! Crazy!*” Antes nós ríamos, mas agora era triste perceber que o havíamos treinado para ser insolente.

De um dia para o outro, nossa infância tinha passado para a história. Ninguém percebeu a transição, só nós mesmas.

A questão do pão nosso de cada dia tinha de ser resolvida por nós, e esse trabalho me exauria. Muitas vezes me veio a ideia de também cair de cama. Minhas irmãs estavam afetadas da mesma forma: Rachel ficou ausente, e descuidada, às vezes só penteava o cabelo uma vez por dia. Leah passou a andar, em vez de correr. Nunca nos ocorrera o quanto minha mãe tinha trabalhado durante o último ano para pôr nossas refeições na mesa. Papai ainda não tinha ideia, pois não se importava de deixar todo o trabalho da casa por conta de uma aleijada, uma rainha da beleza e uma garota meio masculina, que tinha pelo trabalho doméstico o mesmo gosto que um gato tem pela água. Que família nós formávamos!

Às vezes, no meio da noite, Leah se sentava na cama, querendo conversar. Acho que ela estava assustada, mas geralmente falava da irritação com Mama Mwanza, que tinha falado, meio por acaso, do marido forte que tinha em casa. Leah se perturbava por as pessoas pensarem que nossa família seria deficiente, não porque Mamãe estivesse às portas da morte, mas porque não tínhamos um *bákala mpandi* — um homem forte — para tomar conta de nós.

— Papai não caça nem pesca porque tem um trabalho mais importante — argumentava ela de sua cama, como se eu já não tivesse pensado nisso.

— Será que eles não entendem que ele trabalha muito na sua profissão?

Se tivesse vontade de participar da discussão, eu lhe diria que para Mama Mwanza a profissão dele parecia um jogo de “Pode Mamãe?”, pois consistia de uma longa fileira de palavras sem sentido.

Em menos de um mês nossa casa tinha se transformado no caos. Tínhamos de suportar a raiva de Papai, cada dia maior, quando voltava para casa e o jantar tinha parado numa discussão sem fim para saber se havia ou não larvas na farinha de trigo, ou até mesmo se havia farinha de trigo. Quando seu desprazer atingiu determinado ponto, nós três lambemos nossas feridas e nos convocamos para uma reunião feminina. À grande mesa de madeira, onde tínhamos passado tantas horas tediosas estudando álgebra e o Sacro Império Romano, agora nos reuníamos para fazer um inventário de nossos recursos.

— Primeiro de tudo, temos de continuar a ferver a água — anunciou Rachel, a mais velha. — Escreva aí, Adah. Se a gente não ferver a água por trinta minutos vamos pegar plebiscite ou coisa pior.

Anotado.

— Segundo de tudo, temos de descobrir o que comer.

Nas prateleiras da despensa da cozinha ainda tínhamos um pouco de farinha, açúcar, leite em pó, chá, cinco latas de sardinhas e as ameixas de Janna e Frank; anotei tudo isso numa coluna do meu caderno. Em atenção às minhas irmãs, escrevi da esquerda para a direita. Leah adicionou mangas, goiabas, abacaxis e abacates, que apareciam e sumiam de acordo com estações misteriosas (tais como os caminhos do Senhor), mas que pelo menos cresciam gratuitamente no nosso quintal. As bananas eram tão abundantes na aldeia que as pessoas roubavam umas das outras em plena luz do dia. Quando os filhos de Mama Mwanza cortavam os cachos de bananas da horta de Mama Nguza, ela recolhia as bananas no chão e trazia para nós. Assim, Leah e eu criamos coragem e cortamos um cacho do tamanho de Ruth May das bananeiras atrás da latrina de Eben Axelroot, e ele estava em casa! Portanto, frutas eram uma coisa que a gente conseguiria sem dinheiro. Sempre tínhamos comprado laranjas no mercado, pois elas ficam escondidas no meio da mata e eram difíceis de achar, mas Leah afirmou que sabia onde procurar. Ela se designou para trazer frutas, o que não é surpreendente, pois esta é a atividade doméstica que se executa mais longe da casa. Ela também prometeu colher coquinhos de palmeiras, apesar de, para nós, eles terem o gosto de cera de vela, embora sejam muito apreciados pelas crianças congolesas. Ainda assim anotei “cocos de palmeira” no meu caderno, para aumentar a lista. O objetivo do nosso exercício era o de nos convencer que o lobo não estava na porta dos fundos, mas ainda estava babando na entrada do quintal.

Num intervalo entre observações cruciais, Rachel estava examinando os fios do cabelo à procura de pontas duplas. Estava parecendo um coelho vesgo. Quando se falou em cocos de palmeira ela gritou:

— Mas, escutem, numa dieta só de frutas a gente vai acabar morrendo, ou pode até pegar uma diarreia.

— O que mais é grátis? — perguntou Leah.

— As galinhas, é claro. A gente pode matar — disse Rachel.

Leah explicou que não podíamos matar todas, pois aí não teríamos ovos para os omeletes — uma das poucas coisas que sabíamos preparar. Mas se deixarmos algumas chocarem para aumentar a população do galinheiro, talvez pudéssemos comer mais ou menos um frango frito por mês. Minhas irmãs me encarregaram de todas as decisões relativas às galinhas, imaginando ser eu a última a agir movida por um impulso que seria lamentado depois. A parte impulsiva de meu cérebro tinha sido destruída no nascimento. Não discutimos quem seria encarregada de matar os pobres frangos. Em outros tempos Mamãe os matava de um só golpe. Quando ainda era uma mulher feliz, ela dizia que

Papai tinha se casado com ela pela forma como torcia o pescoço do frango. Mamãe escondia mistérios sob a pele, e nós não lhe demos a menor atenção.

Em seguida, Leah levantou a questão difícil que era Nelson: quase a metade de nossos ovos ficavam para ele, como pagamento. Discutimos o que seria mais importante, Nelson ou os ovos. Não havia muita coisa para ele cozinhar. Mas ele buscava água e cortava lenha, além de esclarecer para nós os muitos mistérios de Kilanga. Como não sou boa para carregar água nem para cortar lenha, não poderia defender uma vida sem Nelson. Minhas irmãs tinham seus próprios medos. Em voto secreto decidimos por unanimidade que Nelson iria continuar.

— E eu faço o pão. Mamãe vai me mostrar como — anunciou Rachel, como se aquilo fosse a solução de todos os nossos problemas.

Mamãe tinha vindo, sem ser percebida, e estava parada junto à janela da frente, olhando para fora. Ela tossiu e nos voltamos para vê-la: Orleanna Price, nossa antiga padeira. Na verdade, ela não parecia ter condições de ensinar alguém a abotoar a camisa. Depois de uma década ouvindo ordens de arrumar a blusa e andar como uma lady, era estranho ver nossa própria mãe desarrumada. Seus olhos estavam do azul de um céu sem chuva. Vazios.

— Está tudo bem, Mama. Pode voltar para a cama, se quiser. — Leah não a chamava de Mama desde que saíram nossos primeiros molares. Mama, *née* Orleanna, aproximou-se e beijou cada uma de nós no alto da cabeça, e depois voltou, arrastando os pés, para o seu leito de morte.

Leah voltou-se para Rachel e falou sibilante:

— A Rainha da Beleza não ia nem conseguir peneirar a farinha.

— Falou a gênio. E posso perguntar por que não?

Mordi a ponta do lápis e observei os acontecimentos.

— Nenhuma razão em especial. Tenho certeza de que você não se importa em enfiar a mão no saco de farinha cheio de larvas e carunchos — observou Leah, enquanto coçava o cabelo embaraçado atrás da orelha.

— Nem sempre tem larva na farinha.

— É verdade. Às vezes elas são comidas pelas tarântulas.

Dei uma gargalhada. Rachel se levantou e saiu da mesa.

Como quebrei o silêncio em favor de Leah, achei que tinha de puni-la para compensar. “SE NÃO FICARMOS UNIDAS...” escrevi no meu caderno.

— Sei, vamos ficar juntas. Mas Rachel precisa perder a pose. Ela nunca levantou um dedo aqui, e agora, de repente, ela virou a chefe?

Era verdade. Para Rachel, assumir uma responsabilidade era assim como se a Donna Reed da televisão de repente se apresentasse para ser a nossa mãe. Era tudo representação. Logo ela iria tirar o avental e voltar a ser a pessoa que não dá a menor importância para o bem-estar geral.

Pobre e tirânica Rachel, continua tentando construir uma carreira de irmã mais velha na base de uma mísera diferença de 16 meses, e insiste em que a respeitemos como a mais velha. Mas Leah e eu não pensamos nela dessa forma desde a segunda série, quando nós a superamos no concurso de ortografia da escola. Foi derrotada pela palavra, ridiculamente fácil, *esquema*.

Leah

Depois de três semanas de calmaria, fiz Ruth May se levantar da cama. Assim, de repente, eu disse, “Ruth May, querida, vamos dar uma volta lá fora para ver o que está acontecendo.” Não podia fazer muita coisa para ajudar Mamãe, mas passei muito tempo tomando conta de Ruth May e acho que já sei o que faz bem a ela. Ela precisava de alguma coisa em que mandar. Nossos bichinhos de estimação tinham sumido, ou sido comidos, como foi o caso de Matusalém, mas o Congo ainda oferecia um mundo de criaturas de Deus para nos distrair. Levei Ruth May para fora para que ela tomasse um pouco de sol. Mas ela desmontava onde quer que eu a pusesse. Parecia uma boneca de pano que tivesse passado pela lavadora de roupa.

— Para onde você acha que Stuart Little foi?

Usei aquele nome só para agradá-la, praticamente admitindo que o mangusto era *dela*. Ela não o tinha capturado, nem tinha cuidado especial por ele além de lhe dar o nome errado de um bichinho de livro de história, que na verdade era um camundongo. Mas eu não podia negar que ele a seguia por toda parte.

— Ele fugiu. Não me importa.

— Olhe aqui Ruth May. Formigas-leão.

Na seca longa e estranha que chegou este ano no lugar da estação chuvosa do ano passado, uma poeira fina tinha se espalhado pelo nosso quintal, formando grandes manchas brancas. Estava marcada de pequenas armadilhas parecendo funis, onde as formigas-leão se enterravam esperando algum inseto cair na armadilha e ser devorado. Nós ainda não tínhamos visto uma formiga-leão de verdade, só suas armadilhas. Para distrair Ruth May eu lhe disse que elas se pareciam leões com seis pernas, e que eram enormes, do tamanho da sua mão esquerda. Na verdade, eu não sei como elas são, mas do jeito que as coisas crescem no Congo, era possível que elas fossem grandes. Antes de cair doente, Ruth May achava que era possível se deitar de bruços e cantar para atrair as formigas para fora: “bicho mau, bicho mau, salta fora dessa toca!” ela cantava alto a tarde toda, apesar de nunca funcionar. O traço de personalidade mais característico de Ruth May é a persistência. Mas agora, quando sugeri, ela só virou a cabeça de lado e deitou na poeira.

— Está quente demais para cantar. E não adianta, elas nunca saem.

Mas eu estava decidida a sacudi-la de qualquer jeito. Não via a antiga centelha de Ruth May e estava com medo de entrar em pânico ou de começar a chorar.

— Ei! Olha aqui — Achei uma coluna de formigas subindo um tronco e peguei duas. Azar daquelas formigas, capturadas enquanto cuidavam da própria vida entre suas irmãs. Até mesmo uma formiga só tem uma vida para viver, e eu cheguei a pensar nisso quando me agachei e deixei cair uma meio amassada na armadilha da formiga-leão. Antigamente eles jogavam os cristãos aos leões, e agora Adah usa essa frase ironicamente, querendo dizer que eu a deixei para ser comida no caminho de casa. Mas Adah não é mais cristã do que esta formiga.

Agachamos perto do buraco e esperamos. A formiga lutou um pouco na armadilha arenosa e macia até que surgiu um par de pinças, agarrou-a e puxou para dentro. Sumiu num piscar de olhos.

— Não faz mais isso com elas, Leah — disse Ruth May. — Coitada da formiga!

Fiquei com vergonha, estava recebendo lições de moral animal de minha irmã caçula. Geralmente a crueldade era uma inspiração para Ruth May, e eu só estava aflita para ajudá-la a se recuperar.

— Bem, até bichos maus têm de comer — observei. — Tudo tem de comer alguma coisa.

Suponho que até mesmo os leões.

Peguei Ruth May e limpei seu rosto.

— Vem sentar na gangorra que eu vou pentear suas marias-chiquinhas. Depois eu vou te empurrar na gangorra. Está bem?

Já fazia vários dias que eu sempre trazia um pente no bolso de trás da calça, esperando para pentear o cabelo de Ruth May.

Ruth May parecia indiferente. Eu a sentei na gangorra que Nelson nos ajudou a pendurar, feita de uma corda oleosa que ele tinha encontrado na beira do rio. O assento era uma lata quadrada de óleo de palmeira. Todos os meninos da aldeia usavam a nossa gangorra. Tirei a poeira do pente e comecei a desembaraçar a massa de nós amarelos em que se transformara aquele cabelo. É lógico que eu puxava e doía, mas ainda assim eia quase não chorou, o que me pareceu um mau sinal.

Com o canto dos olhos, vi Anatole meio escondido atrás de uma moita de cana na beirada do quintal. Ele não estava cortando, pois não chupa cana — acho que ele tem um pouco de orgulho dos dentes fortes e brancos e daquela separação entre os da frente. Mas ele estava lá, observando as duas, e eu fiquei rubra ao pensar que ele poderia ter-me visto alimentar as formigas-leão. Parecia muita criancice. À luz do dia, quase tudo o que fazíamos em Kilanga parecia

criancice. Até as caminhadas de Papai, falando sozinho pelas margens do rio, ou Mamãe andando seminua pela casa. Concentrei-me em pentear os cabelos de Ruth May, que pelo menos parecia uma coisa prática e maternal. Contra a vontade, imaginei um pai forte, com braços pretos e brilhantes a tirar peixe do rio, e uma mãe de grandes seios escuros a pilar mandioca. Então, como de hábito, recitei o Salmo do arrependimento: *Tem piedade de mim, oh Senhor, na medida da grandeza de tua bondade*. Mas eu não tinha certeza do mandamento ao qual meus pensamentos tinham desobedecido — honrar pai e mãe, ou não cobiçar os pais do próximo, ou alguma coisa mais vaga, relacionada ao respeito à própria raça e família.

Anatole se aproximou. Acenei e chamei: “*Mbote, Anatole*”.

— *Mbote, Béene-béene*.

Ele dá um nome especial a cada uma de minhas irmãs, não aqueles meio insultuosos, como Cupim, e *Benduka*, para Adah, que significa Aleijada. Anatole não nos dizia o que significavam os nomes que nos dava. Passou a mão no cabelo de Ruth May e apertou a minha da forma congoleza, em que a mão esquerda aperta o braço direito. Papai já nos tinha dito que essa tradição era para mostrar que ninguém estava escondendo alguma arma.

— Quais as novidades? — perguntei.

Era isso que Papai sempre lhe perguntava. Apesar do fracasso do primeiro jantar, Papai dependia muito da ajuda de Anatole, e esperava meio ansioso as visitas dele. Anatole sempre nos surpreendia por saber muitas notícias do mundo lá fora, ou pelo menos de fora de Kilanga. Ninguém sabia onde ele conseguia aquelas notícias, mas em geral elas eram verdadeiras.

— Muitas notícias. Mas primeiro quero lhe entregar um porco neste saco.

Eu adorava ouvir Anatole falando inglês. Tinha uma pronúncia britânica e elegante, em que “first” soava como “fest” e “brother” como “brrother”. Mas o sotaque era congolês, pela forma como dava o mesmo peso a cada sílaba — *porco neste saco* — como se nenhuma quisesse dominar toda a frase.

— Embornal! Mamãe sempre disse: “Nunca compre um porco no embornal”. Acho que embornal é um saco.

— Em todo caso, não é um porco, e você não tem de comprar. Se você adivinhar o que é, pode ficar com ele para o jantar.

Ele passou para mim uma sacola de tecido marrom presa por duas cordinhas, que trazia jogada sobre o ombro. Fechei os olhos e avaliei o peso, sacudindo para cima e para baixo. Era do tamanho de uma galinha, mas muito pesado. Levantei a sacola e examinei o contorno do fundo. Tinha dois pontos parecendo cotovelos.

— *Umvundla!* — pulei de alegria como uma criança. Era um coelho da

floresta. Nelson preparava um ensopado de coelho com feijão *mangwansi* e mangas que nem Rachel conseguia recusar, de tão bom que era.

Acertei. Anatole sorriu seu sorriso emocionante. Já não me lembro da primeira impressão que tivemos dele, chocadas pelas cicatrizes do seu rosto. Agora só via Anatole, o homem, de ombros largos e quadris estreitos, de camisa branca e calça preta, Anatole de sorriso pronto e andar apressado. Um homem gentil conosco. Além das cicatrizes, seu rosto tem muitas outras feições interessantes, como os olhos amendoados e o queixo fino. Nunca tinha percebido o quanto eu gostava dele.

— Foi você mesmo que matou?

Estendeu as duas mãos.

— Gostaria de poder dizer que foi, para você achar que seu amigo Anatole é um bom caçador. Mas, que pena. Um aluno novo o trouxe esta manhã para pagar a escola.

Olhei dentro da sacola. Lá estava ele, a cabeça peluda virada para trás devido ao pescoço quebrado. Tinha sido pego numa armadilha, e não ferido. Apertei a sacola no peito e olhei de lado para ele.

— Você teria mesmo retomado o coelho se eu não tivesse acertado?

Sorriu.

— Eu ia lhe dar muitas chances de acertar.

— Ora! E é com esse coração mole que você trata os alunos de matemática e francês da escola? Eles não devem aprender nada.

— Não senhora. Eu lhes dou umas reguadas na cabeça e mando de volta em desgraça. — Rimos os dois. Eu sabia que não era assim.

— Venha jantar conosco hoje à noite, Anatole. Com este coelho vamos ter muita coisa para comer.

Na verdade, este coelho solitário daria um pouquinho de ensopado, e ainda estaríamos com fome na hora de lavar os pratos — um sentimento com que ainda estávamos tentando nos acostumar. Mas é assim que as pessoas dizem obrigado em Kilanga. Pelo menos eu tinha aprendido bons modos.

— Talvez eu venha.

— Vamos fazer um ensopado — prometi.

— O feijão *mangwansi* está caro no *marché*. Por causa da seca. Todas as hortas secaram.

— Mas eu sei quem tem: Mama Nguza. Ela manda os filhos trazerem água do rio para regar a horta. Você ainda não viu? É sensacional.

— Não, ainda não vi essa *sensação*. Tenho de fazer amizade com Tata Nguza.

— Não sei nada dele. Ele não conversa comigo. *Ninguém* fala comigo,

Anatole.

— Pobre Béene.

— É verdade. Além de Nelson e Pascal, dois meninos, não tenho um único amigo aqui. E tem você. Todas as moças da minha idade já têm filhos e são muito ocupadas. E os homens me tratam como se eu fosse uma cobra de bote armado.

Ele sacudiu a cabeça, rindo.

— É mesmo, Anatole. Ontem eu estava no mato vendo Tata Mwanza armar suas armadilhas de pesca, e quando eu levantei e pedi para ele me ensinar, ele fugiu e pulou no rio! Juro.

— Béene, você foi malvada. Ninguém poderia ver Tata Mwanza conversando com uma moça, e você sabe disso. Ia ser um escândalo.

— Hmm! — resmunguei.

Por que é tão escandaloso eu conversar com qualquer outro homem de Kilanga, mesmo da idade do meu avô, com exceção de Anatole? Mas não perguntei. Não queria arriscar nossa amizade.

— Eu fiquei sabendo — comentei com um ar meio coquete — que um gato do mato comeu todas as galinhas de Mama Mwanza no domingo passado. Logo, ela deve estar disposta a trocar feijão *mangwansi* por ovos, não lhe parece?

Ele abriu um enorme sorriso.

— Menina sabida!

Também sorri, mas não sabia o que dizer depois. Estava embaraçada e voltei aos cabelos de Ruth May.

— Ela parece muito triste hoje.

— Ela está doente, de cama já há várias semanas. Mamãe também. Quando você nos visitou no outro dia, você não observou como ela estava parada na varanda, olhando para o nada? Papai diz que as duas vão ficar boas, mas... Não deve ser a doença do sono, o que você acha?

— Acho que não. Esta não é a época das moscas tsé-tsé. Atualmente não existe doença do sono em Kilanga.

— Ainda bem, porque eu sei que a doença do sono mata.

Continuei a pentear, com a sensação de que alguém me tivesse hipnotizado para fazer só aquele movimento. Os cabelos louro-escuros de Ruth May estavam marcados com ondas brilhantes, como água, por ela ter deitado e suado tanto tempo sobre eles. Anatole ficou olhando enquanto eu penteava. Seu sorriso sumiu durante aquele minuto.

— Já que você perguntou, Béene, temos novidades. Mas acho que não são boas. Vim falar com seu pai.

— Ele não está. Mas eu passo para ele, quando chegar.

Fiquei na dúvida se Anatole iria me considerar uma boa mensageira. Eu já tinha notado que os homens do Congo não tratam nem mesmo suas próprias mulheres e filhas como seres sensíveis e importantes. Apesar de as mulheres e filhas fazerem quase todo o trabalho.

Mas aparentemente Anatole considerou que podia falar para mim.

— Você sabe onde é a província de Katanga?

— No sul. É onde estão as minas de diamantes.

Eu tinha ouvido a conversa do Sr. Axelroot com Papai durante a viagem de volta de Leopoldville. Evidentemente o Sr. Axelroot ia lá com frequência. Portanto, eu estava é adivinhando, mas adivinhando com uma confiança típica de Papai.

— É. Diamantes. E também cobalto, cobre e zinco. Tudo o que meu país tem e o seu quer.

Fiquei ansiosa.

— Fizemos alguma coisa errada?

— *Você não, Béene.*

Eu não, *eu não!* Aquilo foi uma festa para o meu coração, embora eu não soubesse por quê.

— Mas, na verdade muita coisa ruim está acontecendo. Você já ouviu o nome de Moise Tshombe?

Talvez tivesse ouvido, mas não tinha certeza. Ia dizer que já, mas resolvi admitir que não. Decidi naquele momento parar de fingir saber mais do que sabia. Passaria a ser eu própria, Leah Price, ávida por aprender tudo o que há para aprender. Depois de observar meu pai, descobri quanta coisa a gente deixa de aprender quando quer parecer a pessoa mais inteligente da sala.

— Moise Tshombe é o líder da tribo Lunda. Para todos os fins práticos, ele é o líder de Katanga. E há alguns dias, é o líder da nação de Katanga, que ele declarou separada da República do Congo.

— *O quê? Por quê?*

— Porque agora ele pode negociar diretamente com os belgas e americanos. Com todos os seus minerais. Alguns de seus compatriotas incentivaram muito esta decisão.

— E por que eles não podem negociar com Lumumba? Ele é que foi eleito. Eles têm de saber.

— Sabem. Mas Lumumba não está ávido por entregar o país. Sua lealdade está com seu povo. Ele acredita num Congo unificado para os congoleses, e sabe que cada diamante de Katanga pode ajudar a pagar o salário de um professor em Leopoldville, ou alimentar uma aldeia Warega no norte.

Eu estava embaraçada e confusa.

— Por que os homens de negócios iriam querer tomar os diamantes do Congo? E o que os americanos estão fazendo lá? Pensei que o Congo pertencesse à Bélgica. Quer dizer, antes.

— O Congo é, e sempre foi, do Congo — Anatole respondeu sério.

— Sei, mas...

— Abra os olhos, Béene. Veja seus vizinhos. Será que eles já pertenceram à Bélgica? — Apontou na direção da casa de Mama Mwanza, além das árvores.

Eu tinha falado uma grande bobagem e estava morta de vergonha. Olhei, como ele mandou: Mama Mwanza, com as pernas deformadas, ela e sua pequena cabeça nobre, envoltas ambas num pano amarelo brilhante. Estava sentada na terra dura, como se tivesse sido plantada ali, diante da pequena fogueira que lambia a lata amassada que lhe servia de panela. Ela se voltou sobre as mãos, levantou o rosto para o céu, gritando ordens, respondidas de má vontade pelo coro dos filhos dentro da casa de barro. Perto da porta aberta as duas filhas estavam socando mandioca no pilão alto. Quando uma levantava a mão de pilão, a outra deixava cair a sua no buraco estreito — para cima e para baixo, um ritmo igual e perfeito como uma máquina. Eu já as tinha visto muitas vezes, atraída pela dança das costas duras e dos braços pretos musculosos. Tinha inveja daquelas irmãs que trabalhavam em sincronia tão perfeita. É o que Adah e eu deveríamos ter sentido, se não estivéssemos enredadas nas cordas da culpa e da vantagem injusta. Agora nossa família estava toda dividida: Mamãe contra Papai, Rachel contra os dois, Adah contra o mundo, Ruth May agarrando-se desesperada a qualquer um que se aproxime, e eu, tentando como louca ficar ao lado de Papai. Enrolados no meio daqueles nós de ressentimento, não nos era possível entender aquela família.

— Ela perdeu duas filhas na última epidemia — falei.

— Eu sei.

É claro que ele sabia. A aldeia era pequena e Anatole conhecia todas as crianças pelo nome.

— É uma vergonha terrível — observei meio sem jeito. Ele só concordou.

— É-é.

— Uma criança não devia morrer, nunca.

— Não devia. Mas se não morressem, as crianças não seriam tão preciosas.

— Anatole! Você diria uma coisa dessas se o seu filho morresse?

— Claro que não. Mas é verdade. E também, se todo mundo chegasse à velhice, a velhice não seria um tesouro tão valioso.

— Mas todo mundo gostaria de viver muito tempo. É justo.

— É justo querer, *e-é*. Mas não é justo ter. Pense como seria se todos os bisavós ainda estivessem andando por aí. A aldeia ia ficar cheia de velhos

rabugentos, cada um reclamando mais que os outros dos filhos ingratos e das dores nas costas, e comendo todos os alimentos antes dos meninos.

— Parece até uma reunião da paróquia lá na Georgia.

Anatole riu.

Mama Mwanza tornou a gritar e bateu palmas, até que um dos filhos saísse de má vontade da casa, arrastando as solas cor-de-rosa dos pés. Então eu também ri, porque as pessoas, jovens ou velhas são sempre iguais em toda parte. Respirei fundo, já não me sentindo como um dos alunos que Anatole tivesse de repreender.

— Está vendo, Béene? Isso é o Congo. Não são minerais nem pedras brilhantes e sem coração que nos são roubados. O Congo somos nós.

— Sei.

— E quem você acha que é o dono?

Não arrisquei um palpite.

— Sinto muito ter de dizer isto, mas aqueles homens tecendo acordos em Katanga estão acostumados a conseguir o que querem.

Puxei a ponta do pente lentamente pelo meio da cabeça de Ruth May, partindo cuidadosamente os cabelos. Papai tinha dito que, depois da Independência, os cortiços em torno de Leopoldville seriam recuperados pela ajuda americana. Talvez fosse ingenuidade minha acreditar nele. Na Georgia, havia cortiços igualmente pobres em torno de Atlanta, na linha de separação entre brancos e pretos, tudo isso no coração dos Estados Unidos.

— E isso é possível? O que eles fizeram lá? Anunciar a criação do seu próprio país? — perguntei.

— O primeiro ministro Lumumba diz que não, definitivamente não. Ele pediu às Nações Unidas para mandarem tropas para restaurar a unidade.

— Vai haver guerra?

— Acho que já existe quase uma guerra. Moise Tshombe tem soldados belgas e mercenários lutando por ele. Não acho que eles vão desistir sem luta. E Katanga não é o único lugar onde há problemas. Há guerra em Matadi, Thysville, Boende, Leopoldville. O povo está com muita raiva dos europeus. Não estão poupando nem mulheres nem crianças.

— E por que eles estão com tanta raiva dos brancos?

— São cidades grandes. Onde a cobra e a galinha se juntam sempre há problemas. As pessoas se cansaram dos europeus e de tudo que eles tinham. Imaginaram que a vida ia ficar justa imediatamente depois da Independência.

— E elas não são capazes de esperar?

— Será que você seria? Se estivesse com a barriga vazia e visse uma cesta de pães atrás da vitrine, você continuaria pacientemente a esperar? Ou você

jogaria uma pedra?

Minha barriga está vazia, pensei em dizer a Anatole.

— Não sei — reconheci.

Lembrei-me da casa de Janna e Frank em Leopoldville, nos tapetes persas e serviços de chá de prata, nos biscoitos de chocolate, circundados por quilômetros de barracos de zinco e de fome. Talvez alguns meninos descalços já estivessem saqueando a casa e o que sobrou na despensa quase vazia, pondo fogo nas cortinas numa cozinha que ainda tinha o perfume do sabão desinfetante de Janna. Não saberia dizer quem estava certo ou errado. Entendi o que Anatole queria dizer com a proximidade da cobra e da galinha num lugar como aquele: pode-se seguir os rastros das escamas ventrais do ódio e sair uivando. Olhei nervosa para nossa casa, sem tapetes nem serviços de chá, mas será que isso era importante? Será que Jesus iria nos proteger? Ao olhar dentro de nossos corações para medir nosso valor, Ele encontraria amor pelos vizinhos Congolese ou só desprezo?

— Bem, manter a paz é obrigação das Nações Unidas. Quando eles vêm? — perguntei.

— É o que todo mundo quer saber. Se eles não vierem, o Primeiro Ministro ameaçou pedir ajuda ao Sr. Khrushchov.

Tentei esconder o choque.

— *Khrushchov!* Os *comunistas* viriam ajudar o Congo?

— Acho que viriam. — Anatole me olhou de um jeito esquisito — Béene, você sabe o que é um comunista?

— Sei que eles não temem o Senhor e que acham que todo mundo deve ter a mesma... — não consegui completar a frase.

— Mais ou menos o mesmo tipo de casa. É mais ou menos isso — Anatole completou por mim.

— Bem, eu gostaria que as Nações Unidas viessem imediatamente, e dessem um jeito em tudo, agora.

Ele riu de mim.

— Acho que você é uma moça muito impaciente, ansiosa para se transformar numa mulher impaciente.

Fiquei rubra.

— Não se preocupe com o Sr. Khrushchov. Quando Lumumba diz que pode pedir ajuda à Rússia, é, com é que se chama? *Il trompe son monde*, como a galinha, que estufa as penas para mostrar à cobra que é muito grande para ser engolida.

— Um blefe. Lumumba está blefando.

— Um blefe, exatamente. Acho que Lumumba quer ser neutro, mais que

qualquer outra coisa. Prefere a neutralidade à própria vida. Ele não quer ceder nossas riquezas, mas acima de tudo, ele não quer ter o país de vocês como inimigo.

— É um trabalho difícil.

— Não consigo me lembrar de ninguém neste mundo com um trabalho mais difícil.

— O Sr. Axelroot não gosta dele. Diz que Patrice Lumumba é problema, lobo em pele de cordeiro.

Anatole falou no meu ouvido.

— Quer saber de uma coisa? Acho que problema é o próprio Sr. Axelroot, com aquele chapéu fedorento.

Achei engraçado.

Continuamos a observar Mama Mwanza discutindo alegre com o filho preguiçoso, e tentando acertá-lo com vários golpes da colher grande. Ele pulou para trás, dando uns gritos exagerados. As irmãs também zangaram com ele rindo. Percebi que Mama Mwanza tinha um rosto extraordinariamente belo, com olhos separados, uma boca solene e uma testa redonda e alta sob o lenço. Seu marido não tinha tomado outra mulher, mesmo depois do terrível acidente e da perda dos dois filhos mais novos. A família tinha enfrentado muito sofrimento, mas mesmo assim, para eles era fácil rir uns com os outros. Tive inveja, com uma intensidade que era quase amor, quase raiva.

Voltei-me para Anatole.

— Eu vi Patrice Lumumba, você sabia? Meu pai e eu assistimos ao discurso de posse em Leopoldville.

Anatole pareceu impressionado.

— Verdade? Bem, então agora você pode decidir. O que achou do nosso Primeiro Ministro?

Parei um momento para descobrir o que pensava. Finalmente disse:

— Não entendi tudo. Mas eu queria acreditar em todas aquelas palavras. Até nas que eu não entendi bem.

— Então, você entendeu bem.

— Anatole, Katanga fica perto daqui?

Ele passou o dedo no meu rosto.

— Não se preocupe, Béene. Ninguém vai atirar em você. Vá preparar o coelho. Volto quando sentir o cheiro de ensopado de *umvundla* lá de minha mesa na escola. *Sala mbote!*

— *Wenda mbote!* Toquei meu antebraço e apertei-lhe a mão.

Enquanto ele se afastava eu gritei:

— Obrigada, Anatole.

Eu não queria agradecer só pelo coelho, mas também por me contar coisas. Pela forma como disse “Não você, Béene” e “Então, você entendeu bem”.

Ele se virou e andou para trás alguns passos.

— Não se esqueça de dizer a seu pai: Katanga se separou.

— Claro que não esqueço.

Voltei-me para as tranças de Ruth May, mas não conseguia tirar da mente os ombros largos de Anatole, a cintura fina, o triângulo da camisa branca que se afastava, enquanto ele caminhava decidido, pela estrada de terra, de volta à aldeia. Gostaria que as pessoas que leem essas histórias nas revistas sobre canibais dançantes pudessem ver essas coisas comuns, como a camisa branca de Anatole e seus olhos bons, ou Mama Mwanza com os filhos. Se a palavra Congo faz as pessoas pensarem naquele canibal de lábios grossos que aparece na caricatura, então elas não entenderam nada. Mas como informá-las? Desde que chegamos, Mamãe vem insistido para nós escrevermos para nossas colegas da Bethlehem High, mas ninguém ainda escreveu. Fico pensando. Como começar? “Hoje de manhã eu me levantei...” Não. “Hoje de manhã puxei a tela do mosquitoireiro que fica preso bem fechado sobre a nossa cama, por causa dos mosquitos que provocam malária, uma doença do sangue que quase todo mundo aqui tem, mas eles não tratam porque há coisas mais sérias, como a doença do sono ou a *kakakaka*, ou o *kibáazu* que alguém lançou sobre eles, e de qualquer forma aqui não existe médico nem dinheiro para pagar, e assim as pessoas só esperam ter a boa sorte de chegar à velhice, pois aí serão consideradas um tesouro, e enquanto isso não acontece vão tocando a vida, porque têm filhos a quem amam e canções que gostam de cantar durante o trabalho e...”

Antes de chegar ao café da manhã o papel já teria acabado. Seria preciso explicar cada palavra, e depois as palavras que explicam as palavras.

Ruth May continuava apática, enquanto eu explorava meus pensamentos e terminava de arrumar seus cabelos. Sabia que deveria ter-lhe dado um banho e lavado o cabelo antes de pentear, mas a ideia de carregar aquela banheira enorme, esquentar uma dúzia de chaleiras d’água para ela não sentir frio — tudo isso era um dia inteiro de trabalho, e agora eu tinha de arranjar o feijão *mangwansi* e de esfolar um coelho. A gente percebe que chegou ao fim da infância quando olha para um coelho que tem de ser esfolado e pensa: “Ninguém vai fazer isto por mim.” Portanto Ruth May ficou sem banho aquele dia. Eu só a empurrei na gangorra, como tinha prometido, e ela balançou os pés um pouco. Talvez ela tenha ficado feliz, não sei. Espero que sim. As palavras de Anatole tinham mexido com muitas coisas dentro de mim. É verdade que doença e morte tornam as crianças mais preciosas. Eu tinha o hábito de ameaçar a vida de Ruth May só para que ela se comportasse. Agora tinha de encarar a possibilidade real

de perdê-la, e senti meu coração como se fosse um ponto macio e machucado dentro do meu peito, como um ponto amassado de uma pera.

Ela voava para frente e para trás e eu observava sua sombra na poeira branca debaixo da gangorra. A cada vez que ela chegava ao alto do arco sob o sol, a sombra de suas pernas se transformava nas pernas curvas e finas de um antílope, com cascos pequenos e redondos no lugar dos pés. Fiquei paralisada e horrorizada pela imagem de minha irmã com pernas de antílope. Eu sabia que era só uma sombra, por causa do ângulo do sol, mas mesmo assim é assustador quando as coisas que a gente ama ficam diferentes do que a gente sempre conheceu.

Ruth May

Todas aquelas caras pretas na noite escura olhando para mim. Me chamam para brincar. Mas de noite a gente não pode gritar as palavras. Pode, Mama? Não pode, não! Mama diz que não. Mama está aqui, respirando. Quando nós duas estamos dormindo, eu ouço ela falar, e é isso que ela fala: não, não, não. Mas os lagartos levam o resto das palavras dela correndo para o alto das paredes, e então eu não consigo ouvir.

Às vezes eu acordo e: ninguém. Lá fora tem sol, e eu sei que é dia, mas não tem ninguém e eu não posso falar que estou suando demais. Outras vezes está escuro, e Mama e Papai estão contando segredos. Mama implora a Papai. Diz que eles caçaram as meninas brancas em Stanleyville. Foram nas casas delas e levaram tudo o que quiseram, a comida e o rádio, com as pilhas e tudo mais. E fizeram os missionários ficar nus em cima do telhado, sem roupa, e atiraram em dois deles. Todo mundo está falando e Mama ouviu. Stanleyville é onde aquele médico engessou o meu braço. Será que ele também teve de subir sem roupa no telhado? Os lagartos correm parede acima e carregam todas as palavras que eu quero falar. Mas Papai diz que a Bíblia diz: Os mansos herdarão. Ele começou a pôr a mão em Mama, mas ela não deixou. *Portanto ouve com atenção a súplica de sua serva, para que teus olhos se abram para esta casa dia e noite.*

Noite e dia e noite e dia. Jesus está sempre olhando pelas janelas. Ele vê através do telhado. Ele vê o que está dentro da nossa cabeça, que é onde pensamos as coisas ruins. Eu tentei não pensar no doutor sem roupa, junto com os outros no alto do telhado, mas ele tinha aquele pelo amarelo no braço. Rachel gritou e arrancou os cabelos brancos e gritou com Papai: “Quem está ligando, quem está ligando, quem está ligando! Quem vai saber a diferença, se a gente cair fora daqui e voltar para casa, onde é seguro?” Papai gritou: “*Deus sabe a diferença!*” E Rachel caiu dura, antes mesmo de eu ouvir o som da parede e da mão dele. “*Deus despreza o covarde que foge enquanto os outros ficam e sofrem.*”

Onde vamos estar seguros? Quando Mama ergue os olhos para ele, eles estão tão frios que parece que Mama não está dentro deles, e ela diz, “Nathan Price, os mansos herdarão. Espere e verá.”

Sei que os mansos herdarão e que os últimos serão os primeiros, mas as tribos de Cam foram as últimas. Agora elas vão ser as primeiras? Não sei.

Na nossa família, Mama sempre vem por último. Adah é a penúltima, porque todo o lado direito dela é mim, e depois de todos vem a Mama, porque tem uma coisa dentro dela que é ainda pior do que o sofrimento da Adah.

Nelson me disse como encontrar um lugar seguro. Uma vez eu acordei e ele estava lá: Nelson.

Oh, não sei se ele está com raiva porque eu tentei ver ele pelado. Minha boca não conseguia falar. Mas ele estava do lado da cama, e Mama tinha saído de perto de mim.

Ele tapou a minha boca com mão, curvou para perto de mim e não tinha ninguém lá. Ninguém. Psss, ele disse, e pôs a mão. Pensei que ele fosse me machucar, mas ele era meu amigo. Psss, ele disse, e tirou a mão da minha boca e me deu um presente. *Á bu*, Bandu. Toma!

Bandu é o meu nome. *Nommo Bandu!* Quer dizer a menorzinha lá no fundo. E quer dizer a razão de tudo. Nelson me contou.

Eu perguntei, o que é isto? Mas nenhuma palavra saiu da minha boca. Olhei nas minhas mãos, onde ele tinha posto o presente, e tinha uma caixinha, igual aquela que tem fósforos. Uma caixinha de fósforos. A caixa de fósforos tinha um desenho de um leão do lado de fora, e eu pensei que dentro ia ter uma leãozinho para ser o meu bichinho de estimação, como aqueles malvados que comem as formigas, só que bonzinho. Stuart Lion. Mas não. Nelson abriu a caixa e tirou uma coisa que eu não vi o que era. Parecia um pedaço de osso de galinha, ainda com cartilagens e ligamentos, e com alguma coisa preta e pegajosa. O que era aquilo, alguma coisa morta? Fiquei com medo e comecei a querer chorar.

Nelson disse: não fica com medo. Ele disse: isso passou no fogo mágico. Isso chama *nkisi*. Ele fez eu tocar, e não queimou. Olha, ele me mostrou. Tinha um buraquinho de um lado e um pauzinho enfiado, amarrado com uma linha. Põe o seu espírito aqui dentro, ele falou, aqui, depressa, sopra neste buraquinho. Ele tirou o pauzinho e eu soprei no buraquinho e depressa ele disse o meu nome *Nommo Bandu Nommo Bandu Nommo Bandu!* e fechou o buraquinho com o pauzinho e: Agora você está salva. Ele falou que agora, se alguma coisa acontecer comigo, se eu começar a morrer ou qualquer outra coisa, eu seguro isso e *bambula!* Ruth May desaparece.

Como é que você sabe? Mas Nelson sabe tudo sobre gente morta. A mãe e o pai dele e a irmãzinha caçula estão todos mortos no fundo do rio.

Eu não queria desaparecer, falei.

Mas ele disse: só se você estiver quase morrendo. Ele falou que assim eu não ia morrer, eu ia desaparecer durante um segundo e depois aparecer em outro lugar onde é seguro. Em vez de morta, eu vou estar salva. Mas primeiro eu tenho de pensar nesse lugar todo dia, assim meu espírito vai saber para onde ir quando

chegar a hora. *Todo dia você tem de pensar nesse lugar seguro.* A cara de Nelson estava maior que a vela junto da minha cara e eu ouvia o cheiro bom que ele tinha. O sabão que ele usa para o banho e para lavar a roupa. Todos esses cheiros estavam fortes no meu ouvido. Nelson é o meu amigo que me mostrou como cantar para as galinhas. *Bidumuka* é o nome mágico da galinha. Ninguém mais sabe disso, nem Leah nem Papai.

Nelson falou: não esquece!

Guardei a caixinha de fósforos com o retrato do leão e com o osso mágico dentro, e escondi debaixo do travesseiro. *Nkisi*. Às vezes eu acordo e ela ainda está lá. Se eles vierem e quiserem me levar pelada para o telhado eu desapareço, e apareço noutro lugar completamente diferente. Mas primeiro eu tenho de pensar no lugar para onde eu quero ir. Eu sinto a caixa na minha mão. Meu travesseiro está molhado e a caixinha está macia, mas eu sei o que tem dentro. Segredo. Tem as janelas e agora é dia e tem gente conversando no outro quarto e ninguém sabe que eu tenho um segredo. Mas Nelson foi para outro lugar e a mãe dele morreu. Fico pensando onde e não consigo lembrar da música que a gente cantava para as galinhas.

Leah

Ruth May continuou doente, mas Mamãe começou a melhorar. Ver as duas na mesma cama, uma renascendo lentamente e a outra cada vez pior, trouxe-me pensamentos antigos e desagradáveis sobre Adah e eu no útero. Já rezei milhares de vezes para pedir a Deus que me dissesse: É verdade que eu fiz tudo aquilo com Adah? Se hoje eu fosse mais gentil com ela, será que eu poderia ser perdoada por tê-la transformado numa aleijada? Mas uma dívida deste tamanho é tão impossível de pagar que é apavorante até pensar em tentar.

Mamãe usou suas próprias reservas, não precisou roubar a vida de Ruth May nem de qualquer outra pessoa. Parecia tirar forças do ar úmido. Às vezes ela se sentava na cama algum tempo e então se levantava, respirando em haustos pelos lábios finos. Tinha fases boas e ruins, mas um dia parou de agir como uma sonâmbula. Aconteceu um dia, de repente, quando Rachel queimou uma omelete. Para falar a verdade, ela queimou duas — o fogo estava muito alto. A única maneira de fazer um calor brando para assar um pão, ou fritar uma coisa tenra como um omelete, é fazer um fogo alto, com lenha grossa, e depois cozinhar no calor das brasas. Rachel nunca pegou a manha. Ela tentou acender o fogo e fritar imediatamente, o que é um erro enorme. A gente não consegue baixar um fogo novo; ou ele aumenta ou apaga. Foi Nelson quem me ensinou.

Mas Nelson tinha ido buscar água no fim da tarde, e assim Rachel estava tentando cozinhar sozinha. Era o seu dia de tomar conta da cozinha, e ela não tinha escolhido o que fazer. Agora ela estava gritando como uma louca na cozinha. Fui ver o que estava acontecendo e dizer a ela que a gente estava com fome.

Ela gritou:

— Pois vão continuar com fome. Será que você não vê que eu só tenho duas mãos?

Ela estava usando as duas para raspar a frigideira queimada com uma espátula de madeira que Nelson tinha feito. O cabelo estava desfeito e colado no rosto, a blusa estava toda suja de cinza preta. Ela estava parecendo o negativo da Gata Borralheira saindo de uma vida de festa para a vida miserável entre as cinzas.

— O fogo está muito alto — eu lhe disse.

— Vai pro inferno, Leah, vai pro inferno e não volta.

— Estou tentando ajudar. Olha como a chapa está vermelha. Quando é assim a gente tem é que esperar até esfriar. Aí você tenta de novo.

Rachel respirou fundo.

— O que eu ia fazer se não tivesse uma irmã pródiga para me ensinar!

— Irmã prodígio.

— Cala a boca, chata! Como eu queria que você calasse igual à sua gêmea surda-muda! — Ela se virou e atirou a espátula, que passou perto da minha cabeça. Fez um estrondo na porta da casa. Fiquei chocada, não tanto pela linguagem, mas pela força. Geralmente Rachel joga as coisas sem força, e não é ameaçadora.

— Ah! Leah. Para sua informação, não tem mais ovos.

— Mas nós temos de comer alguma coisa. Acho que vamos ter de comer os omeletes queimados.

— Isto? Prefiro morrer do que ter de servir isto para o Papai. — Ela olhou com uma cara horrível para a frigideira e balançou a cabeça com força. — Até parece que *este banquete* foi arrastado pelo chão do inferno.

Rachel olhou para mim e bateu a mão esquerda na boca. Eu me virei e lá estava Mamãe, atrás de mim, com a espátula na mão.

— Rachel, acho que você deixou isto cair — disse mostrando a espátula.

Ficamos imóveis diante do altar em brasa que era o fogão. Rachel pegou a espátula sem dizer nada.

— Rachel, meu bem, vou lhe dizer uma coisa. Sei que você está muito infeliz. Mas acho que esta é a sua penitência por dezesseis anos de desprezo pela comida que eu faço. Pegue esta confusão e venha servir ao seu pai e a todas nós, inclusive você. E você vai limpar o prato, sem reclamar. Amanhã vou começar a lhe ensinar a cozinhar.

Mamãe cumpriu a promessa. Ao se levantar, depois de um mês de cama, ela era outra pessoa. Em primeiro lugar, ela passou a falar o que queria na frente de Deus ou de qualquer um. Até de Papai. Não falava com ele diretamente; era como se estivesse falando com Deus ou com o ar ou com as lagartixas na parede, e se Papai ouvisse era problema dele. Disse que ia nos tirar daqui tão logo tivesse os meios. Ela até pediu diretamente a Eben Axelroot para nos tirar daqui. Ele respondeu que agora não, pois certamente seria derrubado ao passar sobre Leopoldville com o avião carregado de mulheres brancas, e ele não queria aparecer neste tipo de manchete. Mas noutro dia ele chegou sorridente e disse a Mamãe que todo homem tem seu preço. Pela expressão de Mamãe, ela está disposta a pagar.

Fiquei chocada e assustada ao vê-la desafiar a autoridade de Papai, mas na verdade eu estava começando a sentir a mesma coisa acontecendo no meu

coração. Pela primeira vez na vida eu duvidava do julgamento dele. Ele nos forçou a ficar, quando todo mundo, desde Nelson até o rei da Bélgica, dizia que os missionários brancos tinham de voltar para casa. A decisão de continuar aqui foi de Papai e só dele. Mesmo assim ele não cuida de nós, continua a nos tratar a chicote. Não conseguiu proteger Mamãe e Ruth May da doença. Se ele tem o direito de decidir nosso destino, acho que a obrigação de nos proteger também é dele.

Eu *queria* acreditar nele. Estava claro que aqui o trabalho do Senhor seria muito grande. E ele me disse no avião, durante a volta de Leopoldville, que a melhor hora de fazê-lo era na atmosfera festiva da Independência, quando os congoleses estavam livres para aprender conosco e para tomar suas próprias decisões. Papai acha que eles irão escolher a infinita bondade do Senhor, e a nós, é claro, já que nós somos a delegação especial que Deus mandou para Kilanga. Ele diz que somos corajosos e justos. Coragem e integridade — são as duas coisas que são sempre recompensadas aos olhos do Senhor. Papai nunca duvidou, e é claro que para ele isto é verdade. Toda sua vida ele viveu pelas leis de Cristo, pois começou a pregar nas tendas evangelistas quando era pouco mais velho do que eu hoje, e durante esse tempo todo as pessoas corriam para ouvir suas, palavras e seu saber. E ele foi corajoso na guerra, pois foi condecorado com um Coração Púrpura. Para Papai, o Reino do Senhor é um lugar sem complicações, onde homens altos e belos lutam do lado que sempre vence. Acho que é o que acontecia em Killdeer, Mississippi, onde ele cresceu e onde jogou futebol americano na escola. Num lugar como aquele, é normal que as pessoas se agridam com dureza, deixando uns nos outros as cicatrizes que se ganham na busca da vitória final.

Mas qual o lugar das moças neste Reino? Essas regras não se aplicam a nós nem nos protegem. De que valem a coragem e a integridade de uma moça, se ela não é *bonita*? É só tentar ser a aluna mais inteligente e mais cristã da sétima série em Bethlehem, Georgia. A gente acaba sendo desprezada e chamada de quadrada. E se for a Adah, vai ser chamada de coisa ainda pior.

Durante toda a minha vida eu tentei seguir os passos dele, e acreditei que, se ficasse sempre perto dele, a minha vida seria guiada pelas mesmas regras simples. Que o Senhor haveria de ver minha bondade e de me encher de luz. Apesar disso acho que a cada dia estou mais longe. Há uma grande guerra santa na cabeça de Papai, e nesta guerra a gente tem de se proteger, correr, obedecer às ordens e lutar pelas coisas certas, mas não consigo entender as ordens nem sei por qual lado estou lutando. Nem mesmo me dão uma arma. Sou uma moça. E ele nem percebe.

Se a decisão de ficar aqui no Congo não foi correta, o que mais ainda pode

estar errado? Isso abriu meu coração para um mundo louco de dúvidas e possibilidades, onde antes só havia fé no meu pai e amor a Deus. Sem a força desta certeza, o Congo é um lugar assustador para quem é obrigado a tentar nadar para não afundar.

Rachel

Eu estava na cozinha trabalhando como uma louca em cima daquele fogão quente, quando todo mundo apareceu correndo. Todos os meninos de roupa rasgada e as mães correndo atrás, todo mundo gritando: *Tata Bidibidi! Tata Bidibidi!* Isto quer dizer senhor Passarinho, de acordo com Leah, que saiu correndo com eles. Se este tal de Passarinho — o que quer que isto fosse — ia mesmo aparecer, Leah é que não ia perder. Estavam dizendo que ele tinha subido o rio num barco velho e agora estava lá em baixo descarregando a família e tudo o mais.

Como eu agora era o novo chefe da cozinha da família Price, não tinha mais tempo para brincar. O único jeito de saber o que estava acontecendo em Kilanga era esperar que passasse na frente da porta da cozinha.

Não tive de esperar muito, pois eles vieram diretamente para nossa porta! O que surgiu diante de nossos olhos maravilhados foi um homem branco, muito velho e magro, com uma camisa de denim muito velha, quase transparente, e uma cruz de madeira pendurada no pescoço por um cordão de couro, como os congoleses usam seus feitiços contra o mau-olhado. Ele tinha a barba branca e olhos azuis, e parecia um Papai Noel, se Papai Noel tivesse sido convertido ao cristianismo e tivesse ficado sem comer desde o último Natal. Quando cheguei na varanda ele estava cumprimentando Mamãe e apresentando a mulher, uma congoleza alta, e os filhos, que variavam na cor e na idade, e estavam escondidos atrás das saias longas e coloridas da mãe. Mamãe estava confusa mas, como sempre, foi hospedaleira, sempre educada com estranhos, e convidou todo mundo para entrar e me mandou espremer umas laranjas. E a escrava Rachel teve de voltar para a cozinha!

Quando voltei com uma jarra de suco de laranja e desabei cansada numa cadeira, já tinha perdido tudo. Ainda não sabia o quê, nem quem eles eram, mas mesmo assim Mamãe estava falando com eles com se já morassem aqui há uma semana. E eles estavam sentados perguntando pelas pessoas da aldeia como se já conhecessem todo mundo. “E Mama Mwanza, como ela está? E Mama Lo, ainda é cabeleireira e produz óleo de palma? Ela deve ter mais de cem anos e nunca se casou, a sabida. Mama Tataba, para onde ela foi? Ah! Anatole, temos de visitá-lo imediatamente.” Esse tipo de conversa. O reverendo Papai Noel parecia ser um velhinho bom. Tinha um sotaque meio ianque meio estrangeiro, como os

policiais irlandeses que a gente vê no cinema.

Ruth May, que já estava de pé há alguns dias e parecia estar melhorando, estava encantada com ele, sentada com a cabeça encostada na calça gasta. O velhinho estava com a mão na cabeça dela e ouvia tudo o que Mamãe dizia, sacudindo a cabeça como se estivesse prestando muita atenção. A mulher parecia ter cem anos a menos que ele e era muito atraente à sua maneira. Ficou calada quase todo o tempo, mas falava um inglês perfeito. Perguntavam como iam as coisas na igreja. Papai estava fora, procurando problema, como sempre, e a gente não sabia como responder. Mamãe disse:

— Muito difíceis. Nathan está muito frustrado. Para ele é tão claro que a palavra de Jesus nos traz a graça! Mas as pessoas aqui têm prioridades tão diferentes das nossas.

— Apesar de tudo, eles são pessoas muito religiosas.

— Como assim?

— Tudo o que eles fazem é feito com um olho no espírito. Quando plantam os inhames e mandiocas, eles rezam. Durante a colheita, eles rezam. Quando concebem os filhos, acho que também rezam.

Mamãe ficou muito interessada. Mas Leah cruzou os braços e perguntou:

— O senhor quer dizer: eles rezam para os seus próprios deuses pagãos.

O reverendo Papai Noel sorriu para ela.

— O que você imagina que Deus pensa deste cantinho da Criação: as árvores floridas, os passarinhos, as chuvas torrenciais, o calor do sol, você entende o que eu quero dizer?

— Sei sim — sempre Leah, a primeira da classe.

— E você acha que Deus gosta de todas estas coisas?

— Tenho certeza de que elas são a Sua *glória*. Acho que ele deve ter mais orgulho do Congo do que de qualquer outro lugar que tenha feito — respondeu depressa.

— Eu também acho. Acho que os congoleses têm um mundo de graças de Deus na vida, junto com uma dureza capaz de matar qualquer um. Acho que há muito tempo eles já sabem cantar com alegria para o Senhor.

Leah recostou na cadeira, provavelmente pensando o que Papai ia dizer de tudo isso. Como se a gente não soubesse. Ele ia dizer que este homem é irlandês, e que os irlandeses são conhecidos como católicos papistas e adoradores de falsos ídolos. E a prova era aquela conversa sobre flores e passarinhos.

Ele perguntou.

— Você já ouviu as músicas que eles cantam aqui em Kilanga? São músicas cheias de adoração. O hino sobre a chuva nas sementes de inhame é ótimo para abrir o serviço religioso. É muito fácil passar dele para a parábola da semente de

mostarda. Muitas partes da Bíblia fazem sentido aqui, basta mudar algumas palavras — ele riu.

— E muitos capítulos a gente tem simplesmente de jogar fora — completou.

— Mas toda a Bíblia é a palavra de Deus, não ê?

— A palavra de Deus, que nos foi trazida por um punhado de românticos idealistas que viveram numa cultura do deserto há muito tempo, e foram seguidos por uma corrente de tradutores com dois mil anos de comprimento.

Leah o encarou.

— Minha querida, você imaginou que foi o próprio Deus quem escreveu a Bíblia no inglês do rei Jaime?

— Não, acho que não.

— Você já pensou em todos os deveres que tinham sentido naquele deserto, que hoje não têm a menor lógica? Por exemplo, toda aquela história de lavar os pés. Será que aquilo era para a glória de Deus ou para não deixar a areia entrar em casa?

Leah continuou sentada com os olhos apertados, completamente sem resposta.

— Ah! E o *camelo*. Será realmente um *camelo* o que passa mais facilmente pelo buraco da agulha do que um homem rico? Ou uma linha grossa? As palavras em hebreu são as mesmas, mas de qual das duas eles estavam falando. Se for um camelo, o rico nem precisa tentar, mas se for uma linha grossa ele pode conseguir com muito esforço, entende? — Ele se inclinou para a frente, com as mãos nos joelhos, olhando para Leah. — Eu não deveria estar aqui confundindo a sua maneira de pensar, com o seu pai ali fora no jardim. Mas vou lhe contar um segredo. Quando quero entender exatamente a palavra de Deus, dou uma olhada para a Sua Criação, lá fora. Porque isto, minha querida, Deus escreve para nós todo dia, sem a ajuda duvidosa de uma porção de intermediários.

Leah não quis se comprometer.

— Quer dizer que para o senhor, a Bíblia são as flores, os passarinhos e tudo o mais.

— Ah! Agora você está pensando que eu sou um pagão louco. — O velho Tata Passarinho riu com gosto, tocando com os dedos a cruz presa no pescoço (mais um sinal do papismo católico).

Mamãe respondeu pensativa.

— Não, eu entendo. — Ela parecia entender tão bem a ponto de querer adotar imediatamente a ele e toda a mistura de raças de sua família.

— Por favor, me desculpe. Já vivi aqui por tanto tempo, que passei a amar

este povo e sua forma de pensar.

Dada a situação marital, nem era preciso ele dizer, pensei.

— Bem, vocês devem estar com muita fome! — De repente Mamãe se levantou da cadeira. — Fiquem para o jantar. Nathan deve chegar logo. Vocês moram realmente naquele barquinho?

— Moramos. É uma excelente base doméstica para o trabalho que fazemos: recolher algumas amostras, estudar um pouco a natureza, fazer algumas pregações, oferecer um pouco de saúde pública e um pouco de quinino. Geralmente nossos filhos mais velhos ficam em Leopoldville a maior parte do ano para estudar, mas vieram conosco nesta viagem para visitar os parentes. — Olhou para a mulher, que sorriu.

Ela explicou baixinho.

— Tata Fowells tem interesse especial nos pássaros. Ele já classificou muitas espécies desta região que os europeus nunca tinham visto.

Tata *Fowells*? Onde eu já tinha ouvido aquele nome? Estava rodando a memória, enquanto Mamãe e a esposa começavam uma discussão muito educada para resolver se a família devia ou não ficar para o jantar. Aparentemente, Mamãe tinha esquecido que não tinha nada decente para comer, e aquela família não fazia a menor ideia da surpresa se resolvessem ficar. Tata *Fowells*, continuei rodando aquele nome na cabeça. Neste ponto Adah puxou a cadeira para perto dele e abriu um daqueles livros gastos de pássaros que ela tinha achado aqui na casa e carrega para todo lugar.

Ele gritou muito alegre.

— Oh! Tinha me esquecido completamente desses livros. Que bom que você os esteja usando. Mas eu tenho outros muito melhores no barco.

Adah parecia adorar a ideia de ir correndo até o barco e ler todos aqueles livros de trás para diante. Ela estava mostrando várias figuras diferentes de gaios de cauda longa e muitas outras, e ele tinha tantas informações que provavelmente nem notou que Adah não fala.

Então, de repente eu lembrei: irmão *Fowles*! *Aquele* irmão Fowles! O pastor que estava nesta missão antes de nós e que tinha sido expulso por excesso de confraternização com os nativos. Quem diria! Agora tudo entrou no lugar. Mas era muito tarde para eu dizer qualquer coisa, pois tinha perdido as apresentações, afinal eu era a empregada. Fiquei sentada, enquanto Adah ouvia aulas sobre passarinhos e Leah tentava atrair os filhos tímidos do Irmão para a varanda, para ler revistas junto com Ruth May.

Então, de repente, a sala ficou escura. Papai estava parado na porta. Ficamos paralisados, menos o irmão Fowles, que pulou e ofereceu a mão direita a Papai com a mão esquerda tocando o antebraço direito, o cumprimento secreto

dos congoleses.

— Irmão Price, finalmente. Tenho rezado muito pelo senhor, e agora tive a bênção de conhecer a sua família maravilhosa. Sou o irmão Fowles, que o precedeu nesta missão. Esta é minha mulher, Celine. Nossos filhos.

Papai não estendeu a mão. Estava de olho naquela grande cruz católica no pescoço e provavelmente tentando lembrar de tudo o que a gente sabia sobre o irmão Fowles ter ficado louco, e todos os palavrões que o papagaio berrava. Finalmente apertou a mão do outro, mas num estilo frio, americano.

— O que o traz aqui de volta?

— Estamos só de passagem. A maior parte do nosso trabalho é rio abaixo, em Kwa, mas os pais de minha mulher moram em Ganda. Pensamos em aproveitar a oportunidade para uma visita ao senhor e aos nossos amigos de Kilanga. É claro que vamos prestar nossas homenagens a Tata Ndu.

Dava para ver Papai arrepiar ao ouvir o nome de seu arqu-inimigo, o chefe. E, para completar, falado com sotaque ianque. Mas Papai fingiu calma, sem querer admitir o fracasso no trabalho de cristianização.

— Estamos muito bem, obrigado. E qual é o seu trabalho atual?

Ele acentuou o *atual*, como se quisesse dizer que a gente sabe muito bem que você foi proibido de pregar a *Bíblia*.

Irmão Fowles declarou:

— Eu me alegro no trabalho do Senhor. Estava acabando de dizer a sua mulher, prego um pouco. Estudo e classifico a fauna. Observo muito, e acho que a longo prazo ofereço muito pouca salvação.

— É uma pena. — A salvação é o caminho, a verdade e a luz. Pois todo aquele que invoca o nome do Senhor será salvo. E como vão crer n'Ele sem antes ouvir? E como vão ouvir sem um pregador?... Pois está escrito, “Como são belos os passos daquele que prega a palavra da paz, e que traz boas novas de coisas boas!

— “Boas novas de boas coisas”, este trabalho é verdadeiramente precioso. Romanos, capítulo 10, versículo 15.

Nossa, este ianque conhecia a Bíblia. Papai deu um passo para trás.

— Com certeza, faço o que posso. — Papai falou depressa para mascarar o choque. — Guardo no coração as palavras benditas, “Crê no senhor Jesus Cristo, e serás salvo, tu e tua casa. E pronunciaram para ele a palavra do Senhor, e para todos que estavam na casa.

O irmão Fowles concordou cauteloso.

— Paulo e Silas para seu carcereiro, isso mesmo, depois de os anjos terem libertado os dois comum terremoto. Atos dos Apóstolos, capítulo 16, não é? O verso seguinte sempre me deixou um pouco perplexo, “E ele os recebeu na

mesma hora da noite e lavou suas listas.”

— A tradução americana esclarece este ponto. Lá se lê, “lavou suas feridas.” — Papai tinha o ar daquele sabe-tudo da escola, que a gente queria estrangular.

— É verdade. Ainda assim fico pensando, quem traduziu isto? Durante meus anos aqui no Congo vi tantos erros de tradução, até erros muito cômicos. Portanto, o senhor há de me perdoar o ceticismo, Irmão Price. Às vezes eu me pergunto: e se essas listas não fossem feridas, mas outra coisa? Ele era um carcereiro; pode ser que ele usasse uma camisa listada, como um uniforme. Será que Paulo e Silas não lavavam a roupa para ele, como um ato de humildade? Ou talvez o significado seja mais metafórico: Paulo e Silas não estariam dirimindo as dúvidas do homem? Eles poderiam estar ouvindo a forma dividida de o homem sentir a nova religião que os dois lhe ofereciam tão de repente.

A menina que estava sentada no chão junto de Ruth May disse alguma coisa na própria língua. Ruth May respondeu baixinho, “o Pato Donald e a Branca de neve, eles casaram.”

Papai passou por cima das crianças, puxou uma cadeira, e sentou abraçando o encosto, como sempre faz quando discute o Cristianismo. Com um sorriso condescendente manifestou sua desaprovação.

— Meu senhor, minhas condolências. Pessoalmente este tipo de dificuldade nunca me perturbou na interpretação da palavra de Deus.

— É claro. Mas eu lhe asseguro que estas questões não me perturbam. É uma maneira ótima de passar uma tarde. Observe Romanos, capítulo 10. Voltemos a ele. A tradução americana, se o senhor preferir. Um pouco mais adiante encontramos esta promessa: “Se as primícias são santas, toda a massa é santa, e se a raiz é santa, todos os galhos o são. Se alguns ramos são quebrados, e tu, que eras apenas um broto enxertado de oliveira brava e participas das riquezas da raiz da oliveira, não deves te vangloriar à custa dos galhos quebrados. Lembra-te de que não sustentas a raiz; é a raiz que te sustenta.”

Papai continuou sentado, piscando diante de todas aquelas raízes e enxertos. Mas os olhos do velho Papai Noel brilhavam; ele estava se divertindo.

— Irmão Price, o senhor não para às vezes para pensar nisto, pois o senhor partilha do alimentos dos irmãos congolese, e seu coração se alegra com as canções deles? Já lhe ocorreu que nós fomos enxertados aqui, para participar da riqueza destas raízes africanas?

— O senhor deve ler o versículo vinte e oito. “Quanto ao evangelho, eles são tratados como inimigos de Deus.”

— É verdade, e continua: “mas quanto à eleição, eles são queridos por causa dos patriarcas.”

— Não seja bobo, homem! Este versículo se refere aos filhos de Israel.

— Pode ser. Mas a imagem da oliveira é muito bonita, o senhor não concorda?

Papai olhou para ele com o rabo do olho, como se fosse uma árvore que devesse virar lenha.

Mas o irmão Fowles não ficou nem um pouco nervoso.

— Fico bobo com as imagens da natureza que estão na Bíblia, Irmão Price. É assim que eu gosto delas. E elas são muito úteis aqui, para este povo que tem uma inteligência e um sentimento tão grandes pelo mundo vivo que os cerca. Eles são humildes na sua relação com a natureza. O senhor conhece o canto para a chuva nas sementes de inhame, Irmão Price?

— Cânticos para seus deuses pagãos e falsos ídolos? Não tenho tempo para este tipo de coisa.

— Tenho certeza de que o senhor é muito ocupado. Mesmo assim é muito interessante. Voltando à sua citação de Romanos, capítulo 12. Com certeza o senhor se lembra do versículo 3.

Papai respondeu mostrando os dentes.

— “Porque pela graça que me foi dada, digo a cada um dentre vós que não tenha de si mesmo mais alto conceito do que convém...”

— “Pois assim como temos muitos membros num corpo, e nem todos têm a mesma função, assim nós, embora muitos, somos um só corpo em Cristo...”

— Em *Cristo*! — Papai gritou como se estivesse dizendo Bingo!

O irmão Fowles continuou a citação.

— “E individualmente membros uns dos outros, com diferentes dons segundo a graça que nos foi dada, profecia ou ministério ou ensinar. Aquele que dá, faça-o com simplicidade... Aquele que é misericordioso, seja-o com alegria. Que o amor não seja fingido. Amai-vos cordialmente com amor fraternal.”

— Capítulo 12, versículo 10. Obrigado, meu senhor.

Estava claro que Papai queria terminar aquela batalha de versículos. Acho que ele gostaria de dar ao irmão Fowles o castigo do Verso. Mas se desse, o velhinho iria recitar de memória, dando ainda algumas imagens extras da natureza, só para completar.

De repente Papai lembrou que tinha de sair e fazer alguma coisa muito importante, e para encurtar a história, eles resolveram não ficar para o jantar. Entenderam que não eram bem-vindos na nossa casa, nem, na modesta opinião de Papai, na aldeia. Além disto, eles pareciam ser do tipo que preferia comer os próprios sapatos a deixar a gente embaraçada. Disseram que iam passar a tarde visitando alguns amigos, mas que tinham de subir o rio antes do anoitecer.

A gente quase teve de se amarrar nas cadeiras para não ir atrás deles. A

gente estava tão curiosa a respeito do que eles iam conversar com Tata Ndu e os outros. Puxa vida! Durante todo esse tempo, nós quase pensamos que éramos os únicos brancos que já tinham posto os pés aqui. E durante todo esse tempo, os vizinhos tinham toda essa amizade com o irmão Fowles, e ninguém falou nada. A gente sempre pensa que sabe mais sobre os outros do que os outros sobre a gente. É prá você ver!

No final da tarde eles voltaram e nos convidaram para ver o barco antes de partirem. Mamãe, minhas irmãs e eu descemos até o rio. O irmão Fowles tinha outros livros para dar para Adah. Mas isso não foi tudo. A mulher dele tinha muitos outros presentes para dar a Mamãe: enlatados, leite em pó, café, açúcar, pílulas de quinino, coquetel de frutas e tantas outras coisas, que parecia que os dois eram mesmo Papai e Mamãe Noel. Ainda assim, o barco deles era pouco maior que uma cabana flutuante com um teto de lata verde brilhante. Mas lá dentro eles tinham todas as comodidades: livros, cadeiras, fogão a gás. Os meninos corriam e pulavam nas cadeiras para brincar, sem dar qualquer indicação de que achavam esquisito morar em cima d'água.

— Vocês são bons demais! — Mamãe ficou dizendo enquanto Celine vinha trazendo uma coisa depois da outra para nós. — Não sei como agradecer!

Pensei em passar um bilhete para eles, como uma espia condenada do cinema. “*Ajudem-me! Tirem me daqui!*” Mas o barquinho deles estava tão carregado que parecia que se a gente olhasse torto ele ia afundar. Acho que ele só continuava flutuando por causa de todas aquelas latas que eles nos deram.

Mamãe também procurou se informar.

— Como vocês conseguem tanta coisa?

— Temos muitos amigos! A Missão Metodista nos dá leite em pó e vitaminas para distribuir pelas aldeias ao longo do rio. Os enlatados e o quinino vêm do SMBAE.

— Nós somos enormemente interdenominacionais. Recebemos até um pequeno auxílio da National Geographic Society.

— SMBAE?

— É o Serviço Missionário Batista Americano no Estrangeiro. Eles têm um hospital subindo o Rio Wamba, vocês não conhecem? Aquele hospitalzinho faz um mundo de coisas boas, como tratar da filariose, oferecer alfabetização e solidariedade humana. Eles matam de vergonha o fantasma do rei Leopoldo. Se é que isto é possível. O hospital é chefiado por um ministro mais sábio que já se viu, um homem chamado Wesley Green e pela mulher, Jane.

O irmão Fowles pensou um pouco e disse:

— Por favor, não entenda isto como comparação com o seu marido.

Mamãe estava magoada.

— Mas nós *somos* batistas. E a Liga das Missões cortou nosso subsídio um pouco antes da Independência.

O irmão Fowles pensou um pouco antes de dizer, com tato.

— É verdade, senhora Price, existem cristãos e existem cristãos.

— E essa missão está muito longe? Vocês conseguem chegar lá no barco?
— Mamãe estava de olho no barco, nos enlatados e talvez no nosso futuro.

Os dois riram, como se Mamãe tivesse perguntado se eles iam de barco até a Lua para buscar queijo.

— Este barco não vai além de oitenta quilômetros Kwilu abaixo, onde estão as corredeiras. Mas há uma boa estrada que sai de Leopoldville, cruza o Rio Wamba e chega até o Kwilu, em Kikwit. Às vezes o Irmão Green sobe o rio de barco, pega uma carona de caminhão e vem nos encontrar em Kikwit. Ou nós vamos até o campo de pouso de Masi Manimba para receber nossos pacotes. Com a graça de Deus, nós sempre recebemos tudo o que nos faz falta.

— Temos muita ajuda de nossos amigos. — Celine completou.

— É verdade. E isso significa que, para manter uma boa conexão, é necessário entender kituba, lingala, bembe, kunyi, vili e ndingi, além dos malditos tambores.

Celine riu e concordou. Como sempre, nós continuamos como peixes fora d'água. Se Ruth May quisesse, ela já teria subido no barco para conversar com aqueles meninos em todas aquelas línguas, mais francês e siamês. O que faz a gente imaginar se eles estão mesmo falando as palavras certas, ou se são as crianças que se entendem naturalmente antes de crescer. Mas Ruth May não estava com vontade, e continuou calada e agarrada na mão de Mamãe.

— Em termos bem claros, eles nos mandaram embora. Eu também acho que nós deveríamos ter ido, mas Nathan decidiu ficar.

— Houve mesmo uma corrida para a saída logo depois da Independência. As pessoas fugiram por um milhão de razões: bom senso, loucura, medo. E nós ficamos pelas mesmas razões, menos por medo. Ninguém pode nos acusar de medrosos, não é, senhora Price?

— Bem... — Mamãe não tinha certeza. Acho que ela não queria admitir que se ela tivesse de decidir, nós também sairíamos correndo daqui, como coelhos. Eu também, e não importo se me chamarem de covarde. Tentei comunicar com os olhos para Celine. *Por favor, ajude! Tirem a gente daqui. Mandem um barco maior!*

Finalmente Mamãe falou.

— É triste vê-los partir.

Tenho certeza que minhas irmãs concordavam. Aqui a gente se sentia como as últimas pessoas na terra, pelo menos o tipo de pessoa que fala inglês e sabe

usar um abridor de latas, e quando aquele barquinho saísse, put-put-put, a gente ia voltar a sentir a mesma coisa.

— Vocês poderiam ficar mais algum tempo em Kilanga — ofereceu Leah.

Mas ela não disse que eles poderiam ficar *conosco*. Nem ela disse que eles teriam de se explicar com Papai, que acha que eles são um bando de pecadores. Nem era preciso. Aquelas palavras ficaram não ditas por todos os presentes.

— Você é muito gentil, mas temos de ir visitar a família de minha mãe. Eles estão implantando uma fazenda de soja na aldeia. Nós vamos voltar por este mesmo caminho depois da estação chuvosa, e é claro que vamos parar para uma visita.

Aquilo podia ser qualquer dia entre julho próximo e o dia 12 de nunca mais. Fomos ficando cada vez mais tristes, à medida que eles recolhiam as coisas e contavam os filhos.

— Não quero abusar de sua bondade, mas Ruth May, minha pequenina, tem tido febre alta há mais de um mês. Parece estar melhorando, mas eu estou tão preocupada. Existe algum médico *em qualquer lugar* onde nos fosse possível chegar?

Celine saiu do barco e pôs a mão na testa de Ruth May, depois abaixou e examinou os olhos.

— Pode ser malária. Pode ser tifo. Não acho que seja doença do sono. Tenho alguma coisa que pode ajudar.

Enquanto ela entrou no barco, o irmão Fowles falou a Mamãe em voz baixa.

— Gostaria de poder fazer mais por vocês, mas os aviões da missão já não estão voando e ninguém sabe como estão as estradas. Está tudo muito confuso. Vamos tentar comunicar ao Irmão Green sobre o estado de sua filha, mas não sei o que ele poderia fazer agora.

Ele olhou para Ruth May, que parecia não ter a menor ideia de que os dois estavam discutindo a vida dela.

— A senhora acredita que seja muito grave?

Mamãe mordeu a unha q olhou para Ruth May.

— Irmão Fowles, não faço a menor ideia. Sou apenas uma dona de casa da Georgia.

Neste momento Celine voltou com um frasco de cápsulas vermelhas.

— Antibióticos. Se for tifo ou cólera ou uma porção de outras coisas, isto pode ajudar. Se for malária ou doença do sono, acho que não. De qualquer forma nós vamos rezar pela Ruth.

O irmão Fowles perguntou:

— A senhora já conversou com Tata Ndu? É um homem que às vezes

surpreende.

— Acho que Tata Ndu e Nathan não se apreciam. Não acredito que ele encontre tempo para me atender.

— Como eu disse, ele é surpreendente.

Eles já estavam saindo, mas Mamãe parecia simplesmente desesperada para continuar a conversa. Perguntou ao irmão Fowles, enquanto ele enrolava as cordas no convés.

— O senhor realmente se dava bem com Tata Ndu?

Ele levantou os olhos, surpreso.

— Eu o respeito, se é o que a senhora quer dizer.

— Quero dizer, como cristão. O senhor acha que fez algum progresso com ele?

Ele se levantou e coçou a cabeça, espetando o cabelo branco. Quanto mais a gente olhava aquele homem, mais jovem ele parecia. Finalmente disse:

— Como cristão, respeito as opiniões dele. De modo geral, acho que ele é um chefe justo. Nunca conseguimos chegar a um acordo com relação à questão das quatro esposas...

— Ele agora tem mais de quatro esposas. — Leah contou.

— Ah! Está vendo? Não tive muita influência neste departamento. Mas todas aquelas mulheres se aproveitaram dos ensinamentos de Jesus, disso eu tenho certeza. Tata Ndu e eu passamos muitas tardes diante de uma cuia de vinho de palma, discutindo as vantagens de tratar as esposas com carinho. Durante os seis anos em que estive aqui, observei que a prática de bater nas mulheres passou a ser condenada. O resultado é que surgiram altares secretos em honra de Tata Jesus em quase todas as cozinhas.

Leah jogou a ponta da corda e ajudou a afastar o barco da lama rasa até a água mais profunda. Ela afundou até os joelhos, sem dar a mínima para o estado em que ficou sua calça jeans. Adah estava abraçando junto ao peito os livros de omipteria das borboletas e Ruth May abanava as mãos e gritava fracamente:

— *Wenda mbote! Wenda mbote!*

— O senhor acha que fez o bastante? — Mamãe perguntou ao irmão Fowles, como se ainda não tivesse entendido que, depois das despedidas, a conversa já tinha terminado.

O irmão Fowles estava de pé no convés, olhando para nós, como se não soubesse o que fazer com Mamãe. Finalmente encolheu os ombros.

— Somos os galhos enxertados nesta árvore boa, senhora Price. A grande raiz da África nos sustenta a todos. Desejo-lhes muita sabedoria e a misericórdia de Deus.

— Muito obrigada.

Eles já estavam bem longe, quando ele se ergueu e gritou.

— E o papagaio! Matusalém, como ele está?

Olhamos umas para as outras sem saber como dar esta notícia triste no final da visita. Foi Ruth May quem gritou na sua vozinha fraca:

— No Céu dos Pássaros! Ele foi para o Céu dos Pássaros, senhor Fowles.

— O melhor lugar para aquele sem-vergonha — tornou a gritar e nos deixou completamente sem graça.

Nesse meio tempo, todas as crianças da aldeia tinham chegado e estavam dando adeus e pulando no barro da beira do rio. Todas ganharam presentes: pacotes de leite em pó e outras coisas. Mas gritavam com tanta alegria que dava para ver que elas amavam o irmão Fowles por outras coisas além do leite em pó. Como as crianças que só recebem as meias de Natal, mas continuam acreditando em Papai Noel de todo coração.

Só Mamãe não dava adeus. Continuou parada, com o barro até o calcanhar, como se fosse sua obrigação testemunhar o encolhimento do navio até se tornar um ponto sobre a água, e não se moveu até muito depois de ele sumir de vista.

Adah

Ao mercado, ao mercado, para comprar porco gordo! Gordo porco comprar! Ao mercado, ao mercado! Mas, para onde quer que se olhe, não há mais porcos. Nem mesmo um cachorro que valha o trabalho ou a lenha. Cabritos e carneiros, nada. Meia hora depois do amanhecer os urubus voam do painel sem folhas e vão embora com o som de vestidos de cetim que se roçam. O mercado de carnes vai ficar fechado enquanto durar esta seca, não chove, e continua a não chover. Nenhum herbívoro que valha a pena matar.

Julho só nos trouxe aquela estranha aparição que foi o irmão Fowles e a família, o que deixou em cada uma de nossas mentes a nítida sensação de que aquela visita só podia ter sido um sonho. Em todas as mentes, menos na de Papai, que sempre toma o nome do irmão Fowles em vão, certo de que todas as pedras no seu caminho foram deixadas por esse pregador dos pecados cristãos.

E agosto não nos trouxe sonhos bons. A saúde de Ruth May piorou de forma tão inexplicável quanto a melhora anterior. Contra todas as esperanças e os antibióticos de Celine dados religiosamente, a febre continuou a subir. Ruth May voltou a cair de cama com o cabelo colado na testa por um suor escuro. Mamãe rezava ao pequeno frasco que guardava as cápsulas cor-de-rosa.

A segunda semana de agosto foi também uma semana kilangana especial, com cinco dias, começando e terminando num dia de mercado e sem conter um domingo, mas tendo um domingo externo de cada lado, como dois parênteses. Este tipo de semana ocorre uma vez a cada sete. Deve acontecer sete vezes por ano, separadas por intervalos um pouco maiores que o tempo que Noé passou na sua suposta arca.

Este evento representou alguma coisa especial para nossos vizinhos? Será que eles notaram? Não faço a menor ideia. Isto mostra a nossa ligação com o povo de Kilanga. Mas na nossa casa foi um período estranho e sombrio, pois em cada um daqueles dias o chefe da aldeia, Tata Ndu, veio nos visitar. *Udn Atat*. Ele enviava os filhos na frente, gritando e acenando com partes de animais cuidadosamente preservadas para anunciar sua eminência.

E cada dia ele trouxe um presente: primeiro carne de antílope embrulhada num pedaço de pano ensanguentado (Entramos num êxtase de fome ao ver todo aquele sangue!). Segundo dia: uma cesta esférica, com tampa apertada, cheia de feijão *mangwansi*. Terceiro, um galo silvestre com os pés amarrados; quarto, a

pele curtida e macia de um tamanduá. E no último dia, uma estatueta de uma mulher grávida, feita de marfim cor-de-rosa. Pai Nosso olhou aquela mulher cor-de-rosa e ficou tentado a discutir com Tata Ndu a questão dos falsos ídolos. Mas até o quinto dia — e até mesmo depois — Pai Nosso ficou encantado com a nova atenção do chefe. O reverendo cacarejava como um galo pela casa. Batendo nas coxas de sua calça caqui e tomando liberdades com a matemática, ele dizia:

— Nossa caridade cristã foi recompensada sete vezes. Maravilha, Orleanna, não falei que no fim Ndu acabaria passando para o nosso lado?

— Então já chegamos ao fim, Nathan?

Mamãe se recusava a comentar sobre Tata Ndu na qualidade de convidado. É verdade que ficamos felizes e comemos a carne, mas ela sequestrou os objetos e os escondeu no seu quarto. Nós estávamos curiosas e queríamos mexer naqueles objetos estranhos, principalmente a madona cor-de-rosa, mas Mamãe achava que nosso interesse era excessivo. Apesar das garantias do irmão Fowles sobre o caráter dele, Mamãe suspeitava de alguma coisa por trás de todos aqueles presentes. E, na verdade, ela tinha razão. Foi necessário todo um mês de domingos para entendermos.

De início nós ficamos lisonjeadas e intrigadas: *Udn Atat* entrava pela porta da frente e parava diante do espelho de Rachel na parede, e depois se sentava na nossa única boa cadeira de braços. Entronizado sob o chapéu, ele ficava observando nossa casa através dos não-óculos, enquanto balançava o cetro de cauda de bicho que usava para espantar as moscas. Quando tirava o chapéu pontudo, ele se revelava um homem grande e forte. A testa grande, com a linha dos cabelos bem recuada, acentuava um rosto, peito e ombros largos e os braços enormes e musculosos. Costumava prender a túnica colorida sob os braços cruzados na frente do peito nu, como faz o homem que se orgulha do próprio físico. Mamãe não se impressionava. Mas assim mesmo reunia forças para oferecer um suco de laranjas, que o chefe apreciava.

Pai Nosso, que fazia questão de estar em casa para receber Tata Ndu, puxava outra cadeira, sentava-se com os braços sobre o encosto e falava sobre as Escrituras. Tata Ndu tentava trazer a conversa para os assuntos da aldeia, ou para os boatos que circulavam sobre as violências que teriam acontecido em Matadi e Stanleyville. Mas ele gostava mesmo é de fazer observações lisonjeiras, por exemplo: “Tata Price, o senhor tem *trop de jolies filles* — muitas filhas bonitas”, ou observações menos lisonjeiras, mas mais verdadeiras como, “É preciso muita comida, *n’est-ce pas?*” Para seu próprio prazer esotérico, ele ordenava (e nós obedecíamos) que as *jolies filles* se colocassem em linha diante dele, por ordem de altura. A mais alta era Rachel, com um metro e sessenta e cinco e sua pose de

miss américa; a mais baixa era eu, cinco centímetros mais baixa que minha gêmea por causa da deformidade. (Ruth May, doente e delirante, era dispensada da cerimônia.) Tata Ndu estalava a língua e dizia que éramos todas muito magras, e com isto encheu Rachel de orgulho, que passou a andar pela casa precedida pela própria pélvis, como fazem os modelos de alta costura. Durante estas visitas, ela geralmente se exibia demais, correndo a ajudar Mamãe de formas inimagináveis quando não havia visitas.

Um dia Mamãe sugeriu:

— Tata Ndu, nossa filha mais nova está queimando em febre. O senhor é um homem tão importante, espero que o senhor não esteja se expondo a um contágio perigoso. — Isto foi o máximo que ela se permitiu dizer, como pedido direto de ajuda.

As atenções de Tata Ndu diminuíram por algum tempo, e durante este tempo nós íamos à igreja, engolíamos as pílulas contra malária, matávamos mais uma galinha de um bando cada dia menor e entrávamos às escondidas no quarto de nossos pais para examinar a genitália da pequena estatueta. Então, depois de passados dois domingos, ele voltou. Desta vez os presentes eram mais pessoais: um belo *pagne* de tecido colorido, um bracelete de madeira e um frasco de uma substância pastosa e de cheiro forte, cujo uso não nos interessou nem foi discutido com Tata Ndu. Mamãe aceitou os presentes com as duas mãos, conforme a etiqueta local, e os guardou sem uma palavra.

Como sempre, foi Nelson quem finalmente teve pena de nossa estupidez e nos contou o que estava acontecendo: *kukwela*. Tata Ndu queria uma esposa.

— Uma *esposa*!

Mamãe estava olhando para Nelson na cabana da cozinha com o mesmo olhar lançado para a cobra que tinha aparecido ali mesmo. Tive medo de que ela agarrasse um pau para acertar a cabeça de Nelson, como tinha feito com a da cobra.

— É, Mama Price — ele explicou com o ar cansado, sem aparentar desculpas. Nelson já estava acostumado com nossas reações excessivas ao que lhe parecia serem coisas absolutamente normais, como uma cobra na cozinha, por exemplo. Mas desta vez sua voz soava particularmente a autoridade, pois ele estava com a cabeça enfiada no forno. Mamãe estava ajoelhada ao lado dele, ajudando a segurar a pesada lata de cinzas, enquanto ele limpava o fogão. Os dois estavam de costas para a porta, e assim não viram que eu estava lá.

— Você quer dizer, uma das meninas — disse Mamãe.

Ela puxou a camiseta de Nelson, tirando-o de dentro do forno para encará-lo.

— Você quer dizer que Tata Ndu quer se casar com uma de minhas filhas.

— É.

— Mas, Nelson, ele já *tem* seis ou sete mulheres! Meu Deus!

— É. Tata Ndu é muito rico. Ele ficou sabendo que Tata Price não tem dinheiro para comprar comida. Ele percebeu que as meninas estão magras e fracas. Mas ele sabe que Tata Price não aceitaria ajuda dos congoleses. Então ele pode negociar de homem para homem. Pode ser uma boa ajuda, se ele oferecer um pouco de marfim e cinco ou seis cabras, talvez um pouco de dinheiro para tirar a *Mvúla* da casa de Tata Price.

— Ele quer Rachel!

— É, ele quer comprar a térmite, Mama Price. Todas aquelas cabras, e uma boca a menos para comer.

— Oh, Nelson! Nem dá para imaginar.

Nelson se agachou nos calcanhares, os cílios cheios de cinza piscando para Mamãe com toda seriedade.

Inesperadamente ela começou a rir. Então, de forma ainda mais surpreendente, Nelson também começou a rir. Abriu a boca quase sem dentes e começou a rir com Mamãe, os dois com as mãos nas coxas. Acho que os dois estavam tentando imaginar Rachel enrolada num *pagne* pilando mandioca.

Mamãe enxugou os olhos.

— Por que cargas d'água você imagina que ele escolheu Rachel?

Pelo tom da voz, percebi que ela já não estava sorrindo, depois de toda aquela risada.

— Ele acha que a cor estranha de *Mvúla* vai alegrar as outras mulheres.

— O quê?

— A cor dela.

Ele esfregou os dedos no braço coberto de cinza e mostrou-os, como se quisesse demonstrar como a pele de Rachel tinha perdido toda a cor.

— A pele dela é esquisita.

Nelson disse isto como se fosse normal dizer tal coisa da filha de uma mulher, sem ofendê-la. Depois ele se inclinou e enfiou a cabeça e os ombros no fundo do fogão para buscar o resto das cinzas. Só tornou a falar quando ressurgiu daquelas profundezas.

— Tem gente que acha que ela nasceu muito cedo e não deu tempo de corar. É verdade? — Olhou interrogativamente para a barriga de Mamãe.

Ela continuou olhando para ele.

— O que significa esta história de que a cor dela vai alegrar as outras mulheres?

Ele olhou pacientemente para Mamãe, esperando uma pergunta mais compreensível.

— Bem, eu simplesmente não estou entendendo. Pelo que você diz, parece que ela é um *acessório* de que ele precisa para compor a casa.

Nelson parou um longo tempo para limpar a cinza do rosto e tentar entender a metáfora do acessório de casa. Entrei na cozinha para pegar uma banana, sabendo que nada mais havia para ser ouvido. Minha mãe e Nelson tinham chegado ao limite do entendimento mútuo.

Leah

Eis o nosso problema: Tata Ndu ficaria muito ofendido se Papai recusasse sua oferta generosa para se casar com Rachel. E isto não interessava apenas a ele. Independentemente de nossa opinião sobre esse homem imponente de chapéu pontudo, é ele o personagem que representa a vontade de toda Kilanga. Acho que foi por isto que o irmão Fowles nos aconselhou a respeitá-lo, ou pelo menos prestar atenção a ele, apesar de toda a sua esquisitice. Ele não fala apenas por si. De tempos em tempos, Tata Ndu reúne seus subchefes, que depois se reúnem com todas as famílias. Assim, quando Tata Ndu diz alguma coisa, pode-se ter certeza de que toda a aldeia está falando.

Anatole tinha me explicado o sistema nativo de governo. Segundo ele, essa história de jogar pedrinhas numa jarra, e quem tiver mais pedrinhas ganha a eleição — isso é a ideia *belga* de justiça, mas o povo aqui acha isto estranho. Para os congoleses (inclusive para o próprio Anatole, como ele me confessou) parece estranho que se um homem recebe cinquenta votos, e o segundo quarenta e nove, o primeiro ganha tudo e o segundo perde tudo. Anatole diz que isso quer dizer que metade do povo vai ficar insatisfeita, e numa aldeia em que a metade está insatisfeita, as coisas não param por aí. Com certeza mais tarde problemas hão de surgir.

Ao que parece, aqui alguém tem de ter cem por cento dos votos. Leva-se muito tempo para chegar a isto. Eles conversam, negociam e discutem até estarem todos mais ou menos de acordo com relação ao que vai ser feito, e então Tata Ndu garante que aquilo seja feito. Se ele trabalhar bem, um de seus filhos será chefe quando ele morrer. Se ele trabalhar mal, as mulheres expulsam Tata Ndu da aldeia a porretadas, e Kilanga experimenta um novo chefe. Assim, Tata Ndu é a voz do povo. E esta voz estava nos dizendo que nós passaríamos a ser um carga mais leve, para nós próprios e para todos, se o deixássemos levar Rachel em troca de algumas cabras. Agora nós estávamos na berlinda.

Rachel ficou frenética, e pela primeira vez na vida achei que ela tinha razão. Eu estava muito feliz de não ter sido a escolhida. Mamãe jurou para Rachel ela não seria abandonada, mas este tipo de promessa não é a espécie de palavras que a gente quer ouvir da mãe. A simples ideia de ser casada com Tata Ndu parecia contaminar todo o ânimo de Rachel, que a cada dez minutos parava o que estivesse fazendo para gritar com raiva. Ela gritou com Papai, exigindo que a

gente fosse embora imediatamente, pois ela não iria tolerar nem mais um dia desta humilhação. Papai lhe impôs o castigo do Verso, terminando no mandamento de honrar pai e mãe e, nem bem ela tinha terminado, ele a puniu de novo com o mesmo Verso! Como já não havia papel, ela teve de escrever os cem versículos com letra apertada no verso de velhas cartas e envelopes que sobraram do tempo em que ainda recebíamos o correio. Adah e eu ficamos com pena e a ajudamos. Nem cobramos dez centavos por versículo, como fazíamos em casa. E nem adiantava cobrar, pois como ela iria pagar?

Apesar de não gostar, não poderíamos recusar as visitas do chefe. Mas Rachel começou a se comportar de forma muito estranha sempre que ele vinha à nossa casa. Para falar a verdade, ela estava estranha mesmo quando ele não estava em casa. Usava muitas roupas ao mesmo tempo, até a capa de chuva, cobrindo-se dos pés à cabeça, apesar do calor seco. E fez coisas estranhas com o cabelo. Isto em Rachel é sinal certo de problema. Pode acreditar, o clima estava tenso na nossa casa.

Desde a Independência, vínhamos ouvindo histórias de violências entre pretos e brancos. Ainda assim, ao olhar pela janela, o que nós víamos? Mama Nguza e Mama Mwanza conversando na estrada, enquanto dois meninos tentavam urinar nos pés um do outro. Todo mundo continua pobre como rato de igreja e, apesar disto, continuava mais ou menos feliz. A Independência passou pela nossa aldeia como a peste passou pelo Egito naquela noite distante, poupando aqueles que tinham o sinal correto sobre a porta. Apesar disto, não tínhamos a menor ideia de qual seria este sinal, nem da razão por que tínhamos sido poupados. Mal sabíamos o que estava acontecendo e, agora, se as coisas mudassem, não saberíamos em quem acreditar nem como agir. Havia um sentimento mudo de perigo, que não comentávamos, mas exigia nossa atenção o tempo todo. Mamãe estava sem paciência com os gritos de Rachel, e lhe disse para se recompor, pois ela estava muito ocupada com a doença de Ruth May.

Começaram a aparecer escaras nas costas de Ruth May, que ainda continuava ardendo em febre. Mamãe lhe dava banhos de esponja a cada hora. Ela continuava a passar as noites encolhida nos pés da cama de meus pais. Mamãe mandou que a gente levasse a cama de Ruth May para a sala, para ficar conosco e cuidarmos dela durante o dia. Rachel e eu fomos encarregadas de movê-la, enquanto Adah recolheu os lençóis. Nossas camas eram feitas de ferro soldado, e muito pesadas. Primeiro recolhemos o mosquitoireiro. Depois, juntando nossas forças no mesmo impulso, afastamos a cama da parede. Ficamos olhando para o que havia na parede.

— O que é isto? — perguntou Rachel.

— Botões? — sugeriu, pois eram brancos e redondos. Estava me lembrando

dos nossos projetos de enxoval. Mas o que quer que fosse, aquilo tinha sido um longo projeto de Ruth May.

— As pílulas contra malária — disse Mamãe, e tinha razão. Parecia haver perto de cem, todas meio derretidas e enfiadas em filas tortas na parede atrás da cama.

Mamãe ficou longo tempo olhando para elas. Depois saiu e voltou com uma faca. Arrancou com cuidado as pílulas da parede, uma por uma, na mão em concha. Eram sessenta e uma. Adah contou e anotou o número. Exatamente o número de semanas de nossa estadia no Congo.

Rachel

Ah, estou morta de raiva, e sem lugar para ir. Tata Ndu vem visitar a gente, eu não consigo suportar ficar olhando para ele quando ele olha para mim. Olho para o outro lado. Às vezes eu faço coisas que uma dama nunca faria, eu fico me coçando e finjo que sou retardada. Mas acho que para ele ia ser ótimo ter uma esposa retardada na coleção; talvez ele ainda não tenha uma. Já basta os meus pais deixarem ele entrar nesta casa! Eu me recuso a conversar com Papai. Com Mamãe também, se consigo evitar. Ela só se interessa pela Ruth May: coitadinha da Ruth May, Ruth May isto Ruth May aquilo! Está certo, ela está doente, mas as coisas também não estão nada fáceis para mim, que tenho de ficar aqui ouvindo essa conversa de louco. A minha família está pensando em tudo, menos na minha segurança pessoal. No instante que a gente chegar na Georgia, vou dar um jeito de ser adotada.

E como se não bastasse, agora apareceu o meu cavaleiro salvador na sua armadura brilhante: o senhor Fedorento Axelroot. Um dia ele apareceu no quintal, no momento que Tata Ndu estava subindo os degraus, com o chapéu pontudo, seu óculos sem óculos, e os dois conversaram. Depois, Tata Ndu ficou uns dez minutos e foi embora. E eu estava só começando a minha representação da filha retardada. Que pena!

Tudo bem. Acontece que Papai e o Sr. Axelroot inventaram um plano para eu não ter de casar com Tata Ndu sem ofender a aldeia toda. Eles vão fingir que eu fui prometida em casamento para Eben Axelroot! Eu quase chorei de raiva. Mamãe diz para eu não ficar triste, é tudo para manter as aparências. Mas significa que agora *ele* vem aqui para casa a qualquer hora e eu tenho de fingir que estou noiva! E, naturalmente, nós temos de fingir lá na varanda, para todo mundo pode ver. Ficar lá sentada, olhando a grama secar, isto é toda a minha vida social hoje em dia. Não ficar triste? Olha aqui, eu sempre quis ser a rainha da festa, mas nunca desta festa.

A primeira vez que ficamos juntos por dez segundos na varanda, pode acreditar, Axelroot tentou se aproveitar. Passou o braço pelo encosto da minha cadeira. Eu lhe dei um tapa, igual a Elizabeth Taylor em *Teto Quente* e acho que ele aprendeu. Mas então ele *riu*, dá para acreditar? Bem! Eu disse a ele que toda esta história de noivado era mentira e que era para ele não esquecer. “Senhor Axelroot. Vou ter comiseração com a sua presença só para prestar um serviço

público e manter a paz na aldeia. E além disso, seria bom se o senhor resolvesse tomar um banho cada um ou dois anos.” Em nome da paz, eu estou até disposta a ser uma filanderista, mas uma dama tem de fixar um limite tolerável para o cheiro de suor. Eu fico pensando na Brigitte Bardot e todos aqueles soldados.

Agora ele se comporta muito bem. Eu o chamo de Axelroot. Ele me chama de Princesa, o que talvez seja polido demais para aquela lata velha, mas acho que a intenção dele é boa. Ele é quase decente quando tenta. Na verdade, ele começou a tomar banhos e a deixar aquele chapéu horrível em casa, graças a Deus. Mamãe continua odiando ele, como sempre, e acho que eu também, mas o que eu posso fazer? Converso com ele. Já que a gente tem de ficar lá fora, fingindo de noiva para os outros, é melhor passar o tempo. E quando ele vem, as crianças somem. Elas não gostam de Axelroot. Ele bate nelas. Está certo, ele não devia! Mas pelo menos assim eu não tenho de ficar cercada de meninos infernizados pulando em volta de mim e puxando o meu cabelo o dia inteiro. Geralmente eles ficam todos à minha volta até eu ficar parecendo o Gulliver e os lepidópteros.

Meu plano secreto é, se eu conseguir amaciar o Axelroot direitinho, convencê-lo a nos levar embora para bem longe daqui. Mamãe já ofereceu a ele uma aliança de noivado e mais mil dólares, que serão pagos quando a gente chegar na Georgia sem Papai nem qualquer meio de sobreviver. Axelroot respondeu: “Só aceito dinheiro vivo, minhas senhoras”, ele não faz fiado. Mas espero que ele acabe tendo pena.

Assim, eu passo o tempo contando histórias lá de casa: os garotos que eu conheci no ginásio de Bethlehem e as coisas que a gente fazia. Fico morta de saudade. Mas, ah, se aquelas garotas que me irritavam chamando de filha de pastor pudessem me ver agora, praticamente noiva de um homem *mais velho*! Pelo que eu entendi, ele sempre esteve por aqui. Nasceu na África do Sul, passou a juventude aqui e ali, até no Texas. O sotaque dele é normal. Ele ainda conta aquelas histórias de arrepiar o cabelo, do tempo que ele era piloto de guerra. Como ele matou uma porção de homens importantes a sangue frio e jogou bombas de avião para queimar toda uma plantação de milho em dez segundos. Ele não é só um menino de recados que leva missionários para lá e para cá, não senhor! Este é o disfarce dele, como ele me disse. Às vezes ele começa a falar todos aqueles nomes de gente que eu nunca consigo lembrar: o vice-chefe da Cia, o chefe da operação do Congo. Ele tem um código para cada um deles. Chefão é o vice-chefe, e o chefe do Congo é o diabo-mor. Tenho certeza que é tudo mentira. Um homem da idade dele devia ter vergonha de ficar brincando de Zorro, mas é só lembrar quem é.

Um dia eu perguntei: “Se você é tão importante, como é que eu só te vejo

pagando aquela ninharia pelas coisas da aldeia para vender na cidade e trazendo para nós o leite em pó e as revistas de Leopoldville?”

Ele disse que não pode discutir o seu verdadeiro trabalho, mas agora ele tem proteção americana e talvez possa me contar uma ou duas coisas, se eu prometer não abrir o bico. Puxa, mesmo que tudo fosse verdade, para quem eu ia contar? Uma adolescente inocente no meio do inferno verde, sem telefone, que nem fala com os pais? Papai não notou, mas eu parei de falar com ele. Mas Mamãe percebeu. Às vezes ela tenta agradar, e me faz uma porção de perguntas pessoais. Ela está tentando descobrir quem é a verdadeira Rachel Price.

Mas eu não digo. Prefiro continuar anônima.

Ruth May

À noite as lagartixas correm pela parede, ou ficam penduradas no teto olhando para mim. Ficam coladas lá em cima pelos pés. Ratos também. Todos falam comigo. Me dizem que Tata Undo quer casar com a Rachel. Ela está pronta, porque já fez o enxoval. Mas Tata Undo é congolês. Será que eles podem casar com a gente? Não sei. Mas, bem que eu queria ver a Rachel de vestido branco; ela vai ficar bonita. Depois os bichos me contam que ela vai casar é com o Sr. Axelroot, mas ele é muito mau. Às vezes eu sonho que ela está casando com Papai, e aí eu fico triste e sem entender nada. Porque, nesse caso, onde está Mama?

À noite as lagartixas fazem um som parecido com passarinhos. Nos sonhos que eu vejo, eu pego as lagartixas, e elas são meus bichinhos de estimação. Elas ficam na minha mão e não fogem. Quando eu acordo, elas sumiram e eu fico triste. Então, se não tiver de acordar, eu não acordo.

Eu ficava no escuro no quarto de Mama, mas agora eu fico aqui fora. É claro e todo mundo conversa e conversa. Não sei o que eu quero. Sinto falta das lagartixas à noite, é isso que eu quero dizer. Elas não saem no claro e meus olhos doem. Mama põe um pedaço de pano frio e úmido e meus olhos melhoram, mas ela está diferente. Ela está grande, todo mundo está.

Circo missão. É isso que eles falaram. Tata Undo continua a nos visitar. Às vezes ele está laranja, as roupas. Pele negra e roupa laranja. É bonito. Ele disse a Papai que Rachel ia ter uma circo missão, que é quando eles cortam ela para ela não querer andar com os maridos de outras. Não consigo ouvir quando ele fala francês, mas Papai e Mama falaram sobre isso à noite. A circo missão. Ele disse que eles fazem isso com todas as moças daqui. Papai falou. Você não percebe o quanto ainda temos a fazer? Estão levando essas meninas para o matadouro, como ovelhas. Mama disse, e desde quando ele se preocupa em proteger meninas. Ela disse que a primeira obrigação dela é cuidar das filhas dela, e que, se ele fosse um pai de verdade, ele também ia fazer o mesmo.

Papai disse que estava fazendo o possível, e pelo menos o Sr. Axelroot não era tão ruim. Mama teve um ataque de raiva e rasgou um lençol em dois. Ela não gosta de nenhum deles, mas eles ainda aparecem, porque Tata Undo é o chefe de tudo, e o Sr. Axelroot não é tão ruim. Mas todo mundo aqui está tendo ataques de raiva. Principalmente a Rachel.

Mama achou as pílulas que eu enfiei na parede. Elas saíram da minha boca porque eu não consegui segurar. Elas eram muito ruins e colam melhor na parede depois de passar na boca. Mama arrancou todas com uma faca e guardou numa xícara branca. Eu vi onde ela guardou, na prateleira com as aspirinas Bayer que já acabaram. Rachel disse, o que nós vamos fazer com elas? E Mama disse, tomar, é claro, Ruth May vai tomar e todos nós também, quando as nossas acabarem. Mas eu não quero, elas me enjoam. Rachel disse que ela também não vai tomar. Ela ficou com nojo e disse, Puxa, é igual a chicletes que já foi mascado. Rachel fica com nojo o tempo todo. Mamãe disse, Ótimo, se você quer ficar doente como a Ruth May, vá em frente, arrume sua cama e pode se deitar. Então foi isso que aconteceu comigo. Fiz a minha própria cama e agora estou doente. Eu achei que só estava muito quente, mas ela disse a Rachel que eu estou muito doente. Mama e Papai falam sobre isso às vezes e ele diz, O Senhor, e ela diz, Um médico. Eles não concordam e é por minha causa.

Antes eu fui ao médico em Stanleyville duas vezes, quando eu quebrei o braço e quando ele sarou. O gesso ficou sujo. Ele cortou o gesso com uma tesoura enorme que não machucou nem um pouquinho. Mas agora nós não podemos mais ir porque eles estão brigando e fazendo os brancos saírem pelados em Stanleyville. Já mataram alguns. Quando fomos lá a primeira vez eu vi aqueles diamantinhos sujos num saco no fundo do avião. O Sr. Axelroot não gostou de me ver espionando as coisas dele. Enquanto a gente estava esperando o Papai voltar do barbeiro, o Sr. Axelroot me apertou com força. Ele disse, Se você disser a qualquer um que viu aqueles diamantes no saquinho, sua Mama e Papai vão ficar muito doentes e morrer. Eu não sabia o que era diamante até ele falar aquilo. Eu não contei. Por isso eu fiquei doente no lugar da Mama e Papai. O Sr. Axelroot ainda continua morando na sua cabana e quando ele vem visitar, ele me olha para ver se eu contei. Ele pode ver dentro da gente, como Jesus. Ele vem a nossa casa e conta tudo o que está acontecendo, agora que Tata Undo quer casar com a Rachel. Todo mundo em volta já sabe. Papai diz que agora todos os brancos têm de se unir, e que nós temos de ser amigos do Sr. Axelroot. Mas eu não quero. No avião ele me apertou com força.

Eu quebrei o braço porque estava espionando, e Mama me mandou parar. Desta vez eu fiquei doente porque o Menino Jesus vê tudo o que eu faço e eu não fui boa. Eu rasguei as figuras da Adah e menti para Mama quatro vezes e tentei ver o Nelson pelado. E eu bati na perna da Leah com um pau e vi os diamantes do Sr. Axelroot. É muita coisa ruim junta. Se eu morrer eu vou desaparecer e eu já sei onde eu vou voltar. Vou ficar lá no alto da árvore, da mesma cor, tudo igual. Eu vou ver vocês, mas vocês não vão me ver.

Rachel

Dezessete anos! Tenho agora um lustro e sete anos. Pelo menos é isso que eu pensava, até que Leah me explicou que isso quer dizer doze anos. A gente sabe que Deus quer realmente punir alguém quando Ele manda, não uma, mas *duas* irmãs mais novas e que já decoraram o dicionário inteiro. Graças a Deus, só uma das duas fala.

Não que alguém tenha dado a menor atenção para o meu aniversário. Já passei dois aniversários no Congo, e achei que nada podia ser pior que o primeiro. No aniversário do ano passado, pelo menos Mamãe chorou e me mostrou os pacotes de mistura para bolo que ela tinha trazido de lá do Piggly Wiggly de Bethlehem para ajudar a aliviar a carga de ter de passar meus anos de juventude em terra estrangeira. Fiquei desapontada porque não recebi nenhum presente: nenhum suéter, nenhum disco — oh, naquele dia eu achei que tinha chegado no ponto mais baixo que uma garota pode chegar.

Puxa vida. Nunca sonhei que ia passar outro aniversário aqui, outro 20 de agosto, com as mesmas roupas do ano passado, todas em andrajos, com exceção da cinta que eu deixei de usar logo no início, pois esta selva horrorosa não é lugar para ficar controlando a estética. E agora, para coroar, um aniversário que ninguém notou. “Ah, hoje é vinte de agosto, não é?” eu fiquei perguntando, olhando para o relógio, como se tivesse uma coisa que eu precisasse fazer. Como tem um diário invertido, Adah é a única que sabe que dia é. Ela e Papai, é claro, que tem um calendário da igreja para anotar todos os compromissos importantes, se um dia ele tiver um compromisso. Leah simplesmente me ignorou, ficou sentada na mesa de Papai, trabalhando no programa de professora de aritmética. Leah acha que é a maior depois que Anatole lhe pediu para ajudar com algumas matérias na escola. Realmente, não tanta coisa assim, para ficar tão importante. É só matemática, a coisa mais chata de todo o mundo, e além disso ele só deixa ela ensinar para os meninos menorzinhos. Eu não ajudava, nem que Anatole me pagasse em verdinhas americanas. Com certeza eu ia ficar hipneurótica, vendo o catarro descer do nariz até o lábio daqueles meninos.

Portanto eu perguntei bem alto diretamente a Adah, “Escuta, hoje não é o dia vinte de agosto?” Ela balançou a cabeça concordando, e eu olhei em volta impressionada, pois ali estava minha própria família, pondo a mesa do café da manhã, fazendo planos de aula e sei mais o que, como se fosse apenas o dia

depois de ontem, menos importante do que a quinta-feira em Bethlehem, que sempre foi o dia de tirar o lixo.

Finalmente Mamãe lembrou. Depois do café da manhã ela me deu um par de seus próprios brincos e um bracelete combinando, que eu sempre admirei. Não passa de vidro cortado, mas um verde muito bonito, que destaca meus cabelos e olhos. E como estas tinham sido as únicas joias que eu tinha visto durante todo o ano, passavam por diamantes. Olha só como eu estava depravada. De qualquer forma foi bom receber aquele pequeno sinal de afeto. Ela embrulhou o presente num pedaço de pano e escreveu num cartão retirado da caderneta de Adah: *Para minha bela primogênita, que já cresceu.* Até que de vez em quando a Mamãe tenta. Eu lhe dei um beijo e agradeci. Mas aí ela teve de voltar para dar o banho de esponja em Ruth May, portanto, isto foi tudo. A febre de Ruth May subiu até passar de quarenta graus, Adah foi picada por um escorpião e teve de mergulhar o pé em água fria e um mangusto entrou no galinheiro e comeu alguns ovos, tudo no mesmo dia: *no dia do meu aniversário!* E tudo para detratar a atenção de mim. Bem, tudo menos o mangusto, acho.

Adah

“*Tata Jesus é BÄNGALA!*” Declara o reverendo a cada domingo ao final do sermão. Cada vez mais desconfiado dos intérpretes, ele tenta falar em Kikongo. Lança a cabeça para trás e grita estas palavras para o céu, enquanto seu rebanho se senta coçando-se maravilhado. *Bängala* significa alguma coisa muito preciosa e cara. Mas da forma como ele pronuncia, significa planta venenosa. Louvado seja o Senhor, aleluia meus amigos! pois Jesus vai fazê-los coçar como nunca.

E enquanto Pai Nosso prega o evangelho de veneno, sua própria filha, Ruth May, ressurgiu dos mortos. Pai Nosso não deu atenção especial, talvez já tivesse certeza de que isto tinha de acontecer. A confiança dele no Senhor é excepcional. Entretanto, o senhor talvez não saiba que nossa mãe colaborou neste milagre, pois forçou Ruth May a engolir as mesmas pílulas duas vezes.

Salulip samsem. Não se pode entrar duas vezes no mesmo rio. É o que dizem os filósofos gregos, e os crocodilos confirmam. Ruth May já não é a mesma que já foi. Yam Htur. Nenhuma de nós é a mesma: Lehtar, Hael, Hada, Annaelro. Somente Nahtan continua sendo essencialmente ele próprio, o mesmo homem, independentemente de como seja visto. Nós temos dois lados. Vamos sozinhas para a cama e, como o pobre Dr. Jekyll, acordamos modificadas. Nossa mãe, agorafoba recente, que nos manteve fechadas em casa durante todos os meses de chuva, epidemia e Independência, agora ligou o protetor: vê nossa casa com muita suspeita, acusa-a de estar “cheia de teias” e de ser “sufocante no calor”. Fala dela como de uma coisa que tenha vontade e objetivo. Toda a tarde ela nos manda vestir os vestidos mais leves e sair de nossa casa amaldiçoada. Marchamos pelo caminho da floresta, para fazer um picnic junto ao riacho. Quando corremos e ela acha que não a vemos, recosta-se na clareira, suavemente, como uma árvore soprada pelo vento. E apesar do perigo dos vermes, tira os sapatos.

E agora, oh fiéis, regozijai, pois Ruth May voltou dos mortos, mas tem o olhar morto de um zumbi e perdeu o interesse em ser sempre a primeira e a melhor em tudo. Nelson nem chega perto dela. A teoria dele é a seguinte: a coruja que mantivemos presa durante algum tempo decorou o mapa da casa para poder voltar e entrar por uma janela e tomar-lhe a alma.

Minhas irmãs, de formas diferentes, assumiram um comportamento estranho no que se refere a homens. Rachel está histérica e noiva. O noivado é

fingido, mas isto não evita que ela passe horas diante do espelho brincando de “Espelho, espelho meu”, com os brincos de vidro verde, e depois protestando violentamente contra o casamento próximo.

E Leah, a gêmea mais forte. Leah passou a mostrar um interesse devoto nas línguas francesa e kikongo — ou, mais especificamente, em aprendê-las com Anatole. De manhã ela dá aulas de aritmética para os alunos mais novos, e mais tarde passa horas ao lado dele, conjugando os mesmos verbos reflexivos — *l’homme se noie* — que há um ano ela declarou não terem sentido. Aparentemente os verbos reflexivos ganham uma nova importância para meninas que chegam à idade de quinze anos. Ela também está aprendendo a arte da caça com arco e flecha. Anatole lhe deu um arco pequeno, mas muito funcional, com uma aljava de flechas de pena vermelha — como a Esperança no poema de Emily Dickinson, e como o morto sem esperança, Matusalém, o antigo papagaio. Com sua própria faca, Anatole fez esses presentes para Leah, de um ramo de bibiru.

Eis o meu poema sobre este assunto: *Erótico, neurótico*.

Entretanto Nelson está eufórico. Ele considera que o arco e flechas de Leah representam um desenvolvimento muito mais positivo em nossa casa, depois de tantos outros que foram desencorajadores, como a morte, para todos os fins práticos, de Ruth May. Nelson resolveu assumir a tarefa da formação militar de Leah. Constrói alvos de folhas, que são fixados no tronco da mangueira grande no fundo do quintal. Os alvos foram ficando cada vez menores. Os primeiros foram feitos de uma folha enorme de capim elefante, como aventais triangulares batidos pelo vento, tão grandes que era impossível não acertá-los. Uma após a outra, Leah atirava as flechas através daquelas folhas verdes rasgadas. Mas ela foi aprimorando a pontaria, e hoje ela alveja uma folhinha redonda e pequena de goiabeira. Nelson lhe ensinou a postura, como fechar um olho e atirar a flecha certa no centro da folha. Ela tem uma pontaria assustadora.

Minha irmã gêmea, a diana caçadora, e eu estamos agora mais afastadas do que em qualquer outra época, exceto por um ponto: a aldeia começa agora a encará-la como uma pessoa estranha. No mínimo, absolutamente não feminina. Parece que agora eu sou considerada a mais normal. Eu sou a *bënduka*, a palavra única que descreve uma pessoa estropiada que anda devagar. Mas minha irmã, que hoje ensina na escola e assassina troncos de árvores, já é conhecida por vários nomes na aldeia, e nenhum deles pode ser considerado amistoso. Um dos preferidos é *bákala*, que pode significar muitas coisas, como pimenta ardida, uma espécie de batata ou o órgão sexual masculino.

Leah não liga. Diz que, como foi Anatole quem lhe deu o arco, foi Anatole que a requisitou para dar aulas na escola, ela não deve estar quebrando nenhuma

convenção social. Ela não quer ver que Anatole está quebrando as regras por ela, e isto há de trazer consequências. Como uma Hester Prynne descuidada, ela traz a sua letra, o D maiúsculo do seu arco cruzado sobre o ombro. D de dramática, de Diana, de o diabo carregue seus costumes. Vai com o arco ao mercado, e até à igreja, apesar de, aos domingos, ela deixar as flechas em casa. Até nossa mãe, que não anda muito amistosa com Jesus, considera um absurdo entrar na Sua casa carregando armas.

Leah

De perfil, o rosto de Anatole com os olhos meio oblíquos e a testa alta, parece um faraó ou um deus de alguma pintura egípcia. Os olhos são do castanho mais escuro que já vi. Nem os brancos dos olhos são brancos, mas de uma cor creme pálido. Às vezes nós nos sentamos à mesa sob as árvores do lado de fora da escola, depois das aulas do dia. Estudo francês e tento não incomodá-lo muito enquanto ele prepara as aulas do dia seguinte. Seus olhos raramente se desligam dos livros, e tenho de admitir a necessidade de procurar desculpas para tirá-lo de sua concentração. Há muitas coisas que quero saber. Por exemplo, quero saber por quê ele me deixa dar aulas. Será por causa da Independência ou por minha causa? Quero lhe perguntar se todas as histórias que ouvimos são verdadeiras: Matadi, Thysville, Stanleyville. Um vendedor de quinquilharias passou por aqui a caminho de Kikwit e nos contou horrores sobre a matança em Stanleyville. Contou que os congoleses com coroas de folhas na cabeça ficaram invulneráveis às balas belgas, que passavam através deles para se alojar nas paredes atrás. Disse que tinha visto tudo isto com os próprios olhos. Anatole estava lá, mas parecia ignorar as histórias. Preferiu examinar cuidadosamente e comprar um par de óculos do vendedor. Os óculos têm lentes muito boas que aumentam as coisas: com eles até as palavras em francês ficam maiores e mais fáceis de ler. Com eles Anatole parece mais inteligente, apesar de menos egípcio.

Mais que qualquer outra coisa, eu gostaria de propor a Anatole esta pergunta imperguntável: Ele me odeia por eu ser branca?

Em vez disso perguntei.

— Por que Nkondo e Gabriel me odeiam?

Anatole me olhou surpreso por cima da armação e das lentes genuínas dos óculos.

— Nkondo e Gabriel mais que os outros? — perguntou lentamente, concentrando novamente a atenção em mim e na conversa — você notou?

Dei um longo suspiro, como um cavalo exasperado.

— Nkondo e Gabriel mais que os outros porque eles batucam na mesa como se fosse um tambor e não me deixam ensinar a divisão de números grandes.

— Então eles são malcriados.

Anatole e eu sabíamos muito bem que não era isto. Bater nas cadeiras era

coisa comum nas escolas de Bethlehem, onde os meninos de vez em quando ficam muito agitados. Mas neste caso, as famílias dos meninos daqui estavam fazendo um esforço muito grande para levantar dinheiro ou alimentos e poder mandar os filhos para a escola, e isto estava claro para todo mundo. Frequentar a escola é uma decisão importante. Os alunos de Anatole levavam tudo muito a sério. Só quando eu tentava ensinar matemática, enquanto Anatole trabalhava com os alunos mais velhos, é que eles começavam o pandemônio.

— Está certo, você tem razão. Todos eles me *odeiam*. Acho que não sou uma boa professora.

— Você é uma ótima professora. O problema não é este.

— E qual é o problema?

— Primeiro, você tem de entender que é uma moça. Esses garotos não estão acostumados a obedecer nem às próprias avós. Se a divisão de números grandes é realmente tão importante para o sucesso de um jovem, então uma *moça bonita* não deveria saber isso. É o que eles pensam. Segundo, você tem de entender que é branca.

O que ele queria dizer com *moça bonita*?

— Branca. Então eles também acham que os brancos não conhecem a divisão de números grandes?

— No íntimo todos eles acham que os brancos sabem acender e apagar o sol e fazer o rio correr para trás. Mas oficialmente eles negam. O que eles ouvem dos pais é que agora o Congo é independente e que os brancos não deviam estar no Congo, dizendo o que a gente deveria fazer.

— Acham também que os Estados Unidos ou a Bélgica deviam dar a eles muito dinheiro. Pelo menos o suficiente para que todo mundo tenha um rádio ou um carro. Nelson me contou.

— É verdade. Este é o número três. Eles acham que vocês são uma nação gananciosa.

Fechei o livro de verbos franceses por aquele dia.

— Anatole, isto não faz o menor sentido. Eles não querem ser nossos amigos nem nos respeitam, e em Leopoldville eles estão saqueando as casas dos brancos. *Mas* esperam que os Estados Unidos lhes deem dinheiro.

— Qual a parte que você acha que não faz sentido?

— Tudo.

Ele respondeu paciente, como se eu fosse um de seus alunos encalacrados num problema fácil.

— Béene, pense. Quando um dos pescadores, digamos Tata Boanda, tem sorte no rio e volta com o barco cheio de peixe, o que ele faz?

— Isto não é muito comum.

— Não é, mas você já viu acontecer. O que ele faz?

— Ele canta a plenos pulmões, todo mundo vem e ele dá tudo.

— Mesmo para os inimigos?

— Acho que sim. É. Eu sei que Tata Boanda não gosta de Tata Zinsana, mas mesmo assim ele dá mais peixe para as mulheres dele.

— Muito bem. Para mim, isto tem sentido. Quando alguém tem muito mais do que pode aproveitar, é muito razoável esperar que não guarde tudo para si.

— Mas Tata Boanda tem de dar tudo, pois senão tudo se perde. Se ele não dispuser do peixe, ele se estraga e o mau cheiro é terrível.

Anatole sorriu e apontou o dedo para o meu nariz.

— É exatamente assim que um congolês pensa no dinheiro.

— Mas se você der tudo o que ganha a mais, nunca vai ficar rico.

— Provavelmente é verdade.

— Mas *todo mundo* quer ser rico.

— É mesmo?

— Claro que é. Nelson quer economizar para comprar uma esposa. Provavelmente você também.

Por alguma razão eu não consegui olhar para ele ao dizer isto. Continuei.

— Tata Ndu é tão rico que tem *seis* mulheres, e todo mundo o inveja.

— O trabalho de Tata Ndu é muito difícil. Ele precisa de muitas mulheres. Mas não tenha tanta certeza de que todo mundo o inveja. Eu mesmo não quero o seu trabalho. *Nem* as suas mulheres.

— Mas você não gostaria de ter muito dinheiro?

— Béene, passei muitos anos trabalhando para os belgas nas plantações de borracha em Coquilhatville, e vi os ricos de lá. Eram muito infelizes e tinham poucos filhos.

— Mas teriam sido muito mais infelizes se fossem pobres.

Ele riu.

— Provavelmente você está certa. Mas apesar disso, eu não aprendi a invejar o homem rico.

— Mas *algum* dinheiro é necessário — insisti.

Entendo que Jesus tenha passado uma vida de pobreza, mas isso foi noutro lugar e noutra época. Uma cultura do deserto, como disse o irmão Fowles.

— É preciso ter dinheiro para pagar alimento, médicos e tudo o mais.

— Está bem, algum dinheiro. Um automóvel e um rádio para cada aldeia. O seu país poderia nos dar isto, não é?

— Provavelmente. Não acho que isso faça alguma diferença. Lá na Georgia, todo mundo que nós conhecíamos tinha um carro.

— *Á bu*, não venha com histórias. Isto não é possível.

— Bem, nem todo mundo. Não os bebês e as crianças. Mas todas as famílias.

— Ainda impossível.

— Mas é verdade. Algumas até têm dois carros.

— E qual o propósito de tantos carros ao mesmo tempo?

— Bem, todo mundo tem de ir todo dia a algum lugar. Ao trabalho, ao mercado, fazer alguma coisa.

— E por quê ninguém anda?

— Não é como aqui, Anatole. Tudo fica mais longe. As pessoas moram em cidades muito grandes. Cidades maiores até do que Leopoldville.

— Béene, você está mentindo para mim. Se todo mundo morasse na cidade, não haveria como plantar alimento suficiente.

— O alimento é plantado no campo. Em campos muito, muito grandes. Amendoins, soja, milho e tudo mais. Os fazendeiros é que plantam, e depois levam para a cidade em caminhões muito grandes, e na cidade as pessoas vão ao supermercado e compram.

— No mercado.

— Não é nada igual ao mercado aqui. É um edifício muito grande, com muitas luzes e todas aquelas prateleiras. Abre todo dia e basta uma pessoa para vender todo tipo de coisas.

— E um único fazendeiro tem todas essas coisas?

— Não, não um fazendeiro. O comerciante compra tudo dos fazendeiros e vende para as pessoas nas cidades.

— Então você não sabe nem de que campo vem o que você come? Isso deve ser terrível. E se for envenenado?

— Não é tão ruim assim. A coisa toda funciona.

— E como há alimento bastante, Béene, se todo mundo mora na cidade?

— O fato é que há. As coisas lá são diferentes.

— O que é tão diferente?

— Tudo — disse eu.

Eu estava disposta a continuar, mas minha língua ficava lambendo a parte de trás dos meus dentes, sentindo o gosto da palavra *tudo*. Olhei para o contorno da clareira à nossa volta, onde a floresta nos fechava atrás de um enorme muro verde de árvores, pios de pássaros, o bafo dos animais, tudo tão permanente quanto o pulsar do coração que a gente ouve durante o sono. Estávamos cercados por uma massa espessa, úmida e viva de árvores e grama alta que se estendia por todo o Congo. E não éramos nada, apenas camundongos, contorcendo-se ao longo dos caminhos escuros. Parece que, no Congo, a terra é dona do povo. Como eu iria explicar a Anatole como eram os campos de soja, onde homens

sentados sobre tratores enormes, como um rei no seu trono, domavam o solo de um horizonte até o outro? Era como se fosse tudo um truque da memória, ou um sonho: impossível.

— Na minha terra não existe a floresta.

— Então o que existe?

— Campos muito grandes, como se fossem uma plantação de mandioca tão comprida e larga quanto o Kwilu. Antes havia árvores, mas elas foram derrubadas.

— E elas não tornaram a crescer?

— Nossas árvores não são tão vivas quanto as suas. Papai e eu gastamos muito tempo só para descobrir a forma como as coisas crescem aqui. Você se lembra, nós limpamos um pedaço de terra para plantar a nossa horta? Hoje nem se consegue ver onde ela estava. Tudo cresceu como o caos e depois morreu. A terra se transformou numa lama vermelha e morta, parecendo carne estragada. Depois o mato retomou tudo. Nós achávamos que íamos ensinar ao povo aqui como plantar o que a gente planta na nossa terra.

Ele riu.

— Campos de mandioca tão grandes e largos quanto o Kwilu.

— Você não acredita, mas é verdade! Você não consegue imaginar porque aqui, imagino que se alguém derrubar uma área de floresta para plantar campos desse tamanho, a chuva o transformaria num rio de lama.

— Que depois seria assado durante a seca.

— É isso! E se alguma coisa fosse colhida, não haveria estradas, e a produção nunca chegaria até a cidade.

Ele estalou a língua.

— Você deve achar que o Congo é um lugar muito pouco cooperativo.

— Você simplesmente não tem ideia do quanto ele é diferente do que a gente conhece na minha terra. Lá existem cidades, carros e outras coisas porque a natureza é organizada de forma completamente diferente.

Ele ouvia com a cabeça virada para o lado.

— E, ainda assim, o seu pai veio para cá determinado a plantar uma horta americana no Congo.

— Meu pai acha que o Congo só está atrasado, e pode ser ajudado a avançar. O que é uma loucura. É como se ele estivesse querendo colocar pneus num cavalo.

Anatole levantou as sobrancelhas. Acho que ele nunca viu um cavalo, que não existe no Congo por causa da mosca tsé-tsé. Tentei imaginar outro animal de tração para a minha parábola, mas não há nenhum no Congo. Nem mesmo vacas. O que eu estava tentando demonstrar era tão verdadeiro que não havia meios de

expressar.

Finalmente eu disse.

— Num bode. Rodas num bode. Ou numa galinha, ou numa esposa. As coisas que meu pai imagina que hão de fazer o Congo funcionar melhor, simplesmente não se ajustam a nada aqui.

— *Áyi*, Béene. O pobre deste bode do seu pai é um animal muito infeliz.

E a mulher dele! Pensei. Mas não consegui evitar a imagem de um bode equipado com pneus grandes e atolado na lama, e ri. Depois me senti estúpida. Não conseguia ter certeza de que Anatole me respeitava, ou se achava que eu era apenas uma criança engraçada.

— Eu não devia ficar rindo das ideias de meu pai.

— Não — disse ele, tocando os lábios e rolando os olhos para o alto.

— Não devia! É um pecado.

Pecado, pecado. Sentime encharcada e cansada de pecado.

— Antigamente eu rezava par Deus me fazer como ele era. Inteligente e justo, e pronto para obedecer à Sua vontade. Agora nem sei o que devo desejar. Gostaria de ser mais igual a todo mundo.

Ele se inclinou para a frente e me olhou nos olhos. Seu dedo avançou de seus lábios até o meu rosto, e ficou parado ali perto, como se procurando um lugar para aplicar a bênção.

— Béene, se você fosse mais igual a todo mundo, você não seria tão *béene-béene*.

— Você podia me dizer o quer dizer *béene-béene*. Será que eu não tenho o direito de saber o que é o meu próprio nome?

Ele deixou a mão cair na mesa.

— Um dia eu lhe digo.

Mesmo que nunca chegasse a aprender as conjugações francesas com Anatole, pelo menos eu estava aprendendo a ter paciência.

— Posso lhe perguntar uma coisa?

Ele considerou meu pedido, a mão esquerda ainda marcando a página no livro.

— Pode.

— Por que você continua a traduzir os sermões para meu pai? Eu sei bem o que você acha da missão dele aqui.

— Sabe?

— Acho que sei. Outro dia você veio jantar lá em casa e explicou que Tata Ndu não gosta de ver tanta gente vivendo de acordo com os costumes cristãos, em vez das velhas tradições. Acho que você deve achar a mesma coisa, que as antigas tradições são melhores. Você não gostou da forma como os belgas

fizeram as eleições, e acho que você nem tem certeza sobre a vantagem de ter meninas ensinando na escola.

— Béene, os belgas não vieram a mim para perguntar, Anatole Ngemba, como devemos fazer as eleições? Eles só disseram, Kilanga, aqui estão os seus votos. Coloquem os votos dentro desta cabaça, ou daquela, ou então joguem todos os votos no rio. Só me pediram para explicar esta escolha.

— Mesmo assim, não acho que você goste do que meu pai está se propondo a realizar aqui.

— Não sei se entendo bem o que ele pretende realizar aqui. E você?

— Contar as histórias de Jesus e do amor de Deus. Trazer todos para o Senhor.

— E se ninguém traduzisse os sermões dele, como ele iria contar essas histórias?

— Boa pergunta. Acho que ele continuaria tentando falar em francês e kikongo e a fazer a maior confusão. As pessoas provavelmente não iam ter a menor ideia do que ele pretende fazer aqui.

— Acho que você está certa. Talvez as pessoas gostassem mais de seu pai se não entendessem o que ele fala, ou talvez gostassem menos. É difícil dizer. Mas se entenderem o que ele está dizendo, pelo menos têm condição de decidir.

Olhei atenta para Anatole.

— Então você respeita meu pai?

— Respeito o que já vi. Nada fica igual depois que alguém entra na sua casa trazendo presentes. Digamos que ele traga uma panela. Você já tem uma, e gosta dela, mas talvez esta seja maior. Você fica alegre e dá a velha para sua irmã. Ou a nova tem um furo no fundo. Então você agradece ao visitante e depois que ele foi embora, você usa a panela para dar escama de peixe para as galinhas.

— Então você está sendo educado. Você não acredita em Jesus Cristo.

Ele estalou a língua.

— A minha crença não é importante. Sou um professor. Devo acreditar na tabuada de multiplicação? Devo acreditar na *langue française*, com seu excesso de letras penduradas em toda palavra, como crianças preguiçosas? Não importa. As pessoas têm de entender o que estão escolhendo. Já vi muitos homens brancos chegar à nossa casa com presentes que nunca tínhamos visto. Tesouras, remédios ou um motor para a canoa. Talvez livros. Quem sabe um plano para garimpar diamantes ou plantar borracha. Ou histórias sobre Jesus. Algumas dessas coisas parecem interessantes, outras nem tanto. É importante saber decidir.

— E se você não traduzir as histórias da Bíblia, as pessoas talvez resolvam

ser cristãs pelas razões erradas. Poderiam pensar que, como nosso Deus lhes deu a tesoura ou o remédio contra malária, deve ser a escolha certa.

Ele sorriu e me olhou de lado.

— Esta palavra, *béene-béene*, você quer saber o que significa, não é verdade?

— É.

— Significa tão verdadeira quanto a verdade.

Senti o rosto enrubescer, e o embaraço me fez ainda mais rubra. Tentei imaginar alguma coisa para dizer, mas não consegui. Meus olhos voltaram para as frases em francês que eu ainda não sabia traduzir. Finalmente eu disse.

— Anatole, se você pudesse ter o que quisesse, o que você gostaria de ter.

Sem hesitar ele respondeu.

— Ver o mapa do mundo inteiro, de uma só vez.

— Você nunca viu um?

— Nunca vi um mapa de todo o mundo ao mesmo tempo. Não consigo imaginar se é um triângulo, um círculo ou um quadrado.

Fiquei estupefata.

— É redondo.

Como ele poderia não saber? Ele tinha frequentado as escolas das plantações, tinha trabalhado em casas cheias de livros. Ele falava um inglês melhor que o de Rachel. Ainda assim ele não sabia a verdadeira forma do mundo.

Juntei as mãos em concha.

— Não é um círculo, é mais ou menos assim. É redondo como uma bola. É verdade que você nunca viu um globo?

— Já ouvi falar do globo. Um mapa sobre uma bola. Acho que nunca entendi muito bem, pois nunca consegui imaginar como as duas coisas se ajustam. Você já viu?

— Anatole, eu *tenho* um globo. Nos Estados Unidos, muita gente tem.

Ele riu.

— Para quê? Para saber onde ir com o automóvel?

— Não estou brincando. Há globos na sala de aula e por toda parte. Já passei tanto tempo olhando globos, que é provável que eu consiga *fazer* um.

Ele me lançou um olhar duvidoso.

— Posso, sim. De verdade. Se você me arramar uma cabaça bem redonda e limpa, eu faço um globo para você.

— Eu quero, e muito. — Agora ele estava falando comigo como falaria com um adulto, não mais uma criança. Pela primeira vez tive certeza disto.

— Quer saber de uma coisa? Eu não devia estar ensinando matemática.

Gostaria de ensinar é geografia. Eu poderia falar dos oceanos, das cidades e de todas as maravilhas do mundo.

Ele sorriu meio triste.

— Béene, eles não iam acreditar em você.

Rachel

Um dia depois do meu aniversário, Axelroot apareceu e nós saímos para passear. Eu já sabia mais ou menos quando ele ia aparecer. A rotina dele era voar para algum destino misterioso na quinta-feira, retornar na segunda e aparecer em casa na terça. Eu tinha posto meu *tailleur* cor verde-veneno, que agora já desbotou oficialmente para um cinza-veneno e perdeu dois botões. Na primeira metade do ano passado eu pedia a Deus um espelho de corpo inteiro, e no segundo rezava ainda mais para não ter. Mesmo assim, quem vai ligar se o meu *tailleur* não é perfeito? Não era um namoro, só um namoro de mentira para manter as aparências. Minha ideia era passear com ele pela aldeia, e nem um palmo a mais. Jurei para Mamãe que não ia pôr os pés na floresta com ele, e que ia sempre estar à vista. Ela diz que não confia nele quando está longe, e pode acreditar, pelo olhar, ela gostaria de jogar ele para bem longe daqui. Mas ele é educado e deu uma melhorada no estilo. Ali parado me esperando junto à porta, com o uniforme cáqui sanforizado de lavar e vestir, os óculos *ray-ban* ele é quase bonito. Se fosse possível ignorar os sinais evidentes de que ele é um idiota diplomado.

Assim nós saímos a passear pelo calor sufocante do dia vinte e um de agosto de mil novecentos e sessenta. Os insetos voando faziam tanto barulho que os ouvidos doíam, e uns passarinhos vermelhos pousados na ponta de talos altos de grama balançavam para lá e para cá. Fora da aldeia, a grama elefante cresce tanto dos dois lados da estrada, que se encontra no alto, formando uma espécie de túnel sombreado. Às vezes o Congo é quase bonito. *Quase*. E então, exatamente neste momento, uma barata de dez centímetros atravessa o caminho, bem na sua frente. Pois foi exatamente o que aconteceu naquele momento, e Axelroot pulou e esmagou a barata. Não consegui olhar. O som já foi ruim demais, pode crer. Uma mistura de estalo com esguicho. Mas acho que foi um gesto civaleiresco da parte dele.

— Tenho de reconhecer que de vez em quando é bom a gente se sentir protegida. Lá em casa, se aparecer uma barata gigante alguém vai tentar transformar ela em bicho de estimação ou cozinhar para o almoço.

— Você tem uma família estranha.

— *E como!* Acho que é a forma mais educada de falar isso.

— Já tem algum tempo que eu estou querendo te perguntar. O que

aconteceu com a sua irmã?

— Qual delas? Acho que as três caíram de cabeça no chão quando eram bebês.

Ele riu.

— A que manca. Adah.

— Ah, ela. Hemipelgia. Metade do cérebro dela se estragou antes dela nascer, e a outra metade teve de assumir tudo, e por isso ela faz algumas coisas de trás para frente. — Já estou acostumada a dar explicações científicas sobre a Adah.

— Sei. Você sabe que ela anda me espionando?

— Ela espiona todo mundo. Não é nada pessoal. A ideia que ela faz de uma boa conversa é ficar olhando os outros sem dar um pio.

Passamos em frente da casa de Mama Mwanza e na frente de uma porção de outras casas com velhos sentados em baldes e sem nenhum dente na boca. Também fomos apresentados pela presença de crianças correndo em volta absolutamente nuas, a não ser por um colarzinho de contas em volta da barriga. E eu pergunto, que me importa? Elas correram para a estrada para ver quem conseguia chegar mais perto, antes de gritar e sair correndo. Este é o brinquedo mais popular. As mulheres todas estavam nos campos de mandioca, pois ainda nem era meio-dia.

Axelroot tirou do bolso um maço de *Lucky Strike* e me ofereceu um. Eu ri e comecei a explicar que ainda era muito nova, mas aí eu lembrei, pôxa, eu já tinha *dezessete anos*. Eu ia fumar, bastava querer, e por que não? Até alguns batistas fumam, dependendo da ocasião. Aceitei um.

— Obrigada. Você sabe, ontem eu completei dezessete anos.

Parei na sombra de uma palmeira com o cigarro apoiado de leve nos lábios e esperei ele acender para mim.

— Parabéns. Pensei que você fosse mais velha — disse ele, através do cigarro que tinha na boca.

Aquilo já foi bem bacana, mas não foi nem a metade do que aconteceu depois. Ali mesmo, no meio da estrada, ele pegou o cigarro da minha boca e pôs na dele, acendeu um fósforo na unha e acendeu os dois juntos, exatamente igual ao Humphrey Bogart. Então ele colocou gentilmente o cigarro nos meus lábios. Foi quase como se a gente tivesse beijado. Senti um calafrio na espinha, mas não sei bem se foi um calafrio ou um arrepio. Às vezes não é fácil perceber a diferença. Tentei segurar o filtro entre os dedos, como as garotas nas revistas. Até aí, tudo bem, fumar era bom. Então eu aspirei a fumaça, e soprei a fumaça através dos lábios meio fechados, e quase instantaneamente senti tonteira. Tossi uma ou duas vezes e Axelroot riu.

— Tem muito tempo que eu não fumo. Você sabe como é difícil arranjar as coisas por aqui.

— Posso trazer tantos cigarros americanos quantos você quiser. Basta pedir.

— Bem. Eu preferia não comentar isso com meus pais. Eles não gostam de fumar. — Então me ocorreu, como ele ia arranjar cigarros americanos num país onde a gente não consegue comprar nem papel higiênico? — Você conhece muita gente importante, não é?

Ele riu.

— Princesa, você não sabe da festa nem a metade.

— Tenho certeza que não.

Um grupo de homens jovens estava no teto da igreja-escola consertando o telhado com folhas novas de palmeira. Papai deve ter organizado esse *mutirão*, pensei, e então entrei em pânico: que os céus me ajudem! Eu estava refrescando o hálito com um *Lucky Strike* em plena luz do dia. Mas olhei em volta e vi que Papai não estava por perto, graças ao Senhor. Só tinha um grupo de homens cantando e falando na língua do Congo e arramando um teto, nada mais.

Por que consertar o teto agora? Era uma boa pergunta. No ano passado, perto do meu aniversário, chovia todo santo dia, mas neste verão, nem uma gota. Só os insetos trilhando no meio do mato seco e o ar cada vez mais pesado e úmido. Acho que a umidade fazia as pessoas pensar em outra coisa.

Neste instante um grupo grande de mulheres passou por nós, voltando dos campos de mandioca. Carregavam na cabeça feixes enormes de raízes escuras amarradas com cordas. Elas andavam devagar, pondo um pé na frente do outro, com o corpo envolto em *pagnes* coloridos e a cabeça reta e alta — sinceramente, embora possa parecer estranho eu dizer isto, elas pareciam manequins de alta moda. Acho que já faz muito tempo desde que eu vi a última revista de moda. Mas achei que algumas eram bem bonitas, à sua moda. Parece que Axelroot também achou. Saudou com um toque na aba do chapéu, que ele deve ter esquecido que não estava usando.

— *Mbote a-akento akwa Kilanga. Bënzika kooko.*

Todas elas viraram o rosto para o outro lado. Foi muito estranho.

Depois que elas passaram eu perguntei:

— O quê você falou para elas?

— Oi, mulheres de Kilanga. Por que vocês não me dão um beijinho, só para variar? Foi mais ou menos isso o que eu disse.

— É claro que nenhuma delas ficou interessada.

— Elas preferem evitar problemas com um marido ciumento — disse ele, rindo.

É isso que eu quero explicar a respeito de Axelroot: a gente não pode

esquecer um minuto o idiota que ele é. Ali, na minha frente, sua noiva, ele estava paquerando toda a contribuição feminina de Kilanga. E o comentário a respeito dos maridos ciumentos. Pelo que eu sei, ninguém em Kilanga gosta dele — nem homem, nem mulher. Mamãe e Papai já comentaram isso. As mulheres parecem ter o maior desprezo por ele. Sempre que ele tentava negociar com elas para levar a mandioca e bananas para vender em Stanleyville, eu mesmo tinha visto as mulheres cuspirem no pé dele.

— Não tem problema. Eu prefiro *a-akento akwa* Elisabethville.

— E o que têm de especial as mulheres de Elisabethville?

Ele levantou um pouco a cabeça, deu um sorriso e soprou a fumaça no céu úmido. Parecia que finalmente ia chover, de verdade. Dava para sentir o ar como um bafo quente sobre todo o corpo, até debaixo das roupas.

— Experiência — respondeu.

Senti que era melhor mudar o ramo da conversa. Puxei uma pequena fumaça do meu cigarro, sem aspirar muito. Ainda estava meio tonta.

— De qualquer forma, onde fica Elisabethville?

— No sul, na província de Katanga. Ou melhor, na nova nação de Katanga. Você já soube que Katanga declarou a secessão do Congo?

Dei um suspiro, sentindo a cabeça leve.

— Muito bom para eles, se já souberem quem é o sucessor. É para lá que você vai quando viaja?

— Às vezes. A partir de agora, mais do que às vezes.

— É mesmo? Você recebeu novas ordens do comando.

— Você nem imagina — disse ele. Eu já estava ficando cansada de ouvir ele dizer que eu não imagino. Será que ele acha que eu sou uma criança?

— É claro que não. — Tínhamos chegado ao fim da aldeia, depois da casa do chefe, onde estava Tata Ndu, que a gente fazia questão que nos visse juntos mas tinha esquecido completamente. Agora estávamos já fora da aldeia, onde já não existem cabanas e a grama elefante começa a se misturar no alto com a floresta. Eu tinha jurado que não ia sair da aldeia, mas mudar de ideia é provocativa das mulheres. Axelroot continuou andando, e de repente achei que não valia a pena dar importância para o que acontecesse. Também continuei andando. Talvez fosse o cigarro: estava me sentindo mais corajosa. Do fundo do coração, decidi que tinha de convencê-lo, de qualquer jeito, a nos levar embora daqui. De qualquer forma, na floresta estava mais fresco e silencioso. Se prestasse atenção, a gente só ouvia os pios de passarinhos, com muito silêncio nos intervalos, e esses dois sons juntos, de alguma forma, pareciam fazer ainda menos barulho que a falta completa de som. Tinha muitas sombras, quase parecia noite, apesar de ser ainda pleno dia. Axelroot parou e apagou o cigarro

com a bota. Tirou o meu cigarro, segurou meu rosto e começou a me beijar. Puxa vida! Meu primeiro beijo, e eu nem estava preparada. Eu queria e não queria que ele me beijasse. Mas o querer era mais forte. Tinha gosto de fumo e sal, e toda a experiência era muito molhada. Finalmente eu o afastei.

— Já basta *disto*. Se a gente vai fazer alguma coisa, vamos fazer onde as pessoas vejam.

Ele sorriu e passou a mão pela minha face.

— Ora, ora. Eu esperava mais recato da filha do pastor.

— Eu te mostro a filha do pastor. Vá para o inferno, Axelroot!

Eu tinha me virado e comecei a voltar depressa para a aldeia. Ele me alcançou e pôs a mão no meu ombro para me fazer andar mais devagar.

— Não podemos deixar Tata Ndu nos ver brigando — disse ele, inclinándose sobre a minha face.

Girei a cabeça e meu cabelo voou sobre a sua cara enxerida. De qualquer jeito, a gente ainda estava na floresta, ainda longe da casa de Tata Ndu ou de qualquer outra pessoa.

— Vamos, dê um sorriso. Um sorriso e eu lhe conto o segredo mais secreto da África.

— Oh, é óbvio — disse eu, mas a verdade é que eu estava curiosa.

Olhei para ele.

— E então, qual é o segredo? A minha família vai voltar para casa?

Ele riu.

— Você ainda acha que está no epicentro do continente, não é, Princesa?

— Não seja ridículo. — Eu ia ter de perguntar para Leah se um *epicentro* significava coisa boa ou ruim. Se o seu noivo diz que você é um, o melhor é ter certeza.

Ele me segurou até a gente estar andando a passo de lesma. Fiquei nervosa. Mas ele ia me contar um segredo, bastava eu esperar. Era claro que ele estava louco para contar, portanto eu não perguntei. Já sei uma ou duas coisas sobre os homens. Finalmente ele disse.

— Alguém vai morrer.

— Muito bem, que grande surpresa! Alguém morre por aqui a cada dez segundos e meio. — Mas é claro que eu estava pensando: *Quem?* Tive um pouco de medo, mas não perguntei. Continuamos andando, passo a passo. Eu não tinha escolha, ele ainda estava com o braço no meu ombro.

— Alguém importante.

— Todo mundo é importante. Aos olhos de Nosso Senhor Jesus Cristo, todo mundo é importante. Até os passarinhos que caem do ninho.

Ele não deu a menor importância.

— Princesa, você ainda tem muito a aprender. Vivo, a longo prazo ninguém é importante. Mortos, alguns homens são muito mais importantes que outros.

Já estava cansada deste jogo de adivinhação.

— Muito bem. *Quem?*

Ele chegou a boca tão perto do meu ouvido que senti seus lábios nos meus cabelos. Sussurrou.

— *Lumumba.*

— Patrice Lumumba, o *Presidente*? Ou seja lá o que ele for. O que foi eleito?

— Está praticamente morto — disse numa voz sussurrada que me gelou o sangue.

— Quer dizer, ele está doente ou alguma coisa assim?

— Quero dizer que o número dele foi sorteado. Ele vai ser morto.

— E como você sabe disto?

Ele brincou comigo.

— Sei disto porque estou em posição de saber. Pode crer, irmã. Ontem o Chefão mandou um telegrama para o diabo-mor com ordens de substituir o governo do Congo pela força. E eu interceptei a notícia em código no meu rádio. Garanto que as minhas ordens chegam no fim da semana.

Tenho certeza que tudo isto é mentira, porque ninguém na aldeia tem rádio. Mas eu deixei ele contar seus mistérios, já que ele gostava. Ele disse que o diabo-mor ia usar seus agentes para convencer o exército a ficar contra Lumumba. Parece que este diabo-mor ia receber um milhão de dólares dos Estados Unidos para pagar soldados para derrubar o homem que tinha acabado de ser eleito. Um milhão de dólares! E não sobrava nem uns míseros cinquenta dólares por mês para a gente se manter. Era muito provável! Senti pena de Axelroot, querendo tanto me impressionar para ganhar um beijo, que ficava inventando essas histórias ridículas. Posso ser filha de um pastor, mas já aprendi algumas coisas. E uma delas é que, quando um homem quer um beijo, ele age como se estivesse a ponto de fazer alguma coisa que vai mudar o mundo inteiro.

Adah

Pressentimento — esta longa Sombra — no Gramado —

Indicativa de que o Sol se põe —

O Aviso à Grama assustada

De que a Noite — já se impõe —

Pena da pobre grama assustada, eu tenho. *Eõpmi es áj*. Gosto de Miss Emily Dickinson. *No snikcidy lime*, um nome contrário com um gosto delicioso, azedo e verde. Ao ler seus segredos e as pequenas crueldades delicadas de seu coração, tenho a impressão de que ela *gostava* de pegar de surpresa a pobre grama no seu poema. Oprimida no próprio corpo, vestida de negro, curvada sobre o caderno de notas, as cortinas fechadas sobre as pessoas felizes e descuidadas lá de fora, ela emite pequenos sons raspados com a pena, cobrindo com a noite todas as criaturas que já deveriam saber o que as espera, mas não sabem. Ela se apreciava melhor no escuro, como eu.

No escuro, quando todos os gatos são igualmente pardos, eu me movo graciosamente, como qualquer outra. *Bënduka* é a moça aleijada que anda devagar, mas também é o nome de um pássaro veloz, a andorinha de asas curvas que voa como uma flecha entre os galhos das árvores perto do rio. Esta eu consigo seguir. Sou a gata preta elegante que sai deslizando da casa, como uma sombra líquida, depois que escurece. A noite é o tempo de ver sem ser vista. Com minha própria sombra estreita por barco, navego os rios de luar que correm entre ilhas de sombra no bosque de tamareiras. Morcegos furam a noite com gritos de sino, como se fossem facas. *Morcegos sogecrom!* E as corujas invocam *bikinda*, os espíritos da morte. As corujas, famintas como todo mundo, procuram almas para comer.

Na longa morte das crianças de *kakakaka* eu vi o ar mudar de cor: estava azul por causa da *biläla*, o lamento pelos mortos. Entrou na nossa casa, onde nossa mãe tampou nossos ouvidos e a própria boca. *Bi la ye bandu!* Por quê por quê, cantavam na nossa frente, as mães que cambaleavam pela estrada, seguindo os pequenos cadáveres firmemente enrolados, mães caminhando de joelhos, como loucas, a boca muito aberta, como um buraco no mosquiteiro. Aquele buraco da boca! Um lugar rasgado no espírito por onde entram e saem as pequenas agonias. Mães com os olhos fechados, apertados, os músculos escuros das faces contraídos, a cabeça oscilando para lá e para cá enquanto elas

passavam. Tudo isto nós vimos da janela. Duas vezes eu ainda vi mais. O reverendo nos proibiu de observar qualquer ritual que não tivesse sido convidado a presidir, mas naquela noite, eu saí para espiar os funerais. Dentro de um bosque de árvores, as mães se atiravam sobre os montes de terra que escondiam seus filhos. Elas rastejavam sobre as mãos e os joelhos, tentavam comer a terra das sepulturas. Outras mulheres tinham de afastá-las. As corujas piam e piam, e o ar deve estar carregado dos espíritos dos meninos mortos.

Desde então passaram-se meses, e o reverendo conversou com todas as mães que perderam filhos. Algumas já estão grávidas outra vez. Ele volta para a família depois de um dia longo de trabalho: aquelas mulheres não querem falar dos mortos. Não dizem o nome dos filhos. Ele tentou explicar como o batismo — *batiza* — teria mudado tudo. Mas as mães lhe dizem não, não, elas tinham atado o *nkisi* em volta do pescoço ou do pulso do filho, um feitiço do Nganga Kuvudundu para afastar o mal. Elas foram boas mães e não se esqueceram desta proteção, dizem ao reverendo. Alguém possuía um mal mais poderoso. Pai Nosso tenta fazer com que entendam que *batiza* não é um feitiço, mas um contrato com Jesus Cristo. Se tivessem sido batizadas, as crianças agora estariam no céu.

E as mães olham desconfiadas para ele. Se minha filha estivesse no *céu*, ela poderia tomar conta de meu filhinho enquanto eu estou no campo de mandioca? Poderia buscar água para mim? Um filho no *céu* poderia ter mulheres para cuidar de mim na velhice?

Pai Nosso vê no seu tom irônico e egoísta uma indicação de ausência do verdadeiro sofrimento. Daí a sua conclusão científica: os congolese não se ligam aos filhos, como nós americanos. Ah, que homem do mundo, o Pai Nosso. Está escrevendo um artigo erudito para os intelectuais batistas de nossa terra.

Do lado de fora da casa de Toorlexa Nebée olho pela janela, ohlo, ãipse amu uos ue, no escuro, um olho esquerdo pequeno olha encostado na janela. Folhas de bananeira cobrem o vidro sujo, como cortinas de papel, deixando longos triângulos abertos para meu olho. Uma tarde, Toorlexa Nebée me pegou perto de sua latrina, *vagabundando*, segundo ele, como se aquele lugar fedorento fosse um abrigo cobijado e eu estivesse implorando seus excrementos, e agora ele acredita que me assustou de uma vez por todas. Todas as boas e as más. Agora só vou à noite, quando tudo é mais simples: figuras nítidas lá dentro, seu rosto e o rádio cercados de diabólicos halos brilhantes formados pela luz de querosene. O rádio, uma massa viva de fios que vaza do baú, uma congregação viva de cobras. Ele fala através das cobras e fala coisas impronunciáveis. Nomes em

código. Alguns eu entendo: Eugor I-W, W-I Rogue. Uma espécie de nome de alguma espécie de homem. Por entre duas folhas, finalmente eu vi W. I. Rogue. Veio no avião ao anoitecer e ficou até o amanhecer, escondido na casa de Toorlexa. Os dois homens beberam uísque pela boca da garrafa. Pronunciaram uma ladainha de nomes para as cobras. Falaram outros nomes um para o outro.

Repetem sempre: praticamente morto. Patrice Lumumba. A voz no rádio disse este nome muitas vezes. Mas o nome que os dois homens falaram entre si foi O Presidente. Não Lumumba. Presidente: Eisenhower, We Like Ike, Eki Ekil Ew. O Rei da América quer mandar matar, no Congo, um homem alto e magro. Muitas pedrinhas foram atiradas a favor da garrafa. A garrafa tem de ser quebrada.

Senti os joelhos falsearem, uma palpitação me fez cair. Já estou acostumada com a fraqueza do corpo, mas não com a fraqueza má e repentina de um corpo infectado por uma surpresa horrível. Por este segredo: o careca sorridente com cara de avô tem outra face. Ele fala através de cobras e ordena que um presidente muito distante, depois que se levaram todas aquelas pedrinhas rio acima em canoas preciosas que não viraram, este Presidente Lumumba tem de ser morto.

Voltei para a cama e escrevi o que tinha visto e ouvido, então tornei a escrever o final de trás para diante. Olhei para as palavras no meu caderno, meu poema cativo: *Ratam ama euq eki somama*.

Pela manhã a surpresa tinha perdido o poder de chocar. Realmente, à luz do dia, onde está a surpresa? Em que Deus é diferente daquele Avô, se também condena as crianças africanas ao inferno por terem nascido muito longe de uma igreja batista? Gostaria de poder me levantar agora, na escola dominical, e perguntar: a África pode revidar? Aqueles bebês pagãos podem nos mandar para o inferno por estarmos tão longe da floresta? Por não termos provado o sacramento das palmeiras? Ou aquele homem alto e magro poderia se levantar e declarar: “Não gostamos de Ike?” É uma pena, mas neste caso Ike poderia ser morto por uma flecha envenenada? As revistas certamente teriam o que comentar a respeito de tudo isto. Que tipo de homem haveria de querer matar o presidente de outro país? Somente um bárbaro. Um homem com um osso preso no cabelo.

Não quero ver mais nada, mas mesmo assim eu volto, a Ada da escuridão, Ada danada e desvairada. Ada que jura vestir a escuridão e rabiscar poemas terríveis. Ah! Quero fazer a sombra passar sobre todos os rostos limpos e assustados, todos aqueles que acreditam em presidentes avôs. A começar por Leah.

Convocada para o meio das bananeiras mudas no silêncio da noite, eu escuto. Joe vem de Paris, fez um veneno que imita uma doença congoleza, uma

simples morte africana para Lumumba. W. I. Rogue diz que o veneno vai ser colocado num tubo de pasta de dentes. Toorlexa ri e ri, pois aqui ninguém usa escova de dentes. Todo mundo masca a erva *muteete* para limpar os dentes. Toorlexa fica irritado. Ele já vive aqui há dez anos, ele é quem conhece. Ele devia ser o dono do espetáculo. E eu penso, qual é o espetáculo?

Através dos triângulos entre as folhas de bananeira eu vi rostos com halos de fogo rindo ante a promessa da morte eterna. Pressentimento, aquela longa sombra passa, e nós somos a grama assustada.

Leah

Esta noite horrível foi a mais terrível que já vimos: a *nsongonya*. Caíram sobre nós como um pesadelo. O barulho de Nelson esmurrando a porta de trás se misturou ao meu sono, de forma que, mesmo depois de acordada, as horas que se seguiram tiveram a presença fugidia de um sonho. Antes mesmo de saber onde estava, eu me vi arrastada por alguém no escuro e uma dor horrorosa envolvendo minhas pernas. Estávamos vadeando uma água muito quente, pensei, mas não podia ser água e tentei perguntar o nome daquele líquido fervente que tinha inundado nossa casa — não, já estávamos fora de casa — que tinha inundado o mundo todo.

“*Nsongonya*”, gritavam, “*les fourmis! Un corps d’armée!*”

Formigas. Estávamos pisando sobre, cercados por, envolvidos por, sendo comidos *por formigas*. Todas as superfícies estavam cobertas e fervendo, e o caminho que elas percorriam parecia um rio de lava negra escorrendo sob o luar. Grandes troncos escuros e bulbosos ferviam e inchavam. A grama tinha se transformado num campo de adagas escuras levantadas, agitando-se e cobrindo-se umas às outras. Nós corríamos sobre as formigas, liberando um cheiro avinagrado na noite estranha e tranquila. Quase ninguém falava. Nós apenas corríamos, o mais rápido possível, ao lado dos vizinhos. Os adultos carregavam filhos e cabritos; as crianças carregavam panelas de alimento, cachorros e os irmãos menores, toda a aldeia de Kilanga. Pensei em Mama Mwanza: Será que seus filhos preguiçosos a carregaram? Uma multidão, corremos todos juntos pela estrada como uma correnteza até chegar ao rio, e ali nós paramos. Todos nós, saltando de um pé para o outro, dando-nos tapas, alguns gemendo de dor, mas somente os bebês gritavam e gemiam a plenos pulmões. Homens fortes se afundaram lentamente na água que chegava à cintura, puxando as canoas, enquanto esperávamos para entrar na canoa de alguém.

— Béene, onde está a sua família?

Pulei. A pessoa ao meu lado era Anatole.

— Não sei onde eles estão. Oh, meu Deus. A Adah vai ser devorada viva. A Adah e a Ruth May.

A mão dele tocou a minha no escuro.

— Vou encontrá-las. Fique aqui e espere até eu voltar.

Ele falou baixinho com alguém ao meu lado, e depois desapareceu. Parecia

impossível ficar parada quando o chão estava preto de formigas, mas não havia para onde fugir. *Como pude deixar Adah para trás mais uma vez?* Uma vez no útero, a segunda para o leão, e agora, como Simão Pedro, eu a tinha negado pela terceira vez. Procurei por ela, por Mamãe ou qualquer outro, mas só via outras mães correndo para a água com crianças soluçando e tentando limpar-lhes o corpo, pernas, braços e rosto, lavando e esfregando as formigas. Alguns velhos tinham entrado na água até o pescoço. Lá no meio do rio eu via a cabeça preta e branca, já meio calva, de Mama Lalaba, que deve ter decidido que os crocodilos eram preferíveis à morte pela *nsongonya*. O resto de nós esperou no raso, onde o brilho da água estava velado por uma renda de formigas mortas. *Pai, perdoai-me conforme a grandeza da sua misericórdia. Fiz tudo tão errado, e agora não haverá mais saída para nenhum de nós.* Uma lua enorme tremia na superfície escura do Rio Kwilu. Olhei atenta para o reflexo cor-de-rosa, certa de que esta seria minha última visão, antes que meus olhos fossem devorados do crânio. Apesar de não merecer, queria subir ao céu levando uma lembrança de beleza do Congo.

Rachel

Pensei que tinha morrido e ido para o inferno. Mas era muito pior — eu estava viva no inferno.

Enquanto todo mundo estava fugindo da casa, olhei em volta para decidir o que levar comigo. Estava muito escuro e eu mal conseguia ver, mas tive muita presença de espírito. Só tinha tempo para salvar uma coisa preciosa. Alguma coisa de casa. Não as minhas roupas, não havia tempo, nem a Bíblia — não parecia importante, que Deus me perdoe. Tinha de ser o meu espelho. Mamãe estava gritando conosco da porta com toda a força dos pulmões, mas eu voltei e passei por ela e entrei, sabendo exatamente o que tinha de fazer. Agarrei meu espelho. Quebrei a moldura que Nelson fez para ele e o arranquei da parede. E então corri o mais rápido que minhas pernas permitiam.

Na estrada, era uma confusão de empurrões, estranhos me tocando e me empurrando. Uma noite de cem cheiros. As formigas estavam me cobrindo, devorando minha pele, desde os calcanhares, subindo pelas pernas debaixo do pijama e indo parar lá onde só Deus sabe. Papai estava por perto, porque eu ouvia seus gritos a respeito de Moisés e do Egito e do rio que corria sangue, e sei mais o quê. Agarrei meu espelho ao peito, para não deixar ele perder nem quebrar.

Todo mundo estava correndo para o rio. De início, eu não sabia por quê ou para onde, mas isto não era importante. Eu não podia ir para nenhum outro lugar, pois a multidão estava levando a gente. Isto me fez lembrar de uma coisa que eu tinha lido em algum lugar: quando a gente está num teatro lotado e começa um incêndio, a gente abre os cotovelos e levanta os pés. O nome do livro era *Como sobreviver a 101 calamidades*, e ensinava como proceder em qualquer situação de perigo — elevadores em queda, desastres de trem, incêndios em cinemas excetera. E graças a Deus eu tinha lido, porque esta era uma situação difícil e eu sabia exatamente o que fazer! Enfiei os cotovelos com força nas costelas das pessoas que estavam me esmagando e me encaixei. Então eu levantei os pés, e tudo funcionou uma maravilha. Em vez de ser pisoteada, eu estava mais ou menos flutuando, como um pedaço de pau no rio, levada pela força de todo mundo em volta.

Mas quando chegamos ao rio, meu mundo caiu. A corrida foi interrompida de repente, mas mesmo assim as formigas estavam fervendo em torno da gente.

No instante que pus os pés no chão, elas me cobriram completamente. Não conseguia suportar nem mais um instante e queria morrer. Meu cabelo estava cheio de formigas. Nunca, na minha infância inocente, eu tinha sido preparada para estar no Congo numa noite escura, com uma multidão de formigas rasgando minha cabeça. Melhor ser cozida num caldeirão de canibais. A que ponto chegou a minha vida.

Depois de um momento, percebi que as pessoas estavam fugindo para as canoas. Gritei para ser posta numa canoa, mas todos me ignoraram. Por mais forte que eu gritasse. Papai estava por perto, tentando fazer aquela gente parar e rezar pela salvação, mas ninguém prestava atenção nele. Então vi Mama Mwanza sendo levada nas costas do marido até uma canoa. Passaram por mim sem nem me ver! Era lógico que ela merecia toda ajuda, mas eu tenho uma constituição muito delicada.

Entrei no rio atrás deles e tentei entrar na canoa da família. Todos os filhos ainda estavam subindo, e como sou vizinha, achei que eles iam me acolher, mas de repente fui jogada para trás pelo braço de alguém batendo no meu rosto. Uma senhora pancada, e muito obrigada! Caí na lama. Antes mesmo de entender o que tinha acontecido, meu precioso espelho escorregou e rachou contra o lado da canoa. Recolhi os cacos na lama, mas eles escorregaram e tornaram a cair, como facas enfiadas na lama. Fiquei lá chocada, olhando a canoa se afastar da margem. Eles me abandonaram. E meu espelho, espalhado em torno de mim, refletia a lua de formas loucas. Me abandonaram completamente, no meio daquele azar e do céu quebrado.

Ruth May

Todo mundo estava gritando, e eu bati as pernas para descer, mas não conseguia porque Mama estava me segurando tão apertado que estava me machucando o braço. *Dorme neném.* Ela estava correndo e o canto ficava meio pulado. Ela costumava cantar para mim: *Dorme meu bem! Mamãe vai comprar um espelho para você!*

Ela ia comprar de tudo para mim, mesmo que tudo depois estragasse ou desse tudo errado.

Quando a gente chegou lá onde todo mundo estava, ela me pôs em cima do ombro e entrou de lado numa canoa. Alguém me segurou e o barco estava balançando. Nós sentamos. Estava doendo, as formiguinhas estavam mordendo a gente toda e estava queimando. Aquele dia Leah deu uma formiguinha para a formiga-leão comer, Jesus viu. Agora as amigas voltaram todas para nos comer.

Então nós vimos Adah. Mama estendeu as mãos para ela e começou a chorar e falar gritando, chorando e falando ao mesmo tempo, então alguém me segurou. Foi um congelês, nem era mais a Mama, então eu também chorei. Agora, quem vai comprar para mim um espelho que quebra e um passarinho que não canta? Eu chutei e chutei, mas ele não me largou. Ouvi bebês chorando e mulheres chorando, mas não podia virar a cabeça para ver. Eu estava indo para longe de Mama, era tudo o que eu sabia.

Nelson me disse para pensar num lugar bom para ir, assim quando você for morrer, você não morre, desaparece e vai para aquele lugar. Ele me disse para pensar naquele lugar todo dia e toda noite, assim meu espírito vai saber o caminho. Mas eu não pensei. Eu sabia onde era seguro, mas depois que eu melhorei, esqueci de pensar. Mas quando Mama correu pela estrada comigo, eu vi que todo mundo ia morrer. Todo mundo gritando e chorando. Tanto barulho. Pus os dedos nos ouvidos e tentei pensar no lugar mais seguro.

Já sei o que é: é a cobra mamba verde, lá no alto da árvore. A gente não tem mais de ter medo dela, porque a gente também é uma delas. Elas ficam tão quietinhas no galho; elas ficam iguais à árvore. A gente pode estar pertinho de uma e nem notar. Lá é tão tranquilo. É para lá que eu quero ir, e é lá que eu quero ficar quando tiver de desaparecer. Os olhos ficam pequeninos e redondos, mas a gente está tão longe lá no alto, que dá para olhar para baixo e ver o mundo todo, Mama e todo mundo. As tribos de Cam, Sem e Jafet, todas juntas.

Finalmente a gente é a mais alta de todos.

Adah

Estava viva até ver o mal.

Agora estou do outro lado da noite e já posso contar a história, portanto, talvez eu esteja viva, apesar de não sentir o menor sinal de vida. E talvez o que eu vi não tenha sido o mal, mas corações de verdade quando o medo arrancou a casca dos gentis fingimentos. Será maldade alguém olhar a própria filha, então erguer alguma coisa nos braços e sair correndo?

Acenar, agarrar, abandonar.

Mamãe, eu a entendo para frente e para trás.

Estava viva até ver o mal.

Acho que, se o critério fosse o meu valor, eu poderia ter sido devorada na minha cama. Num momento, viva, e no seguinte, *abandonada*. Arrancadas da cama por alguma coisa, alguém ou a confusão, barulho e gritaria, minhas irmãs pularam gritando e se foram. Eu não conseguia emitir sequer um som por causa das formigas na minha garganta. Arrastei-me para fora, para o luar, e me deparei com o pesadelo do chão vermelho escuro e fervendo. Nada conseguia ficar parado, nem homem nem animal, nem a grama que tremia sob a sombra escura e faminta. Nem mesmo a grama assustada.

Só minha mãe estava parada. Lá estava ela, plantada diante de mim na estrada, erguida sobre as pernas finas acima da terra devoradora e sem raiz. Nos braços, como a cruz do amor de mãe, Ruth May.

Falei alto, uma única vez: ajude-me.

— Seu pai... Acho que ele foi na frente com Rachel. Ele podia ter esperado para te levar, minha querida, mas Rachel estava... Não sei como ela vai sair desta. Leah consegue. Leah sabe tomar conta de si.

— *Ela sabe você não sabe você não sabe!*

Falei de novo: Por favor.

Ela me estudou por um momento, avaliando minha vida. Então ela acenou com a cabeça, acomodou a carga nos braços e foi embora.

— Venha comigo! — Ela ordenou sobre o ombro. Tentei seguir de perto, mas mesmo com o peso de Ruth May, ela avançava sinuosa e rapidamente pela multidão. Meus calcanhares estavam sendo pisados por outros pés que vinham de trás. Estava sendo pisada, e apesar disso, eu já estava ficando insensível pelas picadas das formigas. Senti que ia cair. O pé descalço de alguém pisou na minha

perna e depois nas minhas costas, e eu estava sendo pisoteada. O peso dos pés no meu peito. Rolei mais de uma vez, cobrindo a cabeça com os braços. Consegui me apoiar sobre os cotovelos e me levantar, agarrando com minha forte mão esquerda pernas que me puxavam para frente. Formigas nas orelhas, na língua e nas pálpebras. Eu me ouvi gritar — um som tão estranho, como se viesse do meu cabelo e das unhas, e muitas vezes voltei a me levantar. Uma vez procurei minha mãe, e a vi lá na frente. Eu a seguia no meu próprio ritmo. Curvada na canção permanente de meu corpo: *esque... cida*.

Não sei quem me ergueu da multidão e me colocou na canoa ao lado de minha mãe. Tive de me virar depressa para vê-lo enquanto se afastava. Era Anatole. Cruzamos o rio juntas, mãe e filha, uma diante da outra, abaixadas no centro do barco silencioso. Ela tentou segurar minha mão, mas não conseguiu. Durante toda a travessia nós nos olhamos sem dizer uma palavra.

Naquela noite eu ainda pensei na razão por que ela não tinha me ajudado. *Estava viva até ver o mal*. Agora já não penso mais. Aquela noite marcou o centro escuro da minha vida, o momento em que terminou o processo de crescimento e começou a longa descida para a morte. O que agora me impressiona é o fato de eu ter pensado que eu valia o esforço de ser salva. E eu valia. *Valia, oh, como valia!* Avancei e agarrei a vida com a garra da minha mão esquerda, agarrei as pernas que passavam e me levantei da terra. Desesperada por me salvar no meio de um rio de gente que tentava se salvar. E se algum deles olhasse para baixo e me visse lutando sob eles, teria visto que até mesmo a menina aleijada acreditou que sua vida era preciosa. É este o significado de ser uma fera no reino.

Leah

Então, de repente, fui empurrada por trás e puxada para dentro de uma canoa por outras mãos, e estávamos na água, cruzando para a segurança. Anatole subiu atrás de mim. Fiquei aturdida ao ver que ele estava com Ruth May sobre os ombros, como se fosse um antílope recém-caçado.

— Ela está bem?

— Está dormindo, acho. Há vinte segundos ela estava berrando. Sua mãe e Adah seguiram na canoa de Tata Boanda.

— Graças a Deus. Adah está bem?

— Adah está bem. Rachel é um demônio. E seu pai está dando um sermão a respeito do exército do faraó e as pragas. Todo mundo está bem.

Agachei-me com o queixo apoiado nos joelhos e olhei meus pés descalços que passavam de marrons a pintados e finalmente a brancos, à medida que as formigas se espalhavam pelo fundo da canoa. Já quase não sentia dor — os pés que eu via pareciam ser de outra pessoa. Agarrei os dois lados da canoa, com medo de desmaiar ou vomitar de repente. Quando tornei a levantar a cabeça, perguntei tranquilamente a Anatole.

— Você acredita que isto seja a mão de Deus?

Ele respondeu simplesmente:

— Não.

— Então, por quê?

— O mundo há sempre de dar boas razões. Falta de chuvas, pelo menos a chuva não foi suficiente para as formigas se alimentarem. Alguma coisa assim. De qualquer forma, as *Nsongonya* estão sempre em movimento, é a sua natureza. Querendo Deus ou não.

Ele parecia estar com raiva de Deus. Com raiva justificada. A noite parecia um sonho que passava por mim muito depressa, como a correnteza durante uma inundação, e neste sonho incontável Anatole era a única pessoa que se preocupava em me ajudar. Deus não se importou. Tentei ver a margem oposta através da escuridão espessa que cobria o rio.

— Deus nos odeia — disse eu.

— Não culpe a Deus pelo que as formigas têm de fazer. Estamos todos famintos. O povo congolês não é muito diferente das formigas congolosas.

— Mas o povo tem de invadir a aldeia e devorar todo mundo vivo?

— Quando é oprimido por muito tempo, ele se levanta. Quando mordem, elas estão tentando consertar as coisas da única forma que conhecem.

A canoa estava lotada, mas no escuro eu não conseguia reconhecer as costas curvadas dos outros. Anatole e eu estávamos falando inglês, e parecia que não havia mais ninguém.

— O que significa isto? Você acha certo ferir as pessoas?

— Você conhece o homem que eu sou. Não tenho de lhe explicar o que sou.

O que eu sabia é que Anatole havia ajudado a minha família muito além da nossa capacidade de agradecimento. Minha irmã estava dormindo no seu ombro.

— Mas você acredita no que eles estão fazendo com os brancos, mesmo que você mesmo não o faça. Você está afirmando que é um revolucionário, tal como o *Jeune mou Pro*.

Alguém remava o barco com o braço forte, enquanto eu tremia de medo e de frio. Ocorreu-me de repente que, mais que qualquer outra coisa, eu temia a raiva de Anatole.

— As coisas não são tão simples quanto você pensa — disse ele, sem parecer irritado, nem particularmente gentil. — Esta não é a hora de explicar a história dos movimentos revolucionários congolese.

— Adah me disse que o presidente Eisenhower mandou ordens para matar Lumumba — confessei de repente.

Depois de guardar na boca, por tanto tempo, este punhado de palavras podres, eu o soltei no nosso barco infestado de formigas.

— Ela ouviu no rádio de Axelroot. Segundo ela, trata-se de um mercenário que trabalha para os americanos.

Esperei uma resposta de Anatole para tudo isto, mas ele não deu. Um frio parecido com água inchou-se no meu estômago. Era impossível que fosse verdade, ainda assim, Adah tinha o poder de saber coisas que eu não sei. Ela me mostrou a conversa entre Axelroot e um outro homem anotada no seu diário. Desde então deixei de entender com clareza o que fosse segurança. Onde está aquela terra gostosa do sorvete em casquinha e dos tênis novos, a terra do *I Like Ike*, o país cujas regras eu pensei conhecer. Onde está o lar para onde voltar.

— Isto é verdade, Anatole?

A água se movia sob nós, afastando-se, um movimento ritmado e frio.

— Já lhe disse que este não é o movimento de falar.

— Não me importo! De qualquer forma todos nós vamos morrer, e eu falo o que eu quiser.

Se ainda estivesse ouvindo, ele deve ter-me considerado uma criança chata. Mas eu estava tão cheia de medo, que não conseguia evitar que ele aparecesse. Queria que ele me fizesse calar, me mandasse ficar quieta e dissesse que eu era

uma boa menina.

— Quero ser justa, Anatole. Saber a diferença entre o certo e o errado. Quero viver uma vida correta e ser redimida. — Estava tremendo com tanta força que meus ossos pareciam a ponto de se quebrar.

Nenhuma palavra.

Gritei para ele me ouvir.

— Você não acredita em mim? Quando ando no vale das trevas, espero que o Senhor esteja comigo, mas Ele não está! Você acha que Ele está nesta canoa?

O homem ou a mulher grande, contra cujas costas eu estava apoiada, se mexeu um pouco e ficou mais baixo. Jurei não falar nem mais uma palavra.

Mas Anatole disse, de repente.

— Não espere a proteção de Deus enquanto estiver em lugares que estão além do domínio de Deus. Isto só aumenta a sensação de punição. Estou lhe avisando. Quando as coisas andarem mal, você vai atribuir a culpa a si própria.

— O que você está querendo me dizer?

— Estou querendo dizer o que estou dizendo. Não tente fazer da vida um problema de matemática, com você própria no centro e tudo o mais sendo igual. Mesmo que você seja boa, coisas ruins continuam a acontecer. Você pode ser má e ainda assim ter sorte.

Entendi o que ele queria dizer: que minha fé na justiça era infantil, tão útil quando pneus num cavalo. Senti o hálito de Deus frio na minha pele.

— Nunca deveríamos ter vindo para cá. Somos uns idiotas e sobrevivemos por pura sorte. É isto o que você pensa, não é?

— Não vou responder a isto.

— Isto quer dizer que você concorda. Nós não deveríamos ter vindo.

— Não, não deveriam ter vindo. Mas vocês estão aqui, e assim foi bom vocês virem. Há mais coisas no mundo do que um simples sim ou não.

— Aqui você é o único que conversa com a gente, Anatole. Ninguém mais liga para nós!

— Tata Boanda está levando sua mãe e irmã na canoa. Tata Lekulu está remando com os ouvidos tapados com folhas, enquanto seu pai fala do amor a Deus. Apesar de tudo, Tata Lekulu o está levando para um lugar seguro. Você soube que Mama Mwanza às vezes coloca ovos das próprias galinhas no seu galinheiro sem vocês saberem? Como você afirma que ninguém liga?

— Mama Mwanza faz isto? Como você sabe?

Ele não respondeu. Foi estupidez eu não ter percebido logo. Nelson às vezes encontrava laranjas e mandiocas, até carne, na nossa cozinha, que na noite anterior estava vazia. Acho que acreditávamos tanto na providência divina que simplesmente aceitávamos os milagres que apareciam a nosso favor.

— Você não deveria ter vindo, Béene, mas você está aqui e ninguém em Kilanga quer que você passe fome. Todos aqui acham que os brancos se transformam em fantasmas muito complicados.

Imaginei-me como fantasma: ossos e dentes. Rachel, um fantasma de cabelos platinados; Adah, um fantasma silencioso e observador; Ruth May, o fantasma que sobe em árvores, um aperto suave no braço. Meu pai não seria um fantasma; ele era Deus, que nos dava as costas, as mãos presas atrás e olhos ferozes nas nuvens. Deus nos tinha dado as costas e se afastava.

Comecei a chorar em silêncio, e tudo o que havia dentro de mim apareceu nos meus olhos.

— Anatole, Anatole. Estou com tanto medo do que vai acontecer, e ninguém aqui fala comigo. Você é o único. — Repeti seu nome porque ele era a minha oração. O nome de Anatole me ancorava à terra, à água, era a pele que me protegia como o jarro que retém a água. Eu era apenas um sombra num jarro. — Eu te amo, Anatole.

— Leah! Nunca mais repita isto.

Não vou repetir. Nunca mais.

Chegamos à margem oposta. A galinha de alguém saltou para a proa do barco e começou a andar placidamente pela borda, a crista delicada balançando enquanto ela bicava as formigas. Pela primeira vez naquela noite, pensei nas nossas pobres galinhas, presas no galinheiro. Imaginei os ossos limpos e brancos, numa pilha em cima dos ovos.

Dois dias depois, quando o exército rebelde de minúsculos soldados já tinha passado por Kilanga e podíamos voltar para casa, foi exatamente assim que encontramos as galinhas. Fiquei surpresa ao ver os esqueletos desmontados, dispostos exatamente como eu havia imaginado. Foi isto que eu aprendi na noite em que Deus me rejeitou: como ver o futuro nos ossos de galinha.

Livro quatro

Bel e a Serpente

*“Não crês que Bel seja um Deus vivo
Não vês o quanto ele come e
Bebe todo dia?”*

Bel e a Serpente, 1:6

Orleanna Price

ILHA DE SANDERLING

A picada de um mosquito, dizem os congoleses, tem o poder de desencadear o fim do mundo. Ah, como as coisas começam de forma tão simples.

Pode ter sido um encontro casual. Digamos, um belga e um americano, dois velhos amigos com um apetite em comum. Uma mosca voa e pousa. Eles a espantam e entram no escritório meticulosamente polido do belga em Elisabethville. Os dois têm o cuidado de perguntar pela família e pelos lucros um do outro, e de comentar que estão vivendo uma época de grandes mudanças, de grandes oportunidades. Há um mapa do Congo sobre a grande mesa de mogno entre os dois. Enquanto conversam sobre mão de obra e câmbio, como se dotado de vontade própria, o apetite se afasta da conversa de cavalheiros, lambendo as margens do mapa na mesa, dividindo-o entre eles. Cada um se curva e mostra os próprios movimentos, numa sintonia simpática, como se estivessem entretidos num jogo de xadrez, o tipo de jogo que permite a homens civilizados brincar de assassinos. Em meio aos movimentos, giram cálices de um conhaque cor de sangue, e o observam descer pelo vidro curvo em veias líquidas. Languidamente, voltam ao mapa. Quem serão os reis, torres e bispos que se erguem para atacar à distância? Quais os peões a serem sacrificados? Nomes africanos rolam como flores secas esmagadas indolentemente entre o polegar e o indicador — Ngoma, Mukenge, Mulele, Kasavubu, Lumumba — que se desmancham em pó sobre o tapete.

Atrás das cabeças bem escanhoadas dos dois cavalheiros, placas de mogno em posição de sentido. Houve época em que o revestimento do escritório respirou o ar úmido da floresta congoleza, ofereceu abrigo à vida, sentiu nos galhos as escamas da cobra. Agora, de costas para a parede, as placas prendem a respiração. Da mesma forma que as cabeças empalhadas de rinoceronte e de guepardo, que comprovam a competência do caçador belga. Abatidas, são agora testemunhas mudas na casa construída por estrangeiros. Lá fora, o som farfalhado de folhas de palmeira ao vento. Um automóvel passa. Folhas de jornal levadas pelo vento caem nas águas malcheirosas do canal do esgoto; o jornal corre pela rua espalhando as folhas na água, onde ficam flutuando como quadrados translúcidos de renda. Impossível dizer se as notícias são boas ou más. Uma mulher caminha ao lado do canal debaixo de uma cesta de milho assado. O cheiro de tudo isto chega até o belga, quando ele se levanta para fechar a janela: a tempestade, o canal, a mulher com o milho. Fecha a janela e

volta para seu próprio mundo. As cortinas são de damasco. O tapete é turco. O relógio na mesa é alemão, velho mas ainda preciso. As cabeças na parede observam com olhos de vidro importado. O relógio faz um tic-tac perfeito e, no pequeno espaço entre os segundos, a imaginação se transforma em fato.

Com o passar do tempo, legiões de homens entram no jogo, tanto os de ébano quanto os de marfim: o chefe da CIA no Congo, o Conselho de Segurança Nacional, até mesmo o presidente dos Estados Unidos. E um jovem congolês, Joseph Mobutu, que entrou descalço na redação de um jornal para se queixar da comida servida no exército. Um jornalista belga reconheceu nele inteligência e avareza brutas — uma combinação útil em qualquer jogo. Tomou o jovem Mobutu sob sua proteção e lhe ensinou a navegar as alturas onde vivem os estrangeiros. Uma torre que queria ser rei. E que peça será sacrificada? Patrice Lumumba, empregado dos correios, eleito para chefiar esta nação. Belgas e americanos concordam: Lumumba é difícil. Excitante demais para os congoleses e pouco inclinado a deixar livre o controle branco do tabuleiro, preferindo o aconselhamento e a companhia dos pretos.

Os jogadores se movem rápida e secretamente. Cada movimento no tabuleiro passa por rios, florestas, continentes e oceanos, só testemunhado por olhos estrangeiros de vidro e por árvores nativas, outrora poderosas, separadas das raízes.

Imaginei esta cena, reunida pedaço a pedaço ao longo de muitos anos das coisas que li, quando tudo começou a ser descoberto. Tento imaginar aqueles homens e seu jogo, pois isto ajuda a colocar meus próprios atos imperdoáveis num campo mais amplo, onde parecem perder importância. Que coisa trivial estava eu fazendo enquanto eles dividiam o mapa sob meus pés? Quem era a mulher que passava com o milho torrado? Seria ela parente distante de alguém com quem eu discutia no mercado? Como foi que, por tanto tempo, nenhuma de nós duas entendeu os caminhos do mundo?

Quinze anos depois da Independência, em 1975, um grupo de senadores chamado o Comitê Church assumiu a responsabilidade de examinar as operações secretas executadas no Congo. A surpresa sacudiu o mundo. O Comitê Church descobriu notas de reuniões secretas do Conselho de Segurança Nacional com o presidente Eisenhower. Atrás de portas fechadas, aqueles homens se uniram e declararam que Patrice Lumumba era um perigo para a segurança do mundo. O mesmo Patrice Lumumba, entenda, que toda manhã lavava o rosto numa bacia de lata amassada, aliviava-se atrás de alguma planta cuidadosamente escolhida, e saía para procurar os rostos da nação. Imagine se ele tivesse ouvido essas

palavras — um perigo para a segurança do mundo! — de um grupo de homens brancos fechados numa sala que tinham nas mãos cuidadosamente manicuradas o controle de exércitos e bombas atômicas, o poder de destruir toda a vida na Terra. Teria Lumumba gritado como um guepardo? Ou teria apenas tirado os óculos para limpar com o lenço e sorrir, balançando a cabeça?

Num dia no fim de agosto de 1960, o Sr. Allen Dulles, o diretor da CIA, enviou um telegrama para o chefe da seção do Congo sugerindo a substituição do governo no poder o mais cedo possível. O chefe da CIA no Congo, o Sr. Lawrence Devlin, foi instruído a adotar as ações mais ousadas que fosse possível manter em segredo. Para tanto, ele teria dinheiro necessário para pagar soldados. Mas o assassinato talvez fosse menos dispendioso. Ele teria à sua disposição um grupo de homens rápidos no gatilho e sem problemas de consciência. Além disso, para cobrir todas as possibilidades, um cientista chamado Dr. Gottlieb tinha sido contratado para criar um veneno que produziria uma doença horrorosa (o bom doutor depôs mais tarde nas audiências), que se não matasse Lumumba, o deixaria tão desfigurado que não poderia continuar sendo um líder de homens.

Eis o que eu sabia naquele mesmo dia de agosto: a dor na minha casa parecia suficientemente grande para encher todo o mundo. Ruth May estava se consumindo em febre. Era o aniversário dos 17 anos de Rachel e eu estava embrulhando brincos de vidro verde com lenços de papel, na esperança de uma trégua com minha filha mais velha, ao mesmo tempo em que tentava controlar com uma esponja a febre da mais nova. E o presidente Eisenhower estava enviando, naquele momento, as ordens para que o Congo fosse dominado. Imagine. Sua casa era o mundo, e ele já tinha decidido. Achava que tinha dado uma chance a Lumumba. O Congo estava independente há 51 dias.

O Sr. Devlin e seus amigos sentaram-se com o ambicioso Mobutu, que fora promovido a coronel. No dia 10 de setembro, ofereceram um milhão de dólares em dinheiro da ONU para a compra de lealdades, e o Departamento de Estado completou os planos para um golpe destinado a colocar Mobutu no comando de todo o exército. Todos os dados estavam lançados. No dia 14 de setembro o exército assumiu o controle da República do Congo, momentaneamente independente, e Lumumba foi colocado em prisão domiciliar, cercado pelas tropas recém-compradas de Mobutu.

Durante aqueles dias, enquanto lutávamos pelo pão de cada dia, uma fotografia do presidente Eisenhower me fazia companhia na cozinha. Eu a tinha cortado de uma revista, e a preendi num prego sobre o balcão onde amassava pão. Era uma parte tão importante de minha vida, que me lembro dela em detalhes: os óculos de aros finos, a gravata de bolinhas, o amplo sorriso e a cabeça careca como a de um avô, que se parecia com uma lâmpada, quente e clara. Parecia tão

confiável e bom. Um farol da minha terra, lembrando-me de nosso objetivo.

No dia 27 de novembro bem cedo, provavelmente à mesma hora em que eu estaria pondo lenha no fogão para preparar o café da manhã, Lumumba fugiu. Foi ajudado secretamente por uma rede de seguidores que se estendia por todo o Congo, desde Leopoldville até a nossa aldeia e mais além. É claro que ninguém me contou. Nós só ouvimos alguns rumores de que Lumumba estava em perigo. Para ser franca, estávamos mais interessados nas notícias de que estava chovendo forte a oeste da nossa aldeia, e que talvez as chuvas logo chegassem à nossa aldeia estiolada. A chuva deu cobertura para a fuga do Primeiro Ministro. Leopoldville tinha sido inundada na noite anterior. Imagino a textura de seda do ar frio, o cheiro da terra congoleza sob um tapete de capim inundado. Na neblina densa, o brilho nervoso e vermelho do cigarro do guarda, amaldiçoando a chuva e ao mesmo tempo feliz com ela — com toda probabilidade era filho de fazendeiros. Mas de qualquer forma, sozinho no portão da frente da prisão de Lumumba em Leopoldville. Os pneus de uma perua freiam no escuro. O guarda se ergue, toca o uniforme e vê a perua cheia de mulheres. Eram as empregadas do turno da noite de volta para casa numa favela na periferia da cidade. O rapaz parece impaciente: está muito ocupado com assuntos de Estado para se preocupar com faxineiras e um motorista. Acena com o polegar e indicador, ordenando ao carro que siga.

Atrás do banco de trás, apertado junto às pernas de meias brancas das empregadas, o Primeiro Ministro se encolhe sob um cobertor.

Um Peugeot e um Fiat estão esperando na rua, e seguem a perua. Os três carros vão para o leste e saem da cidade. Depois de cruzar o Rio Kwango na balsa, o Primeiro Ministro se levanta, desempena o corpo comprido e fino e se reúne à mulher, Pauline, e ao filho pequeno, Roland, num carro pertencente à embaixada de Guiné. Seguem para leste, na direção de Stanleyville, onde multidões leais esperam para saudar seu líder, acreditando de todo o coração que ele há de restaurar o sonho de um Congo livre.

Mas as estradas são terríveis. O mesmo barro abençoado, que é a salvação da mandioca, é o Waterloo do automóvel. O grupo avança pela noite, até o amanhecer, quando o comboio é parado por um pneu vazio. Ele anda pelo capim amassado ao lado do canal, impressionantemente limpo, enquanto o motorista luta para trocar o pneu. Mas o esforço reduz a estrada a um lamaçal, e quando ele tenta dar partida, o carro não parte. Lumumba se ajoelha na estrada e aplica a força de seu próprio ombro no para-choque traseiro. Não adianta; estão atolados. Terão de esperar ajuda. Ainda exultantes com a liberdade, continuam confiantes. Dois dos membros do ministério de Lumumba estão chegando de Leopoldville em outro carro.

Mas a sorte é madrasta. Os dois homens chegaram ao Rio Kwango e tentam chamar a atenção de um pescador atônito. Querem que ele vá acordar o operador da balsa, que ainda está encostada na margem oposta, onde deixou o comboio de Lumumba, na noite anterior. Esses dignitários em fuga pertencem à tribo Batetela e aprenderam francês na escola missionária, mas não sabem como falar ao homem da tribo Kwango, que pesca nas águas a leste de Leopoldville. Isto nunca fora importante; antes da Independência, praticamente ninguém pensava a grande ideia do Congo geográfico. Mas agora, na manhã de 28 de novembro, ela assume um novo significado. O rio não é tão largo. Eles veem claramente a balsa e a mostram. Mas o pescador olha para esses homens da cidade, para os ternos, para as mãos limpas e para as bocas, que exageram sílabas incompreensíveis. Percebe que estão desesperados e oferece peixe.

É assim que são as coisas.

O grupo de Lumumba esperou durante todo o dia, até ser encontrado por um comissário regional, que os levou para Bulungu. Lá eles pararam, pois a mulher e o filho de Lumumba estavam com fome e tinham de comer. Enquanto ele esperava à sombra de uma árvore, limpando a lama da roupa, o primeiro ministro foi reconhecido por alguém da aldeia e atraído para o meio do que logo se transformou numa multidão excitada. Ele fez um breve discurso sobre a sede insaciável de liberdade. No meio da multidão havia um piloto mercenário sul-africano que tinha um rádio. Logo depois o chefe da seção do Congo da CIA ficou sabendo que Lumumba tinha fugido. As ondas invisíveis do rádio espalharam por todo o Congo as palavras em código: *o coelho fugiu*.

O exército recapturou Lumumba a menos de cem quilômetros da nossa aldeia. As pessoas saíram para as estradas, batendo com paus e amuletos nos carros do comboio do exército que o levou. Os tambores divulgaram rapidamente essa informação, que se espalhou pela nossa província e além, e alguns de nossos vizinhos até correram até lá, para ajudar o líder capturado. Mas de toda esta agitação, de todas essas notícias que assaltavam os ouvidos, não ouvimos uma palavra. Lumumba foi levado para a prisão em Thysville, e então entregue à província de Katanga, onde finalmente foi espancado de forma tão selvagem, que não foi possível entregar o corpo à viúva sem causar embaraço internacional.

Pauline e os filhos choraram, mas não ter o corpo para enterrar é uma coisa terrível para qualquer família congoleza. Um corpo não velado não descansa. Voa pela noite. Pauline foi para cama naquelas noites implorando a seu marido para não atacar os vivos com o bico. Pelo menos é o que eu acho. Acho que ela deveria ter implorado a ele para não roubar as almas dos que tomaram o seu lugar. Apesar de suas orações, o Congo foi deixado nas mãos de homens vazios,

sem alma.

Quinze anos depois de tudo ter acontecido, eu me sentei ao lado do rádio em Atlanta para ouvir o senador Church e as audiências do comitê especial sobre o Congo. Finquei as unhas nas palmas das mãos, até ferir minha própria carne. Onde eu estivera? Em outro lugar completamente diferente? Do golpe de agosto, tenho certeza de que nada ouvimos. Dos cinco meses que se seguiram, da prisão de Lumumba, da fuga e recaptura eu me lembro — de quê? Da dureza de lavar e cozinhar durante a seca. Um acontecimento humilhante na igreja e de dissensões crescentes na aldeia. A doença de Ruth May, é claro. E a briga chocante com Leah, que queria sair caçando com os homens. Cada dia me ocupava de forma tão completa, que me sentia afastada de qualquer coisa que durasse um mês ou um ano. A História nem me passou pela cabeça. Agora, sim. Agora eu sei que, qualquer que seja a sua cruz, tentar se esconder dos homens mais poderosos é uma ilusão. Naquele dia terrível de janeiro de 1961, assim como eu, Lumumba pagou com a vida. Nas asas de uma coruja morta, o Congo voltou para assombrar a nossa pequena família, nós, os mensageiros da boa vontade, perdidos num oceano de intenções erradas.

É estranho dizer isto, mas quando aconteceu, sentime como se tivesse passado toda a minha vida de casada esperando. Esperando a queda daquele machado, para que eu pudesse sair daquele lugar sem piedade no coração. Ou então, talvez a tragédia tenha começado no dia do meu casamento. Ou ainda antes, na primeira vez que vi Nathan naquela tenda evangelista. Um encontro casual de dois estranhos, e o mundo se revela. Quem sabe onde tudo começa? Em toda a minha vida venho refazendo a estrada lamacenta: se eu não tivesse permitido que as crianças saíssem naquele dia; se eu não tivesse permitido que Nathan nos levasse para Kilanga; se os batistas não se tivessem imposto a tarefa de converter os congoleses. O que teria acontecido se americanos, e os belgas antes deles, não tivessem sentido o gosto de sangue e dinheiro na África? Se o mundo do homem branco jamais tivesse tocado o Congo?

Tentar consertar o destino é uma empreitada grandiosa e inútil. É um caminho que nos leva de volta ao tempo anterior à nossa vida, e dentro daquele poço fundo, é fácil lançar pragas contra os ancestrais, como se fossem pedras. Mas isso significa apenas a nossa maldição, e de tudo o que nos criou. Se eu não me tivesse casado com um pregador chamado Nathan Price, minhas filhas nunca teriam visto a luz do dia. Atravessei o vale do meu destino e aprendi a amar o que poderia vir a perder.

Pode-se amaldiçoar os mortos ou orar por eles, mas deles não se deve esperar nada. Eles preferem nos observar, ver o que vamos fazer em seguida.

O que perdemos

KILANGA, 17 DE JANEIRO DE 1961

Leah

Não se pode apenas apontar a coisa mais terrível e se perguntar por que aconteceu. Foi uma época terrível, desde o início da seca que deixou a tantos sem alimento, a noite das formigas, até agora, a pior tragédia de todas. Cada coisa ruim leva a outra coisa pior, mas quem pensar que tudo é castigo pelos próprios pecados há de ficar louco. Vejo isto com toda clareza ao observar meus pais. Deus não precisa nos castigar. Ele só tem que nos dar uma vida suficientemente longa, que nós mesmos nos punimos.

Revendo os meses que precederam o dia de hoje, parece que o colapso se iniciou em outubro, com a votação na igreja. Deveríamos ter aceito o resultado com espírito esportivo e saído do Congo naquele instante. Como foi possível que Papai não visse seu erro? A congregação de sua própria igreja interrompeu um sermão para decidir, por votação, se aceitava ou não Jesus Cristo como o Salvador pessoal de Kilanga.

Foi um dia quente, numa estação tão seca que íamos dormir com o gosto de terra na boca e acordávamos com a língua insensível. Os lugares onde gostávamos de nadar, que nesta época do ano deveriam estar cobertos por uma corrente de água escura, não passavam de berços de pedras brancas. As mulheres tinham de tirar a água de beber diretamente do rio, enquanto estalavam a língua e contavam histórias de mulheres que caíram no meio dos crocodilos em outros anos secos, mas nunca tão secos quanto este. As plantações de mandioca estavam acabadas: mortas. As árvores frutíferas, secas. Folhas amarelas caíam por toda parte, cobrindo o chão, como um tapete estendido para a aproximação do final dos tempos. Poincianas e baobás enormes, que davam sombra à nossa aldeia, sofriam e gemiam nos galhos. Lembravam mais gente velha do que árvores.

Tínhamos ouvido boatos de chuva nos vales a oeste de nós, e essas histórias provocaram uma sede inimaginável — a sede das plantações e animais à morte. O capim morto nas colinas distantes tinha uma cor vermelha amarelada, não alaranjada, uma cor mais seca: alaranjado-claro, como a bruma no ar. Ao pôr do sol, os macacos se reuniam nos galhos mais altos das árvores, já sem folhas, gritando uns com os outros, enquanto examinavam o céu. Qualquer coisa viva em condições de abandonar a moradia, inclusive alguns de nossos vizinhos, tinha migrado para o oeste, direção de onde partia toda noite o som de tambores.

Tata Kuvudundu já tinha lançado os seus ossos para ver o futuro, e quase toda menina da aldeia já tinha dançado com uma galinha presa à cabeça, para trazer chuva. As pessoas faziam o que era possível. A frequência à igreja tinha aumentado e reduzido: talvez no início, Jesus tenha deixado a impressão de ser um bom Deus, mas aquela impressão não se estava confirmando.

Naquela manhã de domingo, o próprio Tata Ndu tinha se sentado no primeiro banco. Ele raramente chegava à porta da igreja, e assim, isto era um sinal claro, embora ninguém soubesse dizer se um sinal bom ou ruim. Não prestou muita atenção ao sermão. Ninguém prestou, pois o sermão não tratava da chuva. Um mês antes, quando as tempestades pareciam iminentes, Papai tinha aconselhado sua congregação a se arrepender dos pecados e o Senhor os recompensaria com a chuva. Mas apesar de todo o arrependimento, as chuvas não chegaram, e agora ele nos dizia que se recusava a participar de superstições. Naquela manhã, o sermão de Papai tratava de Bel no templo, um dos livros da Apócrifa. Papai tinha muita fé na Apócrifa, apesar do desprezo da maioria dos outros pregadores, que acreditam que ela seja obra de semeadores do medo, anexada ao Velho Testamento apenas para amedrontar as pessoas. Ainda assim, Papai sempre diz que, se não consegue inspirar o abandono do pecado por qualquer outro meio, o Senhor tem a obrigação de espantar pelo medo os demônios que se escondem nas pessoas.

A história de Bel e a serpente não chega a ser tão assustadora, pois mostra apenas a rapidez de raciocínio de Daniel. Desta vez Daniel queria provar aos babilônios que estavam adorando ídolos falsos, mas nem eu estava conseguindo prestar atenção. Nos últimos tempos, raramente eu era tocada pelo entusiasmo de Papai, e nunca por Deus.

— Então, os babilônios tinham um *ídolo*, que eles chamavam de *Bel* — a voz dele era a única coisa clara na bruma que pairava sobre nós; as pessoas se abanavam.

— Todo dia eles ofereciam à estátua de Bel doze alqueires de trigo, quarenta ovelhas e cinquenta galões de vinho.

Anatole traduziu, dizendo *fufu*, cabras e vinho de palma. Algumas pessoas se abanaram mais depressa, pensando em toda aquela comida para apenas um deus faminto. Mas a maioria estava cochilando.

— As pessoas *adoravam* a estátua de Bel, a quem iam todo dia *reverenciar*, mas Daniel adorava o Senhor, nosso *Salvador*. E o rei lhe perguntou: “Por que você não adora Bel?” e Daniel respondeu: “Eu não *adoro* falsos ídolos, mas só ao Deus *vivo*, que *reina* sobre toda a humanidade.” E os babilônios disseram: — e nesse ponto a voz de Papai caiu para um tom mais normal — “mas você não vê que Bel é um deus vivo? Não vê o quanto ele come e bebe todo dia?” Daniel riu

e lhes disse: “Vocês estão enganados! Aquilo é apenas uma estátua feita de barro e bronze.”

Papai fez uma pausa e esperou Anatole terminar.

Pessoalmente eu gosto da história de Bel e o templo; é uma boa história, mas com a demora da tradução ela estava indo muito devagar para prender a atenção das pessoas. Na verdade é uma história de detetive. Por mim, é assim que eu contaria: Daniel sabia muito bem que os sacerdotes entravam à noite e tiravam toda a comida. Por isto Daniel preparou uma armadilha. Depois de todos terem deixado as oferendas no templo, ele entrou e espalhou cinzas pelo chão. Naquela noite, quando os sacerdotes entraram no templo por uma entrada secreta, ninguém percebeu a cinza, portanto eles deixaram pegadas por todo o chão do templo. Eles faziam uma festa enorme toda noite, cortesia do amigo Bel. Mas com a cinza no chão, Daniel os pegou com a boca na botija.

Papai estava pronto para continuar a história, quando de repente Tata Ndu se levantou, e o interrompeu no meio do discurso. Todos olhamos. Tata Ndu levantou a mão e declarou na voz profunda de homem grande, dando a cada sílaba a mesma acentuação.

— Está na hora da eleição.

— O quê? — disse eu.

Mas Papai, que já está acostumado a saber tudo antes que aconteça, não se abalou. Respondeu pacientemente.

— Isto é ótimo. Eleições são uma coisa muito boa e civilizada. Nos Estados Unidos há eleições a cada quatro anos para escolher novos líderes.

Esperou pela tradução de Anatole. Talvez Papai estivesse tentando sugerir que já era tempo de o povo da aldeia considerar a proposta de Tata Ndu na sua totalidade.

Tata Ndu respondeu com a mesma paciência.

— *Á yi bandu*, se o senhor não se importa, Tata Price, vamos fazer a eleição agora. *Ici, maintenant* — falou numa combinação cuidadosa de línguas, para que todos os presentes entendessem.

Isto é uma brincadeira, pensei. Tata Ndu gostava tanto do nosso estilo de eleição quanto Anatole.

— Com todo o respeito, este não é nem o local nem a hora adequada para isto. Por que o senhor não se senta e deixa para anunciar seus planos quando eu terminar o sermão? Uma igreja não é o lugar para votar, nem a indicação nem a exclusão de alguém para um cargo público.

— A igreja é o lugar certo. *Ici, maintenant*, vamos votar em Jesus Cristo para o cargo de Deus pessoal da aldeia de Kilanga.

Papai ficou imóvel por vários segundos.

Tata Ndu olhou zombeteiro para ele.

— Perdão. Tenho a impressão de que o senhor ficou paralisado.

— O senhor não me paralisou.

— *Á bu*, então vamos começar. *Beto tutakwe kusala*.

De repente começou uma agitação colorida por toda a igreja, quando as mulheres nos seus *pagnes* brilhantes começaram a se mover. Senti um frio na espinha. Aquilo tinha sido preparado de antemão. As mulheres jogavam seixos de dentro de uma cabaça para as dobras dos vestidos e passavam entre os bancos, guardando um seixo em cada uma das mãos. Aparentemente, desta vez, também as mulheres e crianças estavam autorizadas a votar. O pai de Tata Mwanza adiantou-se para colocar as duas urnas de barro na frente do altar. Uma das urnas era a dos votos a favor de Jesus, a outra era contra. Os símbolos eram uma cruz e uma garrafa de *nsamba*, o vinho novo de palmeira. Todo mundo sabia que não ia ser uma disputa justa.

Papai tentou interromper o processo, explicando aos gritos que Jesus está isento da votação popular. Mas as pessoas estavam excitadas, pois o processo democrático ainda era uma novidade para eles. Os cidadãos de Kilanga estavam prontos a dar seus votos. Moveram-se para o altar em fila única, como se finalmente estivessem avançando para a salvação. E Papai adiantou-se para recebê-los, como se acreditasse que estava diante do chamamento do céu. Mas a fila de pessoas apenas se dividiu, como a água em torno da rocha no meio do riacho, e foram votar. O efeito não foi muito dignificante; portanto Papai voltou para o púlpito feito de folhas de palmeira amarradas para rezar a bênção. Mas a votação tinha terminado antes que ele tivesse pronunciado uma palavra. Os chefes assistentes de Tata Ndu começaram imediatamente a contar os seixos. Fizeram duas linhas de grupos de cinco seixos no chão, uma ao lado da outra, para que todos vissem.

Enquanto eles estavam contando, Tata Ndu disse:

— *C'est juste*. Todo mundo viu com os próprios olhos que foi uma eleição justa.

O rosto de meu pai estava vermelho.

— Isto é uma *blasfêmia*! — abriu as mãos como se estivesse expulsando demônios que só ele via e gritou: — Isto que aconteceu aqui nunca foi justo!

Tata Ndu olhou diretamente para Papai e lhe disse, num inglês muito cuidadoso, com os erres rolados, e cada sílaba colocada como um seixo na mão.

— Tata Price, os brancos nos trouxeram muitos programas para melhorar a nossa forma de pensar. O programa de Jesus e o programa das eleições. O senhor disse que são coisas boas. Não pode agora dizer que *não* são boas. Iniciou-se uma gritaria dentro da igreja, em que a maioria apoiava Tata Ndu. Quase no

mesmo instante, dois homens gritaram, “*Ku nianga, ngeye uyele kutala!*”.

Anatole, que estava sentado perto do púlpito, inclinou-se e disse calmamente a Papai:

— Eles estão dizendo que o senhor fez o próprio telhado, agora não pode sair de casa quando chove.

Papai ignorou esta parábola.

— As questões do espírito não são decididas no mercado — gritou inflexível. Anatole traduziu.

— *Á bu, kwe?* Então onde? — perguntou Tata Ndu, de pé. E disse que, na sua opinião, um homem branco que jamais caçou um animal para alimentar a família não tinha autoridade para escolher o deus que vai proteger a aldeia.

Quando Anatole terminou de traduzir, Papai pareceu chocado. Na nossa terra, ninguém consegue ver a ligação.

Papai falou devagar, como se falasse para um retardado.

— Eleições são uma coisa boa, o Cristianismo é uma coisa boa. Os dois são bons.

Nós, da família, percebemos o perigo da fala muito calma e do vermelho que subia pelo seu rosto até a linha dos cabelos.

— O senhor tem razão. Na América, nós honramos as duas tradições. Mas tomamos as decisões sobre elas em casas diferentes.

— Então façam assim na América. Não vou dizer que não é correto. Mas em Kilanga nós usamos a mesma casa para fazer muitas coisas.

Papai explodiu.

— Homem, você não entende *nada*! Está aplicando a lógica infantil numa demonstração de ignorância infantil. — Deu um murro no púlpito, que fez as folhas secas balançarem e caírem para a frente. Papai chutou com raiva as folhas e avançou na direção de Tata Ndu, mas parou alguns passos antes. Tata Ndu é um homem muito mais pesado que meu pai, com braços muito longos, e naquele momento parecia muito mais imponente.

Papai apontou o dedo, como se fosse uma arma, para Tata Ndu, depois girou para apontar toda a congregação.

— Vocês nem aprenderam a tomar conta deste seu país infeliz! Seus filhos morrem de dezenas de doenças diferentes! Vocês não têm um lugar onde urinar! E, ainda assim, acreditam poder aceitar ou recusar a bondade de Nosso Senhor Jesus Cristo!

Se alguém estivesse suficientemente perto, meu pai teria exibido um comportamento anticristão. Era difícil entender como eu própria tinha desejado estar sempre ao seu lado. Se ainda restasse em mim alguma oração, eu teria pedido que este homem, com o rosto vermelho de raiva, nunca mais pusesse a

mão em mim.

Tata Ndu, que parecia calmo e tranquilo com tudo o que tinha acontecido, disse com sua voz profunda, como num suspiro:

— Á, Tata Price, o senhor acredita que nós somos *mwana*, crianças que não sabiam de nada até o dia que os senhores chegaram. Tata Price, sou um homem velho, que aprendeu de outros homens velhos. Podia lhe dizer o nome do grande chefe que ensinou a meu pai, e todos os outros que vieram antes, mas o senhor teria de aprender a se sentar e ouvir. São cento e vinte e dois. Desde o tempo de nosso *mankulu*, sempre fizemos nossas leis sem a ajuda do homem branco.

Voltou-se para a congregação com ar de pregador. Ninguém estava cochilando.

— Nosso costume era dividir o fogo até que apagasse, *ayi*? Falar com os outros até que todos ficassem satisfeitos. Os mais novos ouviam os mais velhos. Agora o *beezezi* nos diz que o voto de um jovem sem juízo vale o mesmo que o de um ancião.

No calor abafado parou para tirar o chapéu, virou-o cuidadosamente nas mãos, e depois o colocou novamente sobre a testa alta. Ninguém respirava.

— O branco manda: *vote, bantu!* Ele diz, nem todos vocês têm de concordar, *c'est pas necessaire!* Se dois homens votam sim e um vota não, o problema já está resolvido. *Á bu*, até uma criança percebe como isto vai acabar. É preciso ter três pedras no fogo para segurar a panela. Tire uma e deixe duas, o que acontece? A panela vira no fogo.

Todos entendemos a parábola de Tata Ndu. Agora os óculos e o chapéu alto já não pareciam ridículos. Eram o paramento de um chefe.

— Mas esta é a lei do homem branco, *n'est ce pas?* Bastam duas pedras. *Il nous faut seulement la majorité.*

É verdade, era nisto que a gente acreditava: a maioria governa. Como discutir? Olhei para meu punho, onde ainda estava um seixo. Eu não tinha votado. Nem Mamãe. Como íamos votar com o olhar de Papai fixo sobre nós? A única que teve coragem foi Ruth May, que marchou até a urna e votou a favor de Jesus, com tanta força que o seixo bateu na cruz e caiu. Mas acho que, de uma forma ou de outra, todas nós fizemos nossa escolha.

Tata Ndu voltou-se para Papai e falou quase com bondade.

— Jesus é branco, portanto ele vai entender a lei *de la majorité*, Tata Price. *Wenda mbote.*

Jesus Cristo perdeu, 11 votos contra 55.

Rachel

Talvez eu não deva dizer, mas é a verdade: Leah é a causa de todos os nossos problemas. Tudo começou quando ela e Papai começaram a Terceira Guerra Mundial lá em casa. Foi uma cena louca, uma confusão. Leah se empinava e respondia a Papai sem o menor respeito e então, cara, o resto de nós se encolhia e procurava abrigo, como a gente tem de fazer quando eles jogam uma bomba atômica. Leah tinha sempre tido o maior respeito por Papai, mas desde a bagunça na igreja, quando eles decidiram que Papai estava dispensado, ela simplesmente deixou a educação de lado.

Tudo começou quando ela declarou que ia caçar com o seu arquinho e flechas. Minha irmã, a Miss O Senhor é Meu Pastor, agora pensa que é Robin Hood. Estou surpresa por ela não ter tentado acertar uma maçã na minha cabeça, isto é, se a gente tivesse uma maçã. Não existe mais nenhuma migalha para comer. As formigas comeram tudo o que a gente tinha guardado, o que já não era muito, por causa da seca. Pela manhã, o céu fica nublado, a umidade aumenta durante uma hora, mas depois o sol aparece e seca tudo. No dia do mercado, parece que a gente está saindo do abrigo antiatômico depois do ataque: ninguém, só uns velhos com peças de carro, facas e panelas, que eles esperam trocar por comida. Boa sorte, Charlie! A gente vai se virando com o que a Sra. Fowles deixou para nós, mais alguns ovos, porque, graças a Deus, Mama Mwanza trouxe umas duas galinhas botadeiras depois que as formigas comeram as nossas. As galinhas dela ficam soltas, andando por aqui e por ali, e conseguiram escapar da morte certa voando para cima das árvores. Acho que, se quisesse, Axelroot podia arranjar alguma comida para nós, mas ele deu um jeito de sumir já há meses, supostamente por estar em alguma missão ultrassecreta. É de deixar a gente louca. Ele me disse que ia trazer cigarros e chocolates quando voltasse e, na hora, eu achei sensacional, mas, poxa, cara, hoje eu aceitava até um pão de forma.

Aí, um dia Tata Ndu anunciou que todo mundo ia caçar, e que isso ia ser a salvação da aldeia. Todo mundo junto! É muito complicado. Nelson explicou que o plano é botar fogo num círculo enorme em volta de uma colina muito grande aqui perto. A colina está coberta de capim seco, e pegaria fogo num instante. As mulheres vão sacudindo folhas de palmeira, levando as chamas para o meio, até os animais assustados pularem o fogo para fugir. Neste momento os

homens atiram neles. As crianças e os velhos ficam com o trabalho maravilhoso de seguir atrás para recolher as criaturas de Deus que morreram queimadas. Nelson disse que todo mundo da aldeia tem de estar lá, a participação é exigida.

Muito bem, ótimo, eu aceito andar pelo campo queimado e ficar coberta de cinza e carvão dos pés à cabeça. Já tem muito tempo eu desisti de passar no teste da luva branca. Mas o plano de Leah é ir na frente com os homens e atirar suas próprias flechas. Seu novo melhor amigo, Anatole, ainda encoraja. Durante a reunião para discutir o problema, ele ficou dizendo que ela era uma ótima arqueira e, se a gente está morrendo de fome, ninguém vai querer saber quem matou o antílope. E Nelson concordou imediatamente, e disse que a gente tinha de aproveitar todos os arqueiros que pudesse usar, até mesmo uma menina. Nelson está estourando de orgulho, dizendo que foi ele quem ensinou Leah a atirar. E Leah é uma mascarada.

Na reunião, Tata Ndu e os mais velhos estavam absolutamente contra a ideia. Principalmente Tata Kuvudundu. Ele ficava de boca fechada até chegar a hora dele de falar. Aí, ele levantava enrolado no lençol branco e contava histórias de coisas terríveis que tinham acontecido em tempos passados: água envenenada que saía do chão, elefantes que enlouqueciam excétera, toda vez que as pessoas não obedeciam ao que ele mandava, e insistiam em fazer as coisas de outra maneira que não a normal. Aí eles diziam, “É mesmo, eu lembro.” Os velhos balançavam muito a cabeça, sentados muito retos com os cotovelos encostados no corpo, as mãos no colo e os pés bem plantados no chão, como pés de pombo. Os homens mais jovens sentavam nos banquinhos com os joelhos bem abertos, ocupando todo o espaço que precisavam, e gritavam com pressa o que passava na cabeça. A maior parte era em francês, mas Adah anotou tudo em inglês no caderno e segurou para eu ler. Assim, pelo menos uma vez na vida, ela prestou para alguma coisa, como o nó na madeira.

Papai, naturalmente, tinha a sua própria proposta para apresentar na reunião. Quando chegou a sua única oportunidade de falar, ele tentou transformar a caçada numa grande oração, deixando para o final as flechadas. Ninguém prestou atenção porque todo mundo estava brigando por causa de uma menina que queria ir caçar com os homens. Tenho certeza de que Papai ficou ressentido com a filha por ter causado essa distração. Acho que a sorte de Papai é não ter tido filhos homens. Ele ia ser obrigado a respeitar eles.

No fim, falaram Tata Ndu, Tata Kuvudundu e Anatole. Tata Ndu, com um pano listrado de laranja e branco, passava uma impressão de “eu sou o chefe e ninguém esqueça,” e naturalmente Tata Kuvudundu é o feiticeiro vudu e ninguém também pode esquecer, principalmente por causa dos seis dedos no pé, e porque ele fica vesgo no meio de uma sentença só para aumentar o medo. Mas

Anatole é o professor, e muitos dos moços de 19 anos, que já têm mulheres, aprenderam com ele o dois mais dois. Eles ainda lhe dão o tratamento de *Monsieur* Anatole, e não Tata, porque ele é o professor. Assim a coisa ficou dividida entre os velhos e os jovens, e Anatole conseguiu convencer muitos jovens. E na nossa aldeia, pode crer, as pessoas morrem por qualquer coisinha, e portanto não existem muitos velhos andando por aí.

Leah teve de ficar sentada a noite toda na frente de todos sem dar um pio. Ficou olhando para Anatole, mas depois de algum tempo a gente já não sabia se ele estava contra ou a favor dela. Ele parou de mencionar o fato de ela ser uma excelente arqueira e passou a discutir se a gente deve matar um rato por causa da pele, ou simplesmente por ser um rato. Não sei o que isso queria dizer, mas Tata Ndu disse que se uma coisa corre com pele de rato, é um rato. Nesse ponto, todo mundo começou a gritar a respeito dos estrangeiros, o golpe do exército e sobre gente que tinha sido atirada na prisão, o que, se quer saber minha opinião, é muito melhor que ficar falando de ratos.

No final, a discussão virou um impasse: a gente vai ficar discutindo a noite toda, ou vai votar? Anatole era totalmente contra uma votação. Disse que era um problema que tinha de ser discutido e aprovado por unanimidade, porque, mesmo se Kilanga expulsasse uma família branca da aldeia, havia milhões de outros brancos no mundo e, se a gente não conseguisse distinguir um rato bom de outro mau, logo logo a gente estaria com os dois em casa. E, disse ele, não fiquem surpresos quando sua filha ou sua mulher quiser atirar flechas pelas suas costas. Todo mundo riu, mas eu não entendi a graça. Será que ele estava nos chamando de ratos?

Tata Ndu já estava cheio. Levantou e plantou duas cabaças na frente de Leah. O povo ficou louco quando ele fez isto. Dava para ver que muitos estavam passando para o lado de Anatole, que era preciso discutir mais. Mas, não. Acabou o tempo. Leah parecia uma galinha pronta para ir para a panela. Mas por que eu ia ter pena dela? Foi ela quem pediu! Ela e todos os mecanismos dela para chamar atenção. Alguns dos homens pareciam achar graça, talvez estivessem pensando que ela ia acertar o próprio pé. Mas quando chegou a hora de votar, 51 votos foram cair na cabaça com o arco e as flechas de Leah, e 45 na que tinha uma panela.

Minha nossa, Tata Kuvudundu não ficou nada feliz. Levantou e gritou que a gente tinha desrespeitado o costume natural, e que a gente ia se arrepender. Ele fez muita questão de olhar para Anatole quando disse isto, mas parecia estar com raiva também de Tata Ndu por causa da votação, que tinha sido uma derrota. Tata Ndu não falou muito, mas ficou com a testa toda enrugada, parecendo massa de pão que a gente bate. Cruzou os braços musculosos diante do peito, e

apesar de ser um velho de mais ou menos 50 anos, parecia que ele tinha condições de bater em qualquer um ali.

— Os animais estão nos ouvindo nesta noite! — gritou Tata Kuvudundu, e começou a cantar com os olhos fechados.

Então ele parou. Baixou um silêncio e ele ficou olhando girando os olhos pela sala.

— Os leopardos vão andar eretos como homens, e as cobras vão sair do chão e entrar nas nossas casas em vez de ir para a toca delas próprias. *Bwe?* Vocês fizeram isto. Vocês decidiram que os velhos costumes não são bons. Não joguem a culpa nos animais, a decisão foi sua. Querem mudar tudo, e agora, *kuleka?* Vocês têm a esperança de poder dormir?

Ninguém falou uma palavra, só ficaram assustados. Tata Ndu sentou com a cabeça para trás e os olhos quase fechados, observando.

— Ninguém vai dormir! — Tata Kuvudundu deu um grito e pulou no ar agitando os braços.

Todo mundo quase pulou de susto, mas Leah ficou firme. Como eu já disse, ela é uma exibida. Nem piscou. Então todo mundo levantou e saiu, e ela nos seguiu, e ninguém na nossa família deu um pio no caminho de casa. Quando chegamos na porta, Papai parou, fechando a passagem. Meu irmão! A gente ia ter de ficar ali fora e ouvir a moral da história.

— Leah, quem é o senhor desta casa?

Ela ficou com a cabeça baixa, sem responder. Finalmente falou numa voz baixinha como a de uma formiga:

— O senhor.

— Desculpe, não entendi.

— O senhor! — ela gritou para ele.

Mamãe e eu pulamos, mas Papai apenas respondeu com a voz normal.

— O que aconteceu esta noite pode ter alguma consequência para esta aldeia, mas nenhuma para você. Deus ordenou respeitar o pai e você vai se submeter à lei desta casa.

Leah nem mexeu. O queixo ainda estava baixo, mas ela estava olhando diretamente para ele, como se aquilo não fosse da conta de ninguém.

— Então o senhor concorda com Tata Ndu e com o feiticeiro.

Papai respirou fundo.

— Eles concordam *comigo*. É uma bobagem você querer ir caçar com os homens. Você só está causando problemas e eu proíbo.

Leah colocou o arco no ombro e disse.

— Vou com os homens e está decidido. — Saiu da varanda e foi para o meio da noite, quando supostamente os animais estavam acordados e andando

como seres humanos. Mamãe, Adah e eu ficamos lá com a boca aberta. Bastava uma pena para jogar a gente no chão.

Papai ficou louco. Sempre imaginamos o que ia acontecer se a gente desobedecesse a ele. Agora era a hora de ver. Ele saiu correndo atrás dela, já tirando o cinto de couro da calça, mas quando chegou no limite do terreno, ela já tinha sumido. Tinha desaparecido no meio do capim alto e foi para a mata, onde ele nunca ia conseguir achá-la. Leah sobe nas árvores como um chimpanzé até quando ninguém está correndo atrás dela.

Em vez de voltar para casa, ele agiu como se tivesse saído só para bater nas árvores com o cinto, e foi isso o que ele fez. Durante uma hora nós ficamos ouvindo. Olhamos pela janela e vimos quando ele cortou uma moita de cana de açúcar com o cinto. Começamos a ficar com medo do que ele ia fazer quando voltasse, pois era impossível adivinhar. As portas não tinham trancas, mas Mamãe nos ajudou a empurrar as camas para bloquear a porta. Fomos cedo para cama e levamos tampas de panela, facas e outras coisas da cozinha para nos proteger, pois não conseguimos achar mais nada. Era como a armadura dos cavaleiros de antigamente. Ruth May colocou uma caçarola na cabeça e enfiou duas revistas na parte de trás da calça, para o caso de uma surra. Mamãe dormiu na cama de Leah. Ou ficou deitada lá em silêncio, pois na verdade nenhuma de nós pregou o olho. Leah chegou na janela antes do amanhecer e falou alguma coisa com Mamãe, mas acho que ela também não dormiu.

Metade da aldeia estava conosco no mesmo barco, apesar de eu achar que por razões diferentes. Depois do discurso de Tata Kuvudundu, e do olhar mau que ele deu, acho que ninguém conseguiu dormir. Nelson disse que esse foi o único assunto das conversas. Algumas pessoas diziam que os bichos estavam olhando para elas. Alguns mataram seus próprios animais — cabras, galinhas ou cachorros. Dava para sentir o cheiro de sangue por toda parte. Puseram as cabeças dos animais na frente da porta em cabaças, para afastar o *kibaazu*.

Bem, por que eles foram bobos o bastante para votar a favor de Leah, foi o que eu perguntei a Nelson no dia seguinte. Eles sabiam que Tata Kuvudundu ia ficar com muita raiva. Nelson disse que alguns votaram nela porque estavam com raiva de Tata Ndu, outros porque estavam com raiva do Papai, e assim todo mundo acabou ganhando o que não queria, e agora todo mundo tinha de obedecer. Segundo Nelson, ninguém se importa muito com a Leah. Pois é, eu disse. Isto é a Democracia.

É estranho, mas no dia seguinte nossa casa estava em paz. Papai agiu como se nada tivesse acontecido. Estava com os braços cortados e inchados de tanto bater com o cinto nas plantas venenosas, mas mesmo assim, tomou um chá, passou uma pomada no braço e foi para a varanda ler a Bíblia. Ficamos

pensando que ele estava procurando o maior versículo do mundo para dar a Leah, sobre o tema da insolência. Será que ele estava procurando o que Jesus tem a dizer sobre pregadores que matam as próprias filhas? Ou talvez ele tenha decidido que, como não podia vencer essa briga, o melhor era fingir que nada tinha acontecido, e que Leah não merecia o interesse dele. Com Papai, a vida é uma surpresa depois da outra.

Leah teve pelo menos a inteligência de não aparecer muito. Ficou mais na escola com Anatole, ou na floresta, disputando com Nelson para ver quem conseguia acertar um inseto num galho. Era o que ela geralmente fazia. Mas ficou uma tensão nervosa na casa, pode crer. Ruth May fez xixi na calça, só porque Papai tossiu na varanda. E adivinha quem teve de limpar a menina: eu. Eu não estava gostando da situação, que era toda por culpa da Leah.

Na noite da véspera da caçada, Leah ainda estava distante. Mas o amigo Anatole viu um sinal do mal do lado de fora de sua cabana. É o que Nelson nos disse. Mamãe tinha lhe pedido para levar uns ovos cozidos para Leah na escola, e ele voltou correndo para dizer que Anatole estava lá, com ar de quem tinha visto um fantasma. Ele não quis dizer qual tinha sido o sinal, só disse que era um sinal de *kibaazu*, de uma maldição lançada sobre Anatole. Nós chegamos a pensar que ele tinha inventado tudo. Nelson às vezes é tão dramático!

Mas ele não tinha inventado. No dia seguinte, bem cedo, Anatole encontrou uma cobra mamba enrolada junto do catre, e foi pela graça de Deus que ele não foi picado na perna e não morreu ali na hora. Sorte ou milagre. Me disseram que ele geralmente levanta antes do sol raiar e sai para fazer suas higiênes, e com toda certeza ia pisar nela, mas que naquela manhã ele acordou e ainda era muito cedo, então ele resolveu acender uma luz para ler na cama, e foi aí que ele viu a cobra. Ele chegou a pensar que alguém tinha jogado uma corda dentro da casa, como um tipo de feitiço, mas neste momento ela mexeu! Não era um sinal, era o mal de verdade. A história correu pela aldeia, mais depressa do que se a aldeia já tivesse telefone. As pessoas estavam atarefadas porque era o grande dia, e todo mundo tinha de se preparar, mas aquilo deu a eles alguma coisa para pensar. E eles pensaram. Não me importa se eles são seguidores do Deus todo poderoso ou das coisas que aparecem de noite, eles estavam rezando, pode crer! Agradecendo pela sorte de não ter acontecido com eles o que aconteceu com Anatole.

Adah

BETO NKI TUTASALA significa: O que vamos fazer? Fazer, o que vamos? *Alas atuti knot eb*. Na noite da véspera da caçada ninguém dormiu. *Olho no sono, não é olho*^[23]. Pensávamos estar vendo, mas não conseguíamos ver o que estava à nossa frente. Os leopardos caminhavam eretos e as cobras saíam silenciosamente de suas tocas. O S no chão não significava sono.

As pessoas são *bantu*; o singular é *muntu*. *Muntu* não significa exatamente a mesma coisa que pessoa, pois representa uma pessoa viva, morta ou ainda não nascida. *Muntu* persiste sem mudança para todas estas condições. O *bantu* fala do “eu” como uma visão interna, que observa pelos olhos do corpo para ver tudo o que acontece. Como usa o corpo como uma máscara, *muntu* observa e espera sem medo, porque *muntu* não morre. A transição do espírito para o corpo e de volta ao espírito é apenas uma aventura. É uma viagem feita sobre o poder do *nommo*, a força de um nome que se dá a si próprio. *Nommo* cai com a chuva, e volta a subir no vapor que sai da boca do homem: uma canção, um grito, uma oração. No Congo os tambores emitem *nommo*, pois têm uma língua. Uma dança emite *nommo*, pois os corpos não se separam da vontade neles contida. Naquele outro lugar distante, os Estados Unidos, eu era uma combinação malograda de um corpo muito fraco com uma vontade muito forte. Mas no Congo eu sou as duas coisas em união perfeita: *Adah*.

Na noite anterior à caçada, enquanto ninguém dormia, todos os *muntu* em Kilanga cantavam e dançavam: tambores, lábios e corpos. Na canção, eles davam os nomes dos animais que iriam fazer a nossa festa e a salvação na manhã seguinte. E davam nomes às coisas que temiam: cobra, fome. Leopardos que caminham eretos como homens. São esses o *nommo*, cantavam, esses corpos vivos dançando unidos a outros corpos pretos e lisos, todos batendo naquela coisa com penas: tomando da esperança, da amada esperança uma oportunidade de continuarem vivendo. Mas *muntu* não se importava com a morte ou vida desses corpos amanhã. *Muntu* espiava pelos olhos, observando atento o que iria acontecer em seguida.

Antes do raiar do dia, todos nós nos reunimos na saída da aldeia, não à margem do rio, onde Pai Nosso nos teria reunido, mas do lado oposto, do lado mais próximo à colina, onde estava a nossa salvação. Marchamos pelo campo de capim elefante, subimos a encosta da colina. Capim alto como um homem vivo,

ou ainda mais alto, mas seco e branco como o cabelo de uma mulher morta. Com paus, os homens baixaram o capim alto. Batiam em uníssono, como se bater no capim fosse uma dança, com um canto suave, num ritmo baixo e longo que chegava até nós vindo da frente do grupo. Homens com arco e flechas, com lanças, alguns até com armas de fogo, seguiam à nossa frente. Aquele canto era o único som naquela manhã brumosa. Mulheres e crianças vinham atrás, carregando cada uma a maior cesta que conseguia segurar. A minha estava presa por correias ao meu ombro, pois meus braços não são tão fortes. Atrás de nós vinham as mulheres mais velhas, trazendo tochas fumacentas, pedaços de pau com a ponta enrolada em panos encharcados de óleo de palmeira. Seguravam bem alto as tochas, ferindo o ar com a fumaça da nossa procissão. O sol estava baixo sobre o rio, parecia relutar em entrar neste dia estranho. Depois subiu depressa ao céu roxo, e parecia um olho preto.

Tata Ndu deu um sinal e a fila única se dividiu e cada uma passou a contornar a colina por um lado. Um solene osso da aposta formado por pessoas famintas e ansiosas — era assim que os *muntu* dos mortos e não nascidos nos viam do alto. Em meia hora as frentes das duas linhas se encontraram, e o osso faminto das pessoas de Kilanga completou o círculo em torno da colina. Ouviu-se um grito. As mulheres baixaram as tochas para iniciar o incêndio. As mulheres mais jovens abriram os *pagnes* e correram para a frente avivando as chamas, como mariposas em volta da vela.

O círculo estava tão grande que os gritos que ouvíamos do outro lado pareciam vir de outro país. Logo, o fogo engoliu todos os sons. O fogo não urrava, mas resmungava, estalava, chiava, aspirando o ar e todo som de nossas gargantas. A chama subiu e lambeu o capim seco, e todos nós avançamos, seguindo a linha luminosa à nossa frente. Chamas que passavam famintas pelo capim assustado, e por onde passavam, nada continuava vivo. Apenas o chão quente e negro e filamentos delicados de cinza branca, que balançavam e caíam sob o ritmo de pés descalços. Os homens agora corriam à frente com os arcos prontos, esperando impacientes que o círculo se fechasse sobre o centro. O círculo se reduzia, cada vez menor, prendendo no seu interior toda vida da planície coberta de capim. Os animais entraram na mesma dança, ratos e homens. Homens que avançavam e saltavam, parecendo marionetes escuras diante da muralha de fogo. Os velhos e crianças seguiam lentamente atrás. Parecíamos velhos mastros, dobrados, com as roupas brilhantes agitadas. Carniceiros lentos. Percorriamos o campo queimado, recolhendo insetos crestados. Os mais comuns eram lagartas *nguka* crocantes, um dos petiscos favoritos dos alunos de Anatole. Pareciam galhos pequenos, quase impossíveis de se ver antes de se aprender a reconhecer sua linha cinza particular.

Recolhemos cestas delas, até tomarem de tal forma a minha mente que eu tive certeza de que iria sonhar com elas. Mais fáceis de achar eram os *dikonko*, grilos e gafanhotos, cujos abdomens gordos se tinham encolhido, como balões translúcidos meio cheios de água. Uma depois da outra, fui colocando lagartas sobre a língua, o gosto assado e peludo um doce alívio para nossa carência de proteínas. A fome do corpo é diferente da fome rasa e diária da barriga. Quem conheceu aquele tipo de fome não consegue amar completamente a quem não conheceu, nunca mais.

O fogo avançava mais depressa do que nós, velhas e jovens pastoras de insetos mortos. Às vezes eu me erguia para deixar o sangue descer de minha cabeça para alimentar os músculos dormentes atrás das minhas coxas. Mamãe segurava com força a mão de Ruth May, a filha escolhida, mas também não se afastava de mim. Desde a noite terrível das formigas, Mamãe vinha arrastando seu remorso em círculos à minha volta, sem jamais mencioná-lo, expondo sua culpa como os seios inchados da mãe que amamenta. Até então eu me tinha recusado a mamar para lhe dar alívio, mas ficava sempre por perto. Eu não tinha escolha, pois ela, Ruth May e eu pertencíamos a uma casta diferente da de Diana a Caçadora. Por escolha, nós ficávamos longe de Rachel e de Papai. Neste campo de trabalho sério e calado, os dois nos embaraçavam com dois tipos diferentes de presença ruidosa. Às vezes eu punha a mão sobre os olhos e tentava ver Leah, mas é claro que não conseguia. Mas vi Ruth May, alheia a tudo, mastigar uma lagarta. Suja e vencida, parecia uma parente desnutrida de minha antiga irmã. O olhar distante deve ter sido o olhar do *muntu* de Ruth May, acorrentado a esta criança que fora por pouco tempo uma lutadora, antes, durante e após a vida, que tudo observava através de seus olhos.

O fogo avançava, e às vezes parava, como se estivesse cansado como nós. O calor era indescritível. Sonhei com o gosto de água.

O círculo ia se fechando, e de repente, percebemos o outro lado, as chamas vermelho-alaranjadas e a cinza negra que se aproximavam. Surgiram as formas dos animais aprisionados entre elas: antílopes, gamos, javalis com os filhotes. Um bando de babuínos corria com as caudas curvas, ziguezagueando sem entender aquela armadilha. Milhares de insetos transformavam o ar numa sopa de pânico animal. Aves atravessavam a muralha incandescente e se transformavam em pequenas garrafas de fogo. Quando parecia não haver mais ar nem mais esperança, os animais começaram a atravessar o fogo, onde flechas e lanças os esperavam. Os antílopes não saltavam graciosamente, como eu esperava; corriam como cavalos fantasmas no limite do círculo, e de repente se lançavam para fora, como se por acidente ou cegueira. Ao ver os companheiros serem flechados no pescoço, estacavam em pânico, e às vezes voltavam para as

chamas, mas a maioria continuava a correr na direção das pessoas e da morte. Um pequeno antílope pintado caiu perto de mim e me ofereceu o presente estranho e singular de sua própria morte. Observei o corpo ofegante chegar lentamente à imobilidade, como se finalmente tivesse recuperado o fôlego. Um sangue escuro escorria lentamente da boca preta e delicada para a terra queimada.

Para cada animal derrubado ouvia-se um grito humano igual e oposto de alegria. Nosso ossinho de aposta se quebrou e ficou coberto de tutano. As mulheres se ajoelhavam com as facas para esfolar a caça, antes mesmo que os cascos parassem de bater no chão em pânico. Dos animais grandes que atravessaram o fogo — gamos, javalis, antílopes — poucos escaparam. Outros não atravessaram e morreram no fogo: pequenas aves de penas cor-de-fogo, insetos agitados e algumas fêmeas de babuíno que, contra todas as expectativas, tinham conseguido chegar ao fim da gravidez, apesar da seca. Com os filhotes presos à barriga, elas corriam atrás dos machos de cabeleira farta, que tentavam se salvar, mas ao chegarem junto à muralha de fogo que os outros tinham atravessado, elas estacavam. Encolhidas no chão. Sem perceber outra escolha que não a de se deixarem queimar com os filhos.

A cortina de calor separava a vontade de sobreviver da própria sobrevivência. Eu queria cair tremendo no chão, mas continuei de pé observando; vi as crianças de Kilanga gritarem e dançarem a cada vez que encontravam o corpo anguloso de uma mãe babuíno crestada com sua cria. Aquelas mortes eram a garantia de que as crianças conseguiriam sobreviver mais um verão. O *bantu* que observava do alto viu um festival negro de vida e morte, inseparáveis uma da outra, contra a terra preta pelo fogo.

Ao final daquele dia, minha irmã Rachel decidiu (por pouco tempo) tornar-se vegetariana. Minhas irmãs Ruth May e Leah: a catadora e a caçadora. Eu me tornei outra coisa. No dia da caçada, eu senti até a medula dos ossos o seguinte: todo animal mata para sobreviver e nós somos animais. O leão mata o babuíno; o babuíno mata grilos gordos. O elefante arranca árvores vivas, separando as raízes da terra que amam. A sombra do antílope faminto passa pelo capim assustada. E nós, mesmo que não tivéssemos carne ou capim para mastigar, ainda assim fervemos a água para matar as criaturas invisíveis que gostariam de nos matar. E tomamos pílulas de quinino. A morte de uma coisa viva é o preço de nossa sobrevivência, e pagamos este preço dia após dia. Não há escolha. É a única promessa que toda vida na terra é obrigada a manter desde que nasce.

Leah

Matei meu primeiro animal, um lindo bicho castanho com chifres curvos e uma listra preta em diagonal sobre os flancos: um jovem impala macho. Estava completamente tonto pelo fogo, muito novo para ter uma estratégia para enfrentar o perigo, mas suficientemente velho para tentar. Corria desnortado, bufando como o valentão do parque, até ser um dos últimos de sua espécie presos no meio do fogo. Desesperado, batia os cascos, a família já tinha fugido. Abaixei-me ao lado de Nelson, olhando. Nelson já tinha abatido dois gamos, um logo depois do outro e me fez um sinal de que ia buscar as flechas e que o impala era meu. Eu o segui com os olhos, como Nelson tinha me ensinado, procurando adivinhar seu caminho. De repente, vi exatamente onde ele iria atravessar. Ele viria na minha direção e depois desviar para a direita, atrás da mãe. No fim, até o valentão do parque corre atrás da mãe. Prendi a respiração para firmar os braços. Estava faminta e sedenta, os olhos cheios de fumaça, e já não tinha forças. Rezei para Jesus me ajudar, e para todos os outros deuses que quisessem ouvir. Ajude-me a manter o braço esquerdo reto, o direito encolhido, a flecha bem presa na corda, pronta para voar cantando. Um, ele veio e se desviou... dois, aproximou-se... três, interrompeu o passo, parou... *quatro!*

Ele saltou de lado, as quatro pernas encolhidas no ar durante meio segundo, e depois correu. Só quando vi o jato de sangue eu compreendi que tinha acertado. Meu coração palpitou contra meus ouvidos. *Matei um animal maior do que eu própria!* Gritei, como se tivesse sido ferida por uma flecha. Sem que eu desse por mim, minhas pernas me moveram e eu persegui o impala no caminho da sua esperança — a floresta que se via no fim do vale comprido e crestado, onde ele esperava encontrar a mãe e a segurança. Mas ele tropeçou, foi parando e caiu. Pisei nele, ofegante. Ainda demorou um minuto até eu perceber duas flechas no flanco. Nenhuma das duas tinha a minha pena vermelha. E o filho mais velho de Tata Ndu, Gbenye gritava para eu me afastar, ir embora. “Á, baki!” O que queria dizer que eu era uma ladra.

Mas logo em seguida Nelson estava do meu lado, mostrando minha flecha.

— Esta flecha matou o impala. Atingiu o pescoço. Olhe as suas. Duas alfinetadas no flanco, que ele nem sentiu antes de morrer.

Gbenye entortou os lábios.

— Como a flecha de uma mulher pode matar um impala de um ano?

— Ferindo no pescoço, Gbenye. As suas flechas correram atrás dele, como um cachorro atrás da cadela. Cadê a pontaria, *nkento*?

Gbenye ergueu o punho e tive certeza de que ele ia matar Nelson por aquele insulto. Mas ele apontou o dedo para mim e sacudiu, como se o estivesse secando de sangue ou lama. Mandou-me esfolar o animal e levar a carne para a aldeia. Depois virou-se e se afastou.

Nelson pegou a faca e se ajoelhou para me ajudar na tarefa tediosa de cortar os tendões e puxar a pele. Meus sentimentos estavam confusos: ao mesmo tempo, agradecida e enjoada.

Nelson tinha ridicularizado a pontaria de Gbenye quando o chamou de *nkento*. Uma mulher.

Rachel

Se você acha que tem a mais pálida ideia daquele horror, está completamente enganado. Ovelhas a caminho do matadouro. Éramos nós ou eram os animais, nem sei de quem tenho mais pena. Foi o pior dia da minha vida. Fiquei no meio daquele campo esturricado com o gosto de cinza na boca, cinza nos olhos, no cabelo, toda suja e enodada. Parei e rezei a Jesus, se ele estivesse ouvindo, pedindo para voltar para a Georgia, onde a gente pode ir à lanchonete e pedir um hambúrguer, sem ter de ver olhos girando nas órbitas nem sangue esguichando do corpo.

Oh, como eles gritavam felizes. Desde o último jogo na escola, nunca tinha visto tanta alegria. Todo mundo pulava de alegria. Inclusive eu, no início, estava pensando, hurra, afinal uma refeição decente. Se eu tiver de comer mais um omelete, vou começar a cacarejar. No fim do dia, todo mundo estava sujo de sangue, como vampiros horrorosos e felizes, e eu não conseguia mais me sentir como um deles. Tudo tinha mudado. Ali, diante de meus olhos, o povo da aldeia tinha se transformado em criaturas brutais, as bocas famintas muito abertas. Minha própria irmã, Leah, estava ajoelhada, esfolando ansiosa um coitado dum antílope. Deu um corte na barriga e puxou a pele para trás, com um barulho horrível de coisa rasgada. Ela e Nelson estavam agachados lado a lado, cortando com uma faca e até com os dentes. Os dois estavam tão cobertos de cinza, que pareciam a caçarola e a chaleira, cada um mais preto que o outro. Quando terminaram, a carne era uma massa mole, de um azul e vermelho brilhantes, toda coberta com uma camada de gordura branca. Parecia nosso galgo Babe, só que todo feito de cartilagem e sangue. Os olhos mortos, imploravam por piedade. Não pude evitar. Dobrei o corpo e vomitei em cima do meu tênis.

Desci a colina fumegante e marchei para casa, sem nem mesmo avisar para Mamãe que eu ia embora. Afinal, já tenho 17 anos e não sou mais criança, eu é que tenho de decidir o destino da minha vida. Os outros iam todos para a praça idiota da aldeia, com certeza para festejar e dividir o saque.

Eu não. Me tranquei na cozinha, arranquei as roupas imundas e joguei no fogão. Esquentei uma chaleira de água, joguei na banheira galvanizada e sentei lá dentro como uma batata cozida, sozinha no mundo, chorando. O retrato do presidente Eisenhower me olhava da parede, e eu cobri o peito com os braços, chorando ainda mais. Senti a pele vermelha escaldada se descolar do corpo, igual

à daquele pobre antílope. Eu ia ficar igual a toda aquela carne esfolada que todo mundo levou para casa naquele dia. Para mim seria ótimo morrer junto com todos aqueles animais. E quem ia ligar? Enquanto a água esfriava eu fiquei olhando para o presidente. A cabeça redonda e branca era amistosa e gentil, e eu chorei como um bebê, porque queria ser filha dele, e não dos meus pais. Eu queria viver protegida por gente que vestisse roupas decentes, que trouxesse carne do açougue, como quer o Bom Deus, e que se preocupasse com os outros.

Jurei que se saísse viva deste sofrimento, eu não ia tocar em nenhum pedaço daqueles animais cercados e mortos naquela colina como crianças inocentes. É o que eles eram — babuínos e javalis e antílopes enlouquecidos de medo do fogo. E aquelas pessoas eram iguais a animais: Leah e todos aqueles homens lambendo os beiços, já sentindo o gosto da carne assada na fumaça do fogo. E a coitadinha da Ruth May, catando lagartas torradas e enfiando na boca, porque os pais não conseguem alimentá-la. Todos eles debaixo do sol quente daquele dia, não passavam de animais amaldiçoados com a marca da cinza na cara. Só isso, pobres animais lutando pela vida.

Leah

Deveria ter sido o dia mais glorioso da nossa aldeia, mas foi um desastre. Daqui a 50 anos, se ainda estiver viva, vou me lembrar daquela tarde e da manhã que se seguiu. E certamente vou me lembrar pelo que foram: o dia mais terrível de nossas vidas. Depois da caçada deveria haver uma comemoração, mas antes que os anciãos trouxessem os tambores para baixo da árvore e a festa começasse, ela já tinha se transformado numa confusão de gritos e brigas. Homens conhecidos como pais gentis e generosos se transformaram em completos desconhecidos, de punhos fechados, olhos arregalados, gritando uns com os outros. Ruth May disparou a chorar e se escondeu na saia de Mamãe. Acho que ela nunca entendeu o que estava acontecendo. Nunca.

Sei que também tive culpa, não nego. Mas já tinha acontecido tanta coisa quando eu entrei na confusão! Desde o dia em que chegamos a Kilanga, as coisas começaram a dar errado, embora ninguém percebesse. Nem mesmo a Independência gloriosa iria ser boa para todo mundo, como tinham prometido naquele dia às margens do rio, quando Lumumba e os belgas fizeram promessas diferentes, e o rei branco se escafedeu disfarçado. Haveria ganhadores e perdedores. Agora há guerras no sul, matanças no norte, boatos de que os estrangeiros tomaram o exército e querem matar Lumumba. No dia da caçada já havia uma guerra vindo em nossa direção, negros contra brancos. Fomos todos engolidos por uma ganância incontável.

Minha discussão com Gbenye a respeito do impala, que eu realmente tinha matado, se transformou numa discussão aos gritos entre as pessoas que tinham votado em mim e os que tinham votado contra. Alguns mudaram de lado, a maioria passando a ser contra mim, com medo das ameaças de Tata Kuvudundu. As coisas terríveis que ele tinha prometido já estavam começando a acontecer. Olhos nos espiavam do alto das árvores enquanto carregávamos a carne para empilhar na aldeia, cercada pela multidão faminta. Gbenye foi o primeiro, puxou meu antílope da pilha e o levantou orgulhoso no ar. Tata Ndu lhe tomou o animal, levantou a machadinha e com um golpe seco cortou o quarto traseiro. E jogou este pedaço para mim. Ele bateu no chão com um pancada surda e espirrou sangue nas minhas meias. Na ausência absoluta de qualquer outro som, os gafanhotos nas folhagens acima de nós encheram meus ouvidos.

Eu sabia o que deveria ter feito: recolher o pedaço com as duas mãos e dá-

lo para Mama Mwanza. Eu deveria ter dado a outra face. Mas o pecado do orgulho me dominou num aperto forte. Peguei a perna ensanguentada e atirei-a em Gbenye, atingindo-o em cheio nas costas quando ele estava se gabando para os amigos. Ele tropeçou para a frente e um dos amigos riu.

Tata Ndu se voltou para mim, o olhar feroz sob as sobrancelhas grossas. Apontou a mão para nós e disse com raiva em kikongo.

— Tata Price recusou a parte da carne de sua família. *Á bu mpya*. Quem é o próximo?

Encarou um rosto silencioso de cada vez, e declarou.

— Anatole! *Anatole báana bansisila àù á-aana!* Anatole o órfão sem descendência!

Era o maior insulto que se podia fazer a um homem congolês.

— Para você isto vai dar com sobras — pronunciou Tata Ndu, apontando para a mesma perna jogada na terra.

Algumas horas antes, aquela fora a perna forte de um jovem antílope. Agora estava ali aos nossos pés, nua, imunda. Parecia mais uma maldição do que uma dádiva.

Anatole respondeu com a voz educada de professor.

— *Excusez-moi, Tata Ndu, mais non. Ça, c'est de compte à demi de la famille Price. La grande bête là, c'est la mienne.*

Sozinho, com as duas mãos, Anatole, o órfão sem descendentes, começou a puxar um dos javalis maiores, que ele tinha matado na colina. Não foi correto da parte de Tata Ndu insultar Anatole, que não havia falado em meu favor, tinha apenas pedido para que as pessoas pensassem por si mesmas. Agora eu estava apavorada com a perspectiva de que ele não pudesse mais se associar com a nossa família.

Vi com alívio que Tata Boanda se adiantou para ajudar Anatole. Mas então Tata Boanda deu um puxão forte e começou a gritar, e eu entendi que ele estava reclamando para si mesmo o javali de Anatole. Mama Boanda, já velha, correu e começou a gritar e a bater no rosto de Anatole, que tropeçou para trás e largou o animal. Corri para apoiá-lo, mas fui empurrada por trás pelo velho Tata Kili, que só tem um braço e que não conseguiu me ultrapassar na corrida para exigir a sua própria parte do bolo. Atrás dele vinham as duas Mama Kilis, decididas a descobrir a parte dele e retirá-la. Tata Ndu tentou falar de novo, mas foi afogado pela onda dos nossos vizinhos que avançaram, contornando-o.

Foi assim que o acontecimento normal e feliz de dividir o alimento depois da caçada se transformou numa guerra de insultos, raiva e barrigas famintas. Haveria mais que o suficiente para todas as famílias. Mas quando nos aproximamos para receber nossa porção da providência divina, os traseiros

gordos daqueles animais maravilhosos que tínhamos perseguido na colina se reduziram a carcaças de tendões queimados e cartilagens de animais emagrecidos pela seca. A abundância desapareceu diante de nossos olhos. Onde havia muito, agora só víamos o insuficiente. Até as crianças agrediam os amigos e roubavam lagartas das cestas uns dos outros. Filhos gritavam com os pais. Mulheres decretavam uma eleição e votavam contra os maridos. Os anciãos cujas vozes mal passavam de um sussurro por estarem tão acostumados a serem ouvidos, foram reduzidos ao silêncio no meio da confusão. Tata Kuvudundu estava irritado e imundo. Seu traje branco estava completamente preto de cinza. Mais uma vez ele levantou as mãos e lançou sua maldição de que os animais e a natureza estavam se levantando contra nós.

Tentamos ignorar o que ele falava, mas todos ouvimos. Em algum canto do coração, nós recuamos, sabendo que ele tinha razão. Os animais mortos aos nossos pés pareciam nos amaldiçoar e zombar de nós por tê-los matado. No final fomos todos para casa com a carne que nos coube, com a sensação de que nós é que tínhamos sido caçados. O que sempre foi a mais antiga de todas as celebrações, a distribuição da abundância, tinha se arruinado nas nossas mãos.

Rachel

À noitinha, minhas irmãs e meus pais voltaram para casa e tudo parecia um hospício. Nada aconteceu como eu esperava.

Eu tinha saído do banho, vestido roupas limpas, secado o cabelo com toalha e estava esperando tranquilamente sentada na sala, preparada para anunciar à minha família que eu agora era vegetariana. Para mim estava claro o que isto significava: eu tinha de viver de bananas e ficar desnutrida. Eu sabia que Mamãe ia ter opiniões muito fortes sobre eu acabar igual às crianças congolezas, com as pernas curvas e ossos fracos. Mas eu não me importo, nem se meu cabelo cair. Tenho 17 anos e também tenho meus direitos, além do mais, eu já tinha preparado meu plano secreto. Logo que Eeben Axelroot chegasse, eu ia usar nele toda a minha sedição feminina a meu favor. Eu ia fazer tudo o que fosse preciso para ele me levar embora daqui no avião. Eu ia dizer para eles: “Meu noivo e eu estamos pensando em voltar para os Estados Unidos, que é um país livre onde a gente pode comer o que quer.”

Mas não foi essa a conversa que aconteceu. Quando eles chegaram em casa, todo mundo estava histérico comentando a briga enorme que aconteceu para saber quem ia levar a parte de quem daquela carne horrorosa. Ficaram conversando sobre aquilo tudo enquanto Mamãe preparava o fogão para assar a perna de antílope e amassava algumas bananas. O cheiro estava tão bom. Dava para ouvir a carne estalando, crocante e succulenta, e eu tenho de confessar que na hora do jantar eu comi um pouquinho, mas só porque eu estava realmente fraca por causa da fome. E comecei a pensar na queda do meu cabelo. Mas! Se tivesse uma mercearia num raio de cem milhas, pode acreditar, eu tinha ido lá sozinha, buscar alguma comida que não tivesse a ver com bichos.

Durante o jantar a balbúrdia na nossa casa ainda era grande, Leah contando mais uma vez como ela tinha matado sozinha um antílope inteiro, e que não era justo a nossa família não ficar com ele todo. Papai disse que Deus não tinha piedade de quem despreza os pais e que ele, o reverendo Price, estava lavando as mãos da educação moral dela. Falou isso com a voz mais natural, como se estivesse dizendo que o cachorro virou a lata de lixo outra vez. E disse que Leah era um vaso impróprio e vergonhoso para a vontade de Deus, e era por isso que ele nem ia mais se rebaixar a lhe dar castigo quando ela merecesse.

Leah respondeu para ele, numa voz calma, como se ela também estivesse

dizendo que não sabia quem mexeu com o lixo, mas não tinha sido *ela*. Ela disse: “É esse o seu ponto de vista, Papai? Que interessante o senhor pensar assim”, e assim por diante. O que era ótimo para ela, já que ela não ia mesmo ser castigada. Sortuda! Ruth May, Adah e eu ficamos de fora desta, pois ainda éramos vasos adequados para uma boa sova, foi a última coisa que ouvimos. Embora alguém pudesse ter mostrado a Papai que finalmente alguém aqui de casa tinha trazido comida para nós. Alguém podia ter dito que agora é Leah quem usa as calças nesta família, o que é verdade. Mamãe mostrou que estava contra Papai, sem falar nada, pelo jeito barulhento como empilhou os pratos.

Então, de repente, todo mundo virou para o Nelson, que entrou correndo em casa morrendo de medo de morrer. Era alguma coisa a respeito de uma cobra. Ele tinha visto o sinal do mal em frente ao nosso galinheiro. Isso não era nenhuma surpresa, porque nos dois últimos dias as pessoas estavam achando cobras por todo lado. Por exemplo, dentro de casa, numa cesta de feijão com a tampa bem fechada. Lugares onde não era normal encontrar uma cobra. Nelson disse que todo mundo estava com medo, dava para ver o Medo andar com os próprios pés. Quando viu o sinal do mal, ele ficou apavorado, pois ele dorme no galinheiro. Ele estava com tanta certeza que estava condenado, que não tinha jeito de mudar a ideia dele. Mamãe tentou, mas ele nem quis ouvir. Disse que quando já estava pronto para deitar, ele ouviu um barulho e foi lá fora para ver o que era. Quando ele saiu, duas sombras cruzadas como um X passaram na frente dele. Ultimamente ele vinha amarrando a porta do galinheiro quando ia dormir, mas agora estava claro que não existia corda tão forte. Nelson não ia dormir no nosso galinheiro, nem por todos os dentes da China.

Duas coisas retas fazem a sombra de um X, foi o que Mamãe disse para ele, o que é verdade, principalmente para quem tem uma imaginação desvirada. Algum palhaço deve estar querendo fazer medo nele, e devia levar um belo tapa na cara. Mas Nelson disse que não era uma sombra comum. Disse que era a cobra dos sonhos.

Papai disse que este era o resultado da crença em falsos ídolos e que ele também lavava as mãos daquele problema. Naquela noite, ele lavou as mãos de tudo. Mamãe não estava concordando com ele, mas nos proibiu de chegar perto do galinheiro para investigar. Papai citou o versículo da Bíblia que diz que só se deve ter medo do próprio medo. E disse para Mamãe que se ela deixasse Nelson dormir na nossa casa, ela estava confirmando as crenças dos idólatras e que, se ela também quisesse ser uma, ela podia pegar as filhas e procurar abrigo entre eles. Depois ele se virou para nós e declarou que já era tempo de a gente ir para a cama e esquecer essas ridículas superstições congolezas.

Mas Nelson saiu de casa num tal estado de terror que não tinha nada de

engraçado. Até Anatole já tinha dito para a gente ser supercuidadosa, e Anatole, é preciso reconhecer, tem a cabeça bem plantada nos ombros. Tentamos dormir, mas ouvimos Nelson implorando para entrar em casa, e ficamos muito assustadas. Até Leah. A gente não acreditava nos espíritos do vudu, e ficou afirmando isto umas para as outras até ficar azul. Mas ainda assim, existia aquela coisa escura que nos observava da floresta, e se enrolava debaixo da cama das pessoas durante a noite, não interessa se isso é medo, sonhos com cobras ou falsa idolatria, mas a verdade é que *alguma coisa* existe. Ela não liga para as nossas orações da hora de dormir, nem quer saber se a gente acredita nela de verdade. O problema é saber se *ela* acredita na *gente*.

Ficamos na cama, ouvindo os gemidos longos e altos de Nelson. As lagartixas corriam pela parede. A lua fazia sombras no mosquiteiro. Nelson implorava sem parar, “*bākala mputu Nelson, bākala mputu*”, como um cachorro faminto que está ganindo há tanto tempo, que já não sabe mais parar. De repente, ouvimos o rangido das molas da cama de Papai, e ele na janela gritando para Nelson calar a boca. Leah virou de bruços e cobriu a cabeça com o travesseiro. Eu fiquei com raiva, nós todas ficamos. O ódio de Papai e o medo silencioso de Mamãe estavam infectando nossas mentes.

Não demorou, e Leah disse.

— Isso não está certo. Eu vou ajudá-lo. Quem tem coragem de vir comigo?

Eu fiquei com medo só de pensar em sair lá fora, mas eu não ia ficar aqui sozinha com as sombras, as lagartixas e sei mais o quê. Acho que a nossa casa me dava mais medo do que qualquer outra coisa. A casa era todo o problema, porque era nela que morava a nossa família. Eu já tinha passado do tempo de me sentir segura debaixo das asas dos nossos pais. Talvez eu ainda sentisse quando a gente chegou no Congo, porque nós todas ainda éramos pouco mais que crianças. Mas agora tudo mudou; ser americana não tem a menor importância, e ninguém nos dá nenhuma consideração especial. Agora estamos todos, pretos e brancos, juntos no mesmo inferno. E, com certeza nós já não somos crianças. Leah diz que no Congo só existem duas idades: os bebês, que têm de ser carregados, e os adultos, que se levantam e lutam por si sós. Não existe fase intermediária. Não existe infância. Às vezes eu acho que ela tem razão.

Depois de um tempo, ela falou de novo.

— Eu vou lá fora ajudar Nelson, e Papai que vá para o inferno.

Mesmo sem dizer nada, todas nós concordamos com relação ao lugar para onde Papai devia ir.

Adah sentou e começou a vestir a calça jeans. Era sua maneira de dizer, “podem contar comigo”. Portanto, eu comecei a procurar meus chinelos, e Leah vestiu uma blusa e calçou os tênis em Ruth May. Em silêncio, como

camundongos, pulamos a janela e fomos para fora.

Decidimos montar uma armadilha, igual a Daniel no templo. Foi ideia da Leah. Nelson encheu uma lata de cinza do fogão que nós espalhamos na terra dura em volta do galinheiro. Dentro também. Trabalhamos à luz de velas. Nelson ficou vigiando para garantir que ninguém estava vendo. Mas Ruth May era descuidada, e nós também, e deixamos nossas marcas no chão. Depois as nossas galinhas acordaram, pois vieram de um galinheiro diferente, na casa de Mama Mwanza, e ainda não estavam acostumadas com o nosso, e saíram correndo carimbando pés de galinha por todo o chão. Tivemos de limpar tudo e começar de novo. Da segunda vez nós fomos bem mais cuidadosas. Mandamos Ruth May ficar quieta num lugar, e recolocamos as galinhas no ninho para chocar. Elas ficaram olhando para nós com os olhinhos estúpidos e fazendo um barulho com as penas para se acalmarem.

Quando tudo ficou pronto, mandamos Nelson ir dormir na casa de Anatole e voltar antes do dia raiar. Leah correu a metade do caminho com ele, porque ele estava muito assustado, e voltou sozinha. Voltamos na ponta do pé para a cama, deixando as cinzas espalhadas como a neve que acabou de cair. Se alguma coisa ou alguém pusesse os pés no galinheiro — quer dizer, se tiver pés — nós íamos pegar o culpado com a boca na botija.

Adah

Há sete formas de um pé tocar o solo, cada um tem um poder particular. Saberá ele como tudo acabaria para nós no final? E eu, deveria saber? Pois eu já o tinha visto, há muito tempo. Eu o vi dançando, pés no chão, eu o vi lançar os ossos. Na clareira atrás de nossa casa, foi lá que ele preparou o seu feitiço. Com a machadinha, ele cortou a cabeça de dois cachorrinhos vivos e apertou os narizes contra o chão, enquanto recitava promessas. Contra ele, libertei silenciosamente a minha voz, e cantei na floresta. Cantei contra ele meus versos mais perfeitos, porque não possuo outros poderes.

Havia uma canção, uma noz rara, um demônio Havia um demônio!

Havia um demônio!

Molhar o nariz na sopa estragada

Mal ação vida!

Mal ação vida!

Sol! Opus! Rato! Estrelas sobre nós,

Olho no olho!

Olho no olho!

Cansada e podre, a carne rasgada de Ada O olho viu o olho

Na manhã depois de termos espalhado as cinzas, acordamos antes do raiar do dia. Curiosas para ver a presa na nossa armadilha, esperamos deitadas, com os olhos abertos, até que o rosto de Nelson apareceu na janela. Então, enquanto nossos pais ainda dormiam, saímos da casa nas pontas dos pés. Nelson nos esperava, com um pedaço de pau com o dobro da sua altura. Acompanhados pelo medo, fomos para o galinheiro.

É estranho dizer isso, quando se usam as palavras excitado e aterrorizado, as duas coisas parecem gerar a mesma sensação no corpo. Ao passar diante da porta do quarto de nossos pais e ao sair pela porta da frente, nossos corpos tinham a mesma sensação dos Natais de antigamente e de todas as manhãs de Páscoa, quando Cristo subiu ao Céu e nossa mãe tinha escondido coelhinhos de malva-rosa na grama assustada da residência da igreja em Bethlehem, Georgia. Ruth May maravilhada, com a mão sobre a boca e os olhos muito abertos, eu me

prometi esquecer, esquecer, esquecer e não esquecer, pois aqueles olhos hão de ver através de qualquer coisa, até de meus sonhos. Ruth May com os olhos de uma manhã de Páscoa.

Como Nelson já sabia, ela estava lá dentro do galinheiro. Ele nos parou na porta, e nos congelamos atrás do seu braço estendido até a vermos no canto do fundo, no ninho, enrolada em torno das nossas duas preciosas galinhas e de todos os seus ovos. Duas pobres mães eriçadas, sem respiração, presas ao futuro natimorto. Ninho, ovos e galinhas eram todos um pacote único, atado com um laço estreito de um verde brilhante. Era tão bonita, enrolada de forma tão caprichada em torno de galinhas e ovos, que de início não entendemos o que estávamos vendo. Nelson levantou a vara e bateu com força na parede atrás do ninho, e a poeira choveu fina sobre as galinhas escuras e imóveis. O corpo verde se mexeu de repente, inteiro de uma só vez, para cima, para baixo e para os lados. Parou, depois avançou mais um pouco, desfazendo o nó. Surgiu uma cabeça pequena e chata que girou para nos encarar. Lentamente ela se abriu, mostrando o interior azul claro da boca e as duas presas. Uma língua, lambendo delicadamente o ar.

De repente, ela se lançou contra a vara, dando dois botes, depois se afastou do ninho e passou depressa por nós, e saiu pela porta para a luz da manhã, desapareceu.

Sem respirar, olhamos o lugar onde a cobra estivera, até que nossos olhos se recuperaram e pudemos entender na lembrança o que tinha acabado de acontecer na nossa frente. A mamba verde, mestre da camuflagem, agilidade, agressividade e velocidade. *L'ingéniosité diabolique de la nature a atteint avec ce serpent le plus haut degré de perfection*, dizem os especialistas no livro sobre cobras da biblioteca: nesta serpente, o gênio diabólico da natureza atingiu o mais alto grau de perfeição. O que tinha acabado de passar por nós fora um cesto de morte, desdobrado. Um presente oferecido a Nelson. Então, três de nós respiramos. Juntas. Olhamos a cinza branca no chão.

Um pé tinha marcado o chão de todas as sete formas de uma dança. Pegadas se espalhavam em círculos fechados. *Mal, ação, vida*. Não eram as patas de um leopardo que anda ereto e ataca os homens por sua irreverência. Não eram as marcas da barriga de cobras irritadas que saem do chão por sua própria conta para nos punir. Um homem, um homem apenas, e nenhum outro, foi quem trouxe a cobra numa cesta, ou nas próprias mãos, encantada ou desacordada, como um presente. Um único dançarino, com seis dedos no pé esquerdo.

Leah

Só me lembro de ter ouvido um som de susto, um soluço e um grito, tudo ao mesmo tempo, o grito mais estranho, como um bebê que aspira o ar pela primeira vez. Não sabíamos de onde tinha vindo, mas estranhamente, olhamos todos para o alto das árvores. Um vento nervoso balançou os galhos, nada mais. Só o silêncio caiu sobre nós.

É estranho lembrar que olhamos todos para cima. Nenhum de nós olhou para Ruth May. Não posso nem mesmo afirmar que Ruth May estivesse ali conosco. Naquele momento é como se ela tivesse desaparecido, e sua voz atirada para o alto das árvores. Então ela voltou para nós, mas tudo o que sobrou dela foi o silêncio terrível. A pele vazia e sem voz de minha irmã caçula, sentada em silêncio, apertando-se num abraço.

— Ruth May, querida, está tudo bem. A serpente malvada já foi embora.

Eu me ajoelhei ao seu lado, segurando-a com cuidado pelo ombro.

— Não precisa ficar assustada. Ela já foi embora.

Nelson também se ajoelhou e pôs o rosto junto do dela. Abriu a boca para falar, acho que para acalmá-la, pois ele gostava muito dela. Eu sei. Já vi como ele canta para ela, como a protege. Mas o silêncio terrível também dominou Nelson, e ele não conseguiu falar. Os olhos dele se arregalaram à medida que o rosto dela começou a mudar para um azul pálido que descia da linha dos cabelos até os lábios inchados. Não tinha olhos. Quero dizer, ninguém que conhecêssemos nos olhava por trás daqueles olhos.

— Ruth May, o que foi? O quê! *O que você viu?*

Em pânico, eu a sacudi com força, e acho que devo ter gritado estas palavras para ela. Isto eu não posso mudar: eu a sacudi com força e gritei com ela. Foi esta provavelmente a última imagem de sua irmã Leah.

Nelson me empurrou. De repente ele tinha voltado à vida e falou tão rápido em kikongo que eu não conseguia entender. Ele rasgou a blusa dela, arrancou e pôs o rosto contra o seu peito. Então ele se afastou horrorizado. Olhamos assustadas, e eu pensei em procurar os botões da blusa para depois ajudá-la a prendê-los de novo. Botões são muito preciosos por aqui. As coisas estranhas que eu pensei, tão ridículas. Porque eu não conseguia ver o que estava à minha frente.

— *Midiki!* — ele gritou para mim. Esperei a palavra penetrar no meu

cérebro estúpido e espesso e começar a formar um sentido. — Leite, tragam leite, de cabra, de cachorra, qualquer tipo de leite para tirar o veneno. Chame Mama Nguza, ela sabe o que fazer, ela salvou o filho da mamba verde. — Eu só conseguia olhar para o ombro esquerdo nu de Ruth May, onde dois pequenos furos apareciam como contas vermelhas na sua pele. Dois pontos, uma polegada um do outro, pequenos e nítidos como pontos finais no fim da sentença que nenhum de nós conseguia ler. Uma sentença que teria começado em cima do seu coração.

Adah

Como eu não pude esperar a Morte — Gentilmente ela me esperou.

Não estive presente ao nascimento de Ruth May mas eu assisti a ele agora, porque vi todos os passos dele representados ao reverso, no fim de sua vida. O parêntese de fechamento no final do palíndromo que foi Ruth May. O último hausto, ansioso como o primeiro do bebê que acaba de nascer. O choro do último grito, exatamente igual ao primeiro e, então, no final um movimento firme de afastamento para fora deste mundo. Depois do gemido, o silêncio arregalado, sem respiração. O rosto azulado, marcado pela pressão do ajuntamento, da proximidade das multidões da outra vida que marcam os limites do viver. Os olhos se fecharam, e os lábios inchados se trancaram. A espinha se curvou, e os membros se encolheram, até ela ficar incrivelmente pequena. Enquanto observávamos sem compreender, ela se afastou para onde nenhum de nós gostaria de segui-la. Ruth May atravessou de volta a passagem estreita entre este breve tecido de luz e tudo o mais que existe para nós: a longa espera. Agora ela vai nos esperar pelo resto do tempo. E a duração desse tempo será tão longa quanto o tempo passado antes que nascesse.

Como não pude esperar a morte, gentilmente ela me esperou, ou no mínimo parou para dar um golpe com a boca azul céu-montanha no momento em que passava. Um raio não ataca duas vezes, a lição que aprendemos na odiosa velocidade da luz. Uma mordida de luz dada em Ruth uma verdade um pressentimento azul celeste e oh, como somos importantes para nós mesmos quando chega, chega, aquela sombra comprida na grama.

Rachel

Tem um momento estranho no tempo, depois de acontecer alguma coisa horrível, que a gente sabe que é verdade mas ainda não contou para ninguém. De todas as coisas, é desta que eu mais me lembro: agora vamos ter de voltar e contar para Mamãe. Que Ruth May, ai, meu Deus! Ruth May morreu. Tínhamos de dizer aos nossos pais, e eles ainda estavam na cama, dormindo.

No início eu não chorei, e depois, não sei por quê, eu me desmanchei quando pensei em Mamãe dormindo na cama. O cabelo negro espalhado no travesseiro e o rosto doce e calmo. Todo o seu corpo ainda sem saber. O corpo que tinha gestado e dado Ruth May à luz, depois de nós todas. Mamãe, dormindo de camisola, ainda pensando que tinha quatro filhas vivas. Agora, nós tínhamos de pôr um pé na frente do outro, ir até a porta dos fundos, entrar em casa, parar diante da cama dos nossos pais, acordar a Mamãe e dizer para ela as palavras, *Ruth May*, dizer a palavra *morta*. Dizer a ela, *Mamãe, acorde!*

O mundo inteiro seria mudado, nada seria certo, jamais. Não para a nossa família. Todas as outras pessoas no resto do mundo todo iam continuar tocando normalmente as suas vidas, mas para nós, nada seria normal outra vez.

Não consegui me mover. Nenhuma de nós conseguiu. Olhamos umas para as outras, porque sabíamos que alguém tinha de ir, mas acho que nós todas tivemos a mesma ideia estranha de que se a gente ficasse ali parada para sempre, a gente ia manter nossa família como sempre fora. Não queríamos acordar deste pesadelo, e descobrir que era a vida de outra pessoa e, pela primeira vez, aquela outra pessoa não era um pobre infeliz dentro de uma cabana, um qualquer que a gente podia esquecer. Era a *nossa* vida, a única que íamos viver. A única Ruth May.

Até aquele instante, eu tinha sempre acreditado que podia voltar para casa e fingir que o Congo nunca tinha acontecido. A miséria, a caçada, as formigas, as dificuldades, nossas e de todas as pessoas que víamos, tudo seriam histórias. Um dia eu ia contar para alguém, rindo e balançando os cabelos, quando a África fosse uma coisa distante, um faz de conta, como as pessoas dos livros de histórias. Que as tragédias acontecidas na África não eram minhas. Nós éramos diferentes, não somente por sermos brancos e vacinados. Eu ia voltar para Bethlehem, Georgia, voltar a ser a mesma Rachel de antes. Eu ia crescer para me tornar uma esposa americana despreocupada, com coisas bonitas e uma vida

sensata, e três irmãs para compartilhar dos meus ideais, com quem eu ia falar ao telefone uma vez ou outra. Era nisso que eu acreditava, nunca pensei em ser alguém diferente. Nunca me imaginei como uma garota que os outros iam evitar olhar, que iam apontar como uma garota marcada pela tragédia de ter sofrido tamanha perda.

Acho que Leah e Adah também sentiam as mesmas coisas, de formas diferentes, e foi por isso que nenhuma de nós se moveu. Achamos que era possível congelar o tempo por um minuto a mais, e mais outro depois. Que se nenhuma de nós confessasse, conseguiríamos interromper a praga rogada sobre o que ia ser a nossa história.

Leah

Mamãe não fez discursos nem arrancou os cabelos. Era como se alguém já lhe tivesse contado, antes de chegarmos lá.

Ela se vestiu em silêncio, prendeu o cabelo para trás, e se lançou numa sucessão de tarefas, a começar dos mosquiteiros das quatro camas, que foram arrancados. Ficamos com medo de perguntar o que ela estava fazendo. Não sabíamos se ela queria nos castigar com a malária, ou se tinha apenas ficado louca. Assim, tentamos não atrapalhar, e ficamos observando. Todos nós, até Papai. Pela primeira vez ele não tinha palavras para ilustrar nossas mentes nem aperfeiçoar nossas almas, nenhuma parábola para transformar a morte de Ruth May numa lição sobre a Glória de Deus. Meu pai, cujas mãos fortes tinham sempre agarrado o que chegava, moldando-o segundo a sua vontade, parecia agora incapaz de entender o que tinha acontecido.

— Ela ainda não tinha sido batizada.

Olhei para ele quando disse aquilo, assustada com uma observação tão pateticamente fora de hora. Era essa a preocupação dele, a condição da alma de Ruth May? Mamãe o ignorou, mas eu estudei o rosto dele à luz clara da manhã. Os olhos azuis, o esquerdo estrábico e enfraquecido pela guerra, estavam vazios. As orelhas vermelhas enormes me repugnavam. Meu pai era, simplesmente, um homem feio.

É verdade que ela não tinha sido batizada. Se considerasse que isso era importante, alguma de nós poderia lançar a culpa sobre Papai. Ele insistia que ela era ainda muito jovem para assumir a responsabilidade de receber Cristo, mas na verdade, acho que ele a estava guardando para a cerimônia. Ele queria batizar sua própria filha com todos os outros filhos de Kilanga, no dia em que seus sonhos finalmente se realizassem. Isso daria um toque de sinceridade à ocasião.

Ele agora parecia meio bobo e vazio de sonhos. Não aguentava mais vê-lo parado na porta, o corpo preso ao esqueleto, sem nada além das próprias mãos inúteis para lhe fazer companhia. E nada dizia para a mulher, além de “não pode ser”.

Não podia ser, mas era, e só Mamãe, dentre nós, parecia entender isto. Com um lenço escuro no cabelo e as mangas da blusa manchada enroladas, ela realizou seu trabalho com a determinação do sol ou da lua, um corpo celeste

seguindo seu caminho pela casa. Suas tarefas a afastavam continuamente de nós — sombras insignificantes, o marido e as filhas vivas. Com determinação e eficiência, ela juntava tudo que fosse necessário de cada cômodo e passava para o seguinte, como fazia quando éramos muito mais novas e precisávamos muito mais dela.

Ela foi até a cabana da cozinha e acendeu o fogão, esquentou uma panela de água, trouxe para a casa e pôs na mesa, onde Nelson tinha depositado o corpo sobre um lençol. Mamãe deu um banho em Ruth May com um pano molhado, como se ainda fosse um bebê. Fiquei de costas para a parede, lembrando outros tempos, vendo-a esfregar cuidadosamente o queixo e as dobras dos cotovelos e dos joelhos. Na nossa casa em Bethlehem, eu gostava de ficar olhando pela porta do banheiro para ver as duas pelo espelho. Mamãe cantando perguntas baixinho e beijando as respostas nas mãozinhas abertas. Adah e eu tínhamos nove anos, muito velhas para ter ciúmes de um bebê, mas mesmo assim eu ficava pensando se ela tinha me amado tanto. Como éramos gêmeas, ela só poderia ter dado a metade do amor para cada uma. E Adah tinha necessidade de mais amor.

Um passarinho cantou nos arbustos perto da janela. Eu não conseguia entender aquele dia claro e comum que passava fora de nossa casa. Mamãe colocou a mãozinha macia sobre a dela e lavou os dedos, um de cada vez. Tomou a cabeça no braço e enxaguou o cabelo, com cuidado para não deixar cair sabão nos olhos de Ruth May. Quando enxugou com a toalha a cabeça de minha irmã, ela se abaixou e aspirou o perfume do cabelo louro. Eu me senti invisível. A força do desejo de minha mãe de fazer daquele um ritual privado me tinha feito desaparecer. Mesmo assim eu não conseguia sair da sala. Depois de ter lavado e enxugado a filha na toalha, ela cantou baixinho enquanto desembaraçava os cabelos louros e penteava tranças no cabelo molhado. Então ela começou a cortar os mosquiteiros em faixas longas e a costurar as camadas. Finalmente entendemos que ela estava fazendo uma mortalha.

— Leah, ajude-me a levar esta mesa lá para fora — disse ela, quando terminou. Em mais de meio dia, era a primeira vez que ela falava comigo, ou com qualquer outra pessoa, e eu me apressei em obedecer. Ela levou Ruth May para sua própria cama, e eu arrastei a mesa pesada para o meio do nosso terreiro da frente. Foi preciso fazê-la passar de lado pela porta. Quando a pusemos no chão as pernas se apoiaram na terra e ela ficou firme, como nunca ficou na nossa sala. Mamãe voltou para dentro e trouxe o corpo amortalhado nos braços. Deitou delicadamente Ruth May na mesa, compondo demoradamente os braços e pernas dentro do sudário transparente. A sombra da mangueira atravessava o terreiro, e descobri que já era de tarde, o que me surpreendeu muito. Olhei para várias coisas familiares, uma de cada vez: uma manga verde caída na grama; minha

própria mão; a mesa do jantar. Todas estas coisas pareciam objetos que eu nunca tinha visto. Olhei para a mesa e me forcei a aceitar as palavras “esta é minha irmã morta”. Mas Ruth May estava envolta em tantas camadas de tela de mosquito que eu quase não distinguia a menina morta lá dentro. Ela parecia mais uma nuvem, que iria subir para além das árvores no momento em que Mamãe finalmente a soltasse.

Nelson estava tecendo folhas de palmeira para fazer um arco funerário de flores e folhas para colocar sobre a mesa. Parecia um altar. Pensei que talvez eu devesse ajudar, mas não conseguia imaginar como. Várias mulheres da aldeia já tinham chegado. Mama Mwanza chegou primeiro com as filhas. Aos poucos, em grupos, as outras também foram chegando. Ao chegar, caíam de joelhos na entrada do nosso terreiro e vinham ajoelhadas até a mesa. Todas já tinham perdido filhos, de repente dei-me conta no meio do meu choque. Nosso sofrimento não era maior do que tinha sido o delas, não era mais real nem mais trágico. Era igual. Elas se ajoelharam todas em volta da mesa em silêncio por algum tempo, e eu sabia que devia me juntar a elas, mas estava com um medo irracional de me aproximar da mesa. Fiquei atrás do grupo.

De repente uma mulher gritou e eu senti que minha cabeça ia estourar. Todas as outras se juntaram na *biläla*, em voz trêmula e alta. Senti o sangue percorrendo todas as passagens apertadas do meu corpo: os pulsos, a garganta, os joelhos. Adah, ao meu lado, estava com o rosto muito branco, e olhou nos meus olhos como se estivesse se afogando. Já tínhamos ouvido tantas vezes esta cantilena fúnebre, durante as chuvas, quando tantas crianças ficaram doentes. Muitas vezes ela nos tinha enganado, tinha-nos feito correr para a janela para ver que tipo de pássaro tinha aquele canto tão estranho. Agora não conseguíamos pensar nos pássaros. O trinado das línguas de nossas vizinhas eram facas que separavam a carne dos ossos e nos fazia cair com nossa vergonha nosso amor nossa raiva. Fomos todas cortadas pela faca da nossa esperança, pois se existe uma coisa que todos esperamos é a certeza de que os mais novos sobreviverão aos mais velhos.

Na nossa família a última foi a primeira. Queria acreditar que ela tinha tido tudo o que queria. Esfolei os joelhos na terra, solucei e abri a boca para chorar. Cruzei os braços sobre o peito e segurei os ombros, lembrando dos ombros magros e estreitos de Ruth May sob a blusa branca. Lembrando da formiga-leão e “Pode Mamãe?” Lembrando da sua sombra estranha e transfigurada da última vez que a empurrei no balanço. O som de nossas vozes subiu no meio das árvores para o céu, mas não Ruth May.

Quando finalmente o choro terminou, ficamos envolvidos no silêncio e no barulho dos grilos. O ar estava pesado de umidade. Parecia um cobertor de lã

molhado que não se consegue afastar.

Mamãe começou a trazer toda a nossa mobília para fora. Primeiro as cadeiras, depois nossas camas e a escrivaninha do Papai. Ela moveu sozinha essas coisas pesadas, apesar de eu saber que há dois meses ela jamais teria condições de arrastá-las. Continuei a olhar sem qualquer expectativa, quando logo depois ela apareceu com nossas roupas e livros. Depois as panelas. Empilhou todas essas coisas em cima das cadeiras e da escrivaninha. As mulheres acompanhavam atentas como minhas irmãs e eu, mas ninguém se moveu. Mamãe parou, olhando para todos nós, esperando. Finalmente ela pegou a frigideira que tínhamos trazido de casa e pôs nas mãos de Mama Mwanza. Ofereceu nossas blusas e vestidos para as filhas de Mama Mwanza. Elas aceitaram os presentes com as duas mãos, agradeceram e foram embora. Mama Mwanza equilibrou a frigideira na cabeça, pois precisava das mãos para andar, e saiu solenemente com a família do nosso funeral. As outras mulheres tocaram, com medo, as outras coisas. A relutância inicial deu lugar a uma conversa excitada quando elas começaram a examinar as pilhas de nossas posses, colocando sem acanhamento nossos vestidos diante do peito das filhas, examinando outras coisas estranhas, como uma escova de cabelo, cortadores de unha, batendo com os nós dos dedos no esmalte das panelas para testar a qualidade. Finalmente pegaram o que queriam e se foram.

Mas as crianças logo voltaram, incapazes de resistir a um espetáculo como aquele. Exatamente como faziam quando chegamos aqui, elas se materializaram, uma por uma, saindo do ar úmido e das moitas de bambu até formarem um círculo silencioso e atento em torno do nosso quintal. Acho que estavam tão espantadas quanto nós, por verem que um membro de nossa família também era capaz de morrer. Gradualmente elas avançaram, fechando o círculo em volta da mesa, e ficaram ali por longo tempo, olhando para Ruth May.

Mamãe tinha voltado para a casa, de onde ouvíamos sua atividade estranha e incansável se movendo por cômodos vazios. Nosso pai tinha desaparecido. Minhas irmãs e eu ficamos de fora com as crianças porque elas pareciam aceitar a nossa presença. Como de hábito, nós nos ajoelhamos no chão e rezamos as preces vazias de nossa infância: “Pai Nosso que estais no Céu,” e “Ainda que eu caminhe pelo vale das sombras da morte, não hei de ter medo.” Não acreditava, nem remotamente, que algum pastor ia me guiar por esse vale terrível, mas as palavras familiares enchiam minha boca como algodão, e havia algum alívio em saber que pelo menos uma sentença havia de se seguir a outra. Era a única forma de eu saber o que fazer.

Toda vez que eu parava de rezar, o zumbido ensurdecedor dos gafanhotos me enchia os ouvidos. Portanto eu não parei. Às vezes Rachel rezava comigo, e

às vezes as crianças congolesas rezavam as palavras que conheciam. Recitei o Salmo 23, o Salmo 121, os Salmos 100, 137, 19 e o 66, o capítulo 21 do Apocalipse, o primeiro do Gênesis, Lucas 22, Coríntios 1 e finalmente João 3:16: “Pois Deus amou tanto o mundo, que enviou o seu filho unigênito, para que todo aquele que n’Ele crê tenha a vida eterna.”

Então eu parei. Já era muito tarde e eu já não conseguia me lembrar de nenhuma outra oração. Tinha rezado todas que eu sabia. Ouvi o mundo à minha volta, mas todos os outros sons tinham parado completamente. Nenhum passarinho piava. Fiquei aterrorizada. O ar parecia carregado e perigoso, mas eu já não conseguia mais rezar, nem conseguia me levantar para fazer qualquer outra coisa. Acima de tudo, parecia impossível que eu pudesse voltar para a nossa casa, onde estava Mamãe. De jeito nenhum. Fiquei onde estava, ajoelhada ao lado de minhas irmãs de cabeça baixa sob o ar crepitante.

O céu gemeu e estalou, e de repente as agulhas frias da chuva furaram nossas mãos e a nuca. Estourou uma tempestade, que caiu sobre nossas cabeças com a força da sede de culturas e animais. Ela nos chicoteava, respondendo a meses de orações. Algumas das crianças menores correram para quebrar folhas de capim elefante e fazer guarda-chuvas, mas a maioria de nós só ficou ajoelhada na terra, recebendo a chuva. Os raios estalavam à nossa volta, e o trovão ribombava.

Nosso pai saiu de casa e ficou olhando para o céu, as mãos estendidas. Passou-se um tempo enorme até ele acreditar na chuva.

— O Senhor falou ao povo reunido em volta do poço — falou finalmente, na voz tonitroante que não admitia espaço para dúvida.

Teve de gritar para ser ouvido acima do barulho da tempestade.

— E o Senhor lhes disse: Aquele que beber desta água comum, voltará a ter sede, mas a água que eu lhe dou sacia a sede eterna. Dentro dele, ela se transforma numa fonte, borbulhando pela vida eterna.

As crianças não prestavam atenção ao meu pai, nem à sua fonte da vida eterna. Estavam paralisadas pela chuva. Levantavam o rosto e estendiam os braços para receber a água fria, como se a sua pele fosse um campo de mandioca que precisasse ser encharcado.

— Quem tiver sede, que venha a mim e beba! Quem crê em mim, torrentes de água viva hão de fluir de seu coração!

Andou até um menino perto de mim, o meio-irmão de Pascal. Eu já tinha falado duas vezes com ele e sabia seu nome, Lucien, embora soubesse com certeza que meu pai não sabia. Apesar disso, Papai estendeu a mão grande e branca e cobriu a cabeça do menino com os dedos bem abertos. Lucien olhou nos olhos de meu pai, como se esperasse ser agredido, mas não moveu um

músculo.

— Eu sou a voz que grita no deserto, Siga o caminho do Senhor! — meu pai gritou — eu apenas batizo na água, mas há alguém entre vocês, que ninguém aqui conhece. É o Cordeiro do Senhor, que tira os pecados do mundo.

Meu pai baixou a mão e fechou lentamente os dedos sobre a cabeça de Lucien.

— Em nome do Pai, do Filho e de Espírito Santo, eu te batizo, meu filho. Avance para a luz.

Lucien não se moveu. Papai retirou a mão e acho que esperou pela fixação do milagre do batismo. Depois ele se voltou para Bwanga, a irmã pequena de Lucien, que apertava com força a mão dele. A mãe dos dois tinha morrido na época das doenças, e a outra mulher de seu pai, a mãe de Pascal, tinha acolhido os dois em casa. Por todo este tempo de perdas e salvação, Bwanga tinha sido a companheira mais leal de Ruth May. Nem mesmo isto meu pai devia saber. Senti um desespero indescritível. Ele não sabia nada a respeito das crianças. Sob a sua mão em concha, a cabecinha sem cabelo de Bwanga parecia um abacate muito maduro que ele estivesse pronto a atirar para longe. Ela ficou imóvel, com os olhos arregalados.

— Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo — disse ele e a soltou.

— Pode, Mamãe? — ela perguntou.

Muitos outros meninos se lembraram do jogo e repetiram, “Pode, Mamãe?” Afastaram os olhos de Papai e olharam para Ruth May dentro da nuvem encharcada sobre a mesa. Começaram todos a repetir o refrão, repetindo vezes sem conta, cada vez mais alto, o pedido, “Pode Mamãe?” E apesar de saberem que ninguém ia lhes dar a permissão, continuaram o canto suave e contínuo durante muito tempo, debaixo da chuva torrencial. Cílios carregados de água, que descia num regato pelas faces. Roupas miseráveis, impostas a eles pelos estrangeiros, grudadas aos peitos e pernas finas como se fosse uma segunda pele pronta a tomar finalmente a forma do corpo. A poeira aos nossos pés ficou da cor de sangue e o céu escureceu, enquanto Papai percorria o círculo, batizando uma criança de cada vez, implorando às crianças de Kilanga que avançassem para a luz.

Livro cinco

Exodus

*... E vós haveis de levar daqui convosco os meus ossos.
Assim partiram... e acamparam...
na entrada do deserto...
Não desaparecia a coluna de nuvem de dia,
nem a coluna de fogo durante a noite*

Exodus, 13:19-22

Orleanna Price

ILHA DE SANDERLING

Em movimento, minha dor vinha atrás de mim como os longos cabelos da nadadora na água. Eu sabia do peso que me seguia, mas não me importava. Só quando eu parava aquela massa escura vinha flutuando se fechar sobre meu rosto, prendendo-me os braços e a garganta até eu me sentir afogar. Por isso eu não parava.

A substância da dor não é imaginária. É tão real quanto a corda ou a falta de ar e, da mesma forma que as duas, é também capaz de matar. Meu corpo entendeu que não havia lugar seguro para mim.

O corpo da mãe se lembra dos filhos — as dobras da pele, o cabelo macio que lhe acaricia o nariz. Cada filho tem suas exigências particulares sobre nosso corpo e alma. Mas é o último que predomina. Não posso dizer que amei menos as outras, mas minhas três primeiras foram bebês ao mesmo tempo, e a maternidade me exauriu. As gêmeas nasceram quando Rachel estava começando a andar. O que aconteceu depois eu quase já não consigo lembrar, anos inteiros de luta diária, de atender mãos e bocas ávidas até o ponto de cair na cama durante algumas horas e sonhar estar sendo devorada, viva, aos pedacinhos. Enquanto embalava, eu contava até cem, juntando paciência para deitar a primeira e pegar a seguinte. Uma boca fechada sobre a colher significava duas outras chorando, penas voando e, assim, eu corria de um lado para outro como a mãe pássaro que ri da mãe natureza com uma ninhada grande demais. Não tive esperança de sobreviver enquanto as três não começaram a andar e ficar em pé sozinhas. As três foram, juntas, a minha primeira ninhada. Eu suspirava aliviada a cada passo que davam sem a minha ajuda. É assim com os primogênitos, não importa o tipo de mãe que você seja — rica, pobre, quase morta de cansaço ou docemente feliz. O primeiro filho é seu próprio pé que avança, e como a gente exulta quando aqueles pezinhos começam a andar sós. A gente examina cada pedaço de pele buscando sinais de precocidade, que depois anuncia para o mundo.

Mas a última: a criança que solta seu perfume como uma bandeira de rendição ao longo da nossa vida, quando já não esperamos mais ninguém — ah, aquela é o outro nome do amor. Ela é a filha que a gente segura nos braços até uma hora depois dela estar dormindo. Deixada no berço, ela pode acordar diferente e fugir. Portanto a gente a embala junto à janela, bebendo a luz que emana de sua pele, e inspirando os sonhos que ela expira. Esta é a que a gente

não quer deitar no berço.

Meu bem, meu sangue, minha verdade honesta: suplica para eu não ir embora, para que eu vá aonde tu fores. Onde eu morar, moraremos juntas. Onde eu morrer, mais tarde tu serás enterrada.

Por instinto, e não por vontade, eu continuei viva. Tentei fugir da dor. Não era o espírito, mas apenas um corpo que me levava de um lugar para outro. Via minhas mãos, ouvia as ordens que saíam da minha boca. Evitava os cantos e a imobilidade. Quando tinha de parar para respirar, ficava em lugar aberto, no centro da sala ou no terreiro. As árvores urravam e dançavam, como se em fogo no meio da chuva tempestuosa, mandando-me continuar, continuar. Depois que trouxemos a mesa para fora e nela deitamos a minha filha, não vi nenhum sentido em não trazer o resto também. Tamanho excesso de coisas para uma só família, e agora tudo parecia inútil. Eu carreguei braçadas de tecidos e madeira e metal reunidos nas formas mais estranhas, sem entender como tinha-me sentido confortada por ter aquelas coisas. Eu precisava da verdade e da luz, para me lembrar do riso da minha filha. E tudo aquilo me tolhia. Foi um alívio colocar tudo nas mãos de mulheres que podiam tomar de mim esta carga. Sua necessidade industriosa me deixou mais leve: meus vestidos iam ser cortinas, minhas cortinas, vestidos. Minha toalha de mesa, fraldas de bebê. Latas vazias de comida se transformariam em lamparinas de óleo de palma, brinquedos, arados — quem sabe? Meu lar seria passado pelo grande trato digestivo de Kilanga e se transformaria em coisas nunca vistas. Era um milagre observar a amplificação de meus movimentos simples. Quando eu dei tudo, as árvores soltaram as línguas de fogo e gritaram sua aprovação.

Meu único objetivo passou a ser o movimento. Quando não havia mais nada a mover, a não ser eu própria, caminhei até o limite da aldeia e continuei andando, seguida por uma multidão de crianças. Nada mais a fazer, apenas me despedir. *Sala mbote!* Saí a pé porque ainda tinha pés para me carregar.

Posto de forma clara e simples, aquilo foi a origem do nosso exodo: eu tinha de continuar em movimento. Minha intenção, no início, não era abandonar meu marido. Qualquer um percebia que eu devia ter feito isso muito tempo antes, mas eu nunca soube como. Parece que a mulheres como eu não cabe a obrigação de iniciar e terminar as coisas: a proposta de casamento, a conquista de montanha, o primeiro tiro, nem mesmo o último — o tratado de Appomattox, a faca no coração. Que os homens escrevam estas histórias. Eu não consigo. Só conheço o terreno próximo, onde vivemos nossas vidas. Assoviamos enquanto Roma se incendeia, ou esfregamos o chão, conforme o caso. Mas não se pode ver vergonha na parte que cabe à mulher que toca sua vida. O que você imagina que Mama Mwanza estava fazendo no dia em que um comitê de homens decidiu

assassinar o Congo, que mal começava a caminhar? E o dia seguinte, foi diferente? É claro que não. Então ela era uma boba, ou a base da história? Quando desmorona, um governo desmorona sobre as pessoas que se abrigam sob seu teto. Gente como Mama Mwanza nunca soube da existência daquele teto. *Independência* é uma palavra difícil de uma língua estranha. Para resistir à ocupação, seja você uma nação, ou apenas uma mulher, é preciso entender a língua do inimigo. *Conquista e libertação e democracia e divórcio* são palavras que significam basicamente submissão, quando se tem filhos para alimentar e roupas para tirar do varal quando parece que vai chover.

Talvez seja difícil entender por que eu continuei por tanto tempo. Minha história está quase terminada, e ainda sinto os seus olhinhos redondos me examinando lá do alto. Imagino o nome que você vai dar para o meu pecado: cumplicidade? Lealdade? Estupefação? Você sabe a diferença? Meu pecado foi falta de virtude ou de competência? Eu sabia que Roma estava em chamas, mas só tinha água para lavar o chão, e portanto fiz o que era possível. Meus talentos eram diferentes dos das mulheres que hoje rompem com seus homens e vão-se embora — e minhas virtudes provavelmente são irreconhecíveis. Mas, ao ver as mulheres velhas, não se esqueça de que somos de outro país. Nós nos casávamos com esperanças simples: ter o que comer, e filhos que sobrevivessem a nós. Minha vida se resumia a crescer onde fosse plantada, e pagar as dívidas que a vida me impusesse. Ninguém esperava companheirismo e alegria, que vinham geralmente em momentos isolados, quando eu estava longe de meu marido e filhas. O beijo do sol nascente quando estendia a roupa para secar, o suspiro de pássaros azuis que saía da grama. Um ocapí à beira da água. Nunca me ocorreu a ideia de abandonar Nathan por me sentir infeliz, da mesma forma que não ocorreu a Tata Mwanza abandonar a mulher desfigurada, apesar de uma mulher mais forte poder colher mais mandioca e manter vivos mais filhos. Nathan foi uma coisa que aconteceu a nós, tão devastadora quanto o teto em fogo que caiu sobre a família Mwanza: nosso destino estava marcado por fogo e enxofre, mas mesmo assim tínhamos de seguir nosso caminho. E finalmente aconteceu, pela graça do fogo e do enxofre, que eu tivesse de continuar andando, no momento em que ele parou.

Mas gente como ele sempre perde no final, e hoje eu sei por quê. Seja com a mulher ou com o país que dominam, o erro é sempre o mesmo: eles param, e seus domínios se movem sob eles. Diz o Exodo: *O faraó morreu e os filhos de Israel suspiraram por causa de suas correntes*. Correntes retinam, os rios correm, os animais se assustam e fogem, as florestas se animam e crescem, bebês saem de boca aberta do útero, sementes novas lançam pescoços curvos que buscam a luz. Nem mesmo a língua para. Só se domina um território por um

momento. Eles apostam tudo naquele momento, posam para fotografias na hora de fincar a bandeira, fazem-se fundir no bronze. Washington cruza o Delaware. A tomada de Okinawa. Sonham desesperados com a permanência.

Mas não conseguem. Mesmo antes de o mastro descascar e quebrar, a terra onde está fincado se curva e avança para seu novo destino. Aquela terra pode ter ainda as marcas de botas, mas estas marcas se tornam sua propriedade. Que recordações Okinawa guardou de sua queda? Proibido de fazer armas, o Japão fez automóveis e conquistou o mundo. Tudo se move. O grande Delaware continua a correr, e Washington não pode nem mesmo ser considerado um bom adubo. O Rio Congo, de temperamento diferente, afogou a maior parte de seus conquistadores. No Congo, uma floresta derrubada se transforma rapidamente num campo de flores, e as cicatrizes se transformam em ornamentos de algum rosto. Pode-se chamar a isto de opressão, cumplicidade, estupefação, dê a isto o nome que quiser, não importa. A África engoliu a música do conquistador, e cantou sua própria canção.

Se você é agora os olhos das árvores, que nos observam ao sairmos de Kilanga, como você há de julgar? Deus sabe que depois de 30 anos eu ainda imploro seu perdão, mas quem é *você*? Um pequeno túmulo no meio da horta de Nathan, onde caules e flores apareceram para alimentar insetos e crianças? Você é isto? Ainda é minha carne e meu sangue, minha caçula, ou é agora sangue e carne da África? Como perceber a diferença, se os dois rios correram tão juntos? Tente imaginar o que nunca aconteceu: nossa família sem a África, ou a África que teria sido sem nós. Veja suas irmãs hoje. Descobriram três meios diferentes de viver com a nossa história. Alguns conseguem. Outros, muitos mais, não conseguem. Mas quem dentre nós é sem pecado? Não consigo pensar onde jogar minhas pedras, e assim continuo a chorar minhas perdas, tentando levar as marcas de botas nas minhas costas, com tanta leveza quanto o Congo leva as suas.

Minha ferinha, meus olhos, meu ovo roubado favorito. Ouça. Viver é ser marcado. Viver é mudar, adquirir as palavras de uma história, e esta é a única celebração que nós mortais realmente conhecemos. Na imobilidade perfeita, com toda franqueza, só encontrei tristeza.

O que trouxemos conosco

Leah Price

BULUNGU, FINAL DA ESTAÇÃO DAS CHUVAS

1961

Só trouxemos o que conseguimos carregar nas costas.

Mamãe nunca olhou para trás. Não sei o que teria sido de nós se não fosse pelas filhas de Mama Mwanza, que correram atrás de nós e nos deram laranjas e um garrafão de água. Elas sabiam que iríamos ter sede; apesar de a chuva colar nossas blusas às costas e nos esfriar por dentro da pele, voltarmos a ter sede parecia totalmente fora de questão. Ou nunca tínhamos visto chuva como aquela, ou já tínhamos esquecido. Nas poucas horas desde o início da tempestade, a estrada que atravessa nossa aldeia se transformou numa correnteza de lama vermelho-sangue, pulsando como uma artéria. Não conseguíamos caminhar nela, e mal conseguíamos manter o equilíbrio nas margens cobertas de capim. Um dia antes, teríamos dado os dentes em troca de uma boa chuva, e agora eles rangiam de frustração diante daquele dilúvio. Se tivéssemos um barco, parecia possível navegar aquelas ondas até Leopoldville. Isto é o Congo: fome e inundação. Tem chovido sem parar desde aquele dia.

Mais tarde naquele dia, encontramos um buquê colorido mais adiante na mesma estrada, brilhando indistintamente através da chuva. Logo reconhecemos a enorme estrela que atravessa as nádegas de Mama Boanda. Ela, Mama Lo e várias outras se juntavam ao lado da estrada debaixo de folhas de capim elefante, esperando passar um pé d'água particularmente forte naquela tempestade. Elas nos chamaram para o seu abrigo e nós fomos, estupidificadas pela chuva. É difícil acreditar que houvesse na terra água de caráter tão determinado. Estendi a mão e a vi desaparecer na ponta do meu braço. O barulho em nossas cabeças era um urro branco que nos aproximava sob o abrigo de folhas. Deixei minha imaginação derivar para algum lugar agradável enquanto sentia o cheiro misto de amendoim e mandioca que as mamas exalavam. As tranças retas de Mama Boanda deixavam escorrer água, como pequenas mangueiras furadas.

Quando a chuva se reduziu a um simples aguaceiro, continuamos juntas a caminhada. As mulheres levavam na cabeça pacotes de mandioca e de outras

coisas embrulhados em folhas, comida para os maridos em Bulungu, disseram. Estava acontecendo lá um grande evento político. Mama Lo também ia vender óleo de palma em Bulungu. Ela ia conversando comigo, equilibrando a enorme lata retangular sobre a cabeça, e aquilo parecia tão confortável que tentei equilibrar o garrafão de plástico na minha própria cabeça. Para grande surpresa minha, descobri que conseguia equilibrá-lo com ajuda de apenas uma das mãos. Durante todo aquele tempo no Congo, eu ficava maravilhada pelas coisas que as mulheres transportavam desta forma, mas nunca havia tentado. Foi uma revelação, descobri que eu sabia carregar minhas coisas como qualquer mulher daqui! Depois de algumas milhas eu já não sentia o peso na cabeça.

Sem homens por perto, todo mundo estava muito alegre. De alguma forma, era contagioso. Rimos da forma tão pouco elegante como afundávamos no barro. De repente as mulheres começaram a cantar diálogos em coro, com chamadas e respostas. Na sua própria língua, elas faziam milagres com “soldados da cruz”. Até mesmo o mais triste de todos os lamentos, “ninguém sabe o sofrimento que já vi”, soava alegre na garganta daquelas mulheres durante nossa caminhada: “*nani oze mpasi zazo! Nani oze mpasi!*” Tínhamos visto sofrimentos além do imaginável, mas naquele momento, andando com a água escorrendo da ponta dos cabelos, parecia que estávamos participando de uma grande aventura. Até mesmo a nossa tristeza de família Price parecia pertencer a outro tempo que não precisávamos mais lembrar. Somente uma vez eu percebi que estava olhando em torno, à procura de Ruth May, pensando se ela estava bem aquecida ou se ia precisar de outra camisa. Ruth May já não está conosco! Parecia tão simples. Nós seguíamos pela estrada e ela não estava mais conosco.

Minha mente derivou por muito tempo, até encontrar Anatole. Eu estava carregada de pensamentos que me oprimiam, e precisava desesperadamente contar a ele. Por exemplo, que o interior da boca da cobra mamba verde é azul celeste. E que nós espalhamos cinzas no chão, tal como Daniel, e descobrimos as pegadas de seis dedos, o que eu não tinha contado a ninguém. Talvez Anatole não estivesse seguro em Kilanga, assim como nós não estávamos. Talvez ninguém estivesse, agora que tudo ia virando de cabeça para baixo. Qual o objetivo do evento político em Bulungu? Quem era o homem disfarçado que Adah tinha visto na cabana de Axelroot, rindo com as ordens do Presidente Eisenhower? Será que eles queriam realmente matar Lumumba? Passando pela floresta ouvimos tiros à distância, mas nenhuma das mulheres falou deles, nem nós.

A estrada margeava o Kwilu rio acima. Passei um ano em Kilanga pensando que teríamos de descer o Rio Kwilu para chegar à civilização, pois os barcos que iam para Banningville tomavam aquela direção. Mas quando Mamãe resolveu

sair da aldeia a pé, ela perguntou aos vizinhos qual o melhor caminho para Leopoldville e todos concordaram que o melhor caminho era rio acima. Disseram que em dois dias chegaríamos a Bulungu. Lá o caminho terminava numa estrada mais larga que seguia para o oeste, por terra, até a capital. As mulheres disseram que sempre havia caminhões. Era até possível que conseguíssemos alguma condução. Mamãe perguntou às mulheres se elas próprias já tinham tomado aquela estrada para Leopoldville, e elas olharam umas para as outras, estranhando a pergunta. Não. A resposta era não, ninguém tinha razões para querer ir até Leopoldville. Mas elas tinham certeza de que nossa viagem seria muito boa.

Na verdade, os sapatos estavam cheios de barro e as roupas enlameadas, e a viagem era tudo, menos agradável. Os mosquitos que tinham ficado nos ovos durante toda a seca eclodiram com a chuva e subiam do chão da floresta, em nuvens tão espessas que enchiam a boca e as narinas. Aprendi a encolher os lábios e a respirar lentamente através dos dentes para não me sufocar com os mosquitos. Depois de cobrirem nossas mãos e rosto com calombos vermelhos, eles entravam pelas mangas e nos agulhavam as axilas. Nós coçávamos até arrancar a pele. Havia muito mais mosquitos se levantando da estrada, sempre à nossa frente, e estávamos morrendo de medo. Mas, dando um passo depois do outro, percorremos naquele dia uma distância muito maior do que jamais achamos possível percorrer.

Algum tempo depois do anoitecer, chegamos à aldeia de Kiala. Mama Boanda nos convidou a ir à casa onde seu pai e sua mãe viviam com duas filhas solteiras, que pareciam ser 20 anos mais velhas do que Mama Boanda. Não entendemos bem se eram irmãs, tias ou outra coisa. Mas, ufa, como foi bom sair da chuva! Vacas poupadas do matadouro não ficariam mais felizes. Agachamos em volta do caldeirão da família e comemos *fufu* e verduras *nsaki* com os dedos. Os velhos pais de Mama Boanda eram idênticos, os dois muito pequenos, carecas e absolutamente desdentados. O tata olhava para fora com indiferença, mas a mama prestava atenção e balançava a cabeça com força, à história interminável que Mama Boanda contava. Descobrimos que era a nossa história, pois ouvimos muitas vezes a palavra *nyoka* — cobra — e também a palavra *Jesus*. Quando a história terminou, a velha estudou por um longo tempo a minha mãe, que enrolava e desenrolava o *pagne* azul desbotado sobre o peito chato. Depois de algum tempo ela deu um suspiro, saiu na chuva e voltou um pouco depois com um ovo cozido. Ela ofereceu o ovo para minha mãe e fez um sinal mandando que nós também comêssemos. Mamãe descascou o ovo e nós o dividimos entre nós, levando os pedaços cuidadosamente da mão para a boca, enquanto todos nos observavam como se esperassem resultados imediatos. Não

sei se este ovo precioso estava sendo guardado como uma cura especial para a tristeza, ou se ela simplesmente achou que nós precisávamos de proteínas para nos manter durante aquela triste viagem.

Estávamos todas exaustas. A chuva e o barro haviam transformado cada quilômetro em dez. O lado mais fraco de Adah estava tomado por tremores convulsivos e Rachel parecia em transe. A velha disse à filha que estava com medo de que as visitas morressem na casa dela, o que é considerado como prenúncio de azar. Mas ela não nos expulsou, e ficamos muito gratas. Com movimentos decididos dos braços finos, ela recolheu gravetos e fez um fogo dentro da casa para nos aquecer. A fumaça tornou a respiração difícil, mas nos deu algum alívio dos mosquitos. Nós nos enrolamos nos *pagnes* extras que nos foram oferecidos como cobertores, e nos acomodamos para dormir entre estranhos.

A noite estava escura como breu. Ouvi a água batendo no teto e as gotas que caíam para dentro, e só então eu pensei em Papai. “*Eles estão dizendo que o senhor fez seu próprio telhado, e agora não pode fugir de casa se chover.*” Papai já não estava conosco. Papai e Ruth May, era isto. Minha mente doía como um osso quebrado, enquanto eu tentava me ajustar ao novo lugar que tinha encontrado. Sabia que nunca mais ia ver minha irmã caçula. Mas ainda não tinha pensado na perda de meu pai. Toda a minha vida eu tinha seguido os passos dele e, agora, sem aviso, meu corpo tinha passado a seguir minha mãe. Uma mulher cujos quadril e queixo brilhavam duros como sal quando ela se agachava com as outras mulheres em volta do fogo; cujos olhos pálidos fixavam um ponto tão longe, onde meu pai não pudesse chegar. Papai não teria coragem de deixar seu posto para nos procurar, isto estava claro. Ele não era capaz de qualquer ação que pudesse ser vista como covardia por seu Deus. E nenhum outro Deus, em qualquer coração desta terra, desejava com mais força essa falha humana.

Do meio dos trovões daquela chuva, chegaram aos meus ouvidos as palavras na voz serena de Anatole: *Não se pode fugir de casa quando chove.* Anatole traduziu a raiva da aldeia numa frase curta capaz de imobilizar um homem voluntarioso. É surpreendente como minha mãe e meu pai se endureceram de formas tão diferentes, quando se transformaram em pedra.

Eu o imaginava ainda parado no meio do terreiro, congelado sob o dilúvio, batizando um círculo infinito de meninos, que escapavam para voltar no dia seguinte em busca de uma bênção. Nunca tinha entendido o tamanho da tarefa de meu pai no mundo. O tamanho ou a terrível extravagância. Passei aquela noite dormindo e acordando com um sonho estranho em que havia um peso enorme que eu teria de remover para me libertar. Uma montanha de ovos cozidos que se transformavam em crianças quando eu os tocava, crianças de olhos pretos que

me imploravam um pouco de leite em pó, minhas roupas ou o que eu pudesse dar. *Mas eu não trouxe nada para dar a vocês*, eu lhes dizia, e meu coração me afundava como um peso de chumbo, pois não importa se essas palavras fossem verdade ou mentira, elas ainda assim eram terríveis e erradas. Cada vez que eu adormecia, eu afundava novamente na desesperança azul e no cheiro úmido deste sonho horrível. Finalmente, eu o espantei e fiquei acordada, abraçando os ombros através do tecido fino de algodão que cheirava a suor e fumaça. Tendo o cansaço por companhia, eu ouvia o som da tempestade. Não queria mais seguir os passos de ninguém. Eu não podia seguir minha mãe e fugir do que tínhamos feito.

Mas, depois do que tínhamos feito, como ficar?

Não chegamos a Bulungu no segundo dia, e no terceiro ficamos com febre. Finalmente o nosso corpo se rendeu por completo ao poderoso assalto dos mosquitos. Durante todos aqueles meses, eu havia imaginado a malária como um inimigo traiçoeiro e secreto, mas agora, que tinha me dominado completamente, ela havia se tornado muito real. Eu sentia o veneno circulando nas minhas veias como um mel grosso e sujo. Eu o via amarelo. No início, fiquei aterrorizada, tremendo de frio e do pânico que me enchia o coração, que parecia se afogar quando o veneno subia no meu peito. Mas mesmo se eu tivesse achado palavras para descrever o meu terror, não havia ninguém para ouvi-las. A chuva sobre nossas cabeças apagava qualquer outro som. Continuamos a caminhar, através da fadiga e para além, muito além. Com o tempo, adquiri uma calma pesada e estranha. Imaginei os parasitas cor de mel comemorando nos meus órgãos manchados de ouro, enquanto eu alternava entre um calor abrasador e um frio congelante. Quando descobri que meu rosto estava quente como uma tremepe de fogão, fiquei alegre de poder esquentar nele as minhas mãos geladas. A chuva se transformava em gelo ao bater nos meus braços. As árvores começaram a se incendiar com uma aura rósea que me acalmava os olhos. Perdi um sapato no barro e não dei importância. Depois perdi o outro. Minhas pernas começaram a se dobrar sob mim. Em dado momento, me deitei num buraco irresistível que havia na base de uma árvore e mandei minha mãe e minhas irmãs continuarem sem mim.

Não me lembro da chegada a Bulungu. Disseram-me que fui carregada numa maca por alguns homens que nos encontraram na saída da floresta, num campo onde faziam carvão durante a estação seca. Eu devo a eles a minha vida, e lamento não poder lembrar de nenhum rosto ou voz, nem mesmo do ritmo dos passos quando me carregaram. Desconfio que fui indecente com eles, gritando

insultos como Ruth May às vezes fazia nos delírios da malária. Acho que nunca vou saber.

Bulungu foi um turbilhão de excitação que eu absorvi aos poucos, pensando que aquilo se devia à nossa chegada. Não me ocorreu que pudéssemos ser uma causa pouco provável de comemoração, pois estávamos cercados de muitas outras coisas improváveis: homens batendo tambores e dançando coroados com copas de palmeiras. Mulheres com penas iridescentes implantadas na cabeça e caindo pelas costas. O avião de Eben Axelroot com coroas de fogo em volta das asas descendo num campo de relva cor-de-rosa que ondulava ao vento. Mais tarde, no abrigo escuro da casa de alguém que nos hospedava, eu observava o homem Axelroot transformado. Os chifres do demônio da lata de presunto *Underwood* brilhavam sobre o cabelo brilhantinado dele, quando ele se sentou diante da janela em frente a minha mãe. Uma cauda viva se movia como uma serpente de veludo sob a cadeira em que ele se sentava. Eu não conseguia tirar os olhos daquela inquietação sinistra. Ele estava segurando a cauda com a mão esquerda, tentando acalmá-la enquanto nós conversávamos. Discutíamos Rachel. O perfil de Mamãe na janela se transformou em cristais de sal, que refletiam toda a luz.

Outras pessoas chegaram e se foram através da escuridão onde eu estava deitada, protegida na minha gruta de sonhos e chuva. Às vezes eu reconhecia Vê Wharton ao lado de minha cama, esperando pacientemente pela minha vez de jogar. Descobri, chocada, que estávamos jogando damas e eu estava perdendo. Vovô me disse da maneira mais displicente que nós dois estávamos mortos.

Meu pai só veio uma vez, com chamas azuis erguendo-se das sobrelhas e da língua: *Muitas são as aflições dos justos, mas o Senhor os liberta de todas*. A linha fina de palavras subiu reta dos seus lábios. Observei e delirei. Quando tocaram a palha do telhado, elas se transformaram numa fileira de formigas. Ao amanhecer, ao anoitecer, novamente ao amanhecer eu as observava seguindo em fila até um buraco no alto do telhado, carregando suas cargas minúsculas até a luz.

Nada aqui me surpreendeu. Menos ainda a presença de Anatole Ngemba. Uma manhã ele estava aqui, e todo dia desde então, levando uma xícara de chá amargo até os meus lábios e repetindo meu nome: “Béene-béene.” A verdade mais verdadeira. Em todos os meus 16 anos, jamais pensei valer mais do que um resmungo de Deus. Mas agora, no meu abrigo de todas as coisas impossíveis, eu entro num banho morno de perdão, e não vejo razão para resistir. Não tenho mais energia para me aprimorar. Se Anatole consegue juntar todos os meus pecados num cobertor e me chamar de bondade personificada, eu simplesmente acredito.

Isto é tudo que posso oferecer como explicação do nosso namoro

surpreendente. Ao acordar de um sono de meses, descubro que o curso de minha vida se estreitou, e eu me vejo correndo por ele como um rio de lama vermelha e rica. Acho que sou muito feliz.

Não sei quantas semanas se passaram até que Mamãe se foi, nem quantas desde então. Tive a sorte de encontrar um abrigo; esta cabana pertence a um aluno de Anatole, cujo pai viveu aqui mas já morreu. Anatole saiu de Kilanga pouco depois de nós, e agora passa muito tempo nas aldeias vizinhas, falando com as pessoas, organizando alguma coisa grande. Parece que ele tem muitos amigos e recursos em Bulungu, e posso ficar aqui enquanto precisar. Mas Mamãe não podia. Ela mal conseguia se manter sentada.

O dia em que ela se foi está gravado na minha memória: foi uma manhã encharcada e ensolarada. A chuva já estava diminuindo, e Anatole achou que eu já estava suficientemente bem para sair por algumas horas do mosquiteiro. Íamos até Kwenge para as despedidas. Rachel já havia partido com seu demônio salvador, e eu estava presa em Bulungu, pois meu corpo estava tão cheio de veneno que não suportaria mais algumas picadas de mosquitos. Mas Mamãe e Adah iam partir. Um *commerçant* tinha chegado de caminhão de Leopoldville, durante a estação das chuvas; foi um milagre ele ter conseguido atravessar. Ele pretendia voltar à cidade com uma carga de bananas, e enxotou com seu bastão as mulheres congolezas que tentavam subir no caminhão completamente carregado. Mas, depois de avaliar Mamãe de alto a baixo, evitando o olhar dela, decidiu que talvez tivesse lugar para uma mulher branca. E preparou um ninho com capacidade apenas para acomodar minha mãe e sua filha no alto daquela montanha de bananas. Achei que o aleijão de Adah e o desespero de Mamãe haviam comprado a simpatia dele. Só mais tarde fiquei sabendo que estavam oferecendo grandes recompensas por mulheres brancas entregues em segurança na embaixada, em Leopoldville.

Lembro-me de que o caminhão era alaranjado. Anatole e eu fomos com elas até o rio para as despedidas. Ouvi vagamente Anatole fazer promessas a Mamãe em meu nome: que eu ia ficar boa, e que, quando eu estivesse pronta, ele ia me mandar para casa. Parecia que ele estava falando de outra pessoa, assim como o homem com chifres tinha voado com outra pessoa que não Rachel. Enquanto balançávamos precariamente na montanha de bananas eu fiquei olhando para Mamãe e para Adah, tentando guardar na memória o que tinha sobrado da minha família.

Logo que chegamos às margens barrentas do Kwenge, encontramos problemas. A velha balsa estava operando até o ontem, dizia o *commerçant*, mas

agora balançava parada na outra margem, apesar dos assovios estridentes e dos braços acenando. Apareceram dois pescadores numa canoa e nos informaram que a balsa estava com a bateria arriada. Parece que isto era normal. De qualquer forma, problema superável. Levantaram o capô do caminhão e tiraram a bateria, que os pescadores deveriam levar para o outro lado do rio, até a balsa — cobrando pelo serviço, é claro. O *commerçant* pagou, com insultos que pareciam muito fortes para aquela hora da manhã, pois evidentemente aquela era apenas a primeira das irritações de uma longa viagem. (Ou a terceira, se contarmos minha mãe e Adah como as duas primeiras.) Explicaram que o balseiro ia usar a bateria para dar partida no motor e voltar para nos pegar. Então nós empurraríamos o caminhão para a balsa, onde ele se reuniria com a bateria ao chegar no outro lado.

Mas imediatamente surgiu outro problema. A bateria do caminhão era enorme, de um modelo antigo, muito grande para se encaixar na barriga da pequena canoa. Depois de muita discussão, os pescadores descobriram a solução: colocaram duas pranchas largas atravessadas sobre a canoa, numa configuração particular em que a bateria viajaria de um lado, com um contrapeso do outro. Como não havia pedras grandes à mão, os pescadores examinaram Adah e eu e decidiram que qualquer uma das duas serviria como contrapeso, mas tinham medo de que, por ser aleijada, Adah não conseguisse se firmar, e se ela caísse no rio, também se perderia a preciosa bateria. Mamãe, olhando diretamente para frente, concordou que eu era a mais forte. Ninguém disse que eu estava tonta por causa da malária, nem me ocorreu levantar esta questão como desculpa. Anatole ficou calado em deferência à nossa família. Já tínhamos perdido tanto, quem era ele para nos dizer como arriscar o que havia sobrado?

Entrei na canoa. Senti que a inundação anual do rio estava baixando por causa do cheiro peculiar e da quantidade de madeira espalhada nas margens. Fiquei espantada com o que tinha aprendido a respeito dos rios congolezes. Lembrei-me do aviso de minha mãe toda vez que entrávamos num barco: se o barco virar, agarrem-se no que puderem! Mas as pirogas congolezas são feitas de uma madeira tão densa que se virarem, afundam como uma pedra. Todos esses pensamentos passaram pela minha cabeça, enquanto os pescadores remavam com pressa, atravessando a correnteza forte do Kwenge. Eu agarrei a prancha áspera, estendida lá fora sobre a água, colaborando com todas as minhas forças para manter o equilíbrio. Não me lembro de ter respirado enquanto não chegamos em segurança do outro lado.

É possível que eu tenha imaginado isto; todo o episódio parece impossível. Mais tarde, conversei a respeito dele com Anatole, e ele riu do que chamou minha história recriada. Diz que eu pedi para ir dentro, porque o peso da bateria

fazia a canoa adernar perigosamente. Ainda assim aquele dia sempre me volta em sonhos exatamente como descrevi, com as mesmas visões e cheiros ocorrendo na mesma sequência, quando estendi meu corpo sobre a água. Não consigo duvidar de que aconteceu desta forma. Não posso negar que meu cérebro ainda estava confuso. Tenho uma vaga lembrança de ter acenado para minha mãe e minha irmã através de uma nuvem de óleo diesel e de mosquitos quando começaram o exodo lento e definitivo do Congo. Gostaria de me lembrar de seus rostos. Especialmente do de Adah. Será que ela sentiu que eu ajudei a salvá-la? Ou que foi mais um exemplo da divisão de fortunas que nos trouxe até este ponto, este lugar onde nossos caminhos finalmente se separaram?

Fui compensada por me lembrar de tudo o que se referia a Anatole nos dias que se seguiram. O gosto verde exato das poções que ele preparava para me curar; a temperatura da sua mão na minha face. Os desenhos feitos pela luz no teto quando a manhã entrava no lugar escuro onde eu dormia, eu encostada numa parede, ele encostado na parede oposta. Nós compartilhávamos a amizade dos órfãos. Eu a sentia profundamente, a mesma sensação aguda da carência de proteína, e me desesperava com a terra que se estendia entre mim e Anatole. Eu o puxava para mim, centímetro por centímetro, quando ele vinha me trazer a xícara. Hoje, o amargor do quinino e a doçura do beijo são dois gostos que se misturam na minha boca. Nunca tinha amado fisicamente um homem antes, e já tinha lido muita coisa, de Jane Eyre e de Brenda Starr, para saber que o primeiro amor é muito forte. Mas quando o meu aconteceu, eu estava no delírio exótico da malária, e portanto o meu é onipotente. Como vou amar alguém além de Anatole? Quem, além dele, poderia fazer surgirem as cores da aurora boreal do braço que acabou de acariciar? Ou lançar agulhas de gelo azul no meu cérebro, quando me olha nos olhos? Quem mais, além desta febre, poderia transformar o fantasma do meu pai a gritar *Jezebel!* numa nuvem de fumaça azul que se esvai através de um buraco luminoso no teto? Anatole eliminou do meu sangue a dor cor de mel da malária e a sensação de culpa. Fui desmontada e remontada por Anatole; por meio de Anatole libertei-me, não de minha vida, mas por ela.

O amor muda tudo. Nunca suspeitei que seria assim. Amor trocado, devo dizer, pois sempre amei selvagememente meu pai durante toda a minha vida, e isto não alterou nada. Mas agora, as árvores saíram de um longo sono seco para formar paredes de flores vermelhas. Anatole se move pelas sombras manchadas no limite de minha visão, vestindo uma pele sedosa de pantera. Quero sentir aquela pele no meu pescoço. Desejo com a impaciência do predador, que ignora o tempo, lamentando o silêncio da coruja. Quando ele viaja por uma noite ou duas, minha sede fica insaciável. Quando ele volta, eu bebo cada beijo até o fim e minha boca ainda dói como uma caverna seca.

Anatole não me tomou: eu o escolhi. Uma vez, há muito tempo, ele me proibiu de dizer em voz alta que eu o amava. Por isso, vou inventar formas minhas de dizer o que eu desejo e o que eu tenho para dar. Prendo sua mão e não solto. E ele fica, cultivando-me como um pequeno pedaço de terra herdada onde mora o seu futuro.

Agora dormimos castamente juntos, sob o mesmo mosquiteiro. Não tenho vergonha de dizer que quero mais, mas Anatole ri e esfrega os dedos no meu cabelo, e me empurra da cama. Ele me manda pegar o meu arco e caçar um javali, se quiser matar alguma coisa. A palavra *bàndika*, que significa matar a flechadas, tem dois significados. Ele me disse que ainda não era hora de eu me tornar uma esposa, no sentido usado pelos congoleses. Eu ainda estava de luto, ainda doente, ainda vivendo parcialmente em outro lugar. Anatole é um agricultor paciente. Ele me lembra que nossa situação não é incomum; ele conheceu muitos homens que tomaram esposas de dez anos de idade. Aos 16, já sou uma mulher pelos padrões de algumas pessoas, e pelos de qualquer um eu sou devotada. A febre nos meus ossos já cedeu e o ar já não dança com chamas, mas à noite Anatole ainda vem a mim na sua pele de leopardo.

Já estou bem para poder viajar. Já há algum tempo, mas para mim é fácil ficar aqui com os amigos de Anatole, em Bulungu, e para nós é difícil falar do que vem depois. Até que enfim, esta noite ele teve de perguntar. Tomou a minha mão e andamos até o rio, o que me surpreendeu, pois ele geralmente evita dar demonstrações de afeto em público. Acho que não era muito público — as únicas pessoas que vimos eram pescadores consertando as redes na outra margem. Ficamos olhando para eles, enquanto o sol poente pintava o rio com grandes pinceladas de cor de rosa e laranja. Ilhas de jacintos d'água passavam flutuando por nós na corrente preguiçosa. Eu estava pensando que nunca tinha estado tão contente, nem visto tanta beleza em toda a minha vida. E neste momento ele falou:

— Béene, você já está bem. Você já pode ir. Eu prometi à sua mãe que você chegaria em segurança em casa.

Meu coração parou.

— E onde ela pensa que é a minha casa?

— Onde você for mais feliz.

— E para onde você quer que eu vá?

— Para onde você seja feliz — tornou a dizer, e eu lhe disse onde era este lugar. Não havia nada mais fácil. Pensei muito a respeito e decidi que se ele me tolerar como eu sou, eu desisto de voltar para todos os confortos familiares, para ficar aqui.

Pelos padrões de qualquer cultura, foi um estranho pedido de casamento.

Ficamos na margem do Kwenge relacionando as coisas que teremos de abandonar. É uma informação importante. Por mais que eu esteja abandonando, ele está abandonando muito mais: a possibilidade de ter mais de uma mulher, por exemplo. E isso é só o começo. Até agora eu tenho a impressão de que os amigos de Anatole acham que ele ficou louco. Se não houvesse qualquer outra razão, bastaria a minha brancura para afastá-lo de muitas possibilidades, talvez até de sobrevivência, no Congo. Mas Anatole não teve escolha. Eu o tomei e o prendi. Há muito de meu pai em mim para que eu não defenda o que é meu.

Rachel Price Axelroot

JOANESBURGO, ÁFRICA DO SUL

1962

Want so lief het God die wêreld gehad, dat Hy sy eniggebore Seun gegee het, sodat elkeen wat in Hom glo, nie verlore mag gaan nie, maar die ewige lewe kan hê.

O que você acha disto? Ein? Isto é João 3:16 em africâner. Durante todo o ano passado frequentei a Primeira Igreja Episcopal em Joanesburgo, com minhas luvas brancas e chapéu, e recitei isto junto com os melhores entre eles. E agora, uma de minhas amigas mais íntimas é francesa, de Paris, e me acolheu sob suas asas, e assim eu agora frequento a igreja católica e recito: *Car Dieu a tant aimé le monde qu'il a donné son Fils unique...* Em outras palavras, em francês. Sou fluente em três línguas. Não tenho mantido contato muito frequente com minhas irmãs, mas posso dizer que, apesar de serem elas as bem-dotadas e sei mais o quê, acho que elas não conseguem ir muito além de recitar João 3:16 em três línguas inteiras.

Talvez isto não seja suficiente para me garantir um lugar na primeira fila no Céu, mas considerando tudo o que eu tive de aguentar de Eben Axelroot em todo o ano passado, isto já deve ser o suficiente para me fazer entrar. Ah, a maneira como ele olha as outras mulheres, e eu ainda tão jovem e atraente e, ainda por cima, já com os nervos em frangalhos, por ter passado por tanto sofrimento. Sem falar que ele me deixa aqui sozinha quando sai de viagem, ficando cada vez mais rico, com um esquema esquisito depois do outro, que nunca sei o que é. Eu aguento por gratidão, principalmente. Acho que dar a parte mais bonita da vida é um preço justo pago a alguém por tirar a gente do inferno. Ele realmente salvou a minha vida. Eu prometi que iria depor a favor dele exatamente com essas palavras: *Resgatou de perigo de morte iminente*. E depois numa porção de formulários, para ele receber o dinheiro da embaixada dos Estados Unidos. Eles tinham um dinheiro de emergência para ajudar os cidadãos a chegar a lugar seguro, depois da crise comunista de Lumumba e toda aquela confusão. Axelroot até ganhou uma medalha de honra por serviços heroicos, que

ele tem a maior vaidade e guarda numa caixinha no quarto. Por isto nós não pudemos casar logo. Ele me explicou que não parecia certo ele receber dinheiro por salvar a própria mulher. A gente espera que qualquer um faça este tipo de coisas naturalmente, sem precisar de dinheiro nem de medalha de honra.

E eu, boba, acreditei nele. Mas acontece que Axelroot podia colecionar medalhas por evitar de todas as formas o sagrado matrimônio. Ele tem mil e uma razões para não ter de casar com a vaca para receber o leite de graça.

Mas é claro que eu não pensei nisto, naquela época. Basta imaginar o que foi tudo aquilo para uma garota impressionável. Lá estava eu, tremendo de frio na chuva, cercada por todos os lados de cabanas de barro, estradas de barro, tudo de barro. Gente agachada no barro, tentando acender uma fogueira debaixo de toda aquela chuva. Cachorros enlouquecidos correndo pelo barro. Atravessamos a pé praticamente a metade do Congo. Foi este o caminho de sofrimento que eu escolhi, como meu pai gostava de dizer, não que eu tivesse outra escolha. Fui batizada na lama. Uma noite, eu me deitei no chão imundo e rezei ao Senhor para não acordar morta por uma mordida de cobra, como tinha acabado de acontecer com minha irmãzinha, e eu sabia que podia muito bem ter sido eu. Não tem palavras para descrever meu estado mental. Quando finalmente chegamos naquela aldeia e lá estava o Sr. Axelroot de óculos de sol, encostado no avião, todo sorridente num uniforme cáqui de ombros largos, eu só tinha uma coisa a dizer: “Chega! Me leva embora daqui!” Não me interessava quantos formulários eu teria de assinar. Eu teria assinado um pacto com o próprio diabo, juro que teria.

E foi isso o que se deu comigo, um dia atolada na lama até a ponta dos cabelos, e no dia seguinte andando pelas ruas largas e ensolaradas de Joanesburgo, África do Sul, entre casas com belos gramados e piscinas, e massas de flores coloridas que crescem atrás dos muros altos com portões elétricos. Até carros! Telefones! Gente branca por todo lado.

Naquele tempo Axelroot estava começando a se estabelecer em Joanesburgo. Hoje ele está num emprego novo, na divisão de segurança da indústria de mineração de ouro, perto dos subúrbios ao norte, onde esperamos logo viver em alto estilo. Apesar de, depois de um ano, as promessas dele já começarem a mostrar sinais claros de velhice. Sem falar na nossa mobília, que é toda de segunda mão.

A primeira vez que cheguei em Joanesburgo, fiquei alguns dias com um casal americano muito simpático, chamado Templeton. A esposa tinha empregadas africanas diferentes para cozinhar, lavar e fazer faxina. Acho que lavei o cabelo umas 50 vezes nos primeiros dez dias, e todas as vezes eu usei uma toalha limpa! Ah, parecia que eu tinha morrido e estava no céu. Só porque

eu estava com gente que falava o inglês americano e que entendia os princípios da descarga da privada.

A minha casa e de Eeben não parece nem de longe com aquela, mas a gente vai levando, e eu dou o toque feminino. Axelroot ganhou um bom dinheiro no Congo, transportando bens perecíveis do interior para vender nas cidades, e também no comércio de diamantes. Também trabalhou para o governo, com suas missões secretas e tudo mais, mas nunca falou muito delas desde que casamos. Agora que a gente tem relações sempre que tem vontade, o que aliás eu não acho que seja um pecado tão sério, com tanta gente sendo morta, ferida ou roubada em todo este mundo, agora o Sr. Axelroot não precisa contar grandes segredos para sua Princesa quando quer um beijo. E assim o segredo mais importante é: Me traz mais uma cerveja! E isso mostra como são as coisas.

Mas, desde o início eu estava determinada a tirar o máximo da minha situação no novo lar em Joanesburgo. Adotei o nome de Rachel Axelroot, ninguém tinha de saber. Sempre fiz questão de frequentar as melhores igrejas, aonde vão as pessoas mais importantes, e nós somos convidados para as festas deles. Até aprendi a jogar bridge! Foram minhas amigas aqui de Joburg que me ensinaram como dar festas, vigiar as empregadas, e tudo o mais que é necessário para uma transição tranquila para a vida de casada e de adúltera. Minhas amigas e minha assinatura do *Ladies' Home Journal*. As revistas demoram tanto a chegar, que a gente fica pelo menos dois meses fora de moda. É provável que a gente tenha começado a pintar as unhas com esmalte *Immoral Coral* quando todo mundo que está por dentro já estava usando cor-de-rosa, mas, que me importa, pelo menos ficamos todas atrasadas juntas. E as minhas amigas são sofisticadas de formas que as revistas não ensinam. Especialmente Robine, que é uma católica francesa, de Paris, e jamais come a sobremesa com o mesmo garfo que usou na refeição. O marido dela é o adido da embaixada, e aquilo é que é boa educação! Quando a gente é convidada para algum jantar, eu fico de olho em Robine, e aí não tem como errar.

Nós, mulheres, sempre ficamos juntas, como pássaros de mesma plumagem, e graças ao bom Deus, porque os homens estão sempre fora, em alguma viagem de negócios. No caso de Axelroot, é sempre algum negócio escuso. Na minha opinião, ele anda salvando outras damas em perigo com a promessa de casar mais tarde, depois de receber o dinheiro da recompensa! É a cara do Axelroot; aparecer com outra esposa e dizer que este é o costume aqui. Ele deve ter ficado tanto tempo na África, que esqueceu que nós, cristãos, temos o nosso próprio sistema de casamento, que todo mundo conhece e chama Monotonia.

Bem, eu vou tolerando. Pelo menos, todo dia quando saio da cama, estou

viva, e não morta, como a Ruth May. Portanto, alguma coisa eu fiz certo. Às vezes a gente tem de salvar o pescoço e acertar os detalhes mais tarde. Como aquele livrinho que ensinou: Abra os cotovelos, recolha as pernas e deixe a multidão te levar! A última coisa que a gente quer é ser pisoteada até a morte. Com relação ao dia em que ele me tirou do Congo de avião, é difícil lembrar o que eu pensei que ia acontecer em seguida. Eu estava tão excitada por sair daquele buraco de lama que não conseguia pensar direito. Tenho certeza de ter despedido da Mamãe, da Leah e da Adah, mas não lembro de ter pensado que talvez a gente nunca mais se visse novamente. Devia estar completamente tonta.

É engraçado, mas eu lembro bem disto. O avião de Eeben já estava bem alto no céu, bem acima das nuvens, quando eu, de repente, lembrei do meu enxoval! Todas aquelas coisas bonitas que eu tinha feito — toalhas com monograma, uma toalha de mesa com os guardanapos combinando — não parecia certo casar sem meu enxoval. Apesar de toda a minha tonteira, eu fiz Eeben me prometer que um dia ele ia buscar aquelas coisas na nossa casa em Kilanga. É claro que ele não foi. Descobri que foi uma completa bobagem minha pensar que ele ia.

Acho que minhas esperanças nem chegaram a decolar.

Adah Price

UNIVERSIDADE DE EMORY, ATLANTA

1962

Diga toda a Verdade mas com a sua inclinação, diz a minha amiga Emily Dickinson. E, na verdade, que escolha eu tenho? Sou uma pequena aleijada obcecada com o equilíbrio.

Decidi falar, portanto surge a possibilidade de contar. Falar passou a ser uma questão de autodefesa, pois Mamãe parece ter ficado muda, e sem ninguém para atestar qual o meu lugar no mundo, vi-me diante do mesmo precipício que enfrentei quando comecei a estudar: entre os bem-dotados, ou na turma de retardados, entre os Crawleys que puxavam a orelha? Não que a companhia de mentes simples me incomode, mas eu tinha de fugir de Bethlehem, onde as paredes são feitas de olhos empilhados em fila, como tijolos, e cada respiração tem o gosto azedo de alguma fofoca recente. Chegamos em casa com uma recepção especial de herói: a cidade tinha sede de uma boa fofoca. Portanto, hip-hip-hurrah, sejam bem-vindas, pobres Prices! Impressionantes, enlutadas, estranhas e sem teto (pois, sem o pastor, não poderíamos viver na residência da igreja), marcadas pelo mais negro da África e provavelmente pagãs. Orleanna e Adah, que voltaram para a cidade sem seu homem, como uma dupla de dálmatas hidrófobos que voltam sem o carro dos bombeiros.

Fomos consideradas loucas. Mamãe aceitou bem o diagnóstico. Retirou nossas coisas do depósito e levou para um barracão de compensado na periferia da cidade, que alugou graças a um pequeno legado de Vô Wharton. Não ligou o telefone. Em vez disso, ela comprou uma enxada e começou a cultivar, até o último centímetro quadrado, aquele hectare de terra arenosa: amendoins, batatas-doces e quatro dúzias de flores diferentes. Estava determinada a deixar para trás a sua tragédia, como um cabelo mal cortado que cresce. Um vizinho, um pouco abaixo na estrada, tinha um ganso e alguns porcos, cujo esterco ela ia buscar à maneira da África: dois baldes equilibrados nos ombros. Eu não teria estranhado se ela colocasse um terceiro balde na cabeça. No verão era impossível ver alguma coisa da janela por causa das flores. Mamãe disse que estava pensando

em montar uma barraca na margem da estrada e vender buquês a três e cinquenta. Imaginei o que Bethlehem iria dizer disto. A esposa do pastor, descalça, vendendo flores na beira da estrada.

Com o mesmo interesse de Mamãe pelos catálogos de sementes, peguei o catálogo da Universidade de Emory e estudei minhas possibilidades. Fui então de ônibus até Atlanta e manquei até a secretaria de matrículas. Permitiram-me uma entrevista com um senhor chamado Dr. Holden Remile, cujo emprego era desencorajar pessoas como eu de pedir entrevistas com pessoas como ele. Ele tinha uma mesa imensa.

Abri a boca e esperei até ouvir esta sentença: “Tenho de frequentar os cursos básicos de sua Universidade, meu senhor. E depois terei de frequentar a sua escola de medicina.”

O Dr. Remile ficou muito chocado, não sei se pela minha deformidade ou pela minha audácia, mas não ficou tão chocado quanto eu própria pelo som de minha voz. Ele me perguntou se eu tinha recursos, se eu tinha o histórico escolar do secundário, se eu tinha tido aulas de química ou de álgebra avançada no segundo grau. Eu só tinha uma resposta, e era “Não, senhor.” Mas também disse que tinha lido muito.

— A senhorita sabe o que é o cálculo? — perguntou, à maneira de quem tem alguma coisa horrível escondida numa das mãos. Como cresci ao lado das mãos do reverendo Price, sou imune a este tipo de medo.

— Sim, senhor. É a matemática das variações.

O telefone tocou. Enquanto ele conversava, eu calculei de cabeça a soma e o produto dos números em arquivos grandes numerados colocados nas prateleiras, que estavam totalmente fora de ordem, e montei uma equação para ordená-los, que escrevi num pedaço de papel. Tive de usar álgebra, não cálculo. Também observei que seu nome de trás para diante era o verbo francês que indica puir roupas, e lhe disse isto também, sem mal-entendidos, pois suas roupas eram excelentes.

De repente, o Dr. Remile atestou que, como filha de veterano, eu tinha direito a alguns benefícios do governo. Ele marcou a data para o meu exame de admissão, e por isto eu tive de voltar a Atlanta um mês depois. Resolvi todas as questões de matemática. Na parte verbal eu cometi quatro erros, todos relacionados com a escolha da palavra que não se encaixa numa série. Sempre tive dificuldades com este tipo de problema. Dadas as circunstâncias de minha vida, sempre acho que qualquer coisa sempre se ajusta em algum lugar.

Eu havia dito a verdade: eu tinha de frequentar os cursos básicos. Precisava sair de Bethlehem, da minha pele, da minha cabeça e do espectro da minha família. Não porque eu tivesse vergonha de Mamãe, como é que *eu*, a retardada

da cidade, iria ter vergonha dela? Eu gostava da companhia de sua loucura, e certamente eu a entendia. Mas Mamãe queria consumir minha vida, fazer dela o seu alimento. Eu precisava de um quarto que fosse só meu. Eu precisava de livros, e pela primeira vez na vida, eu precisava de professores que me dissessem a cada dia em que eu deveria pensar.

Em química orgânica, zoologia dos invertebrados e na simetria inspirada da genética mendeliana, encontrei uma religião que funciona. Recito a tabela periódica dos elementos como uma oração; submeto-me aos exames como se à Santa Comunhão, e a aprovação no primeiro semestre foi como um sacramento. Minha mente está cheia com uma floresta de fatos. Entre as árvores há uma grande planície de desespero. Eu a evito e fico na floresta.

Como não posso falar com ela por telefone, tomo o ônibus todo fim de semana. Nós bebemos chá e ela me mostra as flores. O que é estranho é que na presença de Papai ela quase não se interessava por jardinagem. Aquele era o domínio dele, e ele nos orientou para a plantação de alimentos úteis, para maior glória de Deus, e assim por diante. Durante a minha infância, nosso jardim nunca teve uma flor. Nem um dente de leão. Hoje em dia, a barraca de Mamãe é um teto cercado de azuis, laranjas, vermelhos e cor-de-rosa. Quem entra na casa tem de se curvar sob um arco de cosmos, e de usar o braço direito para afastar as malvas que cobrem a porta. Mamãe tem um talento extraordinário para as flores. Ela era todo um jardim botânico esperando acontecer.

Quando a visito, falamos pouco, e acho que o silêncio nos alivia às duas. Somos agora só nós duas, e eu lhe devo minha própria vida. Ela nada me deve. Ainda assim eu a abandonei e agora ela está triste. Não estou acostumada com isto. Sempre fui a que sacrificava a vida e os membros e metade do cérebro para salvar a outra metade. Tenho o hábito de me arrastar altaneira por um mundo que me deve dívidas impagáveis. Sempre usufruí dos confortos do martírio.

Agora tenho uma dívida que não posso pagar. Mamãe me agarrou ferozmente e me arrastou consigo. Ela haveria de me tirar da África, mesmo que este fosse seu último ato em vida, e realmente quase foi. Aconteceu assim: o *commerçant* que surgiu em Bulungu com um caminhão que parecia um anjo enferrujado nos prometeu levar até Leopoldville junto com as bananas. Mas um pouco adiante ele mudou de ideia, e nos abandonou para levar mais bananas. Depois de conversar com alguns soldados na estrada, ele se convenceu que a fruta daria mais lucro do que mulheres brancas na cidade. Assim, tivemos de desembarcar.

Andamos durante dois dias, sem comer. À noite nós nos encolhíamos às margens da floresta e nos cobríamos com folhas de palmeira para que os soldados não nos descobrissem. Na segunda noite, um caminhão do exército

parou ao nosso lado, e um homem nos atirou para dentro da carroceria, onde caímos sobre colos, capacetes e fuzis. Não há dúvida de que os soldados queriam nos fazer mal; eu estava insensível, tal a ansiedade. Mas os olhos azuis de Mamãe lhes tiraram a coragem. Ela estava simplesmente possuída por alguma força do mal, que entraria naqueles homens se eles a tocassem, ou a mim. Especialmente a mim. Assim, eles ficaram longe de nós duas. Sacudimos na carroceria do caminhão ao longo da estrada, passando por dezenas de barreiras militares, e finalmente fomos entregues na embaixada da Bélgica, que nos acolheu até alguém resolver o que fazer conosco. Passamos 19 dias na enfermaria, engolindo vários venenos especializados, pois tínhamos parasitas intestinais, fungos nos pés e braços e um grau anormalmente alto de malária.

Depois disto, fomos transportados num avião hospital, cheio de funcionários da ONU e de doentes brancos, por um longo túnel escuro onde dormimos o sono dos mortos. Quando o zumbido cessou, nós todos nos levantamos e piscamos como cadáveres incomodados. Havia luz nas janelinhas redondas. A barriga do avião se abriu com um gemido e saímos abruptamente para o agradável ar de primavera de Fort Benning, na Georgia.

É impossível descrever o choque da volta. Lembro-me de que fiquei muito tempo olhando para uma linha amarela, caprichosamente pintada num meio fio de cimento caprichosamente enformado. Linha linha amarela amarela. Pensei na capacidade do trabalho humano, na tinta, no caminhão de cimento e nas fôrmas de concreto, todos os recursos aplicados naquele único pedaço de meio fio. Para quê? Não consegui achar uma resposta. Para que um carro estacionasse ali? Será que os Estados Unidos têm tantos automóveis que o país tem de ser dividido em lugares para eles e lugares que não são deles? Sempre foi assim, ou, durante a nossa ausência, eles se multiplicaram, como os telefones e sapatos novos e rádios transistor e tomates embalados em celofane?

Então eu examinei um semáforo, cuidadosamente preso por fios sobre um cruzamento. Não conseguia olhar para os carros. Meu cérebro estava muito excitado com toda aquelas cores e movimento metálico orquestrado. Do edifício às minhas costas, vinha um sopro de cheiro neutro e o zumbido alto das lâmpadas fluorescentes. Apesar de estar em espaço aberto, eu me sentia peculiarmente confinada. Havia uma revista jogada na rua, inacreditavelmente limpa e perfeita. A brisa passou gentilmente as páginas para mim, uma de cada vez: vi uma mãe branca cuidadosamente penteada, ao lado de uma secadora de roupas e de uma criança branca e gorda e uma pilha de roupa limpa que me parecia suficiente para vestir uma aldeia inteira; vi um homem e uma mulher segurando juntos uma bandeira confederada num gramado vasto e muito bem aparado, as sombras dos dois se estendiam atrás deles por todo o comprimento

de uma árvore caída; vi uma mulher loura, num vestido preto, com pérolas e longas unhas vermelhas, apoiada numa mesa com toalha branca, olhando para uma taça de vinho; vi uma criança coberta de roupas novas, abraçando uma boneca tão limpa e bem passada que não parecia pertencer a ela; vi uma mulher de casaco e chapéu, abraçando um pacote de meias. O mundo parecia ao mesmo tempo lotado e vazio, sem cheiros e muito claro. Continuei a olhar o semáforo, que estava vermelho. De repente surgiu uma seta verde apontada para a esquerda, e os carros de uma das filas saíram para a esquerda, como animais obedientes. Ri em voz alta.

Enquanto isto, Mamãe não ficou parada. Em transe, ela foi até um telefone público. Corri e a alcancei, um pouco tímida, porque ela tinha passado à frente de uma longa fila de soldados que esperavam para telefonar para casa. Ela pediu o dinheiro suficiente para ligar para o Mississippi, o que dois soldados fizeram com tal rapidez, que parecia que ela era o comandante. As moedas americanas desconhecidas pareciam leves na minha mão. Passeias para Mamãe e ela chamou algum primo em segundo grau que prometeu vir nos buscar imediatamente, apesar de fazer quase dez anos que Mamãe não falava com ele. Ela ainda sabia o número de cor.

Diga toda a verdade mas com a sua inclinação. Que segredo a minha família ainda tem para contar? Talvez eu tenha de parar novamente de falar, até ter certeza do que sei. Achava que já tinha resolvido esta questão há muito tempo. Meu hino a Deus: *Sued ed Roma! Sued ho!* Meu hino ao amor: *Amada nossa... passo... na dama.* Eu sabia tudo, para frente e para trás. Havia aprendido o equilíbrio de forças na noite das formigas: a batida na porta, a agitação e a queimação dos pés, e lá atrás, Adah, arrastando a canção permanente do corpo *esque... cida.* A saída para o luar, onde o chão fervia e lá estava Mamãe, como uma árvore imóvel no meio da tempestade. Mamãe, que me olhava, com Ruth May nos braços, comparando nós duas. A criança doce e perfeita com cachos dourados e pernas perfeitas, ou a adolescente morena e muda, que carrega um meio corpo disjunto. Qual? Depois de hesitar um segundo, ela resolveu salvar a perfeição e abandonar a imperfeita. Todo mundo tem de escolher.

Estava viva e vi o mal^[24]. Escrevi no meu diário. Viva num momento, morta no seguinte, porque é assim que meu cérebro dividido percebe o mundo. Não havia espaço em Adah para outra coisa além do amor puro e do ódio puro. Uma vida assim é satisfatória e muito pouco complicada. Desde então, minha vida ficou muito mais difícil. Porque mais tarde, ela escolheu *a mim*. No final ela só conseguiria tirar uma de suas filhas da África, e eu fui a escolhida. Será que ela

teria preferido Ruth May? Será que eu mereci o prêmio dos derrotados? Será que ela me olha e despreza a perda? Será que estou viva apenas porque Ruth May está morta? Que verdade eu devo escolher?

Recentemente tive de rever a história de Pai Nosso. Um baú velho cheio de coisas dele. Eu precisava encontrar os documentos de baixa, que me dariam alguns benefícios para pagamento da universidade. Achei mais do que estava procurando. Ao contrário do que sempre soubéramos, a medalha que ele recebeu não era uma medalha por heroísmo, era apenas uma medalha por ter sido ferido e sobrevivido. Por ter escapado da floresta onde todos os outros marcharam para a morte. Nada mais que isso. Tecnicamente ele recebeu baixa com honras, mas extraoficialmente foi uma baixa por Covardia, Culpa e Vergonha. O reverendo, o único sobrevivente de uma companhia de homens mortos que marcharam a seu lado durante toda a vida dele. Não admira que ele não pudesse fugir duas vezes da mesma floresta. Mamãe me contou uma parte da história, e eu acho que já sabia o resto. O Destino condenou Pai Nosso a pagar por aquelas vidas com o resto da sua, e ele passou todo esse tempo posando desesperado ante os olhos de Deus que nada perdoa. Este Deus me preocupa. Ultimamente Ele tem me visitado. Ruth May e as outras crianças enterradas perto dela vêm me visitar. Elas gritam, “Pode Mamãe?” e as mãos se arrastam nas mãos e joelhos, tentando comer a terra do túmulo de seus filhos. As corujas piam e piam, e o ar fica carregado de espíritos. Foi o que eu trouxe do Congo nas minhas costas aleijadas. Durante os 17 meses que passamos em Kilanga, morreram 31 crianças, inclusive Ruth May. E por que não Adah? Não conheço resposta que me justifique.

Acredito que as razões de Mamãe para me salvar são tão complicadas quanto o próprio destino. Dentre outras coisas, suas alternativas eram limitadas. Uma vez ela me traiu. Uma vez ela me salvou. O destino fez a mesma coisa para Ruth May, na ordem inversa. Toda traição contém um momento perfeito, uma moeda com cara ou coroa de um lado, e a salvação do outro. Traição é uma amiga que conheço há muito tempo, uma deusa de duas caras que olha para frente e para trás com uma clara e séria suspeita da boa sorte. Por isso, sempre senti que me tornaria um cientista de olhos claros. Acontece que a traição também pode criar penitentes, políticos astutos e fantasmas. Nossa família parece ter produzido um de cada.

Viagem, casamento, balsa e túmulo: são essas as quatro formas de exodo, até agora. Embora, na verdade, nenhuma de nós tenha completado a travessia. Exceto Ruth May, é claro. Temos de esperar para ter notícias dela.

Viajei na balsa. Até aquela manhã em que fomos para a margem do rio eu ainda achava que Mamãe iria levar Leah, e não eu. Leah que, mesmo no estuor

da malária, apresentou-se para se agarrar à bateria para compensar seu peso. Como sempre, fui superada pelo heroísmo dela. Mas durante a travessia da canoa Mamãe agarrou com tanta força a minha mão, que eu soube que tinha sido escolhida. Ela iria me tirar da África, mesmo que este fosse seu último ato como mãe viva. E provavelmente foi.

Leah Price

MISSION NOTRE DAME DE DOULEUR

1964

La Dragueuse, é como as freiras me chamam aqui. A Caça-Minas. E não por que meu hábito se arraste pelo chão. Eu uso calça, e a maior parte do tempo o hábito fica preso para que eu possa me movimentar mais depressa ou subir numa árvore com meu arco para caçar um pouco de carne, que acho que elas apreciam. Mas os olhos delas não negam que elas acham que eu tenho urina e vinagre demais para minha situação atual. Até Soeur Thérèse, que é a que mais se aproxima da minha ideia de uma amiga, aqui no Grande Silêncio, me considera uma ovelha negra no meio de um rebanho da cor da neve, quando exige que eu me vista toda de marrom dos ombros para baixo. Ela é a encarregada da lavanderia do hospital, e insiste que eu sou um caso sem solução, no que se refere ao branco.

— *Liselin* — ela me chama a atenção, mostrando meu escapulário manchado do sangue de alguma coisa, um gato, que eu tivesse esfolado.

— A visita mensal? — sugiro, e ela se dobra, o rosto corado, dizendo que eu sou *de trop*.

Olho em torno e me pergunto como, na situação atual, qualquer quantidade de urina e vinagre poderia ser suficiente.

Eu sou Liselin: Soeur Liselin, um caso de piedade, recebida em segredo no meio da noite, asilada pelo período incerto de prisão de meu noivo, envolta em muito pano e casada com o Senhor para esconder meu nome de solteira. Espero que Ele entenda quando imploro que nosso casamento não seja eterno. As irmãs parecem esquecer que eu não sou uma delas, apesar de saberem como cheguei aqui. Thérèse me faz repetir os detalhes, arregalando os olhos cinzentos. Está aqui, com apenas 20 anos, a milhares de quilômetros das campinas da França, trocando curativos de leprosos e de abortos horríveis, mas mesmo assim, ela fica eletrizada pela história da minha fuga. Ou talvez por Anatole ser parte dela. Quando estamos sozinhas no calor sufocante da lavanderia, ela me pergunta como eu sei que estou amando.

— Tenho de estar. Senão, como explicar o perigo em que coloquei centenas

de pessoas?

É verdade, foi o que eu fiz. Quando finalmente acordei do meu estupor medicinal em Bulungu, percebi o peso que tinha sido, não apenas pelo *fufu* e molho de peixe que tinha comido dia após dia, mas também por ser uma estrangeira no olho do furacão. O exército de Mobutu era conhecido pela crueldade e imprevisibilidade. Bulungu poderia ser acusada de qualquer coisa por ter me abrigado. Ou ser incendiada sem qualquer razão. Todo mundo aprendia depressa, a melhor estratégia era tornar-se invisível. Mesmo assim, minha presença era conhecida em toda a região: eu era um bandeira berrante hasteada à vista de todos durante todos aqueles meses de doença e esquecimento, nada mais que uma garota apaixonada, o centro de meu próprio universo. Finalmente me levantei para ver que o sol ainda nascia no oriente, mas que tudo o mais tinha mudado. Implorei a Anatole para me tirar dali para qualquer outro lugar onde eu não representasse tanto perigo para os outros, mas ele não quis me mandar sozinha. Insistiu que isto não era razão para me envergonhar. Ele estava arriscando o próprio pescoço pró-Lumumba por estar a meu lado, mas muita gente estava assumindo riscos em nome do que amava ou sabia. Em breve nós iríamos partir, prometeu, e partir juntos.

Amigos fizeram planos para nós, inclusive alguns homens de Kilanga que eu nunca teria imaginado se arriscando tanto por Anatole. Tata Boanda era um deles. De calça vermelha e tudo, ele apareceu tarde da noite a pé, com uma mala na cabeça. Trouxe dinheiro para nós que, segundo ele, pertencia a meu pai, embora isso fosse pouco provável. A mala era nossa. Nela estavam um vestido, o livro de colorir de Ruth May, peças dos nossos enxovais, meu arco e minhas flechas. Alguém em Kilanga tinha guardado para nós essas coisas preciosas. Também é possível que as mulheres que vasculharam nossa casa tenham preferido não guardar essas coisas, apesar de pelo menos o arco ser um item valioso. Uma terceira possibilidade: desapontadas pelo fracasso de Jesus em nos proteger, elas preferiram guardar distância.

As notícias de Papai não eram boas. Estava vivendo sozinho. Eu não havia pensado nisso — quem iria cozinhar para ele? Nunca tinha pensado em Papai sem assistência feminina. Agora diziam que ele andava barbudo, descabelado e sofria com a desnutrição e com parasitas. Nossa casa tinha se queimado, e diziam que a culpa teria sido do espírito de Mamãe ou da maldade dos meninos da aldeia, embora Tata Boanda acreditasse que provavelmente foi Papai tentando assar carne numa chama de querosene. Papai tinha ido para uma cabana na floresta, que ele chamou de A Nova Igreja da Vida Eterna, Jesus é Bängala. Apesar do nome promissor, ele vinha atraindo poucos fiéis. As pessoas queriam primeiro ver como Jesus protegia Tata Price, agora que ele tinha de sobreviver

como todo mundo, sem a ajuda do avião ou das mulheres. Até agora, Papai não estava se dando particularmente bem. Além disso, a igreja ficava muito perto do cemitério.

Tata Boanda me disse com tristeza sincera que Ruth May era lembrada em Kilanga. Tata Ndu ameaçou exilar Tata Kuvudundu por ter posto a cobra no nosso galinheiro, o que foi descoberto, pois Nelson mostrou as pegadas a muitas testemunhas. Kilanga estava enfrentando todo tipo de problemas. Os alunos pró-lumumbistas de Anatole estavam tendo escaramuças com o que sobrou do Exército Nacional — agora, o exército de Mobutu — não muito distante para o sul ao longo do rio. Fomos avisados que viagens para qualquer lugar seriam muito difíceis.

Nossa viagem foi ainda mais difícil. Apesar de a chuva ter passado, mal conseguimos chegar até Kwenge. De lá, nosso plano era tomar a balsa até Stanleyville, onde Lumumba ainda tem um apoio popular muito grande. Havia trabalho a ser feito, e Anatole acreditava que lá nós estaríamos seguros. O dinheiro que Tata Boanda nos trouxe foi nossa salvação. A quantia era pequena, mas eram francos belgas. O dinheiro congolês, de uma hora para outra, tinha perdido completamente o valor. Nem com um milhão de notas congolesas cor-de-rosa nós teríamos condições de pagar a passagem na balsa.

Era tudo assim: o chão se movia enquanto dormíamos, e a cada dia tínhamos novas surpresas terríveis. Em Stanleyville logo percebemos que eu representava perigo maior do que em Bulungu. As pessoas se ofendiam à vista da minha pele branca, por razões que eu tive o bom senso de entender. Elas tinham perdido seu herói em razão de uma barganha entre os estrangeiros e Mobutu. Anatole me enrolou em *pagnes* estampados, na esperança de me disfarçar de matrona congolesa, ao mesmo tempo em que tentava evitar que eu andasse tonta no meio dos carros. Quase desmaiei no burburinho de Stanleyville — pessoas, carros, animais nas ruas e o olhar austero das janelas dos prédios altos de concreto. Não tinha saído da floresta desde a última visita com Papai a Leopoldville, há um ou há cem anos, não sei bem.

Anatole não perdeu tempo para providenciar nossa saída da cidade. Na carroceria do caminhão de um amigo, cobertos de folhas de mandioca, saímos de Stanleyville tarde da noite e fomos para a República Centro Africana, perto de Bangassou. Fui entregue nesta missão no meio da floresta, onde, em meio à cuidadosa neutralidade das irmãs, uma noviça chamada Soeur Liselin poderia passar alguns meses sem ser notada. Sem fazer nenhuma pergunta, a Madre Superiora convidou Anatole e eu para passarmos nossa última noite juntos na minha cela. A minha gratidão pela sua bondade me ajudou a percorrer uma estrada longa e penosa.

Thérèse olha para mim, inclinando as sobrancelhas como os acentos de seu nome.

— Liselin, de que você se acusa? Ele te tocou *toda*?

Esperávamos não ficar separados por mais de umas seis ou oito semanas, tempo que Anatole e os lumumbistas imaginavam necessário para reerguerem o plano de paz e prosperidade do líder deposto. Tal era o nível da nossa ingenuidade. Anatole foi descoberto pela polícia de Mobutu antes mesmo de chegar a Stanleyville. Meu amado foi interrogado depois de ter uma costela quebrada, foi levado para Leopoldville e ficou preso num pátio infestado de ratos do que tinha sido uma luxuosa embaixada. Até agora, o aumento da duração de nossa separação provocou o aumento de minha devoção a Anatole, do meu domínio do francês e da minha capacidade de viver na incerteza. Finalmente, contei à Irmã Thérèse, já entendo os tempos do subjuntivo.

Tremo só em pensar o que Papai diria de mim aqui, escondida entre um bando de mulheres papistas. Meus dias são os mais produtivos dentro de minha capacidade: tento me manter limpa, afiar minha determinação e manter a boca fechada desde as vésperas até o café da manhã. De tempos em tempos, recebo uma carta de Leopoldville que me ajuda a me manter no caminho certo. Meu coração dispara quando vejo o envelope azul comprido na mão de uma das irmãs, entregue a mim sob a manga, como se houvesse dentro um homem inteiro. E, ah, na verdade ele está lá dentro! Ainda doce e amargo e sábio e, melhor de tudo, vivo. Grito e corro para o pátio, para saboreá-lo sozinha, como um gato faz com um pintinho. Encosto o rosto no muro e beijo as pedras frias do muro, numa homenagem à prisão, pois somente o fato de eu estar aqui e de ele estar na prisão garante para nós a possibilidade de um recomeço juntos. Sei que ele abomina ser um inútil, sentado enquanto a guerra toma conta do país. Mas tenho certeza de que, se estivesse livre como gostaria, Anatole seria morto no processo. Se o cativoiro lhe dói no espírito, espero no futuro seu corpo íntegro, e para o resto hei de fazer tudo o que puder.

As irmãs me viram lá fora e me disseram que assim vou acabar gastando seus alicerces. Estão acostumadas com a guerra e com a lepra, mas ainda não conhecem o amor de verdade.

É evidente que estou aqui para ficar por ainda um bom tempo, portanto madre Marie-Pierre me pôs trabalhando na clínica. Se não consigo entender bem essa história de pobreza-castidade-obediência, posso aprender sobre vermífugos, parto invertido, ferimentos de flecha, gangrena e elefantíase. Quase todos os pacientes são mais novos do que eu. Nesta terra predominam os preventivos da velhice. Nossos suprimentos nos chegam da Solidariedade Católica Francesa, e às vezes surgem do nada. Uma vez, um mensageiro atravessou de bicicleta a

floresta e nos trouxe doze frascos de soro antiofídico, embrulhados um a um em panos e guardados dentro de um porta-joias — um tesouro impressionante cuja história nós não conseguimos descobrir. O menino disse que os frascos vinham de um médico de Stanleyville que estava sendo evacuado. Pensei no médico belga que havia engessado o braço de Ruth May, e decidi que, de alguma forma, a própria Ruth May estava envolvida neste presente. As irmãs agradeceram ao Senhor e foram salvar doze pessoas picadas de cobra; mais do que perdemos.

Falando com os pacientes, tornei-me razoavelmente fluente em lingala, a língua falada no norte de Congo, em Leopoldville e nas margens da maioria dos rios navegáveis. Se Anatole voltar para mim, estarei pronta para ir praticamente a qualquer lugar. Mas depois que um mês se passar sem chegar uma carta, terei certeza de que ele morreu ou recuperou a clareza dos ideais e o bom senso de se afastar de uma garota branca deslocada, e que ele se foi para sempre. Para mim, tão perdido quanto minha irmã, ai meu Deus, Ruth May. E Adah, Rachel, Mamãe e Papai, todos perdidos. Qual o sentido de ficar presa aqui, sem nome, sem passaporte, repetindo como um papagaio, “Olá, como vai”, em lingala? Estou buscando uma explicação com Deus, mas ainda não recebi nenhuma. À noite nós nos sentamos no refeitório, as mãos no colo, diante do rádio, o nosso mestre. Ouvimos uma notícia horrível depois da outra, sem meios para agir. O Congo livre, que quase aconteceu, está agora sendo destruído. O que fazer senão atirar o rosário contra a parede de minha cela e jurar violência? As irmãs são tão pacientes. Passaram décadas aqui, prolongando a vida dos desnutridos, tão acostumadas com a tragédia que se desenrola à nossa volta. Mas seus olhos que não piscam, emoldurados pela touca branca engomada, quase me fazem gritar: *Seja feita a Sua vontade não é isso!* Como é que alguém, até mesmo um Deus ocupado por tantos outros problemas, permite que isto aconteça?

— *Çe n'est pas à nous* — diz Thérèse, não cabe a nós questionar. Tão convincente quanto Matusalém gritar, *Irmã, Deus é grande! Feche a porta!*

— Já ouvi isto antes. Tenho certeza de que os congoleses ouviram isto todo dia durante os cem anos em que tiveram de suportar os belgas. Agora finalmente eles têm uma oportunidade de lutar, e nós ficamos aqui sentadas, vendo-os condenados à morte. Como a criança azul que nasceu da mãe morta de tétano, esta manhã.

— É uma comparação horrível.

— Mas é a verdade!

Ela suspira e repete o que já me disse. As irmãs não tomaram partido nesta guerra, mas guardam a caridade no coração até para o inimigo.

— Mas quem é o inimigo? Só me diga isto, Thérèse. Que lado você está tentando não odiar, os brancos ou a África?

Ela estica um lençol com os braços abertos, prende-o ao meio com os dentes e dobra. Penso que faz isto também para ocupar a boca.

— Eu lutaria ao lado dos Simbas, se eles me deixassem — confessei uma vez.

Thérèse tem um jeito de me olhar de lado, e às vezes tenho a impressão de que ela fez os votos cedo demais. Ela se sente atraída pela atividade da caçaminas.

— Você tem boa pontaria e nervos fortes. Vá juntar-se a eles — arrematou atrás do lençol que estava dobrando.

— Você acha que eu estou brincando.

Ela parou e me olhou séria.

— *Non, ce n'est pas une blague*. Seu lugar não é lutando ao lado dos Simbas, mesmo se você fosse homem. Você é branca. Esta guerra é deles, e o que tiver de acontecer vai acontecer.

— A guerra é tão deles quanto a vontade é de Deus. É obra dos demônios dos belgas e dos americanos.

— Se ouvisse isso, a reverenda madre ia lavar sua boca com desinfetante.

— A reverenda madre tem usos mais urgentes para o desinfetante.

E certamente não há de ser aqui. Na solidão da minha cela, mandei muitos homens para o inferno, o presidente Eisenhower, o Rei Leopoldo e até meu pai. Eu os amaldiçoo por me terem lançado numa guerra em que a cor da minha pele está, pura e simplesmente, do lado errado.

Comentei com a irmã Thérèse.

— Se Deus está realmente fazendo alguma coisa, ele está zombando da esperança de amor fraterno. Está garantindo que a cor vai ser um problema eterno — nada mais havendo a dizer entre uma devota camponesa e uma caçaminas, dobramos os lençóis e nossos hábitos de cores diferentes.

A verdade é que os Simbas atirariam em mim sem pensar. São um exército de puro desespero e ódio. Uma reunião de meninos de Stanleyville e velhos das aldeias, qualquer um que tenha uma arma ou uma machadinha. Amarram *nkisis* de folhas em volta dos punhos e se declaram invulneráveis às balas e imunes à morte. E realmente ficam, como diz Anatole, “pois como se mata alguém que já está morto?” Já ouvimos contar como eles afiaram os dentes e atacaram os invasores no nordeste do Congo, alimentando-se só de ódio. Trinta brancos mortos em Stanley, entre eles dois americanos — ouvimos pelo rádio de ondas curtas e entendemos o que isto significava. Ao anoitecer, as Nações Unidas lançaram sua resposta, um ataque por terra e por ar. Chamam este exército invasor de Forças Combinadas: Estados Unidos, Bélgica e mercenários da Baía dos Porcos. Ao longo das semanas seguintes ouvimos muito mais notícias sobre

brancos mortos por Simbas em Stanleyville. Em três línguas: na Radio France, na BBC e nos noticiários de Mobutu em lingala, as notícias eram uma só. Aquelas 30 pessoas brancas compraram o direito de invasão total contra os pró-independência. Quantos congoleses foram mortos pelos belgas e pelas condições de trabalho e desnutrição, pela polícia especial, e agora pelos soldados da ONU, nunca se saberá. Nunca serão contados. Ou se reduzirão a uma conta zerada, se isto for possível.

Na noite em que os helicópteros chegaram, as vibrações nos expulsaram da cama. Pensei que o velho convento estava desmoronando. Corremos para fora com o vento das hélices batendo em nós de pouco acima das árvores, batendo como espuma nossas camisolas brancas. As irmãs ficaram alarmadas, fizeram o sinal da cruz e correram de volta para cama. Eu não consegui. Sentei no chão, abracei os joelhos e comecei a chorar, e parece que foi a primeira vez desde o início do tempo. Chorei com a boca aberta, uivando por Ruth May e pelo desperdício de todos os nossos erros e por tudo o que vai acontecer a partir de agora, por todos os que já morreram, pelos que ainda não morreram, pelos que eu conheci ou não, por todas as criança congolesas sem esperança. Eu senti que ia desmoronar — que quando o dia raiasse eu seria apenas um monte de ossos fundido no solo úmido da horta das freiras. Uma pilha de ossos, sem ossos, sem filhos e nada mais: o futuro que eu um dia previ.

Para continuar viva, tentei chorar por algo mais aceitável. Chorei por Anatole. Ajoelhada diante de nossa pequena imagem da Virgem com o rosto desgastado, tentei rezar pelo meu futuro marido. Por uma oportunidade. Pela felicidade e pelo amor, se não for possível rezar diretamente por sexo, pela possibilidade de filhos. Descobri que quase não conseguia lembrar do rosto de Anatole, e que não conseguia criar uma imagem de Deus. Ele sempre me aparecia na imagem de meu pai. Tentei então imaginar Jesus, no corpo do irmão Fowles. Tata Bidibidi e sua esposa bondosa no barco precário distribuindo leite em pó e quinino e amor entre as crianças ao longo do rio. Seu conselho, atenção à Criação. Bem, as palmeiras do pátio estavam rasgadas e desgrenhadas pelo vento dos helicópteros e pareciam muito batidas pela guerra para aceitar minhas orações. Então me concentrei nos muros grossos do edifício e rezei diretamente para as pedras negras. Implorei a elas, “façam com que haja muros tão fortes como estes em torno de Anatole. Que haja um teto para protegê-lo quando o céu cair sobre ele.” Rezei para as velhas pedras pretas africanas, desenterradas da terra escura que sempre estive aqui. Algo sólido em que acreditar.

Rachel Axelroot

JOANESBURGO

1964

Se eu soubesse que casamento ia ser isso, pôxa, eu talvez tivesse feito uma corda com todos aqueles lençóis do meu enxoval e me enforcado na primeira árvore!

Não que eu ache ruim viver na África do Sul. Aqui nem parece ser um país estrangeiro. A gente encontra tudo que é preciso: *Shampoo Breck* Fórmula Especial, leite de magnésia *Phillips*, sopa de tomate *Campbell's*, qualquer coisa! E a paisagem é linda, especialmente na viagem de trem para a praia. Minhas amigas e eu adoramos encher a cesta de piquenique com champanhe e biscoitos *Tobler* (que na verdade são biscoitos doces — imagine a minha surpresa quando comprei um pacote para servir com molho!) e sair para o campo para dar uma olhada nas montanhas. É claro que a gente tem de olhar para baixo quando o trem atravessa as favelas, porque aquele povo não tem a menor ideia do que é um cenário bonito, pode ter certeza. Eles fazem as casas de pedaços de lata enferrujada ou de tábuas de caixote — e deixam a parte escrita do lado de fora para todo mundo ver! Mas a gente tem de entender, eles têm esta ética diferente da nossa. Faz parte do viver aqui. Entender as diferenças.

No mais, este país é parecido com qualquer outro. Até o clima é muito típico. Sempre tive a impressão que as pessoas nos outros países não têm a menor ideia de que a África pudesse ser tão normal. A única coisa esquisita é que, como o Equador fica acima da gente, as estações andam ao contrário, o que é meio difícil de acostumar. Mas eu me queixo? Claro que não! Eu monto a árvore de Natal no meio do verão canto *Deck the Halls*, tomo um martini no jardim e nem penso mais nisso. Sou uma pessoa muito adaptável. Nem me importo de falar africâner com a empregada, que é igualzinho ao inglês, depois que a gente pega o jeito. Pelo menos quando a gente só tem de dar ordens, o que é sempre mais ou menos a mesma coisa em qualquer língua. E se a gente ouve a palavra *Nuus* no rádio, por exemplo, qualquer idiota sabe que quer dizer “Notícia”. Então basta levantar e passar para a estação inglesa!

Com relação aos ambientes, a minha vida é boa. Deixei o passado para trás

e nem penso mais nele. De vez em quando tenho de parar para perguntar: Tenho família? Tenho pai, mãe e irmãs? Será que eu *vim* de algum lugar? Porque parece que não. Parece que eu estou bem aqui e sempre vivi aqui. Tenho um retratinho das minhas irmãs comigo cortado na forma de coração preso numa correntinha que eu estava usando quando saí daquela situação horrorosa no Congo. Às vezes eu pego e olho aqueles rostinhos brancos tristes, tentando me achar na fotografia. É a única hora que eu lembro que Ruth May morreu. Eu sempre digo que foi culpa da Leah, mas, na verdade, deve ter sido mais culpa do Papai, porque nós tínhamos de fazer o que ele mandava. Se fosse por mim, eu nunca ia pôr os pés naquele lugar infectado de cobras. Eu tinha ficado em casa e deixado os outros irem ser missionários, se tivessem vontade, e que tirassem bom proveito! Mas o retrato é tão pequeno que eu quase tenho de encostar no nariz para ver quem é quem. Os olhos doem quando eu tento focalizar, portanto ele fica a maior parte do tempo na gaveta.

Como eu ia dizendo, de modo geral eu estou contente com a minha situação atual. O problema é outro: meu casamento. Não existe palavra ruim o bastante para falar de Eeben Axelroot. Que, aliás, ainda não me transformou numa mulher honesta! Ele me trata como se eu fosse a sua escrava-namorada-faxineira, para ele levar para a cama quando tem vontade, e depois sumir durante meses para fazer Deus sabe o quê, me deixando sozinha na melhor época da minha vida. Mas quando eu digo que vou embora, ele me chama de pobre menina rica (e se a gente fosse rico de verdade, a história ia ser outra) e diz que eu não posso ir embora porque nenhum dos homens que a gente conhece aguenta me sustentar! Isso é totalmente injusto! Todo mundo que a gente conhece tem uma casa melhor do que a nossa. Ele recebeu muito dinheiro pelos serviços prestados no Congo, uma bela bolada, mas você acha que eu cheguei a ver? Não senhor, e pode acreditar que eu até olhei debaixo do colchão, pois ele é desse tipo de gente. Lá só tem uma arma. Ele diz que investiu o dinheiro. Diz que voltou para o negócio de diamantes e que tem muitos sócios, mas todo dia a gente tem de mandar ele tomar banho. Portanto, se ele tem sócios estrangeiros, acho que eles não são gente fina. Eu disse isso para ele. Ele tirou a garrafa de cerveja da boca, levantou a cabeça e riu de mim. “Garota, sua capacidade intelectual não é deste mundo!” Ele queria dizer o vácuo do espaço, ha, ha, a piada favorita dele. Ele disse que minha inteligência é tão vazia que ele podia me contar todos os segredos e depois me levar até a Dinastia Internacional sem a menor preocupação. Disse que o governo devia me contratar para trabalhar para os inimigos. E isso não é briguinha de namorado. Ele diz essas coisas e ri na minha cara! Oh, já chorei tanto que quase estraguei a pele.

Mas agora chega. Já tolerei demais e estou de olhos abertos, e já contei para

ele, no espelho do banheiro, quando ele não está, como eu fazia com Papai. “Você pode esperar. Vou te mostrar quem é que tem a cabeça oca!”

E agora está chegando a hora de Rachel Price. Tenho uma carta na manga que não contei para ninguém mas, juro por Deus, é a pura verdade e eu sei: tenho uma oportunidade legal com o embaixador.

Na verdade, Daniel é o primeiro secretário, mas os franceses têm tanta classe, independente da posição! Como eu disse, na casa dos Templetons, que dão festas divinas, a gente fica conhecendo as melhores pessoas. “Apareçam para uns drinques e um *braai*”, que quer dizer churrasco, é como a gente fala em Joanesburgo. As festas têm um ar internacional, uísque escocês, LPs americanos e fofocas diplomáticas. Depois que o primeiro ministro levou um tiro na cabeça, eles tiveram de ensinar aos pretos o seu lugar, o que era absolutamente necessário, mas gerou muita incompreensão entre as embaixadas estrangeiras. A nação da França especialmente, ficou toda arrogante ameaçando retirar suas associações da África do Sul. Já há algumas semanas a gente está ouvindo dizer que Daniel vai ser removido para Brazzaville. A mulherzinha francesa dele, a Robine, não vai aguentar, é claro como o dia. Ela é conhecida por despedir as empregadas por qualquer coisinha, e para ela tudo que existe fora de Joanesburgo é África Negra. Ela e Daniel já estavam a ponto de terminar, mesmo sem ela saber. Então eu vi a minha oportunidade. “Ela não sabe como é feliz”, sussurrei no ouvido dele. “Vou te contar um segredo, se fosse eu, eu ia com você sem pensar duas vezes.” Isto aconteceu dois sábados atrás, numa festa dos Templetons, nós estávamos dançando ao som de “*Big Girls don’t Cry*” com os Four Seasons. Eu lembro bem que era essa música. Porque naquela manhã eu tinha descoberto mais um peca-dilly de Axelroot, mas já sou crescida, então eu fui a uma loja no centro e comprei um maiô vermelho de duas peças. Acho que isso pode ser considerado um seguro. Como eles dizem nas revistas, basta um sorriso e um maiô *Catalina*! E era isso que eu estava usando dois sábados atrás, na festa dos Templetons.

— Afinal, eu sobrevivi ao Congo — sussurrei para Daniel —, eu aguento Brazzaville sem perder o sorriso.

E adivinhe: é exatamente o que eu vou fazer! Já posso ir arrumando as malas e tomar as medidas para um vestido Dior. Com o que eu sei a respeito daquele homem, ele está preso no meu dedinho. E o que ele fez comigo, puxa vida! Um homem só faz uma coisa *daquelas* quando sente alguma coisa. Posso dizer com absoluta positividade que eu vou ser a próxima senhora Daniel Attaché-do-Embaixador DuPrée. E Eben Axelroot vai acabar sozinho, só com a empregada para recolher as meias sujas. E Daniel, coitado, nem vai saber o que foi que o acertou.

Leah Price Ngemba

ESTAÇÃO DE BIKOKI

17 DE JANEIRO DE 1965

De manhã cedo, dá para sentir frio aqui, na bruma da estação seca ao amanhecer. Ou talvez seja eu. Talvez meu sangue tenha afinado, fraqueza de que Papai nos acusava quando nos queixávamos dos invernos frios do norte da Georgia. Aqui certamente não existe inverno: a linha do Equador passa em cima da nossa cama. Anatole diz que eu atravesso o Equador toda vez que vou à cozinha, portanto acho que devo me considerar uma cidadã do mundo, apesar de ser praticamente impossível sair da estação hoje em dia.

A amarga verdade, pura e simples, é que este dia está me deixando com os ossos gelados. Tento não prestar atenção ao dia e ao mês, mas as poinsétias em flor gritam para mim que já está chegando, e que no dia 17 de janeiro eu vou acordar mais cedo, com uma dor no peito. Por que eu tive de perguntar: “quem tem coragem de ir lá fora comigo?” Conhecendo-a como eu conhecia, tinha de saber que ela não iria tolerar ser chamada de covarde, muito menos pela irmã.

É um aniversário triste na nossa casa. Matei uma cobra hoje de manhã, parti em pedaços com minha machadinha e joguei os três nas árvores. Era a cobra preta grande que andava em volta da casa desde o fim das chuvas. Anatole saiu e estalou a língua para a minha obra.

— A cobra não estava fazendo mal algum, Béene.

— É pena, mas hoje eu acordei querendo um olho por outro.

— O que quer dizer isso?

— Quer dizer que a cobra cruzou meu caminho no dia errado.

— Mas ela comia os ratos. Agora eles vão atacar a mandioca.

— Os ratos pretos ou os brancos?

Ele me olhou longamente, tentando me entender, até perguntar:

— Por que você acha que a sua tristeza é tão especial? Morriam crianças todo dia em Kilanga. E continuam morrendo aqui.

— Oh, como eu podia *esquecer*, Anatole. Ela foi apenas mais uma no meio de um milhão que deixaram o mundo aquele dia, junto com o primeiro ministro

Patrice Lumumba. Eu sei que, no fundo, Ruth May não tinha a menor importância.

Ele se aproximou e tocou meu cabelo, que está horrível. Quando me lembro que sou uma boa esposa congoleza, eu o prendo com um lenço. Anatole me enxugou os olhos com a barra da camisa.

— E você acha que eu não me lembro da Irmãzinha? Ela tinha o coração de mangusto. Corajosa e inteligente. Ela era a chefe de todas as crianças de Kilanga, inclusive das irmãs mais velhas.

— Não fale dela. Vá trabalhar. *Wenda mbote* — Afastei a mão dele e gritei — *Não fale dela e eu não falo do seu Lumumba esfaqueado a machadadas como essa pobre cobra, e jogado em pedaços numa casa de Elisabethville, com os cumprimentos da minha terra odiosa.*

Saí pisando duro para a cozinha, onde eu já ouvia os ratos na mandioca, recompensando a minha raiva.

Este é um dia que Anatole e eu temos de enfrentar. Já ouvi dizer que a tristeza aproxima, mas as tristezas que ele e eu carregamos são muito diferentes. As minhas são brancas e americanas. Eu me agarro a Ruth May, enquanto ele e o resto do Congo têm um dia de luto pela independência perdida. Ainda me lembro de um dia, há alguns anos, em que vi Rachel chorar lágrimas de verdade por causa de um buraco no vestido verde, enquanto lá fora crianças absolutamente nuas morriam com os buracos no estômago vazio, e me perguntei se o coração de Rachel era do tamanho de um dedal. Acho que é assim que ele me vê hoje. Qualquer outro dia talvez eu até reze, como as minhas amigas beneditinas, para largar o egoísmo na busca da glória maior. Mas 17 de janeiro, no meu coração egoísta, pertence só a Ruth May. Por uma fresta entre duas tábuas, eu o vi pegar os livros e sair sério, os ombros largos de Anatole descendo a rua para a escola. Anatole, a resposta da minha primeira oração à Criação. Fomos poupados, os dois, pelas paredes de pedra de nossas prisões, nossos espíritos foram modificados de formas que ainda lutamos para entender. Esqueci todas as palavras das minhas orações da infância, e assim a minha cabeça ressoa com o Grande Silêncio. E Anatole encontrou palavras novas para dar forma à crença.

Sua situação é tão bizarra quanto a minha, e tivemos muita sorte — nisto nós dois concordamos. A maior parte dos dissidentes foi executada, ou encarcerada em condições que fazem desejar a execução. Mas Mobutu ainda não se tinha organizado em 61, e ainda era dado a omissões. Anatole passava os dias jogando damas com dois guardas simpáticos, que o deixavam ler e escrever o que quisesse, desde que não fugisse. Gostavam de Anatole e pediam desculpas por ter de sustentar a família com a miséria de moedas ou de arroz que recebiam

quando os emissários de Mobutu vinham para contar os presos a cada manhã. Depois disso, debaixo da mangueira, ele podia dar aulas a qualquer guarda ou preso que quisesse se aprimorar. Os guardas ajudavam a conseguir livros para Anatole e se davam o trabalho de enviar cartas dele para vários países. Sob o nariz de Mobutu, ele descobriu os escritos do grande nacionalista africano, Kwame Nkrumah, e a poesia de um jovem médico de Angola, Agostinho Neto, com quem ele começou a se corresponder. Neto tem mais ou menos a mesma idade que Anatole, e também foi educado por missionários. Já tinha ido ao exterior para estudar medicina e voltou para abrir uma clínica na própria terra, onde seu povo pudesse receber atendimento médico decente, mas não deu certo. Uma gangue de policiais brancos o arrancou da clínica, espancou-o quase até a morte e o mandou para a prisão. As multidões que apareceram para exigir a sua liberdade foram ceifadas por fogo de metralhadora. E isso não foi tudo, o exército português saiu queimando aldeias para abafar a popularidade de Neto. Mesmo assim, desde o momento em que saiu da prisão, ele começou a atrair multidões para um partido de oposição em Angola. O exemplo dele é um incentivo para Anatole, que fala muito de Neto, e espera de alguma forma encontrá-lo em algum lugar. Não consigo ver como, pois hoje até escrever cartas é muito perigoso para os dois.

É claro que a correspondência mais assídua de Anatole era enviada para uma freira em Bangassou, o que era motivo de muito riso para os outros presos. Brincavam: *sa planche de salut!* — sua tábua de salvação —, expressão que significa a última esperança. Anatole de vez em quando ainda me chama de *planche de salut*. Mas quando nos reencontramos no outono passado, eu estava em dúvida quanto a Deus, e com muita raiva de todo mundo para oferecer qualquer tipo de salvação. Mas, com certeza, eu tinha reunido a experiência de pobreza-castidade-obediência necessária para me tornar a mulher de Anatole. Um jipe de evacuação médica me levou, disfarçada como cadáver, até Bikoki, uma antiga plantação de borracha perto de Coquilhatville. Meu amor, libertado sem qualquer acusação depois de três anos de prisão, estava esperando para levantar os mortos.

Escolhemos Bikoki na esperança de encontrar gente conhecida de Anatole, antigos amigos e chefes no comércio de borracha, mas a maioria está morta ou saiu do país. Mas Tia Elisabet, a irmã mais nova da mãe dele, foi uma surpresa. Ela veio procurá-lo aqui há dez anos. Anatole já tinha ido embora havia muito tempo, mas Elisabet conseguiu trabalho na missão, teve uma filha e nunca mais foi embora. Foi uma mudança muito grande para Anatole, ter parentes e uma esposa depois de toda uma vida como órfão.

A missão é agora uma cidade fantasma, e a plantação está quase deserta. Os

simbas limpavam o lugar de europeus sem jamais terem posto os pés aqui. A plantação está em minas. (Imagino a destruição dela pelos fantasmas de todas aquelas mãos decepadas dos empregados.) O único edifício ainda de pé abriga a mesma biblioteca onde Anatole, como empregado da casa, aprendeu sozinho a ler e escrever em inglês. A meu pedido, o chefe da aldeia nos casou naquela sala, numa cerimônia nem cristã nem bantu. Pedi a bênção de Deus e levei flores vermelhas de buganvília para lembrar minha mãe. Tia Elisabet colocou nos nossos ombros o paramento tradicional do casamento, chamado *nzole*, um *pagne* duplo que simboliza a união do casamento. É também uma colcha de casal.

Desde os bons tempos como mansão de plantadores, partes da casa tinham sido usadas como depósito militar, hospital de obstetrícia e como estábulo de cabras. O plano agora era usá-la como escola. O chefe de departamento em Coquilhatville admira Anatole, não fez caso da sua prisão e o contratou como diretor da *école sécondaire* regional. Estamos também tentando manter ativo o programa de extensão agrícola, treinando os antigos empregados da plantação em agricultura de subsistência. E eu trabalho como voluntária no hospital, onde, uma vez por mês um médico guineense vem de Coquilhatville para vacinar e examinar os bebês. Apesar de tudo o que passamos, Anatole e eu ficamos juntos no último outono e gritamos em alto e bom som a palavra *Independence*. Gritamos com os olhos no céu, como se fosse um pássaro que pudéssemos chamar lá no alto.

Aconteceram muitas coisas para fazer murchar nossas esperanças. Mas tudo aconteceu tão depressa, como num truque de mágica: mãos se moveram atrás da cortina e um Rei Branco foi substituído por outro. Só o rosto que aparece é negro. Os assessores americanos de Mobutu até tentaram uma eleição, mas ficaram furiosos porque ganhou o homem errado — Antoine Gizenga, vice de Lumumba. Então eles levaram o exército até o parlamento e reorganizaram as coisas a favor de Mobutu.

— Se os americanos querem nos ensinar o que é democracia, esta lição foi notável — observou Anatole.

— De tirar o fôlego — concordei.

Ele diz que eu tenho personalidades múltiplas, que meu lingala é doce e maternal, mas meu inglês é sarcástico. Eu lhe disse:

— Isto não é tudo, em francês eu sou uma caça-minas. Qual destas personalidades o deixa mais irritado?

Ele me beijou a testa.

— A que me deixa mais feliz é a minha Béene.

A verdade absoluta. É isso o que eu sou? Quando os vizinhos ou alunos me perguntam a minha nacionalidade, eu respondo que venho de um país que já não

existe. E eles acreditam.

Durante os últimos meses, os nossos cheques de pagamento se reduziram de quase nada para nada. Dizemos aos nossos colaboradores que uma simples falta de fundos não pode destruir nossas esperanças. Sabemos que criticar Mobutu, mesmo em particular, é arriscar-se a ter a cabeça estourada como uma noz, o que tende a destruir completamente qualquer esperança. Vivemos do que descobrimos; e quando chegam notícias, primeiro nós damos um suspiro fundo. Meu antigo amigo Pascal e dois outros estudantes de Anatole foram assassinados pelo exército numa estrada ao sul daqui. Pascal tinha na mochila um quilo de cana de açúcar e uma pistola, defunta da II Guerra Mundial. Recebemos a notícia no Natal, quando Fyntan e Celine Fowles nos visitaram. Eles agora moram em Kikongo, o hospital missão no Rio Wamba, de que eles nos falaram. Fiquei muito feliz em vê-los, mas qualquer reunião traz notícias terríveis e, quando eles se foram, eu chorei até dormir. Eu quase havia me esquecido de Pascal, dos olhos largos e do sorriso insolente, e agora ele aparece nos meus sonhos, abrindo janelas mais rápido do que eu consigo fechar. Que pequena audácia teria atraído a atenção do oficial do exército na estrada? Talvez ele tenha ficado marcado com alguma palavra em inglês que eu estupidamente lhe ensinei, da mesma forma que condenei nosso papagaio?

É este o tipo de medo com que convivemos. Nossos vizinhos também estão aterrorizados pelos soldados de Mobutu e pelos simbas da oposição, cuja reputação apavora o norte do Congo tanto quanto o próprio leão. A raiva dos simbas contra todos os estrangeiros é compreensível, mas as ações deles não. Ouvimos falar de atrocidades pelo rádio de ondas curtas, depois ouvimos as mesmas coisas exageradas no noticiário de Mobutu, e é difícil saber o que é verdade. Penso principalmente em comida e ocupo minha mente a observar as crianças. Não tenho realmente medo dos simbas, apesar de ser branca. Anatole é muito respeitado; minha aliança com ele há de me salvar, ou não. Os caminhos da justiça são misteriosos.

Papai ainda continua com a sua atormentada igreja Jesus é Bängala. Esta foi outra notícia horrível que Fowles nos trouxe: Papai caminhou ou tomou carona até chegar à missão de Kikongo, agitado, gritando que tinha as entranhas em fogo, com veneno. Disse que tinha engolido uma cobra viva. O médico da missão lhe deu quinino e vermífugos, que expulsaram os vermes, mas nenhuma mamba verde. Pobre Papai. Ele agora saiu de Kilanga, sumiu na floresta ou se derreteu na chuva. Às vezes à noite, eu penso que ele talvez tenha morrido e nós ainda não ficamos sabendo. É uma coisa difícil de suportar no escuro, e eu fico acordada fazendo planos de ir procurá-lo. Mas durante o dia, uma parede de ódio me leva na direção oposta, gritando que eu tenho de esquecer meu pai. Não

poderia sair sozinha, e nem mesmo com ajuda o risco vale a pena. Compreendi que hoje ele é um perigo para mim.

Um perigo para muita gente ele sempre foi, acho. Fyntan e Celine devem ter ficado alarmados com o nosso posto perdido em Kilanga, onde dormíamos na casa que fora deles, brigávamos com os amigos deles, e até deixamos o papagaio deles ser tragado pela natureza. E aquele médico em Kikongo deve ter achado que meu pai era um espetáculo dantesco: um pregador desgrenhado, com uma cobra na barriga. Aquele médico continuou aqui com a família, apesar do perigo — Fyntan acha que eles são de algum lugar no sul, Georgia ou Kentucky. Gostaria de visitá-los e falar meu próprio idioma, o inglês que eu falava antes de ele criar espinhos na minha língua.

Só nestes momentos tenho saudades de casa, quando os Estados Unidos aparecem à minha porta disfarçados de missionários. Há outros que não voltaram, como eu. Mas têm tanta certeza de estar no lugar certo, tão enraizados pela fé — Fyntan Fowles é um exemplo, além dos estrangeiros, que a toda hora aparecem para perguntar se posso ajudar a transmitir uma mensagem ou guardar uma caixa de remédios até que se ache um barco para levá-la rio acima. Alegre, eu improviso uma refeição e estendo uma cama no chão, só para ouvir a bondade nas suas histórias. São tão diferentes de Papai! Carrego o vazio de uma vida sem Deus, mas é um conforto conhecer esses homens de fala macia, que organizam hospitais debaixo de tetos de palmeira, ou que se curvam junto das mamas para plantar soja, ou ainda que ajudam a instalar um gerador numa escola. Eles correm o risco de Mobutu e de todos os parasitas nos locais onde as crianças foram abandonadas para morrer quando os Underdowns e a sua laia fugiram do país. Como nos disse o irmão Fowles, há muito tempo: há cristãos e há cristãos.

Mas visitantes de qualquer tipo são raros, e os dias são exatamente iguais aos anteriores. Acho que é engraçado falar de tédio. Se na minha infância eu tivesse tentado imaginar como seria a minha vida na floresta, teria ficado excitada com a aventura. Mas, ao contrário, sou marcada pelo tédio de uma vida dura. Nós desabamos na cama à noite. Passo os dias andando pelas plantações de soja, de lá para a cozinha, o mercado, a clínica e a minha aula de nutrição na escola agrícola, perguntando-me se passei mais informações do que recebi. Esta é, com certeza, a tendência da nossa contagem de calorias. Temos mandioca e batata-doce para nos encher a barriga, mas as proteínas são mais raras que diamantes. Por todo lado, eu pechincho por um ovo, feijão, por um frango precioso, um peixe fresco do rio, ou viajo até o mercado de Coquilhatville para olhar tesouros como presunto enlatado, que custa o resgate de um rei. Às vezes eu até consigo pagar! Mas Anatole perdeu peso durante este inverno e eu perdi ainda mais, oito quilos, tão rápido que estou preocupada. Provavelmente, estou

novamente com solitária. Tenho quase certeza de que estava grávida no Natal, mas agora tenho certeza de que não estou, portanto, esta deve ter sido mais uma perda, mas é mais fácil não mencionar para Anatole. E ainda mais fácil desconsiderar, se for possível.

Pouco a pouco estou perdendo minha família. Onde quer que esteja, Papai está perdido. Só conseguiria desprezar Rachel ainda mais, se soubesse para onde dirigir minha raiva, presumivelmente África do Sul, onde deve ter achado ouro com aquela brancura e com seu marido mercenário. Não consigo enviar uma carta para Mamãe, nem para Adah. O ministro dos Correios de Mobutu, um parente da mulher de Mobutu, deixou de pagar os salários dos empregados durante todo o ano passado para poder construir uma mansão em Thysville. Agora só com um suborno enorme, ou um contato pessoal, se consegue enviar correspondência para fora do país, e as cartas que entram, acredito que estejam se acumulando em Leopoldville, examinadas em busca de dinheiro ou valores.

Se as pessoas ficam chocadas por essas perdas inexplicadas — o correio, o salário, um amigo no caminho de casa — ninguém fala. Os pessoas aqui só conhecem o sofrimento. Eles veem os uniformes importados da polícia de Mobutu e aprendem a guardar para si os próprios pensamentos. Sabem quem está por trás de Mobutu, e que em alguns lugares tão distantes quanto o céu, onde se fazem as grandes leis, as vidas brancas e as negras têm valores diferentes. Quando 30 estrangeiros foram mortos em Stanleyville, cada um deles estava ligado a uma moeda forte, um padrão ouro, como o franco belga. Mas uma vida congoleza vale o mesmo que uma inútil nota congoleza, que se atira aos baldes na mão do comerciante sem conseguir comprar uma simples banana. De repente, me ocorre que estou vivendo entre pessoas que sempre souberam que toda a sua vida vale menos que uma banana para a maioria dos brancos. Vejo isso nos olhos deles, quando levantam o rosto para me olhar.

Janeiro é um mês duro e seco, e me sinto solitária, acho. Tenho saudade de outras pessoas de minha espécie. Às vezes penso em viajar até minha terra, visitar pelo menos Mamãe e Adah, mas a logística do dinheiro, da viagem e do passaporte é trabalhosa demais até para um sonho. Meu sonho chega até o portão de entrada e para lá, olha para trás, para Anatole que me diz, *vous ne pouvez pas*, Béene.

Hoje à noite ele vai chegar preocupado e exausto. Sem recursos, não há como manter a *école secondaire* aberta por mais um período letivo, e os pais têm medo de que a educação apenas aumente os riscos para os filhos. A verdade terrível é que eles têm razão. Mas ele não vai querer falar disso. Vai chegar de mansinho até a cozinha e passar o braço pelo meu peito, rindo e me fazendo gritar ao mesmo tempo. Vai esfregar os dedos no meu cabelo e exclamar: mulher, sua cara está mais comprida do que a do crocodilo.

E eu vou lhe dizer que é quase tão feia, e tem quase tantas escamas. Digo isto para que ele discuta comigo. Fico difícil em janeiro, eu sei. Preciso que ele insista que eu sou útil e boa, que ele não estava louco quando se casou comigo, que minha pele branca não é o padrão de insulto. Que eu não fui culpada de todos os erros que, neste 17 de janeiro, nos condenaram a padecer todos os nossos pecados e tristezas.

Uma vez ele me lembrou que a primeira mamba verde era para ele. Ele provocou a irritação de Tata Kuvudundu quando propôs a discussão sobre nós e os brancos em geral. Ele se culpa pelo erro de julgamento da política da aldeia. Aquela cobra está na barriga de todos nós, mas Anatole não pode me livrar da minha. Se ainda não posso chorar pelo milhão de mortos de um único dia, vou começar com uma e continuar daí. Pouco restou das minhas crenças de infância, mas ainda sei o que é justiça. Enquanto continuar carregando Ruth May nas minhas costas, ouvindo sua voz no meu ouvido, ela há de continuar comigo.

Adah Price

EMORY HOSPITAL, ATLANTA

NATAL, 1968

Estou deixando de ser torta.

Na escola de medicina, fiz amizade com um neurologista deslumbrado. Ele acredita que venho representando, a minha vida toda, uma grande mentira. A Fantasia de Adah. Na opinião dele, uma lesão do cérebro, ocorrida tão cedo como a minha, não deveria gerar efeitos duradouros na mobilidade física. Insiste que deve ter havido compensação completa na parte sã do meu córtex cerebral, e que meus passos de aleijada são apenas a continuação de um hábito aprendido na infância. É óbvio que eu não acreditei. Não estava preparada para aceitar que todo o meu sentido de *Adah* se baseava num mal-entendido entre meu corpo e meu cérebro.

Mas o neurologista era persuasivo, assustadoramente belo e controlava uma fabulosa verba de pesquisa. Principalmente para demonstrar que ele estava errado, ofereci meu corpo para um programa experimental, criação dele. Ele me proibiu completamente de andar durante seis meses, para limpar das minhas ligações nervosas o que ele chamava de maus hábitos. Eu não andava, rastejava. Com a ajuda de amigos, reorganizei meu pequeno apartamento, para acomodar um bebê crescido, e todo dia me arrastava do colchão até a máquina de café e a trempe no chão da cozinha. Eu só usava a parte inferior da geladeira. Para preservar minha dignidade, ia trabalhar de cadeira de rodas. Eu estava iniciando um estágio na ala pediátrica — uma sorte, pois as crianças não têm o hábito de jogar nos aleijados a responsabilidade por suas doenças, como fazem os adultos. Os adultos ouvem com meio ouvido, enquanto o conselho bíblico “Médico, cura-te a ti mesmo” ressoa na outra metade. Mas descobri que as crianças adoravam uma médica de rodas.

Em casa, enquanto eu decorava os defeitos do tapete, meu corpo aprendia a coordenação cruzada. Um dia senti um estalo, como se um elástico tivesse puxado minha perna direita sob meu corpo no instante em que o braço esquerdo me puxava para a frente. Uma semana depois, descobri que já sabia me

equilibrar nas mãos e nas pontas dos pés, levantar o traseiro e cair na posição sentada. Não havia ninguém para ver, graças a Deus, mas eu bati palmas, feliz com minha vitória. Uma semana depois, meus braços já estavam bastante fortes para que eu me levantasse apoiada na mobília, e em seguida consegui ficar em pé sem precisar de apoio. Agora já estou tentando engatinhar em linha reta. Cumpri cada uma destas etapas na sequência certa. Não estou aprendendo pela segunda vez, esta é a primeira, pois Mamãe comentou que nunca fiz essas coisas quando era bebê. Ela insiste que durante três anos eu fiquei deitada de costas, chorando para Leah ficar junto de mim para brincar comigo, e que um dia, sem qualquer prelúdio, eu me levantei do sofá e comecei a mancar atrás dela. Mamãe diz que eu nunca pratiquei, mas ficava observando Leah cometer os erros por nós duas, até conseguir fazer sozinha com precisão razoável. Mamãe é boa para mim, talvez por eu ter passado mais tempo com ela do que as outras filhas. Mas eu não concordo. Fiz muitos erros sozinha. Só que eu errava por dentro.

Foi preciso muito tempo para que eu viesse a acreditar que estava curada. Não do aleijão; continuo um pouco aleijada e muito lenta. Não, quero dizer, salva do abandono merecido. Na verdade, demorou até esta noite.

Leah está em Atlanta, e isto é parte do problema, se não for todo ele. Leah, Anatole e o filho, Pascal, com mais um filho em andamento. Leah estuda Agronomia, e todos fazem um esforço notável para se enraizarem no solo americano. É claro que isto não vai durar. Quando vou com eles às compras, observo o seu assombro, medo e até, parece-me, algum desprezo. É claro. Eu me lembro do início: galpões ofuscantes zumbindo de luz, onde prateleiras inteiras mostram apenas produtos para o cabelo, pastas para clarear os dentes e talco para os pés. É como se, de repente, alguém tivesse mandado Rachel organizar tudo.

— O que é aquilo, Tia Adah? E aquilo? — Pascal pergunta com os olhos arregalados, apontando as prateleiras: um frasco cor-de-rosa de creme para remover pelos, uma lata de perfume para o tapete, pilhas de latas com tampa, do mesmo tamanho das que jogamos fora todo dia.

— São coisas que não fazem falta.

— Mas, Tia Adah, como pode haver tantas coisas que não fazem falta?

Não consigo inventar uma resposta aceitável. Por que nós podemos escolher entre marcas diferentes de dentifrício, enquanto outros têm de escolher entre terra e pó de osso para acalmar a fome que lhes queima o estômago? Não existe nada nos Estados Unidos que eu consiga explicar a uma criança de outro mundo. Deixamos isto a cargo de Anatole, pois ele entende tudo num instante. Ri das mulheres quase nuas que adornam as placas na rua, e faz amizade com os mendigos que moram nas esquinas de Atlanta, querendo saber em detalhes onde eles dormem e como caçam a própria comida. As respostas são interessantes. É

provável que você nem faça ideia do número de pombos que se aninham no prédio da Biblioteca Pública de Atlanta e que acabaram assados em fogueiras no Parque Grant.

Descobri em Anatole um espírito irmão. Acho que somos marcados, os dois. À primeira vista, dois anormais que aprenderam a aceitar o mundo como ele é. Ele foi marcado desde cedo pela condição de órfão, de deslocado, pela inteligência cética e minuciosa, pela solidão. Observei que ele também gosta de ler de trás para diante: por exemplo, o que os cartazes realmente estão vendendo. E também de saber de onde vem a pobreza, e para onde ela vai. Não vou cobiçar o marido de minha irmã, mas quero conhecê-lo melhor, à minha maneira. Anatole e eu habitamos a mesma atmosfera de solidão. A diferença entre nós é que ele seria capaz de dar a perna e o braço direitos por Leah, e eu já o fiz.

Se deixar de mancar, vou deixar de ser eu mesma?

Como vou sobreviver à morte de Ruth May e de todas aquelas crianças? Será que a salvação vai ser a minha morte?

Aqui no hospital não tenho muito tempo para perguntas como essas. Mas tenho acesso a uma infinidade de drogas narcóticas. O sono é uma possibilidade absoluta. Durante o sono, Deus não consegue nos ver, como dizia Ruth May. *Olhos no sono, Olhos fechados. Viver!*

Morrer.

Eles passam muito tempo com Mamãe. No ano passado Mamãe abandonou sua ermida florida em Bethlehem e se mudou para um apartamento em Atlanta, onde descobriu um novo tipo de igreja. Ela agora marcha pelos direitos civis. Recebe um salário para trabalhar num escritório, mas sei que ela vive para as marchas. É muito competente neste tipo de coisa e imune ao perigo. Uma noite, ela veio ao meu apartamento, depois de atravessar mais de um quilômetro respirando gás lacrimogêneo, para eu examinar se houve danos à córnea. Os olhos nem estavam vermelhos. Acho que as balas passariam através dela.

Acho que preciso de uma religião. Embora tenha uma, Mamãe ainda sofre. Acho que, quando ninguém está por perto, ela ainda fala mais ou menos constantemente com Ruth May, pedindo perdão.

Leah tem: sua religião é o sofrimento.

Rachel não tem, e é evidente que ela é a mais feliz de nós todas. Apesar de, à sua maneira, ela ser sua própria deusa.

Não tenho visto Leah e Anatole tanto quanto gostaria. Como estudante de medicina, meu horário é desumano, todo mundo entende. Além disso, fico num setor da universidade muito afastado das residências de estudantes casados. Lá eles fazem bebês, e aqui nós apenas os salvamos.

Este mês foi difícil: estágio na UTI neonatal. Perdemos dois bebês na

semana passada. E hoje, dia de Natal, enquanto o relógio dava duas voltas, fiquei cuidando de três criaturinhas cujos pulmões lutavam, pulsando como a asa da borboleta prematura. Trigêmeos. Pensei na opinião de Nelson sobre o que se devia fazer com os gêmeos, e nas consequências severas de ignorar esta tradição. Mas o que tínhamos aqui é ainda pior: uma calamidade tripla, caída sobre a casa desses pobres pais. Falei com o pai, um rapaz de 16 anos, que me passou a nítida impressão de que ele talvez fosse embora, pois usou o condicional para falar dos cuidados necessários para os filhos imperfeitos. Uma praga para uma mãe sozinha. Enquanto as máquinas murmuravam suavemente no nosso hospital e as solas brancas de sapatos chiavam para cima e para baixo nos corredores, uma tragédia se armava sobre esta mãe-criança. Este é o presente de Natal dela, que vai marcá-la para sempre. Nunca mais a vida será livre dos trabalhos e desapontamentos que seus três ratinhos vão lhe trazer. Ela poderia cortar-lhes a cauda com uma faca de cozinha, esta esposa sem marido, cujos colegas de escola ainda passeiam pela mocidade.

Quem pode afirmar que ela não deveria correr para a floresta, o cabelo e os cordões umbilicais ao vento, e depositar cada um dos três na base de um pinheiro? Quem pode afirmar que minhas gotas e incubadoras são uma solução mais sábia?

Quem poderia condenar Mamãe se ela tivesse decidido me abandonar dessa forma?

Depois da meia-noite, eu adormeci na cama da sala dos internos, mas os sonhos vieram me assombrar. Crianças de todas as cores, lesadas, intubadas dançavam e cantavam na minha cabeça e braços e mãos. *Viver ou morrer, viver ou morrer? Pode, Mamãe?*

A África tirou o chão da casa de justiça que me abrigava, o código moral de Adah. Como eu vivia tranquila, como era contente, movendo-me por um mundo que gostaria de me lançar na cova dos Crawleys que puxam as orelhas. Adah contenda contida, Adah autorizada a desprezar a todos e a cada um. Ela agora pode concordar com quem acha que eu deveria ter sido abandonada na floresta ao nascer: é, eles têm razão. O que eu trouxe do Congo nas costas deformadas foi uma incerteza feroz quanto ao valor da vida. E agora estou me tornando uma médica. Como sou sensata!

Lutei, meio acordada e meio adormecida, e então, de repente, completamente acordada no meio daquele furtivo sono febril. Eu tremia e tinha medo. Deitada de lado, os olhos abertos. Senti minhas mãos frias. Eu estava *com medo*. Eis a coisa nova que não suporto sentir. *Esta é a minha carta para o mundo que nunca me escreveu — A notícia simples que a Natureza revelou — Com terna majestade. Sua mensagem entregue em mãos que não posso ver —*

Em nome dela, caros compatriotas, julguem-me com bondade!

Contra minha vontade, amei um pouco o mundo, e agora posso perdê-lo.

Sentei-me na cama, passei a mão pelo cabelo úmido e embaraçado, senti em meus braços marcas com forma de pegadas. O ponteiro de segundos do relógio na parede avançava, absurdo e constante: *sluff, sluff, sluff...*

Medo de quê, exatamente?

Suicídio idílio fratricídio. Medo. É isto. Mamãe vai escolher Leah.

A Leah perfeita, com um filho e um marido adoráveis. Dentro de algumas horas vai amanhecer, e eles vão dançar em volta da árvore com os presentes da Mamãe, e vão ficar, vão ficar. E a tentação dos netos vai ser grande demais, impossível resistir, e Mamãe será deles. E então eu vou ter de ir dormir. *Sono oh sono claro nó de paz.*

Durante muitos segundos de tédio, eu me sentei na beirada da cama, engolindo lágrimas e indecisão. Então me levantei, enxuguei o rosto na manga do casaco do hospital, saí da sala dos médicos e disquei o número que sabia de cor. Chamei-a. Exatamente no meio da noite. Na noite de Natal e por toda a casa, sou Adah que não espera presente. Adah que não se interessa pelo que os outros digam. Mesmo assim, acordei minha mãe e finalmente lhe perguntei por que ela tinha me escolhido naquele dia no Rio Kwenge.

Mamãe hesitou, percebeu que havia muitas respostas erradas. Eu não queria ouvir que as outras poderiam tomar conta de si próprias, nem que ela sentiu que não tinha escolha.

Finalmente ela disse:

— Depois de Ruth May, você era a mais nova, Adah. Quando surge o perigo, uma mãe cuida primeiro dos filhos mais novos.

Esta é a história que minha mãe inventou para eu dormir. Não se tratava do meu valor. Não existe *valor*. Era uma questão de posição, e uma necessidade de mãe. Depois de Ruth May, é de mim que ela mais precisa.

Isto é extremamente confortador. E decidi viver com isto.

Leah Price Ngemba

KINSHASA

1974

Agora não se vai mais a Leopoldville, nem a Stanleyville, Coquilhatville nem Elisabethville. Os nomes desses conquistadores e de suas esposas foram apagados do nosso mapa. Por isso, ninguém mais vai ao Congo; é o Zaire. Repetimos essas palavras como se estivéssemos tentando decorar uma identidade falsa: moro em Kinshasa, Zaire. Os lugares que sempre conhecemos agora parecem desconhecidos — cidades, aldeias e até rios. Apesar de nossas tentativas de tranquilizá-la, Elisabet está sinceramente preocupada com a possibilidade de ela e Anatole terem recebido nomes novos, pois os conhecidos são muito europeus e “colonialistas”. Para mim, não seria surpresa. Os decretos de Mobutu têm longo alcance. O casal de velhos que mora ao lado parece partilhar da preocupação dela: eles sempre se esquecem e dizem “Leopoldville” e então cobrem a boca com a mão, como se tivessem cometido uma traição.

À noite nós fazemos um teste, procurando os lugares mais obscuros no mapa, tentando fazer o outro errar: Charlesville? Banningville? Djokupunda! Bandundu! Os meninos acertam mais vezes do que eu, principalmente porque eles querem se mostrar. Anatole nunca erra, pois tem a mente muito rápida e, acho, porque os nomes nativos significam mais para ele. Para mim são nomes estranhos. Depois de mandar os meninos para a cama, eu me sento sob a luz trêmula do querosene, examinando cuidadosamente o novo mapa, sentindo como se Papai me tivesse encontrado aqui e me dado o Verso. Estamos treinando nossas línguas ao sabor da grande campanha de *authenticité* lançada por Mobutu.

Mas, o que há de autêntico nisto tudo, pergunto sempre a Anatole. A via principal de Kinshasa é o Boulevard 30 de Junho, comemorando o grande dia da Independência, cuidadosamente conquistada por milhares de pedrinhas lançadas em cabaças e transportadas rio acima. Isto não é autêntico. O que realmente aconteceu com aqueles votos é outro assunto, que não é lembrado em nenhum lugar público que eu conheça. Não existe o Boulevard 17 de Janeiro, morte de

Lumumba.

Ele mostra o caminho de terra que passa entre a nossa casa e a do vizinho, por onde temos de passar na ponta dos pés e com as saias arregaçadas, para atravessar uma vala onde o esgoto corre em tambores de óleo, e chegar à rua.

— Este boulevard não tem nome, Béene. Ponha uma placa aqui.

Sabidão. Ele não perde por esperar.

Temos uma casa sólida, com piso de concreto e teto de zinco. Vivemos no que, nos Estados Unidos, seria uma favela, apesar de ser uma ilha de relativo luxo nos arredores *de la cité*, onde a maioria vive sob tetos ainda piores, para dizer o mínimo. Somos seis sob o nosso teto: Anatole e eu, nossos filhos Pascal, Patrice e o caçula Martin-Lothaire, Tia Elisabet e, às vezes, a filha dela, Christiane. Quando voltamos de Atlanta, trouxemos Elisabet de Bikoki, onde as coisas estavam desesperadoras. Não posso dizer que elas estejam menos desesperadoras aqui, mas ela é uma boa companheira. Achei que eu era despachada, mas Elisabet me deu um curso superior sobre como fazer sopa de pedra. Ela me chama de *Mondele*, sou sua filha branca. Ela é pouco mais velha do que Anatole e se parece muito com ele, sem os ombros largos e a cintura fina. (Ela é mais ou menos o contrário.) Com a mesma doce paciência dele, ela trabalha sem parar na nossa casa de um só cômodo, cantando em lingala, a mão esquerda sempre prendendo o *pagne* por recato e a direita fazendo mais coisas sozinha do que eu conseguiria fazer com três. Ela me contou todas as suas lembranças da irmã mais velha, a mãe de Anatole, e como uma criança, eu a faço repetir as histórias. Estou ávida por uma família, qualquer família. Se chego a receber notícias de Mamãe e de Adah duas vezes por ano, é por muita sorte. Não é culpa delas. Sei que elas enviaram um número incontável de pacotes que estão agora empilhados em algum lugar do grande edifício dos Correios no centro. Acho que o ministro dos Correios pretende construir uma segunda ou terceira casa com as encomendas não entregues.

Por milagre, recebemos um pacote na Páscoa. Os meninos gritaram e correram pela via *17 Janvier* brandindo suas barras de chocolate *Mars*. (Ouvi Pascal dizer aos amigos que elas eram feitas em Marte.) Tive a tentação de fazer o mesmo com a minha parte: cinco livros em inglês! Havia roupas, aspirina, antibióticos, loção para as mãos, fraldas grossas de algodão, pilhas para o rádio e longas cartas. Enterrei o rosto nas roupas, buscando o perfume de Mamãe, mas é claro que elas tinham vindo de alguma criança americana sem parentesco conosco. Mamãe é voluntária da assistência à África. Pode-se dizer que somos o seu projeto especial.

Em cada um dos pacotes, Adah sempre mandava alguma coisa estranha, uma espécie de mensagem secreta. Desta vez era um número antigo do *Saturday*

Evening Post que ela havia encontrado no fundo de uma gaveta da Mamãe. Folheei, pensando. Será que Adah queria que eu lesse a respeito do início da carreira de Jimmy Stewart, ou que eu soubesse que quando a *Philco* chega, os problemas da TV vão embora? Então descobri, um artigo sob o título “A África vai ser comunista?” Adah ainda tem olhos de águia para ironias. O artigo tratava da obrigação dos Estados Unidos de proteger o Congo desgarrado; as duas fotografias fizeram meu coração quase parar. A primeira era de um jovem Joseph Mobutu olhando para o nada, com os olhos suplicantes, sobre uma legenda que declarava que sua posição estava sob ameaça. Ao lado dele, um Patrice Lumumba sorridente e astucioso com a legenda: “Ele pode estar voltando!” A revista era de 18 de fevereiro de 1961. Lumumba já estava morto havia um mês, enterrado embaixo de algum galinheiro em Shaba. E Mobutu bem firme no trono. Imaginei as senhoras da Georgia tremendo diante da ameaça comunista, virando a página em cima daquele diabo negro de queixo pontudo, Lumumba. Mas eu própria não sabia muito mais, e estava em Bulungu, exatamente a aldeia onde Lumumba tinha sido preso. Minha irmã se casou com um homem que pode ter participado do transporte do líder até a execução em Shaba, apesar de Rachel nunca poder saber com certeza. Nesta história há ignorantes, mas não há inocentes.

Adah escreveu no pé da página: Você se lembra do diabo Um e do W. I. Rogue? Nossos segredos secretos? Ela disse que se fala de uma investigação, que o Congresso pode decidir investigar erros do passado no Congo, ou “a existência de ligações entre a CIA, a morte de Lumumba e o golpe militar que colocou Mobutu no poder”. Eles só podem estar brincando. Adah diz que ninguém acredita; aqui, ninguém tem dúvidas. É como se a História fosse um espelho orientado para mostrar o que já sabemos. Agora todo mundo quer consertar a História: vai haver as audiências, enquanto Mobutu faz a sua demonstração de mudança de todos os nomes europeus das cidades para nomes nativos, para nos livrar do som da dominação estrangeira. E o que vai mudar? Ele vai continuar tentando desesperadamente fazer negócios com os americanos, que ainda controlam todo o nosso cobalto e as minas de diamante. Em compensação, toda a ajuda estrangeira passa diretamente às mãos do próprio Mobutu. Lemos em algum lugar que ele está construindo um verdadeiro castelo perto de Bruxelas, completo com torres e fosso, para se dar uma folga de suas *villas* em Paris, na Espanha e na Itália. Quando abro a porta e olho para fora, vejo milhares de casinhas de papelão e tábuas flutuando sobre um oceano infundo de poeira. Mal temos um hospital razoável dentro das fronteiras do país, ou uma estrada transitável fora de Kinshasa. Como é possível, um castelo com torres e fosso? Por que o mundo não abre a goela como uma baleia e engole todo

este descaramento num só trago? Esta a pergunta que eu faria a Papai hoje em dia: “Quem deu a ele o mundo inteiro como encargo? Se és inteligente ouve isto: pode governar aquele que odeia o direito?” Jó 34:13, muito obrigada.

As últimas notícias de Mobutu dão conta de que ele vai trazer dois grandes boxeadores americanos, Muhammad Ali e George Foreman, para uma luta no estádio de Kinshasa. É o que o rádio anunciou esta tarde. Não ouvi muito bem porque, naquele instante, outro drama mais importante se desenrolava na nossa cozinha. Eu tinha acabado de pôr Martin na cama e estava fervendo fraldas, enquanto Elisabet picava cebolas e o *pili-pili* ardia numa tigela. Tudo isto é frito com batata amassada para fazer um molho vermelho ralo que acompanha a mandioca. Este é o principal truque da cozinha congoleza: picar duas folhas para dar cor e gosto a mais uma bola de mandioca translúcida e sem nenhum valor nutritivo. A panela de preparar *fufu* já estava pronta para ser levada ao fogão, quando eu terminasse a fervura das fraldas, e depois dela seria a vez do caldeirão de roupa, com as camisas dos meninos, os nossos três lençóis e duas toalhas. Temos aqui em Kinshasa uma cozinha da cidade, com o fogão dentro de casa, nada mais que um fogareiro a gás, muito lento para quem se acostumou a cozinhar com as chamas vivas e barulhentas do fogão à lenha. Muita gente da *cité* cozinha a lenha, que eles têm de roubar das casas dos vizinhos à noite, como cupins.

Hoje deveria ser o dia do pagamento de Anatole, e na escola têm circulado rumores de um *supplémentaire*, ou seja o fato de o governo recomeçar a pagar os salários que tem roubado do pessoal das escolas públicas há mais de um ano. Este “suplemento” deveria ser um sinal de boa vontade do governo, para evitar uma greve nacional de estudantes universitários, mas mesmo assim alguns estudantes aderiram, e os sinais de boa vontade de Mobutu até agora têm se resumido a cassetetes. Vivo preocupada com Anatole. Apesar de reconhecer que o autodomínio dele é extraordinário.

Elisabet e eu já sabíamos que não haveria suplemento, mas era divertido pensar em gastar todo aquele dinheiro no mercado.

Eu propus:

— Um quilo de enguias frescas e uma dúzia de ovos.

Elisabet riu. Minha ânsia de proteínas se transforma numa ideia fixa que ela chama de minha fome-mondele.

— Melhor comprar dez quilos de arroz e duas barras de sabão — sugeriu ela.

São coisas de que temos uma carência absoluta, mas eu estava desesperada com a perspectiva de uma situação imaginária que só nos trouxesse mais amido para casa.

— Nada que seja branco — declarei.

Ela respondeu ardente.

— Pois que seja sabão marrom. Ah! E um pouco daquele *papier hygiénique* cor-de-rosa!

Rimos as duas daquele sonho. O nosso último rolo de papel higiênico, de qualquer cor, tinha vindo de Atlanta.

— Pelo menos um pouco de feijão, Elisabet. Verde e fresco. *Mangwansi*, como os que comíamos na aldeia.

A melhor amiga de Pascal, uma menina alegre chamada Elévée, tinha entrado e se sentara à mesa na frente de Elisabet, mas estava muito calada, o que não era normal.

Elisabet a cutucou com o cabo da faca.

— O que você acha? Diga a Madame Ngemba que ela precisa de um *pagne* novo, que ainda tenha alguma cor. Diga que ela é a desgraça dos filhos quando vai ao mercado com aqueles trapos.

Elévée segurou a manga do uniforme escolar, claramente sem vontade de discutir moda. A pele muito preta parecia coberta de cinzas, e ela estava com os ombros caídos, parecendo meus filhos quando tinham uma infestação de vermes. Levei as fraldas para fora, lavei as mãos cuidadosamente com uma barra fina de sabão e interrompi a procissão de panelas e caldeirões para preparar um chá para Elévée.

De repente ela declarou, com o rosto sem expressão, que ia sair da escola.

— Mas você não pode, Elévée!

Ela é uma garota inteligente, embora isso não seja garantia de coisa alguma.

Elisabet só perguntou:

— Por quê?

— Eu tenho que trabalhar com Mamãe de noite — respondeu, o que significava que ela iria trabalhar como prostituta.

Perguntei com raiva.

— Quantos anos você tem? Onze? Dez? Elévée, você ainda é uma *criança*! Existem leis para protegê-la deste tipo de trabalho. É tão horrível, você nem faz ideia. É de dar medo, machuca, e você ainda vai ficar muito doente.

Elisabet olhou triste para mim.

— Mondele, não assuste a menina. Elas precisam de dinheiro.

É claro que é verdade. E também é claro que não há leis que protejam as crianças da prostituição. Acho que a filha de Elisabet, Christiane, tem 17 anos, e suspeito que ela tem trabalhado à noite na cidade, embora isso não possa ser comentado. Quando chegamos ao fundo do poço, às vezes Elisabet descobre algum dinheiro na bolsa dela. Olhei para Elévée, a amiga de meu filho, com os

joelhos esfolados, as tranças saindo da cabeça como dois cabos: uma prostituta. Ocorreu-me que a idade dela ia aumentar seu valor, pelo menos por algum tempo. Tive vontade de gritar. Empurrei a panela de mandioca para cima do fogão, e derramei água por todo lado.

Sobrevivo aqui à custa de ultraje, é claro. Cresci com os dentes agarrados na fé no grande homem branco no poder — Deus, o Presidente, não importa quem seja, ele seria o guardião da justiça! Mas aqui ninguém teve este tipo de ilusão. Às vezes eu me sinto como a única pessoa num raio de quilômetros que ainda não desistiu. Nisso sou diferente de Anatole, que expressa o ultraje de formas mais produtivas.

Depois do anúncio de Elévée, ficamos sentadas sem falar. O rádio nos informou que os dois boxeadores receberiam cinco milhões de dólares cada um, pagos pelo nosso tesouro, para vir lutar aqui. E quantia igual terá que ser gasta na preparação da segurança e de um ar festivo para o evento. “O mundo inteiro vai respeitar o nome do Zaire”, declarou Mobutu num discurso breve ao final do anúncio.

— Respeitar o Zaire...

Eu quase cuspi no chão, o que teria horrorizado Elisabet ainda mais do que o mau uso de vinte milhões de dólares.

— Você sabe o que existe debaixo daquele estádio? — perguntei.

— Não — respondeu Elisabet, apesar de eu quase ter certeza de que ela sabe.

São centenas de prisioneiros políticos acorrentados. É um dos mais famigerados calabouços de Mobutu, e nós todos tememos que Anatole acabe lá, qualquer dia desses. Qualquer informante bem pago poderia acusá-lo pelo que ele ensina, pelas sua crença numa verdadeira independência, pela sua lealdade ao clandestino Parti Lumumbiste Unifié.

Elévée sugeriu.

— Talvez os prisioneiros façam muito barulho durante a luta.

— O que não ajudaria a melhorar a respeitabilidade do Zaire — disse eu.

Elisabet deu de ombros.

— *Likambo te*. Pascal e Patrice vão ficar muito excitados. *Mondele*, pense bem, *Muhammad Ali*. Ele é um herói! Os meninos vão vibrar nas ruas.

— Sem dúvida. Gente de todo o mundo virá assistir este grande acontecimento esportivo, dois negros se esmurrando feito loucos para receber cinco milhões de dólares cada um. E todo mundo vai embora sem saber que, fora do exército, nenhum funcionário público, em toda esta porcaria do Zaire, recebeu salários nos dois últimos anos.

Para uma mulher, insultar em lingala é abominável. Elisabet tolera muita

coisa de mim. Para mudar de assunto, ela comentou.

— Stanleyville.

— Kisangani — respondi sem entusiasmo.

Elévée preferiu sair correndo para brincar com Pascal, a se envolver neste exercício sem graça.

— Parc National Albert?

— Parc de la Maiko.

Nenhuma das duas sabia, nem queria saber se estava certo.

Estou descobrindo que as mudanças repentinas de assunto de Elisabet têm sempre uma boa razão — geralmente a segurança de alguém, principalmente a minha. Eu também a observo no mercado, consciente de que jamais aprendi tanto numa sala de aula. Os congoleses têm um sentido a mais. Podemos chamá-lo de um sentido social. É uma forma de avaliar as pessoas com um olhar, resumindo as possibilidades de intercâmbio, e é tão necessário quanto respirar. A sobrevivência é uma negociação contínua, pois temos de barganhar para obter qualquer serviço que o governo finge oferecer, mas nunca oferece. Como descrever a complexidade da vida aqui, num país cuja liderança define o padrão da corrupção absoluta? Ninguém pode ter uma caixa postal em Kinshasa; no dia seguinte, o funcionário do correio oferece-a a alguém disposto a pagar mais, que joga a correspondência do assinante anterior no esgoto assim que sai do prédio. O funcionário do correio pode argumentar, e com razão, que esta é a única forma de ele sustentar a família — o envelope de pagamento sempre chega vazio, com uma declaração oficial que explica as medidas econômicas de emergência. O mesmo argumento é usado pelas telefonistas, que só completam uma ligação para o exterior se você especificar o lugar em Kinshasa onde vai deixar *l'enveloppe* com a propina. O mesmo vale para o homem responsável por vistos e passaportes. Para um estrangeiro parece o caos. Não é. É uma negociação, infinita e infinitamente ordenada.

Sendo uma mulher branca em Kinshasa, as possibilidades aparecem, mas mesmo uma mulher negra com sapatos e bolsa de couro, iguais aos meus, pode ser abordada na rua. Não consigo me acostumar. Na semana passada, um jovem se aproximou e me pediu, sem rodeios, três mil zaires, e mais uma vez, meu queixo caiu.

Quando voltamos ao exame dos abacaxis, Elisabet me explicou pacientemente.

— *Mondele*, ele não estava pedindo três mil zaires, ele estava abrindo uma negociação. Ele tem alguma coisa a oferecer, talvez uma informação privilegiada sobre o mercado negro ou o nome de uma telefonista que dispõe de acesso não autorizado (e portanto barato) às ligações interurbanas.

Ela já me explicou isso uma dúzia de vezes, mas só vou começando a entender o que é isto tudo, esta vida, à medida que vou passando, eu própria, por essas situações. Qualquer um que precise de *qualquer coisa* em Kinshasa — seja um transplante de rins ou um selo postal — tem de negociar com astúcia. Os congolese já se acostumaram com isto e desenvolveram um milhão de atalhos. Eles avaliam as perspectivas examinando as roupas e a aparência e, quando eles começam a falar, o processo de barganha já está bem adiantado. Se você não entender esta conversa sutil, há um choque quando a abordagem é “Madame, preciso de três mil zaires da senhora.” Já ouvi muitos estrangeiros reclamarem que os congolese são gananciosos, ingênuos e ineficientes. Eles não sabem de nada. Os congolese são mestres em sobrevivência, e extremamente observadores, pois quem não for, morre cedo. Não há outra escolha.

Anatole começou a me fazer entender isto há muito tempo, quando me explicou por que ele traduzia os sermões de Papai. Não era pela evangelização, mas para esclarecimento. Era o início do processo de barganha para formar uma possível congregação. Minha avaliação da inteligência de Anatole foi multiplicada por dez naquele dia, e hoje, em retrospecto, sou forçada a fazer o mesmo com todas as pessoas que conhecemos. As crianças que nos perseguiram com pedidos de dinheiro e de comida não eram mendigos estúpidos; elas já estavam acostumadas com a distribuição das sobras, e não conseguiam entender a razão do nosso afastamento. O chefe que propôs casamento à minha irmã nem sonhou que meu pai pudesse lhe dar aquela térmita chorosa! Acho que Tata Ndu estava sugerindo, com toda gentileza, que nós havíamos nos tornado um peso para a aldeia numa época de fome; que as pessoas aqui se ajustam a essas condições difíceis pela redistribuição das famílias; e que se nós achássemos impossível aceitar essa ideia, talvez fosse melhor procurarmos outro lugar para morar. Tata Ndu era certamente arrogante na forma de comandar, até quando pediu uma votação para humilhar meu pai, mas nos assuntos de vida ou morte, hoje eu percebo, ele era educado além da minha capacidade de compreensão.

É uma pena ver o melhor do gênio e da diplomacia do Zaire desperdiçados na luta pela sobrevivência, enquanto fortunas em diamantes e cobalto desaparecem sob os nossos pés. Lembro sempre aos meus filhos: “esta não é uma nação pobre, é uma nação de pobres.”

O cheque do salário não veio hoje à noite, muito menos o *supplémentaire*. Mas Anatole chegou em casa excitado com a perspectiva da greve geral e falou calmamente dela durante o jantar, tomando todo cuidado para usar termos em código e nomes falsos. O conhecimento de alguns desses nomes pode representar um perigo para os meninos. Embora eu ache que eles não teriam notado nem Pearl Harbor, tal a concentração deles em devorar a mandioca. Para

fazer com que ela dure um pouco mais, vou pegando pedaços pequenos com a mão esquerda, enquanto a direita amamenta Martin. Cada gole de leite que ele tomava me tornava mais faminta.

— Um desses dias vou pegar meu arco e entrar, sem ser vista, pelas grades da *Residence*.

A mansão de Mobutu em Kinshasa é cercada por um parque, onde algumas zebras e um elefante andam pela grama.

Pascal ficou entusiasmado.

— *Oh, Mama! Abattons l'éléphant!*

Patrice nos informou que, na sua opinião, uma flecha não atravessaria o couro de um elefante.

Mas Pascal não estava preocupado.

— Você já viu aquilo? A flecha de Mamãe vai derrubar ele, *plaf! Kufwa!*

Elisabet perguntou pensativa.

— *Mondele*, como você vai cozinhar um elefante?

Só comemos mandioca, mandioca, mandioca. Seja cor-de-rosa com a pele de tomate, ou verde com uma folha de agrião, ainda assim é mandioca. Uma refeição com arroz ou soja ajudam a equilibrar nossos aminoácidos e não deixam os músculos se digerirem no processo que tem o nome pitoresco de kwashiorkor. Quando chegamos a Kilanga, eu me lembro que, ao ver as barrigas estufadas, eu pensei que as crianças comiam demais. Hoje eu sei que os músculos abdominais eram muito fracos para prender as vísceras no lugar. Já vejo sinais disso em Patrice. Tudo que chega até Kinshasa tem de viajar por estradas intransitáveis, em caminhões caindo aos pedaços que vêm do interior, portanto, qualquer alimento é muito caro, mesmo quando a gente consegue achar. Às vezes Anatole relembra uma conversa nossa de muito tempo atrás, quando eu tentei explicar como, na minha terra, o alimento vinha de plantações enormes, localizadas muito longe de quem iria comê-lo. Hoje eu entendo o desânimo dele. É uma péssima ideia, pelo menos para a África. Esta cidade é o sonho estrangeiro de eficiência plantado neste solo, e é uma péssima ideia. Quem vive aqui não pode pensar de outra forma. É uma vasta congregação de fome, doenças infecciosas e desespero camuflados pelo oportunismo.

Nem é possível plantar nossa própria comida. Eu tentei, junto à nossa porta dos fundos, debaixo do varal. Pascal e Patrice me ajudaram a preparar um pedacinho de terra que acabou produzindo alguns maços de espinafre mirrado e de feijão, que foram devorados uma noite pela cabra do nosso vizinho. As crianças daquela casa pareciam ter tanta fome (tal como a cabra), que eu nem

cheguei a lamentar aquela doação.

Nós, pelo menos, temos a opção de partir. A ideia sempre me volta à cabeça: nós poderíamos tentar Atlanta mais uma vez. E mesmo permanecendo aqui, com o trabalho de ensino e organização de Anatole, sobrevivendo com seu salário de fome, temos uma medida de privilégio que é incompreensível para nossos vizinhos. Levei meus filhos para os Estados Unidos, e eles receberam vacinas que não existem no Zaire. Todos nasceram vivos, e nenhum morreu de varíola nem de tuberculose. Temos mais sorte do que a maioria. E isto é o mais difícil de suportar: a vista que temos da janela. *La cité* é um lugar triste, cor-de-terra, e eu tenho saudade da nossa vida no interior. Em Bikoki e Kilanga nós podíamos, no mínimo, apanhar alguma coisa das árvores. Todo dia nós víamos flores. Às vezes as epidemias devastavam a aldeia, mas sempre acabavam, e nunca muito longe de onde tinham começado.

De vez em quando rio ao me lembrar de minhas irmãs e eu fazendo uma lista das nossas possibilidades: laranjas, farinha e até ovos! No ponto mais baixo de nossa vida como missionários, ainda éramos fabulosamente ricos, pelos padrões de Kilanga. Assim, era normal que qualquer artigo doméstico esquecido na varanda encontrasse um novo lar durante a noite. Era normal a cara feia de nossas vizinhas quando mostrávamos os bolsos vazios para demonstrar nossa pobreza. Ninguém mais na aldeia tinha bolso. Elas devem ter se sentido exatamente como eu me sinto hoje, irritada com a indiferença de Mobutu parado à porta de seus palácios de sonho, com as duas mãos enfiadas na produção brilhante de suas minas.

Uma vez, para provocar uma discussão, eu disse a Anatole:

— Acho que você me disse que os congolese não se interessam pela acumulação de riquezas.

Mas ele só riu.

— Quem, Mobutu? Hoje ele já nem é africano.

— Então o que ele é?

— Ele é a única mulher de muitos homens brancos.

Esta é a explicação de Anatole: tal como uma princesa de conto de fada, o Congo nasceu muito rico e atraiu a atenção de todos os homens que gostam de roubar. Os Estados Unidos são hoje o marido da economia do Zaire, e um péssimo marido. Um marido explorador e condescendente, em nome da proteção contra o declínio moral que é inerente à natureza da esposa.

— Conheço bem este tipo de casamento. Cresci vendo um exatamente assim.

Mas de repente me ocorre que Mamãe trouxe todas as nossas posses para o quintal, um presente de despedida para Kilanga. Há esposas e há esposas. Minha

mãe pagã foi a única entre nós que entendeu o que é a redenção.

O resto de nós ainda está tentando entender, acho. Deus nos deu vidas suficientemente longas para nos punirmos. *Janvier 17, Mort de Lumumba* e de Ruth May, ainda é o dia mais triste na nossa casa. Anatole e eu ficamos sem palavras, observando nossas culpas à distância, mas elas ainda estão muito próximas. Nas noites de janeiro sou visitada por sonhos desesperados, em que eu me estendo sobre a água, em busca de equilíbrio. Quando olho para a margem, um fileira de ovos se transforma nos rostos de crianças famintas, e então eu caio num desespero sombrio e tenho de mover uma montanha, e ela se desmancha nas minhas mãos. É um alívio acordar encharcada de suor e encontrar o corpo de Anatole ao meu lado. Mas nem mesmo a devoção dele consegue tirar este peso dos meus ombros “*Tem piedade de mim, oh Senhor, na medida da grandeza de tua bondade*”. E eu me pego rezando, antes de acordar para um mundo em que eu não tenho pai, nem posso contar com a bondade de ninguém.

Anatole diz que sonhos que se repetem são comuns em quem já sofreu de malária. Quando fico nervosa e triste, também fico sujeita à coceira infernal das *filaires*, pequenos parasitas que penetram nos poros e queimam. A África tem mil maneiras de entrar na pele da gente.

Nossa vida em Kinshasa tem mais benesses do que a da maioria. Ainda não tive de sair do caminho do elefante de Mobutu. E até, durante algum tempo, recebi um salário gordo. Eu me inscrevi numa folha de pagamento americana, racionalizando que pelo menos assim eu poderia distribuir dólares entre os vendedores no meu cantinho de *la cité*, já que com certeza nenhuma doação estrangeira vai chegar até eles.

Mrs. Ngemba, professora de inglês, esta era a minha nova identidade. Na verdade, ela me irritava tanto quanto o hábito das beneditinas. Eu dava aulas numa escola especial, no acampamento dos americanos que tinham vindo construir a linha de transmissão Inga-Shaba. Foi este o presente de núpcias dos Estados Unidos para o Congo — o financiamento da construção de Inga-Shaba. É uma linha de transmissão enorme que se estende ao longo de quase 1.800 quilômetros de floresta, ligando as usinas abaixo de Leopoldville às distantes minas do sul, na região de Shaba. O projeto trouxe engenheiros de Purdue, turmas de operários do Texas, com as famílias, que viviam nos arredores de Leopoldville, numa estranha cidade chamada Pequena América. Todo dia eu tomava o ônibus para ir dar aulas de gramática e literatura para os filhos sem poesia deste empreendimento. Eram pálidos e desajustados, e reclamavam da falta dos seus programas de televisão, coisas com *Vício* e *Polícia* e *Ameaça* nos

títulos. Provavelmente eles deixariam o Congo sem saber que viveram cercados por vícios, polícia e pela ameaça das cobras venenosas que infestam as florestas. O acampamento se parecia com uma prisão, todo cercado de arame farpado. E como prisioneiros, aqueles meninos brigavam usando qualquer coisa afiada que encontrassem. Riam do meu vestido e me chamavam de Mrs. Gumbo. Eu tinha pena deles, e os desprezava, e em segredo desejava que eles fossem para casa no primeiro navio. Recebi advertências por causa da minha atitude, como explicou o superintendente, mas ele me tolerava por não poder me substituir. Saí ao fim do segundo período.

Aquele lugar me espantava. Eu tomava o ônibus na esquina da *17 Janvier*, cochilava durante meia hora antes do amanhecer e abria os olhos em outro mundo. O acampamento tinha fileiras e mais fileiras de casas de metal e dezenas de bares que brilhavam ao raiar do dia com uma aura de vômito e vidro quebrado. O ônibus parava junto ao portão e acontecia uma estranha mudança de turno: enquanto nós, as empregadas e professoras, descíamos por uma porta, pela outra subiam as putas cansadas e desarrumadas. Moças congolesas, com o cabelo descolorido alaranjado, uma ou duas frases em inglês e as alças de sutiãs caros descendo pelos braços, debaixo das blusas muito apertadas. Eu as imaginava chegando em casa, tirando o uniforme e se envolvendo em *pagnes* para ir ao mercado. Enquanto ficávamos piscando umas para as outras, os caminhões do acampamento passavam levando as turmas de trabalhadores que aparentemente (a julgar pelas putas) nunca dormiam.

Ao longo de um ano eu vi esses estrangeiros decididos saírem para construir quilômetros de estradas provisórias para transportar cabos, equipamentos e chapas de metal, ao lado de aldeias que continuariam a viver sem eletricidade, equipamentos ou chapas de metal. A província de Shaba tem muitas quedas d'água, mais do que suficiente para gerar sua própria eletricidade. Mas se toda a energia viesse da capital, as minas receberiam energia das mãos de Mobutu, e poderiam ser paradas ao menor sinal de rebelião popular. Afinal de contas, Katanga já tinha tentado se separar uma vez. Na época em que eu trabalhei lá, nós realmente acreditávamos que esta era a razão daquele estranho projeto.

Mais tarde entendemos o significado real do projeto, o que me fez amaldiçoar minha pequena contribuição para Inga-Shaba. Não era apenas um projeto errado; era sinistro. Ninguém esperava que a linha de transmissão fosse terminada. Sem meios de dar manutenção a uma instalação que se estendia pelo coração das trevas, os engenheiros viam a cauda do monstro se desmanchar tão depressa quanto avançava a cabeça. Tudo foi arrancado, como as florestas percorridas pelas formigas: parafusos, porcas e qualquer coisa que pudesse servir

como material de cobertura sumiu na floresta. Este fracasso era claramente previsível. Mas ao emprestar mais de um bilhão de dólares ao Congo para construir a linha de transmissão, o Export-Import Bank apossou-se de uma dívida permanente, a ser paga em cobalto e diamantes de hoje até o fim dos tempos. Ou, pelo menos, até o fim de Mobutu. É uma aposta popular, adivinhar qual vai acontecer primeiro. Com uma dívida externa de bilhões, toda esperança que sobrou de nossa independência está algemada pela dívida. Agora o mercado negro é tão absurdamente mais saudável do que a economia formal, que eu já vi pessoas usando zaires para tapar buracos na parede. O contrabando estrangeiro de minerais é tão completo que nosso vizinho, o Congo Francês, sem uma única mina em seu território, é o quinto maior exportador de diamantes do mundo.

E tudo o que sobrou no país está na dispensa do rei. Se minha irmã Rachel e William Shakespeare se juntassem para inventar o déspota mais extravagante, o resultado não seria tão extravagante quanto Mobutu. Ele agora está construindo um palácio inspirado no que seu amigo, o xá, construiu no Irã. É na aldeia natal dele, Gbadolite. Dizem que ele tem pavões gordos andando pelo pátio, protegidos por altas muralhas, comendo grãos oferecidos em pratos de prata com motivos mouros. O gerador a gasolina opera 24 horas por dia e faz tanto barulho, noite e dia, que espantou os macacos da floresta próxima. O ar condicionado tem de funcionar dia e noite para que a umidade da floresta não estrague as folhas de ouro dos candelabros.

Dá para imaginar. Do lado de fora do palácio, as mulheres de Gbadolite passam o dia agachadas no terreiro, cozinhando mandioca em calotas de automóveis e, se você perguntar o que significa a Independência, elas xingam e mostram um porrete. Que chateação, dizem elas. Todas as cidades agora têm nomes novos, e como se isso não bastasse, agora temos de nos chamar uns aos outros de *citoyen*.

No centro de Kinshasa muitos bares têm televisão e Mobutu aparece toda noite às sete horas, com sua pele de leopardo, para unificar a nação. “Quantos pais?” pergunta vezes sem conta na cerimônia gravada, e na gravação a plateia responde, “Um.”

“Quantas tribos? Quantos partidos? Quantos senhores?” ele continua.

E toda vez, a congregação fiel responde, “*Mookoo!*” Um!

A imagem treme e os *citoyens* bebem cerveja ou cuidam da própria vida. Mobutu fala na sua própria língua tribal, e quase ninguém entende.

Rachel Axelroot DuPrée Fairley

EQUATORIAL

JANEIRO DE 1978

Preste atenção, não acredite em contos de fadas! Depois do casamento e do felizes para sempre, ninguém conta o resto da história. Mesmo casada com o príncipe, a gente ainda acorda de manhã com gosto de cabo de guarda-chuva na boca e com o cabelo todo amassado de um lado.

Foi o que aconteceu comigo, pobrezinha, de repente eu era a esposa de um diplomata, na beira da floresta, vestindo Dior e luvas longas nas festas das embaixadas em Brazzaville, Congo Francês. Esta foi a parte do conto de fadas, e bem que foi bom enquanto durou. Eu me sentia uma verdadeira Cinderela. Meu cabelo fica maravilhoso na umidade, e eu tinha meu próprio cabeleireiro francês (era o que ele dizia, mas acho que ele era belga), que vinha à minha casa toda terça e todo sábado. A vida não podia ser melhor. Ninguém podia acreditar que alguns anos antes eu estava vivendo com minha família do outro lado do rio — *eu*, a mesma Rachel, afundada na lama! Pronta a vender a alma em troca de um suéter de mohair ou de um spray *Final* para os cabelos. Puxa vida! Como mulher de embaixador, tive um curso sobre política. O Congo Francês e a recém-independente República do Congo são separadas apenas por um rio e por um milhão de quilômetros em termos de pensamento contemporâneo. Tudo isso porque eles tentaram fazer tudo sozinhos do lado de lá, mesmo sem ter competência. Ainda estão lutando para ter um serviço telefônico decente. E aqui, durante todo o meu período de serviço diplomático em Brazzaville, Congo Francês, o máximo que me aconteceu foi ter de brigar para os empregados apararem o hibisco no jardim e limparem o mofo dos cristais.

Bem, tudo isso são águas passadas. Diplomata ou não, acabei descobrindo que um homem que larga a mulher em troca da amante não vale a pena. Viver e aprender. Como se diz por aí, quem faz um cesto, faz um cento.

Remy, meu terceiro marido, era muito devotado. Era um homem mais velho. Minha vida tinha sido uma série de 101 calamidades, a maioria no departamento de casamentos, mas finalmente eu tive a sorte de me apaixonar por

Remy Fairley. Pelo menos, *ele* teve a decência de morrer e me deixar o Equatorial.

Quando Remy descansou, fiquei livre para expressar meus talentos, e transformei este lugar, pode crer! O Equatorial é hoje o melhor hotel para homens de negócios em toda a rota do norte entre Brazzaville e Owando. Estamos a cerca de cem milhas da cidade, muito mais longe se for em quilômetros, mas mesmo assim atraímos os turistas. São franceses, alemães e outros mais, que param aqui a caminho do norte para supervisionar algum projeto, ou que simplesmente fogem da cidade para ver um pouco da África de verdade antes de terminarem suas missões e voltar para suas mulheres. Geralmente são gente do petróleo ou empreendedores.

O lugar que ocupamos foi antes uma fazenda, portanto a casa está cercada de laranjeiras e coqueiros. A própria mansão foi transformada em doze quartos confortáveis de tamanhos variados, todos de luxo, com dois banheiros completos em cada andar. O restaurante fica num amplo pátio no andar térreo, à sombra das buganvílias. Sempre sopra uma brisa. Há pouco tempo criamos um segundo pátio com um bar, onde os motoristas de meus clientes podem passar o tempo. O restaurante é só para os hóspedes, ou seja, só para brancos, pois os africanos por aqui não ganham num mês o suficiente para pagar um de meus jantares *prix-fixe*. Mas mesmo assim eu não sou mulher para deixar ninguém sentado na chuva! Por isso eu fiz uma cobertura, para que eles não fiquem tentados a entrar e ficar andando pelo bar. Também sou conhecida pelo amor aos animais, e já criei um pequeno zoológico no meio do jardim para distração de todos os clientes. O dia inteiro a gente ouve os papagaios falando. Eles aprenderam a falar, “Olha a saideira! Hora de fechar!” em inglês, francês e africânder, apesar de ter de reconhecer que, durante esses anos todos, eles aprenderam algumas frases desprezáveis com meus clientes. A clientela do Equatorial é sempre do mais alto calibre, mas mesmo assim são geralmente homens.

Meu maior orgulho são a piscina, o pátio e os jardins, que eu fiz sem ajuda de ninguém. A piscina exigiu um esforço espetacular. Tive de pagar por cada cesto de terra que os meninos da região tiravam. E é claro, tive de ficar ali em cima, para ter certeza que eles não estavam enchendo o fundo de folhas. Tomar conta de um lugar como este é duro, pode crer. Meus empregados iam roubar tudo o que eu tenho, se tudo não ficasse trancado a chave, e se eu não castigasse os culpados com mão firme. Uma mulher qualquer não ia durar uma semana na minha posição. Meu segredo é: eu gosto disto tudo! De verdade! Apesar de tudo, eu passeio pelo restaurante de biquíni, o cabelo preso no alto, sacudindo a penca de chaves, incentivando alegremente meus hóspedes a tomar mais martinis e esquecer o trabalho. E eu penso: finalmente, Rachel, este é o seu mundo. É seu,

para você fazer o que quiser. Quem precisa de marido, se vive cercada de homens lindos? Mesmo assim, quando eu não gosto do comportamento de alguém, fora com ele! Se eu quiser um *curry* de galinha para o jantar, basta dizer aos cozinheiros: *curry* de galinha! Quando eu quero mais flores, estalo os dedos e elas são plantadas. Basta isto. Ah, eu trabalho demais para manter este hotel aberto sete dias por semana e nos feriados. Meus preços estão acima da média, mas meus hóspedes não têm queixa. Por que alguém vai ser enganado em outros lugares, se pode vir para cá?

Provavelmente eu já vou estar muito rica e velha no Equatorial antes de algum membro da minha família aparecer para me fazer uma visita. Verdade! Elas nunca vieram. Leah está do outro lado do rio, em Kinshasa, que fica a um pulo daqui. Quando teve aquela luta do Muhammad Ali e do George Foreman, apareceram centenas de turistas. Eles vieram à África para ver a luta e depois atravessaram o rio para conhecer o Congo Francês, pois as estradas e tudo mais são muito melhores aqui. Logo que anunciaram a luta, eu vi que eu ia ter um monte de hóspedes. Sempre tive um sexto sentido para perceber a tendência, e neste caso também eu acertei. Terminei o banheiro do segundo andar, que estava me dando problemas, e redecorei o bar com motivos de boxe. Tive o maior trabalho para conseguir um cartaz autêntico de anúncio da luta, mas às vezes a gente tem de se virar com o que tem. Um dos meus rapazes fez luvas de boxe de folhas secas de bananeira costuradas, que ficaram muito realistas, e mandei prender nos lustres e nos ventiladores. Detesto me autoelogiar, mas elas ficaram uma lindeza.

E eu pensei, é uma ocasião de festa e Leah não está tão longe assim. Mamãe e Adah vivem falando que vão aparecer, e se elas podem atravessar um oceano, Leah podia se dignar a tomar um ônibus. Além disto, Papai está por lá, perdido na floresta, e *honestamente*, o que mais ele tem para fazer? Ele podia se lavar e fazer uma visita à filha mais velha. Ah, como eu sonhei com uma reunião da família, de verdade. Imagine a cara deles quando vissem este lugar. Mas, é lógico que ninguém veio.

Acho que eu devia desistir, mas no fundo continuo sonhando com isto. Eu me vejo percorrendo o lugar com Adah e Leah, passando a mão pelos elegantes painéis de mogno do bar, Ta-Dah! Ou abrindo a porta dos banheiros de cima, com espelhos emoldurados em imitação de ouro (eu podia pagar por ouro de verdade, mas nesta umidade ele ia descascar todo), e com aquele ar muito continental, com privada e bidê. Minhas irmãs iam ficar impressionadas com o que eu consegui realizar, começando do nada. Não quero saber se elas são bem-dotadas nem se sabem todas as palavras do dicionário, mesmo assim elas têm de reconhecer um bom trabalho. Leah ia dizer: “Mas Rachel, você administra este

lugar com tanto genialismo e vivacidade! Nunca notei que você tinha um talento tão exemplar para o negócio de hospitalidade!” É claro que Adah só ia balbuciar alguma coisa do tipo, “Rachel, seu interesse em higiene pessoal se transformou numa vocação.”

Se você quer saber, é exatamente por isso que elas não vêm aqui — têm medo de finalmente ter de me respeitar. É claro que elas preferem continuar pensando que são o cérebro da família e que eu sou a loura burra. Elas sempre andaram muito empinadinhas, o que é ótimo, mas se você quer saber, acho que as duas jogaram a carreira fora. Adah ficou famosa por ter sido um geninho na faculdade e depois na escola de medicina (Mamãe costuma me mandar recortes de jornal com Adah ganhando algum prêmio, cada vez que vai na privada), e ela podia ter tido muito sucesso como médica. Mas pelo que eu entendo das cartas de Mamãe, ela trabalha noite e dia de guarda-pó branco em algum lugar importante em Atlanta onde eles estudam doenças. Tá bem, tá bem, alguém tem de fazer isto!

Agora, Leah. Eu nunca vou entender aquela. Depois de todo este tempo, eu até consigo trabalhar com os africanos, como qualquer um, principalmente sem deixar eles caírem em tentação. Mas *casar* com um? E ainda ter filhos? Não é natural. Não consigo ver aqueles meninos como meus parentes.

Eu não vou dizer isto para ela cara a cara, é claro. Juro que não falei uma palavra em todos esses anos. Não que isso seja difícil, a gente se escreve muito pouco. Ela me manda cartões de Natal, que chegam aqui na véspera da Páscoa. Acho que os carteiros do Zaire são bêbados e preguiçosos. E quando chega uma carta, é sempre um desapontamento. É só: como você está passando, tive outro filho chamado sei-lá-o-que ou sei-lá-quem. Ela podia pelo menos dar nome de gente para os filhos. E nunca me pergunta pelo hotel.

Todas nós temos esperanças de melhorar as relações da família, mas nossa família realmente acabou quando Ruth May teve aquela morte trágica. A gente passa a vida inteira sofrendo por causa disso, e eu acho que Mamãe ainda está muito deprimida. E Leah decidiu que a sua penitência era tornar-se a Noiva da África. E Adah podia ter arranjado algum marido razoável, pois já resolveu todos aqueles problemas, mas não, ela tem de jogar a juventude no fundo de um tubo de ensaio, junto com algum micróbio.

Bem, a decisão é delas. O que aconteceu conosco no Congo foi simplesmente o azar do choque de dois mundos contrários que causou tanta tragédia. Depois de alguma coisa assim, a gente só pode seguir em frente, ouvindo o que o coração manda. E na minha família, os corações mandam coisas absolutamente diferentes.

Eu me pergunto, será que tudo isso foi por minha culpa? A resposta é não.

Durante todo aquele tempo eu decidi ficar acima daquilo tudo. Manter o cabelo apresentável e fingir que estava noutro lugar. Poxa, era eu que ficava gritando dia e noite que nós estávamos em perigo. É verdade que, quando aconteceu, eu era a mais velha, alguém pode dizer que eu devia ter feito alguma coisa. Houve um instante em que podia ter agarrado Ruth May, mas tudo foi tão depressa! Ela nem viu o que aconteceu. Além do mais, eu me recuso a ser responsável por gente que não me respeita, mesmo que seja gente da minha família. Por isso eu recuso essa responsabilidade. De verdade!

De noite, aqui no Equatorial, eu geralmente termino o dia no bar, sozinha, sentada no escuro tomando um último drinque e fumando meu último cigarro, ouvindo aqueles sons esquisitos de um bar já sem alegria. Existem alguns bichinhos esquisitos que entram na palha do telhado, macacos, esquilos, ou sei lá, que a gente só percebe à noite. Ficam fazendo barulho e olhando para mim com os olhinhos redondos até eu perder a paciência e gritar, “Vão para o inferno!” Às vezes eu tiro o cinto e jogo neles antes deles sumirem. O melhor é manter este lugar cheio de gente com a bebida correndo farta, é o que eu sempre digo. Honestamente, não tem o menor sentido ficar sozinha no escuro.

Leah Price Ngemba

KINSHASA

ESTAÇÃO CHUVOSA, 1981

Anatole está preso. Talvez esta seja a última vez. Eu me levanto, calço os sapatos e me obrigo a cuidar dos meninos. Lá fora, a chuva cai sobre todas as cabras, bicicletas e meninos pretos encharcados, e eu fico aqui contemplando o fim do mundo. Desejando desesperadamente não ter voltado de Atlanta.

Mas nós voltamos. Uma pessoa como Anatole tem muito a oferecer a este país. Evidentemente, não a este regime, cujo único objetivo é se manter no poder. Mobutu confia em gente rápida com as armas e lenta para fazer perguntas. Por enquanto, o único trabalho honrado que este governo oferece é tentar derrubá-lo. É o que diz Anatole. Ele prefere estar aqui, mesmo na prisão, a dar as costas a este crime. Conheço a dimensão da honra de meu marido, tão bem como as paredes desta casa. Por isto, eu me levanto, calço os sapatos, e me censuro por ter pensado em voltar. Agora, já perdi tudo: a companhia dos ideais dele e a fuga secreta que eu tinha reservado, se a minha fracassasse. Sempre pensei poder voltar para casa. Agora não. Agora, já tirei este ás da manga, dei uma boa olhada, e descobri que ele perdeu toda utilidade para mim, desvalorizou-se com o tempo. Uma velha nota congoleza cor-de-rosa.

Como isto aconteceu? Fiz três viagens, e a cada vez que ia eu me sentia mais estranha. Foram os Estados Unidos que mudaram, ou continuaram onde sempre estiveram enquanto eu continuava meu caminho em busca de não sei o quê, seguindo a coluna de fumaça de meu próprio Exodus? Na nossa primeira viagem, os Estados Unidos pareciam uma possibilidade concreta para nós. Qualquer coisa seria. Eu estava grávida de Patrice — foi em 1968. Pascal já tinha quase três anos e estava aprendendo inglês como o papagaio inteligente que é. Eu estava estudando engenharia agrônômica em Emory, e Anatole fazia ciência política e geografia. Ele era um estudante impressionante, absorvia tudo o que os livros ofereciam e depois procurava, além deles, as coisas que os professores desconheciam. A biblioteca pública para ele era o céu.

— Béene, existe sempre algum livro já escrito sobre qualquer coisa que eu

tenha pensado.

— Cuidado. Talvez haja um sobre você.

— Estou morrendo de medo! A história completa dos crimes da minha infância.

Começou a se sentir negligente por dormir à noite, por causa de todos os livros que ele deixaria de ler durante aquelas horas. Ele era cuidadoso ao falar inglês, recusando-se a falar *sheet* (*folha*), que aos seus ouvidos tem o mesmo som de *shit* (*merda*), mas ele lia com uma avidez que eu nunca tinha visto. E eu estive com a minha família. Adah estava adiantada no curso de medicina, e portanto vivia muito ocupada, mas nós praticamente vivíamos com Mamãe. Ela era muito boa para nós. Pascal andava em cima da mobília e dormia no colo dela como um gato.

Voltei uma segunda vez para me recuperar do parto de Martin, pois eu tinha ficado perigosamente anêmica, e para o reforço das vacinas dos meninos. Mamãe conseguiu o dinheiro para as passagens. Dessa vez fomos só eu e os meninos, e ficamos mais tempo do que o planejado, para aproveitar a delícia que era aquela fartura de comida. Também para dar a Mamãe a oportunidade de conhecer seus únicos netos. Ela nos levou até o mar, a um lugar batido pelo vento numas ilhas arenosas ao largo da costa da Georgia. Os meninos ficaram loucos com tantas descobertas e com os espaços abertos para correr. Mas tudo aquilo me deixou com saudades. A praia tinha o cheiro do mercado de peixes de Bikoki. Eu ficava na praia olhando através de um vazio enorme, tentando ver Anatole e tudo o que eu tinha deixado na África.

É engraçado reclamar disto, mas a maior parte dos Estados Unidos não tem cheiros. Já devia ter notado isto antes, mas desta última vez, pareceu-me um defeito. Várias semanas depois da nossa chegada, eu ficava esfregando os olhos, com medo de estar perdendo a visão ou talvez a audição. Mas o que tinha desaparecido era o sentido do olfato. Na mercearia, cercada de mais tipos diferentes de alimentos do que um congolês conhece em toda a sua vida, não havia nada no ar, só um vazio indefinível e desinfetado. Mencionei isto para Anatole, que já tinha notado há muito tempo.

— O ar é neutro nos Estados Unidos. Não se consegue sentir o cheiro do que está em volta, a menos que se enfie o nariz nas coisas.

— Talvez seja por isto que eles não sabem nada a respeito de Mobutu — sugeriu.

Anatole recebia um auxílio pelas aulas que dava, uma quantia que os outros alunos da pós-graduação consideravam uma “miséria”, mas que era muito mais do que ele e eu já tínhamos ganho num ano, os dois juntos, em qualquer época. Mais uma vez, fomos viver no alojamento de casados, um complexo de

apartamentos de compensado entre pinheiros, e o principal tópico de conversa entre os nossos jovens vizinhos era a precariedade daqueles alojamentos. Para Anatole e para mim eles eram luxuosíssimos. Janelas de vidro, todas com um trinco, e dois trincos na porta, e nós não tínhamos nada que valesse a pena ser roubado. Água corrente, *quente*, à nossa disposição numa torneira na cozinha, e noutra a dez passos de distância, no banheiro.

Os meninos se alternavam entre a saudade de casa e o frenesi. Aprenderam a gostar de algumas coisas americanas que me deixavam alarmada, e havia coisas que eles ignoravam, o que me alarmava ainda mais. Por exemplo, a forma como brancos bem-intencionados falavam com meus filhos trilingues (eles falam fluentemente o inglês, o francês e o lingala, com um pequeno sotaque em cada uma dessas línguas.) assaltando-os com uma fala gritada de bebê. Os alunos de Anatole faziam essencialmente a mesma coisa, demonstrando um impulso constante de lhe ensinar democracia e direitos humanos — meninos arrogantes! Sem a menor noção do que o país deles está fazendo com o de Anatole. Ele me contava resignado essas histórias à noite, mas eu xingava, jogava travesseiros e chorava, enquanto ele me abraçava no vasto conforto da cama de casal.

Os cidadãos da minha terra encaravam Anatole e meus filhos como primitivos ou aberrações. Nas ruas, fechavam a cara para nós, pensando que éramos apenas o flagelo que eles já conheciam e detestavam — o casal misto, cujos filhos retardados eram o anúncio de nossos pecados. Quando se aproximavam, eles encaravam Anatole e o desprezo dava lugar ao choque: o rosto de guerreiro, as linhas cuidadosamente marcadas, fala de sua elegância numa língua tão estranha para eles quanto o lingala, como um livro fechado. Até os amigos de Mamãe, que realmente tentavam, nunca me perguntaram nada a respeito dos talentos ou da história dele — só perguntavam, sussurrando quando ele saía da sala, “O que aconteceu com o rosto dele?”

Anatole dizia que os olhares não o incomodavam. Ele já havia passado grande parte da vida como um excluído. Mas eu não conseguia suportar a condescendência. Em seu país, Anatole é um homem belo e realizado, na opinião daqueles que dão valor à honra e inteligência. Eu já tinha passado toda a minha infância me culpando por ter destruído a vida de minha irmã gêmea, que me seguiu para a luz. Não posso carregar marido e filhos para uma vida em que sua beleza vai crescer e morrer nas trevas.

Portanto, nós voltamos para casa. Para aqui. Para a calamidade. O passaporte de Anatole foi confiscado no aeroporto. Enquanto Pascal e Patrice brigavam para aliviar o tédio e Martin se abraçava a mim, chorando que estava com dor de ouvido, meu marido foi preso sem eu perceber. Ele era procurado no Zaire. Na hora eu não entendi. Anatole me disse que era uma formalidade, e que

ele tinha de dar o nosso endereço para eles poderem devolver o passaporte no dia seguinte. Eu ri, e disse (na frente dos policiais) que, considerando a eficiência do nosso governo, provavelmente seria no próximo ano. Então, nós nos apertamos num velho táxi Peugeot, onde já nos sentimos em casa, e viemos para a casa de Elisabet cair no sono, ou na vigília irregular da mudança de fuso horário. Mil coisas passavam pela minha cabeça: arranjar escola para os meninos, encontrar uma casa para morar, trocar os dólares de Mamãe em algum banco de Kinshasa que não nos desse zaires antigos, nem novos falsificados, comprar comida para não abusar da pobre da Elisabet. Não dediquei um só pensamento ao meu marido. Nós nem dormimos juntos, porque Elisabet só tinha encontrado camas pequenas.

Teria sido a nossa última chance. Os soldados chegaram batendo na porta ao amanhecer. Eu ainda não estava completamente acordada. Elisabet ainda estava enrolando o *pagne* quando a porta abriu e quatro homens entraram com tanta violência que ela foi jogada contra a parede. Só Martin já estava acordado, com os olhos pretos fixos nas armas que eles tinham no cinto.

Anatole ficou calmo, mas os olhos estavam desesperados quando olhou para mim. Mencionou o nome das pessoas que eu devia procurar imediatamente — para ajudar a nos instalar, disse ele, mas eu sabia o que ele queria dizer — e um endereço que já devia ter mudado.

— Os meninos — disse eu, sem saber como terminar a frase.

— Os meninos te amam mais do que aos próprios olhos. *Planche de salut*.

— Você sabe, eles são africanos, para sempre.

— Béene. Não se torture.

E ele se foi. E eu não sei como não me torturar. Viver parece ser uma atividade incrivelmente cruel.

Pelo menos eu sei onde ele está, o que, segundo Elisabet, é uma bênção. Não consigo concordar com ela. Eles o levaram imediatamente para Thysville, que fica a cerca de cem quilômetros ao sul de Leopoldville pela melhor estrada do país, reformada recentemente com ajuda externa. Isto dá uma ideia da importância da prisão. Para receber alguma informação, tive de passar por oito diferentes repartições oficiais, levando, como um cachorro obediente, os mais diversos pedaços de papel de uma repartição para a outra, até chegar ao meu senhor, sentado com os pés sobre a mesa, a cadeira inclinada para trás. Ele ficou espantado ao ver uma mulher branca e não sabia se eu devia ser tratada com deferência ou com desprezo, portanto oscilava de uma para o outro. Ele me disse que meu marido ficaria detido até serem apresentadas acusações formais contra ele, o que poderia levar de seis meses a um ano. Essas acusações são sempre genéricas e se referem sempre a traição, o que quer dizer antimobutismo, e a

sentença mais provável é a prisão perpétua, embora haja outras possibilidades.

— Em Camp Hardy — disse eu.

— Em Camp Ebeya — ele me corrigiu.

É claro. Camp Hardy foi rebatizado de Camp Ebeya em nome da *authenticité*.

Eu sabia que não devia ter esperança naquelas “outras possibilidades”. Foi em Camp Hardy que Lumumba foi espancado até quase morrer, antes de voar para a morte em Katanga. Não sei que conforto meu marido teria com esse pedaço de história comum. Conhecemos muitas outras pessoas, inclusive um professor amigo de Anatole, que ficaram detidos mais recentemente em Camp Hardy. Aquilo é considerado uma execução prolongada, principalmente por fome. Nosso amigo disse que houve longos períodos em que ele recebia uma banana a cada dois dias. A maior parte das celas são solitárias sem luz nem água, nem mesmo um buraco no chão, e os baldes não são trocados.

Disseram-me que eu não poderia visitar Anatole enquanto ele não fosse acusado formalmente. Depois disso, tudo ia depender das acusações. Olhei para o capacete azul na mesa, e para a cabeça desprotegida de meu comandante, e como desejei ser capaz de estourá-la com a pura força da minha raiva. Quando ele já não tinha mais informações a dar, agradeci com o meu francês mais polido e saí. *Perdoai-me, oh Pai Celestial, na medida da sua bondade. Desejei, do fundo do coração, estourar a cabeça de um homem e espalhar o fedor do seu cérebro nos terreiros de muitas outras pessoas.*

Pelo menos ele não está acorrentado nos porões do estádio, é o que Elisabet sempre diz, e acho que até meu coração partido pode aceitar isto como uma boa notícia.

Nunca me senti tão só. Os meninos estão tristes, é claro, mas Pascal já tem 15 anos e Patrice 13, e já são quase homens, com recursos de homem para enfrentar esta situação. E Martin está tão confuso e tão carente de consolo que nada pode me oferecer.

Encontramos rapidamente uma casa para morar, deixada pela família de um professor que se mudou para Angola. É muito longe do centro, num dos últimos loteamentos na estrada que leva ao interior, e assim temos pelo menos o alívio das árvores em flor e de um quintal para plantar verduras e legumes. Mas ficamos longe de Elisabet e Christiane, que trabalham como faxineiras de uma delegacia de polícia e depósito anexo. Não tenho o consolo da conversa diária. E Elisabet nem é realmente uma alma gêmea. Ela me adora, mas me acha desconcertante e pouco feminina, e provavelmente que eu sou uma criadora de caso. Ela pode perder o emprego por causa do parentesco com um traidor.

Nunca tinha percebido o quanto eu dependia de Anatole para me justificar e

absolver. Por todos estes anos, tive o luxo de quase esquecer que era uma branca em terra de gente marrom ou preta. Sempre fui Madame Ngemba, alguém de quem se tem pena no mercado, por causa do preço da fruta, ou a mãe de meninos que brigavam com os deles. Protegida por meu *pagne* e por Anatole, parecia que eu era um deles. Hoje, sem marido e num lugar desconhecido, minha pele brilha como uma lâmpada. Meus vizinhos são educados e reservados. Dia após dia, se eu peço orientação ou falo sobre o tempo, eles tentam responder num inglês ou francês nervoso. Será que eles não percebem que eu falei em lingala? Será que eles não me ouvem gritar com os meninos todo dia, com o mesmo sotaque maternal de qualquer mãe nativa? A visão de minha pele estrangeira parece congelar a sensibilidade de todo mundo. No mercado, sou seguida por uma bolha de conversa interrompida. Todo mundo no bairro sabe o que aconteceu a Anatole e tem simpatia pela sua sorte — todos eles odeiam Mobutu com a mesma intensidade e gostariam de ter a metade da coragem do meu marido. Mas também levam em conta a mulher branca. Dos estrangeiros, eles só conhecem tudo o que fizemos contra eles. Não tenho condições de melhorar a imagem de Anatole aos olhos deles. Eu devo ser a fraqueza que o derrubou.

Não posso evitar pensar da mesma forma. Onde ele poderia estar, se não fosse por mim? É claro que ele ainda estaria cortejando a tragédia; ele já era um revolucionário antes de me conhecer. Mas talvez não estivesse preso. Ele não teria saído duas vezes do país, em atenção aos meus pedidos em nome de uma mãe velha e de fantasias de belos bifés. Provavelmente, ele nem teria um passaporte. E foi por meio do passaporte que eles o prenderam.

Mas então, onde estariam os filhos dele? É nisso que nós, mães, sempre nos apoiamos. Ele não pode lamentar um casamento que trouxe Pascal, Patrice e Martin-Lothaire para a terra africana. Nossa união tem sido difícil, mas que união não o é? O casamento é um longo compromisso, profundo e largo. Há sempre um objetivo que engole outro, uma roda que geme para rodar. Mas, a nossa vida juntos não terá representado mais para o mundo do que nossas duas vidas separadas?

São essas as perguntas que eu uso para me distrair quando os meninos estão fora, e eu enlouquecida pela solidão. Tento preencher o espaço com lembranças, tento me lembrar do rosto dele quando segurou Pascal pela primeira vez. Lembro do nosso amor em tantas escuridões diferentes, sob tantos mosquiteiros diferentes, lembro dos dentes dele, tocando suavemente a carne do meu ombro, e de sua mão nos meus lábios, para me silenciar quando um dos meninos dormia ao nosso lado. Lembro dos músculos da sua coxa e do cheiro do seu cabelo. Finalmente vou ao terreiro tentar escolher a mais gorda das galinhas d'angola para preparar para o jantar. No fim, não escolho nenhuma para não perder a

companhia.

Um meio de sobreviver à saudade é manter-me ocupada. Fazer alguma coisa certa em algum canto desta enorme casa de erros — isto eu aprendi com Anatole, ou talvez comigo mesma, que sou a estranha combinação de meus dois pais. Mas agora fico com medo de esgotar as possibilidades, com tantos anos ainda pela frente. Já fiz contato com todas as pessoas que ele mandou, para avisá-los ou para pedir ajuda. O endereço que havia mudado finalmente apareceu, depois de muitos enganos, e era o do subsecretário de Étienne Tshisekedi, o único ministro do governo que nos poderia ajudar, embora sua situação junto a Mobutu já não seja tranquila. E é claro que escrevi para os amigos de Mamãe. (Da “Anestesia Internacional”, como minha irmã Rachel provavelmente diria). Pedi que enviassem telegramas pedindo por Anatole, e é provável que eles cheguem aos montes. Se Mobutu tiver um mínimo de vergonha, há uma chance de que a prisão seja reduzida de perpétua para cinco anos, ou quem sabe menos. Neste meio tempo, Mamãe está levantando dinheiro para pagar as propinas que farão chegar até ele algum alimento, para que perpétua e cinco anos não sejam a mesma sentença. Já visitei as repartições do governo para saber para onde mandar a propina quando ela chegar. Já discuti e reclamei tanto sobre os direitos de visita que agora me conhecem e estão fartos da minha cara. Fiz tudo o que me era possível, e agora só tenho de fazer o impossível: esperar.

À noite, quando os meninos estão dormindo, eu escrevo cartas curtas para Anatole, dando notícia dos meninos e da nossa saúde, e cartas longas para Adah contando como está realmente a nossa vida. Provavelmente nenhum dos dois vai ver minhas cartas, mas eu preciso escrevê-las, extravasar. Conto minhas tristezas para Adah. Fico dramática. Talvez seja melhor que essas palavras acabem sufocadas debaixo de uma pilha.

Talvez eu devesse ter inveja de Adah, que não tem ligações afetivas para machucar seu coração. Ela não precisa de filhos para lhe subirem pelas pernas, nem de um marido para lhe beijar a testa. Sem isso tudo, ela está segura. Ou de Rachel, que tem a complexidade psicológica de um saleiro. Aquilo é que é vida. Às vezes eu me lembro dos nossos enxovais e rio sozinha, pensando no quanto eles foram proféticos. Rachel trabalhando furiosamente, fazendo hora extra, adivinhando uma carreira matrimonial que se distingue mais pela quantidade, do que pela qualidade. Ruth May, isentada daquela tarefa pelo resto da vida. Minha própria toalha de mesa, de início relutante, mas no final absorvendo meus esforços mais dedicados. E Adah, bordando barras de crochê preto nos guardanapos, que depois eram jogados ao vento.

Mas no final, de uma forma ou de outra, todas nós demos corpo e alma pela

África. Até mesmo Adah, que se está especializando em epidemiologia tropical e em novos vírus desconhecidos. Cada uma de nós deixou o coração encerrado em sete palmos de terra africana; somos todos companheiros de conspiração. Quero dizer, não somente a minha família. Portanto o que se tem de fazer agora? Cada um tem de descobrir sua própria forma de desenterrar um coração, limpá-lo e voltar a expô-lo à luz.

“Não se torture”, ele sussurra no meu ouvido, e eu lhe pergunto, como é possível? Eu me balanço na cadeira, como uma criança, desejando tantas coisas impossíveis: justiça, perdão, redenção. Desejo parar de sofrer no meu corpo pequeno todas as feridas deste lugar. Mas também quero ser uma pessoa que fica, que continua sentindo angústia onde a angústia é justa. Quero ser parte de algum lugar, que merda! Remover de minha pele branca a guerra de cem anos, até não restar nem um vestígio e eu poder andar entre meus vizinhos, só tendões e ossos, tal como eles.

Acima de tudo, minha pele anseia pelo toque e pelo abraço do único homem que eu sei que já me perdoou por ela.

Rachel Price

EQUATORIAL

1984

Esta foi a primeira, e com certeza será a última vez que eu participo de uma reunião com minhas irmãs. Acabei de voltar de um encontro com Leah e Adah que foi nada mais nada menos que um fracasso sensacional.

Leah foi o fruto da ideia toda da viagem. Disse que se não saísse de casa para fazer alguma coisa, ela ia acabar morrendo nesse último mês, esperando o marido sair da cadeia. Acho que da última vez que ele ia ser solto, acabaram deixando ele ficar mais um ano, e isto ia ser um desapontamento. Mas, realmente, quem comete um crime tem de ir para a cadeia, o que ela esperava? De minha parte, já tive alguns maridos que não eram de alta classe, mas um criminoso, isso eu não consigo entender. Bem, é cada um na sua, como dizem por aí. Ela está muito sozinha, os dois filhos mais velhos estão estudando em Atlanta para também não serem presos, e o mais novo também está lá, com a Mamãe, e então ela teve todo o tempo do mundo para inventar essa viagem. E, para dizer a verdade, ela só inventou a viagem para trazer um jipe *Land Rover* dos Estados Unidos até Kinshasa, onde ela e Anatole estão com a ideia louca de organizar uma fazenda comunitária no sul e depois atravessar para Angola quando for seguro, o que, pelo que eu ouvi falar, não deve acontecer ainda neste século. Além do mais, Angola é um país extremamente comunístico. E Mamãe liga por que a filha está planejando mudar para um país comunístico, onde as estradas estão atapetadas de minas? Nem um pouquinho! Ela e os amigos de Atlanta juntaram dinheiro e compraram um *Land Rover* com o motor reconicionado. E por falar nisso, Mamãe nunca me ajudou, nunca me deu um centavo para ajudar, por exemplo, a instalar os banheiros do segundo andar. Mas eu não ligo.

Só fui porque um amigo tinha acabado de morrer de uma doença muito longa, e eu estava meio abatida. Geoffrey andava falando claramente em casamento quando ficou doente. Era um homem ótimo, e muito rico. Geoffrey tinha um safari no Quênia, e foi lá que a gente se conheceu, foi muito romântico.

Mas ele já não era tão moço e pegou uma doença muito séria lá em Nairóbi. Mesmo assim, não existia homem melhor. Sem falar que eu já cheguei aos quarenta, no ano passado, embora ninguém me dê mais de trinta, portanto eu não estou nem ligando. De qualquer jeito, eu pensei que eu e Leah podíamos contar os problemas uma para a outra, já que a tristeza pede companhia, apesar dela ter um marido que pelo menos ainda está vivo, o que não é o meu caso.

O plano era que Adah viesse de navio até a Espanha com o *Land Rover*, e de lá, vir dirigindo até a África Ocidental. Eu não conseguia imaginar Adah dirigindo um carro. Mas Mamãe já tinha me escrito contando que a recuperação dela tinha sido um milagre. Assim, a gente devia se encontrar no Senegal e sair viajando por aí, vendo a paisagem. Depois Adah ia voltar para casa de avião e Leah e eu para Brazzaville, viajando juntas por segurança, apesar d’eu achar que a viagem de duas mulheres sozinhas é duas vezes mais perigosa do que a viagem de uma só. Principalmente minha irmã e eu! Ficamos sem falar durante a travessia de Camarões, e na maior parte do Gabão. Anatole, recém-saído da cadeia, foi nos encontrar em Brazzaville, e de lá eles seguiram para Kinshasa. Puxa vida, foi incrível ver ela pulando em cima dele e dando o maior beijo, na frente de todo mundo. E depois os dois saíram de mãos dadas, parecendo dois adolescentes, patati-patatá, falando numa língua meio congolesa, claro que para me excluir da conversa. O que não é fácil, considerando que eu falo três línguas.

Adeus, e já vai tarde. No último trecho da viagem, Leah parecia que ia estourar, de tão nervosa. Ela fez um interurbano de Libreville, para ter certeza que ele ia *mesmo* ser solto no dia seguinte, e depois disso ela veio voando. Ela nem quis conhecer o Equatorial — apesar da gente estar só a meio dia de viagem! Logo comigo, que acabei de ficar viúva. Isto eu não consigo perdoar na minha irmã. Ela disse que só aceitava ir se, primeiro, a gente passasse em Brazzaville para pegar Anatole, e depois irmos todos para o hotel. Na hora eu não disse nem sim nem não, tinha de pensar. O problema é muito mais delicado do que ela pensa. Nós temos uma política estrita de controle de entrada no hotel e, se a gente abre uma exceção, aonde vai parar? Talvez eu *pudesse* fazer uma exceção, mas tinha de pensar, e aí Leah imediatamente disse para eu esquecer. “Não se preocupe. Eu sei que você tem seus padrões de supremacia branca, não é?” E então montou no cavalo e pisou no acelerador. Aí a gente simplesmente parou de conversar. Pode crer, foi uma eternidade ficar ouvindo o barulho da *transmissão* e de todos os buracos da estrada ao longo de dois países inteiros.

Quando tudo acabou, eu fiquei tão feliz de estar de novo em casa, que preparei uma vodka dupla com tônica, chutei os sapatos, liguei o gravador e dancei sozinha no meio do restaurante. Se não me engano, tinha um grupo de compradores de algodão de Paris, então eu disse para os meus hóspedes: “meus

amigos, nada como a família para a gente dar valor aos estranhos!” Então eu dei um beijo na careca de cada um e ofereci uma rodada por conta da casa.

O problema da minha família é que, como a gente quase não se encontra, acaba esquecendo o tanto de conflito de personalidade que a gente tem. Leah e Adah e eu começamos a brigar desde o instante do encontro no Senegal. A gente nem conseguia ficar de acordo quanto ao lugar para onde ir ou onde ficar, nem quanto ao que comer. Toda vez que a gente encontrava algum lugar um pouquinho melhor do que horrível, Leah dizia que era muito caro. Ela e Anatole decididamente resolveram viver como mendigos. E Adah, sempre disponível, logo começava a recitar uma lista de micróbios causadores de doenças. Nós discutimos sobre praticamente tudo: até sobre comunismo! E não tinha nada que discutir. Eu só aconselhei Leah a pensar duas vezes sobre essa ideia de ir para Angola, porque os marxistas de lá estão tomando o governo.

— Rachel, as tribos Mbundu e Kongo estão em guerra tribal há muito tempo. Agostinho Neto deu a vitória aos Mbundu, porque tinha maior apoio popular.

— Mas, para sua informação, o próprio Dr. Henry Kissinger diz que Neto e sua laia são seguidores de Karl Marx e os outros são pró-Estados Unidos.

— Imagine! As tribos Mbundu e Kongo estão em guerra há pelo menos seiscentos anos, e finalmente o Dr. Kissinger descobre a causa: os Kongo são pró-Estados Unidos e os Mbundu seguidores de Karl Marx.

Adah só disse, “Ah!” Foi a primeira sílaba que ela não tinha ensaiado daquele dia. Ela agora fala, mas ainda não é de jogar conversa fora.

Adah estava no banco de trás. Leah e eu na frente. Eu estava dirigindo a maior parte do tempo, porque já estou acostumada. Tive de reduzir num sinal de Pare, porque os motoristas da África Ocidental são tão barbeiros quanto os de Brazzaville. Era muito difícil manter a concentração enquanto as minhas irmãs me aplicavam um questionário sobre a democracia no mundo.

— Vocês duas podem achar graça, mas podem ler os jornais. Ronald Reagan está nos protegendo dos ditadores socialistas e vocês deviam é agradecer.

— Quais ditadores socialistas?

— Não sei. Karl Marx! Não é ele que manda na Rússia?

Adah riu tão alto no banco de trás, que eu achei que ela ia acabar fazendo xixi.

Leah disse.

— Rachel, Rachel, vou te dar uma pequena aula sobre ciência política. Democracia e ditadura são sistemas *políticos*; têm a ver com quem participa da liderança. Socialismo e capitalismo são sistemas *econômicos*. Têm a ver com

quem possui a riqueza da nação, e quem consegue comer. Entendeu?

— Eu nunca disse que era uma especialista. Só disse que leio os jornais.

— Muito bem, Patrice Lumumba, por exemplo. Foi primeiro ministro do Congo, seu partido foi eleito pelo voto popular. Era um socialista que acreditava na democracia. Então ele foi assassinado, e a CIA o substituiu por Mobutu, um capitalista que acredita na ditadura. Neste espetáculo de Punch e Judy⁽²⁵⁾ que é a história americana, isto é um final feliz.

— Leah, saiba que eu tenho muito orgulho de ser americana.

Adah resmungou outra vez, e Leah deu um tapa na testa.

— Como você tem coragem de dizer uma coisa dessas! Você passou a metade da sua vida sem jamais pôr os pés lá.

— Mas ainda sou cidadã americana. Eu ainda mando hastear a bandeira americana no bar e comemoro todo 4 de julho.

— Impressionante!

Nós estávamos na estrada de terra que segue ao longo da costa até o Togo. Apareciam praias compridas, com palmeiras balançando ao vento e bandos de crianças nuas na areia muito branca. Parecia um cartão postal. Eu queria parar aquela discussão idiota para a gente poder se divertir. Não sei por que Leah tem sempre de fazer comício.

Para acabar com a discussão, informei a ela:

— Pois fique sabendo que o seu precioso Lumumba ia tomar o poder e ser um ditador igual a todos. Se a CIA e os outros acabaram com ele, foi pela causa da democracia. Todo mundo sabe disso.

Neste instante Adah finalmente falou.

— Todo mundo que está vivo. E os mortos? O que eles disseram?

E Leah continuou.

— Ouça, Rachel. Isto você entende. Numa democracia, Lumumba teria durado mais do que dois meses no poder. Os congoleses teriam podido decidir se ele era bom; e se não fosse, poderiam substituí-lo.

Aí eu estourei.

— O povo aqui não tem condição de decidir nada sozinho. Pode crer, meus cozinheiros ainda não conseguem lembrar de usar a omeleteira para fazer omelete! Pelo amor de Deus, Leah, você sabe, tão bem como eu, com eles são.

— Sei mesmo Rachel. Eu me casei com um deles.

Toda hora eu esqueço.

— Não consigo manter a boca fechada.

— Nunca — respondeu Adah.

Durante toda a viagem, acho que nós três só conseguimos conversar normalmente durante uma tarde. Tínhamos chegado a Benin, todas ainda vivas, e

Adah queria ver as famosas aldeias construídas sobre estacas. Acontece que não tinha mais estrada até lá. Leah e eu tentamos explicar a ela que na África é assim: a estrada está aqui hoje, e não existe mais amanhã. Toda hora a gente vê uma placa do tipo: “Se esta placa estiver debaixo d’água, esta estrada está interrompida.” *Nisso a gente conseguia concordar.*

Então nós fomos a um lugar antigo em Abomey, a única atração turística num raio de centenas de quilômetros. Seguimos o mapa até Abomey, e por sorte a estrada ainda não tinha acabado. Paramos no centro da cidade, que tinha jacarandás enormes e era muito estranho. Foi fácil encontrar a entrada das ruínas, que estava cercada de enormes muros de barro e tinha uma entrada grandiosa. Encontramos um guia que falava inglês cochilando num banco perto da entrada, e ele concordou em nos mostrar o palácio. Segundo ele, em séculos passados, antes da chegada dos franceses, os reis do Abomey tinham palácios enormes e roupas muito bonitas. Registraram sua história em tapeçarias fabulosas que ficavam penduradas nas paredes dos palácios, e tinham facas e espadas que usavam para conquistar e escravizar os povos vizinhos. Eles matavam gente por qualquer coisa, e depois usavam os crânios dos inimigos favoritos para decorar a casa. É verdade! Vimos todas essas coisas — as tapeçarias mostrando aquelas violências, as espadas e facas e até um trono com crânios presos nas quatro pernas, cobertos de folhas de bronze, como os nossos sapatinhos que Mamãe guardou de lembrança.

— É exatamente o tipo de decoração para o saguão do Equatorial — disse eu, apesar da ideia que todos aqueles crânios tinham sido cabeças de gente de verdade ser um pouco demais para as três horas da tarde.

Aquilo não foi um reino de conto de fada. Eles forçavam as mulheres a casar com o rei para produzirem muitos filhos. Um rei podia ter, sei lá, 50, cem mulheres, fácil, fácil. Mais ainda, se ele fosse realmente importante. Pelo menos foi o que o guia contou, talvez para nos impressionar. Nas comemorações, eles arrastavam e matavam um monte de escravos, trituravam os ossos junto com o sangue e misturavam com o barro para construir mais paredes de templos! E toda vez que um rei morria, 40 de suas mulheres eram enterradas com ele!

Eu interrompi o guia para perguntar.

— E quais eram as escolhidas para serem enterradas, as favoritas ou as mais feias, ou quem?

O guia disse que ele achava que eram as favoritas. Imagine a situação! O rei adoece e todas as mulheres esquecem o cabelo e ficam comendo doce dia e noite para ficarem feias.

Apesar das discussões entre Leah e eu durante toda aquela semana, naquela tarde no palácio de Abomey, não sei por que, nós ficamos caladas como

morcegos mortos. Já vi muita coisa na minha vida: choques raciais na África do Sul, festas na embaixada em Brazzaville, compras em Paris e Bruxelas, safari no Quênia; já vi de tudo. Mas aquele palácio era completamente diferente. Era de dar medo. Andamos ao longo de corredores estreitos, admirando as obras de arte, e tremendo quando aparecia um pedaço de osso saindo da parede. Todas as nossas discussões, de repente pareceram sem importância, diante de todos aqueles mortos à nossa volta. Tremi dos pés à cabeça, apesar do dia estar muito quente.

Leah e Adah andavam na minha frente, acho que para ficar longe do guia, porque as duas gostam mesmo é das próprias explicações para tudo, e ao olhar para as duas, fiquei chocada de ver como elas eram parecidas. As duas tinham comprado blusas coloridas no mercado do Senegal, Adah para usar em cima do jeans, Leah para usar com as saias compridas (não vejo nenhuma necessidade de ficar parecendo uma nativa e prefiro minha blusa de algodão) e, como disse a Mamãe, Adah realmente já não manca nem um pouquinho. Além do mais, ela *fala*, o que mostra que a infância dela não foi completamente sincera. Hoje ela tem exatamente a mesma altura de Leah, o que não tem explicação. Elas já não se viam há anos, e estavam aqui até com o mesmo penteado! Cabelo até os ombros, puxado para trás, o que nem está na moda.

De repente eu percebi que elas estavam falando do Papai.

Leah estava dizendo:

— Não, tenho certeza de que é verdade. Acho que era ele. Acho que ele está mesmo morto.

Para mim isso era novidade. Apressei o passo para alcançar as duas, apesar de continuar um pouco para trás.

— Você está falando do Papai? Pelo amor de Deus, por que você não me contou nada?

— Acho que eu estava esperando uma hora propícia para conversarmos.

E o que Leah pensava que nós tínhamos feito durante os cinco últimos dias? Só conversa.

— Pois esta é a hora perfeita.

Ela pensou um pouco e então contou tudo sem floreios.

— Nos cinco últimos anos, eu vinha recebendo notícias de que ele andava perto de Lusambo, indo de uma aldeia para a próxima. No verão passado encontrei um agente agrícola que havia trabalhado por lá e ele confirmou as últimas notícias de Papai. Ele tinha morrido.

— Puxa vida, e eu nem sabia que ele tinha mudado. Esse tempo todo eu pensei que ele ainda estava lá em Kilanga.

— Não. Ao longo dos anos ele foi subindo o Rio Kasai, sem fazer muitos

amigos, pelo que me contaram. Não voltou a Kilanga, isto eu sei com certeza. Ainda temos contato com Kilanga. Algumas das pessoas que conhecemos ainda estão lá. Muitas já morreram.

— O que você quer dizer? Quem a gente conheceu lá?

Honestamente, eu não conseguia lembrar de ninguém. Nós fomos embora, Axelroot foi embora. Os Underdowns voltaram para a Bélgica, e eles nem estiveram lá.

— Vamos falar disso mais tarde. Este lugar já está cheio demais de gente morta.

Eu só podia concordar. Então nós terminamos a visita em silêncio, tentando não olhar para os ossos que saíam das paredes.

— A perla do seu olho sai — um comentário típico da Adah.

— A nove metros jaz meu pai — Leah respondeu.

Mas do que elas estavam falando? Eu não vi nenhuma pérola. Aquelas duas tinham uma ligação muito estranha, só delas. Mesmo quando uma não aguenta mais a outra, ainda assim cada uma sabe do que a outra está falando, e ninguém mais sabe. Mas não fiquei com raiva. Já tenho idade suficiente para pensar sozinha e descobrir minhas próprias aventuras na vida. Sonhei que estava andando pelo palácio de Abomey usando um soutien *Maidenform*!

Talvez há muitos anos eu tenha tido um pouco de ciúme de Leah e Adah por elas serem gêmeas. Mas, por mais parecidas que elas fossem, eu via que, por dentro, uma era tão diferente da outra quanto o dia e a noite. Eu também sou diferente, nem dia nem noite, um feriado. Então lá estávamos nós, o dia, a noite e o feriado, e por um momento houve uma trégua.

Mas é claro que logo acaba. Conosco é assim. Entramos numa cidadezinha para procurar alguma coisa fria para beber, e encontramos um lugar decente, e sentamos do lado de fora, numa mesa de metal olhando o movimento de gente e cachorros, todo mundo, sem exceção, levando alguma coisa na cabeça. Menos os cachorros, é claro. Tomamos algumas cervejas e estava tudo muito agradável. Leah continuou a contar as notícias da importantíssima aldeia da nossa juventude, que na minha opinião era melhor esquecer. Eu queria saber do que Papai tinha morrido. Mas achei que não era educado insistir. Então, tirei os óculos de sol e me abanei com o mapa da África Ocidental.

Leah contava nos dedos:

— Mama Mwanza ainda está forte. Mama e Tata Nguza também. Tata Boanda perdeu a mulher mais velha, mais ainda tem Eba. O filho de Tata Ndu agora é o chefe. Não o mais velho, Gbenye, este foi expulso da aldeia.

— Aquele que roubou o veadozinho que você caçou — comentou Adah.

— É, ele mesmo. Pelo que eu entendi, ele estava sempre arrumando briga.

Péssimo chefe. Então eles escolheram o segundo filho, Kenge. Não me lembro bem dele. Tata Ndu morreu de febre em consequência de um ferimento.

Aí eu comentei, sarcástica.

— Que pena! Meu quase marido.

— Poderia ter sido alguém pior, Rachel.

Leah emendou.

— Foi alguém pior.

Não gostei e disse que não gostei. Ela me ignorou.

— Nelson se casou, dá para acreditar? Tem duas filhas e três filhos. Mama Lo já morreu; dizem que ela tinha cento e dois anos, mas eu duvido. Tata Kuvudundu morreu há muito tempo. Ele perdeu o respeito por causa da... por causa do que fez conosco.

— Por causa da cobra? — perguntei.

Ela deu um suspiro profundo e olhou para o céu.

— Por tudo.

Ficamos esperando, mas Leah ficou batendo os dedos na mesa, parecendo que aquilo era tudo. Depois continuou.

— Pascal morreu, é claro, há muito tempo. Foi morto pelos soldados do exército numa estrada perto de Bulungu.

Ela estava olhando para o outro lado, mas vi que ela estava com lágrimas nos olhos. Eu tive que raspar o fundo da memória para lembrar daquela gente.

— Pascal, seu *filho*?

Adah me informou que eu era uma imbecil.

— Pascal, nosso amigo de infância, meu filho recebeu este nome em homenagem a ele. Ele morreu há dezoito anos, um pouco antes do nascimento do meu Pascal, quando nós ainda estávamos em Bikoki. Eu nunca lhe contei, Rachel, porque sempre achei que você não ia ligar. Foi quando você estava em Joanesburgo.

— Pascal, nosso amigo? Ah, aquele menino de calça furada que vivia com você?

Leah concordou com a cabeça, olhando para os jacarandás que faziam sombra na rua. As flores, enormes flores roxas, caíam, uma de cada vez, na rua, como senhoras que deixam cair o lençinho para chamar a atenção. Acendi outro cigarro. Pensei que dois pacotes de *Lucky Strike* iam durar toda a viagem, mas com aquela tensão toda, já estavam quase no fim. Ficava apavorada só em pensar. Na rua tinha uma porção de meninos sujos que vendiam cigarros de nomes como *Black Hat* ou *Mr. Bones*, para lembrar que não têm filtro, têm o gosto de asfalto e matam a gente em três tempos. Cigarro africano não presta.

Finalmente eu falei, cutucando Leah.

— E o Papai. O que aconteceu?

Ela continuou olhando para a rua, onde passava todo tipo de gente. Parecia que ela estava esperando alguém. Então ela deu um suspiro, pegou um dos meus últimos preciosos cigarros e acendeu.

— Vou ficar enjoada.

— Com o quê? O cigarro ou a história de Papai?

Ela riu.

— Os dois, além da cerveja. Não estou acostumada com tudo isto.

Deu uma tragada e olhou de cara feia para meu *Lucky Strike*, como se ele mordesse.

— Vocês deviam me ver brigando com os meninos por causa disto.

— Leah, conte.

— Oh, foi terrível. Ele estava lá na curva norte do Kasai, um lugar onde antes plantavam café. Ainda estava tentando batizar crianças. Disto eu tenho certeza. Fyntan e Celine Fowles sempre passam por lá.

— O irmão Fowles. Você ainda tem contato com ele? Minha nossa, Leah. Entramos na hora da saudade. E ele ainda conhecia o Papai?

— Na verdade eles nunca o viram. Acho que Papai tinha passado do ponto. Ele fugia de estranhos. Mas os dois sempre ouviam histórias a respeito de um feiticeiro branco chamado Tata Prize. Pelo que diziam as pessoas, eles tiveram a impressão de que ele era realmente muito velho. Quer dizer, *velho* mesmo, com uma longa barba branca.

— *Papai?* Não consigo imaginar, de barba. Quantos anos ele devia ter hoje? Uns sessenta?

— Sessenta e quatro — respondeu Adah.

Apesar de ela agora falar, parecia que ela ainda estava passando recados escritos na folha da caderneta.

— Ele ficou muito famoso por se ter transformado em crocodilo para comer criancinhas.

Eu ri e comentei.

— Isso eu consigo imaginar.

Os africanos são muito supersticiosos. Um de meus empregados jura que o chefe da cozinha se transforma em macaco e rouba coisas dos quartos dos hóspedes. Eu acredito!

— Ele ainda está tentando levar o cavalo para perto da água — disse Adah.

— Que cavalo?

— Mas, houve mesmo um incidente horrível no rio. Um crocodilo virou um bote cheio de crianças, e todos morreram, afogados ou comidos pelos crocodilos. Papai recebeu a culpa. Enforcado sem julgamento.

Pus a mão no pescoço.

— *Jesus!* Enforcado *mesmo*?

Leah parecia irritada, mas tinha lágrimas nos olhos.

— Não. Enforcado não. Queimado.

É evidente que aquilo estava sendo muito difícil para Leah. Estendi a mão e peguei a dela.

— Meu bem, eu sei. Ele era nosso pai, e você era a mais ligada a ele. Mas ele era ruim como cobra. Tudo que aconteceu com ele, ele mereceu.

Ela tirou a mão da minha para passar nos olhos e no nariz. Estava com raiva.

— Eu sei! O povo da aldeia já tinha pedido centenas de vezes para ele ir embora, mas ele sempre voltava. Dizia que não iria embora enquanto não tivesse levado todas as crianças até o rio para mergulhar. Todo mundo ficou morrendo de medo. Então, depois do incidente no rio, eles acharam que ele já tinha passado dos limites, todo mundo se armou com porretes e foram atrás dele. Talvez eles só quisessem expulsá-lo mais uma vez, mas acho que Papai reagiu.

Comentei.

— Com toda certeza, ele ainda estava falando de fogo e enxofre enquanto corria olhando por cima do ombro.

— Eles o cercaram num cafezal antigo e ele subiu para uma das torres de vigia que sobraram dos tempos da colônia. Vocês sabem do que eu estou falando? Elas eram chamadas *tours de maître*. Torres do patrão, de onde os feitores ficavam observando os catadores de café para escolher quem seria açoitado no fim do dia.

— E eles puseram fogo nele?

— Puseram fogo na torre. Tenho certeza de que ela queimou como uma caixa de fósforos. As torres tinham mais de vinte anos, eram de madeira seca da floresta.

— Aposto que ele pregou a Bíblia até o final — comentei.

— Dizem que ele esperou até pegar fogo, e então pulou. Ninguém quis pôr as mãos nele, e ele ficou lá para os bichos.

Pensei que ninguém na aldeia ia tomar café durante um bom tempo! Mas a hora não era boa para piadas. Pedi mais uma rodada de cerveja *Elefante*, e cada uma de nós ficou imersa nos próprios pensamentos.

Então Adah ficou diferente e disse.

— Foi o Verso.

Leah perguntou.

— Qual?

— O *último*. Velho Testamento. Segundo Macabeus 13:4.

— Não me lembro deste.

Adah fechou os olhos durante um momento e então recitou.

— O Rei dos reis excitou a cólera de Antíoco contra aquele celerado. E quando Lísias informou ao rei que aquele homem era a causa de todos os males, ele mandou que fosse morto de acordo com o costume daquele lugar. Pois há uma torre de cinquenta côvados, cheia de cinzas e de lá eles lançam para a destruição o homem culpado de sacrilégio ou conhecido por outros crimes. Assim morreu o violador da Lei, e ficou sem sepultura. E com muita razão. Por ter cometido numerosos pecados contra o altar, cujo fogo e cinza eram puros, foi na cinza que encontrou a morte.

— Santa merda — disse eu.

Leah perguntou.

— Como é que você sabe este Verso?

— Devo ter recebido este Verso pelo menos umas cinquenta vezes. É o Verso final do Velho Testamento, é o que eu estou tentando lhe dizer. Conte cem versículos antes do final. É preciso incluir a Apócrifa, o que ele sempre fazia, é claro.

Perguntei.

— E qual é o final, a lição a ser aprendida?

— A última frase do Antigo Testamento: “E este será o fim.”

Assombradas, Leah e eu repetimos juntas.

— E este será o fim.

Depois disso ficamos mudas durante mais ou menos uma hora, ouvindo os ruídos na garganta cada vez que alguém engolia a cerveja. E Leah fumou os dois últimos *Lucky Strikes* na África Ocidental.

Finalmente ela perguntou.

— E por que ele deu este verso para você tantas vezes? Ele nunca me passou esse.

E isso, na minha opinião, não tinha a menor importância. Mas Adah sorriu e respondeu como se fosse importante.

— Por que você acha, Leah? Por ser lenta.

Pouco depois senti o cheiro de madeira queimando. Alguns vendedores estavam começando a grelhar carne do outro lado da rua. Me levantei e comprei um pouco com meu próprio dinheiro, para não ter de ouvir Leah dizer que era muito caro nem Adah fazer a relação de todos os micróbios que viviam dentro daquela carne. Comprei uns espetinhos de frango, que trouxe para a mesa em papel encerado.

— Comam e alegrem-se. Saúde.

Adah respondeu.

— Em memória de Papai.

Ela e Leah examinaram o shish'kebab, olharam uma para a outra e trocaram um daqueles risos secretos.

Mastigando, Leah continuou.

— Mas realmente, ele era um homem de incrível tenacidade, é preciso reconhecer. Ele foi seu próprio livro de história. Tata Boanda e o irmão Fowles nos mandavam notícias regularmente, quando ele ainda estava perto de Kilanga. Eu poderia ter ido vê-lo, mas nunca tive coragem.

Perguntei.

— E por que não? Eu teria ido, só para dizer para onde ele devia ir.

— Acho que fiquei com medo de vê-lo louco. Com o passar do tempo, as histórias foram ficando cada vez mais disparatadas. Por exemplo, diziam que ele tinha tido cinco mulheres, mas tinha sido abandonado por todas.

— Esta é boa. Papai, o batista bígamo — comentei.

— Ou o Pentágamo Pentecostal — retrucou Adah.

— Acho que esta foi a melhor morte que ele poderia ter tido. Nas chamas da glória. Tenho certeza de que ele estava certo de que estava no bom caminho. Ele nunca abandonou o navio.

— É chocante ele ter durado o tempo que durou.

— É mesmo. Ele podia ter morrido há quinze anos de tifo, doença do sono, de malária ou de uma mistura delas todas. Tenho certeza de que ele esqueceu completamente da higiene, depois que Mamãe foi embora.

Adah não disse nada, mas como era a médica, ela é que devia saber tudo sobre doenças, e não devia estar gostando de Leah posar de especialista. Conosco é assim. Uma chega um pouco mais longe, e já está pisando no pé de alguma irmã.

De repente, lembrei.

— Meu Deus, você já escreveu para Mamãe? Para dar notícias de Papai?

— Não, achei que Adah podia preferir dar pessoalmente a notícia.

Adah comentou calmamente.

— Acho que ela já o considera morto há muito tempo.

Terminamos os shish'kebabs, conversamos um pouco sobre Mamãe, e eu até consegui falar um pouco do Equatorial. Por um momento eu até pensei que íamos chegar ao fim daquela tarde comportando como uma família decente. Mas então, é lógico que Leah começou a falar de Mobutu, que tinha prendido o marido dela, de como o exército aterroriza todo mundo, do último esquema de propinas do Zaire, que aliás, cá entre nós, é a única razão de eu ainda ter clientes do outro lado do rio, mas eu não disse nada. Depois ela começou a contar como os portugueses, belgas e americanos acabaram com a coitadinha da África.

Aí eu falei quase aos gritos.

— Leah, estou cheia dessa sua história lagrimosa.

Eu já tinha bebido um pouco demais, estava sem cigarros e com calor. Sou tão loura que o sol vai direto para minha cabeça. E depois de tudo o que a gente tinha acabado de ver no palácio, matança de mulheres e ossos de escravos nas paredes! Aquele horror nada tinha a ver conosco; tudo tinha acontecido centenas de anos antes. Eu disse para elas que os nativos já estavam prontos, esperando os portugueses aparecerem para comprar escravos. O rei de Abomey deve ter ficado encantado de poder trocar 15 vizinhos por um belo canhão português.

Mas Leah sempre tem uma explicação para tudo, naturalmente com palavras muito difíceis. Ela disse que nós não podíamos entender como era o ambiente social deles antes da chegada dos portugueses.

— Este lugar é muito pobre. Nunca poderia ter suportado uma população grande.

Examinei as unhas, que estavam realmente horrorosas.

— E daí?

— Daí que o que nos parece assassinato em massa, provavelmente é apenas um ritual que não foi bem interpretado. Eles deviam ter meios de controlar o tamanho da população em tempos de fome. Talvez eles até achassem que os escravos iam para um lugar melhor.

Adah comentou.

— Um assassinatozinho ritual, uma mortalidadezinha infantil, alguns dos processos naturais, saudáveis e assustadores, tão naturais que a gente até esquece.

A voz dela estava muito parecida com a da Leah, mas acho que ela estava brincando. Leah *já* brinca.

Leah olhou para Adah e depois para mim, tentando decidir quem era o inimigo de verdade. Decidiu que era eu.

— Você não pode pensar que o que é certo ou errado para nós também tem de ser certo ou errado para eles.

— Não matarás. Isso não é simplesmente a nossa forma de pensar. É o que está na Bíblia.

Leah e Adah sorriram uma para a outra.

— Certo. À saúde da Bíblia — Leah bateu a garrafa na minha.

Adah também levantou a garrafa.

— Tata Jesus é *bāngala*!

As duas se olharam e começaram a rir como hienas, e Leah gritou.

— Jesus é veneno! À saúde do Pastor do Veneno. E à saúde de suas cinco mulheres!

Adah parou de rir.

— Somos *nós*.

— O quê? Quem?

— As cinco mulheres de Nathan. Eles estavam falando de *nós*.

Leah olhou para ela.

— Você tem razão.

É como eu disse: noite, dia e feriado. Eu já nem tento entender.

Adah Price

ATLANTA

JANEIRO, 1985

A nove metros jaz teu pai

De seus ossos o coral se faz

Do seu olho a perla sai

Tudo que nele se desfaz

O fundo do mar reforma

Em coisa rica e sem forma

Não se trata de uma questão mortal. O homem nos ocupou enquanto vivia e ainda continua a reclamar seus direitos. Teremos agora de levar para nossos quatro diferentes destinos seus restos, reformados pelo mar, ricos e sem forma. Isoladas, desordenadas, passamos nossas horas mais negras olhando aquelas pérolas, aqueles ossos de coral. Foi dessa matéria que eu saí? Quantos pecados dele também são meus? Qual a minha parte no seu castigo?

Rachel parece incapaz de sentir remorso, mas não é. Usa aqueles pálidos olhos brancos em volta do pescoço para poder olhar para todas as direções e rechaçar qualquer ataque. Leah pegou tudo — ossos, dentes e cabelos — e teceu alguma coisa parecida com a camisa áspera dos penitentes. A criação de Mamãe é tão elaborada que não consigo descrevê-la. Ocupa tanto espaço dentro da casa que, no escuro, ela é obrigada a se desviar com cuidado.

Depois de muitos anos de trabalho voluntário em Atlanta, Mamãe se mudou para a costa da Georgia, para um vilarejo de casas envelhecidas pelo tempo na ilha de Sanderling. Mas levou o tesouro submerso para a casinha da praia. Ela fica fora da casa a maior parte do tempo, acredito que para evitá-lo. Quando vou visitá-la, ela sempre está no jardim murado, as mãos enfiadas na terra, fixando as raízes de camélias. Quando não está em casa, vou até o final da rua para encontrá-la na amurada junto ao mar, de capa e sem sapatos, encarando o oceano. Orleanna e a África se enfrentam. Os meninos de bicicleta se desviam daquela velha descalça e de capa, mas eu sei que ela não está louca. A decisão

mais saudável de Mamãe é a de usar apenas a roupa necessária e esquecer o resto. Sapatos iriam apenas atrapalhar a conversa, pois ela está constantemente falando com a terra sob seus pés. Pede perdão. Confessar, renegar, repudiar e refazer o curso odioso dos acontecimentos para tentar entender a própria cumplicidade. Acho que isto se aplica a todas nós. Tentar inventar nossa própria versão da história. Todas as odes humanas se reduzem essencialmente a uma: “Minha vida: o que roubei da história, e como viver com isso.”

De minha parte, roubei um braço e uma perna. Ainda sou Adah, mas é difícil me reconhecer, pois agora não manco mais. Meu andar agora é absolutamente normal. É estranho que tenham sido necessários vários anos para eu me acostumar com a nova condição. Descobri que já não tenho *Ada*, o mistério de ir e vir. Ao parar de mancar, também perdi a capacidade de ler como antigamente. Quando abro um livro, as palavras se organizam em fila única na página; os poemas espelhados se apagam antes de se formarem na minha mente. Tenho saudade daqueles poemas. Às vezes eu manco, à noite em segredo pelo meu apartamento, tal como Mr. Hyde, tentando recuperar as velhas formas de ver e pensar. E, tal como Jekyll, sinto falta daquela área escura que havia dentro de mim. Às vezes quase acontece. Os livros na estante se levantam em filas compactas de cores cantantes, o mundo desaparece e as formas ocultas aparecem diante de meus olhos. Mas sempre dura muito pouco. Quando chega a manhã, os livros voltam a se reunir, de costas para o mundo, fossilizados, inanimados.

Ninguém mais sente saudades de *Ada*. Nem Mamãe. Ela parece absolutamente feliz por ver o pássaro deformado que gerou finalmente recuperado e voando.

— Mas eu gostava de ser como eu era.

— Oh, Adah. Eu também. Nunca pensei em você como *menos*, mas sempre quis o melhor para você.

Mas não é boa esta moralidade simples da nossa Civilização Ocidental? Esperar a perfeição e insultar os imperfeitos! Adah, a coitadinha, hemiplégica, egrégia, assédio. Decidiu-se há pouco que pele escura e aleijões não devem mais ser consideradas culpas dos portadores, mas estes devem ter a gentileza de se mostrar envergonhados. Quando Jesus curava aqueles mendigos aleijados, eles sempre se levantavam e saíam dançando do palco, sacudindo a bengala e girando a cartola! Hurra, muito melhor agora, hurra!

Se você é normal, há de perguntar: mas por que eles não deveriam ficar felizes? Será que algum desses pobres aleijados miseráveis não quer ser como eu?

Não necessariamente. A arrogância das pessoas normais é assustadora. É claro que gostaríamos de chegar rapidamente aonde vamos e carregar coisas nas

duas mãos, mas isso ocorre somente porque somos obrigados a competir com vocês ou, caso contrário, condenados a receber o Verso. Gostaríamos de continuar sendo como *nós*, e de nos sentirmos bem.

Como explicar que a soma das minhas duas metades desajustadas era maior do que o todo? No Congo, metade de mim era *benduka*, a aleijada que manca, e metade *bënduka*, o pássaro elegante que mergulha e emerge das margens com uma surpreendente falta de graça, que era de tirar o fôlego. Nós dois tínhamos nossos pontos positivos. Aqui não existe um nome adequado para o meu dom, e assim ele morreu sem uma cerimônia condigna. Sou agora a boa doutora Price, que vê as coisas igual a todo mundo, que concorda em pensar direito.

Como vou inventar a minha própria versão da história, sem a minha visão deformada? Não é certo abandonar a antiga pele e se afastar da cena do crime. Chegamos, vimos, roubamos e doamos, temos o direito às nossas angústias e arrependimentos. Mamãe sempre tenta se lavar, mas continua presa ao seu barro e ao seu pó. Mamãe é *implacável*. Diz que agora sou a sua caçula, mas ainda se agarra à sua filha querida. Tenho a impressão de que ela só vai se aliviar deste peso no dia em que ouvir o perdão da própria Ruth May.

Logo que voltei, fui ao litoral para vê-la. Sentamos no sofá, já quase sem estofado, com minhas fotografias da África, espalhando-as, montando um quadro de cores vivas entre as conchas da mesinha.

— Leah está magra, mas ainda anda muito depressa.

— E como está Rachel?

Era uma boa pergunta.

— Apesar de todas as situações extraordinárias, se Rachel voltar a Bethlehem para uma reunião da turma do ginásio, vai ganhar o prêmio de “a que menos mudou”.

Mamãe examinou por alto as fotografias, exceto as que mostravam minhas irmãs. Estas, ela examinava por muito tempo, como se estivesse ouvindo pequenas confissões silenciosas.

Finalmente fiz-lhe a minha confissão. Contei a ela que ele tinha morrido. Ela demonstrou muito pouca curiosidade pelos detalhes, mas mesmo assim eu contei os mais importantes.

Ela me pareceu confusa. Então falou.

— Tenho uns amores-perfeitos para plantar.

Deixou a porta bater ao sair para a varanda dos fundos. Eu a segui e a encontrei com o chapéu velho de jardinagem, uma pazinha na mão e os amores-perfeitos na outra. Ela andou curvada sob as madressilvas até o jardim, usando a

pá como se fosse um facão para abrir caminho quebrando alguns ramos mais crescidos da floresta do terreiro. Passamos pelo canteiro de alfaces junto ao portão, onde ela se ajoelhou e começou a fazer buracos na terra com a pazinha. Eu me agachei perto, observando. O chapéu tinha uma aba muito larga, e a copa estava toda rasgada, como se os pensamentos na sua cabeça tivessem explodido vezes sem conta.

— Leah acha que ele deve ter gostado de morrer daquela forma. Numa chama gloriosa.

— Não dou a menor importância para o que ele queria.

A terra úmida encharcou os joelhos da calça em duas enormes manchas escuras que se espalhavam como sangue enquanto ela trabalhava.

— Você está triste por ele ter morrido?

— Adah, isso não tem o menor significado para mim.

Então por que você está triste?

Ela pegou as mudas, desembaraçou as raízes brancas. Enfiou-as na terra com as mãos nuas, apertando carinhosamente, como se estivesse deitando na cama uma infinidade de crianças. Com as costas da mão esquerda, limpou as lágrimas que escorriam pelas duas faces, traçando nelas riscos de terra. *Viver é ser marcado*, disse sem falar. *Viver é mudar, morrer um milhão de mortes. Eu sou mãe, você não é, ele não era.*

— Você gostaria de esquecer?

Ela parou um momento com a pazinha apoiada no joelho e olhou para mim.

— Nós não temos o *direito* de lembrar.

— E quem disse que não?

— Até hoje, nenhuma mulher em Bethlehem me perguntou como foi que Ruth May morreu. Você sabia?

— Eu já imaginava.

— E todas aquelas pessoas com quem eu trabalhei em Atlanta, em direitos civis e na assistência à África. Nunca conversamos a respeito do meu marido louco que ainda estava no Congo. Todo mundo sabia. Mas era embaraçoso para eles. Parecia que eles pensavam que tudo aquilo se refletia horivelmente sobre mim.

— Os pecados do pai.

— Ninguém discute os pecados do pai. É assim e ponto final.

Ela voltou ao trabalho de furar a terra.

Sei que ela tem razão. Até o Congo tentou sair da própria pele, fingir que não tem feridas. *Congo* era uma mulher nas trevas, de coração escuro, marchando ao som do tambor. Zaire é um jovem que atira sal sobre os ombros. Todas as feridas antigas receberam nomes novos: *Kinshasa*, *Kisangani*. Nunca

houve um rei Leopoldo, nem um ousado Stanley, enterre-os, esqueça-os. Ninguém tem nada a perder, a não ser as correntes.

Mas eu não concordo. Se algum dia você foi algemado, seus braços sempre terão as marcas das algemas. O que você tem a perder é a sua própria história, sua própria opinião. Ou você olha para as cicatrizes nos braços e só vê feiura, ou então você toma todo o cuidado para não olhar para elas, para não vê-las. De uma forma ou de outra, você fica sem palavras para contar a história da sua origem.

— Mas eu vou discutir. Eu o desprezava. Ele era um homem desprezível.

— Bem, Adah, você nunca teve medo de dar nome às coisas.

— Sabe quando eu mais o odiei? Foi quando ele ridicularizava os meus livros. Minha letra e minha leitura. E quando ele batia em qualquer uma de nós. Especialmente em você. Sonhei em pegar querosene e pôr fogo na cama dele. Só não pus porque você também estava dormindo nela.

Ela me olhou sob a aba do chapéu. Olhos bem abertos, de um azul granítico.

Terminei.

— É verdade.

Estava claro na minha lembrança. Eu sentia o cheiro do querosene encharcando os lençóis. Ainda sinto.

— Então por que você não o fez? Nós dois juntos. Você bem poderia.

Porque então você também se libertaria. E eu não queria. Eu queria que você se lembrasse do que ele fez conosco.

Por fora posso ser alta e elegante, mas por dentro sempre hei de ser a Adah. Uma pessoa pequena e deformada que tenta dizer a verdade. O poder está no equilíbrio: somos nossas cicatrizes assim como somos o nosso sucesso.

Leah Price Ngemba

DISTRITO DE KIMVULA, ZAIRE

1986

Tenho quatro filhos, cujos quatro nomes são homenagens a homens que perdemos na guerra: Pascal, Patrice, Martin-Lothaire e Nataniel.

Taniel é o nosso milagre. Nasceu no ano passado, um mês antes do esperado, depois da longa viagem no *Land Rover* em que nossa família se mudou de Kinshasa para a fazenda no Distrito de Kimvula. Ainda estávamos a dez quilômetros da aldeia, quando a minha dor crônica nas costas se espalhou numa contração profunda e dura como pedra no baixo ventre, e eu compreendi horrorizada que já estava em trabalho de parto. Desci do carro e andei bem devagar até atrás do jipe, para acalmar meu pânico. Anatole devia estar muito preocupado com a minha conduta estranha, mas não adianta discutir com uma mulher em trabalho de parto; portanto ele saiu e andou comigo, enquanto os meninos brigavam para saber quem ia dirigir. Lembro-me vagamente das lanternas traseiras vermelhas brilhando à nossa frente na estrada escura da floresta, sacudindo tediosamente, e a chuva vespertina que ameaçava cair. Depois de algum tempo, sem dizer nada, fui para a margem da estrada e me deitei num monte de folhas úmidas entre as raízes enormes de uma árvore. Anatole se ajoelhou ao lado da minha cabeça e ficou me acariciando o cabelo.

— É melhor você se levantar. Aqui está escuro e úmido, os nossos filhos espertos foram embora e nos deixaram para trás.

Levantei a cabeça e procurei o jipe, que realmente tinha desaparecido. Eu tinha de explicar uma coisa a Anatole, mas não agora, bem no meio de uma contração. Bem em cima da minha cabeça, a árvore, os galhos irradiando-se do grande tronco branco. Contei o número de galhos, como se fossem os números no mostrador do relógio, lentamente, um suspiro para cada número. Dezesete. Um longo minuto, talvez uma hora. A contração passou.

— Anatole. Eu vou ter este filho aqui e agora.

— Ah, Béene. Você nunca teve mesmo paciência.

Os meninos ainda dirigiram durante algum tempo, até parar e dar marcha a

ré, graças a Deus e a Martin Lothaire. Ele tinha perdido a briga para dirigir e estava emburrado na janela de trás, quando teve a ideia de gritar para o irmão parar.

— Espere, espere. Mamãe deve estar tendo o bebê.

Como um louco, Anatole espalhou as coisas pelo jipe até encontrar um tapete de capim-elefante e algumas camisas (pelo menos tudo o que era nosso estava conosco e estava limpo). Ele me fez sentar para colocar essas coisas sob meu corpo. Não me lembro. Só me lembro da tensão nas minhas coxas e da bacia se curvando para frente num esforço mais poderoso que qualquer esforço humano — a necessidade de expulsar. Ouvi um urro, que acho que foi meu, e então Nataniel estava conosco, sujando de sangue uma camisa limpa de Anatole e um *pagne* macio, estampado com aves amarelas.

Anatole fez uma dança alegre e congratulatória. Ainda não se tinha passado um ano desde que saíra de Camp Hardy, e ele estava feliz por seu filho ter escapado daquele confinamento solitário. Mas o bebê estava fraco. Anatole dirigiu como um louco pela noite escura enquanto no banco de trás eu me enrolava no bebê que mamava, alarmada ao perceber que ele não conseguia mamar. Quando chegamos a Kimvula ele estava febril. A partir daí, ele emagreceu até se tornar um pacote de ossos e um crânio magro cobertos de pele. Ele nem conseguia chorar. Muitos dias e noites passaram sem eu perceber, porque morria de medo de ele morrer se eu dormisse. Anatole e eu revezávamos na tarefa de embalar nosso filhinho, falando com ele, tentando convencê-lo a ficar entre nós. Martin também insistia em participar, sussurrando segredos de menino para o cobertor estampado. Mas Nataniel não queria ser convencido. Duas vezes ele parou de respirar. Anatole soprou na sua boca e lhe massageou o peito até ele tossir e se recuperar.

Depois de uma semana ele começou a se alimentar, e hoje parece não se ter arrependido da decisão de ficar conosco. Mas durante aquela primeira semana terrível de vida fui atormentada pelos sofrimentos do corpo fraco e doído e da alma perdida. Eu me lembrava de ter prometido a todos os deuses, mais de uma vez, que se Anatole voltasse para mim, eu nunca mais iria pedir qualquer outra coisa neste mundo. Agora aqui estava eu, batendo mais uma vez nas portas do céu. Batidas desesperadas de uma menina que raramente tinha sentido alguma presença do outro lado daquela porta.

Uma noite, eu estava sentada no chão balançando-me sem sono, desorientada pela exaustão, embalando aquela inocente sombra de meu bebê, e comecei a falar alto. Conversei com o fogo: “fogo, fogo, fogo, por favor mantenha o corpinho dele aquecido, coma toda a madeira que for preciso, eu busco mais, mas não se apague, não deixe esfriar esta criança que eu já amo

tanto.” Falei em inglês, certa de ter enlouquecido. Falei com a lua lá fora, com as árvores, com os corpos adormecidos de Anatole, Patrice e Martin e finalmente com a chaleira de água fervida e com o conta-gotas que eu estava usando para não deixar o meu filho se desidratar. De repente vi na memória a imagem de minha mãe ajoelhada e falando — tenho certeza de que rezando — com um frasco de antibiótico quando Ruth May estava muito doente. Eu até ouvia a respiração e as palavras de Mamãe. Via claramente o seu rosto e sentia seus braços me abraçando. Mamãe e eu rezamos para quem quer que houvesse. Foi o bastante.

Se Deus se lembra de mim, certamente ele se lembra de mim como mãe. Lutando ferozmente por comida e abrigo, louca de amor. Todos os meus filhos gritam *Sala mbote!* Quando saem pela porta, saindo do meu abrigo e de meu conselho, mas sem jamais fugir do meu amor. Pascal é o que está mais longe — há dois anos ele estuda engenharia de petróleo em Luanda e, acredito piamente, namora. Ele me lembra demais o meu amigo, com olhos separados e a mesma pergunta a cada dia: “*beto nki tutasala?* O que vamos fazer?”

Patrice é exatamente o oposto: estudioso, sóbrio, uma cópia exata do pai. Pretende cursar uma escola de governo e ser ministro da Justiça numa África diferente. Meus joelhos tremem de medo e admiração ao vê-lo cultivar suas esperanças. Mas é Martin-Lothaire que está me saindo o mais escuro dos meus filhos, na pele e no temperamento. Aos 12 anos, ele sonha e escreve poesia no seu diário, tal como o herói do pai, Agostinho Neto. Ele me lembra muito sua tia Adah.

Aqui em Kimvula, estamos trabalhando com os agricultores num projeto de cultivo de soja, tentando fundar uma cooperativa — um pequeno posto avançado autossustentado na barriga do monstro de Mobutu. Provavelmente, não vai vingar. Se o governo tiver notícia de algum sucesso, o ministro da Agricultura vai nos roubar até nos destruir. Então, nós plantamos nossas esperanças no meio da selva, a poucos quilômetros da fronteira com Angola, no final de uma estrada horrível onde os espiões de Mobutu certamente não vão arriscar seus belos carros.

A cada dia nós contamos os nossos sucessos. Anatole reorganizou a escola secundária, que esteve abandonada durante dez anos — praticamente nenhum adulto jovem em Kimvula sabe ler. Estou ocupada com o famélico Taniel, que mama dia e noite, pendurado numa tipoia, ora de um lado, ora do outro, para não ter de parar enquanto eu ferver as suas fraldas. Patrice e Martin foram convidados pelo pai a ensinar francês e matemática, respectivamente, e assim Martin é responsável por meninos mais velhos do que ele. Eu estou muito feliz por estar vivendo entre árvores frutíferas e cozinhando novamente com lenha. Não me

importo com a canseira gostosa de carregar lenha e água. O que eu odeio é a outra exaustão, as infindáveis notícias dos excessos de Mobutu e o custo da longa privação. As pessoas aqui são instintivamente menos generosas e mais medrosas do que há 20 anos em Kilanga. As vizinhas ainda aparecem para oferecer pequenos presentes, um cacho de bananas ou uma laranja para o bebê chupar e nos fazer rir da cara franzida. Mas examinam o quarto com cuidado. Como nunca conheceram uma pessoa branca, presumem que eu conheça pessoalmente Mobutu e todos os americanos importantes. Apesar de meus protestos, têm medo de que eu vá denunciar que alguém tinha uma laranja para oferecer. Não há nada como ser um refugiado na própria terra para transformar uma alma generosa num punho cerrado. Qualquer um nota que os zairenses estão mortalmente cansados.

Temos uma casa de barro batido e palha, bem grande, com dois quartos e uma cozinha separada. Um lugar bem mais feliz do que a caixa de cimento e lata em Kinshasa, onde nos empilhávamos junto com nossas tristezas. Lá, o encanamento interno resmungava conosco, parecia Deus falando a Noé, e Anatole jurava que, nem que vivesse dez mil anos, jamais se acostumaria a defecar dentro de casa. Honestamente, latrina parece uma volta à civilização.

Mas nossa vida aqui é provisória. Estamos com um pé no outro lado da fronteira, na terra prometida, ou quem sabe, no túmulo. Nosso plano é encher novamente o jipe e viajar daqui até Sanza Pombo, Angola, tão logo seja possível. Lá vamos nos ocupar em crescer junto com uma nova nação independente que tem sonhos iguais aos nossos. Já há dez anos que estamos nos inclinando para Angola — em 1975, Anatole recebeu um convite para colaborar com o governo de lá, logo depois da assinatura do tratado que deu a Presidência a Agostinho Neto. Mas Anatole ainda não estava pronto para sair do Congo. E logo depois Agostinho Neto morreu, ainda jovem. Em 1982 veio outro convite, enviado pelo segundo presidente, José Eduardo dos Santos. Anatole não pôde aceitar o convite por estar hospedado num cômodo de dois por dois metros, tendo um balde de seus próprios excrementos por companheiro na penitenciária de Thysville.

Não acredito que Anatole esteja arrependido, mas ele teria tido orgulho de ter trabalhado com Neto ou Santos. Graças a esses homens, e a outros que morreram no caminho, Angola se libertou de Portugal e ainda é dona de seus diamantes e de seu petróleo. A indústria de Angola não subsidia estrangeiros nem castelos com fossos, suas crianças são vacinadas e aprendem a ler. É claro que ainda são desesperadamente pobres. Conseguiram reter seus diamantes e seu petróleo, a um custo altíssimo. Nenhum de nós previu o que viria a acontecer por lá. Muito menos Neto, o médico poeta que só queria poupar seu povo de doenças

mutilantes, da varíola e da humilhação. Foi aos Estados Unidos em busca de ajuda e lhe mostraram a porta da rua. Então ele voltou para casa para tentar derrubar o domínio português e criar uma Angola popular. Só assim ele recebeu alguma atenção dos americanos. Pois hoje ele é considerado mais um demônio comunista.

Dez anos atrás, quando Anatole recebeu a primeira carta com o novo selo oficial da Presidência de Angola Independente, parecia que os sonhos podiam tornar-se realidade. Depois de 600 anos de guerras internas, e de alguns séculos da vilania portuguesa, as tribos em guerra em Angola finalmente concordaram com um plano de paz. Agostinho Neto era o Presidente de uma nação africana realmente livre do jugo estrangeiro. Nós quase empacotamos tudo e viajamos naquele mesmo dia. Estávamos ansiosos para levar nossos filhos para um lugar onde eles pudessem ter, senão alimento, pelo menos esperança.

Mas em apenas duas semanas os Estados Unidos violaram o acordo de paz. Transportaram por via aérea um carregamento de armas para um líder de oposição que tinha jurado matar Agostinho Neto com as próprias mãos. No dia que tivemos esta notícia eu me sentei chorando na nossa cozinha, achatada de vergonha e raiva. Patrice entrou e sentou no chão ao lado da minha cadeira, bateu na minha perna com a fortaleza solene de menino. “*Mama, Mama, ne pleure pas. Ce n’est pas de la faute de Grand-mère, Mama.*” Nem chegou a ocorrer a ele me ligar à vergonha americana; ele achou que eu estava com raiva de Mamãe e de Adah. Ele me olhou com os olhos amendoados no rosto estreito, e lá estava seu pai, anos e anos e *anos* atrás me dizendo, “você não, Béene.”

Mas, se não sou eu, então quem? E por quantas gerações teremos de ser perdoados por nossos filhos? O assassinato de Lumumba, a sustentação de Mobutu no poder, o reinício de tudo em Angola — parecem ser planos decididos entre homens, mas são, na verdade, homens traindo seus filhos. Foram 30 milhões de dólares gastos pelos Estados Unidos para derrubar a soberania de Angola. Cada um desses dólares teve de sair de uma *pessoa*, homem ou mulher. E como isso acontece? Acho que eles pensam que tudo isso é comércio. Uma questão de equipamento, minas terrestres e plástico explosivo necessários para executar o que tem de ser feito. Ou um comércio de perigos imaginários, uma dona de casa de Bethlehem que se convence de que um demônio comunista preto de um país distante quer lhe roubar um espaço da sala, decorada em cores combinadas.

Mas importa para elas que, depois da quebra do tratado, somente os cubanos atenderam ao pedido de socorro de Agostinho Neto? Nós exultamos e pulamos no terreiro, os meninos, Anatole e nossos vizinhos, quando ouvimos a notícia de que aviões estavam chegando a Luanda. Havia professores e

enfermeiras a bordo, trazendo caixas de vacinas contra a varíola. Sonhamos que, depois de libertar Angola, eles iriam atravessar a fronteira para vir nos vacinar!

Rachel me disse que meu cérebro foi lavado pelos comunistas, e ela tem toda razão. Fui conquistada pelo lado que oferece professores e enfermeiras, e perdi toda lealdade ao explosivo plástico. Não posso considerar minha pátria um país que explode, em outro país em luta, as usinas elétricas, adutoras de água, colocando a escuridão e a disenteria a serviço de seus ideais, e que enterra minas em toda estrada angolana que liga o alimento a uma criança faminta. Seguimos esta guerra com o coração na garganta, sabendo o que se está perdendo. Outro Congo. Outra oportunidade perdida, que corre como água envenenada sob a África, fazendo nossas almas se contraírem como punhos cerrados.

Mas, sem outra esperança, buscamos Angola, esperando, enquanto o passado vai crescendo e o futuro vai se reduzindo a uma rachadura na parede. Estamos parados na fronteira com tudo de que precisamos para um eventual destino reunido em torno de nós. Temos as camas, a mesa e cadeiras compradas em Kinshasa, uma coleção de livros de agricultura e instrumentos de ensino adquiridos em Bikoki, a mala carregada de tesouros da família, trazida de Kilanga. Anatole guardou até o globo que eu lhe dei como presente de casamento, que eu própria pintei enquanto as freiras rezavam as novenas. Elas tinham uma estranha biblioteca, onde se podia encontrar Saint-Exupéry, mas nada tão secular como um atlas mundial, por isso eu tive de trabalhar de memória. Mais tarde, meus filhos se debruçaram sobre ele, como aprendizes de leitura da mão, tentando adivinhar o destino de seu mundo das linhas e curvas dos rios. Por puro milagre ele sobreviveu à umidade e às nossas mudanças, com apenas pequenos arquipélagos espúrios de mofo nos seus oceanos. Anatole gosta dele e do fato impressionante de ter sido eu a pessoa que lhe mostrou a forma do mundo. Mas quando vejo o globo na sua mesa, eu me assusto com tudo o que esqueci aos 18 anos: o Mar Cáspio, por exemplo. Os Urais, os Balcãs, os Pirineus — cordilheiras que desapareceram por minha negligência. Mas o Congo tem a forma e o tamanho exatos, em relação à Europa e às Américas. Já naquela época, eu tinha decidido ser justa com a África.

Ainda somos as crianças que já fomos, com planos que continuam em segredo até mesmo para nós. Acho que Anatole planeja sobreviver a Mobutu e voltar para cá, quando será possível dizer “lar” sem sentir no fundo da língua um gosto de fome e de candelabros de ouro. Meu plano é um dia sair de casa sem me sentir marcada pela brancura, e andar por esta terra piedosa ao lado de Ruth May, que não há de me guardar rancor. Vou continuar à procura de equilíbrio, a esperar sempre que a vida seja *justa*, a partir do instante em que consertarmos os erros dos que se desorientaram temporariamente. Isto está no meu sangue, tal

como a malária, de que nunca consegui me livrar. Espero recompensas para a bondade, e espero que o machado do castigo caia sobre o mal, apesar dos anos que passei embalada neste berço de males recompensados e bondade condenada. Quando me sinto cansada da minha vida, de repente acordo em febre, olho para o mundo, e vejo quanta coisa errada eu ainda tenho de consertar. Acho que amei demais o meu pai para não ser moldada, pelo menos em parte, pela sua forma de ver.

Mas o hábito de falar uma rica língua tonal com meus vizinhos suavizou a voz dele nos meus ouvidos. Ainda percebo aquela voz sob palavras como *certo* e *errado*. Eu ficava impressionada com a quantidade de significados das palavras em kikongo: *bāngala* significando *muito precioso e intolerável*, além de *planta venenosa*. Esta palavra destruía os sermões de Papai, que sempre terminavam com o grito: “Tata Jesus é *bāngala*!”

Há muito tempo, quando Rachel usava palavras para significar o que ela quisesse e Ruth May inventava as suas, Adah e eu tentávamos entender um mistério: o fato de tudo o que conhecíamos ter significados completamente diferentes na África. *Nzolo*, por exemplo, nos intrigava. Pode significar *meu amor*, ou uma lagarta branca que se usa como isca para peixe; ou um amuleto contra a disenteria; ou batatinhas. *Nzole* é um *pagne* largo que envolve duas pessoas. Finalmente acabei por entender como essas coisas se relacionam. Na cerimônia de casamento, marido e mulher se enrolam no *nzole* e juram o amor mais precioso de um pelo outro: *nzolani*. Tão precioso quanto as primeiras batatas da estação, pequenas e doces como o amendoim da Geórgia. Precioso como as larvas gordas que saem da terra e que atraem os peixes maiores. E o amuleto mais precioso de todas as mães, poderoso contra a disenteria, contém um pouco de todas essas coisas invocadas na palavra *nzolo*: é preciso cavar e secar a larva e as batatas, amarrar com um fio do *pagne* nupcial, e tudo isso tem de ser abençoado no fogo pelo *nganga*. Só as coisas mais preciosas conseguem proteger nossos filhos — e nisso eu acredito com toda fé. Chamei de *nzolani* todos os meus filhos da cor do amendoim, tendo na boca o gosto de peixe e batata. Agora não existe outra possibilidade.

“Tudo o que me parece certo pode ser errado em outro lugar. Especialmente *aqui*.” Eu sempre repito isto, enquanto ferve as fraldas na cozinha discutindo com Rachel na minha imaginação (o que não é muito diferente de discutir com Rachel em pessoa). Mais uma vez ela me lembra da ameaça comunista. Saio para despejar a água e aceno para minha vizinha que esquentava amendoim numa calota velha. Nós duas temos medo do som de pneus. Pode ser a Mercedes preta dos *casque-bleus*, os enviados de Mobutu que vêm nos roubar a colheita minguada para financiar mais um palácio. E então me lembro da primeira

definição de comunismo da minha infância, ditada para Anatole: eles não têm medo de Deus e acham que todo mundo deve ter o mesmo tipo de casa.

Do meu ponto de vista, querida irmã, é difícil ver uma ameaça.

Vivo numa casa pequenina, atulhada de meninos, batatas, amuletos e livros científicos, o tecido nupcial, um mapa do mundo que está se desmanchando, uma velha mala cheia de lembranças — uma acumulação crescente de *passado* sobre um futuro que cada vez mais se estreita. Nossa espera está no fim. Foram dez anos, parece um milagre, mas os americanos estão sendo derrotados em Angola. Suas minas, ainda espalhadas por todas as estradas, continuam roubando todo dia uma perna ou um braço de alguma criança, e tenho certeza de que a mesma coisa pode vir a acontecer conosco naquelas estradas. Mas nos meus sonhos eu ainda tenho esperanças, e minha vida já não admite recuos. Mesmo que eu tenha de saltar sobre um pé só, ainda vou encontrar um lugar que eu possa chamar de lar.

Livro seis

Canção das três crianças

*Tudo o que tu nos causaste
E tudo o que nos fizeste
Foi feito em justiça
Liberta-nos num milagre*

*Canção das três crianças, 7-19
Apócrifa*

Rachel Price

EQUATORIAL

Todo mundo me cumprimenta pela beleza da minha pele, mas vou te contar um segredinho. Dá o maior trabalho do mundo a gente se manter conservada.

Nada como chegar aos 50 para a gente sentir que está com cem anos. Eu nem cheguei a pensar em acender as velinhas do bolo e incendiar o hotel. Não contei para ninguém. Agora, fechei o bar e estou aqui sentada com os meus *Lucky Strike*, a sandália pendurada do dedo e foi mais um dia que passou, igual a qualquer outro. Mas ainda bem que há recompensas.

Alguma vez eu pensei que ia acabar envelhecendo aqui? Mas olha eu aqui. Já terminei mais casamentos e casos do que você pode imaginar. Mas nunca mais saí do Continente Negro. Eu me estabeleci e fiquei tão atolada aqui, que nem penso em botar o nariz para fora! Na semana passada fui obrigada a ir até Brazzaville para comprar bebidas, porque não encontrei um único motorista confiável para trazer o carro e as bebidas sem quebrar nada. Mas tive de enfrentar uma inundação e duas árvores caídas no meio da estrada, e quando finalmente cheguei de volta, beijei o chão do bar. Sinceramente, juro que beijei. Na verdade, eu dei um beijo de agradecimento por ele ainda estar inteiro, porque eu sempre acho que meus empregados vão me roubar até as tábuas do soalho, se eu não ficar vigiando. Mas até aqui, tudo bem.

Pelo menos eu posso olhar em volta e mostrar o que eu já realizei neste mundo. Modéstia à parte, criei o meu domínio. Sou eu quem manda. Posso ter uns probleminhas com o encanamento e algumas brigas entre os empregados, mas tenho confiança no meu serviço. Tenho uma placa em cada quarto dizendo aos hóspedes que qualquer queixa pode ser encaminhada à administração entre nove e 11 da manhã, diariamente. E as queixas, aparecem? Nenhuma. Em primeiro lugar, meu navio não faz água. Disto eu posso me orgulhar. Segundo, estou ganhando muito dinheiro. Terceiro, não tenho tempo para solidão. É como eu disse, o mesmo rosto no espelho, 50 anos, mas ninguém me dá mais de 90. Ha, ha.

Se eu penso na vida que eu perdi nos Estados Unidos? Minha resposta é: praticamente todo dia. Meu Deus, as festas, os carros, a música — toda aquela

vida americana despreocupada. Deixei de ser parte de alguma coisa que dá para a gente acreditar. Quando, finalmente, nós conseguimos instalar uma TV aqui, durante muito tempo eles apresentaram o programa do Dick Clark e o *American Bandstand* todas as tardes às quatro horas. Eu me fechava no bar, preparava um coquetel de Cingapura, me sentava com um leque de papel e quase chorava de tristeza. Eu *sei* fazer aqueles penteados. Eu ia ser alguém nos Estados Unidos.

Então, por que não voltar? Agora já é muito tarde. Tenho responsabilidades. Primeiro foi um marido, depois o outro, que me prenderam aqui, depois o Equatorial, que não é só um hotel, é um pequeno *país*, onde todo mundo quer roubar um pedaço no instante que você vira as costas. A ideia de ver minhas coisas espalhadas por montes e vales, no meio da floresta, minha panela de pressão francesa, caríssima, toda queimada de tanto cozinhar mandioca nessas fogueiras fedorentas, e o acabamento cromado dos balcões transformado no teto do barraco de alguém? Não, não consigo nem pensar nisso. A gente faz alguma coisa e depois tem de passar o resto da vida trabalhando para não deixar estragar. Uma coisa leva a outra e, quando a gente vê, está completamente atolada.

Provavelmente, a hora certa de ir para casa foi quando as coisas com o Axelroot começaram a piorar, há alguns anos. Eu ainda não tinha nada investido na África, só um apartamento boudoir que eu decorei de rosa choque. Eu podia ter convencido ele a ir para o Texas, onde ele tinha algum tipo de ligação, de acordo com o passaporte, que aliás era inteiramente falso. Melhor ainda, eu podia ter ido sozinha. Eu podia ter saído porta afora sem nem dizer até logo, porque, tecnicamente falando, nós só éramos casados no sentido bíblico. Naquela época eu já conhecia uns homens importantes que iam me ajudar a pagar a passagem de avião e, então, num piscar de olhos, eu ia estar em Bethlehem, morando na casa de Mamãe e Adah, com o rabo entre as pernas. É claro que eu ia ter de aguentar as duas falando, eu te avisei quem era o Axelroot. Mas já tive de engolir o orgulho outras vezes. Já engoli tantas vezes, que por dentro eu sou toda revestida com meus erros, como um banheiro revestido com papel de parede feio.

Mais de uma vez, eu fiz as malas. Mas na hora de decidir eu sempre tive medo. Do quê? É difícil de explicar. Para dizer a verdade, era medo de não me adaptar de novo. Eu só tinha 19 ou 20 anos. Minhas amigas do colégio iam estar ainda brigando por causa de namorado ou para arrumar um emprego no A&W^[26]. A ideia que elas faziam de um mundo onde quem não come é comida era a Escola de Beleza. E aí aparece a Rachel, com o cabelo pintado, uma irmã morta e já com um casamento fracassado, para não falar do resto todo. Para não falar do Congo. Minha longa viagem pela lama me deixou exausta e mundana demais para me impressionar com a adolescência.

Eu até via elas perguntando: “e como era lá?”

O que eu podia dizer? As formigas quase comiam a gente viva. Todo mundo que a gente conheceu acabou morrendo de uma doença ou outra. Todas as crianças tinham diarreia, secavam e morriam. Quando a gente ficava com fome, tinha de caçar algum bicho e arrancar a pele dele.

A verdade é que dificilmente eu ia ser popular na minha terra. As pessoas que eu conhecia iam parar de conversar comigo se tivessem a menor suspeita que eu tive de fazer cocô no mato. Para ser aceita, eu ia ter de fingir, e eu nunca fui boa nisso. A Adah fingiu que não falava durante todos aqueles anos, só porque era teimosa. Leah também fingia muito bem quando queria agradar ao Papai. Mas eu nunca conseguia lembrar de quem eu estava fingindo ser. Antes do dia terminar eu acabava esquecendo e despejava o que sentia de verdade.

Não tem muito a ver com este assunto, mas eu tinha simpatia é pelos soldados que voltavam do Vietnã para os Estados Unidos. Eu li a respeito. Todo mundo gritando: Paz, irmão! E eles voltando da floresta onde o fungo comia o cadáver dos amigos. Eu entendo perfeitamente o que eles sentiram.

Para mim, pessoalmente, tudo isso ia ser muito ruim. Eu sou o tipo de pessoa que não fica olhando para trás. E tive muito sucesso sem a ajuda de ninguém. Tive oportunidades como uma mulher do mundo. Esposa de embaixador — imagine! As meninas de Bethlehem já devem estar ficando velhas e grisalhas, ainda preocupadas em encher a máquina de lavar e correr atrás dos filhos, ou dos netos, ainda sonhando em ser Brigitte Bardot, mas eu, eu já trabalhei em Relações Exteriores.

Não consegui ter filhos. Isto eu lamento. Tive muitos problemas femininos sérios por causa de uma infecção que peguei do Axelroot. Como eu disse, ele foi o preço que eu tive de pagar.

Mas não existe tédio aqui no Equatorial. Quem tem macacos que entram no restaurante para roubar a comida no prato dos clientes não precisa de filhos. E isto já aconteceu mais de uma vez. Entre os animais do meu zoológico, tenho quatro macacos e uma raposa com orelhas de morcego, que sempre fogem ao menor descuido do menino que limpa as jaulas. Entram aos gritos no restaurante, a raposa tentando se esconder, mas os macacos logo se distraem quando veem fruta fresca. Eles até param para pegar alguma garrafa de cerveja, que bebem de um só gole! Um dia eu voltei da viagem ao mercado e encontrei dois macacos, Princesa Grace e General Mills, completamente bêbados na mesa de um grupo de plantadores de café alemães, que ficavam cantando o vira-vira, virou. É o que eu digo. Eu tolero quase tudo que meus hóspedes inventam para se divertir, pois são eles que mantêm minha cabeça acima da água. Mas aqueles alemães tiveram de pagar o prejuízo.

De vez em quando aparece um grupo de visitantes que têm uma impressão errada do meu estabelecimento. Isto só acontece com pessoas não familiarizadas com o Equatorial. Eles me veem esticada ao lado da piscina com uma penca de chaves pendurada no meu pescoço, e veem os meus jovens empregados no intervalo de descanso no meio da tarde, reclinados na parede no meio dos gerânios. Eles pensam imediatamente que eu sou a dona do bordel! Mas eu não deixo por menos. Se isto aqui parece um bordel, isso só mostra a qualidade da fibra moral deles.

Mas eu tenho de admitir que de certa forma é engraçado. Já não sou tão jovem assim, mas nunca descuidei da minha forma. Acho que eu devia ficar feliz quando alguém olha através do muro e acha que está espiando Jezebel. Ah, se Papai me visse, tenho certeza que ele ia me dar o Verso!

Todas aquelas aulas de santidade que eu recebi na infância escorreram de mim como manteiga na grelha. Às vezes eu pergunto se Papai não está virando no túmulo (ou sei lá onde ele está). Tenho certeza que ele queria que eu crescesse para ser uma senhora da igreja, com aqueles chapéuzinhos bonitinhos e realizando boas ações. Mas às vezes a vida não dá muitas oportunidades para a gente ser boa. Pelo menos, não aqui. Até Papai aprendeu isso. Ele veio com toda a força, pensando que ia salvar as crianças, mas acabou perdendo a própria filha. Foi o que ele aprendeu. Se você carrega filhas praticamente adultas para a África, você não acha que alguma delas vai acabar casando ou ficando lá? Não é possível entrar na floresta querendo mudar tudo para o cristianismo, e não querer que a floresta também te mude. Toda hora eu vejo isso acontecer com homens que vêm aqui a negócios. Tem cara que chega aqui achando que vai ser dono de tudo e acaba desabado num canto, meio louco da coceira da filária na pele. Se fosse fácil como eles pensavam, eles já teriam terminado e a África ia ficar parecida com os Estados Unidos, só que com mais palmeiras. Mas tudo está exatamente como estava há um zilhão de anos. E, se você pensa bem, são os africanos que estão invadindo os Estados Unidos, fazendo desordens por causa dos direitos civis, predominando nos esportes e na música popular.

Desde o primeiro momento que eu pus os pés no Congo, vi que nós não mandávamos nada. Fomos carregados por aquele povo até a igreja, para um festim de dança seminua e carne de bode com pelos, e eu disse: esta viagem vai ser a ruína da família Price como nós conhecemos. E foi o que aconteceu. O erro do Papai foi tentar converter todo mundo para o seu modo de pensar, sem tirar nem pôr. Ele sempre dizia, meninas, vocês devem escolher o seu caminho, perseverar nele e aguentar as consequências! Pois é. Ele agora está morto, enterrado em algum cemitério vudu, ou pior ainda, foi comido pelos bichos. Amém. Acho que isso é muito consequencial.

Ninguém precisa gostar da África, mas tem de admitir que ela existe. A gente pensa no nosso jeito e ela pensa no dela, e os dois nunca vão se encontrar. Você não pode deixar ela te influenciar. Se alguma coisa feia está acontecendo lá fora, o melhor é colocar uma tranca forte na porta e verificar direitinho se ela está trancada antes de ir dormir. Se você se concentrar em fazer o seu canto bem arrumadinho, como eu fiz, você vai ver. Ninguém precisa desesperar com os medos dos outros.

Às vezes eu fico impressionada por ter passado por tudo o que eu já passei, e ainda estar inteira. Acho que devo o segredo do meu sucesso àquele livrinho que eu li há muito tempo, chamado *Como sobreviver a 101 calamidades*. Remédios simples para situações perigosas, é isso que ele ensina. Num elevador que despenca, tente subir em cima da pessoa ao seu lado, para ela amortecer a queda para você. Ou num teatro lotado, quando todo mundo dispara para a saída, aperte os cotovelos com força nas costelas de quem está do lado, recolha os pés e você não vai ser pisoteada. É assim que as pessoas morrem num tumulto: alguém pisa no seu calcanhar e passa por cima, até você ficar deitado com todo mundo te pisando. Este é o prêmio para quem quer se firmar nos próprios pés — vai acabar esmagado.

Este é o meu conselho. Deixe os outros empurrarem, você segue a corrente. No final, o pescoço que foi salvo foi o seu próprio. Pode parecer pouco cristão, mas a verdade é que, quando eu saio do meu cantinho do mundo à noite e ouço os ruídos lá de fora, no escuro, o que eu sinto até a medula dos ossos é que este lugar não é cristão. Esta é a África negra. Onde a vida urra ao passar por você como se fosse uma inundação, e você se agarra em qualquer coisa que possa te sustentar.

Se você quer saber, é assim, e sempre vai ser assim. Abra os cotovelos e se deixe levar.

Leah Price

SANZA POMBO, ANGOLA

Era uma vez, Anatole diz no escuro e eu fecho os olhos e voou nas histórias dele. É quase um choque estarmos os dois sozinhos na cama, já quase anciãos, depois de quase 30 anos de joelhos e cotovelos pequenos e bocas famintas. Quando Taniel fez dez anos, ele nos deixou para ocupar sua própria cama, cheia de pedras que caem de seus bolsos. A maioria dos meninos da idade dele dorme com os pais, mas ele foi inflexível: “Meus irmãos têm camas separadas!” (Ele ainda não percebeu que eles já se cansaram da solidão — até Martin já tem namorada na universidade) Com a cabeça encaracolada abaixada, decidido a engolir o mundo de uma só vez, ele me deixa sem fôlego. Ele se parece tanto com Ruth May!

E na nossa cama, que Anatole chama de a Nova República de Conúbia, meu marido me conta a história do mundo. Geralmente começamos há 500 anos, quando os portugueses vieram meter o nariz de seus navios de madeira na foz do Rio Congo. Anatole olha de um lado para o outro, imitando os abismados portugueses.

— O que eles estão vendo? — pergunto, apesar de já saber.

Eles viram os africanos. Homens e mulheres negros como a noite, andando pelas margens do rio, sob o sol brilhante. Mas não estavam nus — muito ao contrário! Usavam chapéus, sapatos macios e mais camadas de tecidos exóticos do que parecia suportável naquele clima. E é verdade. Eu já vi os desenhos publicados por aqueles primeiros aventureiros quando chegaram de volta à Europa. Eles disseram que os africanos viviam como reis, usando até mesmo os tecidos da realeza: veludo, damasco e brocado. O relatório só tinha um erro; o povo Kongo fazia tecidos notáveis usando a fibra de certas árvores ou da palmeira de ráfia. De mogno e ébano eles faziam esculturas e móveis para suas casas. Fundiam e forjavam o ferro, produziam armas, arados, flautas e joias delicadas. Os portugueses ficaram maravilhados com a forma eficiente de cobrança de impostos e de organização da corte e dos ministérios. Não havia linguagem escrita, mas uma tradição oral tão vigorosa que, quando os padres católicos deram letras às palavras da língua kikongo, as poesias e histórias

jorraram impressas com a força de uma inundação. Os padres ficaram assombrados por eles já terem a sua própria Bíblia, que sabiam de cor havia centenas de anos.

Apesar de impressionados com o Reino do Kongo, os europeus ficaram desapontados por não encontrar agricultura econômica aqui. Tudo o que comiam era consumido muito próximo de onde era produzido. Logo, não havia cidades, nem plantações gigantescas, nem estradas para levar os produtos das últimas para as primeiras. O reino se mantinha unido por uma malha de trilhas que cruzavam a floresta, com pontes de cipós trançados suspensas sobre os rios. Eu as imagino percorridas como Anatole descreve: homens e mulheres em fila, de saias de veludo, andando silenciosamente pela trilha da floresta. Às vezes, quando tenho uma recaída do meu velho demônio, me deito na dobra do seu braço e ele me conforta assim, falando comigo a noite toda para afastar os maus sonhos. O quinino mal controla a minha malária, e agora já existem cepas resistentes. Os sonhos febris são sempre os mesmos, o primeiro que me avisa de que logo vou cair de cama. A velha e triste desesperança invade meu sono, e lá estou eu, cruzando o rio, olhando para trás, para os rostos dos meninos que pedem: cadeaux! cadeaux! Mas então eu acordo na nação de nós dois, cobertos pelos planos inclinados do mosquiteiro prateado pela luz do luar, e sempre me lembro de Bulungu, onde pela primeira vez nós nos deitamos juntos, exatamente como agora. Anatole me embalando em perdão, enquanto eu tremia de febre. Nosso casamento tem sido para mim uma longa convalescência.

Agora eles voltam para casa, Béene. Com cestas de cocos de palmeira e orquídeas da floresta. Estão cantando.

Cantando o quê?

Ah, tudo. As cores do peixe. Como os filhos iam ser bem comportados se fossem feitos de cera.

Eu rio. Quem são eles? Quantos são?

Só um homem e uma mulher na trilha. São casados.

E os filhos levados não estão com eles?

Ainda não. Eles só estão casados há uma semana.

Ah, sei. Então eles estão se dando as mãos.

É claro.

Como são as coisas naquele lugar?

Estão perto do rio, numa floresta que jamais conheceu o machado. As árvores têm mais de mil anos. Lagartos e macacos passam a vida inteira lá no alto, sem vir ao chão. Lá no teto do mundo.

Mas a trilha onde estamos, ela é escura?

Um escuro agradável. Do tipo de que os olhos aprendem a gostar. Está

chovendo, mas os galhos são muito grossos, só uma neblina chega até eles. Gavinhas de trepadeira se erguem em espiral do chão atrás de nós, onde a água se empoça nas nossas pegadas.

O que acontece quando chegamos ao rio?

Vamos cruzá-lo, é claro.

Eu rio. Fácil assim? E se a balsa estiver presa do outro lado, sem bateria?

No Reino do Kongo, Béene, não há baterias. Nem caminhões nem estradas. Eles decidiram não inventar a roda, porque ela só prenunciava problemas nesta lama. Para cruzar o rio eles têm pontes que se estendem desde uma grande árvore de um lado até outra igualmente grande, do outro.

Eu conheço este casal. Sei que são reais, que realmente viveram. Eles sobem até uma plataforma na itaúba, onde a mulher para para se equilibrar, recolhe as saias longas com uma mão e se prepara para atravessar sob a luz e a chuva. Ela toca o cabelo, que é trançado como cordas grossas presas atrás da cabeça com sininhos. Quando está pronta, ela anda sobre a água na ponte oscilante de cipó. Meu coração dispara, e depois se normaliza ao ritmo dos passos dela sobre a ponte que balança.

— Mas, e se o rio for muito grande, como o Congo, que é muito mais largo do que qualquer cipó?

— É simples, ninguém cruza esse rio.

Ah, se fosse possível não cruzar um rio, e tudo o que houvesse do outro lado continuasse a viver como lhe conviesse, desconhecido e inalterado. Mas não aconteceu assim. Os portugueses olharam no meio das árvores e viram que o povo kongo, bem vestido e articulado, não comprava, não vendia nem transportava suas colheitas, mas simplesmente vivia num lugar e comia o que havia, como os animais da floresta. Apesar de sua poesia, das belas roupas, eles não eram completamente humanos — eram primitivos; esta a palavra que os portugueses devem ter usado, para enganar a própria consciência quanto ao que estava para acontecer. Logo os padres portugueses estavam batizando em massa nas praias e enviando os novos convertidos para as plantações de cana-de-açúcar no Brasil, escravos do deus maior da agricultura mercantil.

Não há justiça neste mundo. Papai, perdoe-me onde quer que o senhor esteja, mas este mundo trouxe uma abominação vil atrás da outra para este povo gentil, e não hei de viver para ver os mansos herdarem coisa alguma. Parece-me que o que realmente existe é uma tendência de os erros humanos se nivelarem, como a água, pelas suas esferas de influência. Este é o meu testemunho, quando olho para trás: existe a possibilidade de equilíbrio. Cargas insuportáveis que o mundo, de uma forma ou de outra, suporta com certa graça.

Já estamos morando em Angola há dez anos, numa estação agrícola perto

de Sanza Pombo. Antes da independência, os portugueses tinham aqui uma plantação de óleo de palma, roubada da mata virgem há meio século. Sob as palmeiras que sobraram, plantamos milho, mandioca, soja e criamos porcos. Todo ano, na estação seca, quando é possível viajar, nossa cooperativa ganha mais algumas famílias. São geralmente crianças e mulheres com seus *pagnes* em andrajos, que saem silenciosamente da floresta, e pousam aqui, tão leves e cansadas quanto borboletas depois de anos fugindo da guerra. De início elas não falam. Então, depois de uma semana, as mulheres começam a falar, muito baixo, mas sem parar, até terminarem de contar a história dos lugares e das pessoas que perderam. Geralmente sua vida é uma migração circular, elas fogem da aldeia para a cidade, lá enfrentam a fome e voltam para este local remoto, onde têm esperança de poder se alimentar. Produzimos um pequeno excedente de óleo de palma para vender em Luanda, mas a maior parte do que produzimos é consumido aqui mesmo. A cooperativa possui um único veículo, nosso velho *Land Rover* (que teve uma vida tão agitada que poderia contar a sua própria história do mundo), mas as chuvas começam no início de setembro e a estrada só fica transitável novamente em abril. Durante a maior parte do ano nós avaliamos o que temos e decidimos continuar.

Não estamos muito longe da fronteira, e as pessoas desta região falam uma língua tão parecida com a que falavam em Kilanga que fiquei sem palavras quando chegamos aqui, com a sensação da volta à infância. Estava sempre esperando alguém aparecer de repente: Mama Mwanza, Nelson, Tata Boanda com sua calça vermelha, ou, ainda mais estranho, meu pai. É claro que a fronteira entre Angola e o Congo é apenas uma linha no mapa, para demarcar as terras de portugueses e belgas. O antigo Kongo se estendia por toda a África Central. Como nação, foi destruída quando um milhão de seus cidadãos mais saudáveis foram vendidos como escravos, mas a língua e as tradições se mantiveram. Acordo ao som do mesmo *mbote*! Gritado sob a janela da sede da estação. As mulheres abrem e fecham os *pagnes* da mesma forma, e extraem o óleo de palma com o mesmo tipo de engenhoca que Mama Lo usava. Com frequência, ouço fantasmas: a entonação da voz de Pascal quando perguntava *Beto nki tutasala?* O que nós vamos fazer?

Mas, na verdade, isto não é muito comum. Nesta nossa aldeia, são muito raros os meninos na idade de subir em árvores atrás de ninhos de passarinhos, e meninas andando com uma criança escanchada no quadril como se fosse uma boneca grande. Por toda parte nota-se a ausência deles. A guerra cobrou um preço enorme em vidas de crianças abaixo de dez anos. Esse vazio enorme e silencioso está passando lentamente por nós. Uma guerra deixa vazios muito mais importantes do que os buracos em barragens e estradas, que podem ser

reconstruídos.

Dou aulas de nutrição, higiene e soja para mulheres que me chamam respeitosamente de Mama Ngemba e que preferem ignorar 90 por cento do que eu lhes ensino. A tarefa mais difícil é fazer com que as pessoas aprendam a contar com o futuro: plantar árvores cítricas e compostar os rejeitos para usar como adubo. De início isso me deixou confusa. Por que alguém iria resistir a uma coisa tão óbvia como plantar uma árvore ou recuperar a terra? Mas para quem viveu uma vida de refugiado que se estende além da memória, acreditar no ciclo da nutrição exige alguma coisa parecida com uma conversão religiosa.

Eu tinha obrigação de entender. Minha vida adulta foi tão transitória quanto a de qualquer pessoa de nossa cooperativa. E só agora, depois de dez anos trabalhando a mesma terra, estou começando a avaliar o comprimento e largura do fracasso dos estrangeiros ao tentar se impor sobre a África. Isto aqui não é Bruxelas, nem Moscou, nem Macon, na Georgia. Aqui há fome ou inundação. Não se pode ensinar nada antes de entender este fato. Os trópicos nos intoxicam com a doçura dos jasmims e nos derrubam com a mordida da cobra, e entre os dois não há espaço para respirar. É um choque enorme para almas criadas com ternura em lugares onde clima, esperança e medo são moderados.

Os portugueses ficaram tão chocados que acorrentaram os gentis kongos em fila, no escuro. Condenados por não terem plantações lucrativas. Os europeus não conseguiam imaginar uma sociedade razoável que não tivesse evoluído desta forma, e até hoje é difícil de imaginar. Num clima temperado, a coisa mais natural, tão certa quanto a chuva, é cultivar campos ondulantes de trigo. Plantar o trigo ano após ano, sem medo de inundações nem de pragas, num solo que oferece plantas dóceis à foice, ano após ano, que é o cesto sem fundo de onde vem o pão. Os cristãos inventaram a parábola dos pães e peixes e acreditaram nela, porque fazendeiros acreditam na abundância e a enviam para cidades que crescem, onde vivem pessoas que podem passar a vida inteira sem se dar conta do fato de que uma semente gera uma planta.

Aqui, ou se sabe para que serve uma semente, ou se morre de fome. Uma floresta não oferece abundância que alimente multidões nem sustenta uma classe ociosa. Os solos são frágeis, laterita vermelha, e a chuva é selvagem. Arrancar da terra a floresta, para plantar colheitas anuais, é como arrancar o pelo de um animal, e depois o couro. A terra urra. A colheita anual desaparece numa asa e numa prece. E mesmo que se consiga colher, são necessárias estradas para escoar a produção. Uma viagem aqui, e você descobre que uma estrada na floresta é um sonho doce e impossível. O solo se desmancha. A terra se dissolve em feridas abertas, parecidas com a boca das baleias. Fungos e cipós lançam um cobertor sobre a face da terra morta. A África Central é uma sociedade desordenada, cujas

flora e fauna conseguiram se equilibrar numa placa geológica frágil ao longo de dez milhões de anos: quando se descobre a placa, o conjunto se desmancha. Quando se interrompe o desmatamento, o equilíbrio só retorna lentamente. É possível que as pessoas só consigam sobreviver aqui se voltarem aos antigos hábitos dos kongo: viajar a pé, plantar o que comem bem perto de onde moram, usar instrumentos e tecidos perto dos locais onde são produzidos. Não sei. Viver aqui, sem fazer tudo errado, exige a criação de uma nova agricultura, um novo tipo de planejamento, uma nova religião. Eu sou a antimissionária, como diria Adah, iniciando de joelhos cada novo dia, pedindo para ser convertida. Perdoai-me África, conforme a medida de sua bondade.

Os pecados de meus pais não são insignificantes. Mas continuamos a seguir nosso caminho. Como Mamãe costumava dizer: “tudo o que estaciona se atola na lama.” De dia trabalho com as mãos, e de noite, quando retornam os sonhos da febre e o rio está quilômetros abaixo de mim, eu me estendo sobre a água, busco a outra margem que nunca chega, em busca de equilíbrio. Eu quero acordar, e acordo. Acordo amando e escureço minha pele ao sol equatorial. Olho meus quatro filhos, que têm as cores do limo, da argila, da terra e do barro, uma paleta infinita para os filhos que hão de ter, e então entendo que o tempo apaga toda brancura.

Adah Price

ATLANTA

Um sapo morre na luz! *Emily nos avisou, ao olhar a rua através das cortinas fechadas.* A morte é o direito comum a Homens e Sapos. Então por que todo este orgulho?

Meus colegas na escola de medicina me acusaram de cinismo, mas eles não entenderam nada. Sou uma criança abandonada junto a uma árvore. No dia em que fiz meu juramento hipocrático, os cabelos na minha nuca se arrepiaram, e eu esperei a queda de um raio sobre mim. Quem era eu, entre todos esses jovens engravatados, jurando roubar vidas das garras da natureza, sempre que tivesse a oportunidade e um contracheque. Nunca me senti segura com aquele juramento pendurado no meu pescoço junto com o estetoscópio. Não consegui aceitar aquele contrato: que toda criança nascida neste mundo traga presa na mãozinha a garantia de uma saúde perfeita e de chegar à velhice.

A perda de uma vida: indesejável. Imoral? Não sei. Talvez dependa de onde você esteja e do tipo de morte. Por aqui, onde nos sentamos entre pilhas de restos de proteína prensada na forma de alimento para bichinhos de estimação, que geralmente guardam nossas cadeiras vazias; aqui, onde pagamos a adivinhos e acrobatas para nos ajudarem a perder peso, aqui sim, é imoral uma criança morrer de fome. Mas aqui é apenas um lugar e eu acho que já vi o mundo.

No mundo, a capacidade do ambiente de manter a vida humana é limitada. A história mantém tudo em equilíbrio, inclusive grandes esperanças e vidas curtas. Quando Albert Schweitzer generosamente foi para a selva, ele trouxe tratamentos antibacterianos junto com uma forte convicção de que ninguém tem de morrer jovem. Ele queria salvar todas as crianças, pensando que assim a África iria aprender a ter menos filhos. Mas quando as famílias passaram milhões de anos tendo nove, na esperança de ficar com um, é muito difícil não continuar a ter nove filhos. A cultura é um estilingue movido pela força do passado. Quando se solta a tira de borracha, o que sai voando não é o planejamento familiar, mas a cabeça pequena e dura de um filho. O excesso de população já destruiu três quartos das florestas da África, trazendo a fome e a provável extinção de todos os animais que as crianças adoram ver nos

zoológicos. A competição pelos recursos se intensifica, e as tribos que crescem se desesperam por matar umas às outras. Para cada vida salva por vacinação ou doação de alimentos, uma vida se perde pela fome e pela guerra. Pobre África. Nenhum continente suportou esta combinação bizarra de pilhagem com caridade que vem do exterior. Por simpatia ao diabo e à África, abandonei a profissão de curar e me tornei uma feiticeira. Minha igreja é o Grande Vale Rift, que se estende ao longo da fronteira oriental do Congo. Eu não vou lá. Apenas estudo a congregação.

Eis a história em que acredito: quando Deus era criança, o Vale do Rift supria um caldeirão de necessidades básicas, e deste caldeirão surgiu o primeiro humano ereto sobre duas pernas. Com as mãos livres, fizeram instrumentos e tiraram do mato a própria comida, abrigo e essa história de certo e errado. Criaram o vudu, a mais antiga das religiões. Criaram uma forte afinidade com o habitat e com a cadeia alimentar. Adoravam tudo que era vivo e tudo que era morto, pois o vudu considera a morte uma companheira, não uma inimiga, e presta homenagem ao equilíbrio entre a perdição e a salvação. Era isto que Nelson tentou me explicar uma vez, quando estávamos recolhendo esterco de galinha. Não consegui entender como *muntu* se referia ao vivo e ao morto com a mesma precisão, mas Nelson deu de ombros. “Tudo o que existe aqui.”

Então, Deus é tudo. Deus é um vírus. Pode acreditar nisto quando estiver gripado. Deus é uma formiga. Acredite também nisto, pois as formigas, coletivamente, adquirem o tamanho e a influência de uma praga bíblica. Atravessam a floresta e os vales em colunas de cem metros de largura e de muitos quilômetros de comprimento, devorando tudo que encontram em sua marcha pela África. Devoram tudo que for animal ou vegetal. Abandonam tudo que for mineral. Foi o que aprendemos em Kilanga: sair da frente e agradecer ao Senhor pela limpeza oferecida. Em alguns dias a brigada escura terá passado — aquelas formigas não podem parar. E você volta e encontra a casa completamente limpa, sem um traço de resto de alimento, as camas completamente livres de piolhos, as florestas livres de fezes, os galinheiros livres dos ácaros. Uma criança esquecida no berço, ou um leopardo preso na jaula, se transforma num esqueleto seco, completamente limpo. Mas funciona para quem conseguir se afastar para dar passagem. Perdição e salvação.

A África tem mil maneiras de se limpar. Formigas marchadeiras, o vírus Ebola, síndrome da imunodeficiência adquirida: são todos vassouras inventadas pela natureza para limpar muito bem uma pequena clareira. Nenhum deles tem condições de cruzar um rio. E nenhum sobrevive à morte do hospedeiro. Um parasita que extinguisse completamente os humanos, também se condenaria a ser enterrado em túmulos humanos. Assim, a corrida do predador atrás da presa fica

empatada.

Quando eu era adolescente e comecei a ler livros de patologia da biblioteca da escola de medicina, fiquei assustada com a quantidade de seres equipados para sobreviver do corpo humano. Ainda me assusto, mas aprimorei minha avaliação desta parceria. Naquela época eu ainda não entendia por que Deus iria colocar menino e menina descalços num paraíso onde também havia espalhado os micróbios da elefantíase e os que devoram a córnea humana. Hoje eu já entendi que Deus não torce apenas para os meninos. Nós e nossos vermes surgimos do mesmo solo úmido do Grande Vale Rift, e até agora ninguém está vencendo. Cinco milhões de anos é uma parceria muito longa. Se, por um momento, você conseguisse sair da própria pele e ver formigas, homens ou vírus como seres que lutam igualmente pela vida, você ficaria maravilhado com o acordo feito entre os três na África.

Ao voltar para a própria pele, é claro que você há de implorar uma cura. Mas é preciso lembrar: viagens aéreas, estradas, cidades, prostituição, a congregação de pessoas para maior eficiência do comércio — são presentes que os vírus agradecem. Presentes trazidos pelos magos estrangeiros, vindos de longe. Em busca da salvação das crianças africanas e da extração de sua alma mineral, o Ocidente construiu uma estrada que leva à própria porta, que foi aberta para a entrada de todas as pragas.

Um sapo morre de luz! A morte é o direito comum de homens e sapos. Por que este orgulho? Meus colegas me acusam de cinismo, mas sou apenas uma vítima da poesia. Guardei na memória os direitos comuns de sapos e homens. E não posso me pavonear, mesmo se quisesse, pois não tenho pernas para tanto.

Meu trabalho é descobrir a história dos vírus, e parece que nisto eu sou muito boa. Não penso nos vírus como sendo o meu trabalho. Penso neles como parentes. Não tenho gatos nem filhos, tenho vírus. Eu os visito diariamente nas suas espaçosas placas de vidro, e como uma boa mãe, eu os encorajo, comemoro quando se reproduzem, e observo quando se comportam de maneira estranha. Penso neles quando não estou com eles. Já fiz descobertas importantes sobre o vírus Ebola e o da AIDS. Por isso, eu às vezes tenho de comparecer a cerimônias públicas, onde sou saudada como um salvador da saúde pública. Isso me assusta. Não sou nada disso. Com certeza não sou um exterminador louco, comprometido com a destruição de todos os micróbios; ao contrário, eu os admiro. Este é o segredo do meu sucesso.

Minha vida é satisfatória e trivial. Trabalho muito e, uma vez por mês, visito minha mãe na Ilha de Sanderling. Gosto de ficar lá, ficamos em silêncio a maior parte do tempo. Mamãe me deixa viver. Damos longos passeios na praia, onde ela observa os pássaros marinhos que dão nome à ilha, que estão por toda

parte. Às vezes, em meados de janeiro, quando ela fica agitada, tomamos a balsa e viajamos pela estrada da costa, passando por quilômetros de palmeiras abandonadas e uma ou outra cabana de madeira, onde mulheres velhas e escuras tecem lindas cestas de folha. Mais tarde à noite, às vezes paramos no estacionamento sem pavimento de uma casa de oração Gullah^[27] e ficamos ouvindo antigos hinos que saem pelas janelas. Nunca entramos. Conhecemos o nosso lugar. Mamãe fixa o olhar na direção da África, com os olhos no oceano, como se esperasse que ele fosse secar. Mas na maioria de minhas visitas, não vamos a lugar algum. Ficamos sentadas na varanda, ou eu fico observando enquanto ela cuida de sua floresta particular, podando folhas mortas, espalhando esterco nas camélias, conversando baixinho. O apartamento dela fica no térreo de um desses edifícios centenários de tijolos, com parafusos contra terremotos, ferragens impressionantes e gigantescas que atravessam o edifício todo, de leste para oeste, tendo uma porca, do tamanho de uma mesinha de canto, do lado de fora na outra ponta. Penso que uma delas está atravessada na Mamãe. Seria necessária alguma coisa nesta escala para manter Mamãe em pé.

Esperando o perdão, ela habita seu próprio mundo, e suas filhas estão plantadas nos quatro diferentes países que nos acolheram. Ela nos chama de Trinco, Coronha e Cano, como o fuzil. Rachel é claramente o trinco, que fecha todas as rotas possíveis de defenestração. E Leah é o cano que avança a toda velocidade, consertando tudo. E eu sou a coronha, a que espera em silêncio. A que acredita igualmente em todas as coisas, que acredita no direito de uma planta ou de um vírus dominar o mundo. Mamãe diz que meu coração não gosta de minha própria espécie. Ela não sabe. Gosto muito. Sei o que fizemos e o que merecemos.

Ela ainda sofre os efeitos das muitas doenças que contraiu no Congo, inclusive esquistossomose, filária e provavelmente tuberculose. Quando ela põe a língua e me permite tratar de suas doenças sem importância, percebo que todos os seus órgãos foram comprometido de alguma forma. Mas os anos passam e ela se curva cada vez mais e parece sobreviver num espaço cada vez mais reduzido. Nunca se casou outra vez. Se alguém pergunta, ela responde: “Nathan já foi casamento demais para mim.” E é verdade. Há alguns anos, seu corpo foi contido dentro dos limites fixados pelo alto custo da sua liberdade.

Eu também não me casei, mas por motivos diferentes. O famoso neurologista em ascensão queria ser meu amante, e realmente me conquistou para sua cama durante algum tempo. Mas de repente me ocorreu: ele só me acolheu depois de inventar aquele programa para recuperar minha inteireza! Ele foi o primeiro de muitos homens que tiveram de suportar as tempestades de gelo de Adah.

Este é o meu teste: eu os imagino ao luar, na terra fervilhando de formigas. E pergunto, qual das duas, a aleijada ou a amada perfeita? Eu sei quem eles vão escolher. E qualquer homem que admire meu corpo hoje está traindo o meu corpo de antes. É isto.

Às vezes eu jogo xadrez com um colega, anacoreta tal como eu, que padece da síndrome pós-pólio. Passamos noites inteiras dizendo apenas um ocasional cheque-mate. Outras vezes vamos a algum restaurante de Atlanta ou a um cinema que acomode sua cadeira de rodas. Mas o ruído sempre vence. Eros não é tão irritante quanto o excesso de ruído. Nós sempre acabamos indo para Sandy Springs ou para Chattahooche, qualquer lugar plano e vazio, onde possamos estacionar e deixar a lua e o silêncio nos acalmar. Depois, vou sozinha para casa e escrevo poemas à mesa da cozinha, tal como William Carlos Williams. Escrevo sobre minhas irmãs perdidas, sobre o Grande Vale Rift e sobre minha mãe descalça encarando o oceano. Todo o ruído dentro do meu cérebro. Eu o prendo à página para imobilizá-lo.

É claro que ainda gosto muito de ler. Só que agora, com minha nova estrutura mental, a leitura é diferente, mas volto aos velhos amigos *No Snickidy Lime*: “Eis a minha carta para o Mundo que nunca me escreveu” — Existem versos mais satisfatórios para uma adolescente sonhadora? Mas eu só via a metade, e esquecia o resto do poema: “A nota simples que a Natureza contou — Com terna Majestade.” Encontrei na casa da Mamãe o volume empoeirado de Emily Dickinson, com as margens cobertas com meus palíndromos: *Evil deed live!* O mal em ação vive! Gritava a outra Adah, e eu me pergunto: que mal exatamente?

Tanta energia desperdiçada com a sensação de ser traída. Pelo mundo em geral, por Leah em particular. A traição me levou por um caminho e a culpa levou-a por outro. Construímos nossas vidas em torno de um mal-entendido e, se tentasse consertá-lo, eu certamente iria me destruir. Mal-entendido é a minha pedra fundamental. Acho que na verdade é a de todo mundo. O chão sob nossos pés é feito de ilusões tomadas como verdades. Elas são o que chamamos de civilização.

Ultimamente tenho me dedicado a colecionar livros conhecidos pelos erros de impressão. Neles há um mundo de ironia. As bíblias, em particular. Na verdade eu nunca vi uma dessas edições originais, mas nos dias em que a imprensa era rara, uma única impressão da Bíblia ficava conhecida por muito tempo, e as pessoas a conheciam de cor. Aqueles erros ficaram famosos. Uma, de 1823, quando o *Velho Testamento* saiu com o verso “E Rebeca se ergueu com suas camelas” em vez de *camareiras*, ficou conhecida como a *Bíblia das Camelas*. Uma, de 1804, a *Bíblia dos Leões* dizia que os filhos nasciam dos

leões, e não das entranhas, uma confusão entre *lions* e *loins*. Na *Bíblia dos Assassinos*, de 1801, os queixosos em Judas 16 não murmuravam, eles assassinavam, *murder* em vez de *murmur*. Na *Bíblia dos Peixes de pé*, os pescadores devem ter ficado muito surpresos quando “os peixes de pé na praia desde Engedi até Eneglaim.” Há dezenas de exemplos: a *Bíblia Melosa*, a *Bíblia do Urso*, a *Bíblia do Verme*, a *Bíblia de Vinagre*. Na *Bíblia do Pecado*, João 5:14 exorta os crentes a continuar a pecar, e não a deixar de pecar. Sued ed Roma! Sued ho!

Não consigo resistir a essas preciosidades bíblicas. Elas me levam a pensar na Bíblia que meu pai teria escrito na África. Chegamos lá marcados por tantos erros que nunca haveremos de saber quais foram mais importantes. Gostaria de saber se eles ainda se lembram de meu pai em pé diante da congregação, gritando “*Tata Jesus é bängala!*”

Eu me lembro. É exatamente como eu me lembro dele. Nós somos o que sobra de nossos danos e transgressões. Ele era meu pai. Metade de meus genes, e toda a minha história vieram dele. É verdade: os erros são parte da história. Eu nasci de um homem que acreditava poder dizer somente a verdade, enquanto se preparava para escrever a sua *Bíblia envenenada*.

Livro sete

Os olhos nas árvores

A barriga que desliza pelo galho. A boca muito aberta, azul cor do céu. Sou tudo o que é aqui. Os olhos das árvores nunca piscam. Vocês me imploram perdão, a mim, sua filha irmã, mas não sou uma ferinha nem tenho motivos para julgar. Nem dentes nem motivos. Se você sente uma mordida nos ossos, é você mesma, faminta.

Eu sou a África *muntu*, uma criança e um milhão *muntu*, todas mortas no mesmo dia. Sou sua filha má, que se tornou boa, porque quando morrem, todas as crianças sempre foram boas. A muito longo prazo, esta é a nossa vitória e sua derrota. Uma mãe chora a filha ceifada pelo tempo, a culpa não é da morte. Ela só vê a inocência, o reino intocado, o grande líder morto, um grande buraco vazio com a forma de uma criança que cresce e se torna grandiosa. Mas nós não somos isto. Depois de crescida, uma criança pode ser má, ou a bondade personificada, mas com certeza há de ser uma pessoa comum. Teria cometido erros, causado sofrimento, engolido o mundo numa só mordida. Mas vocês nos colocam em outro reino, onde nos movemos intocadas pela floresta, onde as árvores não caem a golpes de machado e tudo é como nunca há de ser.

É verdade, vocês são cúmplices nesta queda, e é verdade, nós partimos para sempre. Partimos para uma mina tão estranha que tem de ser chamada por outro nome. Chamada de *muntu*: tudo o que é aqui.

Mamãe, ouça com atenção. Eu te vejo levando as filhas ao rio, e você chama isto de uma história de mina. Eis o que eu vejo: primeiro a floresta. Árvores que se parecem com animais musculosos que cresceram além de qualquer razão. Cipós que sufocam cipós, na luta pela luz do sol. A barriga da cobra que desliza pelo galho. Um coro de cogumelos, a cabeça alta, presos a um tronco apodrecido, sugando a vida da morte. Eu sou a consciência da floresta, mas lembrem-se de que a floresta come a si mesma e vive eternamente.

Lá embaixo, em fila única pela trilha, vem uma mulher seguida das quatro filhas, pálidas flores condenadas ainda em botão. A mãe segue na frente, olhos azuis, abanando os braços para afastar a cortina de teias de aranha. Ela parece reger uma sinfonia. Atrás dela, a filha mais nova para para quebrar a ponta de todos os galhos que consegue alcançar. Ela gosta do cheiro forte e verde liberado pelas folhas arrancadas. Ao tentar alcançar uma folha, ela percebe uma aranha gorda, de corpo alaranjado, que caiu ao chão. Caiu de costas e está absolutamente indefesa, lutando para se colocar novamente sobre as pernas finas

e correr para a aragem. Delicadamente, a menina estende o pé e esmaga a aranha sob os dedos. O sangue escuro esguicha para os lados. A menina corre para alcançar as outras.

No rio, elas comem o lanche que levaram para o piquenique, e depois descem o rio, gritando na água fria. O barulho que fazem espanta um jovem ocapí. Ele descobriu há pouco tempo este novo território perto da aldeia. Se as meninas não tivessem vindo hoje, o ocapí teria escolhido este lugar como o seu território, onde algum caçador o teria matado no segundo mês da estação seca. Mas, ao contrário, assustado pelo piquenique, seus instintos cautelosos o levam a fugir para um ponto mais profundo da mata, onde ele encontra uma fêmea e vive o ano todo. Tudo tem um porque. Se a mãe e as filhas não tivessem vindo hoje pela trilha, os galhos quebrados teriam crescido e a aranha gorda teria sobrevivido. Toda vida ficou diferente porque vocês passaram por aqui e tocaram na história. Até a pequena Ruth May mexeu na história. Todas são cúmplices. Ao ocapí coube uma vida mais longa, e à aranha, a morte. Se tivesse podido, ela teria continuado a viver.

Ouçá: estar morta não é pior do que estar viva. É apenas diferente. Vocês diriam que a vista é mais ampla.

Num outro dia, a mãe vai com as filhas ao mercado. Ela agora está com os cabelos brancos e só tem três filhas. Nenhuma delas manca. Elas já não andam em fila, como antes. Uma das filhas geralmente se afasta para examinar peças de tecidos e para conversar com os mercadores na língua deles. Uma das filhas não toca nada, aperta seu dinheiro junto ao peito. E uma das filhas segura o braço da mãe, guiando-a para evitar as crateras poeirentas do pavimento. A mãe é encurvada e denuncia a dor que sente nos membros. Todas estão surpresas por estarem aqui, surpresas consigo próprias e com as outras. Estas quatro nunca mais se reuniram depois da morte da outra. Vieram até aqui para se despedir de Ruth May, pelo menos é o que dizem. Querem encontrar seu túmulo. Mas a verdade é que elas vieram para se despedir da mãe. Têm muito amor por ela.

O mercado em volta está cheio de vendedores e compradores. Mulheres que caminharam dias e dias desde sua aldeia para encarar este mercado na cidade. Empilham cuidadosamente as laranjas em pirâmides e depois se agacham sobre as pernas finas, os pulsos angulosos entre os joelhos. As mulheres da cidade, que usam saias ligeiramente diferentes, vêm para pechinchar a comida da família. Na esperança de baixar o preço, insultam, como se fossem cascalho irritante mas inofensivo, as mercadorias que suas irmãs oferecem. *Que laranjas horríveis, na semana passada paguei a metade por laranjas muito melhores.* Diante desta bobagem, a vendedora boceja. Ela sabe que, no final, toda necessidade se transforma em compra.

A mãe e as filhas se movem como manchas de óleo em meio ao nítido fluxo negro desta multidão, misturando-se e depois se reagrupando. Visitantes estrangeiros aqui são raros, mas não são desconhecidos. Olhos quase fechados as seguem, avaliando possibilidades. Meninos correm com as mãos estendidas. Uma das filhas abre a bolsa e tira moedas, a outra agarra a bolsa com mais força. Meninos mais velhos, com pilhas de camisetas coloridas, se reúnem e seguem como um enxame de borboletas. Pulam uns na frente dos outros, tentando atrair a atenção para suas camisetas, mas as visitantes os ignoram, parando para examinar talhas comuns de madeira e miçangas. Os meninos ficam desapontados e se empurram fazendo ainda mais barulho.

A música que berra dos alto-falantes das lojas que vendem cassetes abafam todos os outros sons. É uma música tão conhecida que não parece estrangeira. Os meninos, as visitantes, as mulheres da aldeia, todos balançam a cabeça ao ritmo das vozes de três cantores diferentes, americanos muito populares, cujos ancestrais infelizes e escravizados foram acorrentados por braceletes de ferro ao porão de algum navio num porto aqui perto. A música daqueles ancestrais agora volta, numa incrível viagem circular. Este fato é desconhecido por todos os presentes. Esta mina tem de ser chamada por outro nome. O que poderia ter sido, agora é isto.

A mulher e suas filhas procuram alguma coisa que não será encontrada. O plano era ir até Kilanga e chegar à sepultura da irmã. A mãe faz questão de colocar uma lápide na sepultura. Mas estão retidas. É impossível cruzar a fronteira. Nos seis meses que se passaram desde que começaram a planejar esta viagem, o Congo foi varrido pela guerra. Uma guerra terrível, que todos acreditam que em breve há de valer o preço pago. Uma boa fervura, é o que dizem por aqui, uma boa fervura purifica a carne podre. Depois de 35 anos, o homem Mobutu fugiu no meio da noite. Trinta e cinco anos de sono igual à morte, e agora a terra assassinada suspira, mexe os dedos, absorve a vida dos rios e florestas. Os olhos das árvores observam. Os animais abrem a boca e emitem palavras inesperadas e alegres. O papagaio escravizado, Matusalém, cuja carne foi devorada por muitas gerações de predadores, impõe sua declaração de independência goela abaixo pelas bocas dos leopardos e gatos do mato.

Neste mesmo dia, nesta hora da madrugada, o homem Mobutu está na cama do esconderijo. As cortinas estão puxadas. A respiração é tão leve que os lençóis não sobem nem descem: nenhum sinal de vida. O câncer amoleceu-lhe os ossos. A pele da mão está tão colada aos ossos que eles se revelam em todos os detalhes, assumindo a forma de tudo o que ele roubou. Tudo o que mandaram fazer, ele fez. Agora, no quarto escurecido, a mão direita de Mobutu cai. Esta mão, que roubou mais que qualquer outra mão na história do mundo, está caída

ao lado da cama. Os pesados anéis de ouro escorregam pelas falanges, hesitam e caem, um de cada vez. Batem no chão com cinco sons distintos: uma música milagrosa na antiga escala pentatônica. Uma mulher de branco corre para a porta, acreditando, apesar de inacreditável, que acabou de ouvir o presidente agonizante tocar a *kalimba*. Ela o vê e cobre a boca com a mão.

Lá fora, os animais suspiram.

A notícia logo chega a todas as cidades e a todas as casas, como um suspiro ou como uma bala em todos os peitos. A carne do general Eisenhower, consumida por gerações de predadores, grita. A carne de Lumumba, também consumida, grita. Durante algum tempo este grito abafa todo o resto. Mas neste momento, o mundo está naquele espaço vazio em que ninguém ainda ouviu a notícia. A vida continua imutável por mais um momento. No mercado, as pessoas compram, vendem e dançam.

A mulher e as filhas estacam ao verem uma mulher que parecem reconhecer. Não conhecem a mulher, conhecem o estilo da roupa e alguma coisa mais. A bondade. Cruzam a rua até onde ela está, sentada no passeio com as costas apoiadas na parede fresca, voltada para o norte. Espalhados em torno dela sobre um tecido colorido, centenas de pequenos animais talhados na madeira: elefantes, leopardos, girafas. Um ocapí. Uma horda de pequenos animais numa floresta de árvores invisíveis. A mãe e as filhas olham, dominadas pela beleza.

A mulher tem mais ou menos a idade das filhas, mas é muito mais gorda. Usa um *pagne* amarelo enrolado em dupla dobra e um corpete muito decotado sobre o peito amplo. Na cabeça um turbante azul-celeste. Ela abre a boca num sorriso largo. *Achetez un cadeau pour votre fils*, ordena com doçura. Não há nenhum sinal de súplica na sua voz. Abre a mão em concha ao apontar para as girafas e elefantes perfeitos. Como acabou de usar a única frase de francês que conhece, fala com desembaraço em kikongo, como se não houvesse outra língua na terra. Esta região está muito distante do lugar onde se fala aquela língua, mas quando uma das filhas responde em kikongo ela não se surpreende. Falam dos filhos. Muito grandes para ganhar brinquedos, todos eles, *á bu*. Então para os netos, a mulher insiste, e assim, depois de muita discussão, elas escolhem três elefantes para os filhos dos filhos. Quem compra os elefantes é a bisavó, Orleanna. Ela estuda as moedas desconhecidas, então estende a mão para a vendedora escolher. A mulher recolhe as poucas que são necessárias, e põe na mão de Orleanna um presente: um minúsculo ocapí de madeira, perfeitamente talhado. *Pour vous madame. Un cadeau.*

Orleanna guarda no bolso o pequeno milagre, como sempre fez a vida toda. As outras se voltam para sair, a contragosto. Desejam sorte à mulher e lhe perguntam se ela vem do Congo. É claro, *á bu*, e para chegar até aqui com seus

animaizinhos, ela teve de caminhar mais de 200 quilômetros. Às vezes ela conseguia comprar passagem num caminhão, mas agora, sem o mercado negro, poucos *commerçants* cruzam a fronteira e vai ser mais difícil. Talvez ela leve um mês até chegar à família em Bulungu.

Bulungu!

Eé, mono imwesi Bulungu.

No Rio Kwilu?

Eé, é claro.

E você tem notícias recentes de Kilanga?

A mulher franze a testa, não consegue se lembrar desse lugar.

Elas insistem: *Mas, é claro.* É Leah quem fala agora, em kikongo, e ela torna a explicar. Talvez o nome tenha mudado durante a *authenticité*, embora não se consiga imaginar por quê. *A aldeia seguinte, logo rio abaixo, só dois dias de caminhada na estrada que passa por lá. A aldeia de Kilanga! Há muitos anos existiu uma missão americana lá.*

Mas não, diz a mulher. Não existe essa aldeia. A estrada termina em Bulungu. Dali para a frente só existe a floresta cerrada, aonde os homens vão para fazer carvão. Ela tem certeza. Nunca houve uma aldeia depois de Bulungu.

E depois de dizer tudo, a mulher fecha os olhos para descansar. As outras percebem que têm de ir embora. Afastar-se desta mulher e da força da sua vontade, mas lembrar-se dela no caminho para outros lugares. Elas hão de se lembrar de como ela estendeu a mão em concha, como se estivesse cheia. Sentada sobre o pano estendido no chão, ela era uma vendeira uma mãe uma mulher um deserto para si própria. Muito mais que uma vendeira. Mas nada menos.

Adiante delas, um menininho encurvado com um rádio encostado ao ouvido dança na rua. Tem o mesmo tamanho de Ruth May quando vista viva pela última vez. Orleanna observa a parte de trás dos joelhos, e mais uma vez começa a imaginar — quantas vezes uma mãe precisa fazer isto? — como ela seria hoje.

Mas esta será a última vez. Desta vez, antes que consiga calcular a idade, a memória sai pela rua com o menino que dança ao som da música africana que foi embora e voltou mudada. O animal de madeira no bolso vai aliviar seus dedos, que só querem algo para tocar. Mamãe, você há de continuar, mas perdoar, perdoar, e doar por muito tempo, enquanto vivermos as duas, eu te perdoo, Mamãe. *Hei de fazer os corações dos pais se voltarem para os filhos, e os corações dos filhos para os pais.* Os dentes nos seus ossos são seus próprios dentes, a fome é sua, o perdão é seu. Os pecados dos pais pertencem a você e à floresta e àqueles homens presos por braceletes de ferro, e aqui está você, lembrando a música deles. Ouça. Deixe cair o peso que está sobre seus ombros e

siga em frente. Você tem medo de esquecer, mas nunca há de. Você vai sempre perdoar e lembrar. Pense na planta que cresce em gavinhas da horta que já foi meu coração. Esta é a lápide de que preciso. Siga em frente. Caminhe para a luz.

Bibliografia

- Achebe, Chinua, *Things Fall Apart*. Doubleday, N.Y., 1959.
- Boivin, Michel, *The Accidental Anthropologist*. Spring Arbor College Press, Spring Arbor, Michigan, 1955.
- Clark, Dora Jane Armstrong, *Congo Trails*. Vintage Press, N.Y., 1961.
- Conrad, Joseph, *Heart of Darkness*. Londres, 1899.
- Dugauquier, D. P., *Congo Cauldron*. Jarrolds, Londres, 1961.
- Forbath, Peter, *The River Congo*. Houghton Mifflin, Boston, 1977.
- Guide du Voyageur au Congo Belge et au Ruanda-Urundi*. Editado por L'Office du Tourisme du Congo Belge et du Ruanda-Urundi, Bruxelas, 1954.
- Heinz, G. e H. Donnay, *Lumumba: The Last Fifty Days*. Grove, N.Y., 1969.
- Jahn, Janheinz, trad. Marjorie Greene, *Muntu: African Culture and the Western World*. Grove Weidenfeld, N.Y., 1958.
- Joris, Lieve, trad. Stacey Knecht, *Back to the Congo*. Macmillan, Londres, 1987.
- Kalb, Madeleine G., *The Congo Cables*. Macmillan, N.Y., 1982.
- Kingsley, Mary, *Travels in West Africa*. Orion, Londres 1897.
- Kwitny, Jonathan, *Endless Enemies: The Making of an Unfriendly World*. Congdon & Weed, N.Y., 1984.
- Laman, K.E., *Dictionnaire Kikongo-Français*. Bruxelas, 1936.
- Livingstone, David, *Thirty Years of Adventures and Discoveries of Dr. David Livingstone and the Herald-Stanley Expedition*. Hubbard Bros., Filadélfia, 1872.
- Merriam, Alan P., *Congo: Background of Conflict*. Northwestern University, Evanston, 1961.
- Meyers, Margaret, *Swimming in the Congo*. Milkweed, Minneapolis, 1995.
- Schweitzer, Albert, *On the Edge of the Primeval Forest*. A. e C. Black, Londres, 1921.
- Smith, Alexander McCall, *Children of Wax: African Folk Tales*. Interlink Books,

N.Y., 1991.

Somé, Malidoma Patrice, *Of Water and the Spirit: Ritual, Magic and Initiation in the Life of an African Shaman*. G.P. Putnam, N.Y., 1994.

Stanley, H.M., *À Travers le Continent Mystérieux, Le Tour du Monde: Nouveau Journal des Voyages*. Vol. XXXVI, N° 913, 1874-1877, textos e desenhos inéditos.

U.S. Congress, *Senate Select Committee to Study Governmental Operations With Respect to Intelligence Activities*, Frank Church, presidente, relatório final de Select Committee, United States Senate. Congressional Record, 1976.

Visser, John, e David S. Chapman, *Snakes & Snakebite: Venomous Snakes and Management of Snakebite in Southern Africa*. Purnell, Cidade do Cabo, 1978.

Wagner, Michael R., *Forest Entomology in West Tropical Africa: Forest Insects of Ghana*. Dordrecht, Kluwer Academic Publishers, Boston, 1991.

Weissman, Stephen R., "The CIA Covert Action in Zaire and Angola," *Political Science Quarterly*, Verão, 1979.

Williams, John G., *A Field Guide to the Birds of East and Central Africa*. Houghton Mifflin, Boston, 1964.

Williams, John G., *A Field Guide to the Butterflies of Africa*. Houghton Mifflin, Boston, 1969.

Winternitz, Helen, *East Along the Equator: A Journey Up the Congo and into Zaire*, Atlantic Monthly Press, N. Y, 1987.

Citações da Bíblia Apócrifa foram retiradas de *The Complete Bible: An American Translation*, trad. J.M. Powis Smith e Edgar J. Goodspeed. University of Chicago Press, Chicago, 1939.

Barbara Kingsolver nasceu em Annapolis, Maryland, em 1955. Formou-se em Biologia antes de se dedicar à literatura. *A Bíblia envenenada* é seu oitavo livro. Atualmente, Barbara Kingsolver vive em Tucson, Texas, com o marido e duas filhas.

- [1] General Dwight Eisenhower, então Presidente dos Estados Unidos. (N.T.)
- [2] Referência a David Livingstone, também missionário, explorador britânico que iniciou e orientou o processo de colonização europeia da África no Século XIX. (N.T.)
- [3] Rede regional de supermercados dos estados da Geórgia e Carolina do Sul nos EUA. (N.T.)
- [4] Um nome realmente peculiar. Poderia ser traduzido livremente como “Sub-baixo”. (N.T.)
- [5] Calça de uso diário, de boca fina acima dos tornozelos e com uma abertura na extremidade externa das pernas. (N.T.)
- [6] Jogo de palavras. Em inglês, “undo” significa “desfazer” e tem o mesmo som que Ndu, o nome do chefe da aldeia. (N.T.)
- [7] Palíndromo em inglês, sem correspondente em português, que pode ser traduzido por: “Passado ou amado, tudo o que Ada acha se gasta pálido”. (N.T.)
- [8] *Eel*, em inglês, é enguia. (N.T.)
- [9] Índia da tribo Shoshone que serviu como guia da expedição de Lewis e Clark, de exploração do Oeste americano durante os anos de 1804 a 1806, e que ficou célebre por sua tenacidade. (N.T.)
- [10] Aldeia no Estado de Nebraska, EUA, criada em 1917 pelo padre Edward Flanagan, para abrigar e educar crianças sem-teto. (N.T.)
- [11] Em inglês, *obeys* significa “obedece”. (N.T.)
- [12] Unidade de medida americana equivalente a 201,17 metros. (N.T.)
- [13] Antiga medida, equivalente a seis côvados, cerca de três metros. (N.T.)
- [14] Medida de comprimento igual ao comprimento entre o cotovelo e a ponta do dedo médio, cerca de 50 cm. (N.T.)
- [15] Sementes de que se extrai o xarope da *Coca-Cola*. (N.T.)
- [16] Nome de uma canção que se tornou hino do Exército dos Confederados, na guerra civil de 1860 nos Estados Unidos, e que virou designativo dos estados do Sul daquele país. (N.T.)
- [17] Pronúncia deturpada de *hair*, cabelo em inglês. (N.T.)
- [18] Jim Crow é um nome que indica qualquer prática ou política segregacionista. É uma forma depreciativa de chamar os negros no Sul dos Estados Unidos. (N.T.)
- [19] Alusão a um personagem médico de uma série de filmes muito popular nos anos 50/60. (N.T.)
- [20] Em inglês, enxoval é *hope chest*, ou baú da esperança. E *chest* também pode ser peito. Daí a confusão. (N.T.)
- [21] Alusão ao ataque japonês à esquadra norte-americana em Pearl Harbor em 1941. (N.T.)
- [22] General do Exército do Norte na Guerra Civil de 1860, renomado estrategista. (N.T.)
- [23] Em inglês, um palíndromo: “Eye on sleep peels no eye!” (N.T.)
- [24] Em inglês, um palíndromo: “Live was I ere I saw evil”. (N.T.)

[25] Marido e mulher um espetáculo de marionetes de muito sucesso nos Estados Unidos no início do século XX. (N.T.)

[26] Rede de lojas para produtos femininos nos EUA. (N.T.)

[27] Seita religiosa com origem em escravos negros da Geórgia que se reúne para cantar hinos e canções. (N.T.)

Table of Contents

[Rosto](#)

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Nota da autora](#)

[Livro um: Genesis](#)

[Orleanna Price | Ilha de Sanderling, Georgia](#)

[As coisas que levamos | Kilanga, 1959](#)

[Leah Price](#)

[Ruth May Price](#)

[Rachel Price](#)

[Adah Price](#)

[Leah](#)

[Rachel](#)

[Ruth May](#)

[Adah](#)

[Leah](#)

[Adah](#)

[Leah](#)

[Livro dois: A revelação](#)

[Orleanna Price | Ilha de Sanderling, Georgia](#)

[As coisas que aprendemos | Kilanga, 30 de junho de 1960](#)

[Leah Price](#)

[Ruth May Price](#)

[Rachel](#)

[Adah Price](#)

[Leah](#)

[Ruth May](#)

[Rachel](#)

[Adah](#)

[Rachel](#)

[Ruth May](#)

[Leah](#)

[Adah](#)

[Livro três: Juízes](#)

[Orleanna Price | Ilha de Sanderling, Georgia](#)

As coisas que não sabíamos | Kilanga, setembro de 1960

Leah

Adah

Ruth May

Adah

Leah

Ruth May

Leah

Rachel

Adah

Leah

Rachel

Ruth May

Rachel

Adah

Leah

Rachel

Adah

Leah

Rachel

Ruth May

Adah

Leah

Livro quatro: Bel e a Serpente

Orleanna Price | Ilha de Sanderling

O que perdemos | Kilanga, 17 de janeiro de 1961

Leah

Rachel

Adah

Leah

Rachel

Leah

Rachel

Adah

Leah

Adah

Rachel

Leah

Livro cinco: Exodus

[Orleanna Price | Ilha de Sanderling](#)

[O que trouxemos conosco](#)

[Leah Price | Bulungu, final da estação das chuvas, 1961](#)

[Rachel Price Axelroot | Joanesburgo, África do Sul, 1962](#)

[Adah Price | Universidade de Emory, Atlanta, 1962](#)

[Leah Price | Mission Notre Dame de Douleur, 1964](#)

[Rachel Axelroot | Joanesburgo, 1964](#)

[Leah Price Ngemba | Estação de Bikoki, 17 de janeiro de 1965](#)

[Adah Price | Emory Hospital, Atlanta, Natal, 1968](#)

[Leah Price Ngemba | Kinshasa, 1974](#)

[Rachel Axelroot DuPrée Fairley | Equatorial, Janeiro de 1978](#)

[Leah Price Ngemba | Kinshasa, Estação chuvosa, 1981](#)

[Rachel Price | Equatorial, 1984](#)

[Adah Price | Atlanta, Janeiro, 1985](#)

[Leah Price Ngemba | Distrito de Kimvula, Zaire, 1986](#)

[Livro seis: Canção das três crianças](#)

[Rachel Price | Equatorial](#)

[Leah Price | Sanza Pombo, Angola](#)

[Adah Price | Atlanta](#)

[Livro sete: Os olhos nas árvores](#)

[Bibliografia](#)

[A autora](#)

[Notas](#)